



*Entregue-se
ao acaso...*

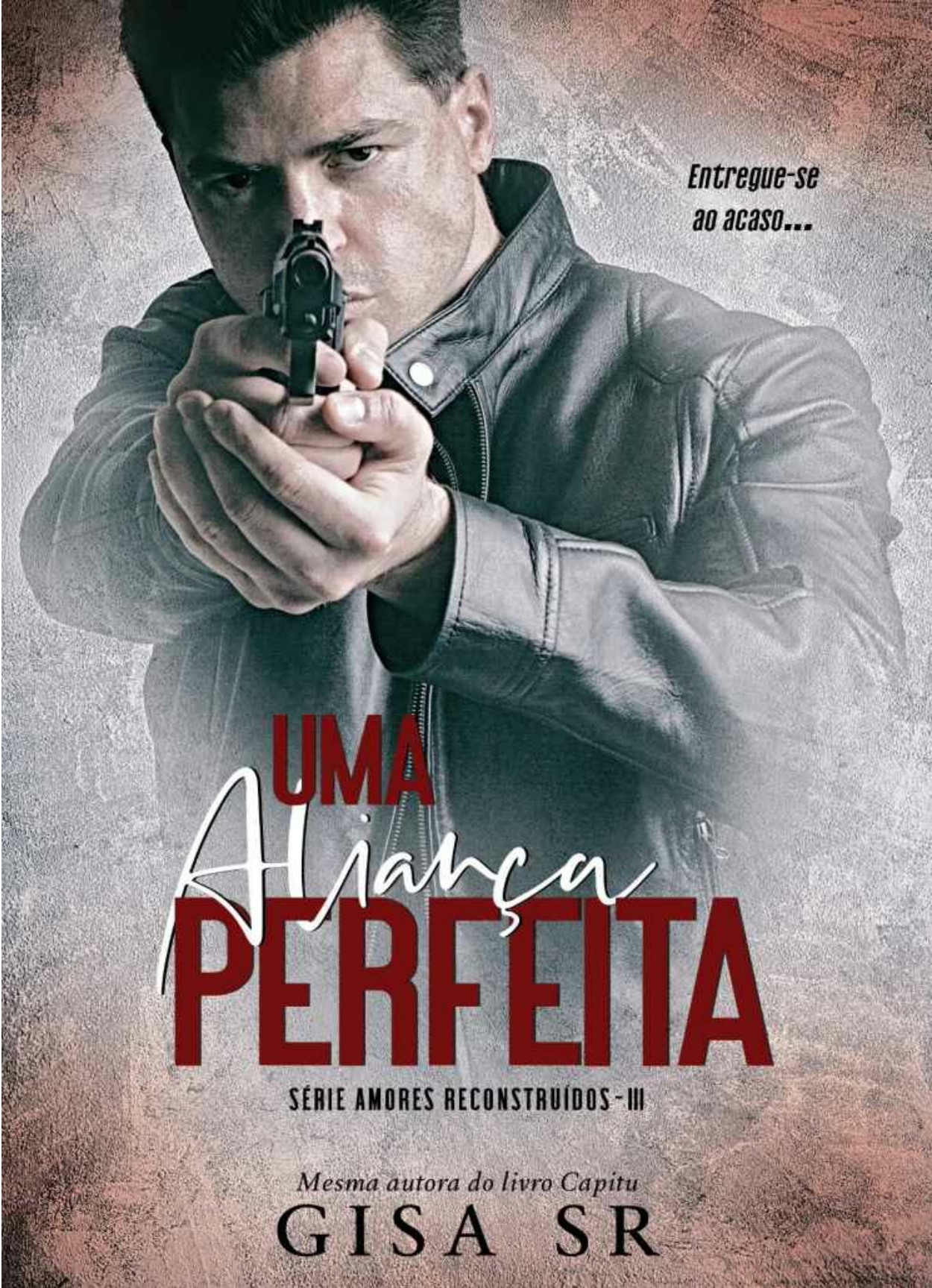
UMA
Aliança
PERFEITA

SÉRIE AMORES RECONSTRUÍDOS - III

Mesma autora do livro Capitu

GISA SR





*Entregue-se
ao acaso...*

UMA
Aliança
PERFEITA

SÉRIE AMORES RECONSTRUÍDOS - III

Mesma autora do livro Capitu

GISA SR



Copyright © 2021 Gisa SR

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Capa: Dri Hadara

Revisão: Bárbara Pinheiro

Diagramação Digital: Jack A. F.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital | Criado no Brasil

Pará - PA 1º Edição

Maio de 2021

Aviso



Não passe adiante antes de ler este aviso...

Este livro trata temas delicados e sensíveis, deixo claro que em nenhum momento, a conduta de qualquer personagem citada neste livro se trata de uma história real, menos ainda reflete a conduta dos policiais do BOPE. Saibamos separar o real da ficção. Aviso que o livro possa conter gatilhos, violência explícita, linguagem crua, então... se você é sensível a esse tema, sugiro que não leia.

Tudo relatado neste livro é pura ficção, como lugares citados, por exemplo, a comunidade a qual se passa as principais operações retratadas no livro. Deixo claro que a conduta seguida pelos personagens e opiniões expressadas no livro, em nada espelham minhas opiniões e ética particular.

Também é um livro escrito em primeira pessoa, contemporâneo, então os diálogos — e, por que não, as narrações dos personagens — contêm linguagem informal. Algumas palavras consideradas chulas. Gírias, memes, expressões do cotidiano. Por favor, leve isso em conta quando estiver lendo.

Dito isso, aproveite a leitura!

Dedicatória



A dedicatória hoje vai para as leitoras amadas, que tanto esperaram com paciência e amor pelo nosso capitão.

Espero que ele entre em vossos corações.

Sobre esta obra



É difícil falar desta obra, pois de todos os livros já escritos até aqui por mim, Sophie e Bruno foram os personagens que mais demoraram a falar comigo, que mais demoraram a me contar suas histórias. Por isso, demorei tanto em trazê-los para o mundo, para vocês.

Tive também que lidar com imprevistos, bloqueios... parecia que... eu não sabia por onde começar, mas a verdade é que era porque os personagens ainda não tinham me tocado, me inspirado realmente.

Mas quando vieram... foi com força total e com isso, me encheram de amor, risos e lágrimas. Foi difícil aceitar algumas partes desta história, mas era algo necessário para se falar, para tratar.

Falar de alguém como Sophie, quebrada pela vida, era difícil, pois as pessoas não são acostumadas a terem empatia, e esse era o meu maior desafio, contar sua história de forma real, fazer com que se apaixonassem por ela, com que ser empático fosse uma necessidade ao conhecê-la a fundo. Não sei se consegui, mas... eu estou rendida a essa personagem.

Retratar Bruno também não seria fácil... mostrar sua dor, seu dia a dia e sua vida... sua coragem em dar a vida em prol de uma sociedade que não lhe dá valor, não foi fácil lutar contra um sistema falido... Esse foi outro desafio, consegui deixar esse personagem fiel ao que eu queria e precisava passar e sair de quatro pelo homem, devo dizer...

Eu me apaixonei a cada página escrita, foram sensações lindas ao decorrer dessa trajetória e espero que se apaixonem também, assim como

eu...

Boa leitura!

Homagem ao BOPE

Canção de GUERRA:

Homem de preto, qual é sua missão?

É invadir a favela e deixar corpo no chão

Homem de preto, o que é que você faz?

Fazemos muitas coisas que assustam satanás

Playlist



Para ouvir a playlist de Uma Aliança Perfeita no Spotify, abra o app no seu celular, selecione “buscar”, clique na câmera e posicione sobre o code abaixo.



Ou clique [aqui](#)

Sinopse



Estregue-se ao acaso...

Como escolher os padrinhos de sua filha, quando, seus melhores amigos, não se suportam?

Bruno e Sophie mal aguentavam estar no mesmo ambiente, porém, aguentariam tal inconveniente apenas por Luna, a pequena criança que batizaram juntos, não por escolha.

No entanto, o destino pode pregar algumas peças e não foi diferente quando, por um desastre inesperado, seus caminhos se cruzaram de forma permanente. Uma aliança é formada, um acordo é feito e ambos terão de aprender a controlar o pior de si.

O capitão do BOPE, viciado por controle, terá de aguentar a mulher que, entre todas, passou a despertar nele seus piores instintos; o desejo de domá-la, de tê-la sua submissa.

Mas submissão não é algo que a lutadora de MMA aceitaria, menos ainda se esse DOM vier na forma de um homem esnobe, superficial, orgulhoso, que ela não suporta. Sophie só não imaginava que não conseguiria controlar o desejo de provar o proibido, de se entregar aos seus desejos mais íntimos.

Paixão, sedução, ação e suspense preenchem uma trama cheia de reviravoltas.

Sumário



[Aviso](#)

[Dedicatória](#)

[Sobre esta obra](#)

[Homenagem ao BOPE](#)

[Playlist](#)

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Bônus](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Epílogo 01](#)

[Epílogo 02](#)

[Agradecimentos](#)

[Próximo volume](#)

[Outros livros da autora](#)

[Sobre a autora](#)

[contatos da autora](#)



Sonhos, de quantas formas eles podem nos atingir? Algumas vezes, nos fazem reféns da nossa própria ignorância.

“Eu não saberia dizer onde estou, não consigo reconhecer a rua, o bairro, nada, tampouco a padaria do outro lado da rua que exala um ótimo cheiro de pão fresco, a qual está lotada de gente. Busco em minha mente o que vim fazer aqui, porque estou estática nesta calçada, olhando a padaria do outro lado da rua, sem conseguir me mexer e sinto meu estômago roncar de fome.

Talvez seja o cheiro...

Algo me chama atenção. É uma menininha, de pele clara e cabelos incrivelmente negros, pequena, rechonchuda e de bochechas rosadas. Mas o que me chama atenção é que ela está saindo sozinha da padaria. Olho para os lados, a fim de ver com quem ela está, mas não há ninguém com ela. Apenas uma borboleta dessas comuns que a entretém enquanto voa ao seu redor.

A menina olha para dentro da padaria, para alguém, sigo seu olhar até um garoto esperando na fila, que veste um casaco velho e desbotado. Talvez por estar frio aqui esta manhã. Ele a olha e não consigo ver os detalhes de seu rosto, parece um borrão da distância de onde estou. Até aperto meus olhos, tentando vê-lo melhor, mas consigo identificar apenas um sorriso angelical de covinhas fundas, junto a olhos azuis que me chamam atenção.

Tento aguçar mais minha visão, ver melhor, mas tudo é um borrão e minhas pernas não se movem para que eu possa me aproximar. Começo a

entrar em certo desespero, sem conseguir sair do lugar, saber onde estou. Minha garganta está seca, meus olhos ardem, parecem úmidos. Eu estou chorando? Mas eu nunca choro.

Engulo em seco, tento secar meus olhos, mas não há nada, nada e mais uma vez, minha atenção é voltada para a pequena menina rechonchuda, que agora, tem sua atenção presa a alguém, mais adiante, deixando de lado a borboleta. É um senhor, que como o menino lá dentro, seu rosto me parece um borrão.

Não consigo ver detalhes, nada, sei que é magro, veste roupas amarrotadas e tem uma mão cheia de doces estendidas para a menina, enquanto com a outra ele a chama. A criança parece confusa, indecisa, lambe os lábios e olha novamente para dentro da padaria, para o menino que agora faz seu pedido e volta a olhar para o homem que como antes, continua a chamá-la, desta vez, um passo mais perto dela.

Meu coração dispara no peito, a galope e tento gritar, chego a abrir minha boca, mas nada sai. Estou sem forças e não consigo correr em direção à menina quando, inocente, ela se aproxima do indivíduo que a chama. Quero gritar, correr, matar o infeliz, mas eu não consigo.

Sons desconexos saem da minha boca e eu não reajo. Sinto dor, dor física pelo esforço que faço, mas nada adianta. Minha garganta arde, meus olhos queimam e de repente não vejo mais nada, só a escuridão que parece me engolir.

O desespero já toma cada partícula do meu corpo, enquanto tenho a sensação de que estou caindo, caindo, caindo em um poço sem fundo, escuro, úmido e eu só quero que o fundo chegue, para que essa dor e confusão vá embora e que, em seguida eu possa voltar a subir, livre de toda dor.”



Capítulo 01

Lembranças podem vir em várias formas e tamanhos, esteja aberto a novas possibilidades. Nem sempre o novo é ruim.

Sophie

E se a menina tivesse ficado em casa naquele domingo, naquele dia? E se o garoto tivesse segurado a mão dela para que não saísse do seu lado, enquanto comprava seja lá o que fosse? E se a borboleta não tivesse passado e chamado sua atenção para fora? E se o homem lá fora, tivesse passado cinco minutos mais cedo? E o que, realmente aconteceu?

Viro minha cabeça na direção de alguém rindo, alto demais, saindo da confusão dos meus pensamentos. Foi só um sonho. Como todos os outros. A diferença, é que esse parecia real além da conta, mas fora só isso, um sonho. Sorrio, ao ver Fernanda, uma amiga, se aproximando de mim.

— Estou atrapalhando a sua concentração para luta, não estou? —

Fernanda é a primeira a falar, tocando meus ombros, era ela a rir, ela vive rindo. É instintivo eu me afastar do seu toque, dos olhos dourados perfeitos a me fitarem.

Eu odeio ser tocada, me causa... agonia, me remete a algo que não sei explicar, mas que está aqui dentro, confuso e destrutivo. Por mais que seja ela, uma... amiga e que ela tenha esse rosto de anjo, bem-emoldurado por cachos castanhos, ainda assim, não consigo permitir ser tocada.

— Não, pode ficar, não está atrapalhando, eu só estava... longe. — Tento ser, no mínimo, educada ao notar sua expressão sem graça ao ver eu me afastar. A sensação de vazio não me deixa.

Isso, essa sensação de vazio, tinha passado, diminuído até, mas de uns alguns meses para cá, tem aumentado. E por quê?

— Não, é mesmo hora de todos irem, a campeã precisa se preparar. Nos vemos no ringue — Benjamin, meu treinador e... irmão, adotivo, claro, fala, numa tentativa de expulsar todos do pequeno vestiário.

Ainda assim, Nanda fica, me olhando com certa preocupação, até hoje ela não entendeu o porquê escolhi dar e levar porrada em um ringue, como forma de sobreviver. Suas mãos vêm em direção à minha, mas para, talvez por notar meus olhos fixos em seu movimento, enquanto tento não me afastar. Por que é tão difícil?

— Certo, boa sorte e estaremos lá, torcendo por você. Mesmo que eu ainda ache a coisa toda violenta demais para o meu gosto — fala, risonha, como sempre é. Sorrio, enquanto vejo-a alisar a barriga, já plana.

— Não perdeu o costume, não é?

Ela sorri.

— Não, ainda não. Ainda acho que ela está aqui dentro, empurrando minhas costelas e me deixando sem ar.

— Uma coruja babona — alfineto.

— Sim e muito. Agora, boa sorte na luta. Vou sair porque Benjamin está me olhando com uma cara nada boa. — Ela tem razão, a montanha de 1,90 de altura não tem uma cara muito boa.

— Vocês parecem duas comadres, e temos poucos minutos antes da

luta.

— Viu, eu disse. Ele quer me expulsar. Boa luta e lembre-se, você é nossa menina de ouro.

Apenas aceno. Odeio esse título, eu não sou uma menina de ouro, não como todos querem pintar. Por dentro... pareço opaca.

— Obrigada — digo apenas e a vejo sair.

Sim, sou lutadora e estou quase para subir no octógono, para mais uma luta. Se fosse Benjamin narrando aqui, ele diria que sou a melhor lutadora que há, mas sejamos humildes, afinal, ninguém é invencível ou insubstituível. O cinturão de peso galo é meu, mas até quando? E não. Não é pessimismo, mas sim, realismo, nesse mundo não é uma questão de *se*, é uma questão de *quando*.

Um exemplo, eu estou indo atrás do cinturão de pesos pesados, tentando tirá-lo da campeã atual. Se eu vou conseguir, só o futuro dirá e até lá temos uma grande caminhada.

— O que foi? *Tá indo pra onde?* Está distante desde cedo — Benjamin anuncia e o olho, opto por mentir, a mentira sendo sempre um caminho.

Mentir se tornou algo tão simples, tão fácil, não me orgulho, tampouco me envergonho.

— Lugar algum. — E me dou conta de que, agora, só estamos nós dois aqui. Ele pega minha mão e começa a enlurvá-la, olhos nos meus.

— Não é dia para pensar bobagem, nem para mentir. — Como se eu conseguisse mentir para ele, até tento, mas ele me conhece, ainda assim, isso não me impede de tentar.

— Você se lembra dos sonhos? Lembra que comentei sobre o par de olhos que sempre aparecem em meus sonhos e pensamentos?

— Sim, me lembro, mas já faz tempo...

Não faz, eu apenas parei de bater na porta do seu apartamento às três da manhã, em busca de algo que me trouxesse de volta, de algo para me dar paz. Mas ele não precisa saber disso, ou se preocupar comigo, esse momento já passou.

Paz, o que é, realmente, sentir paz?

Vivo em eterno conflito, como se faltasse algo, um lugar só meu e não importa onde estou, para onde vou, eu sempre... estou perdida. Apesar de ter conquistado muito, por vezes, esse é o sentimento que fica, o de vazio. Pois mesmo que pareça que conquistei um espaço gigante no mundo, me sinto presa e sufocada.

Benjamin continua me olhando, esperando uma resposta.

— Não é nada, foi só um sonho ruim essa noite, estou bem.

— Controla a boca, controle sua mente, seu corpo depende disso, se lembra? Mente sã, corpo energizado. Quer falar sobre isso, o sonho? — Percebo que acabei falando, mesmo sem querer.

— Não, agora não, a luta, se lembra? — Pisco um olho, tentando trazer leveza para o momento, mesmo sentindo meus músculos tensos. A mentira não parece funcionar tão bem, Benjamin agora tem um semblante mais fechado. — Mônica veio?

Tento mudar o foco da conversa, algo que não seja o sonho que me deixou acordada essa noite e o assunto Mônica sei que faz seu coração bater mais forte.

— Sim, disse que não perderia sua luta e André também está aí, sua tiete. Descolei lugares na primeira fila para os dois.

— Caiu de quatro, não foi, *cuzão*... — Arranco dele um sorriso, um tanto sem graça.

— Palhaça, e olha boca.

Sorrio, Mônica é sua... acho que namorada, e André o melhor amigo dela, descobri por acaso que André é um fã e, apesar de não gostar de atenção, dele eu gostei. É uma boa pessoa, além de conseguir, com facilidade, me fazer rir, algo difícil. Mônica também é alguém que gosto muito, nunca achei que alguém faria Benjamin amar, mas ela foi capaz disso. Não sou adepta a romances, mas se essa coisa de amor existe, então... Benjamin merece sentir.

— Ótimo, é bom ter plateia a meu favor. Sabe que aqui, não sou a favorita.

Ele nega, terminando de prender minhas luvas. Um par de luvas roxas,

que ganhei de presente. Bom, não foi bem um presente. Uma aposta. Apostei com Bruno, o merda do BOPE, que eu ganharia dele em uma disputa aberta na piscina. Bom, como podem ver, estou com as luvas, não é?

Benjamin bate as mãos em minha luva, sorrindo. Bruno é seu amigo, a pedra pontuda no meu sapato, e eu tenho que aturá-lo. Poucas pessoas estão em minha lista de favoritos, Bruno definitivamente, não está entre elas.

— Sabe que essa luva deve ter custado o salário dele do mês inteiro, não é? — Dou de ombros, um sorrisinho sacana aparecendo, ao bater com o punho fechado no apoio que ele segura, para aquecer.

— A aposta foi ele quem provocou... e aposta é aposta. Além do que, eu disse depois que não precisava pagar nada, mas ele fez questão.

— Sei... Agora bate de novo, continua, vamos aquecer.

Confirmo com um aceno, fazendo o que pede. Não fiz mesmo questão da luva, afinal, tenho quase uma coleção, todas pretas, mas Bruno fez questão. Achei um gesto digno, coisa de quem tem palavra. Não que eu goste do bundão, mas foi legal da parte dele. Já a cor é bem chamativa, espero que me traga sorte.

— Campeã. Tá na hora. — Raul, assistente de palco, coloca a cabeça para dentro da porta, me olhando com entusiasmo. Aceno, olhando para Benjamin.

— Nos dê cinco minutos — ele pede e Raul volta a sair.

Benjamin é um homem bonito, alto, grande em músculos e tatuado. Herdou a beleza de Célia, sua mãe. Seus olhos verdes, como os dela, já nos rendeu muitas alunas na academia, o cara tem o que chamam de aparência perfeita. Boca carnuda, sorriso safado, dentes alinhados e cabelo em corte militar. Como chamam mesmo hoje em dia? Ah, *hetero top*.

Que ele não me ouça chamá-lo assim.

Mas o que amo nele não é sua aparência, mas seu coração. Tão grande quanto ele. Benjamin segura minhas mãos, depois de arrumar o gorro do roupão em minha cabeça, olhos fixos nos meus.

— Qual a sua meta?

— Conquistar mais um cinturão.

— E o que te impede?

— A mulher que me espera no ringue.

— Isso, ela é como os mil obstáculos que você ultrapassou em sua vida e carreira. Foram uns mais difíceis, outros nem tanto. Ela, a moça lá fora, independente do seu nível, você conseguirá derrubar também, é questão de quando, e a vitória só depende de você e o quanto você a quer. Agora, você sabe o que fazer, vá lá e fique mais perto de conseguir o seu cinturão.

Confirmo e sinto aquele costumeiro arrepio subir pela pele. Ansiedade, expectativa, o gosto da vitória incerta, medo...

Sorrio, amargo, não, medo não. No ringue não há isso, não há medo, no ringue sou apenas eu, em minha terapia particular.



A plateia grita, ovacionada, mas não é pelo meu nome que chamam. Não, e isso pouco me importa, isso mudará assim que eu molhar a lona com o sangue da baixinha ali na frente, me olhando com cara de brava. Sorrio, sei bem como irritar cada uma e ela, em especial, vai me deixar mais perto do cinturão que tanto almejo.

O juiz pede que nos aproximemos dele e, conseqüentemente, uma da outra. Ela é o tipo que adora provocar, na pesagem, por exemplo, ela tentou, quase cuspiu na minha cara, mas isso não é nada que eu não possa lidar. Com o tempo, aprendi a controlar a fera presa aqui dentro, a hora de soltá-la é sempre no ringue, nem um minuto antes.

— É só seguir o plano. — Ouço Benjamin gritar e o localizo do lado esquerdo, com uma toalha no ombro, ele está nervoso, ele sempre fica nervoso. Acredito que hoje mais que nunca, a julgar por minha última luta. Quebraram minhas costelas na ocasião, o que não me impediu de ganhar a luta, mas me custou dias hospitalizada.

Logo além, na plateia, vejo Mônica, André e Nanda. Todos parecem apreensivos, talvez medo de outra costela quebrada e dias sem poder limpar minha própria bunda? Talvez...

Volto a focar na contagem, no rosto feminino de sobrancelhas juntas à minha frente, parecendo soltar fogo pelas ventas. A contagem inicia, a plateia se cala e o gongo soa alto, estridente, fazendo a plateia novamente ser ouvida.

Respiro fundo, sentindo a adrenalina se espalhar pelo meu corpo, essa será fácil de levar.

A luta começa, a fera ruge dentro de mim, querendo sair e eu abro a porta. Sinto cada um dos pelos do meu corpo se arrepiarem, minha garganta coçando por gritar. Olhos presos na robô à minha frente, pulando de uma perna para a outra. Ela espera que eu ataque e isso eu não farei, irei esperar, cansá-la, deixá-la à vontade o suficiente.

O primeiro golpe vem e me distancio, saindo do seu alcance. Sorrio, e meu riso parece um tipo de combustível para ela, que vem para cima de mim com uma sucessão de socos. Não tenho como me proteger de todos e dois deles me acertam, enquanto ela me encurrala contra a corda. Ouço me mandarem sair, reagir, me defendo, a empurrando para longe, buscando espaço. Seu primeiro soco tirou o meu ar, o segundo fez o gosto de metal encher minha boca.

O gongo soa, e ela se afasta com um sorriso no rosto. Passo o dedo no canto da boca, olhando a gota escarlate escorrer por ele, lambo, enquanto volto para o canto onde Benjamin me espera, com cara de poucos amigos. O primeiro round foi todo dela.

— O que foi isso?

— Disse que eu tinha que cansá-la.

— Sim, mas não ir *pra* corda no primeiro round. Sabe o que isso nos custa, se não a levar a nocaute?

— Fica calmo, adoro o gosto doce do sangue em minha boca, relaxa.

— Não brinca, porra, um desse em cheio e *tu* beija a lona.

— Não vai acontecer — garanto, tomando a água que ele me dá, o primeiro gole vai para o balde, lavando o sangue, o segundo molho a garganta. Respiro fundo, olhando para a mulher adiante.

— Não ataca, espera ela vir *pra* cima, mas acabe com essa merda no

segundo round!

— Certo — concordo e volto a me levantar. O gongo toca, e a baixinha novamente começa a pular, trocando o peso do corpo. Acho até fofo.

Chamo-a, uma provocação, chega dessa palhaçada. Ela se aproxima, atacando, o primeiro golpe quase certo, movo-me para trás, dando um passo para ter novamente distância, um soco na costela, ela até tenta, não deixo que acerte. Se ela pegar a porra da costela, caio no chão urrando, tem pouco tempo que me recuperei de uma fratura.

Mais um soco, um deslize e é o meu momento. Vou para cima, tendo cuidado para imobilizá-la, e sigo em uma sucessão de troca de socos. Um a acerta, no rosto, não paro até tê-la na corda e acerto seu olho. Sangue espirra, em mim e ouço a plateia rugir em resposta. Rouse se irrita, sussurrando um xingamento, me prendendo, tentando se livrar de mim, mas não é tão simples. Quero esse round, quero finalizar a luta agora.

Estamos corpo a corpo, suor nos deixando escorregadias, a empurro, ela me segura e acerta minha costela. Alguém grita, alto demais, enquanto travo minha mandíbula pela dor fina que me dá.

Sinto cada pontada da dor, quando alguém na plateia chama minha atenção, por um breve momento.

Pensei ter visto alguém, pensei ter... Não tenho tempo para conferir uma segunda vez, sou pega no susto pela distração, parece em câmera lenta. Sua mão fechada vindo em direção ao meu rosto é tudo o que vejo. Desvio e ouço o barulho do meu punho acertando em cheio seu maxilar, sangue espirrar na lona e seu corpo indo parar na lona.

Nocaute!

Tudo fica lento, devagar, olho novamente para a plateia, procurando o que, ou quem me chamou atenção, não há ninguém conhecido, só uma cadeira vazia. E tudo se passa devagar demais.

— A campeã... — Ouço, só então me dou conta de que sou eu a campeã, totalmente presa na distração há pouco vista, nos olhos azuis que imaginei ter visto.

Isso não importa, afinal, eu disse, essa luta seria muito fácil!



Capítulo 02

Há sempre a necessidade de mostrar algo para o mundo, de ser suficiente. Mas alguém consegue, realmente, ser suficiente sozinho?

Bruno

— Está na mira, senhor, basta dar a ordem.

— Segura, ainda não.

— Mas, capitão...

Olho para Leandro, que tem o fuzil na mira, mas está um tanto apressado por engatilhar. Eu o entendo, é jovem aqui ainda, seu segundo ano, quer mostrar serviço, o problema é que quando a merda fede, é o meu ventilador que fica sujo.

— Querem negociar, vamos deixar negociarem, não queremos um

show aqui. Certo?

— Certo, senhor.

Levanto o fuzil, olhando a lente de alta resolução. Hoje cedo recebemos o chamado para o que parecia ser um assalto ao banco, três homens armados, em uma ideia mal planejada e, é claro, ia dar merda, parceiro.

Mas a merda maior, é que, por algum motivo, o prefeito está no banco, com o gerente, e o circo foi armado, civil, militar o diabo a quatro. Em tese, nos encaixamos nos militares, mas não somos policiais convencionais, andamos bem longe disso. Somos o grupo de operações especiais, mais conhecido como BOPE. Somos treinados para resolver situações de risco, para matar, fomos treinados para a guerra urbana, aquela que nunca acaba, nunca cessa, a qual não tem tratado de paz.

Não saímos para conversar, barganhar ou negociar, saímos para estudar a situação, entrar, resgatar, matar e voltar em segurança. É esse o trabalho ou deveria ser. Aqui, na minha visão, seria simples, quatro tiros apenas e eu resolveria a situação, sem esse circo todo, em principal a imprensa querendo biscoito. Mas... tem política envolvida, o que complica a situação.

Estamos no sexto andar de um prédio comercial, abandonado, em frente ao banco em questão. Fizemos um círculo de isolamento e contenção e estamos esperando, enquanto fingem uma negociação com os filhos da puta que planejaram essa merda.

Nesse meio tempo, o banco segue cheio de reféns, gente aterrorizada e vagabundo doido para fazer história. Para mim, a conta é simples, trinta pessoas, quatro vagabundos fortemente armados, ex-presidiários, não deveria ser difícil chegar a uma conclusão.

Deixo o ar sair dos meus pulmões, o cansaço sendo meu companheiro desde muito cedo. Foi uma noite agitada no Rio de Janeiro, uma noite em claro e meu corpo já implora pelo fim do turno.

— Senhor, acho que não deu muito certo a tal negociação. — Leandro torna a chamar e sigo seu sinal.

— Puta que pariu. — Volto a olhar pela lente do fuzil.

Algo parece ter dado errado lá dentro. Um dos vagabundos parece mais exaltado, nervoso e está usando a porra do prefeito como escudo, com a arma

apontada para sua cabeça. Os outros dois pilantras parecem se divertir, enquanto o quarto, próximo à porta olha a situação sem expressão alguma. Todos com vítimas ao seu alcance. Busco o rádio:

— 05, *tá* na mira? — pergunto pelo rádio, tenho mais dois homens no balcão ao lado, prontos para a ação.

— Sim, senhor.

— 08, e você?

— Na cabeça, meu capitão.

Olho para Leandro ao meu lado e sorrio.

— Então senta o dedo nessa porra! — dou o comando e solto o ar, olhos abertos, um disparo seguido de outro. Observo o impacto, a vítima se assusta, se jogando no chão e o corpo do vagabundo caí ao seu lado, abatido.

Volto a pegar o rádio.

— Invadir, 07, *tá* limpo.

— Sim, senhor. — A resposta não demora a vir e me levanto, arrumando a bandoleira.

— Menos 4. Agora *bora* descer — grito e já vejo Rodolfo e Adônis vindo do corredor adjacente, eles estavam na sala ao lado.

— Sabe que isso vai dar merda! — Rodolfo chama minha atenção, sorrindo, segurando o fuzil e eu sorrio

— Eu *tô* com a peneira pronta, além do mais, era a vida do prefeito em risco.

— Sei... quero ver *ele* agradecer quando a mídia cair em cima.

Descemos, estávamos em quatro no prédio, o apoio ficou no solo, pronto para entrar, se fosse necessário. Assim que saímos do prédio posso ver a movimentação que causamos, alguns curiosos no local, gente que facilmente seria abatida, caso as coisas saíssem de controle e acabasse em tiroteio e bala perdida. Para completar um filho da puta e almofadinha vem em minha direção aos nos ver deixar o prédio.

— Foi o senhor, não foi? Sabia que estávamos tendo sucesso com nossas negociações? — Confirmo, lhe dou um sorriso, até.

— Estavam? Bom, uma pena eu não estar no mesmo ângulo que você, de onde eu podia ver, enxergava quatro vagabundos sem saída, um deles ameaçando uma vítima com uma arma na cabeça. Ah, e a vítima era o prefeito.

— Isso não queria dizer que...

Perco a paciência, na verdade, não a tenho, não para tipos como ele.

— Não me interessa o que queria dizer, minha prioridade são as vítimas, foda-se você e sua negociação de merda. O circo precisava acabar, deveria agradecer.

— Agradecer? Por ter um assassino com licença para matar por aí? Pois é o que você é.

Sorrio, acho tocante sua paixão por vagabundo.

— É o que dizem... Agora vá à puta que te pariu e saia da minha frente.

Saio, descartando a presença de Estênio, a cadelinha dos direitos humanos, e vou em direção à viatura com os três que estavam comigo.

— Vai dar uma papelada da porra isso aqui!

— Tô sabendo.



Acordo já tarde, olhando o relógio em meu pulso e tendo a certeza de que acabei dormindo demais. Droga, era para ser um cochilo rápido à tarde, mas já é noite, cacete. Geralmente não gosto de cair na cama após vinte e quatro horas de serviço, prefiro esperar a noite para dormir ou não funciono bem quando acordo, mas hoje eu apaguei.

Levanto-me da cama, nu, e vou ao banheiro, preciso de um banho, preciso acordar de verdade.

Voltar para a cama novamente, não dá, dormi a tarde toda e ainda é início da noite. Penso no que poderei fazer para preencher a noite livre e, talvez, ir ao clube me dará uma boa diversão, estou precisando relaxar. É uma boa opção.

Ligo o chuveiro e entro embaixo do jato de água fresca, deixando-a levar minha dormência. Alex estava certo, a operação me custou uma boa papelada e algum tempo a mais no batalhão, nada que eu já não esteja acostumado a lidar.

O caso saiu nos jornais, mas não fiz questão de acompanhar, a mídia não é nossa fã e ela que vá ao inferno. Querem saber se minha consciência pesou? Não, nenhum pouco, as informações que tínhamos foi certa. Os assaltantes eram ex-presidiários, já carregavam assaltos à mão armada e, juntos, contabilizavam seis assassinatos ao longo da vida de crime. Então não, não perdi um minuto de sono pelo que fiz. Nunca perco, já me acostumei com isso.

Desde cedo aprendi que a lei do mundo não é diferente da selva, aqui, querendo ou não, é matar ou morrer.

Fecho o chuveiro, pegando a toalha e saindo do banho. Paro no quarto, tentando escutar melhor. Tem alguém batendo à porta. Procuro a primeira peça de roupa que encontro no guarda-roupa, um short fino e o visto rápido.

Vou em direção à porta, pensando em fingir não ter ninguém em casa, pois não estou esperando ninguém e pretendo sair. Tento ver quem é pelo olho mágico, nego a ideia de fingir ter saído e abro-a. Dou de cara com a barulhenta, de mão em punho, querendo derrubar minha porta.

— Framboesa, o que faz... — Viro a cabeça de lado, cortando a fala ao me lembrar que hoje é noite de filme, combinamos no sábado. — Segunda, não é?

— Isso, tio, e está atrasado. A mamãe pediu *pra* eu vim te chamar. — Os cachinhos dourados chegam a balançar no ar, dando ênfase ao que fala, sorrio, pegando-a em meu colo.

Cathe faz uma careta de desgosto por notar que estou com o tronco molhado, com algumas gotículas do banho.

— Quer dizer que estou atrasado?

— Sim, senhor. Hoje vamos assistir à Moana, a mamãe já fez lasanha e o filme já está no jeito.

— Hum, então vou me arrumar rápido e corro *pra* lá. E os gêmeos, acordados?

— Sim, senhor — fala, orgulhosa.

Beijo sua bochecha vermelha, motivo por chamá-la de framboesa, e a devolvo ao chão.

— Já vou, princesa. Vou terminar de me vestir, diz *pra* tua mãe que já chego.

— Não demora, mesmo, a mamãe disse que *tá* com muita fome. — Ela abre os braços finos, dando ênfase no que diz.

— Sim, senhora, capitã. — Bato continência e ela volta correndo em direção ao seu apartamento.

Espero que entre e fecho minha porta, voltando para o meu quarto. Se ela não tivesse me chamado, provavelmente eu não teria lembrado e adeus noite de cinema. O celular vibra em cima da cama e uma mensagem acende na tela.

“Precisamos conversar. Estou no Rio.”

Deslizo para o lado, rejeitando a mensagem, foda-se. Junto à mensagem há também duas chamadas perdidas de Cristine, por isso ela mandou Cathe, eu realmente dormi como uma pedra e não ouvi o celular tocar. Jogo o aparelho sobre a cama e pego uma camiseta preta no armário.

Cathe, a garotinha que esteve aqui há pouco, é filha de Cristine, minha amiga de infância e vizinha de muitos anos. A conheci quando era uma pirralha, da idade de Catherine. A amizade foi algo inusitado, já que temos uma boa diferença de idade, fizemos muita companhia um ao outro quando pequenos e o carinho perdurou a adolescência e a vida adulta. Hoje Cathe é minha afilhada, batizei a pequena quando nasceu.

Enfio a camisa pela cabeça, pego o perfume na mesinha ao lado da cama e, ainda com o cabelo molhado, saio do apartamento e vou bater na porta vizinha.

Não demora muito para uma Cristine abrir a porta. Sorrio, ela tem mesmo cara de mãe de gêmeos de poucos meses, que ela não leia mentes.

Cristine é uma bela mulher, alta, o corpo magro, agora mais magro que

antes, já que está amamentando não só um, mas dois bebês. Mesmo com os cabelos loiros presos no alto da cabeça e aparência cansada, ela ainda parece o sol quando abre esse sorriso para mim, os olhos azuis repletos de carinho ao me olharem. Catherine é a sua cópia perfeita.

— Tinha esquecido, não é? — fala, me entregando um pacote bem embrulhado cor-de-rosa. A menininha, Cecilia, sorri ao tomar conta do meu colo. — Eu sabia que sim, mas como hoje é nossa última noite do cinema aqui, nesta casa, eu não ia te liberar fácil.

— Ah, a mudança — falo, me dando conta de que está chegando o dia de ir embora.

Entro no apartamento, que antes era aconchegante, mas que hoje está abarrotado de caixas de papelão com suas coisas dentro. Tudo o que há na sala é o sofá cinza e a tv, além de uma manta no chão. Irei perder minha vizinha e sentirei falta.

— Isso, e Augusto anda bem estressado esses dias, com os últimos detalhes da casa nova e o atraso em terminar a obra. E, volta e meia, Aquiles quer comer as caixas de papelão no chão. — Aquiles é o gêmeo de Cecília e Augusto, pai de ambos.

Cristine se casou com Augusto não faz muito tempo, após alguns desentendimentos entre eles. A história de amor dos dois daria um belo livro. O desgraçado fez minha pérola sofrer e eu confesso, quis matá-lo algumas vezes, sem nenhum remorso, apenas por fazê-la sofrer. Se no mundo há alguém que não merece sentir dor, esse alguém é Cristine, a vida já foi cruel demais com ela.

Mas agora isso é passado.

— Cadê o doutorzinho?

— Augusto — fala e me olha feio, dou de ombros, é difícil deixar velhos hábitos. — Está no hospital, seremos só nós esta noite.

— Noite das meninas, tio, o papai não está... — Cathe grita, saindo do corredor que dá acesso aos quartos.

— Feliz em saber que me encaixo na noite das meninas. — A sapeca sorri e eu faço careta para ela. — Cadê Aquiles?

— No bebê-conforto, na cozinha, vem, a mesa está pronta e estou com fome. Depois vou fazer aquela pipoca doce que você ama, *pra* gente assistir ao filme.

— Quer dizer, a pipoca doce que você e Cathe amam, não é?

— Fofoqueiro.

— Formiga!

É, eu vou sentir falta disso!



Capítulo 03

*Seria simples, se a água fosse
realmente capaz de lavar a sujeira da
alma.*

Sophie

Torno a imergir na piscina, limpando a mente de todos os pensamentos, vendo os primeiros raios de sol banhar a água. Me sento no fundo da piscina, soltando o fôlego preso no pulmão, adoro esse horário da manhã, me ajuda a manter a mente limpa.

Ainda não esqueci a confusão no ringue da última luta, minha distração ao achar ter visto alguém, poderia ter me custado continuar na disputa pelo cinturão. Tive sorte em me dar conta disso a tempo. Mas nada disso importa mais, a vitória foi minha e o que aconteceu não irá mais se repetir.

E hoje irei aproveitar o dia, já que tive uma boa noite de sono e acordei

com bom humor, isso é algo raro.

Acredito que o esforço físico, a comemoração que Benjamin e Fernanda tentaram fazer após a luta e a viagem ainda na madrugada de volta para casa, me causou um cansaço gigante e apaguei quando fui para a cama ontem à noite. Sem sonhos ou pesadelos, apenas a escuridão reconfortante.

Meu corpo ainda dói, meu queixo está meio roxo e a mente segue confusa, mas o gosto é de vitória. Estou mais perto do que quero e nada mais importa, agora é me preparar para a próxima luta. Uma sombra toma conta da piscina e olho para o alto, entre a água em movimento e vejo a sombra de alguém.

Impulsiono meu corpo para cima, tomando ar ao alcançar a superfície e limpo meu rosto.

— Benjamin, chegou cedo — falo, após cuspir água e o vejo rir.

— Bom dia *pra* você também, dormiu bem?

Sorrio, “boa educação, Sophie, boa educação é a alma da boa convivência”, segundo Célia, a mãe de Benjamin.

— Bom dia, e sim, dormir bem e você?

— Dormi com minha morena, ou seja, muito bem.

Rolo os olhos, eu esperava pelo momento em que alguém amarraria Benjamin pelas bolas.

— Pode me poupar os detalhes, não me importo. E, não ia chegar mais tarde? — volto a perguntar, apoiando meus braços na beira da piscina.

— Sim, ia..., mas hoje teremos uma reunião, aparentemente temos um peixe grande querendo te patrocinar.

Arregalo meus olhos e ele sorri.

— Pietro não quis dar detalhes, virá aqui às dez.

Sorrio, Pietro, nosso assessor, adora fazer suspense.

— Ótimo.

Mais um patrocinador será perfeito, logo, poderemos ir a nível internacional. Sabe há quanto tempo sonho com isso?

— Vou te esperar lá em cima, o pessoal já começou a chegar e Adriana voltou a trabalhar. Já está bem.

Confirmo, Adriana é uma de nossas personal trainers, passou quinze dias de atestado e nos causou uma canseira para tapar o buraco, fico feliz que esteja bem.

— Já, já irei.

Ele me dá as costas e dou mais um mergulho, nadando até a beirada e salto para fora. Alcanço a toalha azul e sigo para a lateral dos fundos da academia, em busca da escada que dá acesso ao quartinho que mantenho no segundo andar, ligada à academia, atualmente minha casa. Benjamin e eu somos donos da academia e me aproveito disso, é cômodo dormir em cima do trabalho.

Hoje divido com Benjamin a sociedade de cinco academias na cidade, dentre elas, esta a qual estamos, nossa matriz. Foi aqui que tudo começou e é aqui que moro, algo bem compacto, que tem a minha cara.

Subo as escadas e abro a porta, indo direto para o banheiro, ligo o chuveiro e tiro com rapidez a água da piscina do corpo e cabelo, saindo do banho apressada por saber que teremos uma reunião às dez, sabendo que preciso resolver algumas pendências antes, já que estávamos trabalhando. Abro o guarda-roupa e retiro um conjunto de legging, top e blusa solta, junto a um par tênis e meias.

Não tenho uma casa montada aqui em cima, pois não preciso de muito. Tenho apenas uma cama no canto, uma tv e um guarda-roupa de tamanho médio, além de um frigobar, isso já me basta. O quarto tem bom tamanho, na cor branca, o que me dá a sensação de espaço. Enxugo o cabelo encharcado e visto minha roupa, vendo uma mensagem de Fernanda piscar na tela do celular sobre a cama.

Penso em secar o cabelo, mas desisto, hoje não. Penteio e tento tirar a água que der com a toalha e já está bom demais. Termino de passar creme em minha pele, prendo a toalha no canto e pego o celular, começando a descer as escadas. Um detalhe, o mito de que mulher se atrasa ao demorar a se arrumar, não se aplica a mim. Vinte minutos para mim é o suficiente.

Olho a mensagem que chegou há pouco. Sempre deixo a configuração

para aparecer o assunto da mensagem na tela de descanso, assim, fica fácil escolher quem responder ou não. E não dá para rejeitar uma mensagem de Fernanda, a mulher é insistente o bastante para vir bater aqui, na porta do meu quarto, caso eu não lhe responda.

Ela já fez isso, quando neguei o convite para ser a madrinha de sua filha, hoje com nove meses de vida. E, sim, acabei me rendendo ao seu pedido e hoje sou a madrinha de uma criança.

Fernanda é o tipo de pessoa que chega devagar e sem avisar vai criando raízes em nossos corações. Foi assim comigo, quando, ela praticamente forçou uma amizade entre nós, ainda na juventude, na escola. Parecia que ela tinha tomado para si, a missão de me pegar como caridade particular sua.

Deus sabe o quanto eu tentei fugir dela. Na época, era difícil entender que alguém queria se aproximar, queria gostar de mim, que alguém queria me tocar... me oferecer amor.

Eu não queria amigos, eu não queria ninguém, pois aprendi cedo que pessoas machucam as outras, de um jeito ou de outro. Mesmo Célia, minha... mãe adotiva, me dando abrigo e me oferecendo cuidado e amor materno, não foi fácil aceitar que eu merecia esse sentimento, não depois de tudo.

Comparo-me a uma fera selvagem, aquela que recebe da humanidade apenas crueldade e que, por isso, aprendeu a devolver na mesma moeda, sem escolher quem. Foi difícil aceitar Célia, foi difícil aceitar Benjamin, foi difícil aceitar Fernanda ou uma família.

Eu estava decidida a afastá-los, eles se aproximarem. Em principal, a força de vontade de Fernanda, foi maior que a minha. Eu, antissocial; ela, falastrona em demasia, uma mistura inusitada que funcionou de alguma forma, me venceu pelo cansaço. Ela fez funcionar, já que eu não me esforcei para isso.

Além do mais, na época, ela era a única garota acessível. As meninas da escola acreditavam que eu era lésbica e tinham medo de que eu as atacasse no banheiro da escol. Escola essa que eu odiava. Eu odiava o que aquilo significava. Aqueles grupinhos cruéis, que se sentiam no lugar de julgar pessoas, quem era bom ou quem era ruim, quem merecia ou não ser popular. Quando, na verdade, eram um bando de idiotas que precisavam apenas de

aceitação, aceitar, em principal, a si mesmo.

Bom, ou Fernanda era louca ou muito persistente, seja o que fosse, ela conseguiu achar uma brecha para se aproximar e eu não consegui manter minha indiferença por muito tempo.

Ficou pior quando ela começou a namorar Alex, amigo de Benjamin. Eles viviam lá em casa e Fernanda sempre o acompanhava. Com isso, ela sempre achava uma desculpa aceitável para estar por perto. Ela era diferente, não acreditava nos boatos sobre mim e nunca perguntou.

Nós nos aproximamos e, anos depois, ela e Alex se casaram, o amor de adolescência que deu certo e, hoje, o casal vive feliz e tem uma menina de nove meses. Luna, que por um ultimato, eu não consegui negar batizá-la.

Eu tentei, nunca me imaginei madrinha de um bebê, não gosto de crianças. E sei o que essa frase pode causar nas pessoas, é o tipo de frase que faz com que pessoas te julguem e não me importo. Mesmo que a menina em questão, quando na barriga de sua mãe, adorasse minha voz, ainda assim, eu não queria maior vínculo com aquele pedaço de choro ambulante. Choro, baba, vômito, não faz meu estilo.

Crianças são... fofas, quando estão longe de mim. Abro o aplicativo de mensagem.

“Bom dia, menina de ouro, te espero às oito. Vou fazer um jantar aqui em casa pra gente, vamos comemorar sua vitória recente.”

Chego a soltar o ar preso em meus pulmões, filha da mãe. Jantar? Comemoração? Que golpe baixo, até para ela.

Não entendam mal, não sou mal-agradecida, apesar de estar me sentindo exatamente assim, ao querer negar seu convite.

Mas é só um jantar, Sophie. Apareço, como e vou embora, simples. Digo a mim mesma. É uma gentileza, é para mim, por ganhar a luta. Qualquer um ficaria contente, até lisonjeado. Inferno!

Respondo apenas:

“Eu vou.”

Ela está on-line e logo visualiza, mandando a imagem de uma menina coreana sorridente, sorrio. Provavelmente Luna a acordou cedo hoje, pois Fernanda adora dormir até tarde. A pestinha tem nove meses e parece não gostar de dormir muito.

Meu estômago ronca, acho que vou começar o dia com uma vitamina. Entro na academia e ela já ganha vida com movimento intenso, a turma matinal já está aqui, e as aulas de aeróbica estão a todo vapor no segundo andar.

Chego a inspirar profundamente, adoro esse cheiro, este lugar, essas cores. Aqui temos o que há de mais moderno em aparelhos e tratamentos. Nossa academia que começou com um balcão pequeno no subúrbio, ganhou espaço e hoje é uma das mais procuradas na cidade, uma das maiores.

Hoje contamos com quatro andares, três deles estão ativos, o quarto em fase final de construção, onde pretendemos abrir um Spa ou algo do tipo. No primeiro andar contamos com um espaço ótimo para alunos adeptos ao Crossfit e, claro, ao boxe, nosso foco principal. Sou uma lutadora, tenho como modalidade principal o boxe, claro que nosso carro-chefe aqui seria explorar essa modalidade em especial e trazer visibilidade para nosso negócio através dos títulos que vim ganhando com o tempo.

A parte reservada ao boxe fica ao fundo do primeiro andar, com direito a um ringue. O segundo andar é quase todo reservado para a musculação, nosso serviço de maior procura. Além da musculação, temos também uma loja de artigos fitness, que representa nossa marca própria, também uma lanchonete e um consultório nutricional. Esses dois últimos sendo terceirizados, claro. Alugamos ambas as salas.

O terceiro andar é dividido em salas, voltado para a aeróbica e modalidades de lutas como judô, muay thai, jiu jitsu, dança, além de outros. Contamos com uma grande variedade, miramos em todos os públicos e deu certo.

O quarto andar está em fase final e para lá estamos pensando em algo relacionado à beleza, queremos que aqui as clientes tenham tudo o que

precisam.

Vou em direção à escada, mas algo me faz parar.

Temos tv espalhadas por aqui e uma em especial me chama atenção. Ela está colocada na lateral, próxima ao bebedouro e está ligada. Mas é a chamada do jornal matinal que me chama atenção.

“Chacina, BOPE entra em ação mais uma vez e matam quatro pessoas.”

É alguém a tirar minha atenção da chamada do jornal. Alto, suado e parado em pé próximo à tv, Bruno está de olho na tela, estava malhando. A matéria sensacionalista mostra imagens do tal acontecimento, e mostra ele, saindo de um prédio com faixa coberta.

Bruno é policial do Bope, acho que capitão, se não me engano, e fico imaginando o que algo assim traz para ele, para toda sua equipe, para quem dá o sangue, de forma honesta, para manter nós, cidadãos, em segurança. Alguém tinha me falado ontem de um assalto ao banco, mas eu não sabia as proporções que isso tinha tomado.

Procuro Eduarda, nossa recepcionista, e faço sinal para que mude o canal, sentindo certa revolta em meu peito, pena até, por ele, por Alex, marido de Fernanda, que também é policial do BOPE.

Nunca sei o que é pior, os marginais ou a nossa sociedade.

O canal muda e ele olha ao redor, me encontrando ao pé da escada que dá acesso ao segundo andar. Seu rosto está fechado, suas feições sem o seu usual humor sarcástico. Aceno, ele devolve e começo a subir às escadas.

Uma profissão como a dele, em um mundo como o nosso, em especial esta cidade, é cruel e merece respeito.



Estaciono a moto em frente ao portão de muro cinza e de portões brancos, a casa dos sonhos de Fernanda, é como ela mesma chama. Segundo ela, se não fosse a criminalidade intensa da cidade e o trabalho do marido, ao invés do muro, seria uma cerquinha branca, com um belo jardim na frente. Não teria nada de muro, nada de cerca elétrica. Sorrio, consigo ouvi-la

falando isso.

Uma advogada sonhadora demais, com um coração gigante no peito.

Desço da moto, tirando o capacete e soltando o cabelo. Sigo ainda com a jaqueta de couro, desvio de um carro estacionado próximo ao pequeno portão e algo me chama atenção. Merda.

Claro que não ia ser apenas um jantar a três!

Nego e vou em direção ao portão, mas antes mesmo de tocar a campainha, o portão é aberto por Fernanda, sorridente demais, segurando um projeto de humano em seus braços. Uma humana de pele morena e sorriso feliz, com direito a furinhos na bochecha e o comecinho de um dente na frente da gengiva banguela.

— Você veio! — ela saúda.

— Sim, atrasada, mas estou aqui — falo e me volto para a bebê babona em seu colo. — E você, pequena humana?

— Ela tem nome, Sophie! — Se dá ao trabalho de ralar, eu não consigo evitar.

— Eu sei... dá um desconto, ao menos não é mais “pequena coisa”!

Fernanda sorri, sem jeito, com a forma que apelidei sua filha, digo, minha afilhada. Bom, nunca fingi ter jeito com crianças e, juro, essa é a primeira e última criança que apadrinho.

— Vem, entra.

Sigo logo atrás dela pelo pequeno caminho feito de pedras, que dá acesso à porta central da casa. Ao entrar, o merda do BOPE é a primeira pessoa que vejo, em meio à sala bem-mobiliada de paredes rosa-claro.

— Perdi a aposta, Alex, ela veio — fala, apontando em minha direção.

— Fazendo aposta de novo, bundão? Não cansa de perder? — afronto, mas ele não perde essa pose de fodão e essa sua cara cínica. Ele dá de ombros, segurando uma garrafa de cerveja em uma das mãos.

— Perder não é algo que eu goste.

— Então pare de apostar — devolvo, pegando uma cerveja no balde de gelo em cima do móvel ao lado do sofá.

Abro-a e bebo um gole, a bebida gelada e amarga sendo reconfortante. Não bebo, digo, bebo, mas pouco me permito. Quando começo realmente meus treinos, minha dieta é restrita e álcool não entra no cardápio. Sendo assim, hoje eu posso, ainda não voltamos a treinar.

— Ainda quero revanche, magrela, e parabéns pela luta. — Ele não presta.

Levanto a garrafa, em um brinde mudo. Gostamos de nos alfinetar. Quando estou de bom humor até lhe dou corda, mas como eu disse mais cedo, isso é raro. Bruno não é má pessoa, só é do tipo que tem um santo que não bate com o meu. O problema é esse seu jeito, de dono do mundo. Talvez porque sou acusada do mesmo mal, de carregar um rei na barriga e como diz Célia: dois bicudos não se bicam.

— Obrigada, a propósito, sua luva ajudou, é ótima.

— Que bom, acho que elas trouxeram sorte e elas não são minhas, dei a você.

— Não me fode, sou boa, não há sorte nessa equação.

— Olhem a boca, tem uma criança aqui — Fernanda chama nossa atenção e levanto minha mão em rendição, tomando mais um gole da garrafa de cerveja. — Não quer um copo, Sô?

— Não, estou bem com a garrafa.

Ela finge não ouvir, pegando a garrafa da minha mão, me entregando a bebê, que claramente não me quer. Que bom, pequena coisa, é recíproco. Ainda assim, não escapo de sua tentativa de fazer sua filha gostar do meu colo.

Está aí algo que não contei, a pestinha não gosta de mim.

— Segura, vou terminar de colocar a mesa e pegar um copo *pra* você.

— Eu posso colocar a mesa, enquanto você segura *ela* — ofereço.

Fernanda finge não ouvir, saindo, e eu fico sozinha com a monstinha. Onde está o pai dessa criança? Olho ao redor, sem resposta, e a criança faz bico. Chega a ser fofa com esses olhos castanho-claros, se enchendo de lágrimas a me olharem e esses cachinhos escuros começando a crescer. Ela balbucia algo e eu a olho, assustada.

— Não, não faz isso. Eu retiro o que eu disse antes, eu gosto de você, eu só não entendo seu idioma.

Ela fica me olhando, como se eu fosse um tipo de ET e acho que olho para ela do mesmo jeito e ela volta a fazer bico, ela vai chorar.

— Olha, não me deixa em maus lençóis, pequena humana. O que vão pensar de mim? Teremos que nos acertar, afinal, sou sua madrinha, pestinha.

Ela não parece convencida, pegando uma mecha do meu cabelo e enrolando em suas mãos. Isso dói. Luna puxa de um lado e eu do outro, tentando me livrar do seu ataque, mas parece inútil, ela tomou gosto por puxá-lo e agora quer arrancá-lo.

Mãos grandes agarram a pequena guerreira pelo meio, arrancando-a de meus braços e eu respiro, aliviada, quando estou livre de seus dedinhos e sua boca babada, uma mecha do meu cabelo está encharcada de saliva e é Bruno a livrar os últimos fios de meus cabelos de seus dedinhos. Sabia que deveria tê-lo prendido.

— Obrigada. — Sopro, tentando arrumar sua bagunça, tirando a jaqueta. Está calor.

— Não consegue mesmo lidar com um bebê?

Eu devo dar meu braço a torcer, ele pode não ser minha pessoa favorita, mas sabe como cuidar de bebês. Veja, ela o adora, ri só de olhar a cara barbuda do homem. E olha a minha sorte, não sou ligada ao lance de bebês, não gosto de Bruno e sou a madrinha de um bebê, desse bebê, junto a ele. Sim, ele é o padrinho.

— Não, para bebês eu perco a batalha, fácil — respondo, alinhando meu cabelo.

Ele sorri, voltando sua atenção para a menininha que o olha, apaixonada.

Bruno, aparentemente, é o sonho de muitas mulheres, pelo menos metade das que conheço. Ele faz um bom tipo, simpático à primeira vista, engraçado, com bons modos.

Ele é um homem bonito. Mais alto que eu, acredito que esteja na casa de 1,90, pele morena, bronzeada de sol e corpo forte. Ele pega pesado na

academia, o que lhe dá um tipo físico ótimo. O rosto tem um formado másculo, com mandíbula quadrada e uma boca bem-definida, carnuda, se dividindo entre o vermelho e o roxo nas bordas, com a barba por fazer a coroá-la. Dentes perfeitos, nariz comprido e meio torto, chuto que é fruto de uma briga com Benjamin, quando mais novo. Os olhos têm um formato assimétrico para seu rosto, o tom se divide entre verde e o castanho mel, o que traz um tom íntimo e amarelado. O sonho de algumas damas.

— O que o bebê quer? Quer fugir da madrinha malvada, quer? Você quer?

Reviro meus olhos para a imitação da voz de criança que ele faz para Luna.

— Ah, aí estão vocês. — Alexandre aparece, trazendo nas mãos um copo com cerveja, que acho ser para mim.

— Estava sentindo sua falta — falo. Educação, lembram?

— Você? Não subestime minha inteligência, Sophie. Não sente falta de ninguém, se pudesse, viveria em um mundo só seu. — Ele me entrega o copo e sorrio, errado ele não está.

Fernanda não tem só a casa dos sonhos, não, ela tem também o marido dos sonhos, segundo ela mesma. Em aparência, Alex chama atenção por onde passa, além de sua simpatia, respeito e educação. Ele é alto, pele negra e corpo musculoso, o moreno tem o que chamam de charme, além de usar um cavanhaque. Mas foi seu olhar que conquistou a jovem Fernanda, que sempre foi apaixonada por ele.

Paixão... sempre achei que esse era o tipo de sentimento que causava dor, mas no caso dos dois, acabou trazendo vida à pequena humana.

— Claro que senti sua falta, estava te procurando para entregar sua filha, que estava há pouco em meu colo, mas Bruno me salvou.

— Nisso, eu acredito, faz mais o seu tipo — brinca. — Ah, Fernanda pediu *pra* avisar que o jantar está servido. Vamos?

— Opa, então vamos. Estou com fome, alguém atrasou o jantar — Bruno alfineta, entregando o bebê para Alex, que sai em direção à sala de jantar.

— Sabe o porquê deste jantar? — pergunto, quando ficamos por último, algo aqui começa a me cheirar mal.

— Não faço ideia, a última vez que fizeram isso, foi para nos convidar para sermos padrinhos de Luna, se lembra?

— Claro e isso aqui não *tá* me cheirando bem.

— Notou? — pergunta e eu o olho, deixando minha jaqueta sobre o braço do sofá.

— O quê?

— O quanto você é implicante?

— O que quer dizer, bundão?

— Desconfiada... é só um jantar, Maria Sophie. Em sua comemoração, a propósito.

Eu não respondo sua ofensa, pois alcançamos a sala de jantar e a mesa posta parece grande demais para uma simples comemoração. Fernanda está aprontando, ninguém tira isso da minha cabeça.



Capítulo 04

*Um ato de desespero, pode
demonstrar grande afeto e amor...*

Bruno

Eu tenho que dar o braço a torcer, Sophie pode ter razão, isso aqui está mesmo estranho. Gentileza em excesso, não só com Sophie, a convidada de honra, mas comigo também. Convenhamos, no fundo, acho que ambos se arrependeram da escolha que fizeram para os padrinhos de Luna. Devem ter percebido que essa combinação não foi a melhor.

Antes mesmo de Luna nascer, Fernanda bateu o pé que queria Sophie como madrinha, mas Maria Sophie não me tem como sua pessoa favorita e eu não era a primeira opção de Fernanda para ser o padrinho de sua filha. Segundo ela, um homem que nunca apresenta uma namorada aos amigos não é confiável, e esse é o meu caso.

Mas Alex, meu amigo de infância, discorda. Afinal, temos uma relação de anos e muita confiança um no outro, é esse cara que defende minha retaguarda todos os dias no batalhão, no dia a dia. Assim como Fernanda queria Sophie como madrinha de sua filha, Alex queria a mim como padrinho, e cá estamos nós.

Fui eu que o convenci a entrar para a polícia junto comigo e, um ano depois, estávamos nos escrevendo, também juntos, para fazer o curso que nos permitiria entrar para o BOPE. Éramos dois idiotas idealistas quando entramos para a PM, com um sonho idiota de fazer a diferença. Não fizemos e demos de cara com o sistema e seu grande esquema de corrupção. Muitos policiais honestos são frustrados, dia após dia, em um sistema quebrado como o nosso. Foi o nosso caso e vimos no BOPE uma forma de fazer parte de algo mais, de lutar com honestidade pelo que acreditávamos.

Desde então, estamos juntos nas guerras diárias e urbanas, guerras essas que temos o papel de vilão. Não me importo, sei minha realidade, se tenho que ser o vilão em algum momento, tudo bem.

Voltando à escolha para padrinhos, Alex bateu o pé que queria a mim, Fernanda que queria Sophie. Sinceramente, nem mesmo eu entendi a escolha de Fernanda, Sophie, definitivamente não é a madrinha dos sonhos, sequer leva jeito com crianças. Mas não pediram minha opinião e aqui estamos nós.

Nunca sequer fomos próximos, mesmo que eu seja amigo de seu irmão adotivo. Sophie é o que eu chamaria de estranha e introspectiva. Não um estranho ruim, é só... introvertida, desconfiada demais e antissocial. Olho-a, distraída com a comida em seu prato.

Uma mulher bonita, com uma presença imponente e pouco a dizer. O sonho dos homens? Talvez... sorrio com o pensamento. Definitivamente não, Sophie tem um gênio um tanto difícil, tenho pena daquele que tentar. Mas, para ser justo com ela, não creio que a culpa de ser assim seja da própria. Conheci Benjamin quando a mãe dele tinha a adotado há pouco.

Não sei muito do processo e o pouco que sei, é que ela passou por lares de apoio e orfanatos e, para mim, que estou dentro do sistema, sei o que isso significa. Desconfio que ela já tenha passado por muita coisa e que isso a moldou e a transformou em quem é hoje.

Ela me olha, parando o movimento com o garfo no prato, talvez surpresa por me pegar a olhando. Não abaixo o olhar e ela levanta uma sobrancelha enquanto sorrio, ela bufa e passa a olhar para Fernanda, que fala algo sobre não achar os ingredientes para sua sobremesa e Sophie finge prestar atenção.

Sophie tem o que chamo de uma beleza exótica, pouco comum. Acredito que essa impressão seja pelo formato do rosto, um tanto incomum. Seu rosto é quase um triângulo perfeito, tento quase o formato de coração na testa. Os olhos são pequenos, redondos e pretos, intensos. O cabelo tem o mesmo tom, liso, no comprimento abaixo dos ombros.

Seu corpo é magro, musculoso, claro, uma lutadora. Chamo-a de magrela, mas não, ela tem curvas em lugares que deixariam homens loucos. Eu me encaixaria nisso, já a olhei de forma diferente, não nego.

Quando a conheci, há muito tempo, seu gênio rebelde chamou minha atenção, ainda quando estudávamos e até que tentei me aproximar dela, mas ao chamá-la para tomar um suco comigo, levei um soco, é... um soco, a garota parecia uma fera selvagem aos quinze anos.

Desde então, mantenho distância, não por seu soco, após ela, de forma inusitada, me dizer não, eu ainda tentaria me aproximar e não era por capricho, acho que seu jeito diferente me chamou mesmo atenção. Mas quando disse ao seu irmão que eu a conquistaria, também levei um soco dele e a ameaça de perder uma amizade. Esse soco, sim, causou certo estrago, tenho o nariz torto, desde então, e desisti de tentar algo mais com a senhorita marrenta.

Saio dos pensamentos quando Fernanda volta para a sala com uma travessa de doce nas mãos. Olho o bebê ao lado do pai, na cadeirinha, melando a cara com uma mistura de cenoura e batata. Eu sorrio com a cena, Luna segue com o babador rebocado com a massa alaranjada.

— Eu improvisei, mas ficou ótimo, garanto — Fernanda fala, sorridente.

— Com certeza, amor, tudo que você toca fica delicioso — ele fala, piscando um olho para ela.

— Alex! — briga, ficando vermelha e sem graça. Eu rio.

Esse é um casal digno de admiração, acompanhei os dois desde que tudo começou, estão juntos há mais de dez anos e sempre com amor e paixão. Sempre achei que teria um momento de crise, ao menos na juventude, em que a infidelidade falaria mais alto, as brigas, mas não e me orgulho deles. Há amor sincero ainda.

— Aqui, Bruno, experimenta. — Fernanda me entrega uma fatia da sobremesa e ao menos está bonito.

— Tem que parar de me fazer de cobaia.

— Nunca, você é ótimo, não tem frescura e come de tudo.

— Isso é uma crítica para mim? — Sophie argumenta, apertando os olhos ao olhar para Fernanda, que gagueja.

— Claro que não, mas para o meu marido enjoado. Se bem que você também não fica atrás.

— Ué, vive dizendo que tem o marido perfeito — Sophie alfineta, fazendo Alex gargalhar.

— Cale a boca, Sophie — Nanda pede, entregando a ela a taça de doce.

Não sai da minha cabeça que, no fundo, ao nos juntarmos como padrinhos de Luna, Fernanda tinha esperança de que eu me apaixonaria por Sophie e ela por mim. O tiro saiu pela culatra, como podem ver. Trago mais uma colher de sobremesa à boca, o doce está uma delícia.

— Está ótimo, não sei o que faltou aqui, mas deveria abolir da sua receita. Tá perfeito como está — falo e ela fica orgulhosa, batendo as palmas no ar. Olho para Alex, que a olha com orgulho, olhos brilhando.

— Obrigada. Primeiro, quero agradecer a vocês por terem vindo e, Sophie, mais uma vez, parabéns pela luta — Fernanda começa e sinto que algo vem por aí... — Você estava perfeita. Mas tem mais uma coisa que gostaríamos de falar com vocês...

Nós nos entreolhamos, eu e Sophie, que sibila um: Eu avisei, bundão.

— Bom — ela continua e olha para Alex, que segura sua mão com afeto. — Alex...

Ele se levanta, nos olhando com uma mistura de esperança e medo. Começo a achar tudo realmente estranho.

— Bruno, você mais que ninguém, sabe como é difícil e perigoso o nosso trabalho, sabe em especial, que após a gravidez de Fernanda, não pensei em sair só uma vez, mas várias do batalhão. Mas amo o meu trabalho, encontrei uma segunda família ali e não me vejo em outro lugar, mas tenho a obrigação de zelar pelo bem-estar da minha filha, da minha família.

— Aonde *tu* quer chegar, irmão? — pergunto, sentindo um arrepio perpassar minha espinha.

— Todos os dias, quando saio nas ruas, penso que se algo acontecer comigo, o que será da minha família? — Ele para e olha a bebê alheia à conversa, buscando a mão de Nanda. — Elas são o meu tesouro, mas não é só por mim. Sabe, o nosso trabalho pode não manchar só a nós, mas pessoas próximas e se vier nós dois a faltar, eu e Fernanda, o que será da minha filha, Bruno? Tudo o que resta a ela é um tio-avô, que já não se aguenta em pé, e vocês. Eu posso lidar com a mídia filha da puta, com as pessoas que acham que somos monstros, com marginais, mas com isso... não dá, irmão. O medo corrói. — Ele abaixa a cabeça, mudando seu foco, talvez para disfarçar as lágrimas nos olhos.

É, eu também posso lidar com isso, com tudo que ele falou, mas ele está certo, deve pensar em sua família. Olho Sophie, que está pálida do outro lado da mesa. E Fernanda a voltar a falar:

— Eu não quero pensar em minha filha em um orfanato, não quero pensar em minha filha no sistema, em um lar de apoio, Sophie, sabe o estrago que esses lares podem fazer em alguém. — Fernanda olha diretamente para ela e a vejo engolir em seco, confirmando o que ouve. — Eu nem ia começar por esse caminho, desculpe por tocar no assunto, Sô. Mas como sabem, o trabalho do Alex é, no mínimo, perigoso e eu tenho medo de que algo nos aconteça e Luna venha a ficar órfã. Já faz meses que esse pensamento e medo me perseguem, na verdade, o tenho desde que engravidei.

Não sei nada da vida de Sophie, se não o que Benjamin me contou, sobre ela ter passado por orfanatos e lares de apoio e não deve ser fácil falar sobre isso.

— E, bom, nos sobra vocês dois — Alex termina o discurso.

Eles vão pedir o que acho que vão?

— Eu entendo o seu medo, o medo dos dois, mas ainda assim, se algo acontecer com Alex, ela tem você, Nanda — Sophie tenta.

— Sim, claro..., mas não se sabe o dia de amanhã. Não temos parentes vivos, apenas o tio-avô distante e relapso de Alex e, bem, Bruno é o único irmão que ele escolheu ter e você, Sophie, é a minha.

— Vão pedir que... — Não termino a frase.

— Sim, vou, e sei o quanto isso é demais, eu sei. Mas, sim, estou pedindo que se um dia eu ou Alex viermos a faltar, que vocês sejam os responsáveis por Luna, que sejam os pais dela, quem irá cuidar, dar amor, colocar na cama, educar... — Ela se emociona, limpando uma lágrima e tentando segurar o choro. Que merda de saia justa. — Mas claro que vamos viver eternamente, ver nossa menininha crescer; se formar; se casar, caso queira; nos dar netos, o que ela quiser fazer, eu sei disso... só queremos...

— Segurança — completo e vejo Alex abraçar a esposa, que segura o choro preso na garganta.

— Sim, ter a certeza de que se algo nos acontecer, vocês dois cuidarão dela, que ela não irá para um orfanato — Alex pede e Fernanda sai do seu abraço, olhando diretamente para Sophie.

— Sophie, isso não quer dizer que um bebê cairá em seu colo, nada disso. É só uma garantia... — Ela é boa em convencer, esse sorriso sempre garante o que quer. — Ora, não façam essas caras, não vamos morrer amanhã.

— Eu gosto de você, Nanda, de vocês, sabem disso...

— Veja o que dirá, como dirá — falo para Sophie, gentileza não é o seu forte e pode magoar Nanda, mesmo sem querer.

— Não fode, Bruno — articula, voltando a olhar para Fernanda.

— Sim, veja o que dirá, Maria Sophie. Não precisa responder agora, de verdade, podem pensar, e você não só gosta de mim, Sophie, você me ama, que eu sei. — O medo que vejo em seus olhos me dão pena, medo de que possamos negar seu pedido.

— Não preciso pensar, Nanda, e mesmo odiando crianças...

— Você não odeia crianças, Sophie. — Fernanda a corta.

— Mesmo odiando crianças — ela volta a falar —, eu gosto da sua, nunca quis ser madrinha de um bebê, mas acredite, eu pesquisei no que isso implicaria quando aceitei o convite, e bem... A verdade é que você está certa, eu sei o que é morar em um lar de apoio, sei muito bem e não quero isso para sua filha. Sei a realidade de um orfanato e se é para te deixar mais calma com relação ao futuro, tudo bem, eu aceito o que propõe. Mesmo porque, se você morrer, eu vou ao além te buscar e te trago a socos.

Fernanda sorri, emocionada e vai em sua direção, abraçando Sophie. Se parar bem para pensar, estão nos pedindo para sermos pais de um bebê, caso um imprevisto aconteça. Não irá, é claro, mas só de pensar... Porra! A vida de um policial não é fácil, ainda mais no Rio de Janeiro, mas sou seu parceiro para garantir um bom trabalho, por isso, me sinto tranquilo em aceitar o que pedem.

— Tudo bem, onde eu assino? — pergunto, com humor, quando meu coração parece querer sair do peito.

Ambos comemoram e Alex se aproxima, dando tapinhas em minhas costas.

— Já pedimos a Gabriel, o advogado, para redigir os papéis necessários. Veremos uma data para assinarmos e lavrar. — Nem escuto, estou pensando no que realmente implica o que acabei de aceitar.

— Não morre, *porra*. Não nasci para ser pai — falo e o faço rir.

— Relaxa, *tu* toma conta das minhas costas.

— Filho da puta!



Passo por dentre as pessoas no lugar que cheira à bebida, cigarro e sexo cru, olhando o cardápio à minha frente. O banquete é realmente excelente, mas não consegui me prender a nenhuma esta noite. Pego uma long neck e me recosto ao balcão do bar, olhando o ambiente ao meu redor.

Antes era fácil, bastava um telefonema e Suelen estaria aqui, pronta e submissa já à minha espera. Mas ela começou a confundir as coisas, o que

tínhamos, e chegamos a um ponto final. O limite do relacionamento entre um Dom e sua submissa é fino, as vezes acabam por confundir as coisas.

Uma mulher dança no pole dance à minha frente, entretenimento puro e delicioso, meu pau quase dá sinal de vida dentro da cueca. Continuo observando, sem me mover, sem achar uma presa. Um dos sócios do clube, Gregório, acho, passa adiante, imponente, levando uma mulher na coleira, enquanto ela obedece a cada comando seu, olhando o chão.

Uma jaula está exposta do lado esquerdo do salão, de cor preta e vermelho, com decoração dourada, lembra um puteiro chique, se me permitem a comparação. Um submisso está dentro da jaula, enquanto sua Dom está sentada no sofá em frente a ele, com outro submisso a chupando. Ela olha fixamente para ele, que parece apreciar a cena e ela não permite que ele se masturbe.

Sorrio e, sim, estou em clube, venho sempre que necessito de diversão, o meu tipo de diversão. Bebo mais da minha cerveja e continuo a observar o ambiente, em um canto, um grupo parece realmente assustado com o que vê, se eu pudesse chutar, diria que é a primeira vez deles aqui. Dois homens e duas mulheres.

Este é um clube BDSM, alguns clientes são assíduos, frequentam há bastante tempo e mantêm o sigilo, inclusive eu. Tenho a necessidade do controle, de dominar, sempre tive, mas até conhecer esse mundo, o meu mundo, eu não sabia disso. Me encontrei aqui, sem julgamentos, apenas um dominador e sua submissa, ambos buscando prazer.

Sexo casual é ótimo, mas é aqui que sou realmente eu. Ao dominar, esqueço o mundo externo, problemas, pesos diários, trabalho, dever... é só prazer sem medidas, sem consequências.

O clube existe há bastante tempo, foi Gregório, um dos fundadores. Aqui estão aqueles que acharam neste lugar uma forma de fuga, sua opção de vida, alguns apenas flertam com a prática, outro vivem para isso. E não, aqui não tem prostitutas, as moças não ganham para estarem aqui.

São mulheres submissas em busca de um Dom fixo, ou de uma noite de diversão em poder de um Dom. Submissos e submissas que não são aceitos no mundo lá fora, por parceiros convencionais e que encontram aqui, seu

escape.

E aqui estou eu, vim direto para cá, após sair da casa de Alex, preciso sentir algo além das dúvidas que estão rondando minha cabeça desde que deixei sua casa.

Mudo meu foco, vendo uma morena, vestida em uma peça de couro mínima, tapando apenas sua boceta, com os seios de fora, máscara de couro tapando seu rosto e os cabelos negros soltos, caindo por seus ombros. Seu rosto está virado para o lado, assistindo à cena da Dom, agora quase gozando na boca do submisso em seu poder.

A Dom, ao vê-la, a chama, ela não nega e se aproxima, e confirmo que ela está desacompanhada. A mulher a puxa, a beijando, colocando-a para mamar em seus seios enquanto o outro mama sua boceta.

A cena me excita, meu pau responde com a imagem e me levanto, entrego ao barman a cerveja e marcho em direção ao trio. Ou ao quarteto, se contar com o sub na jaula. A morena se afasta do beijo, lambe a boca e se distancia, apreciando o que vê, mas bate de frente comigo.

Agarro-a pela nuca, ouvindo um gritinho vir dela com a surpresa, olhando seu rosto, que me lembra alguém bem específica.

Seus lábios se abrem em um sorriso, a boca carnuda, os bicos dos seios duros. Seu olhar indo para o chão ao me ver. Alcanço seus seios, apertando-os e os beliscando.

— Gosta só de assistir? — Vejo-a engolir em seco, uma delícia... submissa e pronta.

— Não, senhor..., mas não estou acompanhada, não tenho um Dom.

— Agora está... venha.

Colo meu corpo ao seu e a arrasto comigo, em direção aos quartos de jogos. Preciso me fundir a algo, aqui isso me é permitido, me dar prazer sem amarras, sem compromissos, sem a droga do tal amor... é minha opção para a vida.



Capítulo 05

O passado e o futuro podem duelar?

Sophie

— Acho que você deveria procurar um apartamento, ou morar no que você já tem, ou vendê-lo e comprar outro, um que você goste, ou... morar comigo. Não é bom ficar tão sozinha assim. — Célia, minha... a mulher que me adotou, fala, enquanto tomamos café da manhã.

Célia me ligou ontem à noite, quando eu ainda estava na casa de Fernanda e me fez prometer que viria tomar café da manhã com ela hoje, caso eu não viesse, ela iria até a academia com uma cesta de comida e bem... no meu quarto não dá para fazer um piquenique e aqui estou eu.

— Está me ouvindo, querida?

Só então realmente a olho, estava perdida olhando o café em minha frente.

Célia é uma mulher bela, apesar de ter feições cansadas. Acredito que os remédios, que muito a ajudam a dormir, lhe dão esse ar. A mulher é com certeza a mãe que qualquer um gostaria de ter, uma verdadeira mamãe urso, eu tive sorte, muita sorte por ela não ter desistido de mim. Ainda assim, o jeito que ela me olha, com esses olhos incrivelmente verdes, como os de Benjamin, me desconcertam às vezes. Tem tanto amor ali, que me pego sentindo que nunca retribuir seu afeto como eu realmente deveria.

— Ouvi, Célia — respondo e tenho um olhar feio em resposta.

— Sophie... já pedi, não me chame assim — ralha, engulo em seco.

É difícil chamá-la de mãe, admito. Por vezes, tento realmente não a chamar pelo nome, mas às vezes sai. Já vim para sua vida com quase 14 anos, rebelde como o inferno, e nunca, de fato, aceitei que tenho uma mãe. Mas é o que ela se tornou.

— Escutei, mãe, e desculpa. Eu gosto do meu quartinho, fico bem em cima de onde preciso trabalhar e treinar, é cômodo.

— Não é seguro.

Sorrio, há muito tempo ela tenta me fazer ter um apartamento, algo maior, que tenha o aconchego de uma casa. Mas estou bem onde moro.

— Claro que é, temos câmeras, circuito de seguranças. É muito seguro — falo, mas ela nega.

Célia tem 56 anos, pele clara, cabelos lisos, curtos e loiros, a fim de esconder seus brancos. Uma feição gentil, com olhos lindos. Tomo um gole de café, fugindo do seu olhar que, agora, parece me analisar.

— Apesar de você tentar e conseguir ser uma ótima mentirosa, eu sei quando algo te incomoda, Sophie, o que é?

Ela é boa, Benjamin sempre diz que mães têm dessas coisas, em principal ela. Mas Célia tem razão, algo realmente me incomoda e é Fernanda, seu pedido e sua preocupação sobre ontem, com Luna. Eu a entendo, aceitei seu pedido de coração aberto, melhor que ninguém eu sei o que é o abandono, ainda assim, estou com uma sensação de ter feito algo errado. Sei o que a profissão de Alexandre implica e tudo pode acontecer, tudo mesmo. Nem quero pensar nisso, mas... e se um bebê cair em meu colo?

Pensar nisso implica que eu acabaria perdendo minha pessoa preferida no mundo. Poucas pessoas admitem, mas pessoalmente, cada um tem uma lista invisível de pessoas favoritas. Ela é a minha. Não tive amigos, nunca quis ter, aprendi cedo que era bem melhor sozinha e abracei isso para minha vida.

Mas de Fernanda eu não consegui fugir. Ela era insistentemente doce, aquela pessoa que aos poucos, tem suas ramas se embrenhando em nós e acaba em nossos corações. Com ela foi assim, não tive chance e ela se tornou minha única e melhor amiga.

E é doloroso imaginar que sua filha possa cair de paraquedas em minha vida, de forma definitiva, pois isso implicaria que eu a perderia. Convenhamos, é bobagem ficar pensando sobre isso, afinal, ainda se Alex vier a faltar, Luna terá sempre Fernanda.

Não faz sentido eu me preocupar. E mesmo repetindo isso para mim mesma, desde ontem, ainda assim, meu estômago está revirando de nervoso. Tanto que ainda não consegui comer qualquer coisa, e meu café a essa altura já está frio.

— Sophie, meu amor, o que foi? — pergunta novamente e a olho.

— Acha que... um dia, sei lá, eu poderia ser uma boa mãe? — Ela fica me olhando, paralisada, e depois sorri, afetuosa.

— Ora, por que essa pergunta agora?

Fico dividida entre dizer ou não a ela e decido por falar.

— A senhora se lembra de Alex, não é? Aquele amigo de Benjamin?
— Ela deve se lembrar, ele e Bruno não saíam daqui quando mais novos.

— Claro, casado com aquela moça, sua amiga. Você batizou a filha deles, não foi?

— Sim, foi. Ontem ela me pediu algo e isso hoje está me preocupando de uma forma inquietante.

— O que ela pediu?

Fico a olhando e deixo o ar sair de meus pulmões.

— O marido dela é policial e não é um policial comum, ele é do BOPE. Ambos têm medo de algo acontecer com eles, pela profissão de Alex. Então

tiveram a brilhante ideia de pediram a mim e ao Bruno, caso algo aconteça, que sejamos responsáveis pela filha dos dois e nós aceitamos — falo e parece ridícula a proposta quando dita em voz alta, por mim.

— Ora... é isso que está te deixando com essa cara? Que bobagem, filha! É uma precaução de uma mãe e de um pai, Sophie, mas nada vai acontecer. Os dois só querem se certificar de que está tudo bem, ficar mais calmos, sabendo que a filha terá segurança, independente do que aconteça. Não quer dizer que algo, uma tragédia dessa proporção, irá acontecer, filha. Tire isso da cabeça.

Ouçoo com atenção, confirmando o que fala. Ela tem razão, Célia sempre tem razão, não tem cabimento algum, essa preocupação. É ridículo. Ambos estão seguros, Alex é um ótimo policial, ele ficará bem. Ficaremos bem, sim, ficaremos.

Sinto sua mão pegar a minha por sobre a mesa e a olho, agradecida.

— E, ainda assim, caso um dia queira ser mãe, você seria uma ótima mãe. Aprenderia como ser. Agora, coma e pare de pensar bobagens. Aproveite, pois está muito magra, precisa se alimentar. Benjamin me contou que terá uma luta para breve, como pretende ganhá-la?

Sorrio, negando o que diz. Ela não muda, sempre me fazendo comer. Corto um pedaço de bolo e coloco na boca. Mas em uma coisa ela está certa, não tenho com o que me preocupar.



Viro a chave na fechadura, abrindo a porta e ficando aqui parada na entrada. O cheiro ainda é o mesmo, ainda que pensar isso pareça loucura. Já faz quase vinte anos. Solto o ar e, por fim, entro na sala, fechando a porta atrás de mim e me encostando nela.

Não sei realmente o que vim fazer aqui, talvez, a menção de Célia ao me dizer que eu precisava de um apartamento tenha trazido lembranças, lembranças boas, também ruins e eu não consegui dormir.

Saí há pouco de casa ou da academia, como quiserem chamar, passava

das quatro da manhã, a falta de sono que me tomou, me impossibilitou de continuar rolando na cama, peguei minha moto sem ter um destino para onde ir e acabei aqui.

Antes, uns dois meses atrás, eu acabaria batendo na porta do apartamento de Benjamin, mas ele deve estar com Mônica, sendo assim... aqui estou.

Dou dois passos na sala de entrada e sento-me no braço do grande sofá de modelo antigo, passando o olho pela sala e cada detalhe parece o mesmo, exceto, o tapete que parece outro, além das cortinas.

“Esta é a sua nova casa, Sophie, seu lar, somos sua família agora.”

Consigo me lembrar até mesmo do timbre de sua voz, do seu cheiro e carinho, eu adorava o cheiro dos seus cabelos. Em uma coisa Ester estava certa, esta casa seria minha, ao menos anos depois, mas em algo ela errou, eles não eram minha família e isso não foi o meu lar.

Aos seis anos de idade, eu já estava em um orfanado, após o falecimento do homem que dizia ser o meu pai. Dele, eu lembro tão pouco, lembro-me apenas do cheiro de bebida e cigarro, não me lembro sequer de seu rosto, sua voz, uma palavra de afeto, nada. Ele apenas se foi, o perdi em um incêndio, a casa onde morávamos pegou fogo e enquanto dormia, ele morreu queimado, disseram que estava bêbado demais para fugir do fogo.

Os bombeiros chegaram e, de algum modo, me salvaram. Aparentemente, o fogo começou na sala, onde ele estava dormindo e eu, estava no quarto, no outro extremo da casa. Disseram que foi um milagre. O engraçado é que me lembro da confusão, do cheiro de fumaça, do fogo alto, de me sentir sozinha, frio e nada mais.

Depois fui levada para o orfanato e minha realidade piorou. Fiquei um ano naquele lugar, junto com outras tantas crianças. Era estranho, ao tempo que... às vezes parecia reconfortante estar com outros da minha idade. Além disso, em meio a todos ali que cuidavam de nós, órfãos, tinha Isla, uma senhora extremamente gentil, ela parecia gostar de mim, gostar de todos e eu gostava dela. Sorrio das lembranças.

Um porta-retratos chama minha atenção, em cima da mesinha de centro e me curvo para tê-lo nas mãos. Três pessoas estão na foto: Ester, Alfredo e

eu, com sete anos. Essa foi nossa primeira foto juntos.

Ester era linda, gentil e extremamente paciente comigo, seu sorriso se assemelhava a uma manhã de sol. Eu a amei, foi algo parecido com a coisa do amor à primeira vista, a amei desde o primeiro abraço.

Ester e Alfredo me adotaram quando eu estava prestes a fazer sete anos, foi como ser resgatada, o sentimento que eu senti foi... eu não saberia descrever, foi o dia mais feliz da minha infância. Esse é o maior sonho de uma criança órfã, ser adotada.

Olho cada detalhe na foto em minhas mãos, ela foi tirada no dia do meu aniversário. Ester me deu uma festa gigantesca, chamou todas as crianças do prédio para me conhecerem e dizia com orgulho que eu era sua filha. Ela não podia ter filhos, por isso me adotou e imagine também sua alegria.

Crianças são inocentes e eu acreditei ter achado um lar, uma mãe e um pai, mesmo que Alfredo não desse a mim a mesma atenção que sua esposa dava, mas tenho de ser sincera, ele tentava. Não diria que ele não gostava de mim, mas acredito que me aturava por ela, era Ester que sonhava em ser mãe, em ter uma filha. Pena que não durou muito.

Prestes a completar um ano que eu estava com eles, descobriram que Ester, a mulher que eu já considerava minha mãe, tinha câncer, em estágio avançado, fizeram o que puderam, mas era terminal.

Os cabelos que eu tanto amava caíram, ela foi emagrecendo, sua vontade de viver, seu brilho se apagou, seu cheiro já não era o mesmo e ela se foi. Ainda tive minha festa de oito anos, ela fez questão, mas naquele mesmo dia eu a perdi.

E no auge dos meus oito anos, após perder a mulher que tanto me amou, eu não imaginava que quatro dias após sua morte, eu voltaria para o orfanato, não imaginava que tudo poderia piorar. Sim, Alfredo me levou de volta. Segundo ele, não poderia suportar sua perda, nem poderia lidar com uma criança.

Lembro-me de entrar em desespero quando me dei conta para onde ele estava me levando, me agarrarei às suas pernas ao chegarmos em frente ao orfanato e chorei, gritei, pedi por sua ajuda, implorei em prantos e prometi que eu seria boazinha, mas nada adiantou. Me arrancaram dele, de suas

pernas e me arrastaram para dentro, sem me dar chances de mais promessas, e lá estava eu novamente, mas dessa vez, mais velha. Sabe qual a chance de uma criança de oito anos ser adotada?

Não tive mais a mesma sorte e tinha raiva, algo mudou em mim com aquela rejeição, com a perda de Ester. Aos oito anos, você já tem profundos sentimentos, já entende muitas coisas e eu comecei a sentir ódio.

Eu tinha raiva do meu pai por ser um idiota bêbado. Tinha raiva de Ester, por morrer; raiva de Alfredo, por não me querer; e raiva da minha mãe biológica, que também não me quis; raiva daquelas pessoas que fingiam gostar de nós; raiva das mentiras contadas, do descaso.

Foi quando vi que o amor machuca, a perda dele te quebra e passei a temer esse sentimento, passei a ter medo de amar alguém e ela também ir embora.

Eu tive tanta raiva, por tanto tempo. Na verdade, eu tenho tanta raiva guardada aqui dentro e não importa o que eu faça, ela está sempre comigo. A diferença é que hoje, ela não me controla mais, eu a controlo.

Após ser abandonada, acreditei que nunca mais teria notícia alguma de Alfredo, mas estava enganada. Onze anos depois, enquanto cursava a faculdade de Educação Física, Célia recebeu um advogado que estava tentando me localizar.

Era para a leitura de um testamento, o testamento dele. Alfredo se foi, ele morreu, mas antes me deixou uma quantia grande de dinheiro, seu carro e um apartamento, uma herança. Fui pega totalmente de surpresa. O homem tinha morrido e deixado tudo o que tinha para mim, o porquê, eu realmente não sei. Eu o odiava, o odiei até pouco tempo atrás e, em um primeiro momento, ao receber àquela notícia, eu quis negar, doar todo aquele dinheiro para alguém, não sei ao certo, eu só não queria aceitar sua herança ou nada que viesse dele.

Mas confesso, o dinheiro tinha vindo em boa hora, já vinha conversando com Benjamin, queríamos ter um negócio, uma academia. O problema? Não tínhamos dinheiro, então, essa era a minha chance.

Pensei por dias naquele homem, no dinheiro, senti raiva ao tempo que... sentia pena. Por fim, aceitei o que foi me dado, ele me possibilitou ter tudo o

que tenho hoje. De alguma forma, o infeliz me ajudou a começar do zero. Uma pena não ter me ajudado quando eu tinha oito anos e era alguém totalmente dependente dele.

Levanto-me, coloco a foto sobre a mesinha, mesmo lugar que estava antes, e passo pela sala, vendo tudo um tanto empoeirado e abandonado, não poderia ser diferente, em tantos anos, vim aqui uma única vez após receber sua herança. Confesso, fui muito feliz aqui, até quando Ester esteve doente, eu fui feliz. Ela era perfeita.

Entro no corredor que dá acesso aos quartos e tudo está exatamente igual. Abro a primeira porta à direita, entrando no quarto que um dia foi meu sonho realizado. Sorrio ao entrar aqui e constatar que até mesmo o quarto continua igual, perfeito, na cor lilás, com a cama, uma pequena escrivaninha de desenho e guarda-roupa, tudo branco e uma montanha de brinquedos na parede oposta. Ester estava disposta a dar tudo que ela poderia e me deu, no pouco tempo que estivemos juntas.

E pensar que Alfredo vivia neste mausoléu, sozinho, desde que Ester se foi. Ele nunca se casou, ele nunca a esqueceu, ele sequer mudou qualquer coisa no apartamento. Uma coisa era certa, ele a amava.

Sento-me no chão, sobre o tapete felpudo, com um arco-íris desenhado. Tudo foi feito com um capricho e um amor lindo, tudo feito para mim. Olho para o lado, no chão, um livro está jogado, empoeirado pelo tempo.

Sorrio ao notar que era a minha história infantil favorita. Lembro que por mais que Ester tentasse ler algo diferente para mim, eu sempre queria essa história, pois ao final, a princesa era sempre resgatada do castelo.

Talvez, eu gostasse tanto, por acreditar que tinha sido resgatada do meu maldito castelo...

Suspiro, enterrando a cabeça em minhas mãos.

— É passado, Sophie, é só um maldito passado!



Capítulo 06

*Imagine ser acusado de algo que não
cometeu... pior, pagar por esse ato
sem direito à defesa.*

Bruno

O celular vibra no banco do carona do carro, jogado de qualquer jeito por mim. Desacelero e pego-o, a fim de ver quem é, pode ser algo importante. Bufo em seguida ao ver o número piscar na tela e tenho vontade de arremessá-lo pela janela quando o reconheço. Sequer me dei ao trabalho de agendá-lo.

— Filho da...

Nego o xingamento, deixando o celular no lugar de antes e voltando meus pensamentos para qualquer coisa, que não seja o celular vibrando ao lado. Não é difícil, o dia hoje amanheceu menos iluminado, ao menos para

mim.

Cheguei ontem do trabalho e encontrei o apartamento que antes era de Cristine, vazio. Ela finalmente se mudou e não tinha mais nada ali, onde antes era seu lar, apenas o síndico, que viera dar uma olhada rápida para ver se estava tudo “okay” com o apartamento, que agora está à venda. Fiquei parado em frente à minha porta, olhando sua sala vazia e lembrando-me de quanto tempo passamos juntos naquele lugar.

A infância, adolescência, juventude, sua maternidade, visitas rápidas, até fofocas, problemas a serem resolvidos, aniversários, sessão de cinema, dia da beleza com Catherine, acabar por dormir com ela, em sua cama, sem querer deixá-la sozinha... foram bons momentos e, desde ontem, fiquei com algo que se assemelha a vazio em meu peito. É estranho, algo inusitado.

Se isso fosse algo que eu pudesse ter controle, com certeza a manteria ali, perto de mim.

Foram tantos anos como vizinhos e amigos inseparáveis, que não a ter mais, ao alcance de um grito, tirou a graça de voltar para casa após o trabalho. Ao mesmo tempo que sinto sua falta, me parece ridículo, afinal, ela está logo ali, morando em outro bairro, ainda na mesma cidade. Ela não se mudou de país, apenas se casou.

Augusto é um filho da puta de sorte!

Idiota, eu sei, mas um idiota de sorte por tê-la...

Estaciono meu carro do lado de fora do muro alto do presídio feminino, saindo em seguida e acionando o alarme, levando comigo uma sacola com um bolo, suco e mais algumas coisas que trouxe para ela. Claro, não é o horário convencional de visitas, mas com bons conhecidos, consigo algumas exceções, essa é uma delas.

Os últimos dias tão foram cheios, que me pergunto quanto tempo faz que não venho vê-la.

Puxo na memória e parece ter mais tempo do que realmente é, faz apenas dez dias. Passo pelos portões, acenando para quem conheço e, claro, a sacola que trago comigo é verificada antes de me deixarem entrar.

— Alguma novidade? — pergunto para a policial responsável por me liberar e ela sorri ao me olhar, me guiando pelo corredor.

— Não, nenhuma. Tudo na mesma — fala, mas sorri e volta a me olhar, abrindo uma das grades ainda no corredor. — Ah, houve briga semana passada, mas sua garota não estava envolvida, nada aconteceu. E você sabe, as detentas, nenhuma delas, mexem com a sua garota.

Eu realmente sei. Após anos presa, a garota de sorriso doce aprendeu a reagir, a bater de volta, a não dormir e não abrir a guarda. Ela se tornou praticamente uma sentinela e isso a ajuda, diariamente, a viver aqui, presa no inferno há dez longos anos.

— É, eu sei. Já a chamaram?

— Foram buscá-la e não exagera no tempo, como da última vez, bonitão — ela avisa e sorrio, a última vez a que se refere eu realmente extrapolei o horário permitido na visita.

— Não vai mais acontecer, prometo.

— Tá, vai lá vai.

Agradeço-a e entro na sala reservada às visitas a qual aponta, olhando ao redor e sentindo o peso que essas paredes trazem. Se fosse bom, não era castigo para vagabundo.

Sento-me na cadeira frente à mesa de metal, com outra cadeira já velha do outro lado da mesa. Pego meu celular, finjo não ver a chamada perdida e sorrio ao ver que Cathe me mandou uma foto sua do celular da mãe, com um apelo para ir vê-la e conhecer sua nova casa.

Na foto, ela sorri, segurando o celular e tirando uma foto não só dela, mas também dos gêmeos, seus irmãos, deitados na cama. Nego e sinto um aperto no peito. Vou sentir falta da minha framboesa, nem que seja para apertar suas bochechas vermelhas.

Vou sentir falta das duas, dos gêmeos e até do infeliz do doutorzinho. Aprendi a respeitá-lo no tempo em que o conheci, tenho que admitir. Volto a guardar o celular no bolso ao ouvir o barulho da grade se abrindo novamente e olho por cima do ombro, vendo-a entrar, as mãos algemadas. Me levanto, um instinto cego de proteção, revolta até, vindo em mim.

— Qual é, Rute, libera as mãos dela. Ao meu lado, ela é inofensiva. Prometo tomar conta — falo, usando todo o meu charme, e a policial nega, tentando não rir, mas tira as algemas e a libera, saindo em seguida e nos

deixando a sós.

Avalio-a e ela parece mais magra e se irrita quando a olho dos pés à cabeça, levantando as sobrancelhas e dando uma voltinha, ironizando minha preocupação evidente. Não me importo com seu olhar e a puxo para um abraço.

— Não aperta muito, ainda não tomei banho hoje. — A voz grave soa, cheia de deboche, e sorrimos.

Seguro-a pelos ombros, ela ainda rindo, o rosto perfeito apesar do tempo. A pele escura traz traços do que passou neste inferno, incluindo uma cicatriz no supercílio. Já faz quase onze anos que Morena está neste presídio.

— Está emotivo hoje? Por isso está me olhando assim ou quer me beijar, Bruno?

— Peste! Como sempre, estou só conferindo se você está bem.

— Você sempre faz isso e eu sempre digo a mesma coisa, eu estou bem.

Nego, ela sempre diz isso, mas tenho sempre a impressão contrária de sua afirmação.

— Claro que está.

— O que trouxe hoje? — Ela se desvencilha, indo até a mesa e abrindo o embrulho que eu trouxe, em seu rosto tem um sorriso gentil, agradecido, mas o sorriso não chega aos olhos negros. — Uau, quase um piquenique.

— Trouxe bolo de cenoura, o seu preferido. — Vejo-a sorrir, se sentando e tirando as coisas da sacola, uma a uma.

Morena é uma mulher bonita, apesar de tudo. Cruzo os braços em frente ao peito e fico a observando enquanto devora a primeira fatia de bolo, ela percebe e me olha com a sobrancelha grossa erguida e sei o que ela perguntará em seguida.

— Conta como está o mundo lá fora, viu o garoto?

Penso que, por vezes, ela tenta não demonstrar carinho, amor pelo filho, não a culpo, mas sei que aí dentro, tem um amor gigantesco pelo moleque.

— Sim, fui vê-lo faz uma semana. Está bem... — Ela anui, mudando o olhar.

O garoto a que se refere é Felipe, seu filho, que hoje está em um orfanato. O visito às vezes, para dar um suporte a ele e dar notícias a ela de como o filho está. Morena se mostrou uma mulher incrivelmente forte, apesar de tudo. Quando foi presa, dez anos atrás, ela não sabia que estava grávida, descobriu dois meses depois antes do seu julgamento e foi um choque para ela.

Pensou em abortar, mas não conseguiu e optou por tê-lo. Foi sua avó que ficou com o garoto após ele nascer, mas a senhora veio a falecer cinco anos depois e o garoto foi parar no orfanato sem que ela nada pudesse fazer.

Em um primeiro momento, Morena acreditou que ele pudesse ser adotado, mas o garoto dificultou as coisas. A avó sempre falava da mãe, nunca escondendo que ela estava presa, mas sempre afirmando que a neta era inocente e que um dia, estaria livre para amá-lo, cuidar do moleque como mãe. Ele acreditou nessa promessa, não, ele acredita com todas as suas forças. Só não imagina que é fruto daquilo que um dia tirou tudo de sua mãe.

Por que venho visitá-la? Somos família, ou deveríamos ser, já que sua avó era tia do meu pai. Fato é que nunca fomos próximos, nunca fui realmente próximo da família do meu pai, mas quando a vi sendo presa, em uma notícia no jornal, quis saber o que aconteceu. Acompanhei o caso e resolvi lhe fazer uma visita certa vez, tinha visto-a apenas uma vez, quando erámos crianças e eu cheguei a duvidar que aquela mesma menina que conheci, poderia ter cometido um crime que chocaria até mesmo a escória do mundo.

Desde então, sou sua única visita após a morte de sua avó.

— O que não está me contado, Bruno? Sei que tem algo, fala aí.

Esse olhar cigano que ela tem... às vezes me pergunto se ela consegue ler mentes.

— Lembra que sempre te falei que Felipe tinha uma amiguinha, a Camille? Ela foi adotada.

— E ele, como está agora, sozinho? — pergunta, uma fatia de bolo na mão, expressão preocupada.

— *Me* pareceu o mesmo de sempre, na verdade, a menina encontrou os pais verdadeiros, uma longa história...

— Que não me interessa, vá direto ao garoto.

Olho-a, sorrindo com sua urgência.

— Um dia ainda paro de te visitar, sabia?

— Você não ousaria...

— A questão é que a menina foi adotada e pela boa relação dos dois, os pais dela se ofereceram para ser o lar de apoio do teu garoto.

— Ele aceitou? — Ela sabe que o filho é difícil, ele se agarra ao pensamento de que Morena sairá da cadeia e irá buscá-lo, resiste a qualquer tentativa de adoção e de tudo que não seja a ideia de um dia ter a mãe com ele.

— Acho que sim. Acredito que não se relaciona bem com Pedro e Alice, mas tem a amiguinha, então, ele aceitou bem.

— Pedro e Alice? Os conhece, então?

— Sim. São boas pessoas. — Ela confirma, olhando para o prato à sua frente, agora vazio. — Como está o pedido de condicional? — pergunto, mas ela leva alguns segundos para dissipar os pensamentos e voltar a atenção para o que digo.

— Indo... é o Brasil, tudo é lento como uma lesma. Quer dizer, tudo menos o meu julgamento e sentença, que chocou até mesmo o advogado, tamanha urgência. Mas, o advogado está confiante. Acredite se quiser.

— Se conseguir, o que fará ao sair? — Morena me olha com uma expressão irônica, pouco amigável.

— Primeiro quero pegar o garoto. Ele me esperou, não vou decepcioná-lo. Segundo, arrumar a vida. Ou arrumar a vida e pegar o garoto. Algo do tipo. — Dá de ombros e a estudo.

Estranho o que diz, algo não parece ser verdadeiro, ela não me olha ao falar.

— Sem vingança? — pergunto e ela me olha, por alguns segundos, sem nada a dizer e, por fim, sorri.

— Sabe a primeira coisa que quero fazer ao sair daqui? — muda de assunto e eu me pergunto se ela não acabará metendo os pés pelas mãos, ao se livrar dessas grades e acabar por voltar para cá.

— O quê?

— Comer um hambúrguer, daqueles enormes, com milkshake e batatas fritas.

Gargalho, imaginando a cena.

— E eu faço questão de te levar para comer esse hambúrguer. Agora, come mais aí, que nosso horário *tá* acabando. Ah, disseram que teve briga semana passada, me conta aí o que aconteceu. — Ela sorri, animada, se ajeitando na cadeira.

— Cara, foi sangue *pra* todo lado...



Sentado no pátio, fico olhando alguns meninos brincando, não muito longe de onde estou, de peteca. Quatro deles, sorrio quando um, o menor, ganha a partida e comemora. Saí da prisão e vim direto para o orfanato, ver Felipe, me certificar de que está bem, disseram que iam chamá-lo e, enquanto isso, fico de olho nos moleques.

Pergunto-me o porquê de o moleque de cabelo de fogo não estar aqui, se enturmado e se divertindo com os outros... sei bem a resposta. Felipe é um moleque difícil, ele não fala muito, não socializa com as outras crianças, simplesmente... existe, se agarrando à esperança de que a mãe saia um dia da prisão.

Mal o pensamento passa e a cabeleira ruiva me chama atenção, vindo de um dos corredores, cabeça baixa, andar lento, ombros levantados. Um moleque cheio de marra.

— Ei, moleque! — chamo e ganho um pequeno levantar de lábios, quase um sorriso quando ele me olha, apertando o passo ao ver que sou eu que o espera.

— E aí, tio. Estava te esperando.

— Estava é? E como sabia que eu viria? — Bato a mão ao meu lado, para que se sente e vejo-o dar de ombros.

— Viu minha mãe? — Sinto pena, pois ao falar da mãe, os olhos negros brilham.

Felipe tem dez anos, quase onze. O rosto cheio de sardas que enfatiza o vermelho de seus cabelos. Não sei a quem diabos esse moleque puxou. O estranho é que a mistura fica ainda mais estranha, dada aos olhos castanho-escuros, como os de sua mãe.

— Vi sim, ela está bem.

— Perguntou por mim?

— Claro, ela sempre pergunta, moleque. Toma, trouxe um lanche *pra* você. Me diz aí, como *tá* no novo lar de apoio?

Volta a dar de ombros, sem querer dar importância.

— Legal. Eles não batem em mim, nem brigam, nem xingam e nem me botam de castigo e me dão comida à vontade. É legal...

— Só isso?

— É... e tem uma fazenda, não, uma fazenda não, um haras. E eles me deixam brincar com os bichos de lá.

Sorrio, claro que seriam bons, são Pedro e Alice.

— Mas gosta deles? — pergunto, vendo-o abrir a lata de refrigerante.

— O Pedro sempre me dá comida e a Alice fala demais, mas faz carinho na minha cabeça, é legal e tem a Camille. Sinto falta dela aqui.

— É, eu sei.

Camille morava aqui no orfanato, uma menina de uns sete ou oito anos, era sua amiga, sua única amiga, mas Pedro e Alice a adotaram não tem muito tempo. Foi por conta da menina, que eles tiveram a ideia de se oferecerem como lar de apoio para ele. Foi há pouco tempo, mas parece que vem dando certo.

— A minha mãe já sabe quando vai sair?

Se ele soubesse que a mãe pegou vinte e cinco anos de pena.

— Não, nada certo. — Vejo-o murchar, os ombros caírem. — Mas entraram com um novo pedido, talvez acatem e ela saia.

Arranco um sorriso dele com isso, que me olha, olhos brilhando, rasos de lágrimas.

— Eu sabia. Ela vai me tirar daqui... ela vai, sim!

— É, ela vai...

Ao menos, é o que eu espero que ela faça e que tire a ideia idiota de vingança da cabeça.



Capítulo 07

*Como enfrentar um novo dia, quando
você acorda e sente que é melhor
continuar na cama?*

Sophie

Hoje foi um daqueles dias que se eu conseguisse, teria ficado na cama. Talvez se minha mente me permitisse, eu ainda estaria lá, tirando um cochilo prolongado. Mas meus pensamentos não deixam, não me trazem calma. É como dizem, mente vazia, oficina do diabo, e é exatamente isso. Em vez de ficar na cama, me levantei cedo, passei pela academia, dei um mergulho na piscina e agora estou aqui, na área externa da academia, vendo os moleques jogarem bola.

Meus horários favoritos para os treinos são pela manhã, tenho o hábito de me levantar cedo... isso, junto ao fato de que dificilmente eu durma uma noite inteira. Agora estou tomando sol, sorrindo ao ver um dos moleques

fazer um gol. Hoje é dia de futebol, algo que eles realmente gostam e estão se divertindo. Bom... e eu também.

— Oi, tia.

Quase me assusto e busco a direção da voz e encontro um garoto parado atrás de mim, me olhando com certa admiração.

— Oi, garoto. O que quer? — Tento adivinhar o motivo de ter deixado os outros moleques jogando bola e ter vindo até aqui e só vejo curiosidade estampada em seu rosto.

— É verdade que a senhora luta?

Sorrio com o “senhora”, deixando o garoto mais à vontade, ele é novo aqui, ainda não o tinha visto e, aparentemente, nem ele a mim.

— Sim, é verdade.

— Que maneiro! Um dia quero ser como a senhora... — fala, com inocência, e sinto meu coração dar um salto no peito.

Também sinto esperança, pois eu sou a prova viva de que alguém quebrado, pode se reerguer, isso, se tiver o incentivo certo. Devo o meu à Célia.

— Você pode ser o que quiser, tão grande quanto qualquer um, independente do que te digam, sempre acredite em você, siga seus sonhos — falo e o vejo sorrir, um sorriso afetivo, cheio de orgulho.

— Eu vou ser grande como você! — Sorrio e tão rápido quanto se aproximou, o garoto volta a se afastar, indo para próximo dos meninos que esperam sua vez de jogar.

Fico os observando e contemplando o quão bem fizemos. Financiamos e criamos um projeto social lindo aqui e fazemos questão de acompanhar de perto cada progresso. Quando lá no início alugamos um pequeno galpão, que viria a ser nossa primeira academia, Benjamin e eu não tínhamos nenhuma experiência com o mercado.

Tínhamos apenas um sonho no papel, uma meta e um pouco de dinheiro. Eu, a herança que me foi deixada; ele, o dinheiro do carro do avô, que ele vendeu. O carro era uma relíquia e sua paixão, Benjamin abriu mão por algo maior, por nós. Não sabíamos se daria certo, mas não daríamos com

os burros na água por falta de tentativa. Não tínhamos ideia de onde chegaríamos, mas tínhamos força de vontade. Eu acreditava em Benjamin e ele em mim e isso bastava.

Montaríamos nossa academia e faríamos de mim, uma das maiores lutadoras do mundo!

Mas nem em nossos sonhos mais bonitos, imaginamos chegar tão longe. Fomos de um galpão alugado e reformado para uma academia pequena, mas nossa, pois acabamos comprando o lugar, meses depois. Fomos um sucesso de início, não havia outras academias no bairro e oferecemos um bom atendimento, além de ótimos equipamentos e combos, não demorou para emplacar. Logo conseguimos até mesmo comprar o terreno ao lado, onde tinha uma casa antiga, por uma verdadeira pechincha.

Mas é claro que nem tudo foram flores, a concorrência veio, academias maiores, com preços melhores, aparelhos mais modernos, tudo de última geração e como competir, se tínhamos acabado de gastar toda a grana com o terreno ao lado?

Foi o que eu disse: zero experiência e então, após a ascensão, tivemos a queda. Um erro que quase nos custou tudo, cogitamos fechar.

Quase falimos, quase..., mas nos reerguemos e fizemos a diferença, com a ajuda do nosso contador. A essa altura, eu já tinha ganhado algumas lutas e foi fácil conseguir investimento, além de um empréstimo no banco. Voltamos com tudo e repaginamos o lugar, construímos praticamente uma nova academia e investimos em uma marca, a nossa marca. Tornamos o nome “Tribus” conhecido, melhor, o fizemos ser sinônimo de qualidade.

De início, reestruturamos e fizemos um andar apenas, mas sabíamos, tínhamos potencial para muito mais. Logo construímos o segundo andar, abraçamos modalidades de lutas diferentes, dança, além de ter internamente um espaço para gourmet. Minha carreira decolou, ganhamos mercado e logo nos vimos expandindo para outro bairro, uma filial, além de construirmos mais um andar aqui, na nossa matriz.

Hoje, contamos com quatro academias além da matriz, que está indo para o seu quarto andar. Nosso projeto para esse novo espaço? Investir em um spa, terceirizar o serviço, trazer qualidade. Aqui, em breve, o cliente

encontrará tudo no mercado da beleza e estética.

Claro que não administramos sozinhos, não. Temos um gerente financeiro para isso, aprendemos a duras quedas que precisaríamos de alguém com experiência de mercado para nos guiar. Alguém para cuidar das contas, dos investimentos. Nós, cuidamos da prática e ele, dos papéis, tudo com nosso acompanhamento.

Mas ainda lá atrás, quando estávamos expandindo, eu queria algo mais, sentia que faltava muito mais, eu sentia que eu tinha construído muito para mim, mas nada para outros. Eu quis fazer a diferença, eu queria ajudar, fazer o mesmo que fizeram comigo um dia, o mesmo que Célia e Benjamin fizeram.

Então, quando um senhor que tinha uma padaria nos fundos da academia, quis vender o terreno, não pensamos duas vezes e compramos por um preço ótimo. Então veio a ideia de construir uma piscina para os alunos, fazer uma área externa com direito a campo, quadra de vôlei e tênis, mas também, criar um projeto social e usar esse espaço para isso.

Por que a iniciativa? Por mim.

Eu vejo muito de mim nesses garotos. Quando eu não me considerava nada, quando tudo em mim era apenas ódio, raiva e rancor, o esporte me deu algo pelo qual lutar. Me deu uma forma de escape, me ensinou que eu posso ser mais do que o destino, o mundo e a sociedade me disseram que eu poderia ser.

Da garota sem lar, sem família e perspectivas, a garota briguenta e insuportável, eu passei a ser quem sou hoje e devo isso a quem me estendeu a mão e ao esporte.

Sou alguém hoje, em especial, porque o esporte me ensinou a controlar a avalanche de sentimentos dentro de mim. Levo marcas do passado que não sou capaz de apagar, é verdade, mas aprendi a nunca, nunca me entregar, por pior que os pesadelos sejam, por pior que minhas lembranças me façam sentir, por pior sejam as marcas que minha tatuagem esconde.

Quando subo no ringue, levo a certeza de que nada pode me derrubar, me abalar e trago isso para a vida como forma de defesa.

Quando eu era apenas uma adolescente com marcas no corpo, mente e

alma, uma mulher de olhos doces me estendeu a mão, uma mão que eu não quis segurar e, ainda assim, ela me deu um lar, mesmo que eu fugisse dele.

A verdade é que eu fugia por medo. Em todos aqueles anos foram quatro lares adotivos e nenhum deles foi bom, nenhum deles tinha aconchego, nenhum deles cuidaram de mim como deveriam.

Passei frio, fome, abusos e como eu poderia acreditar que do nada, alguém viria e me amaria, mesmo que eu dissesse não? Célia fez isso, ela não desistiu de mim e me apresentou tudo isso. Um mundo novo.

De início, ela achou que me colocar no boxe e muay thai seria algo bom para me ajudar com a raiva, ela sabia o que eu tinha aqui dentro, não sei como, mas ela sabia. O que ela não sabia é que, além de me salvar de uma vida miserável, ela me deu algo além. Meu treinador, lá no início, viu em mim potencial. Me ensinou a controlar cada sensação, cada emoção.

Não sou alguém comum, as marcas não deixam, mas sou alguém forte, forjada pela vida. Isso é parte do que sou e decidi fazer mais do que apenas seguir em frente. Decidi estender a mão. Benjamin, claro, mergulhou comigo nisso e hoje temos mais de cem crianças carentes fazendo parte do nosso projeto social.

Fico assistindo aos garotos jogarem, tendo fé que, de alguma forma, o que estamos fazendo aqui, irá ajudá-los. Temos alguns garotos que vêm de orfanatos, outros de comunidades carentes e alguns de lares de apoio. Procuro saber de cada criança do projeto, mantenho meus olhos neles, em cada comportamento, pronta a não deixar que nenhuma criança passe pelo que passei.

Uma criança não deve passar pelo inferno, ninguém deve.

— Olha quem achamos, amorzinho, sua madrinha rabugenta... — Ouço a voz doce de Fernanda e sorrio, antes mesmo de me virar.

A mamãe do ano está se aproximando de onde estou, trazendo consigo um pedaço de gente embrulhada em roupas cor-de-rosa, com direito a bochechas vermelhas e gorduchas.

— O que fazem aqui? — pergunto, me levantando da grama, notando Fernanda em roupas para malhar. *Ela veio treinar?*

— Sua afilhada veio te ver — fala, já me entregando o presente de

grego, que cheira a talco e gostosura. — Eu vim me matricular. Está na hora de voltar à ativa, ter meus músculos e minha barriguinha trincada de volta.

— Sério? — pergunto, tentando balançar a menina em meu colo, que teima em entranhar a mão em meu cabelo, mesmo preso em um rabo de cavalo.

— Sim, e seu irmão vai fazer minha avaliação.

— Por que ele? Eu posso fazer *pra* você — falo e temo sua resposta.

— E quem vai ficar com Luna?

E era essa a resposta que eu não queria. Olho o bebê babão em meu colo e pânico me toma.

— Ah, não, você não vai fazer isso!

— Não seja dramática, é só um bebê.

— Ela não gosta de mim! — Tento, mesmo sabendo que não vai adiantar, a pestinha será minha por alguns minutos.

— Ela te adora, adora sua voz, pelo menos. — Ela sorri e parece uma risada um tanto diabólica, tudo muito bem planejado.

Não é mentira, a pestinha ao menos gosta da minha voz. Quando Fernanda estava grávida ela tinha desejos estranhos, por exemplo, ficar deitada no chão da sala, comendo brigadeiro, olhando o teto e conversando besteiras, claro que com companhia, minha companhia, no caso.

Com isso, acho que a menina se acostumou com minha voz, ou sei lá. Chegou ao ponto de Fernanda me ligar no meio da noite, quando estava grávida de Luna e colocar em viva-voz para que eu falasse com sua barriga, isso a acalmava e ela parava de chutar as costelas da mãe.

Porém, apesar de gostar da minha voz, a menininha odeia o meu colo. O que acho ótimo, não levo jeito para crianças, apesar de até hoje, só ter tentado com ela. Odeio crianças..., mas acho que já disse isso.

— Isso não dará certo — volto a afirmar, enquanto andamos em direção à porta lateral da academia.

— Claro que vai, Madá não foi trabalhar porque está doente e se eu não viesse hoje...

— Não viria mais — completo, conheço-a bem e Madá é sua secretária do lar, que lhe ajuda com a casa e com Luna.

Fernanda ainda não voltou a trabalhar, pediu demissão após sua licença pós-parto. Em primeiro lugar, porque queria ficar um ano com sua filha, em tempo integral e trabalhou muito para isso, para juntar seu pé de meia que lhe permitiria ficar desempregada até Luna completar um ano. Em segundo lugar, ela recebeu uma boa oferta de trabalho, mas não para se empregar, para ser sócia de um novo escritório de advocacia, que ainda está em construção.

Ela topou, claro, e assim, ganhou o esperado tempo que quer ter perto da filha. Fernanda planejou essa gravidez por anos e se preparou para receber a filha, me orgulho dela, de quem se tornou.

— Isso, não viria. Além do mais, eu trouxe o bebê-conforto, brinquedos e o tablet dela. Ela vai ficar quieta, é só a levar para o escritório e deixar *ela* assistir a uma de suas animações. Geralmente, eu não a deixo assistir muito, meia hora por dia, vamos gastar todo esse tempo com você.

— Fico lisonjeada. Ela não tinha aula de natação hoje?

—Tinha..., mas desmarcaram. Não tinha jeito, amiga, ia sobrar *pra* você. Agora, bem que você podia ter aulas de natação aqui para crianças, *né*?

— É uma ideia... Agora sei bem o motivo de você ser advogada, Fernanda, é ótima em convencer pessoas — falo e ela sorri de orelha a orelha.

— Alex sempre diz o mesmo. Mas e você, já começou a pegar pesado para a próxima luta?

— Voltei, dieta, natação e treino pesado.

— Estarei lá torcendo por você e, ah! Marcamos com Gabriel para irmos ao cartório assinarmos os papéis referente à guarda de Luna. Semana que vem *tá* bom?

Assinar os papéis...

— Claro, dá sim.

— Ótimo. Vamos lá *no* escritório, vou deixar *ela* agasalhada ouvindo as musiquinhas que tanto ama e vou para aula. Ela vai se comportar, sabe que ela não é chorona e tem tudo que precisa aqui, nesta bolsa.

— Uhum... sei...



Sei uma ova, estou aqui no escritório, com um bebê a fazer bico, a ponto de abrir o berreiro e não tem tablet, não tem urso, bebê-conforto, nada que a faça sorrir ou calar a boca.

Começou muito bem, deitada, quieta, ora com os dedos na boca, ora com os pés, mas calada. Porém ela começou a soltar pequenos grunhidos, acho que era sua tentativa de dizer: me tira daqui. Não tive alternativa.

— Olha, não me faz essa vergonha, *tá* legal? Você gosta da minha voz, lembra? — Ela me olha, o bico se desfaz, mas os olhinhos estão cheios de lágrimas. A pestinha vai acabar chorando. — Sou sua madrinha, sabia? Não por opção, sua mãe quase me obrigou, ainda assim, tem que gostar o mínimo do meu colo — falo e ela me olha, curiosa, parecendo realmente escutar o que digo.

Não quero ser aqueles adultos idiotas que ficam se gabando de tudo que seu bebê faz, porém, ela é esperta, tem olhinhos curiosos e é elétrica. E chorona, pois começa a querer chorar novamente.

— Porra, pedaço de gente, não fode comigo! — Levo a mão à boca ao notar que falei um palavrão, merda, que boa referência eu sou..., mas ela não vai contar para mãe dela, não é?

— Que coisa feia, falando palavrão *pra* uma criança?

Caralho!

Olho assustada para a porta, vendo Bruno, com todo o seu tamanho e músculos, em pé, nos olhando com aquela cara sarcástica sem-vergonha. O bebê não vai contar, já ele...

— Não era nem *pra* você ouvir isso, é um segredo meu e da pestinha, e o que faz aqui, bundão? Faz quanto tempo que *tá* aí, na surdina?

— Desde que *tu* está aí, implorando *pra* ela não chorar. — Ele entra na sala e chama a atenção de Luna automaticamente, que diferente de mim, ao vê-lo, ela se abre inteira e lhe estende os bracinhos.

Terroristazinha traidora. Eu sentiria ciúme, se soubesse o que é esse

sentimento, mas ao contrário disso, sinto alívio por ele pegá-la do meu colo.

— Só *pra* constar, você é péssima com bebês.

— Nunca disse o contrário, toma a fralda também. — Jogo o pedaço de pano em seu ombro e volto a me sentar, chego a suspirar de alívio.

— Talvez ela esteja com fome, cadê a mamadeira? — pergunta e eu pego a enorme bolsa que Fernanda me deu e procuro pelo objeto. Por que não pensei nisso antes, pode ser fome...

— Toma. Pode mesmo ser fome.

— Ou, ela só não gosta de você. Crianças sentem quando as pessoas são... estranhas.

Reviro meus olhos para o comentário e ele não perde uma chance, sempre soltando alfinetes.

— O que veio fazer aqui, mesmo? Benjamin está lá embaixo.

— Eu sei — fala, mas está com sua atenção na menina em seu colo, que chupa, com gosto, o bico de sua mamadeira. — Vim malhar, mas encontrei Fernanda lá embaixo, ela disse que Luna estava aqui com você e vim vê-la, me certificar de que ela estava bem com você.

Em uma situação diferente, ao qual ficar com um bebê fosse confortável, eu lhe diria que ele já poderia ir, mas, o caso não é esse, não mesmo, estou mais que agradecida.

— Eu disse que não levava jeito, não me ouviram. — Dou de ombros. E o silêncio desconfortável, enquanto Luna toma mamadeira, toma conta do lugar.

É quase impossível não o notar ou ignorar sua presença, Bruno não é o tipo de homem que se ignore, sua presença por si só se impõe e pensar que em alguns momentos, Fernanda tentou, inutilmente, que saíssemos juntos. Um encontro, um romance...

Imagine só... porque eu, nem consigo imaginar. Não é por ele, não só por ele, na verdade, só não me imagino em um encontro com ninguém.

— Fernanda já te falou sobre ir ao cartório? — É ele quem quebra o silêncio, a voz rouca quase criando eco no local.

— Já, sim. Parece que será segunda, não é?

— Isso, segunda. Como... como *tu tá?* — pergunta e me pega de surpresa e em primeira mão, não entendo bem a “quê” se refere. — Quero dizer, com relação a isso tudo?

Deixo a tela do computador e o olho, em pé, segurando um bebê que, ao final da mamadeira, já está cochilando.

— Sinceramente? — Ele confirma. — Estou bem... no início, foi um tanto surpreendente e inesperado, mas é só uma precaução, não é?

— É, é sim...

— Então, está tudo certo! — falo, com convicção, mesmo que no fim meu estômago sempre esfrie ao pensar nisso.

Seu celular toca e ao olhar a tela, ele me entrega Luna, com jeito para não a acordar e atende ao celular. Fico quase imóvel, com receio que ela acorde, a ninando em meus braços enquanto observo-a chupar os lábios. Fico olhando cada detalhe de seu rosto, ela é mesmo perfeita.

— Tenho que ir, chamaram do batalhão — Bruno volta a falar, já indo em direção à porta.

— Era Alex?

—Era. Vou indo, tchau, dona encrenca.

— Tchau, bundão, e, Bruno! — Ele me olha. — Cuida dele!

— Pode deixar!



Capítulo 08

O imprevisível, por vezes, nos choca...

Bruno

— *Porra*, e onde acharam o delegado federal, *caralho*? — pergunto, puto, enquanto estou com Alex no carro, quase chegando ao batalhão. O cara deu muito mole. — Que puta cagada, *mermão*.

— Parece que ele estava perto da tua casa, ou sei lá, foi no bairro ali próximo. Seguiram *ele* e o pegaram antes de chegar à delegacia. Aparentemente, ele ainda baleou dois, mas não adiantou muito. Alvejaram o carro dele, mas não pareciam querer matar o homem logo de cara, o levaram.

— E o que querem?

— Ao que disseram, o cara é novo, recém-chegado e *tá* mostrando serviço, principalmente contra o tráfico. — Alex me olha, e sei que tem o mesmo pensamento que o meu: até que enfim uma boa notícia. — E *pra*

terem levado ele *pra* favela, só mostra que o cara *tá* no caminho certo. O que não sabem é se querem matar, *pra* servir de lição, ou pegar informações, ou os dois. Fato é que hoje é dia de subir o morro, irmão.

— E como sabem que ele está na favela? Entraram em contato?

— O comandante não entrou em detalhes. Mas não é caso de resgate, meu palpite é que vão apagar o cara. Após isso, quem vai ter colhão *pra* continuar a investigar o que o cara *tava* investigando?

— Porra... meu palpite é que ele *tava* no caminho certo e mais, começou a mexer em peixe grande. Deram nome?

— Não.

— Em todo caso, não sei quem é, mas já gostei do cara por estar fazendo algo. *Bora* buscar o filho da puta.

— *Bora* limpar a merda.

Chegamos ao batalhão e a movimentação parece grande para a operação. Descemos, entrando pela porta frontal. Da entrada já somos chamados para a lateral, onde um grupo está reunido, cumprimento todos com um aceno e me posiciono no círculo que formam.

— Caso fosse outro lugar, talvez não tivessem nos pedido apoio, mas é em uma comunidade e vamos ter que subir o morro. — Ouço o comandante dizer, meu superior. — É reação, quero duas equipes, alfa e beta, uma entra, outra fica de apoio. Vão estar à frente, mas chamaram apoio do CORE da polícia civil, também o COT da Federal.

— Tentaram entrar em contato? Ameaçaram alguém, além do tal delegado? — pergunto, chamando atenção.

— Não, Soares. A essa altura nem sabemos se o delegado *tá* mesmo vivo. Temos apenas sua localização, estão no alto dos Três porquês. — Sinto um arrepio, algo pequeno, quase imperceptível, fruto do semblante preocupado que vejo em Almero, meu comandante. — Mas é só ele. Pelo que sei, o cara não tem família, é novo aqui.

— Com todo respeito, senhor, quer me foder, é isso? Logo no Três porquês?

— Por isso chamei vocês, apoio. Não vai ser algo fácil, claro que

esperam um resgate ou uma tentativa. Peço controle, discernimento e calma para a situação.

— Que horas isso aconteceu?

— Ainda era cedo, mas o comando foi acionado há pouco. Estava na mão da equipe tática, até descobrirem a autoria do ataque. Isso é coisa grande, isso é...

— Comunidade — completo.

— Não pacificada, vale lembrar. Vocês entraram lá uma vez, em uma ação brilhante, prenderam o dono do morro quando esperavam que o matassem, certo de que o filho da puta fugiu, mas isso já não está em nossas mãos. O governador está preocupado, entramos em período de pré-campanha e ele quer apenas contenção. Vamos responder com ataque, pesado, mas com cautela. Entrem, peguem o doutor e saiam. Cuidado com os civis, cautela, não quero ninguém morto com bala perdida de polícia.

— Sim, senhor.

— Tua equipe vai entrar, Soares, a beta fica de apoio. E, presta atenção, eu não quero que isso feda mais do que já fedeu, Soares, segue a missão. Entra, resgata e sai. Não quero bala perdida, não quero cidadão de bem levando tiro no lugar de vagabundo. Agilidade, comando, agilidade. — Sua preocupação hoje já não é apenas a de matar vagabundo, não, é de controlar danos também. Como, por exemplo, a mídia negativa e os direitos humanos.

Saio para me preparar e a parte engraçada, é que ninguém, absolutamente ninguém, que não seja nós, policiais, estão preocupados com a vida dos nossos homens. Se um policial morrer... bom, morreu, ninguém faz passeata, os direitos humanos não caem matando em cima, a mídia esquece, somos apenas números, bucha para canhão. Já se um vagabundo morrer, é mais um injustiçado pela sociedade, um coitadinho que não teve oportunidade.

Esse discurso é para *playboy* filho da puta que não sabe o inferno que é subir morro, dando a cara a tiro, o mesmo *playboy* que financia o tráfico quando compra suas paradas para usar nas festinhas. Eu sei, parceiro, e quer saber? Não é bonito, tampouco encorajador, mas cá para nós? A sensação no final, após sair vivo, é de dever cumprido e se no percurso um vagabundo

cair morto... aí, parceiro, é vitória na certa.

Desse jogo eu gosto, a adrenalina, o controle, dominar é minha área. Isso eu domino, o peso da arma na mão, buscando um alvo e consequentemente deixando menos um vagabundo no mundo.

O que foi? Achou que eu seria o mocinho? Não, esse não é o meu papel, ao menos, não tão mocinho assim, como podem ver. Eu fui criado para preparar, invadir e matar bandido, torturar, se for preciso, sentir dor sem ser corrompido, morrer por uma causa. Se é a causa certa ou não, pouco me importa, é a causa na qual acredito e foda-se o resto. É só o resto!

Quando coloco esta farda, uso este símbolo, só me restam duas opções, matar ou morrer, e a segunda eu dispenso!

— Pronto, capitão?

— Sim, *bora*, missão dada é missão cumprida — confirmo, afinal, é o que é. — *Bora, bora, bora* tirar o doutorzinho de lá.



Os caras da civil estão tentando contato, mas claro, ninguém quer ceder. Não precisei chegar próximo ao ponto de negociação para saber o quão tenso o clima está.

A última vez que subimos este mesmo morro, a coisa foi feia, retaliação pesada e, ainda assim, pegamos quem queríamos, apreendemos armas, também muita droga. Se pensar além, não adiantou muito, hoje o filho da puta está solto e as armas e drogas presas na operação, não era nada comparada ao que devem ter hoje. Mas gosto de pensar que de alguma forma ajudamos na época em questão.

Claro que não vamos subir esta merda por onde nos esperam, seria suicídio. Demos a volta, pegamos uma parte mais íngreme, difícil pela mata fechada, mas quase invisível.

A outra equipe também deu a volta, está no apoio, enquanto nós, pegamos a primeira rua, o plano é chegar ao miolo da comunidade, onde devem estar, segundo a localização. O primeiro problema? Os moradores. O

segundo problema? É que depois da segunda viela, a porra deve estar lotada de traficante, além dos olheiros.

Seguimos entre muros e mato, muito mato, sendo camuflados pela roupa, de longe um vagabundo aparece, no alto de uma laje, um olheiro. Faço sinal, estando entre oito homens e Alex me olha, aponta para o infeliz e pede para passar.

Levanto a mão e dou o sinal. Esperamos que tenha mais alguém na laje com o vagabundo, nos preparamos para a resposta, não há mais ninguém e Alex dispara seu fuzil e acerta o filho da puta, que tomba sem demora, esperamos, o ataque, não vem. Esse estava sozinho, armado, nada mais e nada menos do que com um AK-47, o famoso fuzil de assalto, inventado pelos russos e uma das armas prediletas dos criminosos.

Arma de guerra, a guerra urbana, parceiro!

Seguimos em frente, sem olhar para trás, adrenalina nas alturas, suor escorrendo na testa, pescoço, costas. O sangue passando nas veias com rapidez rigorosa, o peso da arma parecendo maior, assim como o colete balístico que contra um tiro de fuzil não protege muito. O peso da morte pairando sobre nós. Estamos entrando de um lado e a outra equipe segue por trás, posição contrária à nossa, assim, formamos uma emboscada para vagabundo tentando fugir.

Agora, se virem a equipe lá atrás e der merda, aí... não tem mais plano.

Mal o pensamento acaba e o tiroteio começa. Bom, pela rapidez, algo me diz que não foram os olheiros a nos verem, de alguma forma, sabiam que vínhamos, tanto que não damos tanta sorte com o próximo grupo de filhos da puta atrás de uma barricada, três ou quatro, nem sei. Vem chuva de bala, parceiro, e o tiroteio começa, o zumbido dos projéteis cruzando o ar, o colorido das traçantes que chega até ser bonito, mas que significa morte, gritos cortam o vento. Avançamos, deixando corpos atrás de nós.

Sigo com minha equipe intacta, focada na missão e seguimos em frente, ouvindo o tiroteio pipocar também do outro lado, na parte de baixo.

Estamos na última rua para chegar onde queremos, seguimos por um beco apertado. Apesar do primeiro grupo à nossa espera, acredito que ainda não deram conta que duas equipes subiram, não nos esperam por essa

direção. E já posso ouvi-los.

— *Bora, porra, bora, porra.* O BOPE subiu! É *pra* sentar o aço nesses filhos da puta! — esse grita, saindo de um galpão, correndo, com uma pistola em punho e logo entra na mira do meu fuzil, ainda vejo seu olhar surpreso antes de ele tombar com um buraco no peito.

Continuamos o caminho, mas alguém chama minha atenção, um moleque curioso, não mais de oito anos. Levanto o braço, peço que parem e encaro o moleque.

— Passa *pra* dentro, moleque. Anda, vai. — Olhos arregalados em um corpo magro me encaram, que demora alguns instantes para responder ao que digo, mas que logo some por um beco estreito.

Olho a localização que foi dada, estamos no lugar certo, é só encontrar por onde entrar. O vagabundo morto ainda está no chão, imóvel, e tenho a impressão de que este é o lugar. Um bom esconderijo, eu diria. Mostro onde entraremos e seguimos cautelosos. Vagabundo não dá mole e o armazém velho deve estar lotado.

Eu estava certo e entramos na mira, outra vez. O inferno desaba sobre nós com uma chuva de fogo, até conseguirmos entrar no lugar. O cheiro podre é quase insuportável.

De onde sai tanto vagabundo, porra? Parecem ratos saindo do esgoto, armados para a guerra. Gritos estouram pelo galpão velho e não importa quantos caiam, tem mais vagabundo saindo de uma espécie de quarto escuro.

— *Bora, passa, porra!* — grito, estando protegido por uma viga de concreto, focado em contenção.

Barulho, gritos e mais tiros e aparentemente derrubamos todos, um banho de sangue e checo a equipe, a fim de me certificar de que não temos ninguém ferido. Alguns reclamam da dor, de levar um tiro no colete, mas nada de mais. Minha atenção é chamada por um gemido, um infeliz resiste, tentando pegar a arma deixada ao seu lado, me aproximo, pegando o filho da puta pela camisa encharcada de sangue, sem me importar com seu grito de dor.

— Onde *tá* o delegado, filho? — pergunto, fingindo uma calma que não tenho. Ouvindo o tiroteio do lado de baixo da favela pipocar, enquanto

gritos ecoam lá fora.

— Eu não sei não, senhor — ele choraminga.

— Sabe, porra, *tu sabe*. Fala logo, caralho, ou eu vou te passar.

— Eu não sei, não, senhor. Mandaram a gente ficar aqui e não deixar a polícia entrar.

Olho pra Leandro, atrás de mim, e ele pega o cara da minha mão e dá um tapa na cara dele, criando sangue em sua boca.

— Queria matar polícia, *porra*? — O filho da mãe não se abala e eu não tenho tempo para isso. — Fala, porra, onde *tá* o delegado?

O moleque olha para dentro do armazém, depois olha para o fuzil que antes ele segurava, jogado no chão, e volta a me olhar, gemendo de dor por ter levado um tiro no ombro.

— Acha que eu tô brincando? — Me aproximo e praticamente rosno, sacando minha pistola a colocando em sua boca. O vagabundo se assombra, sabe que não estou de brincadeira, em serviço, eu nunca estou de brincadeira.

— Lá dentro, perto da mesa velha, tem um buraco no chão. Eles *tão* lá.

Aprumo o corpo, guardo a pistola e volto a segurar o fuzil e olho para os homens atrás de mim, fazendo um sinal para seguirmos por onde o moleque indicou, e vamos em frente, mas antes, volto a olhar para Leandro.

— Passa o vagabundo — comando e sigo em frente, ouvindo apenas o disparo atrás de mim.

Antes de entrar, pego o rádio.

— Hei, 09, traz o caveirão, achamos o delegado.

— Sim, senhor.

Localizo o tal buraco no chão e logo estamos abrindo a portinhola, sem saber o que nos espera lá embaixo, mas prontos para descobrir. Abro com cuidado e uma luz fraca, amarela, está clara lá dentro e vozes, desconexas, conversam entre si. Três vozes diferentes, de início.

Faço sinal quando começamos a descer e paramos em meio à escada.

Um barulho alto ecoa no lugar, algo como um soco e um gemido rouco e agimos com pressa. Não somos idiotas, os caras estavam ouvindo os tiros,

estavam preparados, para caso entrássemos aqui.

— Deita no chão, porra, deita no chão!

A reação é automática, rápida, estavam bem-preparados. Cinco traficantes estão aqui, e todos eles tentam resposta imediata, sinto um tiro pegar em meu peito, a dor é lancinante, mesmo por cima do colete, e revido, sem chance para erros e quando procuro o último, ele tem o delegado em seu alcance, frente ao seu corpo, usando-o como escudo. Filho da puta.

Congelo no lugar, cobrando uma reação do meu corpo em seguida ao me dar conta da merda em que me meti. Um arrepio, quase um calafrio sobe por minha espinha e travo meu maxilar, ao constatar quem é o tal delegado em posse de traficantes. Sinto meu sangue correr quente por minhas veias ao tempo que meu estômago esfria ao reconhecer que o delegado que está na mão do traficante, é Heitor.

Engulo em seco, a arma em punho, raiva tomando conta de mim ao olhar o rosto de Heitor... ensanguentado e bem diferente do que eu me lembrava. A camisa branca está coberta de seu próprio sangue, seu rosto inchado, muito machucado e a raiva por vê-lo assim, aqui, me consome a ponto de perder o controle.

— Os homens de preto vieram buscar o delegado? — O filho da puta do traficante ainda acha que pode brincar, tendo meu irmão na mira de sua arma.

— Solta *ele*, se entrega, é melhor! — barganho, mas, na verdade, quero mesmo é acertar o meio de sua testa.

— *Tá* pensando que vai me levar preso, cachorrão? — Ele sorri, com sarcasmo, empurrando o cano da arma na frente de Heitor. — Sabe quem eu sou?

E nem quero saber. Eu poderia negociar, poderia sim, mas meu controle foi embora assim que olhei para os olhos de Heitor. O filho da puta veio mesmo para o Rio. Desgraçado.

Basta um olhar meu e é Alex quem atira, certo, fazendo o infeliz cair no chão. Heitor por pouco não cai ao chão também, sem forças, fraco e sou eu o primeiro a ampará-lo. Minha cabeça pesa, meu coração vindo na garganta, o peito doendo por vê-lo aqui, assim. A ironia do destino?

O filha da mãe me liga há dias e não o atendo porque não quero contato e o encontro logo neste inferno.

— Bruno — fala, tentando um sorriso. — Chamaram o BOPE?

— Heitor! — o cumprimento, pedindo apoio para o levarmos daqui, o caveirão nos espera lá fora. — Sim, chamaram. Ajudem aqui, levem *ele* — peço, tentando tirá-lo do meu alcance, trazer meu controle de volta e, para isso, preciso de distância do meu irmão.

Logo o levam de mim, enquanto Heitor me olha com uma emoção que não reconheço e me obrigo a tentar outra direção, ter foco, a missão ainda não acabou.

— Conhece *ele*, capitão? — Thiago pergunta e sequer o olho.

— Muito pouco, 06 — respondo, desviando o olhar. — Tirem *ele* daqui, precisa ir para o hospital. Vamos descer agora.

— Capitão, ele *tá* vivo — Me volto para Alex, olhando um corpo no chão.

Olho o responsável por toda essa merda agonizando no chão, meio de lado, o mesmo que tinha Heitor como escudo há pouco e me aproximo, pegando a pistola e apontando para ele, mas antes, faço questão de virá-lo, olhar em seu rosto, ver seus olhos.

— Cometeu um erro, parceiro, mexeu com o delegado errado.

O vagabundo sorri e nem sequer pisco quando passo o filho da puta, mandando-o direto para o inferno, um único tiro, no meio da testa. Mas outro geme na sala e Alex me olha, um tanto surpreso. Logo entendo o motivo.

Fecho meus olhos ao notar que o corpo sentado, gemendo e encostado na parede oposta, não passa de um moleque que deve ter seus 16 anos, com um tiro no braço, a arma a poucos centímetros dele.

O moleque me olha, tentando segurar a dor, lágrimas nos olhos... Imagino onde sua mãe está, o medo que possa sentir ao ouvir esse tiroteio, sabendo que seu filho está aqui. Não escolhemos onde nascemos, mas escolhemos o que faremos com nossas vidas, tudo depende de nossas escolhas.

— *Bora*, deixa esse aí. *Bora* sair — falo, deixando o moleque.

Começo a subir as escadas, mas ouço Alex me chamar, paro e o olho por cima do ombro.

— Bruno, *tá* tudo bem?

— Vai ficar melhor quando ele estiver no hospital, *bora!*



Capítulo 09

*Família é vínculo apenas sanguíneo,
ou podemos escolher quem acolher
como família?*

Bruno

A ambulância nos espera ao deixarmos a comunidade, e a operação é considerada um sucesso, não tivemos baixas, apenas um policial ferido, ferimento superficial, por sorte. Resgatamos a vítima e são mais de 14 traficantes mortos.

Estralo o pescoço, estão agora colocando Heitor em uma maca, ele está machucado *pra caralho* e precisa de um hospital. Não nos falamos enquanto estávamos descendo, protegidos pelo caveirão, o carro-forte blindado para operações especiais, eu não fiz questão de falar. Permaneço encostado no capô, olhando enquanto o imobilizam, quando Alex se aproxima.

— Deveria ir com ele — fala, sem muita ênfase.

Olho para o chão, sem querer responder, pois ele tem razão, eu deveria. Mas é difícil, não nego. Já seria difícil estar com ele em outra situação, mas em um hospital... Então me lembro o que senti ao vê-lo na mira da arma de um traficante, foi medo, medo de mais uma perda.

— Eu vou. — O surpreendo e entrego a ele meu fuzil. — Irei me certificar de que ele esteja bem e nos encontramos no batalhão mais tarde.

— Beleza e, irmão, ele é família... tua família. *Lembra* disso!

Não respondo e, a passos largos, após estarem todos bem-acomodados, entro na ambulância, vendo Heitor deitado e imobilizado na maca. Me sento ao lado e observo, calado, eles colocarem o soro em seu braço.

— *Pra* onde irão levá-lo? — pergunto, quando a ambulância já está em movimento.

— Para o hospital mais próximo, o...

— Leva *pro* São Salvador — peço, o cara me olha desconfiado, mas anui, avisando meu pedido ao motorista. Conheço o hospital, sei que é o melhor e o plano de saúde de Heitor deve ser bom o suficiente para cobrir os custos.

O silêncio predomina dentro da caixa de metal e plástico, enquanto fixo meu olhar em um ponto qualquer, sentindo o olhar de Heitor em mim. O desgraçado tem me ligado há dias, mas imaginei que ele se daria conta de que não quero reaproximação e que voltaria para sua cidade, pois até onde eu sabia, ele estava aqui de férias. Como eu ia imaginar que ele viria não apenas para passar uns dias, mas para morar?

Filho da... de uma mãe. O que ele quer? Foi embora anos atrás, quando mais precisamos dele, pior, me traiu e então, por que voltar?

— Eu fui *na* tua casa hoje de manhã — ele chama minha atenção, a voz cansada e só então o olho, todo arrebitado e sinto raiva, muita raiva dos filhos da puta que fizeram isso a ele.

Já quis encher sua cara de porrada, não só quis, como já fiz isso certa vez, no meu pior momento. Mas isso sou eu, ninguém toca na porra do meu irmão.

— Por isso Alex disse que o pegaram próximo ao meu prédio —

concluo. — O que fazia lá? E por que deu esse mole, não percebeu que estava sendo seguido?

— Precisava falar com você, preciso, na verdade. E não, quando percebi já estavam na minha cola, não consegui despistar — fala e geme de dor.

— Melhor falar depois, fica de boca fechada agora.

Ele nada diz, mas seu olhar fala por si e esse mesmo olhar arranca algo em mim, me destroça, é o mesmo olhar dela. Heitor tem seus olhos. Olhos negros e pequenos, piedosos, amorosos. Ele herdou a sua melhor parte, seu coração.

Somos diferentes em aparência. Ele tem a pele mais clara, cabelo preto, liso, em corte social, alguns cabelos brancos salpicam o cabelo próximo à orelha. A barba está por fazer, seu rosto mais magro que o meu, nariz grande e boca fina. Temos apenas a mesma altura.

Encosto minha cabeça no banco e fecho meus olhos, pensando no que aconteceria comigo se ao entrar naquele lugar, o tivesse encontrado morto. O tirei da minha vida faz tempo, por opção, mas o que eu faria se o visse morto?

A ambulância para em frente ao hospital e tudo é rápido e eficiente, ele é tirado da ambulância e levado para dentro e eu acompanho até onde me permitem. Fico na recepção, esperando, mais uma vez em um hospital, no mesmo hospital. Me aproximo da recepcionista e dou alguns dados necessários, e me coloco como irmão e acompanhante do infeliz. Após uma ficha extensa, pedem para que eu espere e me sento em uma das cadeiras, recebendo olhares enviesados de pessoas próximas. É a farda.

Finjo não notar e encosto minha testa em meus polegares, cotovelos descansando nos joelhos. Contemplo então que Heitor chegou onde queria, ele sempre sonhou em ser delegado e com o tempo, passou a almejar o cargo de delegado federal e aqui está ele. Ela estaria orgulhosa.

Quando éramos pequenos, dizíamos que seríamos homens da lei, lutando juntos contra o crime. Delegados ou juízes, ambos fariam Direito, era nossa meta. Mais velho que eu, cinco anos, ele conseguiu ingressar na faculdade, já eu, quando chegou a hora, tive que deixar isso de lado quando a

realidade mais cruel bateu à porta.

Heitor já estava perto de terminar seu curso, mas quando eu iria sair do casulo, tive que engavetar os planos por algum tempo, quando nossa mãe descobriu seu câncer. Tive que trabalhar, precisava ajudá-la, consegui emprego na recepção de um hotel meia-boca no centro, para ajudar minha mãe, para que ela tivesse condições de arcar com um bom plano de saúde.

Ela estava cada vez mais doente...

Heitor conseguiu um estágio, eu trabalhava durante o dia e fazia um cursinho à noite e conseguimos, junto a ela, dar o tratamento que precisava, mas o curso de Direito ficou para depois. Eu precisava de algo mais imediato, o concurso público era uma saída.

Não havia mais espaço para sonhos, mas todo o esforço que fiz não foi suficiente para mantê-la aqui comigo.

— Bruno? — Levanto meu rosto, dando de cara com Augusto, em dúvida se era mesmo eu aqui.

— Augusto — cumprimento e me levanto, me aproximando de onde está.

Augusto é o marido de Cristine, médico, e trabalha aqui, neste hospital, assim como ela também. Engraçado, o conheci exatamente aqui, mas em uma situação completamente diferente, uma que não gostei muito.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não, vim trazer Heitor, meu... irmão. Ele é delegado e foi ferido em uma ação. — Finjo naturalidade e Augusto franze as sobrancelhas loiras.

— Irmão? Desde quando?

— Desde que nasci, acho, já que ele é mais velho que eu. — Sorrio de sua confusão, ele não sabe que tenho um irmão, é claro. Quase ninguém sabe.

— *Tá* de sacanagem, nunca disse que tinha um irmão. — Me sento e ele faz o mesmo, ao meu lado.

Será que ele não tem um paciente para atender, não? E, olhando assim, enquanto tento articular algo, Cathe está certa, ele tem cara de Thor.

— Não estou, tenho mesmo um irmão. *Tá* morando aqui agora, pelo

jeito... nunca falei nada porque não somos muito próximos, eu e ele. Tô aqui apenas... bom, não teve jeito — concluo, impaciente por sair daqui.

— Cristine o conhece? — pergunta e o olho, decido então me divertir um pouco.

— Muito bem... era apaixonada por ele na adolescência. — Sua cara muda e eu acho graça, enquanto meu corpo parece voltar ao normal, após os últimos acontecimentos. Eu estava um tanto agitado.

— Você é um filho da mãe. Eu poderia desistir de te ajudar e deixar você aí, furando o chão, batendo o pé, só por essa gracinha.

Sorrio largo.

— Não tá mais aqui quem falou, e ela era jovem e idiota. Mas fala aí, pode agilizar e me deixar entrar? Preciso ir embora!

Ele se levanta e olha ao redor.

— Vou dar uma olhada com Helen e ver se o atendimento dele irá demorar, se não, te levo ao quarto dele. Qual era mesmo o nome?

— Heitor — falo, quero logo me certificar que ele está bem e sair daqui.

Fico esperando enquanto Augusto sai e corto qualquer lembrança, que ameaça vir, pela raiz, não permito me lembrar do dia que minha mãe se foi, de como ela se foi.

— Vem comigo, e seu irmão está bem. Parece que deslocou o ombro, mas já foi realocado, só irá precisar de tipoia.

— Que bom. — O sigo pelo corredor que ele indica. Sei que ele está curioso, mas sei que não vai perguntar nada a respeito. Provável que pergunte a Cristine depois.

Por falar nela, Crisy trabalha aqui como fisioterapeuta e ainda terei que avisar a ela que Heitor está aqui, ela não me perdoaria se não a avisasse. Situação fodida em que me meti.

— Fiquei sabendo do que aconteceu, passou no noticiário há pouco. Você já sabia que era teu irmão quando subiu o morro? — ele volta a falar, quando já estamos próximos aos quartos.

— Pior que não. Não sabia nem que ele *tava* morando aqui, *pra* ser sincero.

Augusto fica me olhando, sei o que se passa na sua cabeça. Deve se perguntar como diabos eu não sabia disso, por que não nos falamos.

— Sei, é o quarto 105, à esquerda. Pode ir até lá.

— Obrigado, Augusto. — Deixo-o e sigo até o quarto.

Só que não entro de imediato, fico parado na porta ao notar que ele ainda está sendo atendido por uma médica e uso isso como desculpa para ganhar tempo. Passei dias recusando suas ligações, mas não adiantou muito.

— O senhor ficará em repouso, sem maiores movimentos. — Ouço a médica dizer e fico atento. — Ficaré com a tipoia por um mês e depois voltará para fazermos outros exames, mas não se preocupe. Por enquanto, ficará em observação, por 24 horas, para nos certificarmos de que o senhor está bem. Mais tarde irei voltar para ver como está, alguma dúvida?

— Não, a senhora foi bem clara. — Ouço-o e ele não parece muito satisfeito em ficar em observação.

A médica agradece e passa por mim, me cumprimentando com um aceno e nos deixando a sós. Agora já não dá para fugir, mas ainda assim, não estou interessado em conversar, relembrar o passado. Quero saber apenas se ele está bem, após isso me *mando* daqui. Só então, ao estarmos sozinhos, Heitor me ver aqui, parado e sem ação. Alguns segundos se passam e resolvo entrar no quarto.

— Como você está? — Tento, direto.

— Como se tivesse sido atropelado, mas me deram morfina para colocar o ombro no lugar e analgésicos, então estou sem dor no momento, apenas me sentindo grogue.

Confirmo, sem saber o que dizer, ou melhor, sei o que dizer ou fazer, só não é tão fácil.

— Ótimo, então vou indo. Só queria me certificar de que está bem. Adeus, Heitor, e fique longe de encrenca. Não gosto de subir em comunidade *pra* limpar a merda dos outros. — Passo o recado de uma vez, sem rodeios, mas antes de sair, sua voz me para.

— Espera, Bruno. Eu preciso falar com você, já faz dias que venho te ligando para isso, conversar.

— Não temos o que conversar. — Sou incisivo, mas ele está mesmo determinado a falar comigo.

— Você é minha família, Bruno, não pode virar as costas para sempre, não acredito que me odeie tanto assim. Já faz muito tempo e só estou pedindo uma conversa, ela ia querer isso.

Engulo em seco, cerrando meus dentes, ele não tem esse direito e sinto meu sangue esquentar. Nossa mãe queria muitas coisas, em especial que ele tivesse aqui quando precisamos.

— Acha que sabe o que ela quer, Heitor? Logo você? Você não sabe de porra nenhuma, não a viu como eu a vi, não senti a dor que senti quando ela partiu. Eu não te odeio, mas também não o perdoo. Perdeu minha confiança quando decidiu me trair, quando foi embora e voltou com... Adeus, Heitor! — falo e desta vez não paro quando ele me chama, sigo em frente, tremendo de raiva.

Não deveria me atingir assim após tantos anos, não deveria e me pergunto: ele ainda está com ela? Quase bato de frente com alguém e paro, segurando os braços finos e delicados, recebendo um sorriso doce em resposta, um sorriso conhecido.

— Bruno, então é verdade? Heitor está mesmo aqui?

— Sim, no quarto ali na frente. Pode ir lá, Crisy. — Seu sorriso vai morrendo ao perceber meu humor.

— Não acredito que está indo embora... Bruno...

— Não, Crisy... não tomou um lado, anos atrás, não tente tomar um agora. Estou indo, depois nos falamos. — Beijo sua testa e me despeço, saindo do hospital a passos largos e sentindo cada músculo do meu corpo irradiar o que sinto.

Uma coisa é certa, não sou bom em perdoar e preciso me livrar dessa raiva guardada há tanto tempo.



Dou meu nome na recepção da casa de repouso e espero, até que alguém venha me chamar, caso ele queira me receber, ele não é muito famoso por seu bom humor. Ao menos, nunca fui barrada..., mas hoje parece estar demorando mais que nos outros dias.

— Pode se sentar, senhorita — a recepcionista, uma senhora até simpática, chama minha atenção.

— Ah, não, mas obrigada. — Tento um sorriso, voltando a olhar os detalhes do lugar. Até que é legal... aconchegante, como diz Célia.

Engraçado que até conhecer Célia, eu nem sabia o que realmente era sentir aconchego. Mas este lugar passa essa sensação, os velhinhos devem gostar disso aqui, da decoração. A casa principal é enorme, bem-cuidada e parece sempre estar recém-pintada, com um enorme jardim. Acho que escolhem o branco gelo para passar a sensação de espaço... ou eu seja apenas péssima em noções decorativas. Mas é legal.

Na sala onde estou, a recepção é modesta, um sofá grande, uma tv na parede, um tapete de crochê e uma mesinha de madeira no centro, com muitos quadros nas paredes.

Passo a observar as pinturas, uma sem sentindo algum, como, por exemplo, um dragão com a cabeça de uma serpente. Coisa feia.

Já os outros são de frutas e animais, sem a cabeça da serpente. Sorrio sozinha e um quadro, em especial me chama atenção. É uma casinha bonita, no alto de uma colina, próximo a uma cachoeira. Fico observando a imagem e me perco nos detalhes. Se um dia fosse me esconder do mundo, seria em um lugar como esse. É perfeito.

— Dona Sophie? Pode vir, ele está na área de lazer.

— Me chame de Sophie apenas, sem o *dona* — peço e agradeço, passando pela porta lateral que ela me indica.

Nem preciso procurar muito entre alguns idosos que estão aqui, logo localizo meu alvo, Francisco, sentado em uma poltrona, bem confortável, pelo jeito. Ele foi quem um dia ensinou a mim e Benjamin tudo o que sabemos, inclusive, a ter controle. Me aproximo.

— Ei, velhinho! — brinco e ele olha surpreso em minha direção e sorrir ao me ver.

Ele nem é tão velho assim, nada disso, está aqui por outro motivo que não a velhice.

— Você veio — conclui.

— Eu sempre venho — respondo e procuro uma cadeira para me sentar ao seu lado.

— É, você vem. Mas diga, como está? Preciso conversar com alguém que não fale de dores nos joelhos e cartas. Não suporto mais jogar cartas.

Sorrimos, me pergunto como consegue manter seu bom humor.

— Estou bem, com pode ver. E você?

— Um passo de cada vez... e estou indo bem. Agora me conte, como foi a luta?

— Não assistiu? — pergunto, ele nunca perde uma luta minha, na verdade, ele nunca perde nenhuma luta. É um viciado.

— É como perguntar se macaco quer banana. Claro que assisti, mas quero saber de você.

Sorrio. Francisco já foi um grande treinador de boxe, era o dono de uma grande academia de luta, quando Benjamin e eu o conhecemos. Eu o encontrei primeiro... não, ele me encontrou, sendo justa, em uma briga de rua. Me meti em confusão, como sempre fazia, uma briga boba em uma calçada. Três garotos mexeram comigo e eu os chamei para briga, sem levar desaforo para casa.

O primeiro soco foi eu que dei, claro, sem querer parecer covarde, não me importava em apanhar, desde que eu também batesse. O moleque ia me dar uma surra, era muito maior que eu, mas Francisco chegou na hora e nos

separou. Claro, não foi muito fácil, já que eu esbravejava que iria acabar com a raça do moleque encrenqueiro. É engraçado lembrar... é bom lembrar momentos bons.

Naquele dia, algo em mim chamou sua atenção. Segundo ele, foi a minha determinação. Ainda naquela calçada ele me fez algumas perguntas, que eu não respondi, é claro. Mas no dia seguinte, quando cheguei da escola com Benjamin, ele estava sentado na sala, conversando com Célia. O infeliz me seguiu naquela mesma tarde.

— A luta foi ótima. O que posso dizer, eu ganhei. — Sorrio e sei que me dará uma reprimenda.

— E está ficando prepotente com suas vitórias. Já falamos sobre isso. Benjamin tem que pegar mais pesado com você e, você, tem que diminuir o seu ego, garota.

— Você deve estar caducando, sabia? Pense nisso.

— A presunção e orgulho não ganham lutas, Sophie, treino e obstinação, sim. Agora me diga, com o que se distraiu na luta?

Paro, olhando-o, assustada. Ele percebeu?

— Nada.

— Mentirosa. Aquela distração poderia ter custado sua vitória e você sabe disso.

— Você é um velho irritante às vezes. Já passou, foi um momento bobo.

— São as verdades que irritam, eu não, eu só as falo.

Nego, e eu é que tenho o ego gigante.

— Como está indo com a fisioterapia, tem dado certo? — mudo de assunto.

Francisco não deveria estar aqui, mas um AVC lhe tirou os movimentos do lado esquerdo do corpo. Apesar de ter recuperado parte dos movimentos, ele não tem ninguém que poderia cuidar dele, então, optou por este lugar. Acabou vendendo sua academia para arcar com seu tratamento.

— Está mudando de assunto. Nunca gostou de falar, não é? Sei disso. E

respondendo sua pergunta, estou bem melhor, já sinto o meu mindinho.

— Isso é muito bom, sei que voltará a ter seus movimentos, sei disso.

— Eu também tenho fé nisso.

— França... Te tratam mesmo bem aqui? — externo minha dúvida, sempre me perguntei isso.

— Sim, sim, estou meio paralisado, garota, não demente. Se me tratassem mal, eu já teria dado um jeito e saído daqui, você sabe. Agora deixe de enrolação e me diga, o que te distraiu naquela luta?

O velho ranzinza, que hoje tem uma aparência bem mais magra e uma barba espessa e branca, parece estar zangado e decido por dizer a verdade.

— Achei ter visto alguém. — Dou de ombros. — Mas não era nada. Foi uma distração que não vai se repetir.

— Eu espero que não, aquilo poderia ter lhe custado caro.

Ficamos calados e pensamentos me levam àquele momento exato da luta, para aqueles olhos, aquele rosto.

— E seu irmão, por que não veio?

— Está na academia e está bem, namorando... acredita? — falo, procurando algo para falar que não seja minha vida.

— Alguém tinha que pará-lo um dia.

Sorrio, sou agradecida a Francisco, ele me deu algo que jamais irei ou poderei esquecer, ele me deu esperança.

— Célia... — começo, mas ele me interrompe.

— Sua mãe — ele me corta.

— Isso, e minha mãe agora tem uma nova missão de vida, me arrumar um apartamento. Quando ela vier vê-lo, deveria tirar isso da cabeça dela, sei que ela te visita sempre.

— Sim, sempre, e eu adoro sua companhia. — Sorrio, sempre achei que poderia acabar em romance a amizade que ele e Célia criaram. — Não posso interferir no assunto apartamento, concordo com ela. Você precisa de uma casa.

— Até você? Achei que me entenderia? Você morava em cima do QG.

— Mas era uma casa. Com cozinha, sala e quartos.

— Gosto do meu quartinho. É cômodo.

— Claro que gosta, claro que gosta...

Começamos uma conversa animada, que nada tem a ver com minha vida pessoal e perco a noção do tempo. Quando vejo, já é tarde demais e me despeço, prometendo não demorar a voltar e saindo em seguida. A essa hora a academia já está quase fechando, o tempo correu.

Ao menos, a academia não fica longe de onde estou e, de moto, o percurso fica ainda mais fácil e rápido. Logo, estou abrindo o portão lateral e colocando minha moto na garagem improvisada, mas ao contrário do que pensei, às luzes da academia, no primeiro andar, estão acesas e ouço vozes vindo de lá.

Quem está aqui a essa hora?



Capítulo 10

Lembranças... não se podem apagá-las!

Bruno

Ainda me lembro da dor que senti, na verdade, ainda sinto, só que agora ela vem camuflada de saudade. Mas naquela tarde eu estava sentindo uma dor que não cabia em mim, um buraco que eu não sabia como tampar, parecia mentira, me sentia cansado, esgotado tanto físico quanto emocionalmente. Não era para menos, eu tinha perdido a mulher mais importante da minha vida e enquanto a assistia morrer, ela chamava por ele, por Heitor. Mas ele não estava lá.

Minha mãe passou dois anos lutando contra o câncer. Foi operada três vezes em dois anos, mas chegou em um momento, que o câncer ganhou a batalha e, também, a guerra. Nada puderam fazer por ela, senão, tratamentos paliativos. No início da doença, vimos, nós dois, minha mãe definhar aos

poucos, sofrer com a doença, sentir uma dor insuportável e perder seus cabelos fartos. Mas, ainda assim, éramos nós três, pois quando tudo começou, Heitor ainda estava conosco.

Tudo aconteceu tão rápido, de forma tão devastadora que mesmo minha mãe, enfermeira e acostumada, de certa forma, com a doença, foi surpreendida. Eu sofria junto com ela, assim como Heitor, sei que ele também sofria, mas logo descobrimos uma grande diferença entre nós dois. Eu fiquei, aguentei a barra, segurei sua mão, já ele... meu irmão se foi. *Picou a mula*, como dizem.

Nossa relação já não era a mesma, balançada e já sem confiança, sua partida só piorou tudo. Segundo ele, não estava aguentando vê-la daquela forma. Nós sabíamos que acabaríamos perdendo nossa mãe e a dor veio antes mesmo dela ir. Tudo ruiu quando sua alegria se foi, sua luz deixou de brilhar e podíamos ouvir seu choro durante a noite. A doença a consumia, mas Heitor ir embora a devastou. Aquilo a machucou, aquilo... acabou conosco.

Claro, ele não disse a ela o motivo de ir embora, ele inventou uma desculpa qualquer. Disse que ia morar com nosso pai, em outro estado, pois tinha encontrado um ótimo estágio, remunerado, inclusive, e que poderia, assim, ajudar nos custos do tratamento. Claro, tinha um fundo de verdade nisso, mas a realidade era outra. Ele não aguentava vê-la sofrer.

Nós brigamos no dia que ele saiu de casa, mais uma vez. A relação que já vinha rachada, se partiu de vez.

Eu fiquei em casa com ela, ao seu lado, enxuguei suas lágrimas, coloquei minhas mãos em suas costelas na hora da dor, raspei sua cabeça e chorei escondido no banheiro quando ela não estava por perto. Fui a rocha que ela precisava naquele momento e ainda tive que lidar com sua culpa.

Ela se culpava por estar cuidando dela, por me dar trabalho. Achava que me atrapalhava, quando para mim, era uma honra, eu sabia que ela ia morrer e eu só queria passar cada segundo que pudesse ao seu lado, mesmo na dor. Acho que é por isso que nunca vou entender Heitor.

A pior parte, era que em seus delírios, nos seus últimos dias, ela chamava por ele, ela... sentia sua falta, chorava de saudade. Eu fingia que ele não mais existia... foi Cristine quem falou com ele, deu a notícia de que nossa

mãe tinha piorado drasticamente, que estávamos no hospital e, então, ele viera vê-la, mas chegou tarde demais, ela já estava morta.

Quando eu o vi...

“— O que faz aqui? — bradei, em plenos pulmões, sem me importar com quem estava por perto.

— Vim ver... — Sua voz sumiu quando ele se deu conta ao ver o corpo inerte de nossa mãe na cama de hospital. — Ela, mãe...

Eu senti sua dor, eu vi em seus olhos o seu sofrimento, mas eu já estava sofrendo o bastante e não carregaria sua dor também, pois a minha própria já estava acabando comigo. Eu nunca o perdoei por ir, nunca o perdoei por não voltar, nunca o perdoei por não chegar a tempo, nunca o perdoei por me trair.

Deixei-me ser levado pela raiva, o ódio, eu explodi, pois para mim, naquele momento, ele não tinha o direito de chorar por ela. Ele escolheu ir e eu não me segurei ao vê-lo ali, eu partir para cima dele.

Heitor não esperava aquilo e o peguei em cheio, com um soco no rosto, mas minha sede de extravasar não acabou por aí, pois o segurei pela camisa, o joguei no chão e montei em cima dele, desferindo toda minha raiva em socos onde eu pudesse alcançar. Ele não reagiu, apenas se defendeu e me desarmou.

— Reage, faz alguma coisa, porra! — eu dizia, perdido em minha dor, as mãos sujas de sangue... o seu sangue.

Mas aquilo não a traria de volta, nada a traria de volta. Fui tirado de cima dele por seguranças, Cristine gritava no quarto e foi comigo quando me arrastaram para fora. Eu desabei em seus braços em seguida. O que eu não sabia, era que nossa relação ainda iria piorar.”

Ganho uma toalha, que é jogada em meu rosto e volto a mim. Estou na Tribus, academia de Benjamin, sentado em meio ao ringue que minutos atrás estávamos trocando socos, Benjamin e eu. Em uma brincadeira saudável, uma forma de extravasar a raiva que me acompanhou durante o dia.

Sinto a região do olho arder e levo a garrafa de cerveja gelada ao local, tentando diminuir a dor. O desgraçado me acertou em cheio, em contrapartida, o fiz cuspir sangue. Eu queria apenas extravasar o sentimento preso no peito e conseguir, pelo menos, em partes.

— Tem ao menos que conversar — Benjamin fala, nem sequer o olho.

— Eu concordo — Alex palpita, ele também está aqui, estava assistindo à nossa luta. Ambos sabem que não tenho uma relação boa com Heitor. — Vocês eram muito ligados e ainda podem ser. Sentimento de irmãos não morre assim. Acho que ele está certo em voltar *pra* cá, Heitor está tentando se reaproximar, você poderia deixar. — Ele dá de ombros.

— Besteira, nem pode falar sobre isso, não tem irmãos *pra* saber. Sangue não define nada, uma relação de confiança, sim — defendo, é no que acredito.

Esses dois que estão comigo agora, esses sim são família. Em especial Alex, ele é realmente um irmão para mim.

— Olha, eu acho que uma conversa não faria mal e Alex está certo, ao menos o cuzão *tá* tentando.

— Estão do lado de quem, afinal? — pergunto, ironizando a defesa dos dois. Eles não sabem a história toda.

— Da verdade, te amamos, cara, sabe disso, estamos tentando ajudar. — Benjamin tenta pôr panos quentes.

— Sei... dois *arregões*, isso sim.

— Olha, irmão — Alex começa, tomando um gole da cerveja em sua mão. — Benjamin *tá* certo, o cara é teu irmão, estávamos aqui quando tudo aconteceu, o cara errou feio, mas vimos como ele te fez falta. Talvez *tá* na hora de deixar a mágoa de lado...

— É só sangue, não temos mais nenhuma relação, é só seguir em frente.

— Teimoso como uma mula, não adianta — Alex murmura e Benjamin concorda.

Até eu concordaria, sou realmente teimoso, mas o que me prende não é teimosia, é a mágoa.

— Ainda sonho com ela... — começo e ganho a atenção dos dois. — Em seus últimos dias. E em minhas lembranças, sempre o que me vem à cabeça são os piores dias, é ela chamando por ele..., mas ele não estava e eu fingia ser ele. Eu dizia: “eu estou aqui, mãe, vim vê-la”, e ela achava ser

mesmo ele. Seus olhos voltavam a ter brilho, mesmo em seus delírios.

Nós nos entreolhamos quando termino de falar e sinto meu coração bater mais forte com a lembrança. Não falo muito disso, as lembranças machucam. Doía mais, hoje dói menos, acredito que faz parte da aceitação em perder alguém.

— Pesado...

— É, pesado... — Benjamin concorda.

Dois paspalhos, é hora de espantar as lembranças. Já é tarde da noite, a academia está inclusive fechada, só tem nós três aqui. Acabei chamando Alex para vim para cá, subir no ringue, conversar, beber cerveja e Benjamin não se opôs.

— Vocês são dois cagões!

Somos interrompidos, o celular de Alex toca e não é difícil saber quem é, a cara dele já diz tudo. Ele só dá esse sorriso bobo e apaixonado por uma pessoa: Fernanda. Idiota apaixonado.

— A patroa, vou atender e já volto. — Ele sai em seguida, o sorriso grudado no rosto.

Admito, os dois têm uma relação bonita. Não acredito em casamento, na coisa de me amarrar a alguém que irei amar incondicionalmente, a vida inteira, para mim isso é loucura. Mas parece que com algumas pessoas dá certo, Alex está indo bem.

— Perdoa, cara. — Benjamin volta a tentar. — Faz bem... fiz isso com meu pai, ando com a alma mais leve. Pensa bem, Bruno. Pode ser o que precisa.

— Estive bem até agora sem ele, continuarei assim.

— Pode ficar melhor se o tiver, pensa nisso.

Posso? Não mesmo, de toda forma, chega desse assunto.

— E Mônica, como vai o relacionamento? — Como Alex, ao atender ao telefone segundos antes, Benjamin sorri e me entrega uma cerveja do cooler.

Esse é outro bobo apaixonado, foi pego pelas bolas, caiu de quatro

como um cachorrinho.

— Melhor impossível, ela é perfeita, acho que é ela, cara. Não, tenho certeza, é ela.

— Vai me dizer que vai se amarrar de vez?

— Talvez... — Sorri, se dando por vencido.

— Mais um soldado abatido, preso pelas bolas... — Rimos, mas ele não nega o que digo.

— É, a morena me tombou, não posso negar. É como se... meu dia começa apenas ao ver aquele sorriso.

Acho que nunca vou entender isso, mas também acho genuíno tal devoção. Acredito até mesmo que é algo que poucos podem sentir.

— Poético — zombo, mas ele já parou de ligar com as brincadeiras relacionadas ao seu namoro com Mônica. A conheci uma vez, brevemente. É uma mulher realmente linda.

— Vai zombando...

Sorrio e passos chamam nossa atenção. Salto alto?

Viro em direção à entrada dos fundos da academia, que dá acesso à área externa e não, não são saltos, são coturnos, é Sophie. Ela vem se aproximando, séria, mas parece de bom humor, ao menos as sobrancelhas não estão travadas.

— Festinha particular, meninos, é isso? — Ela se aproxima do irmão, mas não o toca. Apenas pega sua cerveja e toma um gole.

— Devolve minha cerveja, álcool está cortado para você, mocinha. Onde estava? — Benjamin pergunta e ela o olha, sarcástica.

— Virou fiscal de velocímetro?

Eu acho engraçado esse seu jeito indomável.

— Boa noite *pra* você também, Maria Sophie — cutuco a onça. Eu não sei o motivo, mas ela odeia ser chamada pelo nome completo e, sabendo disso, gosto de tirar uma com sua cara. O vinco na sobrancelha aparece quando ela me olha.

— Tá aí, bundão? Nem tinha percebido... — devolve. — Eu vou subir,

tentar dormir cedo, boa noite, moças. Viu, bundão? Sei ser educada quando quero.

— Marrenta.

— E... joguem as garrafas fora quando terminarem.

— Sim, senhora!

Fico a observando sair, altiva, a calça de couro preta colada ao corpo, jaqueta no braço e uma blusa colada ao corpo, mostrando apenas um pouco da tatuagem que aparece na omoplata que a blusa deixa transparecer, em cores vivas. Ela tem uma fênix tatuada nas costas, vibrante, em pleno renascimento.

Ao contrário de algumas mulheres, ela não rebola, mas não precisa disso para chamar atenção...

— Para de olhar.

Viro meu rosto para Benjamin, o canto da boca meio inchado.

— Melhor que olhar *pra* tua cara. Mas fala sério, ainda tem ciúme? — acuso, mas sei que não é ciúme, é cuidado. Para ele, Sophie é um cristal. Já brigamos uma vez, por meu interesse juvenil em sua irmã, e olha que eu só ofereci um suco. — Não pira, Ben, não quero nada com a senhora encrenca. Só a olhei porque estava saindo e minha outra opção era olhar tua cara feia, não é nada de mais.

— *Me* erra, Bruno.

— Agora, me diz uma coisa, só a nível de curiosidade, cara... Sophie é lésbica?

Benjamin me olha, seguindo o olhar para onde a irmã acabou de sumir há pouco. De onde saiu a pergunta? Curiosidade apenas, nunca a vi com ninguém, nunca pareceu sequer querer alguém e, claro, para ela eu não perguntaria.

— Não sei, mas também não me interessa e não deveria te interessar também.

Pego a toalha branca, que ele mesmo jogou em mim há pouco, e balanço para cima, em sinal de rendição.

— Tudo bem, não está mais aqui quem falou.

— Quem falou o quê? — Alex volta e Benjamin disfarça.

— Nada.

— Sophie — respondo. — Perguntei se ela é lésbica, ele não quer responder.

— Oh... — Alex me olha, curioso. — *Tá* com interesse, capitão? — brinca, bufo em resposta.

— Não fode, Alex. Curiosidade, apenas.

— Sabe que Fernanda ainda tem esperanças, *né*?

— Melhor ela esperar sentada. — Fernanda, o anjo casamenteiro, que ela jogue sua mandinga em outro.

— E aí? Vamos subir no ringue de novo? — Benjamin pergunta, na verdade, ele quer mesmo é tirar o foco de sua irmãzinha. Um cagão.

— Só se for agora.



Capítulo

11

*A vida ficará mais leve quando
entendermos que não podemos fugir
daquilo que está dentro de nós!*

Sophie

Sonhos... mais um sonho e, sempre, igual. Uma rua que eu não conheço, com pessoas que eu não conheço. Sabe quando você se deita na cama e, apesar de dormir, você acorda com a sensação de que não conseguiu descansar? Essa sou eu hoje, até mesmo meu corpo dói. Ontem à noite, após chegar e dar um oi para os meninos, subi para o quarto, assisti um pouco de tv e acabei apagando.

Acordei já de manhazinha, antes do despertador, saindo de mais um sonho, o mesmo sonho e, desde então, estou em cima, no escritório, com uma sensação enorme de estar sobrecarregada de algo que não sei o que é. Hoje em especial não acordei de bom humor, estou um cu, como Benjamin costuma dizer.

Tenho que me livrar desses pesadelos, não posso deixar isso me atingir, se eu, ao menos, soubesse do porquê os tenho. Mas não me lembro de nada em absoluto, são apenas sonhos de nada em especial. E quando tento puxar na memória, encontrar algo, tem apenas um buraco negro. Sobram apenas aqueles olhos tão piedosos, azuis como o céu, me olhando com intensidade e amor. Os mesmos olhos que achei ter visto aquele dia, na luta.

Deixo o ar sair dos meus pulmões e recosto minha cabeça em meus braços, tentando aliviar a pressão. Uma dor de cabeça ameaça a vir...

Uma batida na porta e levanto meu rosto, um tanto contrariada. *Mas quem caralho é?* Pedi para não ser interrompida por ninguém e, agora, alguém parece querer derrubar minha porta. Ah, que dê meia-volta, não vou nem ao menos responder. Será que não entendem o sentido de *não quero receber ninguém?*

Vá à merda, hoje estou com humor do cão, é bom não me tentar.

E esse humor só piora quando, sem nenhum respeito, minha porta é aberta e a cara feia e deslavada de Bruno aparece na minha frente, cínica e risonha. Quem diabos acorda com esse bom humor todo?

Chego a suspirar, enfadada, e me odeio por ter me esquecido de fechar a maldita porta. O problema dele é exatamente este, seu ar de dono do mundo, que eu odeio. Ah, uma correção, odeio homens no geral. Exceto Benjamin.

— Bom dia, dona encrenca. — Ouço-o, todo pleno em pé na minha porta, mostrando sua altura monstruosa e gigantesca.

— Não te avisaram que não quero ser interrompida? — pergunto, tentando me livrar. Já vi que terei que sair daqui, se não quiser ser atrapalhada.

Hoje não é um bom dia!

— Bom, Maria Sophie, me desculpe. — E ele ri. É de propósito, Bruno sabe que odeio ser chamada assim, pelo nome composto. — Só que tenho uma amiga que precisa falar com você e, como tenho bons modos, a acompanhei até aqui em cima.

E por que Eduarda, a recepcionista, não me avisou que tinha alguém? Detesto atender qualquer um quando estou neste estado de espírito e, ao ouvir

isso, presto mais atenção em quem possa estar com ele, já que não vejo ninguém. Mas percebo que atrás de *suas cambitas* está um pano floral, meio verde ou azul, sei lá, e bem, ele não usa saias. Quem caralho está aqui?

— Quem diabos quer falar comigo? Eduarda não me avisou que tinha alguém lá embaixo, à minha espera.

— Eu... — Ouço a voz amena, feminina, parecendo reticente ao me interromper, e suspiro.

Bruno sai para o lado, dando-lhe passagem e então um tipo de boneca *Barbie* entra em meu campo de visão.

Não estou de brincadeira, chego a olhá-la bem para ver se é de verdade. Não vou mentir, analiso-a da cabeça aos pés e, cá entre nós, chego a uma conclusão, não a conheço, nunca a vi mais bela.

E ela não tem cara de que trata de qualquer tipo de negócios, não com essa cara de quem vem pedir dinheiro emprestado a um agiota, parece apreensiva. A não ser que ela seja alguém que trabalhe com *marketing*. Se bem que os braços finos, de pele clara e delicados demais, são bem fortinhos para alguém que fica atrás de um *notebook* o dia inteiro. Pensando bem, se eu puder chutar, ela é bailarina ou pratica qualquer outro tipo de dança. Ela exala um tipo de elegância que não se encaixa aqui, ainda mais perto do brutamonte aí.

Mas a parte estranha é que a *Barbie* ruiva não se move, não mexe um músculo. Ao me ver, ela arregala os olhos verdes perfeitos e, assim como eu, me estuda por inteira. O nariz arrebitado, estilo patricinha, está um pouco vermelho, mas sem nenhum risco de antipatia, pelo contrário. Ao notar que me olha demais, ela tenta disfarçar, arranhando a garganta, dando um passo à frente.

Bonita para ela é apelido. Será que é namorada do senhor bundão? Será?

— E quem é você? — Tento, já que ela parece ter perdido a língua e só aí, a moça parece tomar coragem para falar.

— Me chamo, Alice, tenho um assunto particular para tratar. Serei rápida, se não se importar. — Direta, Gostei.

Até seu nome é bonito, combina com ela. A moça sorri, me mostrando

dentes brancos e alinhados ao tentar ser simpática. Eu queria estar com um humor melhor, ela não parece má pessoa, mas só de estar aqui, com ele, já está me dando impaciência e não é ela, sou eu.

Eu a meço novamente, o vestido longo, floral, esvoaçante, alta, pele clara, o que deixa os cabelos ruivos ainda mais vivos. Esqueçam a *Barbie*, sabe aquelas bonequinhas de porcelana? Então, é com quem ela se parece. Vamos ver o que a porcelaninha quer.

— Sei, pode entrar e você, pode ir, Bruno — dispenso, já que ele ainda está aqui. — Já conseguiu estragar meu dia com tua cara feia.

E pode não ser tão feio, mas vamos fingir... O cara de pau gargalha alto e a pior parte na sua personalidade é exatamente essa, o quanto é cínico e debochado.

— Fala sério, dona encrenca, seu dia só começa quando vê o moreno aqui. — E ainda é convencido.

— Vai à merda, Bruno! — mando, sem cerimônia alguma, fazendo a moça olhar de mim para ele, um tanto assustada, enquanto o grandalhão se vira e sai rindo, todo dono de si.

Idiota.

A mulher de nome bonito, que acabei de ouvir, mas não me lembro, é educada o suficiente para esperar que Bruno saia, para assim fechar a porta. Não entendo o que de particular ela pode ter a tratar comigo e continuo na mesma posição, agora recostada na cadeira, um tanto escondida pela mesa de madeira alta que tenho aqui.

Como em meu quartinho, aqui não tenho muito. Um quarto pequeno, todo branco, gerando a sensação de espaço, e os móveis são simples, de madeira maciça. Uma mesa grande, um armário no canto, para guardar a papelada e uma estante de troféus, que fica ao fundo. Uma portinha ao lado, onde fica o banheiro. Mas vamos voltar ao que interessa... a boneca que ainda está em pé, me olhando.

Por que diabos ela me olha assim?

— Senta aí... qual é mesmo o seu nome? Sou péssima de memória. — Não minto, sou realmente péssima.

— Alice, me chamo Alice, e é um prazer.

Ótimo, é só me lembrar de *Alice no País das Maravilhas* que lembrarei o nome dela. E uma pequena dor de cabeça, acho que devido à agitação, começa a surgir.

— E o que te traz aqui, Alice? Disse ter um assunto particular. Em que posso te ajudar?

Ela se ajeita na cadeira, desconfortável, parece em dúvida, eu diria...

— E tenho. Mas é algo delicado, Sofia.

O nome trocado, esse nome que as pessoas insistem em fazer confusão, me causa certo arrepio, não sei explicar, e me vejo corrigindo-a.

— Sophie, me chamo Sophie, não Sofia — corto, é inevitável, não gosto, apesar de ser quase a mesma coisa.

— Enfim, é um assunto delicado, eu ainda estou tentando entender como posso começá-lo sem parecer tão perturbador.

— Sei... Vamos do começo, então. O que acha? — Do começo deve ajudar, não? E essa demora está piorando meu estado de humor e minha dor de cabeça.

Ela segura a bolsa frente ao corpo, como se fosse para se proteger, respira fundo e então começa:

— Tudo bem. Eu tenho um namorado, quer dizer, noivo. — Lá vem, e o que tenho a ver com isso? Quase rolo os olhos. Será que o tal noivo malha aqui e está tendo um caso com alguma moça? Bem, o bundão acho que não é. — Que é quase um primo e ele passou quase a vida inteira procurando a irmã, que desapareceu quando tinha apenas quatro anos — continua e não sei aonde diabos ela quer chegar.

Tenho um pequeno tremelique na espinha ao escutá-la, minha pele sentindo um pequeno sopro de ar, que não sei de onde vem, como se fosse uma corrente de ar frio, mas o sol lá fora está tinindo. Me pergunto o que isso tem a ver comigo e espero o restante do seu relato, mas ela parece engasgada.

— Ele a encontrou dias atrás e tudo indica que é você.

Sem reação, seguro com firmeza em ambos os lados do braço da cadeira que estou sentada. Ela enlouqueceu? Chego a sorrir, ela só pode estar

louca. *O que diabos é isso aqui que ela está tentando fazer?*

Só pode ser alguma brincadeira, de muito mau gosto, à propósito!

— O que te faz pensar isso? — pergunto, e por mais que posso achar estranho e até mesmo surreal, luto para controlar esse bombardeio de emoções que suas palavras me trouxeram. Meu coração está disparado em meu peito e minha pele arrepiada. — Não me leve a mal, sabe..., mas é, no mínimo, estranho algo assim.

— Eu sei que é complicado, estou aqui agora mesmo sem que ele saiba, pedindo que isso não prejudique nosso relacionamento quando eu tiver que contar que te procurei, mas cansei de ver Pedro sofrer, de vê-lo sentir culpa.

Pedro...

Pedro...

Pepê...

Esse nome, esse nome... ele não me é estranho. Pedro...

Queria poder disfarçar o que isso está me causando, esse nome me trazendo aquela gastura conhecida de quando esquecemos um nome bobo de um remédio, por exemplo, e não conseguimos nos lembrar. É como se o nome estivesse na ponta da minha língua, aqui na cabeça, guardado em algum lugar. É como se com esse nome eu tivesse que lembrar algo que foi esquecido, como se tivesse apenas um fino véu precisando ser rasgado. Alice parece perceber minha confusão e falta de tato e continua:

— Ele nunca desistiu de você, até te encontrar e colocar na cabeça que você está melhor sem ele, que pode ser melhor continuar sem saber que ele existe e que te ama. Mas isso está acabando com ele.

A surpresa já não está em seu rosto e ela suspira, parecendo preocupada. Nego, quem sabe assim consigo bloquear toda a merda que ela está jogando em cima de mim. Sou filha única e só!

— Eu acho realmente tocante você ter vindo aqui pelo seu namorado, noivo, não sei bem, mas é impossível isso ser verdade, sou filha única. Meu pai morreu quando tinha cinco anos, sendo assim...

— Não, não é — nega, com veemência. Ela tem algum limite? — E acredite, quando a vi ali, ainda na porta, fiquei surpresa com o quanto se

parece com sua mãe, são idênticas.

Minha mãe... raiva parece querer explodir em peito quando ela fala isso, a mesma raiva que senti todo esse tempo, por ela ter me abandonado. Não, eu não tive uma mãe, nunca tive. A mulher que me deu à luz simplesmente sumiu, me deixando sozinha com meu pai, um homem bom. A quem quero enganar? Ele era um filho da puta e minha mãe? Com certeza não era diferente dele.

A mulher que me pôs no mundo era apenas uma parideira, afinal, ela só me pariu e se foi! Célia é mais minha mãe que a chocadeira que me trouxe para esse inferno!

— Quer me dizer que pareço com a mulher que me deu ao meu pai? Que me abandonou escolhendo o outro filho? Como acaba de dizer... — E toda minha paciência em ouvi-la se vai.

Sim, porque se ela tem outro filho... então, quer dizer que ela o quis, o criou, enquanto a mim...

— Não, não. Não foi assim, não foi, não foi o que eu disse. Te levaram dela, minha tia te amava, ela a queria, era louca por você. Você foi roubada, ela nunca te abandonou, pelo contrário, te procurou por anos, até...

Uma mentira! Espero o resto da frase, mas não vem.

— Até?

— Falecer, culpa de um câncer que não puderam curar.

Ela morreu?

Algo me aperta por dentro, um sentimento novo, algo... algo que traz uma geleira ao meu estômago, algo que nunca senti. Não é medo, mágoa, desespero, é... eu não sei. Abro a boca para falar, mas pareço ter perdido a língua!

Essa mulher mal sabe que está acabando com tudo, tudo que conheço até aqui. Se não é isso, ela está ao menos colocando um grande ponto de interrogação em minha cabeça. E eu quero desvendar esse ponto?

Não, eu não quero. Não mesmo. Não tenho família. Apenas Célia e Ben. E Gamora.

— Pedro acha que você está melhor sem ele, acredita nisso, mas ele

não está melhor sem você, está apenas se enganando. Só isso! Acho que tem medo de uma negativa sua, não sei.

Não consigo não abrir um sorriso mínimo, sarcástico, sem humor.

— Sabe o quanto isso é estranho? Você vem aqui, despeja tudo isso e pode estar, com dez minutos de conversa, mudando toda minha vida, dizendo que tenho, em algum lugar, um irmão, uma família.

— Eu sei, eu sei... e você tem razão — fala, sua expressão quase culpada. Talvez por ser tão intrometida. — Sinto muito, de verdade, pelo que aconteceu com você, por ter sido tirada de sua mãe, do seu irmão. Mas não está sozinha no mundo, Sofia... digo, Sophie.

Sente? Ela sabe ao menos do que fala? Não, ela não sabe. Não sabe o inferno que passei. E tirando uma mecha de cabelo do rosto, ela enfia a mão dentro da bolsa preta que traz no colo, parecendo procurar algo e me entrega uma foto.

— Esse é o homem que amo, seu irmão — fala.

De início, tenho receio em pegar, mas qual é? Não pode ser e seguro a fotografia em minhas mãos, que tremem, não sei se pela situação ou porque ainda não comi nada hoje.

Paro de respirar, sentindo meus olhos arderem de tanto que estou arregalando-os, surpresa. É ele... o estranho de outro dia, que veio aqui, certa vez. Não liguei na ocasião, apesar de ele ter me chamado atenção, ser marcante por ter os olhos... azuis como o céu. É impossível não comparar, são os mesmos olhos, os mesmos olhos que perseguem em sonhos...

Olho para ela, Alice. Que tipo de brincadeira é essa?

— Sei que isso é estranho, sei mesmo e, claro, há de querer um exame de DNA e tudo o mais, isso se quiser realmente conhecer essa história, sua história, e não tem problema, porque já sabemos que é você, não há dúvidas. E essa é sua mãe.

Como se não bastasse uma, ela me entrega uma segunda foto. Minha surpresa chega a ser ridícula, pois, se eu não tivesse a certeza de que nunca fui a essa fazenda que está na foto, eu jamais diria que não sou eu aqui, parada em meio à grama, com um garoto entre as pernas, com aqueles malditos olhos, um sorriso imenso no rosto.

Ele é o menino da padaria... Ela é... eu sou, é... somos idênticas.

Volto a olhar a mulher ruiva à minha frente, sem saber o que dizer, apenas:

— Não pode ser...

— Mas é. E eu sinto muito por tudo, por terem tirado sua família de você, sinto de verdade. Mas você ainda a tem, tem um irmão que daria a vida para tê-la com ele, *pra* voltar no tempo, que tem pesadelos quase todas as noites com o dia em você que foi levada — fala, enquanto não consigo tirar os olhos da foto em minha mão. Ela consegue chamar minha atenção apenas quando se levanta. — Bem, aqui está meu número e o nosso endereço, caso queira falar comigo. Espero muito que queira tê-lo em sua vida. Ele te ama, ama muito. Até mais, Sophie.

Pego o papel que ela me entrega, sem uma palavra a dizer e a vejo me dar as costas e sair. Volto a olhar as duas fotografias em minha mão e deixo meu corpo cair na cadeira. Minha mente começa a dar voltas, porque... isso é loucura, isso não pode ser verdade.

Um irmão... um irmão além de Benjamin. Não só isso, eu tive uma mãe que me quis e alguém me tirou dela... não, não, isso é algum mal-entendido, eles estão errados, tem que estar, pois se estiverem certos, mesmo que eu descubra que vivi uma mentira, eu nunca, nunca, vou poder conhecer minha mãe.



Capítulo 12

Empatia... isso sim faz a diferença no mundo, o ato de se importar, de amar, de amparar...

Bruno

Desde ontem tenho pensado no que conversei com Ben e Alex, aqui mesmo. Quando voltei para casa, já tarde da noite, não consegui pensar em outra coisa senão em Heitor, no passado. Desde que minha mãe morreu e que me decepcionei, mais uma vez com ele, nunca mais quis nenhum contato, o esquecendo completamente. A única pessoa que nos ligava tinha morrido e como fiz com nosso pai, fiz também com ele, esqueci que ambos existiam.

Nosso pai foi outro... minha mãe acabou se separando dele cedo, quando descobriu suas inúmeras infidelidades. Nunca fomos próximos, nem quando criança, ele sempre foi distante, autoritário, machista e eu... nunca fiz questão, ainda mais hoje em dia. Não mantenho nenhum tipo de contato, nem

pretendo. É escolha de cada um manter o que te faz mal, longe de você. Não sou obrigado a conviver com um filho da puta apenas... porque é meu pai. Pai não é aquele que empresta o sêmen e sim, quem cria, passa amor aos filhos, valores e isso quem me deu foi minha mãe.

Estou bem sem eles. Até, meses atrás, Heitor ter encontrado meu contato e insistir em me lembrar de sua existência, dizendo que viria passar as férias no Rio, que queria conversar comigo. Na época, cheguei a falar sobre isso com Cristine, Cathe inclusive estava internada, diagnosticada com Lúpus e enquanto lhe visitava me abri com Cristine. Estava com raiva e me dei ao trabalho de lhe responder, dizendo para não vir, não tinha nada para ele aqui. Não tive mais nenhum retorno dele até, semanas atrás, quando suas ligações e mensagens começaram a chegar.

Rejeitei todas as suas ligações, bloqueei suas mensagens, mas tudo que eu não imaginava era que o infeliz arrumaria uma transferência para o Rio, vindo não passar as malditas férias, mas trabalhar e morar aqui. Não sei seus motivos, até onde fiquei sabendo, ele estava bem onde morava, desenvolvendo um bom trabalho. Por que não continuou lá?

E seria fácil, mesmo ele morando aqui, eu fingir que ele não existe, mas aí é que está o meu calcanhar de Aquiles, pois quando o vi na mira de uma arma, sendo ameaçado por um filho de uma puta, percebi o que sentiria, caso aquela arma tivesse disparado em sua cabeça.

Uma coisa é não querer contato, mas saber que aquela pessoa está bem, vivo, levando sua vida. Outra, é saber que ela morreu, que você nunca mais a terá, mesmo se quisesse. E é essa emoção, essa incerteza, que vem mexendo comigo desde que o tirei daquele buraco, por mais que eu não queira pensar.

Heitor quer se reaproximar, mas poderíamos voltar a ter uma relação, mesmo com a mágoa e a traição que ainda sinto?

Seja o que for, fiquei sim com a consciência pesada, preocupado até, querendo saber como ele estava. Disse a mim e à minha raiva que não era nada de mais, não quis dar o braço a torcer e então usei Cristine para ter notícias dele. De início, ela foi dura em dar informações, com um grande sermão sobre esquecer o passado, dar uma chance ao futuro, mas ela sabe que eu não iria visitá-lo e me disse, depois de muito tentar me convencer de ir visitá-lo, que ele estava bem e que tinha recebido alta ainda nessa manhã.

Menos mal, por ora sigo com minha consciência tranquila, ou quase, afinal, ele estava certo em uma coisa, nossa mãe ia querer isso. Ela sempre se orgulhou do relacionamento entre nós dois. Cinco anos de diferença de idade não nos separavam, não diminuía a ligação e intimidade que criamos como irmãos. Ela sofria com a rachadura que nossa relação sofreu ainda antes de sua morte, ela ia querer isso... iria querer que eu esquecesse o passado.

Heitor sempre foi protetor, paciente, amoroso, sensível, um ótimo irmão, até...

Olho para o lado ao ouvir passos apressados, é Alice, descendo as escadas um pouco apressada demais, o rosto vermelho, enquanto fala sozinha, eu diria que sua conversa com Sophie não foi muito bem. Me levanto, deixando o exercício de lado e vou atrás dela, a alcanço já do lado de fora, no estacionamento, quando já está perto do seu carro.

— Alice! — chamo, ela me olha e não parece bem. — Ei, *tá* tudo bem?

— Acho que fiz besteira... — fala, olhando para os lados, levando a mão à testa.

— Como assim? Que tipo de besteira? Não me diz que veio aqui porque achou que Pedro está tendo um caso com Sophie.

Ela me olha assustada com minha suposição, quase ofendida, mas o que ela quer que eu pense saindo assim? Ainda mais depois do jeito que olhou Sophie, lá dentro, parecia em choque.

— Não, claro que não... ele não, me trairia... eu acho — fala, parecendo perdida. — Era outra coisa que eu queria falar com ela, uma coisa que não é bem da minha conta. Eu não queria fazer besteira... eu queria ajudar, sabe? Ele não queria vir até ela e eu... acho que fiz besteira, de novo. Augusto está certo, eu não posso resolver tudo e quando tento, só pioro as coisas!

Ela parece mesmo arrependida. Seguro seu ombro.

— Ei, calma, não pode ser tão ruim assim. Parecia tão decidida ainda há pouco, me diz, exatamente do que está falando? O que queria com Sophie?

— Eu... — Ela para de falar e chega a gaguejar. — Viu só? Eu já ia falar demais agora, mesmo. Eu sou muito agradecida a você, por tudo que já fez por mim, Bruno, mas eu não posso falar o que vim fazer aqui... desculpa.

— Não, tudo bem.

— Eu tenho que ir e, de novo, obrigada, por tudo.

A ruiva entra em seu carro, saindo em seguida, sem olhar para trás, enquanto a assisto ir. Do que ela estava falando? Por que estaria encenada?

Bom, ela tem um histórico real em se meter em confusão e de falar demais. Se bem que, sendo justo, não considero ter um ex-marido psicopata como estar em confusão. Ninguém quer transformar a própria vida em um inferno, as mulheres que se metem nessa merda, nunca imaginam que os filhos da puta, do dia para a noite passarão a espancá-las e abusar delas psicologicamente.

Não sei sua história desde o início, o que a fez conhecer o infeliz, não somos tão próximos, mas sei que ela teve um casamento com um cara abusivo. Isso já é o suficiente para ter nojo do infeliz e, em dado momento, me envolvi com sua história, a ajudei de certa forma e, então, a considero uma amiga.

Agora, a questão é... o que ela queria com Sophie? Volto a entrar na academia e me aproximo de Duda, a recepcionista.

— Duda, Benjamin tá aí? — pergunto, querendo avisar a ele sobre Sophie, algo aconteceu lá em cima e se Alice saiu assim daqui, como está Sophie? Não que eu acredite que alguma coisa possa abalar aquela mulher.

Sophie é um a pedra.

— Não, ele não chegou ainda, algum problema?

— Não, nenhum... bom, eu vou voltar ao que interessa.

— Vai lá.

Penso em voltar para o meu treino, mas é mais forte que eu e decido ver se está tudo bem com a dona encenca, se ela está tão perturbada quanto Alice saiu daqui.

Subo o lance de escadas, parando na porta, algo me dizendo que o que quer que seja, não é da minha conta, que é melhor dar meia-volta e voltar ao treino. Penso em bater, mas a porta não está fechada, apenas encostada e a empurro minimamente e já posso ver Sophie, andando de um lado para o outro em meio ao escritório. Apesar de ter um coração de gelo, o que quer

Alice tenha dito a ela, a abalou.

— Sophie — chamo, abrindo a porta e deixando que ela me veja, e em sua expressão posso ver que está tão perturbada quanto Alice, ao sair há pouco, mas tenta disfarçar ao me ver.

— O que é? Algum problema? — ela praticamente rosna a pergunta.

— Não, nenhum, não comigo..., mas Alice saiu há pouco e parecia nervosa, perturbada, achei por bem subir aqui e ver com *tu estava*.

Sophie sorri, com escárnio.

— Ah, ela estava perturbada? A *Barbie* ruiva estava perturbada? Essa é boa.

— *Barbie*? — pergunto e ela bufa, impaciente.

— Saí daqui, Bruno, e não me fode.

— Ah, não, eu não ousaria te foder, não aqui... — falo e seu rosto fica vermelho, acho que a brincadeira não veio em boa hora. — *Tá*, ela parecia arrependida de algo que disse a você. — Seja o que quer que tenha acontecido aqui, mexeu com Sophie. Nunca a vi assim.

— E deveria mesmo, não se brinca assim com alguém... não... não... se mexe com o passado de uma pessoa assim e quer saber? Deixa *pra* lá, no mínimo ela deve estar fora de si! — fala, tentando demonstrar uma calma que não sente.

— O que ela falou?

Ela me olha, enraivecida por minha pergunta, parece em dúvida. Me pergunto se está em dúvida entre me mandar me foder ou me jogar da grande janela ao fundo de sua mesa.

— Não te interessa... agradeço sua preocupação, mas estou bem.

Termino de entrar na sala, fechando a porta atrás de mim e me sento na cadeira em frente à sua mesa, o que a deixa confusa e claramente sem paciência alguma.

— Entendeu que eu estou te dispensando, não é? Que eu não quero falar com você, em hipótese alguma?

— Sim, sei ler bem as pessoas e claramente você não está bem e como

Benjamin não está aqui, estou tentando ajudar, se não percebeu ainda.

Ela respira fundo, ela vai me jogar pela janela... ou quase isso, posso apostar que vai.

— Quer me ajudar? — Confirmo. — Então me diz, quem diabos é Pedro?

Acho estranha a pergunta, muito estranha, mas respondo, se isso vai ajudá-la.

— Bom, se é do noivo dela que você tá falan...

— É, é do tal noivo, sim.

— Pedro é uma boa pessoa, pelo que sei. Sabe Cristine? Minha amiga, já a viu, deve se lembrar. — Ela confirma. — Foi através dela que o conheci. Pedro é primo de Augusto, marido de Cristine. É um ótimo homem, aquele tipo que se coloca na frente de uma bala por quem ama.

Ela franze a testa, parecendo achar loucura o que acabo de falar. Errada não está, convenhamos.

— Quem em sã consciência se joga na frente de uma bala por alguém?

— Isso, uma loucura, não é?

— Isso não me importa, e o que ele faz da vida? Conhece a família dele, os pais dele?

Isso aqui está parecendo um interrogatório, mas ela parece ter urgência em saber de Pedro. Sei que não se tratava de infidelidade, então, o que diabos é?

— Ele é médico e tem uma grande propriedade ao leste da cidade, um haras. Até onde sei, seus pais já morreram, mas parece que quem o criou foi o marido de sua mãe, que se casou quando ele já era meio grandinho. Alguma coisa assim.

— Sei... — fala, mas parece não está aqui.

Olho em cima de sua mesa, enquanto ela parece querer fazer um buraco no chão, andando de um lado para o outro e duas fotos me chamam atenção, junto de um papel com algo escrito. Uma das fotos é de Pedro e a outra, uma mulher e uma criança. Uma mulher que se parece muito com Sophie, seguro

a foto.

— Sophie... é você?

Ela paralisa ao me ver segurar a fotografia, se aproximando e puxando-a de minha mão com rispidez.

— Isso, isso... porra, Bruno. Eu preciso sair... preciso. — Ela pega as fotos e o papel de cima da mesa, em seguida a chave da moto e sai a passos largos, me deixando sozinho em seu escritório.

O que diabos aconteceu e se não era ela na foto, quem era?

Por via das dúvidas, é melhor ligar para Benjamin e avisá-lo sobre isso.



Capítulo 13

*Não importa para onde fuja, onde se
esconda, o passado sempre virá te
encontrar.*

Sophie

Vim a toda velocidade para a casa de Célia, depois que deixei a academia. Sendo sincera, quando saí, só queria me livrar de Bruno e seu interrogatório, mas me peguei no caminho para cá, meu coração aos saltos, parecendo querer galopar e sair pela boca. Toda a minha vida, eu acreditei que fui abandonada por minha mãe e ainda acredito que é o que é, mas... e se... Não, não é, porque se for... eu vivi uma mentira por vinte e dois anos.

Tenho a chave, e entro na casa de Célia como louca, nem sequer estacionei a moto direito lá fora, estou apressada, confusa, com o peito doendo. Que sensação é essa?

— Célia, mãe, *taí?* Mãe! — chamo, minha voz saindo aguda, alta, apressada, por mais que eu tente acalmar minha confusão.

— Sophie, o que foi, quem está na forca? — pergunta, com humor, entrando na sala, com um pano, desses de enxugar pratos, nas mãos. Suas feições mudam quando vê meu rosto, deve estar escrito em minha testa o quanto estou afetada. — Sophie, o que foi? O que aconteceu?

— Eu... o que sabe sobre mim? Sobre minha infância?

— Como assim? — pergunta, confusa.

Não é para menos, eu nunca quis saber nada, nunca conversamos sobre como foi minha infância no orfanato, em lares de apoio, nada. Ela até tentou conversar, tentou me convencer a ir a uma psicóloga, mas eu nunca aceitei.

— Nesses orfanatos, cada um tem uma ficha, não é? Eu devo ter uma ficha... não tenho?

— Sim, tem, claro que tem, você tem um histórico.

— Então você deve ter visto a minha... meu, e o que dizia?

— Mas espera, Sophie — pede, jogando o pano sobre o sofá bege. — Qual o motivo disso agora? Tem a ver com o seu estado?

— Por favor, mãe, o que dizia? — apelo, nervosa, ansiosa, como se tivesse um telhado de vidro sobre minha cabeça, que está prestes a ser quebrado

— Ora... — Ela se senta e eu fico em pé, não teria paciência para me sentar. — Começava dizendo que seu pai morreu quando você tinha cinco anos, quase seis, foi quando te levaram para o orfanato.

— E minha mãe, falavam algo dela? — Tento, com urgência, o que só gera nela confusão e dúvidas.

— Não... seu pai a criava sozinho, aparentemente ela a abandonou. É o que todos achavam.

— Todos quem?

— Da direção do orfanato. O nome da sua mãe não consta no seu registro, apenas do seu pai e quando te levaram, uma mulher, acho que uma vizinha, confirmou essa afirmação.

— Sabe quem é ela?

— Não, filha, não sei.

Meus olhos ardem e eu me nego a ter lágrimas em meus olhos. Isso já tem vinte e dois anos, vinte e dois anos, eu superei, eu superei todo o abandono, a morte do meu pai, todos os maus tratos. Grito para mim mesma, em minha mente, que eu já superei tudo. Levo a mão à cabeça, a apertando.

Estava tudo bem, eu me refiz, eu venci, apesar de tudo, por que isso agora? Por que alguém tinha que aparecer e mexer com a minha vida?

— Filha, o que foi? Está me deixando preocupada.

Ando de um lado para o outro, sem consegui me conter.

— Recebi alguém hoje... e essa pessoa, essa mulher, disse que tenho um irmão, um irmão que procura por mim, há anos.

— Como assim?

— E que tive uma mãe, uma mãe que me quis, que me amou... — As lágrimas insistem em arder meus olhos, mas eu nunca choro, esqueci essa emoção há muito tempo, simplesmente para não dar a ninguém o poder de me machucar.

Apenas eu posso ser minha própria oponente, só eu tenho esse poder... e eu não quero, não quero me ferir. Eu quero... seguir adiante, sem olhar ou me lembrar do passado. Porque se eu tive uma mãe, uma mãe que me amou e um irmão, então... eu não sei se posso lidar com isso. Não sei se posso lidar com a perda do que nunca tive e nunca terei, afinal, ela já se foi.

— Sophie... — Célia chama e então percebo que estou como barata tonta em meio ao cômodo. — Senta aqui e me conte isso direito.

Lembro-me das fotos em minhas mãos e entrego a ela, que de início não entende, as pegando em automático, buscando seus óculos que descansam no decote da blusa, só então olhando para as fotos.

— Mas é... — Célia está paralisada, assim como eu, horas antes, ao ver a foto.

— Quase idêntica — completo sua frase, as semelhanças são absurdas, isso não há como negar.

Mas quem garante que essa mulher não me entregou ao meu pai, que anos depois tentou me encontrar e pedir desculpas? Lembro-me do que a ruiva me disse e não, não foi isso que ela falou. Eu teria sido roubada dela e, o que isso quer dizer, que aquele homem não é o meu pai?

— Essa mulher, ela mora aqui?

Sinto meu queixo tremer, minha boca secar, meus olhos se enxerem de lágrimas e sinto raiva, uma raiva que não posso segurar, não posso conter.

— Ela morreu — falo baixo. — Parece que de câncer. A moça, Alice, disse que ela me procurou por anos, disse que o menino, que agora é um homem, nunca me esqueceu...

— Meu Deus!

— O engraçado é que eu sonho com ele, mãe, eu sonho sempre com esses olhos. Sonho com uma menina, pequena, em frente a uma padaria, brincando com uma borboleta. Esse menino, o da foto, está lá... ou acho que é ele, eu não sei. A menina se distancia dele e alguém oferece doces a ela, ela aceita e então eu acordo, eu sempre acordo nesse momento. E se era mesmo eu, mãe? E se...

— Filha, venha aqui. — Célia desiste de tentar me fazer sentar, e se levanta. Se aproximando devagar, esticando seus braços, demonstrando que irá me abraçar, eu não nego seu abraço, sua ternura.

De início, não deixo me levar, mas em seguida me agarro a ela, minha cabeça girando, meu peito e garganta ardendo por segurar o choro, minha cabeça ameaçando explodir e a raiva querendo me corroer.

— Ah, minha menina...

— E se for verdade, e se eu fui sequestrada? E se minha mãe não me abandonou? E se aquele homem nem fosse meu pai?

— São muitos “e se”...

São. E são dúvidas que estão mexendo comigo, me trazendo um passado que quero esquecer.

— São sim..., mas eu não sei se quero desvendá-los.

— Como assim?

Afasto-a e vou até o sofá, enfim me sentando. Porque se essa história for verdadeira, isso quer dizer que minha vida toda foi uma mentira, que eu fui tirada de uma mãe que me amava, de alguém que sofreu por mim, tudo para ser dada a um orfanato depois. E apesar disso tudo, eu nunca, nunca vou conhecer essa mulher, minha mãe de sangue. Ela nunca saberá que seu filho me encontrou. Me sinto como se eu fosse explodir e tem que ser mentira, eu prefiro que seja.

— Eu não sei, mãe. Estou confusa... depois de muito tempo, eu estou confusa novamente. Eu posso ir *pro* meu antigo quarto? — peço a ela, a deixando confusa, enquanto me olha com carinho e pena. Engulo em seco.

— Claro, filha, claro que pode ir, mas tem certeza de que quer ficar sozinha?

— Tenho, sim.

Levanto-me e vou para o quarto que um dia foi meu, que permanece idêntico ao que era antes, quando eu o usava. Paredes de um vermelho-escuro, nada de pôster, nada de fotos, só a parede intocada. Nunca fui esse tipo de adolescente, tinha apenas uma cama de solteiro e um guarda-roupa, que continua no mesmo lugar hoje. Me sento na cama e olho ao redor.

Se tudo isso fosse verdade, então eu nunca deveria ter sido tirada dela e como teria sido minha vida? Eu teria sido uma criança feliz? Eu teria gostado do meu irmão? Eu teria amado minha mãe? Eu teria sofrido agressões físicas? Eu teria tanto ódio em meu peito quanto tenho hoje?

Pego o travesseiro e enterro meu rosto nele, gritando, sem saber como aplacar minha confusão, como acalmar meu coração. Você vê casos assim o tempo todo na tv, crianças sequestradas, abusadas, vendidas..., mas e quando isso é com você?

Olho a foto em minha mão, do homem que a moça diz ser meu irmão. O que seria de nós se tivéssemos sido criados juntos?

Droga... eu nem sei se isso é verdade. Eu não sei..., mas e os sonhos? Por que tenho esses sonhos? Por que esses olhos me perseguem?

Eu não quero saber. Não quero essas incertezas em minha vida, não quero pensar no que não tive. Paro meu olhar na foto que está a mulher e o garoto, sentados em um gramado verde, parece ser em uma fazenda. Analiso

cada detalhe, em principal o menino, seus olhos bonitos e... tristes.

Busco semelhança entre nós, mas não temos nenhuma, a não ser a cor dos cabelos, já a mulher... nada é diferente. Talvez ela seja um pouco mais cheinha e talvez mais baixa. Me deito na cama e deixo de lado as fotos, olhando o teto, de gesso branco.

Eu posso escolher negar, eu posso escolher não ir atrás disso, não posso? Claro que posso. Posso seguir o curso da minha vida como está. Eu tenho um irmão, tenho Benjamin, tenho uma mãe que me deu amor e tenho... toda a confusão e raiva que guardo aqui dentro, que parece estar maior.

Mas ir atrás disso, conhecer esse homem e tirar essa história a limpo em nada fará diferença em minha vida.

Fico com os olhos fixos no gesso branco do forro do quarto, olhos abertos, sem focar em nada em especial, tentando deixar de lado os pensamentos conflitantes. Olhar o teto, sempre me acalmou em momentos ruins, desde que seja branco... que loucura. Não sei quanto tempo se passa, não quero saber, quero só acalmar minha mente e meu coração.

É só... Alguém bate à porta e me sento na cama, depressa, arrumando minha blusa. É Benjamin. Ele coloca a cabeça para dentro do quarto, um sorriso afável no rosto, respiro, aliviada, ao vê-lo.

— Como me encontrou? — pergunto e ele entra no quarto.

— Bruno me ligou, tentei te ligar, não atendeu, fiquei preocupado, mas mamãe ligou há pouco. Posso?

Confirmo e volto a me deitar, indo mais para o lado, lhe dando espaço. Não falo nada e sinto-o se deitar ao meu lado, ficando também calado, ambos na mesma posição, contemplando o teto e me vejo começar a falar:

— Um dia, me trancaram no armário, desses de madeira. Eu não era muito pequena, também não era muito grande. Dez anos, eu acho. — Sinto minha garganta doer. — Eu tinha derramado leite no chão, quando fui procurar o que comer, eu estava com fome, era só fome... eu não queria sujar nada, mas a vasilha estava quente e me queimou, acabei deixando tudo cair no chão. Me encontraram tentando limpar, eu pedi desculpas, de verdade..., mas eles não me escutaram e me bateram, bateram em meu rosto e me colocaram dentro do armário, de portas fechadas. Aquele lugar fedia... fedia à

barata, rato... — falo, com raiva, remorso, ódio e sinto a mão de Benjamin pegar a minha. — “Vai ficar aí pra aprender”. Eles disseram. Eu sentia dor, meu corpo doía, meu rosto doía, minhas costas ardiam, minha mão queimava e tinham baratas no armário, eu podia ouvir *elas* andando. Eu gritei, eu pedi socorro, eu chorei... eu... então veio a chuva, uma chuva forte, barulhenta, uma tempestade... eu gritei mais alto, mas não tinha ninguém, ninguém para me salvar. Eu fiz xixi, ali mesmo, nas calças, por medo, medo da chuva, do escuro, medo... de tudo, Benjamin. No dia seguinte... eu apanhei novamente, outra surra, outro castigo por mijar nas calças. — Seguro a emoção ao me lembrar daquela noite, sem querer olhar para Benjamin. — Ben, mas e se eu não precisasse passar por isso, e se eu tivesse uma mãe que me quisesse, que tivesse me amado, e se eu nunca precisasse passar por isso?

Eu o olho, lágrimas me descem, desta vez não consigo segurar, mesmo que eu tente. Eu nunca disse a ninguém o que passei em lares de apoio, no orfanato, nunca. Tudo por não querer relembrar, por não querer que sentissem pena de mim, eu venci na vida, eu deixei isso para trás e ao falar, as lembranças vinham e tê-las vivas é sempre doloroso. Mas agora, agora... Benjamin me abraça, me traz para seu peito e beija meus cabelos.

Deixo-me ser tocada, afagada, ele tem esse poder, ele pode me acalmar com um abraço ou apenas, com sua presença.

— Ei... não pensa assim, não fica assim. Nem ao menos sabemos se essa história é verdade. Pode ser um engano. — Confirmo, mas mostro a ele as fotos e ele as olha, ficando alguns instantes em silêncio. — Sabe, eu li que tem cerca de sete pessoas que se parecem conosco no mundo, podendo ser idênticos.

Limpo meu rosto e sorrio ao ouvi-lo, o olhando.

— Obrigada...

— Falo sério.

Ficamos calados, seus dedos alisando meu braço.

— Ben...

— Oi.

— Não sei se quero saber, não sei... ela morreu, sabia?

— Sim, nossa mãe me contou.

— E, se for verdade, eu não sei se quero sentir isso, não sei se quero sentir a perda do que nunca tive e nunca terei.

— E não precisa, não, se não quiser. Estou aqui, caso queira averiguar toda essa história e estou aqui, caso queira apenas esquecer. É um direito seu! É um direito meu.



Fico olhando enquanto Fernanda amamenta Luna, estamos em seu quartinho, todo rosa e infantil, cheio de brinquedos, a parede coberta de fadas bem-desenhadas, o quarto perfeito. Não sei o que Benjamin e Bruno contaram a ela, mas após negar dormir na casa de Célia e voltar para a academia, Fernanda e Luna foram me buscar. Sua desculpa? Alex está de serviço e ela não queria ficar sozinha.

Aceitei seu convite sem muito esforço. Não tinha forças para negar nada, estou aérea desde cedo, um tanto fora do ar e aqui estamos.

— Está me olhando como se amamentar Luna fosse um sacrifício enorme — ela fala e me faz sair de uma hipnose, estava mesmo a olhando.

— Não foi por mal..., mas não dói?

Ela sorri, alisando a cabecinha de Luna, os cabelinhos castanhos cacheados.

— No início, sim, agora não. Mas amo amamentá-la, é a sensação mais perfeita do mundo, Sophie. Esses olhinhos, tão carinhosos ao me olhar enquanto mama... é a simplificação do amor.

— É estranho como as pessoas são diferentes. Eu acho que nunca conseguiria.

— Ser mãe? — pergunta, sem tirar os olhos de sua bebê.

— Ter alguém... uma família, filhos... não consigo. Gosto de ser um lobo solitário. — Ela então me olha.

— Não é um lobo solitário, tem a mim, Alex, Luna, sua mãe e

Benjamin.

— É, tenho sim.

A verdade, é que nunca me senti, realmente, parte de nada em particular. Nunca me liguei a alguém ao ponto de dizer, esse é o meu lugar. Apesar de amar a família que ganhei, no fim, eu sempre parecia perdida.

— Quando vai começar a falar?

Sei a que se refere.

— Qual dos dois te contou? — pergunto e me aproximo delas, vendo Luna sugar seu seio com vontade, os olhinhos sonolentos. Tenho vontade de beliscar suas bochechas.

— Bruno falou que algo poderia estar errado com você. — Além de bundão, é fofoqueiro. — Eu já ia te ver, mas Benjamin também me ligou à tarde e me contou tudo.

— Então, não tem mais nada o que contar.

— Não, não tem, mas não dessa história, pois o que quero saber é como você se sente, como está, o que fará?

— Eu me sinto... — Sou impelida a mentir, dizer que estou bem, mas desisto, minha guarda totalmente baixa. — Me sinto em uma simulação, em um sonho. Estou um tanto aérea. É como me sinto.

— Seria tão ruim assim descobrir outra família?

— Não... não é isso. É sentir a perda... o que eu perdi quando me tiraram dessa família? Se é que me tiraram mesmo.

— Por que a moça mentiria? Bruno a conhece.

— Não sei, talvez se enganaram.

— Pode ser, mas por que não tirar isso a limpo?

Respiro fundo, eu tenho um motivo.

— Não sei se saberei lidar com isso. Eu disse que nada mais no mundo teria o poder de me atingir, fiz essa promessa há tanto tempo a mim mesma e, hoje, foi como ser atropelada.

— Ei, estamos aqui com você, sabia? Eu sempre estarei aqui com você.

Não tem o que temer, você tem uma família e nós te amamos, independente do que fará.

Confirmo, sem nada a dizer.

— Mas tenho uma ideia. Você tem o nome do seu pai, não tem?

— Sim, tenho.

— Alex e Bruno conhecem alguém, podemos pedir a essa pessoa para tentar puxar a ficha dele, algo que nos dê indício de que toda essa história absurda seja verdade ou mentira. Só temos que pagar bem, mas dinheiro você tem.

Sorrio, ela sempre dá um jeito para tudo.

— Sim, eu tenho.

— Ótimo, então amanhã quando Alex chegar, falamos com ele e você vai almoçar com a gente. Farei o que você quiser comer, o que acha?

— Acho que eu não te mereço... acho que nunca descii do meu pedestal *pra* dizer o quanto você é especial *pra* mim, mas você é, muito — falo, movida pelo momento, a atmosfera, tudo o que aconteceu mais cedo.

A verdade é que deveria dizer que a amo, mas falar isso é tão difícil às vezes... ou melhor, sempre.

— Sua idiota, sabia que eu tenho muitos hormônios e que eles me deixam mais sensível ao choro? — Ela é muito chorona e se levanta, colocando Luna no berço com muito cuidado para não acordar.

Ela me abraça, sem pedir permissão e acabo a abraçando também, um sentimento ruim se apossando de mim, algo pesando meu coração. A aperto em meio ao abraço, sentindo seu cheiro doce.

— Eu te amo, sua bobona, amo mesmo, Sophie. Você é a irmã que eu nunca tive.

Afasto-a, limpando uma lágrima que lhe escorre.

— Sua irmã que você nunca teve está com fome... quero comer!

Ela sorri, bonita e doce como é, me puxando pela mão.

— Vem, vamos fazer sanduíches. Deixa só eu ligar a babá eletrônica, assim, se ela chorar, eu escuto. Vem.



Capítulo

14

*Nunca se esqueça do que vos direi:
quando amar alguém, diga, grite e
nunca deixe para depois...*

Sophie

A brisa é leve, fria e calma. É essa a sensação que ela traz ao tocar meu rosto, a de calma. Algo parecido com paz. Fecho os olhos e apenas sinto, limpando minha mente, podendo sentir os batimentos calmos do meu coração. Volto a abri-los e vejo as luzes da cidade lá embaixo, pequena, tranquila. Diferente do que geralmente é.

Confiro o relógio em meu pulso, são quase cinco da manhã. Respiro fundo, imaginando que um dia terei que cuidar melhor do meu sono, afinal, para ter uma vida saudável, eu preciso dormir, mas não seria para menos. Acordei hoje às três, o coração aos saltos, suada, ofegante e com a sensação de medo. É difícil dormir quando os pesadelos não vão embora.

Medo... há muito tempo que não sei o que é sentir medo, mas acordei tremendo de terror nessa madrugada. Dessa vez, não foram com aqueles olhos azuis com que sonhei, nem com a noite aterrorizante que um dia passei, não... foi com Bruno. Por incrível que possa parecer. Não lembro exatamente como foi, mas havia gritos, barulho alto, gente correndo, tiros e foi quando acordei e me lembrei apenas do seu rosto, frente ao meu, como se quisesse me proteger de algo.

Foi estranho. Perdi o sono completamente após esse sonho e me lembrei do que aconteceu nos últimos dois dias, tive que levantar, tomar banho novamente, os lençóis estavam molhados de suor. Não consegui mais dormir, também pudera, peguei minha moto e vim para cá, meu refúgio particular, no alto do morro Santa Marta.

No alto da cidade, em meio à vegetação baixa, onde antes já foi uma casa, há apenas vestígios e uma mureta, que segue intacta. Estou sentada nela, olhando o horizonte desde muito cedo. Venho para cá quando quero paz.

Às vezes, ia para o apartamento de Benjamin, ele não se importava e eu acabava ficando por lá. Acho que ele não sabe, mas ele também me acalma, tem esse poder, acho que dei isso a ele quando passei a confiar e acreditar em seu carinho. Mas agora Ben tem alguém, que deve estar dormindo com ele, e que tipo de irmã *empata foda* eu seria, indo bater em sua porta às quatro da manhã?

Então venho para cá, com a vontade de limpar minha mente, mas fica difícil quando penso no que aconteceu, em Alice, nas fotos e no endereço guardado em minha gaveta. Como Fernanda sugeriu, pedimos a Alex para tentar descobrir que tipo de pessoa era o homem que se dizia meu pai. Vamos ver no que dá e, só depois disso, vou decidir no que fazer.

Desde então, estou cansada apenas de pensar, em alguns momentos minha mente é só um emaranhado de lembranças e agora, dúvidas. Preciso parar, respirar e controlar os sentimentos e pensamentos. Controlar também o cuidado exagerado que todos estão tendo comigo. No sábado, foi um momento confuso, assustador, mas recuperei o controle novamente, ou parte dele ao menos. Agora estou bem. Aprendi que para viver em harmonia comigo mesma, eu precisaria aprender a me controlar e isso me ajudou muito

nesses dois dias.

Devo isso a Francisco, também à Célia, eles me ajudaram muito a obter controle. Minha mente faz o que eu quero e preciso, tento não ser escrava dela, dos meus medos e anseios.

Célia... ela foi o mais perto que eu já tive de uma mãe, não, ela é minha mãe e abriu mão de muito por mim.

Quando Célia me conheceu, ainda no orfanato, eu tinha acabado de passar por um momento difícil, um dos piores momentos da minha vida, e olha que já tive muitos. Algo em mim chamou a atenção de Célia e não sei por que, mas ela quis me acolher. Imediatamente eu pensei:

Mais um lar.

Mais uma família de merda.

Mais torturas.

Afinal, como pensar diferente, se na última casa de apoio pela qual passei, fui escoraçada por agredir o filho da puta que deveria cuidar de mim. Na verdade, quase arranquei sua orelha no dente e quase fui parar em uma casa de recuperação para menores infratores, mas faria de novo, se fosse necessário. O filho da puta aprenderia a não mais me tocar daquele jeito. Depois disso, nunca imaginei que poderia ir para em outra família, não com esse histórico.

Eu fui obrigada a ir com ela e, de cara, presenciei uma briga tremenda entre ela e seu marido na época, pai de Benjamin, por minha causa. O infeliz até já morreu, faz pouco tempo, inclusive, mas não é por isso que se tornará alguém bom. Ele era alguém mesquinho, ruim, sem nenhuma compaixão ou empatia. Mas Célia... ela me defendeu, disse que eu iria ficar, pois eu precisava de ajuda.

E lá estava eu, escutando tudo, sentada na sala de sua casa, com uma mochila no colo, com algumas poucas mudas de roupas. Na verdade, eu queria mesmo era que ela aceitasse as ordens do marido e me levasse de volta. Pois no orfanato, com as outras crianças, eu sabia lidar, sabia me defender, mas com adultos era pior.

Se me esforçar, fechar os olhos agora mesmo, ainda posso ouvir:

“— Vai ter de escolher, ou manda essa órfã fedida de volta ao buraco que ela saiu, ou eu saio de casa.”

Foi uma intimação e eu sorri na sala e pensei: agora ela vai me levar de volta.

Mas Célia gritou a plenos pulmões que ele poderia ir embora, que não precisava dele, pois eu ficaria, ela cuidaria de mim. Eu não sei dizer o que senti, ninguém nunca brigou por mim, ninguém nunca me defendeu, ninguém nunca me mostrou o que era compaixão.

O homem saiu mesmo de casa, naquela mesma noite, e Célia cumpriu sua promessa.

Agora imaginem só, em minha primeira noite, ela me deu um quarto só para mim. Parecia mentira e fiquei bem desconfiada de tudo aquilo. Em especial, quando conheci seu filho. Algo estava errado, era bom demais para ser verdade e naquela noite eu fugi e voltei para o orfanato, tive medo de ficar ali. Medo porque, pela primeira vez, eu tinha sido bem tratada e desconfiei daquela família por isso.

Minha surpresa mesmo foi quando no dia seguinte, lá estava ela, indo me buscar. Célia não brigou, ela não disse nada, apenas sorriu e disse: vamos voltar para casa, criança.

Seus olhos estavam inchados e vermelhos naquele dia e eu sabia que era por conta do marido que havia ido embora. Senti pena, ainda assim, não confiava naquela família.

As experiências anteriores tinham me ensinado muito, mas nada de bom, e eu desconfiava até da minha própria sombra. Para completar, tinha Benjamin, que na época devia ter uns dezesseis ou dezessete anos e parecia mal-humorado. Ele não falou nada negativo para mim nos primeiros dias, mas era claro, ele me odiava, estava estampado em sua testa. Eu tinha certeza disso, afinal, seu pai saiu de casa por minha causa.

Eu me sentia uma intrusa e não foi só uma vez que fugi, foram incontáveis. E em todas, lá estava ela, no outro dia, indo me buscar, sem nada a dizer de negativo, sem me julgar ou querer nada em troca. Certa vez, no carro, eu perguntei:

“— Por que você não desiste?

Ela me olhou, respirou fundo, deixou o ar sair e disse:

— Apreendi que nunca devo dar as costas a quem precisa de ajuda, nunca abandono quem amo. Não importa que essa pessoa queira viver no inferno, pois eu vou mostrar que pode e deve ir para o céu — disse e apenas me olhou afável e sorriu. — É uma metáfora, claro, meu lar não é um céu, mas eu não vou desistir de você, Sophie, é isso o que quero dizer e vou te mostrar que podemos ser sua família. Quer fugir à noite? Fuja e tenha a certeza, eu irei buscá-la no dia seguinte, é o que fazemos pela família. Sou tão teimosa quanto você.”

Se me perguntassem em qual momento tudo mudou, eu diria que foi esse momento. Os olhos dela me passaram verdade nua e crua. Ela era boa, muito boa e queria cuidar de mim, me mostrar que poderia ter um lar, uma família.

Algo mudou em mim e parei de fugir. Ainda assim, eu não falava muito, e com Benjamin o relacionamento continuava o mesmo. Célia me colocou na mesma escola que ele, o que era um problema.

Para começar, nunca gostei de estudar e, por fim, era encrenqueira como o diabo. Eu não tinha amigos e, para completar, nós não conversávamos na escola, na verdade, nós não conversávamos em lugar algum. Eu não queria papo e ele não fazia questão, na minha cabeça ele me odiava por ter feito sua mãe me escolher, por seu pai ter ido embora.

Com isso, eu também não fiz muita questão, não o ajudei a gostar de mim também. Além de dar trabalho à sua mãe, mordi seu braço no primeiro almoço que tivemos juntos. Ele ia me mostrar como abria a jarra de suco, eu não interpretei bem o seu gesto, achando que ele ia me bater, porque derramei suco ao tentar pôr a bebida em meu copo e lhe dei uma baita cicatriz ao morder seu braço, ele quase precisou de pontos.

Vamos dar crédito a ele, Benjamin tinha mesmo motivo para me odiar. Ele passou a querer distância de mim após isso.

Foi então que, certa vez, na escola, eu arrumei uma briga. Bom, arrumaram uma briga comigo e eu nunca, nunca fugi de uma boa briga, mesmo que na briga em questão, era com o garoto durão, o *bad boy* da escola.

Sorrio, aqui sozinha ao lembrar.

Claro que eu não daria conta dele, mas eu não ligava. Eu sentia ódio o tempo todo e sentir dor, não me permitia sentir algo senão raiva. Qualquer motivo que eu achasse para extravasar, eu ia topar, nem que eu apanhasse feio em decorrência. E era o que aconteceria naquele dia, isso, se Benjamin não tivesse aparecido. O moleque me deu um soco, mas eu me levantei e voltei a cair, sem ar. Não era o suficiente para me fazer parar.

Eu me levantei de novo, ia encará-lo, ainda assim, foi quando Benjamin chegou. Ele fez o que jamais imaginei que faria, ele me defendeu. Pior, ele segurou o garoto para que eu batesse nele. Ele me chamou de irmã.

Quando terminei de bater no moleque, ele disse:

“Ninguém mexe com minha irmã...”

Aquilo aquiesceu meu coração, pois sua mãe disse que eu era da família e agora, Benjamin me chamava de irmã. Não falamos nada sobre isso depois, mas uma cumplicidade foi criada. Um, laço inquebrável.

Fomos parar na diretoria naquele dia, na verdade, fomos mesmo expulsos, chamaram Célia e tudo. Ela ficou brava, mas também não nos reprimiu, pelo contrário, ficou orgulhosa de Benjamin por me defender.

E foi assim que fomos parar em outra escola e lá, conhecemos Bruno, Alex e Fernanda e foi assim, que aos poucos, com paciência e amor, senti fazer parte de uma família, mesmo no fundo, sentindo que faltava algo, uma peça no quebra-cabeça da minha vida, algo não se encaixava.

Descobri não muito depois que Benjamin nunca teve raiva de mim por tirar seu pai de casa, pois aquele homem fazia sua mãe sofrer, a traía, a maltratava psicologicamente e para ele foi um alívio vê-lo ir embora.

Mas o que realmente consolidou o meu relacionamento com Benjamin, como irmãos, foi uma noite, em meio a uma tempestade horrorosa. Eu tinha trauma de tempestades, tenho ainda... não gosto de chuva, me remete à... ao armário escuro, também à... tortura. E em uma noite, começou a cair uma chuva torrencial, com trovões e raios. Ainda assim, eu resistia em meu quarto bravamente, mesmo tremendo embaixo da coberta, pois a luz estava acesa.

Então, luz faltou e eu me desesperei, eu tremia de medo e seu quarto era o mais perto do meu que o de Célia, onde fui pedir ajuda. Digo, claro que

eu não ia chamá-lo, não queria demonstrar fraqueza, só em estar ali, em seu quarto, já era suficiente o fato de não estar sozinha. Entrei em seu quarto na surdina àquela noite e fiquei ali, próximo à sua cama, apenas para não estar sozinha.

Ele acordou e, primeiro, sentiu espanto, se assustou comigo ali, tremendo ao lado de sua cama como um fantasma, depois se acalmou ao ver que era eu. Não precisei dizer muito, apenas:

— *Tive um pesadelo, tá chovendo, posso ficar aqui?*

Ele não disse nada, se afastou para o lado, me deu espaço e eu me deitei ali, com ele, de cara para seus pés, mas ao menos não passaria aquela chuva sozinha e acabei pegando no sono, ali mesmo.

Foi a última vez, desde que fui parar naquela casa, que eu senti medo. Fui acolhida com amor, ganhei uma mãe e um irmão, os melhores que poderia ter e passei a me agasalhar sempre em sua cama em dias de chuva. Nos tonamos amigos, confidentes, irmãos... até Célia descobrir minhas fugas noturnas.

Ela se preocupou de início, claro, achou até que Benjamin poderia estar tirando proveito de mim, mas quando ela entendeu o que realmente acontecia, Célia nos apoiou, se alegrou com nossa amizade. O quarto de Benjamin ganhou um beliche, aqueles que parecem ter uma gaveta embaixo, para um colchão extra, para quando eu quisesse ir para o seu quarto.

Ganhei um refúgio, amor, ajuda e era para ser suficiente, para que eu não me lembrasse do passado, dos abandonos, para que no fundo, eu não tivesse essa esperança e esse medo de ter realmente um irmão de sangue, de descobrir que uma história mirabolante, pode ser a minha.

Mas não é, infelizmente.

O céu começa a clarear, nuvens alaranjadas aparecem e o raiar do sol, daqui de cima, é perfeito. Fecho os olhos e sinto os primeiros raios de sol e aproveito a vista por segundos, antes de me levantar e montar em minha moto.

É hora de começar o dia!



Eu tenho fama de me atrasar, admito e sou culpada por isso. Algumas vezes, uso o atraso como desculpa para não precisar socializar por muito tempo em lugares com muitas pessoas, chego atrasada e saio rápido, diminuindo meu tempo de interação. Odeio volume de gente, conversar, fingir estar confortável quando não estou, convenções sociais nunca me convenceram.

Hoje, por incrível que pareça, eu cheguei no horário, antes até mesmo do bundão fofoqueiro. Estou no cartório com Alex e Fernanda e só falta Bruno, para terminarmos essa palhaçada aqui.

— Eu posso ir embora? Já assinei! — pergunto e o homem barrigudo, que prepara o documento, me olha feio. — Tudo bem, eu espero. — Dou de ombros e Fernanda sorri, enquanto Alex brinca com sua pequena humana sorridente em seu colo.

Ela não quis papo comigo, Fernanda até tentou, mas não rolou, cheirei sua cabecinha e já foi suficiente, e eu agradeci mentalmente ela ter me olhado e dito “No”. Achei fofo até.

— Você parece estressada. Sabe o que é ótimo para acabar com estresse? — Fernanda chama minha atenção.

— Descobrir logo se fui roubada na infância ou não?

— Sexo, Sophie, sexo. Sexo gostoso e quente, muito quente e pervertido. — Reviro meus olhos.

— Vai tomar no cu, Fernanda. — Ela sorri, colocando a mão em frente à boca.

— Fala baixo. Mas é sério, Sophie. Você pode ter o cara que quiser, não tô falando em casamento, só transar, desestressar, tirar o atraso e fim. Depois que começar, não vai mais querer parar, confia em mim. Arruma um cara gostoso, e depois cada um vai *pro* seu lado. É bom... é uma delícia... — fala, e como uma loba insaciável olha para o marido.

— Que perversão, está olhando *pra* ele como se ele fosse um pedaço de

carne suculenta, enquanto o pobre homem segura sua filha nos braços.

— Precisa ver *ele* pelado... me entenderia.

— Eu dispenso, sua tarada!

— Bruno poderia ser esse quebra-galho.

Olho para ela como se ela tivesse me dado um soco, ela não desiste? Ou simplesmente... é louca.

— Não me fode, Fernanda. Pelo amor, *tá* surtada?

— O quê? Já viu a cara dele? Alex que não me ouça, mas, Sophie, Bruno é um pão, amiga, e você pode ser a manteiga daquela delícia...

Nego, revirando os olhos. Só me faltava essa, já não bastava ela tentar nos juntar tempos atrás, agora, de novo?

— Não como pão, menos ainda, manteiga.

— Já notou aquele queixo quadrado que ele tem? É uma perdição, isso você não pode negar. Ele tem cara daqueles homens gostosos, que fazem e acontecem e te deixa com as pernas bambas no final.

Claro que com sua demonstração de entusiasmo, inconscientemente eu imagino a cena. Nós dois, em um quarto e... meu cu!

— Vai à merda, Fernanda. Apaga esse fogo no rabo, deixa que eu cuido do meu.

— Ah, então admite que tem fogo nesse rabo gelado?

Engraçadinha. E neste momento a porta do cartório, já lotado, volta a abrir e Bruno entra. Eu não posso negar que ao vê-lo, a voz de Fernanda falando de seus atributos vem em minha cabeça de novo. Grande... maxilar quadrado, um rosto másculo... ao caralho com isso, ela é louca, isso sim.

— Até que enfim, achei que não viria — alfineto, já que ele adora jogar em minha cara meus atrasos, mas ele não revida, pelo contrário, parece de mau humor, com o rosto fechado, o que estranho, geralmente ele é bem-humorado, todo engraçadinho e sempre é ele a me encher o saco.

— *Me* atrasei, desculpa. Preciso pegar senha, alguma coisa? — pergunta e Alex se aproxima de nós.

— Não, irmão. Só falta você assinar e reconhecermos.

— Então, perfeito, onde assino? E, bom dia — cumprimenta, pegando a caneta que o homem lhe entrega e assinando e em seguida, ele me olha. — E você, *tá* bem?

— Estou ótima. — Tento ser convincente, ele me mede de cima a abaixo e apenas confirma com um aceno.

É incrível com que rapidez o processo é feito. Gente, é uma criança! Não deveriam ao menos fazer uma entrevista para saber se nós temos condições de ficar com ela? Bom, eu não tenho, não psicologicamente e para isso que uma entrevista serviria, claramente eu não passaria e tirariam essa ideia da cabeça oca de Fernanda.

Mas como não é o caso aqui, então só esperando reconhecer, respondemos algumas perguntas e fim. Recebemos uma cópia e só falta esperar o troco aqui no caixa. Como não tem troco?

A moça do caixa tenta contar as moedas e Alex chama Fernanda, é impossível não ouvir.

— Amor, eu te espero lá fora com Bruno.

— *Tá*, pode ir. — Ele a beija, coisa rápida e incrivelmente, antes de sair, ele a olha, fixamente e fala:

— Eu te amo, vocês duas. — E beija a cabecinha de Luna, que está no colo de Fernanda.

É o amor.

— Que romântico. Acho que já vou também, ou vou vomitar. — Tento, mas Fernanda me para, segurando meu braço.

— *Me* espera, deixa de ser chata. Dez minutos a mais, dez a menos, não faz diferença.

— *Tá* bom.

A moça do caixa demora e Fernanda passa a bater o pé no chão, impaciente. Isso está demorando mesmo.

— Moça, de quanto trocado precisa? — ela pergunta e a moça parece sem graça.

— Doze reais, senhora.

— Então espera só um minuto, acho que tenho trocado no carro. Acho não, tenho certeza. Toma Sophie, segura *ela*.

Fernanda me entrega a menina, sem margem para a negação e sai em disparada para fora do cartório, ficamos as duas nos olhando.

— É, pequena humana, somos nós duas. E já que gosta da minha voz, eu vou ficar conversando com você, *pra* não abrir o berreiro aqui, *tá*? Então fica calma. — A menininha fica me olhando, como se me entendesse e até sorri. — Uma hora teremos que nos entender, *pra* fazer a sua mãe feliz. Tipo, o mínimo, não precisa ser muito, não precisa cair de amores por mim. Basta ficar dez minutos no meu colo, ou ao menos cinco, sem fazer bico ou arrancar meus cabelos, que já me ajudaria. O que acha? Temos um trato?

Olho para a frente do cartório e nem sinal de Fernanda voltando.

— Ela demorou, bebê... acho que a gente pode ir *pra* fora, o que acha? Posso te dar ao seu papai e sair de fininho.

Mas não tenho tempo para isso. Um barulho alto, de pneu de moto freando se faz ouvir, vindos lá de fora e pipocos começam a soar. Me viro de costas ao perceber que não são fogos, é instintivo proteger a pequena em meu colo, do que quer que seja, enquanto algumas pessoas gritam e se desesperam pelo lugar.

Espera, isso é tiro?



Capítulo 15

*Façam o seu trabalho... eles dizem,
porém, o trabalho nem sempre é fácil.*

Bruno

— O que queria me contar? Está inquieto desde que chegou, eu percebi, sequer tentou tirar Sophie do sério — Alex pergunta, assim que estamos fora do cartório e as notícias não são mesmo boas.

— É, tem algo. O comandante me ligou, identificaram um dos vagabundos mortos na última ação na comunidade dos Três porquês, como o filho do chefe do tráfico. Heitor está mesmo fazendo uma investigação pesada sobre a ligação dele, o cara conhecido como o Paizão do tráfico, com gente grande, políticos e a milícia.

— Puta merda!

— É, uma merda. Vamos ter o máximo de cuidado daqui em diante,

pode vir retaliação, era isso que o comandante queria avisar.

— Claro que vai vir retaliação, a menos... que voltemos lá e acabemos com qualquer ameaça, como diz o ditado, o ataque é a melhor defesa.

— O comandante não concordaria, teria que ser na encolha, porra!

— Mas seria melhor que correr risco, não somos só nós, é a nossa família e a essa altura ele deve saber que éramos nós à frente da operação.

— Com toda certeza. Vamos reunir a equipe, até lá, atenção dobrada, não tira essa arma do teu alcance e cuidado com tua família, porra.

— Pode deixar, e tem de avisar o teu irmão sobre isso, pode sobrar *pra* ele. Ele já *tá* sujo de merda, pode piorar.

Terei de fazer o que eu não queria, no fim das contas, falar com Heitor.

— É, será o jeito.

A porta do cartório se abre e paro de falar quando vejo Fernanda sair e vir ao nosso encontro, com um sorriso no rosto.

— Nossa, *pra* que essas caras? — pergunta, inocente.

É parceiro, ser mulher de policial não é fácil.

— Nada, amor. O que quer aqui fora? — Alex já está ligado, olhando para os lados ao se aproximar dela e tocar seu braço.

— Troco, tenho o que preciso na bolsa, no carro. Acreditam que não conseguiram trocar o dinheiro lá dentro? — Alex confirma e segura o braço dela quando está prestes a passar por ele e ir até o carro. — O que foi?

— Eu pego, onde está?

— Na minha bolsa. Mas... aconteceu alguma coisa? — pergunta, ela conhece o marido e percebeu seu cuidado excessivo.

— Nada de mais, onde está Luna?

— Lá dentro com Sophie, o que *tá* acontecendo, amor?

— Nada de mais, só vamos sair logo daqui. Em casa conversamos, espera aqui, eu busco o di...

Ele não termina de falar, o barulho alto, de pneus freando no concreto, chama nossa atenção, é instintivo, saco a arma, ambos sacamos, mas não há

tempo o suficiente. Dois caras em uma moto entram em nosso campo de visão, o garupa com a arma em punho, já atirando ao nos ver aqui. Empurro Fernanda e atiro, não há tempo de buscar proteção enquanto Alex também, com a arma em punho, atira, se colocando à frente da esposa.

Sinto o impacto da bala comendo minha carne, arde como inferno e me faz dar dois passos para trás, mas percebo satisfeito que o garupa caiu da moto, provavelmente alvejado, enquanto o piloto acelera e sai em disparada. Gritos, pessoas gritam e sinto meu braço arder, sangue quente escorrer por minha pele, ainda assim, buscando mais alvos, nada.

Vejo com felicidade que o filho da puta, que saiu há pouco na moto, caiu da motocicleta após tentar fugir do local, sendo atingido por um carro que passava pelo cruzamento, começo a correr enquanto o desgraçado tenta erguer a motocicleta, ao me ver em sua direção ele a larga e saca uma pistola, mas não dou tempo para ele apertar o gatilho, firmando os pés no solo e ignorando a dor latejando em meu braço, faço o que treinei por horas, atiro usando o instinto, como em câmera lenta vejo a cabeça do infeliz ser jogada para trás com o impacto do tiro certo.

O desgraçado tomba ao solo, imóvel. Volto sobre meus passos e vou checar o outro "mala", ele está se engasgando com o próprio sangue, piso em seu pescoço, apontando a arma para sua cabeça.

— Quem te mandou, filho da puta? Fala, porra! — rosno, controlando a vontade de puxar o gatilho.

O desgraçado sorri e seu sorriso de escárnio é meu estopim, engatilho e atiro, tirando seu fio de vida!

— Bruno! — Ouço alguém chamar e me viro, olhando o rosto aterrorizado de Sophie e a cena para qual ela olha, faz meu sangue gelar.

Volto correndo para trás, o coração aos saltos, o medo esfriando meu estômago, o que vejo me tira o chão. Alex está sangrando jogado ao chão, a arma ainda na mão, assim como Fernanda, ambos alvejados.

— Não, não, não, não... porra, porra! Alguém, chama uma ambulância, caralho! — grito e alguém parece já ter chamado.

Ponho-me no meio dos dois, ambos desacordados. Fernanda parece ter levado um tiro no peito, já Alex... porra, na cabeça não, na cabeça não,

caralho! Entro em desespero e tiro minha camisa, a rasgando e colocando no ferimento de Fernanda. Ela está viva ainda, tem que estar.

— Você, segura aqui — peço para uma mulher que assiste a tudo. — Anda porra, vem e aperta, não solta.

Volto-me para Alex fazendo o mesmo em seu ferimento, mas ele levou dois tiros e seu sangue escuro e espesso se espalha pelo chão, pela respiração irregular percebo que ainda está vivo. Pressiono minha mão no ferimento da barriga, o da cabeça tento tapar com a camisa. Ele arfa e se engasga com o próprio sangue, abrindo os olhos.

— Lu-na... Lu-na... — fala, sangue saindo de sua boca.

Olho para trás, vendo Sophie, paralisada com a cena, com a menina em seu colo, sã e salva, chorando.

— Está bem, ela está bem, aguenta, irmão, ela *tá* bem — falo e, numa tentativa desesperada, ele olha para o lado, vendo Fernanda.

— Ela... e-la...

— *Tá* viva, o socorro *tá* vindo, irmão. *Tá* vindo, fica comigo, fica comigo, entendeu? Fica comigo, porra! — falo e sua mão segura meu braço em uma tentativa desesperada de chamar minha atenção.

— Cu... cui...da dela, ir-mão — fala, com dificuldade.

— Não, você vai cuidar dela, das duas. *Tu não vai* me deixar, porra, *tu vai* resistir, vocês dois irão. Segura, fica comigo. *Tá* ouvindo? São sirenes, eles estão vindo, fica comigo.

Parece que o tempo se acelera, sou tirado de cima de Alex, paramédicos agem depressa, imobilizando os dois e os levando de mim, em uma ambulância. Levo as mãos sujas de sangue à cabeça, não sei se é o meu ou o dele, sequer sinto dor. Tentam me tocar, e eu o afasto.

— Não, eu vou com eles.

— Não, senhor, o senhor precisa de um médico — fala, mas nego com veemência.

— Eu estou bem, eu estou bem, preciso ir com ele.

— Senhor, o senhor está sangrando.

Olho meu braço, toco meu músculo, sentindo o rasgo que a bala deixou.

— Não é nada, a bala foi raspão, cuidem dele e me deixem em paz — grito com a paramédica, que tenta me atender, não preciso de cuidados, eles sim, de todo o possível.

Sinto um toque em meu braço, uma mão pequena que me puxa com certa força e me viro, encontrando Sophie e, ao vê-la, sinto lágrimas vir aos meus olhos.

— Eles estão...

— Vivos, eles estão vivos e vão continuar assim. — Ela está assustada, muito assustada, sei disso por suas pupilas dilatadas e seu rosto branco, sem nenhuma cor. Ainda assim, seu semblante é impassível. Olho a menina em seu colo, que não faz ideia do que acaba de ocorrer, inocente, sem ideia do que aconteceu aos seus pais, os olhos cheios de lágrimas pelo susto, meu peito aperta. — Eles estão vivos, eles vão ficar vivos, me ouviu? — Seguro seu rosto, com uma das mãos, os olhos negros deixam a ambulância e focam em mim e parece recuperar algo.

— Vai, Bruno. Deixa o paramédico cuidar desse braço, tem que ser atendido logo, vai com eles na ambulância, eu vou atrás.

— Não, eu não.

Seu semblante muda e ela me segura pelo pescoço, com força.

— Você vai, caralho. Vai cuidar desse braço, vai cuidar de si *pra* ficar bem, porque se algo der errado, se algo der... inferno, eu vou precisar de você, então vai, seu infeliz de merda. Porque, no momento, essa criança só tem nós dois, então esquece essa teimosia e deixa cuidarem de você.

Eu sei do que ela fala e venho a mim, deixando a paramédica me guiar, me conduzindo para entrar na ambulância. Vejo a outra ambulância sair e me sinto impotente. Mal sinto dor, levado pela adrenalina.

— Senhor, guarde a arma — a mulher pede e, só então, me dou conta, ainda estou com a arma na mão.

Guardo-a no cóis da calça e seguro a cabeça com a mão, escorada no joelho, enquanto cuidam do meu braço.

— É só um curativo emergencial, precisará de pontos.

Concordo com o que diz, encostando minha cabeça no banco. Eles ficarão bem e eu vou achar o filho da puta que fez isso!



O percurso até o hospital não passou de um borrão para mim e eu passei cada detalhe do que aconteceu em minha cabeça. Se eu não tivesse me atrasado, se eu tivesse sido mais rápido em puxar a arma, se eu não tivesse o chamado para fora... é uma infinidade de "se" que poderia ter mudado o resultado. Merda, merda!

Já estou na emergência, onde cuidam do meu ferimento, meu coração está acelerado, ansioso por notícias.

— Não está sentindo dor, senhor?

— Não senti nada — respondo vagamente, ainda repassando em minha mente o que houve, como um filme.

— É a adrenalina, o ferimento é limpo, o projétil foi fundo, rasgou o músculo, mas não alojou, vamos apenas suturar.

— Tá, faz o que quiser. Sabe me dizer como está o casal que chegou há pouco? — O médico me olha, mas não responde de imediato.

— Não, não sei. Mas estão em boas mãos, não se preocupe.

Fico calado enquanto ele me espeta com uma agulha, anestesia, segundo ele. Pego o celular e ligo para o comandante que me ligou mais cedo.

— Fomos alvejados, senhor — falo, assim que ele atende. — O senhor estava certo.

— *Como isso aconteceu, Soares? Onde vocês estavam?*

— Estávamos no cartório, dois caras em uma moto vieram de repente, não deu tempo de quase nada. Levei um tiro no braço, Alex levou dois tiros e Fernanda, um.

— *Fernanda? A mulher de Alex? Puta cagada!*

— Sim, senhor. Ela estava com a gente.

— *Put a que pariu, merda!* — brada ao telefone. — *E a menina, a filha dele? E onde estão?*

— A menina está bem e estamos no São Salvador, sendo atendidos.

— *E você?*

— Bem, só preciso de costura.

— *Porra, Soares... Eu tô indo aí.*

Desligo, deixando o celular de lado. E Sophie, onde está Sophie? E antes que eu termine de formular essa dúvida, a porta da emergência, em que estou sendo atendido, é aberta com brusquidão, vozes alteradas e choro de bebê.

— Eu vou entrar e ninguém vai impedir — ela grita ao passar pela porta, com uma enfermeira vindo logo atrás dela. Sophie tem Luna nos braços, agarrada a ela, como se tentasse protegê-la. — Aí está você, como ele está? — pergunta.

— Eu estou... — Ela não me deixa terminar.

— Não perguntei *pra* você, Bruno, perguntei ao médico. E então, como ele está? — O médico a olha.

— Seu marido ficará bem, senhora, não se preocupe. Agora, precisa se retirar — o médico lhe pede e ela parece ao ponto de enforcá-lo.

— Ele não é o meu marido e eu não vou sair daqui. — Só então ela me olha. — Teve notícias de Alex e Fernanda?

— Não, ainda não.

— Senhora, não pode ficar.

— Eu vou ficar, ou o senhor chame os seguranças do hospital *pra* me tirarem daqui, teria coragem? Enquanto estou com uma criança em meu colo, uma criança assustada que não faz ideia de que os pais estão sendo operados? — pergunta, enfática, como uma leoa. — Eu vou ficar!

— Ela vai ficar — falamos quase em uníssono e a enfermeira desiste, assim como o médico de tirá-la daqui. — Luna chorou? — pergunto, vendo o bebê com os cílios molhados, olhos e bochechas vermelhos, inquieta.

— Bastante, toda a viagem no Uber. Bruno, eles ficarão bem, não é? — pergunta e eu não sei o que dizer...

— Vão, sim! Sairão dessa...

— Terminamos, senhor. Vou passar uma receita e terá que trocar o curativo de...

— Pode me dar, eu só quero sair daqui e buscar informações.

— Claro, como quiser.



Estamos sentados na sala da recepção, nos mandaram esperar aqui enquanto Fernanda e Alex estão sendo operados. Fomos informados de que o estado de ambos é grave, mas sei que eles vão sair dessa.

Cristine apareceu há pouco e de forma caridosa, levou Luna com ela, pois estava indo para casa e achou por bem que a menina não ficasse aqui, em um hospital. Sem falar que não trouxemos nada para ela e em breve estaria com fome. Percebi preocupação no olhar de Cristine, mas ao ver que eu estava mesmo bem, se ofereceu para ficar com a menina e nós apenas agradecemos.

Ela também me deu uma camisa, dessa que médicos usam, afinal, eu estava nu da cintura para cima. Mas o que realmente me deu esperanças é que Cristine disse que era Augusto quem estava operando Alex e isso renovou minha esperança. Augusto é bom, um dos melhores neurocirurgiões, ele é muito bom e se alguém pode tirar Alex dessa, esse alguém é ele.

O comandante apareceu mais cedo, com alguns policiais que estavam de serviço, fizeram algumas perguntas e saíram, foram cuidar do necessário para a situação. Estou agora sentado, a cabeça apoiada nas mãos, o medo me tomando enquanto Sophie está em pé, andando de um lado para o outro, inquieta, como uma fera enjaulada.

— Precisa se sentar — peço, pois ela começa a me deixar tonto.

— Não, não preciso... — Ela para de falar, olhando para além de mim.
— Bruno, a médica está vindo.

Levanto-me e ficamos olhando a mulher em roupa azul, com uma expressão nada boa, nada confiante, se aproximar e sinto meu coração falhar. Merda, não pode ser.

— São a família de Fernanda Lacerda?

— Sim, somos nós — Sophie se apressa em dizer.

— Eu sinto muito, fizemos tudo que estava ao nosso alcance para salvá-la, mas o projétil explodiu em seu interior e um dos estilhaços atingiu o coração. Não pude fazer nada, ela veio a óbito, eu sinto muito.

— Meu Deus!



Capítulo 16

*Perder... perder a vida, perder
oportunidades, perder amores...
perder a esperança... quem é capaz de
aguentar algo assim?*

Sophie

— Eu sinto muito...

Eu sinto muito...

Eu sinto muito...

Eu sinto muito...

A palavra fica se repetindo em minha mente, enquanto tudo parece sumir à minha frente, pessoas, barulho, tudo... sou só eu, sozinha, no escuro interno que habita dentro de mim, escuro este que, por vezes, foi Fernanda quem me tirou dele. Levo minha mão ao meu estômago, como se tivesse sido

atingida por um soco e o tempo parece parar.

Sua imagem vem à minha mente, nítida, perfeita, sorrindo...

“Eu sinto muito...”

Dou passos para trás, passos para longe da mulher de azul, longe do que acabei de ouvir. Mas isso não muda nada, muda? Eu não posso fugir.

Sinto minhas costas baterem na parede, meu corpo tremer, perco o ar, perco a batalha contra a escuridão que sempre quis tomar seu lugar em meu coração. Me agacho, usando a parede para me amparar, segurando minha cabeça entre as mãos. É uma mentira, tem que ser.

Que seja um sonho, por favor... que seja um terrível pesadelo, o pior de todos, mas que eu acorde!

“Ei, estamos aqui com você, sabia? Eu sempre estarei aqui com você. Não tem o que temer, você tem uma família e nós te amamos, independente do que fará.”

Sua voz soa em minha cabeça, algo que ela me disse ainda ontem. Fernanda me prometeu, disse que estaria aqui, foi o que ela disse, mas, ela não está mais e tudo parece um sonho, um pesadelo, o pior que já tive na vida e eu quero acordar, eu tenho que acordar, eu preciso acordar.

Abro meus olhos, embaçados, sem enxergar direito, sem ouvir direito, ouço apenas meu coração, que bate acelerado, que chega a doer. O frio se apossa do meu estômago, algo aperta meu peito e meu coração dói.

É a dor da perda... eu a perdi?

Algo molha minha mão e olho para ela me dando conta de que são lágrimas, minhas lágrimas e me dando conta também de que não é um sonho. Mas por que ela? Por que pessoas boas se vão?

Ela estava aqui, comigo... e minutos depois...

“Eu sinto muito...”

Passo a mão em meu rosto, sentindo a dor da realidade se abater sobre mim, com a força e o peso de uma âncora. Ela prometeu, ela prometeu que ficaria, que nunca me deixaria...

— Sophie... Sophie...

Olho para o alto e vejo Bruno, seus olhos cheios de lágrimas, sem querer derramá-las, tentando ser forte. Ele se agacha à minha frente, parece não saber como falar comigo e eu sequer consigo dizer uma palavra, impedida pelo bolo de raiva, angústia e dor que está preso em minha garganta.

Quero gritar de tamanho o desespero que sinto, de raiva, eu estou com raiva. Raiva do mundo, raiva de mim, raiva da moça que não passou o troco para Fernanda com rapidez, raiva do mundo. E por que não fui eu em seu lugar?

Meu Deus, como dói...

Uma mão grande tenta me tocar, mas eu nego, espalmando a mão à sua frente, o impedindo.

— Eu estou bem — falo e engulo em seco, engulo o choro.

Levanto-me, a médica ainda está ali, nos observando e me aproximo dela, tentando reaver o controle de mim, tentando não desmoronar, tentando me controlar.

— E Alex, o marido dela... tem notícias? — pergunto, a voz saindo falhada, amarga.

— Ainda em cirurgia, mas não sei lhe dizer o estado do paciente.

Confirmo, tentando entender o que aconteceu... tentando aceitar. Eu já senti isso antes, já sentir dor, sei o que é perder, mas agora, agora é como se tivessem arrancado meu coração do peito, é como se... eu nunca mais a verei. Meu Deus, e Luna...

— Obrigada. — Dou-lhe as costas, deixando a sala de espera, indo para fora do hospital. Me sinto sufocar.

— Sophie, aonde vai? — Bruno tenta, mas eu não posso, estou perdendo o controle e eu não posso perder o controle. Eu não posso me perder.

— Só preciso de tempo... só isso.

—Mas...

— Eu volto. — Saio o mais rápido que consigo de perto dele, de perto da única pessoa, que talvez entenda o que eu sinto. Não consigo olhar em

seus olhos, não consigo lidar com a dor que enxergo em seu rosto.

Quase corro para fugir de algo que está aqui, pendurado em minhas costas, parando apenas quando alcanço a rua, o ar fresco do fim da tarde, é quase noite. Levo a mão ao peito e peço mais uma vez, movida por uma fé que nunca cheguei a sentir, que seja um sonho... só um sonho e que eu acorde.

Mas não é, não é. Ela se foi e me deixou... eu fiquei.

— *Ahhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhh!* — grito, com toda a minha força, tentando trazer algum tipo de sanidade de volta, tirar de mim essa angústia presa em minha pele, presa em minha alma.

A morte é algo certo, não é? É a única certeza que temos na vida, então, por que dói tanto quando isso acontece? Eu precisava dela, ela era... meu porto seguro e eu disse isso a ela? Eu disse que se não fosse ela, minha vida sairia do eixo?

Eu nunca disse, nunca agradeci o bastante, nunca fui realmente digna de todo o seu amor.

“— O que é isso, Sophie, na sua mão? Meu Deus, isso é... droga? — ela falou, tínhamos uns dezesseis anos, na época. Eu era perdida, eu tinha encontrado um lar, amor, mas não um lugar, eu nunca me senti realmente em um lugar só meu.

Eu olhei dela para a droga em minha mão e me sentia tão... descartável, tão pequena, que eu não me importava com consequências. Eu era perdida e nesse dia ela me encontrou. Ela me viu como eu era.

Eu estava atrás da escola e, sim, eu tinha drogas e iria usar. Eu queria e precisava sentir algo além do vazio dentro de mim. Eu já tinha experimentado maconha e a sensação foi boa, foi de flutuar, mas logo o barato passava, tudo voltava a ser como era e o efeito era cada vez menor, e eu queria um escape.

Naquele dia, eu tinha ecstasy, mas tinha dúvidas em usar, eu sabia, era errado, mas eu queria o certo? Uma viciada... faria diferença? Eu queria realmente viver por muito tempo? Eram minhas dúvidas enquanto olhava a droga em minha mão, foi quando Fernanda apareceu e me pegou no pulo.

— Sophie, me dá isso. Por favor...

Eu dei de ombros, eu queria tanto experimentar uma nova sensação, fugir, queria esquecer o passado, eu queria não sentir tanta raiva e me disseram que a droga me daria isso e eu a queria, queria sim, eu precisava. Achava que sim.

— Sophie, você não precisa disso.

— Eu preciso, eu me sinto...

— Sozinha?

Eu não confirmei, mas sim, eu me sentia sozinha, não importava se eu estivesse rodeada de pessoas. Eu encontrei uma mãe e um irmão, mas ainda assim... algo parecia errado, fora do lugar, escuro e sem luz.

— Mas você não está, você não está sozinha. Você tem a mim!

Eu ri na hora... por que quem era eu para tê-la? Fernanda era a menina perfeita, a filha dos sonhos. Boas notas, boa filha, boa amiga, ela era luz... por que ela escolheu a mim? Eu nunca fui boa em deixar que me amassem, nunca fui boa em ter alguém e o que ela tinha visto em mim?

Eu não sei e nunca descobri, mas ela me amou, ela me ajudou.

— Você tem pena de mim, mas eu não quero a sua pena — falei a ela, eu tinha nojo de que sentissem pena de mim.

— Não, quem tem pena de si é você mesma, você projeta nos outros aquilo que você vê em você, acha que não é digna de amor, mas você é. Não tá vendo que quero ser sua amiga e é esse seu orgulho que não deixa? Não precisa estar sozinha, sabia? Não precisa disso na sua mão. Me dê uma chance, me deixa te ajudar. Eu estou aqui, eu vou estar aqui sempre. Me deixa amar você?”

Eu a deixei me amar, eu a deixei me ajudar e eu a amei e é por isso que dói tanto, porque depois de entrar em minha vida, ela se foi, não está mais aqui.

Alex... o que será dele quando acordar? O que diremos a ele? E Luna?

Não, não, não, não... tem que ser mentira, que seja mentira, por favor.

Percebo estar andando em círculos, ao ponto do desespero quando noto pessoas me olhando. Finjo não ver, finjo não ligar e não ligo, porque a dor em meu peito me toma qualquer sanidade. Eu nunca mais a verei, nunca mais

sentirei seu cheiro, nunca mais a terei, nunca poderei dizer que, de alguma forma, o seu amor me resgatou, me trouxe luz.

É mesmo verdade o que dizem, você só sabe o real valor de alguém quando o perde, eu estou sentindo isso agora. Eu deveria ter passado mais tempo com ela, eu deveria ter falado mais, a abraçado mais. Mas eu não gosto de ser tocada, ela sabia e se segurava às vezes, eu sei, e era por mim, e qual sacrifício eu fiz por ela?

Quantas vezes eu fingi não a ver ligar? Quantas vezes inventei desculpas para seus convites? E agora... tudo que eu queria era que ela me ligasse e dissesse: vem jantar comigo!

Mas ela nunca mais fará isso. Sento-me em um tipo de vaso de concreto, alto, frente ao hospital, onde tem algumas plantas e respiro fundo.

Uma.

Duas.

Três vezes.

Limpo minha mente, ou tento, e um soluço parece querer sair e o seguro, engolindo o choro. Eu preciso me controlar, Alex irá precisar de nós, Luna irá precisar de nós e eu não posso desmoronar, não ainda.

Fico aqui sentada, olhando o nada, apenas acalmando meu corpo, fingindo fazer algo que não posso. Pois ao voltar lá para dentro, eu sei que em algum lugar neste hospital, o corpo frio de Fernanda está inerte, sem vida, sem sua alegria.

Toco minha cabeça, repassando em minha mente a cena em que eu saí do cartório e vi Fernanda no chão, ensanguentada, sem movimento algum, com Alex ao seu lado. Quem poderia fazer isso?

Como puderam tirá-la de mim... em que mundo vivemos, em que pessoas viram joguete nas mãos de bandidos, em que vidas não importam, em que somos apenas alvos.

Respiro fundo, segurando meu peito, algo parece apertá-lo com tanta força que chega a roubar meu ar. Preciso voltar lá para dentro, preciso saber de Alex. Ele tem que ficar bem, ele tem que aguentar, ele precisa.

Levanto-me, solto o ar dos meus pulmões e marcho de volta para o

hospital, encontrando Bruno sentado no mesmo lugar de antes, mãos na cabeça, cotovelos nas pernas.

Sento-me ao seu lado, sem nada a dizer, sem nada a fazer, senão esperar e aceitar. Bruno me olha, mas eu não sustento seu olhar, eu não sei lidar com o que sinto e não posso ver essa dor em seus olhos.

— Como você está?

— Bem... vou ficar bem. Você sabe quem fez isso? — minto e o olho, mas é ele a virar o rosto.

— Tenho minhas suspeitas, e eles vão pagar!



Quanto tempo se passou desde que a médica veio aqui até nós? Eu não saberia dizer, o tempo parou para mim. Não tenho forças sequer para me levantar, assisto apenas Bruno, em pé, próximo à parede. Encostado nela. Vez ou outra andando de um lado para o outro.

Alguns policiais passaram por aqui, conversaram com ele, lhe mostraram apoio, ficaram algumas horas, mas foram embora. Disseram apenas que estão investigando. Chego a achar graça, sabemos como isso funciona.

Mas agora somos só nós, sem ninguém mais para avisar, sem ninguém da família para chamar. Ambos só tinham um ao outro e nós dois. Esperamos apenas Benjamin chegar, Bruno ligou para ele mais cedo. Benjamin tentou falar comigo pelo celular, mas eu recusei, eu não posso desabar e se eu falar com ele, é isso o que vai acontecer. Não importa o tamanho da dor que sinto, eu preciso ser forte.

Por mim, por Alex e por Luna.

Bruno volta a se sentar e olho pela janela, já é noite lá fora e pessoas passam na rua, em seus carros, motos, às vezes a pé, alheio ao sofrimento de quem está aqui dentro. Aperto meu peito, a sensação é que estão arrancando meu coração.

Ouçó passos e nos levantamos quase juntos, quando dois médicos vêm

em nossa direção, um deles olhando diretamente para Bruno. O alto, loiro e barbudo, o rosto impassível, sem nenhum indício do que dirá e um calafrio passa por minha espinha. Olho o médico que o acompanha, esse mais magro, mais novo e com o rosto cansado. Foram horas de cirurgia. Meu coração acelera novamente, medo do que dirão, medo da dor, medo de mais uma perda e é como se eu soubesse o que ele dirá. Diminuo o passo, reticente, e Bruno é o primeiro a alcançá-lo.

— Augusto, e então? Eu posso ver *ele*? — pergunta, apressado, ansioso.

Em sua mente não há margem para dúvidas, ele sabe, Bruno acha que sabe que o médico conseguiu sucesso, mas eu tenho dúvidas a julgar pela cara do médico mais jovem. O mais velho, deve ser esse o tal neurocirurgião muito bom, marido de Cristine, ao qual Bruno agradeceu por fazer a operação.

Ainda sinto calafrios em minha espinha, esperando sua resposta, mas quando ele olha para o chão e volta a olhar para Bruno, eu não tenho mais dúvidas.

— Bruno, foram ferimentos complicados, ambos com projéteis alojados, o do cérebro, em especial, estava em um lugar extremamente delicado e...

— Mas você conseguiu, não é?

— Sim... consegui fazer a remoção do projétil, mas o ferimento era extenso, os danos foram grandes, trabalhamos simultaneamente, para ganhar tempo, tentar salvar a vida dele. Mas o paciente...

— Alex, o nome dele é Alex.

— Certo, Alex teve duas paradas cardíacas durante a cirurgia e não conseguimos trazê-lo de volta quando parou pela terceira vez, me desculpe, eu sinto muito.

— Ele morreu? Não... não. Isso... — Bruno parece sair de si, enquanto eu, mal me movo. — Fala, você tem que falar! — esbraveja, fora de controle, e eu seguro seu braço, tentando intervir.

— Ele veio a óbito há pouco, após quinze minutos tentando reanimá-lo. Ainda se ele voltasse, Bruno, seu cérebro estaria sem atividades, foi muito

tempo sem oxigênio. Mas não foi o caso e eu sinto muito.

Assisto a tudo em câmera lenta, minha mão sentindo a tensão se espalhar pelo corpo de Bruno e eu não tenho tempo de segurá-lo, de tentar pará-lo e Augusto não tem tempo de falar mais nada. Bruno simplesmente parte para cima do homem, o pegando pela camisa azul e o empurrando com força contra a parede, segurando-o pelo pescoço.

Todos se assustam, o médico que estava próximo tenta intervir, mas Augusto levanta a mão e o impede com autoridade.

— Você salva todo mundo, você consegue o impossível, por que não com ele? Por que escolheu deixá-lo morrer? — Bruno esbraveja, seu rosto a poucos centímetros do rosto do médico.

Augusto não reage, apenas olha para Bruno e enxerga sua dor, enxerga sua perda. Dizem que médicos se acostumam a perder vidas, mas esse parece ser diferente, vejo pesar nos olhos azuis bonitos.

— *Me desculpa, amigo... eu não consegui dessa vez.*

Bruno não o solta, o rosto do homem ficando vermelho e me obrigo a sair do lugar, a fazer meu corpo reagir e entro em meio aos dois, disposta a acabar com isso. Nada mais o trará de volta, nada mais os trarão de volta.

— Para, Bruno, chame a razão — peço, sentindo meu coração se quebrar ao ver a dor em seus olhos vermelhos.

Colo meu antebraço em seu pescoço, o empurrando para trás, tentando afastá-lo de Augusto. Apesar de grande, consigo que largue o homem e então a realidade realmente o atinge e seus olhos focam nos meus.

— Você ouviu? Ele disse... ele... Alex, Sophie, era Alex.

— Eu sei... eu sei...

— Sophie... — Vejo a montanha à minha frente desmoronar e deixar que lágrimas pesadas desçam por sua face mascarada pela dor.

Amparo-o, deixando minhas restrições de lado, precisando, tanto quanto ele, me agarrar a algo, a alguém, pois me dou conta, apenas ele entende o que sinto. Bruno me abraça, me apertando entre seus braços e, pela primeira vez, me vejo sem querer afastar alguém que me toque, machucada demais até mesmo para isso.



Capítulo 17

*A vida é trem bala, já dizia a
canção... nada é mais certo, às vezes
o trem simplesmente para e quando
nos damos conta, a vida... passou.*

Bruno

É como se parte de mim tivesse sido arrancada, é como se minha melhor parte estivesse tomando um rumo diferente do meu. De olhos fechados, agarrado a única pessoa que talvez entenda o que sinto. Toda a cena de mais cedo, do atentado, passando em minha mente. Foi assim o dia inteiro, passei horas e horas tentando entender, tentando voltar a atrás e fazer diferente.

Por que eu tinha que levá-lo para fora? Merda de responsabilidade fodida que levamos nas costas. Mas sempre soubemos, temos um X vermelho gravado nas costas, só não sabemos a hora em que viramos realmente alvos.

Não há tempo para nos defender e eu tive sorte. Não deveria ser ele, deveria ser apenas eu a pagar.

Porra, ele tinha família, uma filha, pessoas por quem lutar e eu... e fui eu a ficar bem, de pé.

Perdi um guerreiro, perdi um irmão e isso me dói, ao ponto de me fazer chorar. Era para ter sido eu, não seguiram Alex naquele dia, seguiram a mim e a raiva que sinto por isso é insuportável, assim como o remorso, a culpa, a impotência, a perda do controle da minha própria vida.

Meu braço dói, talvez pelo movimento recente, por minha explosão. Sophie se mexe entre meus braços, nos afastando e me olha, seus olhos estão vermelhos, segurando as lágrimas e enxergo neles, a mesma dor que sinto agora.

— Foi retaliação? — pergunta.

— Acredito que sim.

Toco seu rosto, mas ela se afasta, limpando a garganta e cruzando os braços, é sua defesa contra o que sente e ela não faz ideia do inferno que farei a partir de agora!

Meu coração parece querer sair do peito, me causando dor a cada pulsação e olho Augusto, parado a poucos centímetros de nós, com culpa no olhar. Mas eu sei, ele fez tudo que pôde e me aproximo dele.

— Desculpa, Augusto, não foi por...

— Eu sei, eu sei, não se preocupe com isso. Entendo a dor que sente e eu realmente sinto muito por não ter conseguido salvá-lo.

— Eu agradeço por tentar.

— Claro... Querem vê-los?

Olho Sophie e ela anui, reticente, e seguimos com Augusto e, sendo sincero, não sei se estou preparado para isso. Eu tinha certeza, esperança de que ele sairia dessa, mas Alex perdeu a guerra hoje.



Já é madrugada quando deixo a casa da mãe de Benjamin e Sophie, passei as últimas horas aqui. Pouco depois de vermos Alex e Fernanda, a recepção do hospital estava tomada de oficiais. Amigos, companheiros de farda, ex-combatentes, assim como nosso comandante. Fiquei um tempo com eles, vimos as questões práticas, afinal, providências precisavam ser tomadas.

Nós nos dividimos para o que precisava ser feito quando deixamos o hospital naquela madrugada. Sophie foi pegar Luna na casa de Cristine, eu fui à casa de Alex, buscar algumas coisas para ela. Leite, fraldas, algumas roupinhas, nem sei se peguei tudo o que precisava, mas dona Célia disse que o que eu trouxe bastava, então deve dar, ao menos até amanhã.

Mas antes de realmente fazer o que deveria na casa vazia e escura, me sentei no sofá da sala e desabei mais uma vez, sozinho.

Alex não era só um amigo, ele não era só um companheiro de farda, ele era um irmão. O irmão que eu escolhi, a pessoa com quem eu poderia contar a cada momento, quem eu chamaria para apagar um incêndio se precisasse.

Certa vez assisti a uma série com Cristine, ela me fez assistir, na verdade, não era o tipo de série que eu assistiria normalmente, mas fiquei ali com ela. Uma frase me chamou atenção, uma moça dizendo para a outra, era a sua pessoa. Aquela que chamamos quando matamos alguém e precisamos enterrar o corpo.

Não foi bem com essas palavras que a frase foi dita, mas era algo do tipo e Alex era essa pessoa para mim e agora ele se foi. Abatido por dar seu sangue no trabalho, por fazer o que era certo, por salvar vidas, para salvar Heitor.

Alex foi para mim o que Heitor não foi, ele estava aqui quando precisei, foi ele que me tirou do quarto, me obrigou a tomar banho, sair do casulo quando minha mãe morreu. Foi quem me ajudou a superar meus piores momentos, foi com ele que entrei para polícia, nos inscrevemos juntos para o BOPE e quando ele mais precisou, eu não pude protegê-lo. Não pude sequer retribuir o que já fez por mim. Eu não cuidei das suas costas e é nessa hora que me dou conta, não temos controle algum sobre nossas vidas.

Isso me fode!

Fiquei algum tempo lá, lembrando situações, momentos bons, outros

nem tanto, mas em todos, estávamos juntos. Fui seu padrinho de casamento, fiz sua despedida de solteiro, o ajudei a escolher as alianças, sou o padrinho de sua única filha. Luna... ainda terei que lidar com tudo isso.

Quando recuperei o mínimo controle, saí de lá com uma bolsa dessas de maternidade ou sei lá como chamam, com algumas coisas para Luna e nos encontramos na casa da mãe de Sophie. Dona Célia está no ajudando com Luna nesse primeiro momento, ela a acalentou e a colocou na cama, já que tanto eu quanto Sophie estamos um tanto fora do ar. Sophie parece em estado de choque, apenas... existindo. Nada mais falou desde que vimos os corpos de Alex e Fernanda no hospital.

Benjamin também estava lá com sua irmã e estava mal, ficamos os três sentados no sofá, sem nada a dizer, apenas sentindo o peso que isso nos trouxe, contemplando que agora, Luna está sem os pais e pior, que agora só tem a mim e à Sophie, que sequer quis ser madrinha da menina quando ela nasceu. Onde nos metemos?

Depois de alguns minutos com os dois, recebi uma ligação e tive que sair. Leandro estava me esperando do lado de fora, como um bom parceiro tem me dado cobertura desde que saímos do hospital, afinal, quem tentou uma vez, vai voltar para terminar o serviço, alguém quer me matar.

Bom... eu posso cair, mas vou cair atirando, parceiro.

Disseram que eu não poderia fazer esforço com o braço, foi o que disseram..., mas não é o que farei. Após dirigir por várias ruas, relativamente vazias a essa hora, Leandro estaciona em um beco escuro, escondendo seu carro, que está com a placa coberta e saímos juntos, entrando em um galpão velho e abandonado, um antigo armazém, que virou ponto de maconheiro e sem teto, onde Adônis, também oficial do BOPE, nos disse que estariam nos esperando. O encontro logo na entrada.

— Deu certo, capitão, ele apareceu no quarto e bem armado. Achou que você *tava* lá.

Dou um sorriso amargo, mais parecido com um esgar.

— Deixamos o filho da puta prontinho *pro* senhor, mas ele ainda não falou nada.

— Mas vai falar... Me dá o saco — peço e ele sorri ao me entregar.

Antes de ir para a casa de Alex, eu pedi um favor a Augusto, algo bem pessoal e que poderia lhe trazer problemas, mas ele não negou meu pedido. Pedi que me mantivesse nos registros do hospital, como se estivesse internado em um dos quartos.

Augusto não entendeu de início e tive que explicar o que eu queria. Eu tinha certeza de que alguém viria terminar o serviço que começaram pela manhã, viriam atrás de mim. Tenho quase certeza de que essa merda é a resposta da ação que fizemos, que resultou na morte do filho do chefe do tráfico dos Três porquês. Sabiam que era eu o líder da operação, não deixariam barato e eles voltariam.

E foi o que realmente aconteceu e Adônis estava lá para pegar o filho da puta nessa hora. No quarto em que supostamente eu estaria, mas dois homens, de minha confiança, surpreenderam o filho da puta que teve a coragem de voltar para me matar e admito, ele tem culhões, agora o que eu realmente quero com isso? Ter a certeza do mandante do atentado.

Eu tenho quase certeza, mas traficante nenhum é burro, parceiro, eles sabem o que acontece quando matam um policial do BOPE, é guerra!

Entro no pequeno quarto e o cheiro podre é a primeira coisa que sinto, mas logo me acostumo com o odor ao passar os olhos pelo local escuro, com pouca luz. Encontro quem tanto quero sentado em uma cadeira, amarrado, com olhos vendados. Me aproximo e tiro sua venda, esperando seus olhos se acostumarem à iluminação precária do ambiente.

— Então *foi tu*? Queria matar um "polícia", vagabundo? — pergunto. O cara já levou alguns sopapos, mas nada de mais, só um olho inchado e sangue seco que escorreu do nariz, eu deixei claro para Adônis que ele era meu.

— Não, senhor.

Sorrio, me sentando à sua frente.

— Eu vou mandar o papo reto, filho da puta, como vocês gostam. *Tu vai* morrer de todo jeito hoje, não vou te enganar. Vocês sabiam de quem estavam indo atrás, sabiam com quem estavam mexendo, sabiam que teriam resposta. Eu sou a resposta, e quero saber quem mandou me seguir, quem mandou me passar. Agora, a questão é: eu posso te matar rápido, um tiro, e pronto, quase indolor. Ou posso te causar dor, te torturar e, acredite, se optar

pela segunda opção, eu vou gostar, parceiro, eu vou dar o meu melhor e *tu vai* pedir *pra* ver o capeta esta noite, vai implorar por um tiro na testa para acabar com seu sofrimento. — Dou de ombros, abro lentamente um pequeno estojo de couro com vários bisturis e alguns alicates, escolhendo vagarosamente o primeiro item que vou usar e o olho. —Você decide!



O caixão com meu irmão de armas e sua esposa, cobertos com a bandeira do Brasil estão lado a lado no pátio coberto da sede do BOPE, tendo ao lado castiçais com velas e coroas de flores. Com a honra de poder estender também, com orgulho, nossa bandeira preta com o símbolo da nossa caveira, me aproximo, a estendendo sobre o caixão de Alex. Ele se foi com a honra de um guerreiro que morreu na luta, que se foi buscando por paz.

Quatro soldados da Polícia Militar em traje de cerimônia estão em posição de sentido nos quatro cantos. Enquanto eu, ao lado do caixão, sinto minha mente nublada pela dor, eu estou perdendo um irmão de vida, tomado pelas lembranças.

Em principal, hoje, pelas recordações dos momentos bons e ruins que passei com ele. Os tiroteios e momentos de tensão das missões, a alegria de comemorar o retorno com vida. Agora tudo são apenas lembranças, pois tanto Alex quanto Fernanda estão deitados imóveis naqueles esquifes.

Mais cedo, um capelão militar se aproximou e celebrou uma pequena cerimônia. Em seguida os soldados da guarda de honra fecharam os caixões.

Aproximo-me com outros companheiros do BOPE, inclusive nosso comandante, e me posiciono em uma das alças do caixão de Alex e, juntos, o retiramos do suporte, com passos lentos os levamos até os dois carros funerários que aguardam.

Assim como para Alex, levaremos Fernanda com a mesma honra. Respiro fundo ao soltar os caixões e procuro Sophie, ela veio, apesar de ela ser uma civil, a convidei, ela merece estar aqui.

Ao longe, encostada em uma mureta, olhando toda a cerimônia ela permanece estática, perdida em seus pensamentos, olhos inchados e

vermelhos, nem parecendo estar realmente aqui. Assim como eu, ela não deve ter dormido essa noite. A vejo sair pela lateral, puxando do bolso da calça a chave de sua moto, a chamei para seguir comigo ao cemitério, mas ela recusou.

Foi uma noite difícil, minhas mãos seguem marcadas, pouco machucadas. Como imaginei, não foi tão fácil tirar a informação que eu precisava do filho da puta, nessa madrugada. Mas também não precisei me esforçar muito para ter certeza do que já vinha desconfiando, foi o tal Paizão do tráfico, o responsável por me tirar Alex.

Achei que sua morte tinha sido uma consequência por estar comigo naquele momento, achei que seguiram a mim, não a ele. Mas me enganei, nós dois éramos os alvos.

Os carros funerários ganham as ruas em direção ao cemitério. Motociclistas policiais abrem caminho com as sirenes ligadas, enquanto as viaturas do BOPE seguem atrás, com suas sirenes ligadas em uma canção triste, minha viatura puxando o comboio.

O caminho é curto, mais perturbador. Já fizemos esse percurso, não é a primeira vez que perdemos um guerreiro, mas eu jamais imaginei que um dia seria Alex. Em nossa profissão, o perigo é um companheiro certo, mas no fundo, você nunca espera que aconteça com você. Não demoramos a chegar ao cemitério, nos reunimos para comprar duas tumbas lado a lado, eles permanecerão juntos, até mesmo na morte.

O local cheio de um gramado verde e bem-cuidado, com árvores espalhadas, transmite uma sensação de paz, uma paz que desde ontem me foi tirada. Os caixões são colocados nos suportes acima das covas, sete policiais do BOPE se colocam em fila não muito distante.

Há pessoas nos esperando aqui, civis, conhecidos, colegas de trabalho de Fernanda. Benjamin também está aqui, adiante e acena quando seu olhar cruza o meu. Ele veio sozinho, dona Célia prontamente se ofereceu para cuidar de Luna, enquanto estamos aqui.

Nosso comandante se aproxima dos caixões, pronto para seu discurso.

— Alexandre era um companheiro e irmão, sempre disposto e pronto, não importando a missão que lhe fosse designada. Sua coragem, sua honradez

são um exemplo para todos nós. E garanto, sua morte não será em vão, os responsáveis serão encontrados e presos, isso eu garanto.

Um discurso bonito e verdadeiro. Eles irão pagar, mas não serão presos, pagarão com a vida.

O capelão se aproxima, colocando-se ao lado do comandante e enquanto rege a cerimônia, minha mente viaja longe. Agora não sou mais um homem sozinho, uma criança acaba de cair em meu colo, um pedaço de Alex e Fernanda. Venho a mim quando todos os presentes fazem um minuto de silêncio, seguindo a oração que fora pedida.

— Do pó viemos ao pó voltaremos — encerra o capelão, fazendo o sinal da cruz.

— Atenção! — grita um sargento, que está ao lado dos policiais do BOPE. — Preparar!

Ouvimos o som dos ferrolhos dos fuzis sendo engatilhados.

— Apontar! — Os policiais apontam os fuzis para o solo.

— Fogo! — O estrondo dos fuzis é a única coisa ouvida.

— Fogo! — Novamente o estrondo quebra o silêncio.

— Fogo! — Fecho os olhos com força com o estrondo da terceira salva, sentindo o ódio arder em meu peito, me trazendo o gosto de bile à boca.

— Apresentar armas! — o sargento comanda e os policiais erguem os fuzis colocando-os na frente do peito. — Descansar!

Neste momento um corneteiro solitário toca os acordes do *taps*, o toque de silêncio usado também em cerimônias fúnebres. Os soldados da PM, ao lado do caixão, recolhem e dobram a bandeira do Brasil e do Bope que os cobriam, entregando-as ao comandante. No usual, as bandeiras seriam entregues aos pais, mas Alex e Fernanda não tinham família, e as bandeiras são entregues a mim.

Dois coveiros abaixam os caixões por meio de polias e cordas, enquanto policiais e amigos nos dão as condolências.

Procurro dentre as pessoas por Sophie, mas não a vejo em um primeiro momento, chego a duvidar que ela viera, e a procuro além das pessoas. A

encontro, em pé, próxima a uma árvore, olhando ao longe, um olhar vidrado, perdido em nada em especial. Sofrendo em silêncio.

Penso em ir até ela, mas sou impedido quando o comandante vem em minha direção, levantando a mão, dando um sinal que quer falar comigo.

— Precisamos conversar, Soares. — Confirmo com um aceno e quando volto a procurar por Sophie, ela já não está mais onde estava antes.

— Claro, senhor.

Antes de falar, ele olha para os lados, se certificando de que não seremos ouvidos e eu aguardo, curioso, o que irá me dizer.

— Sei o que está passando na sua cabeça, sei o que Alexandre significava *pra* você, assim como para a nossa corporação, e sei como é perder um irmão de farda, já senti essa dor. Mas eu não quero, de maneira alguma, que tentem alguma retaliação em resposta ao que fizeram com Alex. Faremos isso, claro, mas nos conformes, dentro da lei.

— O que está me dizendo? Está me pedindo *pra* fechar os olhos para o que aconteceu, quando minha bunda também está na reta?

— Não, você não fechará os olhos, mas espere a poeira baixar, mantenha a cabeça no lugar. Iremos retaliar, responder à altura, mas antes, vamos estudar a situação.

— Só pode estar de brincadeira, senhor, com todo o respeito.

— Não estou. Sabe bem o que um ataque nesse nível faria, e eu não quero homem meu agindo pelas costas da lei, dando o que falar para a mídia, é uma ordem, Soares. Honre essa farda, segure esse ódio, nós vamos agir, mas nos conformes. E caso queira desobedecer a ordens diretas, haverá consequências. Agora, cuide do seu rabo e não pense em vingança pessoal. Aja com frieza, estamos entendidos?

Engulo em seco, minha mandíbula travada, raiva correndo por minhas veias.

— Sim, senhor.

— Ótimo, agora vá para casa e descanse, precisaremos de você.

Confirmo e o assisto sair. Ainda que eu quisesse cumprir suas ordens, que não é o caso, eu não seguiria o que pede. Honra... eu conseguiria sentir

honra ao me olhar no espelho e saber, que os culpados por matarem Alex e Fernanda estão impunes?

— Capitão, queremos saber o próximo passo.

Olho por cima do ombro, vendo Leandro atrás de mim.

— Retaliar, planejar e subir o morro. Vai ter resposta!

Olho uma última vez o túmulo de Alex e dou meu último adeus e enxergo com orgulho um fim honroso, sabendo, que vou vingá-lo pelo que fizeram. Eles pediram por guerra e eu irei mostrar o inferno a eles.



Capítulo 18

*Flutuar... como se estivesse fora do
seu próprio corpo, vendo a si próprio
e aos outros como em uma cena na
tv... essa pode ser uma forma de fugir
da dor.*

Sophie

Flutuando, em uma atmosfera de dor, assisti toda à cerimônia fúnebre, vi os dois caixões descerem em seus túmulos e me despedi à distância, sem a coragem de me aproximar, de ver Fernanda dentro de um caixão, em um lugar frio e escuro, eu não conseguiria. Já bastou o que vi no hospital, levarei para sempre sua imagem ali, deitada em uma maca gelada, seu corpo inerte e isso me assombrará para sempre, não precisava de mais nada além disso. Mas também não poderia deixar de estar lá, por mais que doesse.

Mantive-me o tempo todo sentindo, sentindo apenas aquela dor, a perda

apertando meu peito, centímetro por centímetro, e saber que ainda terei de lidar com algo que não faço a mínima ideia de como fazer, está me consumindo.

“Sophie, isso não quer dizer que um bebê cairá em seu colo, nada disso. É só uma garantia...”

Relembro o que Fernanda me falou não faz muito tempo, e que, acabou acontecendo da pior forma possível. E desde que tudo aconteceu, eu estou me perguntando: *eu vou conseguir?*

Claro que um “NÃO” gigante aparece, quando me faço essa pergunta, em segredo em minha mente, mas o que eu posso fazer? Eu poderia pular fora, dizer não a essa reponsabilidade, mas que monstro isso faria de mim? Se bem que, me acho um lixo apenas em cogitar desistir. Sequer conseguiria viver comigo mesma, caso o fizesse.

Célia tem sido um anjo desde que levamos Luna para sua casa e eu tenho fugido dela, de Célia que quer conversar, de sua preocupação excessiva, também dos olhinhos amendoados de Luna, sem conseguir imaginar como será sua vida não sendo criada por sua mãe e sim por mim, uma pessoa que jamais quis um filho, jamais cogitou ter uma criança.

Essa coisa de amor, paixão, tradição de encontrar alguém, namorar, se casar, nunca fez parte da minha vida, nunca fez parte de mim. Em um breve momento da minha vida, há muitos anos, isso chegou a passar pelo meu coração, imaginar um futuro, Igor me fez acreditar nisso com seu sorriso juvenil, cheio de promessas, mas não fomos longe e logo a realidade caiu sobre nós. Desde então, esses nunca foram meus sonhos e eu passei a querer apenas a sobreviver, um dia após o outro, esse passou a ser o meu sonho.

Depois foi só a existência, aceitar ser amparada, amada. Então... veio o esporte e esse sim me deu um sonho, o de ser melhor a cada dia, o de me desafiar, de vencer. Mas a suposição de ter um relacionamento, uma criança então... não, isso nunca.

Fecho meus olhos, por breves segundos, pois eu só queria acordar desse pesadelo, eu daria tudo, tudo que tenho apenas para acordar desse pesadelo. Voltar no tempo e ter Alex e Fernanda bem, para cuidarem de sua filha, para viver o amor bonito que ambos sentiam. Era o que eles mereciam, foi o que

lhes fora tirado de forma cruel e prematura.

A vida não é justa e eu aprendi isso muito cedo.

Estou aqui sentada, parecendo flutuar, sinto meu estômago colar nas costas, mas não tenho vontade de comer. Não como, não durmo, não falo... desde que ela se foi. Acho que estou existindo, desde então. Jamais pensei que voltaria a amar alguém ao ponto de sentir que, ao ir embora, ela levaria um pedaço de mim.

— Precisa comer, filha... — minha mãe fala, colocando a mesa do café da tarde.

Saí do cemitério após todos deixarem o local, estando à distância e só então me aproximei dos túmulos, já cobertos com terra. Fiquei lá um bom tempo e depois vim para cá, na verdade, Benjamin me trouxe para cá. Ele foi atrás de mim, após estranhar ver minha moto, por muito tempo, parada na entrada do cemitério e foi me procurar. Me encontrou sem muito esforço, sentada na grama, olhando fixamente aqueles dois montes de terra.

Não resisti em vir, só desisti de fugir da minha responsabilidade, não dá mais, não é? Só nos restou Luna e uma hora ou outra, eu teria que voltar. Quando cheguei, tomei banho e vesti roupas velhas que ainda estavam por aqui e me sentei na cozinha, perdida em um mundo só meu e sequer sei o paradeiro de Bruno.

— Deveria ter enxugado melhor o cabelo, também.

— É, deveria — respondo e ela olha para Benjamin. Sei que estavam ficando preocupados com meu silêncio prolongado. — E eu sinto fome, mãe, mas não consigo comer.

— Mas precisa, Sophie — Benjamin tenta. — Se quiser, posso fazer aquele sanduíche que você gosta.

Eu sinto pena, de ambos. Pena por me amarem, pena por se preocuparem tanto com alguém como eu. Olho os dois, parado próximo ao armário, o olhar abatido, preocupados. Eu queria ser diferente, ser melhor para eles, consegui falar mais, ou apenas expressar o que sinto. Mas não consigo.

— Não, agora não. Talvez depois, minha garganta parece mesmo travada. — Me levanto da mesa, passando pelos dois e parando próximo à

minha mãe. — Obrigada, mãe, agora eu só quero me deitar um pouco. — Toco seu ombro, beijando seu rosto e sigo para o seu quarto.

Em outra situação, eu iria para o meu antigo refúgio, mas hoje não, pois Luna está dormindo seu soninho da tarde na cama de Célia. Entro nas pontas dos pés, sem querer acordá-la e logo sinto aquele cheiro, um cheiro perfeito, cheiro de mãe, de boa mãe, o cheiro de Célia. Seu quarto é grande, paredes de cor bege-claro, uma cama king bem centralizada no meio do quarto, um closet à esquerda e uma poltrona de canto, que ela geralmente usa para ler.

Sento-me aos pés da cama, vendo a bebê ressonar baixinho. Ela parece à vontade, braços e pernas esparramados e sorrio com sua fofura.

— O que farei com você, pequena humana? — falo e é como ouvir Fernanda respondendo que sua filha tem nome. — Onde você estava com a cabeça quando me escolheu, Fernanda?

Respiro fundo, observando a dúzia de travesseiros que Célia colocou ao redor de Luna, para ela não cair, caso rolasse. Me movo, subindo na cama e ela se mexe, eu sequer respiro, com medo de acordá-la. Vou me deitando ao seu lado aos pouquinhos, sentindo o cheirinho de talco e bebê que emana dela. Luna é o único pedaço que sobrou de Fernanda e Alex, meu pedaço.

Respiro fundo, controlando o bolo na garganta, controlando a vontade de tocar o bebê e fazer carinho em sua bochecha gordinha. Nem posso imaginar a falta que ela sentirá da mãe, apesar de, até o momento, Célia ter dito que ela se comportou bem, que sentiu falta de Fernanda, ameaçou começar a chorar, mas que ela conseguiu entretê-la. Disse que de início não queria a mamadeira, que chorou, claro que choraria, queria mamar na mãe e não na droga de um bico de plástico... dois dias... sem a pessoa que ela mais ama e conhece.

— Mas é o que temos, pequena humana. Acho que vamos ter de aprender juntas a como ficar sem Fernanda.



Pisco os olhos, tentando ver algo na escuridão que toma o quarto. Estou

suada, exausta e ao me dar conta das últimas horas, passo a mão pela cama, à procura da pequena, mas Luna não está mais aqui. Me sobressalto, me sentado de imediato, olhando ao redor e vendo alguém sentado na poltrona de leitura de Célia, com um bebê nos braços.

Respiro, aliviada, o que eu pensei? Que alguém roubaria um bebê aqui?

— Estava dormindo profundamente, não quis te acordar, só peguei *ela*
— Bruno fala, dando mamadeira para a menina.

Levanto-me, passando a mão no rosto e acendo a luz fraca do quarto, podendo vê-lo completamente e volto a me sentar na cama, de frente para eles, sem nada a dizer. Mal acordei, ainda estou tentando acalmar meu coração do susto de não a ter na cama.

— Como você está? — Bruno pergunta e eu tento tirar uma sujeira imaginária debaixo da unha.

Esse é o tipo de pergunta que não se faz a alguém após um enterro. Nunca vou a enterros, mas sei que essa é a pior pergunta a se fazer, pois quem perde alguém nunca está bem.

— Bem e você? — minto e ele sorri, irônico.

— Você é boa em mentir, se não fosse o vazio que eu sinto em meu peito, eu acreditaria em você. Mas sei que sente tanto quanto eu, sei que não está bem.

Volto a olhar o chão, foi o que eu disse. Mas da boca para fora, eu estou sempre bem, pois eu jamais me entrego, jamais deixo o universo saber que estou mal, não importa a situação.

— Eu vou ficar bem — digo, apenas, não preciso me explicar para ele.

Fico olhando Luna tomar o leite da mamadeira com avidez, olhando para Bruno enquanto o faz, parecendo calma. Como é perfeita a inocência de uma criança.

— Bruno. — Ele me olha. — O que faremos? Como faremos isso — aponto de mim para ele — funcionar.

— Eu não sei — responde e parece tão perdido quanto eu. — Estou queimando a cabeça desde cedo, mas não estou tendo boas ideias. — Luna se move em seu colo, e ele busca outra posição e então noto suas mãos

machucadas, os nós dos dedos arranhados.

— Esteve brigando? — pergunto e ele olha para mim com certa surpresa e em seguida, para as mãos, e entende o motivo da pergunta.

— Sim, mas não se preocupe.

Fico o olhando, algo como raiva subindo pelo meu corpo, seus melhores amigos estão mortos e ele está brigando?

— Eu não me preocupo, não com você. — Não me seguro. — Você já é adulto e deve cuidar do próprio rabo como bem entender, o que eu me preocupo é com o pacote nos seus braços, essa sim me preocupa e eu espero, que você não fique caçando briga por aí, se enfiando em merda. Merda como as que acertaram Alex e Fernanda! — No fim já estou esbravejando e assusto, mesmo sem querer, Luna, que começa a chorar.

— Era o que queria? — indaga, com relação à menina. — E ela não é um pacote, tem nome e você sabe.

A essa a altura, a menina já deixou de mamar, abrindo o berreiro e somos interrompidos por Célia, que entra no quarto como um furacão, movida pelo choro de Luna.

— Vou levar *ela* comigo, enquanto vocês dois conversam. — Ela pega Luna e me olha antes de sair. — E eu falei conversar, entendeu, Sophie?

Não me dou ao trabalho de responder, enquanto espero que ela saia do quarto para continuar a “conversa”.

— Ele era meu irmão, eu vou atrás de quem fez isso e vou punir o filho da puta... não espere algo diferente disso.

Sorrio e me ponho de pé, andando de um lado para o outro.

— Ah, claro. Comece uma guerra, essa é a melhor forma de consertar as coisas.

— Você deveria querer isso também.

— Querer? Eu não queria um bebê, nunca quis e veja só, agora tenho um. Sabe o que isso quer dizer? Que nem sempre conseguimos o que queremos, Bruno.

Ele não se abala, continua sentado, as mãos juntas sobre a perna.

— Acho que você não entendeu. Quem atirou em nós, não foi por acaso, Sophie. Estávamos marcados, atiraram em nós a mando de alguém, alguém que eu já sei quem é. Eu não comecei uma guerra, mas entrei em uma, semanas atrás, e tenho um X bem grande desenhado em minhas costas, assim como o que estava nas costas de Alex, e eu não vou esperar sentado enquanto me acertam.

Escuto com atenção o que disse e entendo seu ponto, volto a me sentar ao notar o tom amargo com que fala.

— Vieram atrás de você... — E minha ficha cai.

— Sim, vieram e ainda virão. Mas não darei tempo *pra* isso, irei atrás deles primeiro.

— Bruno...

— Não estou pedindo sua permissão, estou lhe contando o que farei, pois confio em você, tenho que confiar a partir de agora e preciso que entenda onde nos enfiamos.

— Você está se escondendo? — pergunto, tentando entender a real proporção do tamanho disso aqui.

— Não diria me escondendo, mas estou tomando cuidado, sim. Estou de licença por alguns dias, por conta do meu braço e ainda sequer pude ir em casa. Se estão atrás de mim, sabem onde moro, aonde vou, minha rotina e minha casa deixou de ser opção por esses dias. — Começo a entender o que diz. Claro, era disso que Alex tinha medo quando nos pediu para aceitar ser guardiões de Luna, caso algo acontecesse, medo de retaliação.

Porque, claro, se um dia ele fosse morto em serviço, ainda assim, Luna teria Fernanda, ele não precisaria se preocupar que a filha ficaria órfã. Mas caso fosse um tipo de vingança, eles poderiam não só ir atrás dele, mas de sua família também e aparentemente, foi o que aconteceu.

Por isso fizeram a nós dois àquele pedido ridículo, por isso a guarda seria nossa. Pois, ainda que alguém tentasse algo contra Bruno, isso jamais respingaria em mim, pois não somos um casal, não sou sua família. E Alex sabia, eu jamais me envolveria de forma íntima com Bruno e de qualquer maneira, Luna sempre teria a mim...

Independentemente do que Bruno faça, nada, jamais, respigaria em

mim, pois não temos nenhuma relação. Eu nunca tinha realmente parado para pensar no porquê de nós dois. Pois claro, eles sabiam que como não sou alguém afetuosa, eu jamais serviria para ser mãe.

— Filhos da puta... — Deixo escapar, me dando conta do que fizeram. Foi uma jogada de gênio.

— Então eu pergunto, o que faremos, Sophie? Agora temos uma criança, uma criança que já perdeu os pais e não merece perder mais nada.

— Ela não vai. Já nos metemos em uma grande merda, vamos tentar limpar isso.

— Ao menos, em algo concordamos. Temos que pensar no melhor *pra* Luna, só ela importa neste momento. Esses primeiros dias serão os piores, porque ela vai sentir muita falta dos pais, teremos que fazer de tudo *pra* suprir isso.

Eu estou muito fodida, Luna sequer gosta de mim.

— É, temos. O advogado entrou em contato?

— Eu liguei mais cedo, se assustou ao saber de tudo.

— Imagino...

— Conversei com Diana, uma psicóloga do batalhão, quer dizer, ela me perguntou sobre Luna. Contei a ela e então me aconselhou a algo. Disse que o ideal, nesse início, seria que Luna ficasse na casa dela, na casa que ela nasceu e morou até agora com os pais, *pra* evitar uma mudança muito radical de imediato. Mas devido às circunstâncias, lá não é seguro e eu disse isso a ela.

Respiro, aliviada, eu não conseguiria ficar lá, de qualquer maneira.

— E o que mais?

— Que se mudarmos as coisas, em especial a rotina dela, devemos estar juntos nesse início. Vamos ter que providenciar tudo, meu apartamento não é opção e acredito que no seu quatinho na academia não caiba três pessoas.

Confirmo o que diz e me dou conta de algo.

— Espera, três pessoas?

— Sim. Eu, você e Luna.

A ficha vem caindo aos poucos, mas não completamente.

— Não entendi...

— Nesse início, até completarmos um vínculo afetivo e fraterno com Luna, o ideal é que fiquemos juntos, os três. Ela vai sentir a falta dos pais, vamos tentar fazer essa transição da forma mais delicado possível. Acredito que essa é a melhor forma.

— Está mesmo dizendo que teremos que morar juntos? É isso?



Capítulo 19

*Surpresas, não importa de onde
venham, elas sempre nos abalam...*

Bruno

Sophie está me olhando como se eu tivesse apontado uma arma para ela, o que não é o caso, mas eu a entendo. Se tem uma pessoa no mundo em que eu jamais pensaria em morar junto, na mesma casa ou sequer no mesmo prédio, essa pessoa seria Maria Sophie, mas a questão aqui é outra. Além de termos que mudar tudo por Luna, tenho que pensar também na minha segurança e na menina que agora é nossa responsabilidade.

Eu tinha a certeza de que Alex iria sair vivo da sala de cirurgia, eu apenas sabia, mas me enganei. Em um primeiro momento, tudo que senti foi a perda, a raiva, o gosto pela vingança, mas depois a ficha caiu. Tenho uma criança em minha vida agora, não só ela, mas também Sophie. Luna acaba de entrelaçar nossas vidas para sempre a partir de agora. Fugir dessa

responsabilidade nunca foi uma opção.

— Estão atrás de mim, Sophie. Estavam atrás de mim e de Alex, pois na última ação que fizemos na comunidade, para resgatar um delegado federal. — E meu irmão, mas essa parte eu decido omitir. — Matamos o filho do chefe do tráfico e foi aí que a merda fedeu.

— Mas...

— Eu não terminei. Nem sabíamos quem era o filho da puta e ainda que soubesse, nada mudaria, teríamos matado o vagabundo da mesma forma. Só que não é difícil descobrirem quem estava à frente da operação e era eu. Alex o atingiu primeiro, mas ele era meu e acabou com um tiro bem no meio da testa. Foi isso o que colocou um X em minhas costas.

— Mas como sabiam que foram vocês, se ninguém ficou vivo? Ou deixaram alguém?

— Ficou alguém... era só um garoto, uns treze anos, no máximo... ele tinha que ter a oportunidade de ser diferente. Deixamos o moleque vivo e, claro, ele delatou, não que ele tivesse escolha de fazer diferente.

— Que merda fodida — fala e parece preocupada.

— É sim, o que posso afirmar era que nós dois éramos os alvos naquele dia, assim como a família de Alex.

— Como sabe disso? — ela pergunta e eu olho minhas mãos.

Arranquei tudo que eu queria saber do mala que foi ao hospital acabar o serviço, acabar comigo e depois, dei um fim a ele como prometi que faria. Mas meu foco agora é outro, é o tal Paizão.

— Não importa como eu soube.

— É por isso que suas mãos estão assim, não é?

Olho para ela e me pergunto o que Sophie diria se me visse ontem, naquele quartinho imundo, fazendo o vagabundo cantar igual canário. Eu não tenho por que mentir, se isso irá funcionar, e tem que funcionar, ela deve saber quem eu sou. Teremos que ter confiança um no outro.

— É, é por isso. Ontem, enquanto estávamos aqui, mandaram alguém ir ao hospital. Acharam que eu estaria internado, pelo tiro que levei, e foram terminar o que começaram. Só que mais cedo tinha um carro estranho parado

frente ao hospital, ficou ligado o tempo todo e eu imaginei que eles voltariam, imaginei que merda estava vindo. Armei uma emboscada, deixei um homem da minha confiança no hospital, o esperando e pegaram o vagabundo. Ontem quando saí daqui, foi para ter uma conversa com ele, saber tudo que eu precisava para tomar providências.

Ela me olha, por tempo demais, passando a mão no rosto, indo à raiz dos cabelos e coçando de forma nervosa a cabeça, movendo o pescoço para o lado, quieta demais.

— Não vai dizer nada?

— O que eu posso dizer? — devolve, levantando as mãos, estamos mesmo na merda. — O que eu posso falar quando, se eu pudesse, eu mesma mataria, com minhas próprias mãos, quem tirou a vida de Fernanda e de Alex? Espera que eu te repreenda? Ora, Bruno, você já é bem grandinho e, quanto a isso, eu não posso ser hipócrita e te julgar, sendo que, se eu estivesse no seu lugar, faria o mesmo. Eu sei que é errado, e você também sabe, não é assim que deveria funcionar..., mas o sistema, droga... o sistema não funciona — fala, desolada. — No fundo, o sistema não fará nada e será o quê? Só mais um policial morto, só um número? Eles merecem justiça... eu só não quero que isso interfira mais ainda na vida de Luna, ela já perdeu tudo, só tem a nós dois.

Isso eu não esperava, mas Sophie veio do sistema e sabe que nada neste país realmente funciona. Claro, Alex era um policial do BOPE, o comandante pode cobrar uma resposta, investigação, pode até tentar uma ação. Mas quando?

— É, para o sistema é apenas isso.

— Mas não é só isso, porque ao mesmo tempo que eu quero fazer o mesmo que você, eu penso que algo pode te acontecer também. Se Alex ou Fernanda tivessem sobrevivido, se um deles ao menos tivesse sobrevivido, eu não me importaria se você fosse ao inferno atrás de quem quer que fosse para fazê-lo pagar. Mas os dois estão mortos, Bruno. — Com isso, fica claro que ela não se importa comigo, claro, seu medo é que eu venha a faltar e só sobre ela com Luna. — Mas agora somos só nós dois, Luna não tem mais ninguém e se algo te acontecer...

— Não vai.

— Não pode garantir isso — ela se exaspera.

— Posso e vou. Nada vai acontecer. Temos que ter cautela, só isso. Você é a única que não está no olho do furacão. Eles não sabem que você está ligada à família de Alex, eu estou de licença e vou usar esse tempo *pra* resolver essa merda, ficar na encolha. Sua vida seguirá o rumo normal.

— Normal? Normal? Claro, supernormal, pois eu sempre tive que cuidar de uma criança!

Fico calado. Ela tem razão, normal não passa nem perto do que será nossa vida daqui em diante.

— O mais próximo do normal que conseguirmos, *tá* bom assim?

Ela bufa, abaixando a cabeça e a apoiando entre as mãos. Talvez ela estivesse certa, Sophie não é a melhor pessoa para cuidar de um bebê. Nenhum de nós somos.

— E qual a sua ideia? Como pretende ficar na encolha, enquanto eu sigo minha vida normalmente, tendo nós dois que cuidar do pacote lá fora?

— Tem que parar de chamar *ela* assim — peço, mas ela revira os olhos.
— Pensando no ideal *pra* Luna, nesse primeiro momento, é que estejamos juntos dela, os dois, para que ela passe a ver em nós segurança, que se acostume a nos ter como seus protetores, que possa projetar em nós amor fraterno. Mas eu não faço a mínima ideia de como faremos isso. A casa de Alex não é segura e, ainda que fosse, eu não me sentiria à vontade estando lá.

— Nem eu — fala, mordendo o canto da unha, parecendo pensativa.

— Meu apartamento também não é seguro no momento e...

— Eu tenho um lugar. — Ela me surpreende, deixando a unha de lado e me olhando, decidida.

— Que lugar?

Ela não dá a mínima para a minha pergunta, se levantando e caçando algo em cima da cama. Seu celular. Ela está até engraçada hoje, um short solto, desses de elástico na cintura e uma blusa simples, branca, as pernas à mostra. Acho que nunca a vi de branco.

— Eu vou te mostrar, *tá* de carro?

— Não, um amigo me trouxe, não *tô* usando meu carro. Tenho que trocar de carro a partir de agora.

— *Tá*, vem...

— *Pra* onde?

Saímos do quarto, encontrando sua mãe tentando fazer Luna se entreter com um ursinho marrom. Sophie vai até o canto da sala e pega um chaveiro no porta-chaves.

— Estão vamos pegar o de Célia. Não tem problema, *né*, mãe?

— Claro que não, não vou sair. Podem ir, que eu fico com essa belezinha aqui.

— Obrigada e, Bruno, você dirige — inquire, jogando as chaves do carro para mim. Sigo logo atrás dela.

— Não vai falar *pra* onde vamos, não é?

— Não!

Ela é infernal!



Fiz como ela pediu e, há poucos segundos, Sophie pediu para que estacionássemos frente a um bonito condomínio de luxo, em um dos melhores bairros da cidade e em todo o caminho até aqui, ela não se deu ao trabalho de trocar uma palavra sequer comigo, ou dizer para onde íamos. Olho pelo retrovisor e vejo Leandro em seu carro, a certa distância de onde estacionei. Fico esperando dentro do carro, Sophie está na portaria, mas logo aparece e faz sinal para que eu entre.

Guio o carro para dentro do condomínio, estacionando na vaga que ela aponta e saio, olhando ao redor. É realmente um ótimo condomínio, com vigilância, câmeras e cerca elétrica alta. Este condomínio é mais vigiado que o *Big Brother*, parceiro. Guardo as chaves no bolso e a espero, que sem cerimônia alguma saiu com a mesma roupa que estava vestida e que agora,

vem em minha direção, olhando para algo na mão, um molho de chaves.

— Vem, é logo no primeiro prédio, segundo andar.

— Este lugar é bonito, coisa de bacana. O que vamos ver aqui?

— Esse seu lado policial me irrita, sabia?

— A pergunta certa é: algo em mim não te irrita, Sophie?

Vejo-a revirar os olhos, eu acharia engraçado se o meu mundo não estivesse de pernas para cima, se eu não estivesse sentindo como se houvesse um buraco em meu peito. Não importa se estou ou não pensando no que aconteceu, em Alex, o vazio que tenho aqui dentro sempre me leva para o mesmo lugar, a falta que ele está fazendo.

Entramos no elevador e não pergunto mais nada, ela não vai me contar, de qualquer maneira. Talvez, Sophie conheça alguém que esteja viajando e pediu para ela cuidar do apartamento...

Não, ela não faria isso para ninguém, melhor dizendo, ela não tem amigos. Seus amigos próximos eram Fernanda e Alex. Seu círculo de amizade é pequeno, ela não é alguém sociável. Disso, eu sei.

E se for o apartamento de algum namorado? Ou namorada...

Tenho vontade de rir, ninguém seria capaz de suportar namorar a dona encrenca, por mais bonita e desejável que seja.

— Vem — chama, saindo do elevador e parando em frente ao primeiro apartamento do corredor bem-iluminado. Estudo o lugar, vendo duas câmeras instaladas no corredor. Uma no início e outro no final. Uma senhora sai do apartamento ao lado, olhando para nós dois, parando em Sophie, que olha para mulher. — Perdeu alguma coisa, senhora?

— Sophie... — repreendo. — Boa noite, senhora — falo e a senhora vira o rosto. Ela combina com o lugar, bem grã-fina.

— Essas pessoas me irritam, esses narizes em pé como se ter dinheiro, morar em um lugar como este, os fizesse diferente de outras pessoas. Vão se foder — vai falando, enquanto vira a chave na fechadura. — Não se preocupe, o apartamento está vazio há muito tempo, entra.

Espero-a abrir a porta e entrar no apartamento e faço o mesmo em seguida.

De cara, temos um lugar muito empoeirado, que parece não ver luz do sol há muito tempo, além de parecer algo antigo.

O primeiro cômodo é a sala, que de um lado tem um móvel com uma tv grande, com alguns porta-retratos dos lados e enfeites. No lado oposto, um grande sofá marrom, de couro, com duas mesinhas de madeira, de cor amarela, uma de cada lado do sofá, combinando com a mesinha de centro, que tem um jarro com galhos secos, do que um dia foram flores, além de um porta-retratos sobre ela. Na parede, um quadro... uma mistura de nada com nada, em preto e branco. Não entendo essa gente. No chão, um grande tapete felpudo se estende, imagino que um dia tenha sido branco e que, hoje, está bege.

— Onde diabos estamos?

— Podemos ficar aqui, é grande o bastante para nós três. Aqui é a sala, como pode ver — fala, indo para um cômodo adjacente, sem ligar para a minha pergunta e a sigo.

Não tem muito no próximo cômodo, apenas uma mesa de jantar em vidro, com pés de madeira, parecendo surrada pelo tempo e bem empoeirada.

— Aqui, a sala de jantar e, logo ali, a cozinha.

Entro no próximo cômodo, logo atrás dela. No meu ponto de vista, eu não entendo para que uma sala de jantar, tendo uma cozinha deste tamanho logo em seguida. Só esses três cômodos juntos, somam o meu apartamento.

A cozinha é ampla, bem-planejada e aberta. Com uma janela enorme na lateral. Aproveito para explorar o lugar, e ao abrir as cortinas me deparo com a vista para a piscina do condomínio e a área de lazer. Volto a observar a cozinha, em um dos lados, onde tem a pia e uma grande pedra de mármore, com armários que seguem por toda a parede, em cima e embaixo. Uma geladeira no canto, fogão e uma mesa com quatro cadeiras no centro, além de tudo que se precisa em utensílios domésticos.

Uma cozinha completa.

— Não sei se funcionam ainda, ficou muito tempo parado. — Acho que fala dos eletrodomésticos. — E ali, fica a área de serviço. Pequena, mas ótima. Tem máquina de lavar e secadora, mas também não sei se funcionam, são antigos.

— É, tô vendo. Ninguém mora aqui?

— Ali é o banheiro, pequeno, era para empregados — continua, fingindo não ouvir minha pergunta. — Ao lado tem um quarto, bem pequeno... para empregada também. Mas nosso foco não é ele, vamos ver o que interessa. Vem.

— Sabe que em algum momento terá que falar comigo sobre este lugar e a quem pertence, não é?

— Sei, se puder esperar, eu agradeço.

— Educada, já é um começo — alfineto, força do hábito.

Atravessamos a sala de jantar e entramos em um corredor, que nos dá acesso a quatro portas. Duas em cada lado.

— Esses são os quartos. Esse primeiro é o quarto que vou usar, a porta ao lado é o banheiro social. Do outro lado tem o quarto de visitas, pode ficar com ele e esse ao lado do seu e de frente para o meu é o de Luna. Venha.

Ouçó tudo com atenção, como já está tudo montado em sua cabeça, e ela abre a porta do quarto em questão, o que, segundo ela, posso usar. Não é pequeno, um tamanho ótimo, até. Com uma cama de casal, em modelo antigo, aqueles em que as camas eram de ferro. Lembro que há muito tempo, minha mãe usou uma dessas. Acho que hoje em dia é difícil ver uma assim... A cabeceira trabalhada, serviria bem para usar de apoio para manter alguém amarrada ou algemada.

— Era o quarto de visitas — Sophie volta a falar. — Pode deixá-lo como quiser, eu não me importo, também será por pouco tempo.

Confirmo, a seguindo quando deixa o quarto.

— E este aqui, será o de Luna? — falo, já abrindo a porta do quarto ao lado do que acabamos de ver.

— É, mas... — Ela tenta me impedir, mas abro a porta e entro antes que o faça.

Assusto-me com o que vejo e olho para Sophie, ainda no corredor, agora, ainda mais curioso ao imaginar quem morava aqui ao me deparar com um quarto de criança, todo mobiliado e repleto de brinquedos, perfeito. Tem tudo o que uma criança adoraria ter, uma cama branca com dossel, cheia de

pequenos desenhos de princesas, um guarda-roupa na mesma cor, uma mesinha de desenho e até uma prateleira cheia de livros infantis. De quem era tudo isso?

— De quem era este quarto? — pergunto e a olho.

— Era meu — fala, mudando o olhar e procurando os bolsos do short para ocupar as mãos.

— Como assim? Célia e Benjamin nunca moraram aqui e você...

— Eu tive uma mãe adotiva, digo, tive pais adotivos por um curto período, quando era pequena, uns sete anos, e este era o meu quarto. Mas não quero falar disso, não mesmo, isso é irrelevante. O que importa mesmo é que este apartamento é meu. Eu nunca o usei, nunca quis morar aqui, mas também nunca consegui me desfazer dele, nem sei dizer o motivo, só me gera despesas, mas... Enfim, é isso e agora acho que é o momento certo para usá-lo.

Isso, eu jamais poderia imaginar. Quem em sã consciência trocaria um apartamento deste, para morar em um quartinho em cima de uma academia? Me pergunto pelo que Sophie já passou na vida, em como teve pais que lhe deram um quarto como este e acabou indo parar com Célia.

— Isso basta *pra* mim, não precisa falar mais nada — confirmo, vi o quanto ficou sem jeito algum ao falar sobre o lugar e pais adotivos.

— Agora eu vou fazer uma limpa aqui, já que não tem outro jeito. Tem muita coisa *pra* jogar fora, antes de poder trazer Luna *pra* cá. Eu não... eu nunca tirei nada, roupas, itens pessoais, está tudo aqui, como foi deixado. Você pode levar o carro de Célia *pra* ela, vou arrumar as coisas por aqui e depois me viro *pra* ir embora.

— Não, não vai.

— Como é? — Ela me olha, autoritária.

— Não tem tanta pressa em limpar isso, sequer leva jeito de quem gosta de arrumar qualquer coisa, o que você quer é algo que a deixe ocupada, quer fugir de sentir dor, quer se ocupar para não pensar em Fernanda, *pra* não encarar Luna ao voltar para casa e encontrá-la ainda acordada.

Vejo Sophie engolir em seco, negar, mas ela não pode fugir do que

sente, eu sei.

— Não sabe o que *tá* falando, acho melhor ir. — Tenta, voltando para a sala. A casa tem tanta poeira que nossas pegadas ficam visíveis no piso.

— Conheço uma mentirosa quando vejo uma, pois sou um bom mentiroso. E eu vou ficar e te ajudar.

— *Tá* de brincadeira?

— Não, de forma alguma. Você não é a única que precisa fugir dos seus sentimentos.

— Você *tá* com o braço machucado.

— Isso? — pergunto, levantando o braço com curativo. — Não me impede de fazer nada e vai se acostumando, vai me ter sempre por aqui, a partir de agora. — Seu olhar é raivoso quando me olha, mas sua cara feia não funciona comigo, a expressão raivosa a deixa ainda mais bonita, sendo sincero. — Acho bom confiarmos um no outro e nos aturarmos, se queremos que isso dê certo.

— Não sabe aceitar um não, não é?

— Não nesse caso. Eu quero que dê certo, Sophie, vou honrar a promessa que fiz a Alex e vou dar tudo de mim *pra* que Luna tenha o melhor lar que ela poderia ter, mesmo que *pra* isso tenhamos que suportar um ao outro. Não deve ser tão difícil assim. — Ela cruza os braços, é seu mecanismo de defesa.

— *Tá*, se não posso me livrar de você, podemos começar pela sala.

— Por mim, ótimo.

E que Deus me ajude!



Capítulo 20

*Aqueles que não conhecem amor ao
nascer, tem dificuldade em aceitá-lo
na vida adulta... dificultar em
acreditar que mereça ser amado.*

Sophie

Em uma coisa Bruno estava certo, eu preciso, sim, me ocupar, fazer algo que não seja apenas sentir o buraco doloroso que Fernanda deixou em mim e eu queria, mais que tudo, ficar sozinha. É por isso que eu nunca quis deixar alguém entrar, pois descobri, desde muito cedo, que o amor machuca. Não o amor em si, mas a perda desse sentimento, de alguém que se ama. Isso tira o seu ar, o seu chão.

Já senti isso vezes demais, minha cota está acabando...

Às vezes, Fernanda me perguntava o motivo de ser tão fechada, de

nunca me abrir, de ter um círculo pequeno de pessoas em minha vida, eu sempre saía pela tangente, nunca realmente lhe dei uma resposta, pois nunca falei sobre isso com ninguém.

Há coisas que não precisamos falar, que são melhores quando guardadas apenas para si, para se preservar. Igor é essa coisa, é esse alguém de que nunca falo, alguém que levou consigo um pedaço de mim quando se foi, assim como Fernanda fez agora, é por esse motivo que minha porta está sempre fechada.

Demorei anos para deixar Célia e Benjamin entrar, em seguida, Fernanda, e até Alex e mais ninguém. E agora, estou sentindo a mesma coisa que senti um dia, com a diferença de que Fernanda nunca mentiu para mim, mas Igor, sim...

Nunca fui alguém aberta, acho que piorou depois que Alfredo me levou de volta para o orfanato, algo mais aconteceu ali, e fez com que eu me fechasse de vez. Foi o que senti quando perdi Igor. Eu nunca soube o que era amor antes dele, não conscientemente.

Que bobagem, eu tinha o quê? Treze anos? Uma jovem boba, assustada, carente, com uma raiva cega dentro de si.

Quando voltei para o orfanato, foi uma rachadura em meu ego e na confiança de uma criança. Eu já tinha perdido o meu pai, nunca tive mãe, perdi Ester e depois perdi Alfredo, e isso fez de mim alguém sem confiança. Eu me tornei aquela que ficava no canto, introspectiva e que acabava por ser lesada pelos outros moleques.

Eram piadas, pegadinhas e eu aprendi a lidar bem com isso, aprendi a revidar com força bruta. Mas tinha um garoto, ele era o pior de todos, mas em algum momento, naquele lugar, nos aproximamos.

E nas idas e vindas de lares de apoio, nós sempre acabávamos no mesmo lugar, de volta ao orfanato. Nunca me abri com ninguém, nunca falei sobre a raiva que ardia dentro de mim, mas ele tentava e tentava, tentava abrir a porta que eu insistia em manter fechada.

Acho que ele encontrou uma forma de entrar, algo que nem sequer percebi. Foi então que começamos a conversar... ele falava mais que eu, sempre, se achava um Don Juan. Era engraçado até, em especial quando ele

jogava seu charme em cima de mim.

O problema é que um dia eu caí em seu charme, eu me vi querendo estar perto dele, não tinha um dia em que eu não queria vê-lo, que não sentia meu coração bater mais forte só em ouvir sua voz e eu passei a confiar nele, a amá-lo.

E acho que era recíproco, mas Igor também não era alguém fácil, éramos dois rebeldes e ele vivia pulando os muros do orfanato, se metendo em confusão com gente perigosa, em brigas de rua, com gangues e foi assim que as drogas entraram em sua vida. Foi com ele que experimentei, pela primeira vez, maconha, na mesma noite em que ele me beijou.

Foi algo tão diferente... a confiança cresceu, nossas fugidinhas às escondidas também e passávamos horas juntos, quase a noite toda nos fundos do orfanato. Eram só encontros, atrás do banheiro, conversas, beijos e maconha. Eu achei que ao tê-lo, eu teria alguém, que não estaria mais sozinha, mesmo estando ali, em um orfanato, pois teríamos um ao outro para sempre. Foi o que prometemos.

Mas uma noite, após voltar para o quarto, depois de um encontro às escondidas, algo me dizia que Igor não tinha ido para o seu quarto. Naquela noite, eu fiquei acordada, não sei dizer bem o porquê e ele não saía da minha mente. Eu o esperei no dia seguinte, no refeitório, era seu aniversário de dezessete anos, porém, naquele dia, ele não apareceu e não voltou mais para o orfanato.

Eu implorei que fossem atrás dele, mas como poderiam? Ele vivia fugindo, era comum. Mas ao passar três dias em que ele não voltou, chamaram a polícia, mas eles não o encontraram... não naquela semana.

Igor nunca voltou, nunca cumpriu a promessa que fizemos juntos. Toco meu pulso, virando-o para cima e olhando o pequeno coração desenhado nele. A tinta fraca, o traço feio, esverdeado e malfeito, torto, se apagando pelo tempo. Fizemos juntos, já cogitei apagar, mas sempre desisto.

Foi a única vez que permiti me apaixonar, acho que era isso o que eu sentia, mesmo sendo tão jovem e tive a certeza de que o amor machuca, a decepção, a perda de alguém leva um pedaço de si. É como me sinto.

Igor disse que iria para o quarto... que seria diferente, que não fugiria e

que ficaríamos juntos para sempre... ele mentiu!

Respiro fundo, puxando o ar e me arrependendo em seguida, com o cheiro do mofo que inalo e me faz expirar. A intenção aqui era ocupar minha mente com algo que não fosse dor ou a perda de alguém e olha onde fui parar, no passado...

Estou aqui sentada na cama que um dia foi dos meus pais adotivos. Sorrio... pais adotivos temporários, mas foi onde eu mais recebi amor na infância. Foi onde Ester me deu o seu melhor, ela tentou tanto fazer com que eu me sentisse em casa e conseguiu. Acho que por isso nunca consegui me desfazer de tudo isso aqui.

Fico olhando o armário aberto, desses guarda-roupas planejados que vão de um canto a outro da parede, imenso e desnecessário. Minhas roupas não ocupariam nem 20% de todo esse espaço.

O que realmente me chocou e fez com que eu me sentasse aqui e ficasse observando o móvel aberto, é que todas as roupas que um dia foram de Ester ainda estão aqui, além de todos os seus objetos pessoais. Até mesmo seus perfumes deixados pela metade.

Alfredo nunca conseguiu jogar nada fora, nunca se livrou de nada, mesmo após dez anos da morte da esposa. Ele a amava e morreu de tristeza, levado por uma depressão profunda que acarretou muitos outros problemas de saúde. Agora sou eu que tenho que me livrar de cada peça, não só dela, mas também das suas.

Nas duas vezes que vim aqui, nunca me permiti entrar neste quarto e, sinceramente, estando aqui, não sei se quero usá-lo. É como se eu ainda pudesse sentir a presença deles, é estranho. Mas talvez isso seja porque tudo que eram deles ainda está aqui, quem sabe ao tirar tudo, limpar, isso mude.

Mesmo porque não há muito o que fazer quanto a isso, aqui é o melhor lugar para podermos ficar. Quando Bruno me disse que precisávamos de um lugar seguro, logo imaginei este apartamento. A segurança aqui é imensa, o condomínio se tornou importante e conceituado com o tempo, homens poderosos moram neste lugar, gente importante, é claro que seria seguro.

O problema real é ao entrar aqui e enfrentar a perspectiva de morar neste lugar, me veio a dúvida se realmente é uma boa ideia. A coisa toda já

começa errada no momento que eu terei que dividir espaço com Bruno, sendo aqui então...

Este é o lugar que um dia fez com que eu me sentisse em casa, mas também é o lugar ao qual me senti rejeitada. Tem quase vinte anos e eu não consigo me esquecer das sensações, não consigo jogar fora o sentimento de abandono que senti. E pensar nisso agora, me lembra a tal... Alice.

A ruiva bonita e sua história mirabolante. Tenho medo de cavar essa história, medo do que vou sentir, caso ela tenha dito a verdade. Afinal, o que eu sei do meu pai? A única coisa que me lembro dele é do seu cheiro, o cheiro forte de álcool e tabaco.

“Uma boa menina, você é uma boa menina, Sofia.”

Essa frase era dita com tapinhas na minha cabeça, sempre falando meu nome errado, sempre quando ele me mandava pegar algo para ele. Mas seu rosto... eu não consigo me lembrar. Nada... e por quê?

Ele era mesmo o meu pai? Acho que sim, mas por qual motivo ele me levaria? Qual o intuito de tirar uma criança da mãe? Será que ela era relapsa? Não cuidava de mim?

São perguntas demais e me lembro da foto da mulher com o garoto, os dois sentados em um gramado verde e bem-cuidado. Ela tinha os olhos bonitos, carinhosos, o rosto bondoso...

Ouçó algo cair na cozinha, e sim, Bruno não foi mesmo embora, ele não aceitou nenhuma das minhas desculpas para que não ficasse. Tudo que eu queria era ficar sozinha, mas não é possível pelo jeito e não será por um bom tempo. Morar juntos... isso será uma bela confusão. Nunca nos entendemos bem, sequer conseguíamos conversar sem soltar farpas e ofensas um ao outro, onde isso pode dar certo?

Por Luna.

Uma voz soa em minha cabeça e, sim, terá que dar certo por ela. Nem preciso me preocupar, será só no início, ele prometeu resolver toda essa droga fodida que nossa vida virou, depois cada um vai para o seu canto e teremos apenas que ver como adaptar Luna nisso. Pais separados fazem isso, guarda compartilhada.

Pais... é o que seremos?

Em que caos minha vida se enfiou... quando penso em ter uma criança, em que eu terei que cuidar, sinto minha pele tremer só de imaginar. Por ora, Célia está nos ajudando, mas tudo tem limites e chegará um momento em que eu terei de arcar com essa bagunça, me adaptar. Outras pessoas conseguem, terei de conseguir também. Mas por ora não quero pensar nisso.

— Terminei a cozi... Uou... Este é um quarto e tanto — Bruno fala, ao entrar de supetão no quarto.

Teremos que falar sobre isso, ter regras.

— Às vezes é bom bater na porta, sabia?

— Não achei que... ok, tem razão, mas a porta estava entreaberta— fala, em necessidade de defesa. — Vim avisar que já terminei a cozinha, tirei toda a poeira e joguei quase todas as quinquilharias no lixo. Tinha muita coisa velha aqui, lavei a geladeira também e testei, ainda funciona. Tudo funciona, testei todos. Apesar de um tanto velhos, irão servir muito bem.

— Você é o quê? O Superman? Vai com calma, levou um tiro.

— De raspão, não é nada. Também lavei o tapete da sala, aquilo estava um nojo — fala, entrando no quarto, olhando o armário aberto e franzindo a testa.

— Lavou? Achei que teria que jogar fora.

— Não precisa mais, ficou limpo. Aprendi a lavar muito bem tapetes quando trabalhava em um lava-jato, ficou em ótimo estado — fala e deve ter se empenhado, pelo jeito. Ele dá um bom dono de casa, com a camisa meio molhada e a calça preta com as pernas levantadas para não as molhar. — O que faz aí, sentada, não deveria estar limpando?

Reviro meus olhos, me levantando da cama.

— Não sei bem por onde começar, todas as roupas deles ainda estão aqui. — Ele segue olhando as portas abertas, o espaço lotado de roupas, ternos e sapatos.

— Tem receio de jogar fora?

— Não é isso, é só... — Dou de ombros. — Não sei. De toda forma, isso não vai *pro* lixo, não sou louca, irei doar. Alguém irá gostar de usar, alguém que precise.

— Quer que eu embale *pra* você? — oferece, de forma gentil, eu gostaria, mas não seria justo, em especial com a memória de Ester.

— Não, não. Eu faço isso. — Se eu conseguir. — Pode procurar outra coisa *pra* fazer, o quarto que você vai ficar, por exemplo, lá tá mais fácil, não deve ter muita coisa e se tiver, pode jogar fora ou embalar, se tiver serventia.

— *Tá* beleza, como quiser.

Espero-o sair e me levanto, pegando um saco grande de lixo e o deixando aberto sobre a cama.

Antes de sair da casa de Célia, eu sabia que teria de limpar isso aqui e queria fazer hoje. Eu já tinha dormido à tarde, claro que não conseguiria dormir logo que voltasse para casa, após apenas mostrar o lugar ao Bruno. Ele estava completamente certo, a limpeza foi minha desculpa, meu escape, eu só não contava que Bruno ficaria.

Começo pelas roupas de Alfredo, tirando os ternos e depois as roupas menores. Separo apenas as roupas íntimas, essas vão para o lixo. Empacoto os sapatos e, depois, passo para as roupas de Ester. Seus belos vestidos. Ela adorava usar longos, florais e tinham sempre o cheiro delicioso. Hoje tem apenas o cheiro de mofo e poeira.

Suas roupas tomam 60% de todo o armário e vou empacotando tudo, até não restar mais nada, nem seus perfumes. Após tudo limpo, embalo as roupas de cama, tiro os porta-retratos da mesinha de cabeceira, mas não os jogo fora, apenas os guardo na gaveta. Me surpreendendo ao saber que na cabeceira da cama de Alfredo, ainda tem uma foto de nós três.

Será que em algum momento ele me viu como filha?

Talvez sim..., mas não conseguiria ficar comigo sozinho. Talvez teria sido pior ter ficado e vê-lo se matar aos poucos. Não, nada seria pior que voltar ao orfanato.

Termino tudo aqui e vou para o quarto que um dia foi meu e que, agora, será de Luna. Não pretendo mudar nada, sequer pretendo morar aqui por muito tempo. Assim que tudo se resolver, irei ver um lugar menor. Algo que tenha mais a ver comigo. Dois quartos, algo compacto e então, talvez eu me livre de vez deste apartamento.

Mas enquanto isso, o quarto do jeito que está parece ser aconchegante

para ela, foi para mim um dia. Começo a recolher alguns brinquedos que estão quebrados, outros pequenos demais para uma criança de dez meses brincar e sinto falta do tapete de arco-íris que ficava perto da cama. Talvez Bruno também tenha lavado.

Acredito que a única coisa que vamos precisar aqui é um berço, já que essa cama não é para um bebê. Pela quantidade de travesseiros que Célia se deu ao trabalho de colocar na cama mais cedo, ao redor de Luna, creio que ela não conhece os limites que não pode atravessar, precisa de protetor. Mas o quarto é grande o bastante para caber um berço, sem que eu precise me livrar da cama.

Abro o guarda-roupa e aqui não há muito. Alfredo mandou junto comigo, todas as roupas que Ester tinha me dado, ficou apenas algumas peças que já não serviam. Limpo tudo, voltando a fechar as portas, tirando a poeira com um pano úmido e passando para a pequena mesinha de desenho, pequena e simples. Branca como os outros móveis, as laterais descascando pelo tempo.

Abro a gaveta e me deparo com um desenho. A tentativa de fazer dois adultos e uma criança. Éramos nós. Pego cada um deles e um me deixa com o coração apertado, pequeno. Nele tem uma criança, uma menina, com gotas saindo dos olhos e no alto, flutuando, uma mulher com asas de anjo.

Quando Ester se foi, alguém me falou que ela teria se tornado um anjo, junto a Papai do céu e que estaria sempre comigo, olhando por mim e me protegendo. Então eu fiz este desenho. Me pergunto se Fernanda estaria agora olhando para mim, porque se estiver, eu vou precisar muito que me ajude a como ser a rocha que Luna irá precisar.

— Terminou aqui?

Tomo um susto, chegando a trazer a mão ao peito e respirando fundo ao olhar para trás e ver Bruno.

— Em minha defesa, a porta não estava fechada.

Volto a guardar os papéis na gaveta com certa pressa, terminando de limpar a mesinha.

— Já, já terminei. Aqui está tudo certo, embalei os brinquedos que ela poderia se engasgar e limpei tudo. Não vou mudar nada, só precisamos de um

berço.

— E uma pintura depois... então, agora podemos lavar tudo?

Olho as paredes, realmente, a pintura não é das melhores.

— Acho que sim. Você pode ir, eu termino.

— Eu vou ficar. O que acha de pedirmos uma pizza?

Ele está de sacanagem?

— Não, obrigada.

— Tudo bem, você quem sabe!

Confirmo e vejo-o sair. Em que mundo, Fernanda achou que nós dois, juntos, seríamos o melhor para sua filha?



Capítulo 21

*Como conhecer alguém que deseja
ficar em anonimato?*

Bruno

Isso aqui era um verdadeiro mausoléu, com direito a muita sujeira e coisa velha, quase um museu. Praticamente tudo que tinha antes no apartamento, está em sacos, uns vão para o lixo, outros serão doados e é muita coisa. Terminamos de lavar tudo há pouco, estou só terminando de enxugar o chão e o apartamento estará limpo. O que tinha de ir para o lixo, já levei lá para baixo e as outras coisas, que serão doadas, estão no canto da sala.

Enquanto ia para fora, com o lixo, aproveitei para dar uma olhada no condomínio, na parte externa. Falei até mesmo com o porteiro, como quem não quer nada, chequei algumas dúvidas com relação à segurança do lugar e, realmente, eles fazem uma boa segurança aqui, vai servir bem.

Olho o relógio em meu pulso, já passa da meia-noite e meu ombro começa a arder, é hora de parar.

— E esses aqui, o que vai fazer com eles? — pergunto e aponto para dois sacos grandes em cima do sofá.

— São alguns lençóis e edredons, aqueles conjuntos imensos, de 500 fios não sei das quantas. Eles estão em bom estado, vou deixar na lavanderia amanhã. Vamos precisar, tenho o básico apenas para mim em casa.

— No seu quartinho, *tu quer* dizer.

— Minha casa, ao menos *pra* mim — defende, jogando uma almofada em cima do sofá.

O interfone toca e ela me olha estranho.

— Você pediu pizza? — pergunta, assim que interpreta o que fiz.

— Pedi. Estou com fome, não precisa comer, se não quiser, mas eu vou.

— Mas já íamos embora...

Olho para ela, seguindo o som do interfone e o atendo, avisando que irei descer para pegar. Tive certo receio ao pedir a pizza, não quero que outros me vejam aqui, por isso, a pizza será deixada com o porteiro e eu pegarei com ele.

— Íamos, agora vamos comer a pizza, ou eu vou, ao menos.

— Você não existe.

— Estou bem aqui na sua frente. Essa tv funciona?

— Se funciona, com certeza não tem canal algum. Ou acha que eu pagaria uma tv a cabo sem usar o apartamento?

— Faz sentido. Vou pegar a pizza e já volto.

Desço com rapidez, notando detalhes do prédio, olhando a localização das câmeras. Logo, estou voltando com a caixa de pizza. Volto a entrar no apartamento, a encontrando em pé, encostada na parede. Me sento no chão limpo e estico as pernas, me sentindo cansado, exausto, na verdade, mas não me arrependo de ter ficado, não a deixaria sozinha. De certa forma, isso aqui foi um escape para nós dois, mesmo que a todo o momento, meu peito pareça

carregar concreto.

— Pediu algo *pra* beber, pelo menos? — pergunta e me faz rir.

— Pedi suco, sei que não toma refrigerante.

— Menos mal, vou pegar os copos.

— Organizei no armário do meio.

Copos ainda temos aqui, intactos. Abro a caixa de pizza e o cheiro enche o ambiente e faz meu estômago roncar. Quando ela volta, já estou comendo um pedaço de pizza e, como eu, ela se senta também no chão, com dois copos ao lado, coloco a caixa de pizza entre nós.

— Pepperoni e calabresa.

— Tanto faz.

Limito-me a continuar comendo, assim não faço todas as perguntas que quero fazer a ela, desde que chegamos aqui. Sophie não gosta muito de falar, já eu, estou curioso por muita coisa sobre ela. Olho-a de lado, enquanto come sua fatia de pizza, com um copo com suco de goiaba na outra mão.

Ela parece longe, sequer percebe que a olho. Em certos momentos tenho a impressão de que ela consegue se teletransportar para outro lugar, ficando totalmente alheia ao mundo ao seu redor. Ela é alguém diferente, alguém para se desvendar, sem dúvida alguma.

Volto a olhar a parede em nossa frente, onde tem a tv e uma foto chama minha atenção, o único porta-retratos que Sophie deixou na sala. É um casal e uma menina, entre sete e nove anos, eu diria.

— A menina na foto, é você? — pergunto e ela segue meu olhar.

Apenas observa de início, penso que irá fingir demência e não responder, mas ela responde:

— É, sou eu.

— E seus pais?

— Adotivos, sim.

— E como *tu foi* parar com a dona Célia? — É invasivo, eu sei.

Tinha pensado nisso mais cedo, enquanto limpava a cozinha e meu

plano era uma abordagem mais delicada, em outro momento, mas uma pergunta levou à outra. Sophie volta a atenção à sua pizza, mordendo um pedaço e o mastigando vagarosamente, até falar, ainda com a boca cheia:

— Acho que temos que ver como será nossa rotina, não é? Pois eu preciso estar na academia sempre e logo, você vai precisar trabalhar, o que faremos com Luna? — ela muda de assunto, não deve ser confortável para ela falar, eu deveria ter esperado mais.

— Sim, acredito que temos que ver alguém, uma babá?

— Pode ser. Mas confiaria em ter uma estranha para cuidar de Luna?

— Temos escolha? A outra opção é uma creche... — pontuo, a pizza está mesmo boa ou é só a fome falando. O fato de ter alguém aqui, que não conhecemos, cuidando de Luna, me incomoda.

— Não, creche não, são crianças demais para uma única pessoa cuidar. Prefiro a ideia da babá.

— Podemos ver... até eu resolver tudo isso e, então, vemos algo definitivo quanto a isso.

— Que arrume isso rápido, Bruno. Bem rápido.

— Eu vou tentar!



Saio do elevador e vou em direção ao meu apartamento, preciso pegar algumas coisas. Ontem, após a limpeza e a pizza, fui deixar Sophie e o carro de dona Célia em sua casa e, depois, fui para a casa de Cristine. Estou ficando lá desde o atentado. Depois, tive que voltar aqui para pegar tudo o que precisaria para uma temporada fora. Aproveitei para ver Luna hoje pela manhã e combinei com Sophie de nos encontrar no apartamento após o almoço, será oficial a partir de agora.

Enfio a chave na fechadura da porta, mas ela já está aberta. É automático, pego a pistola em minhas costas e empurro a porta, com a arma em punho e alguém parece que perdeu a cabeça ao invadir minha casa e permanecer sentado em meu sofá. Puxo a trava...

— Perdeu, filho da... — Paro o xingamento, abaixando a arma, a ponto de atirar no infeliz que está bem confortável em minha casa, ao me dar conta de que é Heitor aqui.

Mas que diabos...

— O que faz aqui? Perdeu o juízo? Eu podia ter atirado em você, porra. Ele levanta as mãos e continua sentado, me olhando.

— Desculpe, foi a única forma que encontrei para falar com você, se eu te ligasse, você não ia atender. Resolvi vir até aqui.

— E arrombar minha porta? — falo, voltando a guardar a arma.

— Me desculpe novamente, sei que não é o certo a se fazer, mas precisava saber como você está, soube do que aconteceu.

— Como pode ver, estou bem. E cometeu um engano, desta vez eu o atenderia. Preciso mesmo te avisar *pra* tomar cuidado, mais do que antes. Teu nome consta na lista de gente que o Paizão quer ver morto, parece que você irritou peixe grande. — Vou até a cozinha, preciso de água.

— O chefe do tráfico.

— Isso, ele mesmo. — Tomo a água enquanto ele me observa, não só a mim, mas como todo o apartamento. — Eu e Alex entramos nessa lista por conta da ação para te resgatar, por isso houve retaliação, por isso Alex... morreu. Segundo as informações que recebi, já sabem que somos irmãos, então não importa a ordem, quem morre primeiro, desde que um sinta a dor da morte do outro.

— Dor? E por quê?

— Matamos o filho dele naquele dia, o cara que estava te torturando. — Dou a informação e abro o armário embaixo da pia, pegando a caixa de primeiros-socorros, vou precisar levá-la comigo.

— E como sabe disso?

— Isso interessa?

— Claro que sim.

Levo a caixa de primeiros-socorros, deixando em cima do sofá e sigo para o quarto. Heitor não se dá por satisfeito e vem atrás de mim.

— Consegui as informações, é o que importa. Na lista de gente morta que o tal Paizão queria estávamos eu, você, Alex e Fernanda.

— Mas qual o sentido disso, de matar Fernanda?

— Para que sentíssemos a dor de perder alguém, como ele sentiu a dor de perder seu filho, algo do tipo. Aparentemente, eles têm coração... veja que ironia.

Pego uma bolsa no armário e depois outra.

— Mas que merda!

— A ordem era simples, matar Fernanda primeiro, depois Alex, eu e, então, você. Mas eles não imaginavam que eu não morreria.

Jogo a bolsa sobre a cama e começo a colocar algumas coisas dentro. Roupas, cuecas e produtos de higiene, além dos meus uniformes. E eu confesso, ter Heitor aqui me irrita, não nego.

— Espera, pensa em... vingança?

— Eu não penso, eu vou fazer. Vou matar o filho da puta e acabar com essa merda de uma vez.

— Não, não vai fazer isso. Sabe o peso que isso vai trazer *pra* você, *pra* sua carreira? Vai mexer em um vespeiro.

— Foda-se. Você deveria querer isso tanto quanto eu, sua bunda também está na reta.

— Bruno, não seja precipitado, estamos investigando o cara e ele parece um polvo, com tentáculos em todo canto, o infeliz tem contatos com peixe grande. O cara é poderoso, Bruno, e eu estou para chegar ao centro do poder dele. Ligá-lo a um dos caras mais importantes do Rio de Janeiro e quando eu fizer isso, vamos prendê-los, os dois e sua corja.

Sorrio, ele continua um idealista.

— Prendê-lo? É esse o seu plano?

— É o correto a se fazer.

— Sabe o que esse tipo de gente faz ao ser preso, Heitor? Nada muda, nada. Eles continuam a comandar o tráfico de onde estiverem, pior, mandam na porra da cadeia. Tem até mesmo os agentes penitenciários nas mãos. Acha

que vai ter segurança ao prendê-lo? Em que mundo você vive?

— Você quer ser a vítima, júri e executor, é isso?

— Isso, é exatamente isso. Eles mataram um irmão *pra* mim, um guerreiro que dava o sangue por quem ele sequer conhecia, mataram a mulher dele, deixaram uma menininha órfã e causaram em mim uma dor que eu não estou suportando. Eles merecem o pior.

— E acha que matando *ele*, essa dor vai passar?

— Não, claro que não vai passar, mas eu vou conseguir dormir!

— Você mudou, Bruno...

Eu o olho e sorrio, já ele não mudou nada.

— Esperava o quê? O aviso foi dado, Heitor, seu nome está em uma lista, tome cuidado, era isso o que eu tinha *pra* falar. Agora, você pode ir.

— Bruno, precisa esfriar a cabeça, precisa pensar direito, não compre essa guerra.

— É só isso? — pergunto, fechando a bolsa com roupas e pegando outra para guardar os sapatos.

— Espera, *pra* onde vai?

Vou a um pequeno armário no canto, onde ficam sapatos e coturnos de trabalho e pego alguns.

— Alex tinha uma filha, uma menina de nove meses. Dias atrás, ele tinha me feito um pedido, se caso ele e Fernanda viessem a faltar, que eu assumisse a responsabilidade de ficar com a menina, junto a uma amiga de Fernanda, já que fomos nós a batizá-la. Aqui não é seguro, estou indo para outro endereço, pela minha segurança e pela dela também.

— Vai assumir um bebê?

O olho por cima do ombro, fechando a outra bolsa.

— É o que se faz pela família, não se dá às costas *pra* um irmão, Heitor, jamais.

Vejo-o engolir em seco, enfiando as mãos no bolso da calça do paletó. Subo na cama, alcançando o teto do armário e pego um fuzil, que guardo junto à munição e os enfio em uma bolsa militar.

— O que... de onde saiu isso?

— Não seja idiota, Heitor.

— O que planeja, Bruno? Subir a comunidade dando o peito a tiro? Entrar e matar o Paizão, fácil assim?

— Sim, fácil assim. — Fecho ambas as bolsas, olhando ao redor, me certificando de que não esqueci nada.

E pego Heitor olhando a cruz de santo André, em formato de X, no canto do quarto.

— Algum problema? — pergunto, pronto para sair.

— Velhos hábitos... — fala e volta a me olhar, sorrio.

— Vai te foder, Heitor.

Passo por ele, próximo à porta, e ouço seus passos atrás de mim.

— Nunca me perdoou, mas é realmente apenas por causa da nossa mãe? Ou tem a ver com Paula também?

Paro, travando meu maxilar, sentindo minhas narinas dilatarem com a menção desse nome e me virando para olhá-lo.

— Você me traiu, você tirou toda a confiança que eu tinha em você. Eu te imaginava um super-herói, seu filho da mãe. Alguns garotos veem o pai como um herói, mas desde muito cedo ficou claro que o nosso pai não valia nada e era *tu* a porra do meu herói. Eu te idolatrava... e o que fez com isso? Enfia o meu perdão no teu rabo, caralho!

Rosno, tentando não gritar e saio de vez do apartamento, levando as bolsas comigo e só paro ainda na porta, podendo vê-lo.

— Feche a porta ao sair.

— Sabe que não tenho a chave.

— Deu um jeito de abri-la, se vire para fechá-la.



Capítulo 22

*Em tese... dizem que toda mulher tem
o tal instinto materno, porém, os fatos
provam o contrário...*

Sophie

Eu não sei como alguém tão pequeno, pode precisar de tantas coisas. Estamos eu, Célia e Luna no apartamento, mas especificamente no quarto que será temporariamente seu, que está lotado com suas coisas, algumas ainda dentro de bolsas e sacolas, outras sobre a cama.

Fomos hoje pegar suas coisas, mas eu não tive coragem de voltar à casa de Fernanda, então, Célia prontamente se ofereceu para ir até lá e pegar as coisas de Luna junto a Benjamin, eu fiquei com ela enquanto isso, deixando que ela puxasse meu cabelo para não chorar.

E enquanto praticamente todas as minhas coisas couberam em uma

bolsa grande, as de Luna não param de chegar, Benjamin foi lá embaixo pegar a última bolsa. Por falar nela, está sentada no chão, sobre o tapete que Célia trouxe de seu quartinho, na casa de Fernanda, procurando por algo para pôr na boca. Olha, ela achou...

— Não, não pode pôr isso na boca. Que coisa feia! — falo e, sem perceber, acabo falando alto demais e a assusto, que solta uma de minhas luvas de treino no chão, toda babada e seu queixinho começa a tremer.

Primeiro ela me olha, os olhos se enchendo de lágrimas, fazendo aquele biquinho e em seguida, ela abre o berreiro.

— Sophie! — Célia ralha, indo pegar a menina que agora entra em desespero, soluçando e me arrependo. Era só uma luva... o que eu tinha que repreender? — Não se fala assim com um bebê, não se grita com um bebê.

— Mas ela estava comendo minha luva...

— Ainda assim, ela não tem discernimento do que é certo ou errado. Pegasse sua luva, mas procurasse antes outra coisa para ela brincar, não precisava assustá-la.

— Desculpa... — peço, sem graça e culpada.

— Não precisa pedir desculpas... é só... vocês duas terão que se acostumar uma com a outra, aprender como cada uma funciona, só isso. Comece agora, tente acalmá-la.

— Não, isso não, mãe...

— Sophie...

— Eu arrumo aqui, coloco os vestidos nos cabides, o que acha? Trocamos, eu arrumo o armário dela enquanto isso, a senhora a acalma — quase imploro. — *Tá vendo, já está funcionando...*

E está mesmo, ela gosta da minha mãe, ou, minha mãe que tem jeito com ela. Ainda assim, nem todo o jeito do mundo, fez com que Luna quisesse dormir ontem à noite, ou não sentisse falta de sua mãe. Voltei para a casa de Célia já depois da meia-noite e meu coração doeu ao entrar e vê-la chorando, em verdadeiro desespero. Sequer tinha dormido ainda, se entregando a um choro sentido, de quem não se conformava em não ter a mãe para niná-la e lhe dar de mamar. Sequer quis o leite na mamadeira.

Tentamos de tudo e após um bom tempo de choro, ela foi cansando e adormeceu, ainda soluçando, o rosto marcado por lágrimas. Eu sei como dói...

Agradei por ter Célia naquele momento, pois se estivesse sozinha com ela, sinceramente, eu não saberia o que fazer, acho que teria entrado em desespero junto a ela. Eu teria corrido com a menina para um hospital ou sei lá o que e, definitivamente, ao me ver impotente em meio ao choro de um bebê, eu me dei conta do quanto sou a pessoa errada para cuidar dela, o que me deixou bem nervosa desde ontem.

Ela se acalma, no colo de Célia, descansando a cabecinha, com pequenos cachinhos encaracolados, no ombro dela.

— Filha — Célia me chama, enquanto coloco alguns vestidinhos em pequenos cabides. — Não acha que pode ser perigoso?

— Como assim?

— O atentado, e se vierem atrás de Bruno?

Olho o vestidinho vermelho com pequenas florzinhas brancas em minha mão. Eu estava com Fernanda quando ela o comprou, esse era um dos seus favoritos. Respiro fundo e guardo o vestido, limpando a mente e olho para Célia. Não quero preocupá-la, mas também não irei mentir.

— Eu não vou mentir, é algo delicado. Por isso vim para cá. Em tese, ninguém sabe que moro aqui, além de toda a segurança que cerca este lugar, estaremos seguros.

— O que Bruno fala sobre isso?

— Não muito, só que irá resolver tudo e que logo cada um poderá ir para o seu lugar.

— E Luna?

Dou de ombros, uma coisa de cada vez.

— Bom... eu não sei, mãe. Sequer sei se posso manter isso aqui, arcar com essa responsabilidade. Eu nunca quis uma família, nunca quis filhos... E olha *pra* mim agora... nem sei se consigo, como farei isso, então...

— Será difícil no início, em principal porque nem você, nem Bruno, teve tempo de realmente sentir a falta de Fernanda e Alex. Foi muita coisa ao

mesmo para ser resolvida, não dava para pausar as necessidades de uma criança, Luna precisa dos dois e acredito que essa falta ainda virá com força sobre vocês. Acho que morar sob o mesmo teto, ajudará vocês com isso, ter Luna também. Podem se ajudar.

Tento imaginar o que diz e em algo ela está certa, fomos soterrados por uma infinidade de coisas ao mesmo tempo e estamos os dois, tentando nos ocupar para não sentir, para não dar vazão ao vazio aqui dentro, mas em algum momento, a saudade irá cobrar um preço.

— E sobre a outra história... de você ter um irmão?

Respiro fundo, soltando o ar em seguida, ganhando tempo para pensar no que dizer a ela.

— Não sei, não tenho pensado muito nisso ultimamente. Eu fui atropelada por tudo que aconteceu, não sei se quero mexer nessa história. Talvez seja melhor deixar como está.

— Eu entendo, mas se quer minha opinião, deveria sim averiguar tudo. Se você teve alguém que a amou, que a procurou todo esse tempo, você merece ter esse alguém em sua vida agora, assim como ele também merece ter você.

Confirmo com um aceno, não quero pensar nisso agora.

— Vou pensar a respeito.

— Faça isso e não se preocupe, estarei aqui sempre que precisar. A academia ficará fechada três dias, não é? Pois bem, estarei por perto para ajudar vocês.

Desde o dia que recebi a confirmação da morte de Fernanda, eu conversei com Benjamin e, em comum acordo, decidimos que emitiríamos um comunicado de luto e manteríamos a academia fechada por três dias, em respeito e, também, não teríamos cabeça para trabalhar, e precisamos desse tempo para pensar.

— Sim, três dias. Preciso desse tempo para pôr as coisas em ordem, planejar como faremos isso funcionar.

— Eu vou te ajudar, filha. Não precisa ficar assustada, essa coisa fofa aqui não morde e, ainda que mordesse, só tem dois dentinhos, não faria

nenhum estrago. — Ela faz a menina sorrir, covinhas fofas aparecendo em suas bochechas. — Vou ensinar como preparar a comidinha dela, trocar a fralda, ninar, tudo...

— Eu vou mesmo precisar. A sorte é que o bundão leva jeito com crianças, ao menos ele.

Célia gargalha do modo como o chamo, apesar de tentar não rir.

— Terá que parar de chamá-lo assim.

— É, tem razão — falo, tomando coragem para lhe pedir algo, venho pensando nisso desde que conversei com Bruno sobre uma babá para Luna. — Mãe, eu queria pedir uma coisa.

— Qualquer coisa que quiser.

— É que, nós não falamos ainda sobre a rotina de Luna, nem nada disso. Mas em algum momento, teremos que ter uma babá, alguém para cuidar de Luna quando estivermos trabalhando ou arrumar uma creche. Mas eu não confio em ninguém, quem vê cara não vê coração e eu tenho medo que...

— Não precisa falar mais nada. Eu cuido dela. Nada de babás desconhecidas ou creches, nada disso. Primeiro preocupem-se em se acostumarem à nova rotina.

— Jura? Isso não iria te atrapalhar? Olha, se a senhora não puder, pode me falar, daremos um jeito, podemos pedir referências...

— Ora, eu estou aposentada, Sophie, vivo sozinha naquela casa orando para um de vocês irem me visitar, para ter com quem conversar. Eu vou amar ter companhia, ainda mais essa companhia.

Meu coração ganha outro sentimento, que não o sentimento de perda. É gratidão, a mais pura possível. Eu só queria que Célia tivesse me encontrado antes.



O dia foi uma correria que eu não quero que se repita nunca mais e eu

juro, só volto a me mudar em um caso de extrema necessidade. Eu estou um caco, como se tivesse treinado por cinco horas seguidas. Estou exausta, suja e com fome. Não sei se quero logo um chuveiro, minha cama ou comida.

Logo que arrumamos, mais ou menos, o quarto de Luna mais cedo, tive que ir ao mercado. Aqui não tinha nada, nada mesmo. Nem de comer, muito menos vasilhas, panelas e utensílios, como talheres e outras coisas.

Além de travesseiros, roupas de cama, enfim... foi um inferno. Célia foi comigo, claro, sem ela eu não teria trazido a metade das coisas que comprei e levamos também Luna. Célia disse que isso a distrairia.

Ela estava certa, Luna parece ter gostado mesmo do passeio, ao menos não chorou e não ficou falando:

“— Mamamama...”

Como fez quando estávamos no apartamento pela manhã.

A cada vez que ela tenta balbuciar isso, meu coração perde uma batida, me remetendo à sua tentativa de falar: mãe. Chego a balançar a cabeça, tentando dissipar o pensamento e o medo da responsabilidade que assumi.

Quando voltamos para o apartamento, que Célia elogiou muito, Bruno estava aqui, de mala, cuia e cara amarrada. Tinha ido buscar suas coisas, como eu também fiz e já está instalado em seu quarto.

Mas o que antes era um apartamento vazio e limpo, se tornou cheio. Agora mesmo a cozinha está cheia de sacolas, já esvaziei e guardei algumas coisas, em especial comidas que poderiam vir a estragar, ainda assim, a bagunça não cessa. Quanto mais arrumo, mais coisas aparecem para serem arrumadas.

Abandonei a tarefa tem uns dez minutos, desistindo de terminar hoje. Amanhã é outro dia. Agora estou aqui, parada na porta do quarto em que Luna irá dormir, olhando Célia a ninar. Já é tarde e ela parecia empenhada em não dormir e acordar todo o prédio, passou minutos chorando. Bruno ajudou a acalmá-la e uma coisa é certa, ele leva jeito.

Saio devagar do quarto ao ver Célia colocando Luna no berço novo, que Bruno montou à tarde e vou a passos pequenos para a sala, com medo de acordá-la. Me jogo no sofá e sinto como se tivesse sido atropelada por um trem, como se não dormisse há uma semana. Estou exausta, nem sei se

consigo forças para tomar banho.

— Ela dormiu? — Bruno aparece na porta que separa a sala de jantar da de estar, encostando o ombro na lateral e me custa abrir os olhos para encará-lo.

— Sim, enfim Célia conseguiu fazer *ela* dormir. Essa menina é ligada no 220V. — Encosto a cabeça no encosto do sofá.

— Ela não é ligada no 220V, só está sentindo falta dos pais — adverte, mas sorri em seguida. — Na verdade, ela também é ligada no 220V.

Eu fecho os olhos, sentindo o sofá afundar quando Bruno se senta ao meu lado.

— Estava arrumando algumas coisas, lavando, na verdade. Mas vou deixar para amanhã, não quero fazer barulho pra não a acordar.

— É melhor, se ela acordar... que Deus nos ajude.

Ficamos em silêncio e vou sendo levada pelo cansaço ou quase, passos me assustam e abro meus olhos.

— Pronto, eu já vou, filha. Volto amanhã *pra* ver como estão.

— A senhora não vai ficar? — pergunto, me empertigando.

— Não, filha. Eu vou dormir em casa, acredito que Luna não vai acordar mais hoje, já é tarde.

— Tem certeza de que quer ir embora a essa hora? — pergunto, em primeiro lugar porque me preocupo com ela, em segundo porque tenho medo de que a menina acorde... ou vice e versa.

— Sim, durmo melhor em minha cama, amanhã volto *pra* ver como estão — fala, já pegando sua bolsa e chaves.

— Claro, claro. A senhora também está cansada — concordo e começo a me levantar.

— Não, não. Não levanta, eu saio sozinha, descansa. Fiquem bem e tentem dormir.

— Pode deixar, mãe, e obrigada.

— Que bobagem. *Tô* indo, boa noite, Bruno.

— Boa noite, dona Célia, e obrigado por nos ajudar.

— Não por isso, menino. — Ganho um beijo na testa e volto a me jogar no sofá, assistindo-a sair pela porta. O silêncio volta a reinar, até um celular, que não é o meu, começar a vibrar.

É o de Bruno e o vejo sair para a cozinha, para atender. Preciso me levantar daqui, preciso de forças para tomar banho e cair na cama, nem quero comer, só dormir. A parte ruim é que não instalei ainda a tal babá eletrônica, sendo sincera, não sei como instalar aquilo e hoje vou dormir na caminha de solteiro antiga, com Luna, caso ela chore à noite. Espero que aguentar o meu peso.

Bocejo e assisto ao Bruno voltando apressado da cozinha, sumindo pelo corredor. Penso em fazer o mesmo e ir para a cama, mas toda minha coragem passou e aquela sensação de vazio e tristeza vem chegando com certa força e intensidade, junto ao cansaço.

Fico em alerta quando vejo Bruno voltar a sair do corredor como um furacão, apressado, parecendo que vai sair. *Espera, ele vai sair?*

— Preciso sair, mas não demoro.

Fico de pé, em alerta, toda minha letargia indo embora com uma única frase.

— Como assim, vai sair? Vai me deixar sozinha com Luna?

— Eu preciso sair, Sophie, é urgente.

— *Pra* começo de conversa, você não pode sair, tem que ficar com o rabo a salvo em casa e, em segundo lugar, tem uma criança dormindo logo ali, uma criança que eu não faço ideia de como cuidar. Eu poderia até te dar um terceiro motivo...

— Fale baixo, ou quer que ela acorde agora?

Noto que ele leva consigo uma bolsa verde, de pano fino e parece algo pesado e grande dentro.

— O que *tá* levando aí?

Ele fica calado, apenas me olhando, impaciente.

— Não se preocupe e eu volto logo!

— Bruno, eu... — Não tenho tempo de falar mais nada, pois ele sai pela porta e me deixa falando sozinha.

Sendo sincera, eu sabia que isso não ia dar certo, mas eu não esperava logo nas primeiras doze horas. Inferno!

Respiro fundo e peço silenciosamente que ele não demore e que Luna esteja dormindo como um anjo e vou além, peço que aquilo, que Bruno levou na bolsa, não seja um fuzil. Merda, teimoso do caralho!

Tento me acalmar, nada de mais vai acontecer... nada. Volto a me sentar, me ajustando em uma posição confortável, meu coração ainda aos saltos com medo de algo dar errado. Não, ele não faria isso, não se colocaria em risco assim, nem me deixaria aqui sozinha com Luna por muito tempo. Isso não.

Tento me acalmar, me convencendo de que ficará tudo bem, ao tempo que sou levada pelo silêncio da casa e a letargia. Vou ficar só um pouquinho aqui, só descansar os ossos e logo vou tomar banho e dormir...

Não sei se sou roubada por um cochilo, mas abro os olhos de súbito, ao ter a impressão de ter ouvido algo. Não, algo não, alguém chorar, um bebê chorar, Luna.

NÃO.

NÃO.

NÃO.

Por favor, não...



Capítulo 23

Brilha, brilha estrelinha...

Bruno

Eu sei o que isso parece e sei que sim, Luna pode acordar enquanto está sozinha com Sophie, e que, por sua vez, Sophie não leva nenhum jeito para fazê-la voltar a dormir, mas é um risco que eu vou correr, é necessário.

Caso ela acorde, e eu peço demais que não, não pode ser tão ruim assim. Alcanço a rua e logo vejo o carro de Adônis, um Ônix prata, estacionado do outro lado da rua. Olho para ambos os lados, antes de atravessar, de olho se não tem alguém suspeito à espreita. A passos compridos alcanço e entro no carro, jogando a bolsa no banco detrás do carro e é Leandro que está no volante.

— Cadê Adônis? — pergunto, olhando para trás.

— Com os outros, já estão te esperando.

— Então *bora*, vamos limpar a bagunça esta noite.

Leandro sorri e dá partida.

Meus olhos, o tempo todo, estão presos no retrovisor, de olho se não há ninguém vindo atrás de nós. Só duas pessoas sabem que estou morando em um novo condomínio, Leandro e Adônis, ambos homens de minha total confiança. Além deles, apenas a família de Sophie. Já Heitor sabe que não estou mais no meu apartamento, mas não disse onde estaria.

Ao sair, tive que conversar com Salvador, o porteiro do meu prédio, e o avisei expressamente que se alguém me procurar, qualquer um que seja, deve dizer que eu viajei e não sabe quando eu volto, além de me ligar imediatamente, após essa pessoa deixar o prédio.

Curioso, Salvador tentou saber o motivo, mas eu nada disse. Quanto menos souber, melhor. Fiquei de passar o endereço também para Cristine, mas até agora ainda não consegui tempo para conversarmos. Toda a merda que aconteceu transformou os últimos dias em um furacão de acontecimentos, a cada dia algo novo a ser resolvido aparece, algo acontece e nem tempo para pensar, para dormir, estou tendo.

Mas a partir de hoje, minhas noites serão melhores, tenho certeza disso, vou conseguir colocar a cabeça no travesseiro e dormir, sabendo que mandei para o inferno o filho da puta que mandou nos matar.

Estávamos à espreita desde o dia em que tivemos em nossas mãos alguém de dentro da quadrilha do Paizão e obtivemos informação do lugar exato em que um dos traficantes mais temidos da cidade, se escondia e segundo o filho da puta que tentou me apagar no hospital, hoje é dia de recolher o dinheiro do tráfico, vai ter muito vagabundo junto em um único lugar, incluindo o Paizão, meu alvo. Vamos entrar e matar muitos coelhos com uma única paulada.

O que realmente me interessa é o peixe grande. Vou vingar a morte de Alex, manter minha bunda em segurança, também manter Luna e Sophie seguras, são minhas prioridades. Não vou sentar e esperar que façam uma investigação, que no fim, acabará no máximo em algumas prisões. Não vivo no mundo em que Heitor vive, aqui é o Rio de Janeiro, parceiro, é olho por olho.

Ou acabo com o filho da puta de uma vez ou ele acabará comigo, a conta é simples assim.

Começamos a nos aproximar da comunidade do Três porquês, mas paramos o carro bem antes, na baixada, usando a casa de um conhecido de Adônis, local que ninguém mora, como esconderijo para o que iremos fazer. Escondemos o carro, colocando-o atrás de uma moita alta, onde já tem outro carro estacionado. Dou a volta e entro na casa pela porta dos fundos. É uma casa simples, de tijolos, sem pintura ou reboco, completamente vazia. Me esperando junto a Adônis tem mais cinco homens, todos da minha equipe.

— Boa noite! — cumprimento.

— Fala, meu capitão, qual o plano?

— Eu vou ser direto. Hoje não agiremos dentro da lei, vamos nos colocar no mesmo patamar dos filhos da puta que mataram nosso irmão. Minhas ordens foram claras: sentar, esperar uma investigação e, então, quem sabe, prender alguém. Mas eu não vou esperar por isso, mesmo porque, sabemos que o meu *tá* na reta. Eu perdi mais que um irmão de farda naquele dia, perdi um irmão de vida e vou matar quem quer que tenha dado a ordem para "passar" a nós dois. Por isso quero deixar claro, caso o comando nos pegue, seremos punidos, então se alguém estiver em dúvida sobre subir comigo hoje, *pra* matar vagabundo e vingar a morte do nosso irmão, pode ir embora, vou entender e não julgarei ninguém, hoje não somos homens da lei, somos caveiras querendo justiça! Se é o certo, pouco me importa — falo e olho um por um à minha frente.

— Caveira, meu capitão.

Olho o rosto de cada homem aqui e ninguém sequer pensa em sair, não há dúvidas. O desejo de vingança não é só meu e qualquer um sabe o que acontece quando matam um dos nossos, todos entraram nisso sabendo exatamente como sairiam, em um caixão, e hoje eu vou encomendar suas almas.

— Então *bora*. Trouxe o spray? — pergunto e Maurício levanta um tubo preto, de tinta spray.

É a minha resposta e sorrio. Não somos idiotas e quando essa merda for parar no ventilador, não vai ser no nosso. É comum facções rivais cometerem

ataques umas contra as outras e, para todos os efeitos, é o que vai acontecer esta noite, pois deixaremos a marca da facção vizinha pichada após o ataque. Que eles se matem depois desta noite, isso pouco me importa, vagabundo matando vagabundo somente facilita nosso trabalho.

— Agora, agilidade e prestem atenção. É contenção, o tiroteio vai ficar em apenas um lugar, sem bala perdida, sem gente inocente ferida. Eu só quero vagabundo caído esta noite.

— Caveira, meu capitão.

— *Bora!*

Coloco o capuz, a bandoleira e arrumo o fuzil, me certificando de que minha pistola está presa na calça. Para não deixar pistas, trouxemos armas "frias" apreendidas em operações passadas, mas não entregues para a Polícia Civil, assim não terão como identificar as armas usadas pela balística, pois arma de vagabundo não é registrada como a das forças de segurança.

Sáimos da casa e olho os homens atrás de mim. Vamos fazer quase o mesmo percurso de quando viemos resgatar Heitor, mas desta vez, pelo lado oposto. Estarão todos reunidos em um mesmo lugar, ou quase todos, o que quer dizer que a segurança vai estar reduzida nos arredores. É noite, tarde da noite, e seguimos vestidos de preto, com roupas civis comuns, o que ajuda a nos camuflar de olheiros entre muros e matos. A subida é cansativa, mas não menos gratificante. O plano é chegar em silêncio até onde der, para que não tenham tempo de um contra-ataque, ou que o Paizão fuja.

Devem estar se perguntando o motivo de não esperar, por que não o levar preso, não estão? Inclusive, estão achando que sou um quase vilão, sua ética está colocando minha moral em dúvida, está perguntando se estou mesmo certo, dividida entre me entender ou me julgar. Mas eu faço questão de explicar a você os meus motivos.

Esse mesmo traficante já foi preso uma vez, anos atrás, em uma ação de pacificação em uma favela vizinha, quando essa comunidade não passava de algumas casas amontoadas em construção.

O Paizão não só conseguiu comandar todo o tráfico aqui fora, de dentro da cadeia, como causou duas rebeliões em que vários policiais foram mortos e, também, alguns presos. O cara tinha mais regalia dentro da prisão que o

presidente, parceiro, e então, eu pergunto: vale a pena um bandido como ele, ir para atrás das grades? Cadeia é ruim para vagabundo pobre e sem poder, mas para esse tipo, vira hotel de alto nível. Mas não é só isso, dois anos depois de preso, o Paizão ainda conseguiu fugir, como? Até hoje é um mistério. Nosso sistema criminal e de ressocialização é uma comédia.

Seguimos vigilantes, armados e prontos para qualquer imprevisto. Avisto um olheiro em cima de uma laje, e pego a pistola com silenciador, um único disparo e "passo" o miserável, que tinha um cigarro de maconha na boca, antes que possa dar alarme.

Esse já era.

Ao nos aproximarmos do alvo, faço sinal para dois homens irem pelo beco atrás do local que supostamente o traficante vai estar, enquanto vamos pela frente. O plano é armar uma emboscada, os vagabundos que não pegarmos na entrada, serão pegos na saída.

Encostado no muro alto com mais quatro homens ao meu lado, camuflado pela escuridão, observo com cuidado o beco à frente e não é difícil saber qual o lugar que nos indicaram, o lugar tem cara de inferninho.

Vejo na escada, ao lado do galpão que iremos invadir, três traficantes conversando, despreocupados, segurando nada mais nada menos que uma AK 47, arma que em outros países são usadas para guerra, parceiro. É como eu digo, vivemos aqui em uma eterna guerra urbana e homens bons já se foram em meio a ela, em principal o cidadão de bem, que é a principal vítima dessa merda.

Faço o sinal de que vejo três homens armados e dou o comando, me posicionando e atirando com o fuzil. Nem se dão conta de onde veio o ataque ao caírem no chão. Seguimos em frente, com mais pressa desta vez. O primeiro a dançar é um filho da puta que nem sei de onde saiu, aparecendo no alto da escada que antes estavam os traficantes. Esse é passado fácil.

Então a bagunça está armada, a essa altura não tem como chegar na surdina, já fomos ouvidos e agora é reagir.

Não poderia contar quantos filhos da puta estão aqui e gritos começam a surgir à medida que vamos avançado para dentro do local, em meio a uma tempestade de aço, tanto aqui dentro, quanto lá fora. Me posiciono atrás de

uma pilastra, tendo total visão de cada um que vem correndo lá de dentro, de outro cômodo, e um por um vão caindo sob minha mira e dos meus homens.

Meu braço arde e talvez pela adrenalina e esforço, algum ponto rompeu, pois, sangue quente e viscoso começa a melar minha camisa.

Banho de sangue está ocorrendo à minha frente, um dos grandes, mas apesar de ter muito filho da puta caindo aqui, são poucos para o tanto que esperávamos encontrar. Faço sinal e aos poucos vamos ganhando território, atirando e levando tiro, mas nenhum chega a nos acertar.

Leandro grita, mas o infeliz está de colete e, apesar da dor que isso traz, ele abate o vagabundo que o acertou, por sorte, foi um disparo de pistola, pois se fosse de fuzil o colete não segurava. Entramos enfim na sala a qual esperávamos encontrar o Paizão e está vazia, menos por um traficante que está agonizando no canto do aposento. O cheiro de álcool e drogas é forte e é certo que houve grande movimentação aqui, só que bem mais cedo, ao contrário do horário que nos foi passado. Garrafas de bebida estão por todos os lados, assim como heroína, é muita droga nessa merda.

Aproximo-me do vagabundo jogado e sangrando no chão e aponto o fuzil para o seu rosto.

— Fala, vagabundo, onde o Paizão está?

— Eu não sei, eu não sei, eu juro! — fala, cuspiendo sangue.

— Sabe, porra, fala! — peço e ele geme, me olhando direto nos olhos até falar:

— Ele saiu. Já faz tempo.

Travo a mandíbula e olho ao redor, procurando ainda pelo infeliz. Desgraçado filho de uma puta do caralho.

— *Pra* onde, fala, *pra* onde? — Aproximo o fuzil da sua cara e o vejo dar seu último suspiro.

Porra, caralho!

— Não tem mais ninguém aqui, capitão — Daniel fala e olha o vagabundo no chão, morto, e sorri. — Esse aí era o Nequinha, capitão.

— O do atentado ao PM, na semana passada?

— Sim, senhor.

Olho para o corpo no chão, imaginando que mais um traficante foi tirado das ruas. Se vou para o inferno por isso? Bom, isso veremos depois.

— Então está vingado. Mas o nosso alvo, o desgraçado já foi, deram o horário errado. Caralho!

— E agora, capitão?

— Picha a porra da insígnia e vamos descer, rápido, antes que o resto suba aqui e haja outro tiroteio.

— Senhor, e os pacotes de droga? — Maurício pergunta, apontando uma mesa no canto, nela tem mais de dez quilos de pó.

— Leva, *bora* jogar no esgoto! Vão achar que os atacantes roubaram.



Cansado, frustrado e com dor, é como volto ao condomínio, já de madrugada e a sensação é de derrota, mesmo que tenhamos tirado dez quilos de drogas das ruas.

Meu braço arde e entro no apartamento que tem todas as luzes acesas, mas sem sinal de Sophie, estranho. Um estalo no chão chama minha atenção, me mostrando que acabei de pisar em um brinquedo de Luna, acho que era uma borboleta gigante. Olho o chão da sala, repleto de brinquedos de montar, bonecas e o celular de Sophie, no chão. Merda, Luna acordou enquanto estava sozinha com Sophie, caralho!

Putá que pariu, Sophie vai me matar e com razão. Vou desviando dos brinquedos, indo para o corredor, preciso de um banho, mas antes, preciso saber se Luna voltou a dormir. Paro no corredor, a porta do quarto infantil entreaberta, com alguém cantando lá dentro. É a voz de Sophie?

“Brilha, brilha estrelinha
Lá no céu pequenininha
Solitária se conduz

Pelo céu com tua luz
Brilha, brilha, estrelinha
Lá no céu pequenininha
Brilha, brilha, estrelinha
Lá no céu pequenininha.”

Com espanto, ouço-a cantar e olho pela fresta da porta aberta, vendo-a com a Luna em seus braços, estando de costas para mim. Passa das três e ela segue acordada, claramente Luna não deu descanso. Há que horas será que pequena acordou? Fico as olhando, enquanto permanecem alheias à minha presença. O bebê imóvel em seus braços me faz acreditar que já está dormindo, também pudera, Sophie tem uma voz melodiosa. Quem diria...

Sorrio e a passos macios vou para o quarto, preciso olhar o estrago feito no ferimento que já estava bem seco e começando a cicatrizar, mas que agora sangra. Não foi esta noite, mas eu prometo, eu ainda irei encontrá-lo.



Capítulo 24

*Nem todo ditado popular faz
sentindo...*

Sophie

Coloco a menina, que dorme em meus braços, no berço e fico a olhando por um bom tempo, tendo a certeza de que está mesmo dormindo de forma profunda, até vê-la rressonar baixinho. Pego seu pequeno cobertor, mas até mesmo para embrulhá-la tenho medo, medo de que ela volte a acordar, eu não aguentaria outra rodada. Assim que Bruno saiu, Luna acordou, pareceu adivinhar, em total desespero, o choro alto e alarmante.

Vim para o quarto com o coração aos saltos, sem saber como reagir a isso, pois desde que... Fernanda se foi, eu ainda não tinha cuidado dela, sozinha, nesse estado e choro. Célia estava comigo, na verdade, eu estava com Célia. Mas a pior parte veio quando corri para o quarto, quando a menina me viu e me reconheceu, seu choro apenas aumentou.

Entrei em pânico, não nego, sim... vi uma criança que nem anda ainda, me deixar tonta, sem saber como agir. A tirei do berço, a levei para a sala e trouxe junto, praticamente, todos os seus brinquedos. Primeiro ela não quis nada, nada mesmo, queria apenas chorar, nem mesmo puxar meu cabelo ela aceitou. Cogitei estar doente, sentindo alguma coisa, liguei para Célia, ela saberia o que fazer, afinal, ou era ligar ou ir para um hospital.

Por sorte, minha mãe ainda não estava dormindo e atendeu ao celular. Primeiro ela pediu para que eu pegasse o termômetro que estava guardado no guarda-roupa de Luna e me ensinou como usar. Com febre ela não estava, então, por que não parava de chorar? Foi a pergunta que fiz para Célia, enquanto Luna se acabava em choro. Estava a ponto de ver alguém batendo na porta para ver o que acontecia aqui, achando que estava maltratando a menina.

Célia se ofereceu para vir me ajudar, mas eu não poderia aceitar, ela também estava cansada, cansada por uma responsabilidade que eu aceitei, não seria justo. Disse que esperasse mais uns minutos, talvez eu conseguiria acalmá-la. Minutos depois, eu menti para Célia, mandei uma mensagem após a ligação, falando que ela tinha parado de chorar.

Mas ela não parou!

E eu entrei em desespero junto a ela. Me sentei no chão em sua companhia e sentir sua dor, claro, ela estava sentindo falta da mãe, por isso o choro tão sentido, tão penoso para uma criança. Quando ela acordava à noite, quem estava lá era sua mãe, para niná-la e dar-lhe de mamar. Mas agora... ela tinha a mim, que não faço ideia de como acalmar uma criança.

Senti-me culpada, pois eu sei que a culpa da criança não gostar de mim é minha, nunca me importei em realmente criar um vínculo com Luna. Eu a visitava, a via de longe e ponto... ia embora. Conversava com ela e só isso, nunca me esforcei. E ali, apenas com ela, me permiti sentir essa falta também, senti revolta e raiva por terem tirado Fernanda de nós, dela, de apenas um bebê.

“— Eu sei, bebê, eu sei... eu também sinto falta dela — eu disse e Luna me olhou.”

Uma lágrima me escorreu, dessa vez a dor foi tanta por ver o rosto de

Luna vermelho e os olhos rasos de água, que me permiti chorar junto a ela. A menininha ficou me olhando, vendo uma lágrima me escapar, ela me olhou e, aos poucos, foi cessando seu choro.

Não sou idiota para dizer que ela me viu chorar e sentiu pena, ela é só um bebê, então digo que ela lembrou que tenho cabelos, pois logo começou a puxá-los, quando seu choro cessou. Eu ri em meio ao meu desespero em ter uma criança em meus braços, que dessa vez, eu não poderia me livrar entregando aos pais e a deixei embolar o meu cabelo como bem quisesse.

Com o cabelo já todo babado, me lembrei do que Célia falou mais cedo, que ao pegar algo dela, que ela não possa brincar, dê algo em troca. Bom, não funcionou bem, ao menos não com um de seus brinquedos. Então, me lembrei da luva que, mais cedo, tinha chamado tanta sua atenção e fui buscá-la. Ela até sorriu ao vê-la.

Ficamos na sala, eu morrendo de sono querendo dormir, ela a todo vapor. Acho que ela será uma lutadora de boxe, gostar das luvas, ela já gosta. Sorrio a olhando dormir.

Tempos depois, ela voltou a cair no choro, lembrei então que deveria ser de fome. Fiz seu leite, como Célia ensinou e dei a ela, que sugou com gosto e passou a ter olhos sonolentos. Vim para o quarto e após a mamadeira, ela continuava sonolenta, sem chorar e quase dormindo, enquanto eu conversava com ela.

Foi então que uma canção me veio à mente, não sei bem de onde saiu, nunca tinha me lembrado dela antes, mas ao cantá-la, a menina caiu no sono e esse parece ser mesmo profundo. Fiz uma nota mentalmente de sempre conversar com ela e de cantar uma canção. Ela ainda parece gostar de minha voz.

Saio do quarto a passos macios, com medo de acordá-la e quando já estou no corredor, sem ouvir seu choro novamente, respiro, aliviada. Preciso de um banho, urgente, mas algo de diferente chama minha atenção. É a luz do quarto de Bruno, acesa, o que me diz que ele chegou e a raiva se inflama dentro de mim, além do alívio desse filho da mãe ter voltado bem, depois de sair de casa carregando um fuzil, eu sei que aquilo na porra da bolsa era um fuzil.

Ah, mas esse filho da mãe vai me ouvir. Marcho apressada para seu quarto e entro de supetão, sem cerimônia alguma e sem bater.

— Onde você... — Paro de falar, ainda na porta, ao vê-lo seminu.

Na verdade, com um short, desses de dormir, fino, mas com o tronco à mostra e molhado com algumas gotículas de água ainda escorrendo por seu peito, assim como os cabelos, o que me diz que ele chegou já faz um tempo e que acaba de sair do banho. Ele me olha, sentado na cama, com uma maleta branca aberta ao seu lado, um kit de primeiros-socorros. O que esse imbecil fez?

— Eu sei, eu sei — começa a falar, antes que eu diga qualquer coisa. — Seja lá o que dirá, como vai me xingar, *tu está* coberta de razão. Pela bagunça que vi na sala, acho que Luna acordou, não é? E antes mesmo de dizer qualquer coisa, assumo meu erro em te deixar sozinha, foi impulsivo, foi uma irresponsabilidade, eu assumo. E peço desculpas por isso — ele me atropela, com o rosto cansado e, também, culpado.

Eu tinha um discurso todo montado para jogar em cima dele, tudo preparado, uma sucessão de xingamentos que deixaria minha alma mais leve e que perpetuaria até em seus tataranetos. Mas ele estragou tudo, primeiro com esse peito nu que me desconcertou, não por achar bonito ou essas coisas, mas por estar nu, depois com um senhor pedido de desculpas e essa cara culpada, não dá para chutar cachorro morto.

Respiro fundo e entro de vez no quarto, os olhos presos agora em seu braço, no sangue que escorre do seu ferimento.

— O que aconteceu? *Pra* onde foi?

Ele passa a mão no cabelo, olha o chão e depois volta a me olhar.

— Subi o morro novamente, fui atrás do desgraçado que nos meteu nessa merda.

— Era isso? — Ele confirma. — E o achou?

— Não.

Fecho meus olhos, suspirando e sentindo raiva, além de medo. Hoje, poderia ter sido Bruno a ser baleado e ir parar em um hospital, e o que eu faria, caso isso acontecesse? O que eu faria com Luna? Sim, porque aí

seríamos somente ela e eu...

— Eu preciso te lembrar o quanto isso foi, de longe, uma loucura?

— Não, não precisa. Os fatos falam por si e me dei conta de que não será tão fácil assim acabar com aquele desgraçado. — Sei que lhe custa admitir isso, está escrito em seu rosto, no maxilar travado, no punho fechado sobre sua perna.

— E agora? — pergunto e vejo-o pegar uma gaze e limpar o sangue em seu braço.

— Não sei, estou cansado até para pensar no momento, cansado e impotente.

Eu conheço esse sentimento, está em mim também e me sento ao seu lado.

— *Me dá, deixa que eu faço.* — Pego a gaze de sua mão.

— Sabe o que *tá* fazendo? — pergunta e perco a paciência que nunca tenho.

— Não seja idiota, Bruno, claro que sei. Antes... de ser profissional, eu...

— Você? — pergunta, curioso.

— Eu fui parar em alguns ringues ilegais, eu queria lutar, Francisco dizia que eu não estava pronta ainda e eu não aceitava isso muito bem. Era em vale-tudo, eu não podia dizer nada para Benjamin ou Célia, aprendi sozinha a costurar minha pele quando precisava.

— Uma meliante, praticamente... — aponta, com sarcasmo.

— O quê? Vai me prender por isso ou vai calar a porra da boca e me deixar costurar? — pergunto e ele me olha, dos pés à cabeça, com um risinho de lado e algo nesse olhar parece errado.

— Deveria te prender...

— Já passou esse momento. Fato é que seu ponto estourou e eu posso costurar. Eu sabia que isso ia acontecer, ninguém leva pontos e fica fazendo tanto esforço quanto você, bundão. Parece criança. — Molho a gaze com soro, limpando o sangue e sua ferida, podendo ver o estrago que ele fez a si

mesmo e Bruno sorri.

— Não vou levar sua ofensa a sério hoje.

— Estou com seu ferimento aberto na minha frente, não deveria mesmo levar, sequer respirar. Posso deixar isso aqui bem torto, comporte-se.

Procuro dentro da maleta e acho uma agulha de sutura e linha, o olho, uma pergunta muda em meu rosto.

— Minha mãe era enfermeira, sempre nos ensinou a ter um bom kit primeiros-socorros, tem tudo que precisa aí — responde, sem que eu precise expressar minha dúvida.

— Tudo bem, vai doer, mas vai ser só dois... não vá chorar como uma mocinha.

— Manda ver.

Limpo tudo como se deve, lavo minhas mãos com álcool, também a agulha e em seguida espeto sua carne. Não vou dizer que não gosto disso e espero, com certo deleite, ouvir algum gemido. O olho e ele está apenas com a mandíbula travada, olhos em cada movimento meu, mas para minha frustração, ele solta só um gemidinho de dor.

Sorrio, não vou mentir que sua cara não me faz rir.

— *Tu tá* adorando isso, não *tá*?

— Estou encarando como uma vingança, por me deixar aqui sozinha com Luna — falo e volto o ponto, o furando mais uma vez e amarrando bem a linha e fazendo o último ponto.

— Desculpe, de novo.

Dou de ombros, corto a linha e pego o curativo, colocando-o sobre o ferimento, o tempo todo sentindo seus olhos em mim.

— Pronto. Fechado e limpo. Vê se mantém *ele* assim, bundão — falo e levanto o olhar.

Não sei o que encontro estampado no rosto de Bruno, nos olhos que se dividem entre o tom verde e o amarelo, com uma infinidade de sentimentos presos ali, inclusive, gratidão. Segundos se passam, nenhum de nós fala nada, apenas... contemplamos um ao outro, vejo seu rosto se mover, minimamente,

talvez movido pela atmosfera que nos cerca.

Saio do transe e me levanto, rápido, tendo a impressão de que ele estava perto demais, muito perto.

— O celular! — explica, me mostrando que não era nada do que, por segundo, eu imaginei, ele queria pegar o celular, que estava perto de mim, do outro lado.

— Claro. Eu vou tomar um banho e tentar dormir.

— É, *tá* mesmo passada, precisa de banho! — alfineta.

— Seu palhaço mal-agradecido.

— Eu, ao menos, esperei *tu terminar* para dizer que precisa de banho, foi uma gentileza. Eu não ia falar nada, mas você começou.

Nego, tendo vontade de rir, pela primeira vez, em sua presença, de algo que ele diz.

— Bundão — falo e dou lhe dou as costas, a fim de sair.

— Dona encrenca. — Paro e o olho por cima do ombro. — Eu durmo no quarto dela, se Luna acordar, pode deixar que eu a olho. Amanhã damos um jeito de arrumar a babá eletrônica. Pode dormir no seu quarto.

Nada digo, na verdade, sinto alívio. Eu estou realmente acabada e preciso de uma boa cama.

— *Tá* bom, boa noite.

— Sophie, obrigado, de novo.

— Não por isso, só mantenha o braço a salvo e você também.

— Pode deixar!

Saio do quarto, indo em direção ao meu e não deixo de pensar que possa estar mesmo passada, preciso de banho. Chego a levantar o braço e sentir meu cheiro, não está tão ruim assim, não tem nada de passada aqui.

— Bundão!



Capítulo 25

*Quanto tempo o luto pode durar?
Alguns dizem que é algo que vai além
do tempo...*

Bruno

— Ei, princesinha. Não acha que é muito cedo *pra* acordar? — falo com Luna, que está tentando colocar seu pé na boca, ainda dentro do berço, enquanto balbucia alguma coisa que não consigo entender.

Sorrio, olhando sua cara infantil nada culpada por deixar sua madrinha boa parte da noite acordada. Por falar nela, ontem... nunca achei que veria Sophie em um ato gentil comigo, até amigável, mas ontem entendi o motivo pelo qual Fernanda a amava tanto. Por baixo daquela couraça de indiferença e ranço, há alguém de verdade, um coração bom. Só temos que aprender como alcançá-lo.

Não preciso de tanto, uma boa convivência nos bastará, já que, pelo jeito, passaremos mais tempo juntos do que eu tinha planejado. Bom, ao menos ela fez um bom trabalho ontem em meu braço, apesar de dolorido, o ferimento está fechado. Os próximos dias ficarei quieto, preciso que essa merda sare e logo.

Pego Luna do berço, não é muito cedo, são sete da manhã, mas para quem foi dormir às quatro, ainda é madrugada. Assim que pego a menina em meus braços, o cheiro de cocô sobe no ar e olho para ela.

— Não fui eu, foi você? Uma donzela fazendo isso? — brinco e a vejo sorrir, tentando pegar meu rosto.

— *Mamamamama...* — balbucia e o meu riso vai morrendo.

— É, eu sei, também sinto falta dela. — A levo para o trocador, armado ao lado do seu berço. Acho que foi algo que Sophie também comprou ontem, junto com o berço, já que ela não quis trazer nada da casa de Fernanda, além das roupas e brinquedos de Luna.

Não a julgo, sei que lhe trariam lembranças, me trariam também. Lembro-me de Alex reclamando do quanto gastou quando Fernanda foi comprar o enxoval de Luna. Dos dois nos mostrando, com alegria, o ótimo trabalho ao montarem o quarto da bebê que nem tinha nascido ainda.

Alex estava realmente assustado com a ideia de ser pai, economizando o que podia para dar o melhor para sua mulher e filha. Eu o admirava por isso, por ter tanto amor por elas, por priorizar em primeiro lugar sua família.

É o que um homem deve fazer, mas convenhamos, nem todos o fazem.

— Olha, faz tempo que fiz isso, okay? — falo para ela, lhe entregando seu mordedor. — Então, pode ser que você acabe com cocô nos cabelos, mas daremos um jeito, não dá para esperar dona Célia chegar, não é? Nossa outra opção é acordar sua madrinha, mas acho que ela não se sairia melhor que eu trocando isso aqui.

Olho para o bebê que abandonou seu mordedor e tem as duas mãos na boca, perfeitinha e engraçada.

A última vez que troquei uma fralda, foi há uns sete anos, quando Cathe era um bebê e eu ajudava Cristine à noite a cuidar dela. Foi uma fortarefa que montamos na época, Cristine, mãe de primeira viagem, e eu... bom,

era bom apenas em comer bocetas e fazer boas amarrações. Foram muitos vídeos no YouTube até darmos conta de trocar Cathe, sem que até suas bochechas ficassem sujas de merda. Mas, deu tudo certo. Tiro a fralda pesada de xixi e cocô, torcendo o nariz para o fedor que exala dela, descartando-a para o lado.

— Como alguém pequeno, faz tanto cocô?

— *Bubububu-du.*

— É, sei... muita batata com cenoura, não é?

Pego o lenço umedecido e a limpo por completo, melando alguns dos meus dedos no processo, mas, a deixo limpa, apesar de ter gastado quase todo o lenço. Pego o talco, ou seria melhor passar a pomada? Ou os dois? Não, a pomada acho que é para quando estão assados e ela não está.

Pego a fralda nova e a envolvo, ou melhor, a visto. A evolução dessas fraldas são ótimas, hoje são tipo calcinhas, só vestir e pronto, sem velcro, o que facilita a vida.

— E você está limpa, garota!

Pego-a e olho a bagunça e sujeira que ficou em cima do aparador, é, acho que não fui tão bem-sucedido assim, mas logo pego o jeito da coisa. Jogo tudo no cesto de lixo ao lado e tenho que me lembrar de tirar o lixo mais tarde. Abro as cortinas do quarto e as janelas e, só então, vou para a cozinha.

— Está com fome? Eu estou, mas primeiro vou cuidar de você.

Olho para a sala, que está arrumada, diferente de quando cheguei ontem, com brinquedos espalhados para todos os lados. Sophie ainda arrumou isso aqui antes de ir dormir? Uau.

Entro na cozinha e me dou conta de que ela não arrumou só a sala, mas também a cozinha. Da montanha de compras e sacolas que estavam espalhadas ontem por aqui, não há mais nada. Só algumas panelas e vasilhas que foram deixadas secando na pedra ao lado da pia. A que horas ela fez tudo isso?

— Sua madrinha às vezes me surpreende. Sabe que acho que isso pode dar certo? — falo, mesmo que não posso ser entendido ou ter resposta alguma.

Coloco-a em sua cadeirinha de refeições e vou fazer o seu leite. Célia disse que como Luna não está mais mamando leite materno, teremos que integrar algo ao leite, algum mingau, por exemplo. Ainda não decidimos qual tipo usar, mas seguimos com o cardápio que inclui frutas, verduras e sopinhas, além do seu precioso leite.

Coloco uma vasilha com água no fogo e fico com um olho nela, me dando conta do quanto minha vida deu um giro de 360 graus em menos de seis dias.

Sempre achei algo bonito e necessário ter uma família, mas nunca me enxerguei nessa condição. Não de subir ao altar com alguém, de me dispor a passar uma vida a dois, menos ainda em ter filhos. Nenhuma mulher jamais me fez pensar no assunto, quer dizer... quase nenhuma. Mas isso foi há tanto tempo, um tempo que eu era inexperiente, mal tinha me encontrado no sexo, mal tinha me descoberto um dominador.

Após isso, encontrei na prática uma forma de vida, e uma família convencional nunca foi uma opção. Nunca me fez falta. Mas agora Luna é minha família, não por vontade própria e, sim, pelo acaso. É algo que demanda se acostumar com que lhe é imposto, mas nós nos daremos bem.

Deixo a vasilha no fogo e abro a geladeira de modelo antigo, que funciona que é uma beleza, e procuro um café da manhã para mim, enquanto já deixei a cafeteira trabalhando. Pego queijo, presunto, iogurte e mamão. Colocando tudo em cima da mesa e procurando por pães. Tenho quase certeza de que ela comprou ontem, acho que vi em algum lugar por aqui. Falando em compras, preciso ver com Sophie quanto ela gastou em tudo que tem comprado, preciso ressarcir seu gasto. Também falar sobre despesas daqui em diante, em planejamento financeiro.

Encontro um pacote de pão integral no armário e levo à mesa. Volto para o fogão, preparo o leite de Luna e o deixo esfriando, enquanto ela me olha, com seu mordedor na boca.

Tiro a atenção dela apenas quando Sophie entra na cozinha e fica parada, ainda na entrada, olhando Luna por um tempo, incrédula.

— Ela já acordou?

— Já, mas está de bom humor. E bom dia!

— Bom dia só se for *pra* você, o meu está uma merda.

A velha Sophie está de volta.

— O que foi? Por que o mau humor?

— Não consegui dormir depois que fui para o quarto, tomei banho e fiquei rolando na cama, cansada, com sono, mas sem consegui dormir. Uma grande merda. Já eram quase seis horas quando dormi e acordei às sete e vinte. E não é só isso — fala, de cara feia, indo até a geladeira e enchendo um copo com água. — Também estou com uma dor de cabeça do cão.

— Olha a boca. — Pioro a situação, ela me olha como se quisesse me queimar vivo após tomar sua água, sorrio.

— Ela não entende essas coisas, Bruno.

— Ela está aprendendo a falar, imagine se a primeira coisa que ela aprender é c-ã-o?

— É cão, cachorro, Bruno, não me fo... ferra. Satisfeito?

— Ainda não, mas está melhor. Quer café?

— Quero, quero muito, preciso acordar ou não vou aguentar o dia. — Ela se aproxima de Luna, alisando sua cabecinha. — Bom dia *pra* você, pequena humana.

Ela não tem jeito.

— O que fará hoje? — pergunto, enquanto encho duas xícaras de café e lhe entrego uma.

— Tenho que buscar algumas coisas na lavanderia, ir pegar minha tv na academia e trazer *pra* cá, vou usar no quarto. Também liguei ontem *pra* virem aqui instalar o canal fechado hoje e aproveitar *pra* ver se a tv da sala ainda funciona. Sei que Luna gosta de desenhos. Ah, e talvez demore um pouco na academia, tenho que passar no escritório e preparar algumas coisas *pra* amanhã. A academia volta a abrir.

Confirmo e a vejo tomar o café e fazer cara feia, sorrio, até sei o porquê.

— Tem açúcar!

— Tem, eu tomo com açúcar.

— Droga, preciso me lembrar de trazer minha cafeteira também. Não gosto de café com açúcar.

— *Cri-cri* — falo, enquanto pego Luna para dar seu leite. Sophie está mesmo péssima, o rosto inchado, com olheiras e olhos vermelhos. — Eu acho que deveria voltar *pra* cama e tentar dormir.

— Não durmo de dia, não consigo.

Nego, se eu pudesse, já teria voltado para cama.

— Ah, sobre a babá... falei com Célia, ela se dispôs a ficar com Luna quando voltarmos a trabalhar.

— *Tá* falando sério? Que alívio... — Contratar um estranho para tomar de conta dela estava me deixando inseguro.

— Sim, disse que ficará muito feliz, inclusive, pois vive muito sozinha. Algo como eu e Benjamin a abandonarmos e pouco a visitarmos.

— Faz sentido... — falo e ela nega. — Uma pergunta, na hora de trocar a fralda dela, passo talco ou pomada? — Sophie olha para Luna e depois para mim, tão perdida quanto eu.

— Sério? *Tá* perguntando *pra* mim?

— Pomada no bumbum, talco na *pepeca*! — Olhamos os dois para a porta da cozinha, em direção à voz que nos responde, e vemos Célia entrar.

— Anotado, dona Célia.

— Bom dia, para os dois e, Sophie, cadê a benção?

Vejo-a revirar os olhos com o pedido da mãe. Lembro-me então da minha... queria tê-la nesse momento.

— A benção, mãe.

— Deus lhe dê juízo e paciência. Como foi a noite?

Sorrio e olho para Sophie, que chega a suspirar ao começar o resumo da noite, enquanto dona Célia vem pegar Luna do meu colo, lhe mimando e a beijando. É inimaginável o carinho que ela já tem pela menina e eu nem tenho como agradecer toda a ajuda que ela está nos dando.



O dia se arrastou entre fazer uma coisa e outra, até conseguir tirar um cochilo, enquanto Luna também dormia à tarde. Também aproveitei o dia para aprender com Célia, a como cuidar de Luna, como fazer sua sopa, por exemplo, a dar frutas, essas coisas. Não só eu, mas Sophie também.

Agora, no final da tarde, recebi uma ligação, era o comandante, que com urgência pediu minha presença no batalhão, pois está me esperando. Já imagino o porquê e me apresento em sua sala.

— Boa noite, senhor.

— Quais foram as minhas ordens, Soares? — Ele é direto, sei do que fala, porém pergunto:

— Senhor?

— Não se faça de idiota, isso, você não é. Saiu em todo lugar hoje pela manhã, manchetes falando sobre o tiroteio que ocorreu ontem, na comunidade dos 3 porquês, quer mesmo negar que foi você?

— Não sei do que o senhor está falando, coronel. Se houve um tiroteio, pode ter sido entre facções vizinhas... não sei lhe dizer, estou de licença e me mudando de endereço. Como pode imaginar, estou sem tv e sem tempo para manchetes ou noticiários. No novo apartamento não instalamos nada ainda.

Ele sorri com certo escárnio, sabe que minto.

— Você... — começa, alterando a voz e volta a abaixá-la. — Eu vou dar um aviso, mais um, Soares, e este será o último, o resto é por sua conta e risco. Se isso feder, se isso respingar na minha corporação, nos meus homens, você vai pagar por essa merda, estamos entendidos?

— Sim, senhor, mas não tenho nada a ver com essa merda, se traficante mata traficante, não é problema nosso.

Meu comandante me encara fixamente e sustento seu olhar.

— É só isso, coronel? — Diante de seu silêncio, continuo: — Permissão para me retirar? — Bato uma continência.

— Vai, vai, vai e não me cria problema, porra!

Confirmo com um aceno e deixo sua sala com um sorriso pequeno nos lábios. Eu não ia dizer que fui eu, de forma alguma, pois eu estaria jogando na lama a ordem direta que recebi do meu superior, além de infringir leis, o que me traria sérios problemas, sendo a prisão, o menor deles.

Agora eu terei que tomar mais cuidado, pois meu comandante está de olho em mim, mas eu não me importo, meu objetivo é caçar e matar o maldito "Paizão".

Saio pelo corredor, cumprimentando alguns dos homens de serviço nesse começo de noite e vou para a minha mesa.

Mais cedo, Titã, um amigo e um hacker conhecido por conseguir o impossível, por achar agulhas em um palheiro, me ligou. Achei que falaria sobre o que aconteceu com Alex, prestaria condolências, mas não, ele sequer sabia sobre o atentado e a morte de Alex. Mas parece que Alex tinha pedido algo a ele, um dia antes de nossa ida ao cartório, ele queria que Titã puxasse a ficha de uma pessoa. Após o susto em saber o que tinha acontecido com Alex, ele me perguntou se eu conhecia alguma Sophie, pois o trabalho que Alex tinha encomendado era para ela.

Eu disse que sim e ele encaminhou alguns arquivos para o meu e-mail. Eu disse a ele que lhe daria o número dela, para que pudesse enviar tudo diretamente para ela, mas ele parecia estar com pressa e eu não neguei o favor.

Ligo o computador da mesa que costumo usar e abro meus e-mails, o dele é um dos primeiros que vejo. Imprimo tudo e é bastante coisa, algumas páginas que guardo em uma pasta velha, que estava em minha gaveta.

Não deixo de olhar do que se trata, se Sophie se meteu em encrenca com alguém, e são cópias de documentos, documentos de um homem que tem a mesma cara em dois documentos, mas com sobrenomes diferentes.

Também acho a cópia de um registro, dois, na verdade. Um tem o nome de Maria Sophie, onde consta só o nome do pai. Já no outro, tem uma Sofia, que consta o nome do pai e da mãe. A parte estranha, é que em ambos os documentos foram registrados pelo mesmo homem, mas não com o mesmo nome. Os dados em ambos os registros são quase idênticos, mudando

apenas o nome da criança e o sobrenome do pai, além do da mãe.

O que diabos é isso? Mas que merda... Junto a tudo, tem ainda algumas passagens na polícia, do tal homem, por pequenos furtos, em de Goiânia. Onde uma das meninas foi registrada. O outro documento foi feito no Rio mesmo.

Tem muita coisa, não só referente à Sophie, Sofia e ao tal homem, mas também sobre uma mulher, a mulher que registrou como mãe uma das meninas. Um boletim de ocorrência chama minha atenção, esse feito pela mãe da Sofia, o qual fala de uma criança desaparecida, Sofia Almeida de Souza, sequestrada aos quatro anos de idade, na cidade de Goiânia.

Mas que merda é essa?

Desligo o computador, pego a pasta e deixo o batalhão, indo direto para o carro. Claro que para isso tive que trocar de carro, fiz isso em uma loja de seminovos de um amigo, mudei modelo, placa e não o coloquei em meu nome, obviamente. Volto em disparada para casa, a fim de entender o que está acontecendo. Já tendo uma ideia superficial do que se trata, pois juntando as peças soltas aqui, em todas as informações, já me dá uma ideia do que seja.

Mas... imaginar isso com Sophie... será que ela chega a imaginar tal coisa? Bom, alguma desconfiança ela tem, já que pediu para Titã averiguar o passado do tal Antônio. Corto alguns carros, como posso, o trajeto não é rápido, ainda mais neste horário, de pico.

Alguns minutos depois, estou entrando em casa, o que é engraçado este lugar já ter cara de casa para mim. Encontro logo ao entrar no apartamento Célia, na sala, com Luna.

— Cadê Sophie, dona Célia?

— Querendo tirar o pai da força, filho?

— É que é meio urgente.

— Ah, ela está no quarto, mas acho que...

Nem ouço, saio em disparada em direção ao corredor que dá acesso aos quartos, abrindo sua porta de supetão, entrando no quarto de uma só vez e fico estático em seguida com o que vejo. Não só eu me assusto, ela também e

demora instantes para reagir. Engulo em seco, vendo Sophie, totalmente nua, próxima ao armário.

Eu queria não ser o filho da puta que não passou os olhos por todo o seu corpo, nos segundos em que ela levou para ter uma reação, a de pegar a toalha sobre a cama e se cobrir. Me obrigo a virar de costas, praguejando baixo, a deixando vermelha.

Filha da mãe, eu não vou esquecer essa imagem tão cedo, puta que pariu.

— Porra, Bruno. Inferno, não sabe bater?

— Desculpa, Sophie, de verdade, cara. Foi no impulso, não sabia que...

— Que após o banho as pessoas ficam nuas *pra* se vestir?

— Eu não sabia que *tu tava* no banho, perdão, foi a pressa, o impulso.

— Impulso? Aqui é meu quarto, Bruno, que inferno.

Lembro que ela entrou no meu quarto ontem da mesma forma, mas não externo a lembrança, pioraria as coisas.

— É que me ligaram, recebi uns documentos, que eram *pra* você, que foram pedidos por Alex, e achei ser urgente. Na afobação, me esqueci completamente de bater.

Assim, como nunca vou esquecer que embaixo de toda a roupa que ela veste, esconde um corpo perfeito e delicioso. Travo o maxilar ao me lembrar da imagem, meu pau chega a dar sinal de vida e eu olho o teto, tentando pensar em qualquer coisa que tire a imagem erótica, de Sophie nua, da minha mente.



Capítulo 26

*Eu disse que o passado voltaria, não
disse?*

Sophie

Meu coração está acelerado, quase batendo na garganta e isso por três motivos, primeiro pelo idiota entrar aqui como fez e me ver nua, depois por ver seu olhar em mim, por me sentir... desejada e desprotegida ao mesmo tempo, nem sei bem como expressar o momento e, em terceiro lugar, por ele dizer que recebeu as informações que pedimos a Alex para conseguir para mim, ainda antes de ele...

Nego terminar a frase.

Vejo-o de costas e controlo minha respiração, minha vontade de mandá-lo sair do quarto. Porra, eu estava realmente nua e ele viu tudo... Bruno me viu nua. Se bem que, por que mesmo eu não tranquei a porra da

porta?

— Droga, senta aí. Vou me vestir no banheiro.

— *Tá* bom, eu espero — fala, enquanto entro no banheiro. — E desculpa de novo.

— Vai se foder!

Vejo-o se sentar, de costas para mim, e fecho a porta do banheiro, segurando um short e uma blusa de alças, além da calcinha que sequer tive tempo de vestir. Meu coração ainda está a galope, além de ansioso, e colo minhas costas na porta, me perguntando o porquê de estar assim, por que estou tão afetada?

Sei que parte da ansiedade se deve ao motivo que fez Bruno entrar dessa forma em meu quarto, claro..., mas a forma com que me olhou, isso não sai da minha cabeça. Sinto minha barriga esfriar, algo entre minhas pernas esquentarem e aperto uma na outra.

Eu devo estar alucinando, talvez seja isso, afinal, não durmo bem há dias. Jogo a toalha sobre a tampa do sanitário, começando a me vestir. Estava com uma puta dor de cabeça desde manhã e não gosto de tomar remédios, evito ao máximo, mas hoje não teve jeito. Tive que tomar algo forte e depois vim para o quarto, enchi a banheira da suíte e experimentei a sensação de ter o corpo nu submerso na água, também experimentei a hidro.

Foi relaxante, cheguei a cochilar e agradei mentalmente pelo luxo de ter uma banheira aqui, a cabeça até parou de latejar e passei a me sentir melhor até... Bruno entrar como um louco em meu quarto.

Visto a blusa e olho meus seios por cima do tecido, com bicos entumecidos à mostra. Mas que merda. Levo os indicadores aos seios, apertando-os para dentro, tentando disfarçar. Não gosto de usar sutiã e, quando necessário, sempre visto tops, são mais confortáveis, mas geralmente desnecessários, ainda mais em casa, dado que meus seios são pequenos e dificilmente ficam tão acesos.

Droga. Pego o top que estava usando antes do banho e o visto por baixo da blusa, depois que me livrar de Bruno, volto a tirar. Saio do quarto, encontrando-o na mesma posição de antes, sentado na cama.

Aproximo-me e ele me olha, por cima do ombro, mas não como antes,

não despretensiosamente, o que é estranho ou só coisa da minha cabeça. Estendo a mão, pedindo a pasta que segura.

— Deixa *eu* ver.

— *Tá*, seguinte. Aqui tem algumas cópias de documentos, que não entendi muito bem, Sophie. Mas o que me chamou atenção mesmo foram os primeiros documentos, são duas identidades, que pertencem ao mesmo homem, porém, com nomes diferentes.

— Você olhou? — pergunto, não é bem uma crítica é só... isso é particular demais e imaginei dividir esse momento com Fernanda.

— Sim, eu... mandaram para o meu e-mail e... tem algum problema? Se *tu quiser*, posso sair. — Gesticula em direção à porta, mas eu nego.

— Não, acho que vou precisar de ajuda com isso, para entender. — Me sento ao seu lado e ele volta a tomar a pasta, já aberta, de minhas mãos.

— Aqui. Isso me chamou atenção, *tá* vendo? — indaga e me entrega dois papéis. Posso ver o que chamou sua atenção, em ambas as identidades, a foto é do mesmo homem, mas com sobrenomes diferentes.

Olho cada um deles e sinto a bile vir à minha boca, amargando minha língua, é o meu pai. Engulo em seco, mas por que a diferença de nomes?

— Quem é esse homem, Sophie? — Está estampado em seu rosto que ele sabe quem é, mas parece querer ouvir de mim.

— É o meu pai, Bruno — falo e alguma emoção passa por seu rosto, mas logo camufla a expressão de pesar.

— *Tá*, então... espera. Você... — Ele para de falar, olhando para mim como se estivesse buscando palavras. — *Tá*, olha, aqui tem a cópia de um registro que acho ser seu, Maria Sophie Sousa Nascimento. Certo?

— Sim — confirmo.

— Nesse, consta apenas o nome do seu pai, mas não o da sua mãe, que é esse aqui, Antônio Sousa Nascimento. Mas isso você já sabia, não é?

— Claro... — Dou de ombros.

— Mas, aqui nesse outro documento, o mesmo Antônio, tem outro sobrenome. Antônio Nunes de Sousa.

Franzo o cenho, tentando entender... por que ele trocaria o nome?

— Mas por que dois documentos?

— Espera que fica pior. Porque com esse outro nome, esse Antônio de Sousa já foi casado, na cidade de Goiânia, também registrou uma filha lá, junto com a esposa. A criança se chamava Sofia. Sofia Almeida de Sousa e sua mãe... se chamava Maria da Graça Almeida Costa.

Ouçó tudo com atenção, à medida que vou olhando cada cópia de documentos que ele me entrega. Minha cabeça dá um nó enquanto fico olhando dois registros... meu Deus.

Levanto-me da cama, incapaz de continuar sentada, mesmo que minhas pernas tremam ao andar de um lado para o outro do quarto. Espera, então no primeiro registro eu me chamava Sofia... e Antônio era mesmo meu pai, mas eu tinha uma mãe... sua mulher? Que confusão é essa?

— Tem mais alguma coisa? — pergunto, de forma urgente.

— Tem. — Ele me olha apreensivo, paro de andar. — Essa mulher, Maria da Graça, ela não tinha só a Sofia registrada como filha, tem também um filho, seis anos mais velho que a menina, mas que não é filho de Antônio, digo... ao menos o nome dele não consta no registro do moleque. O nome do garoto é Pedro Almeida Costa.

Abro minha boca, caçando palavras, mas ele continua:

— Os filhos dessa senhora, a Graça, foram registrados ambos no estado de Goiás. Já você, Sophie, foi registrada por Antônio aqui no Rio. Mas não é só isso...

— Não? — A essa altura minha cabeça dá voltas.

— Não. Maria da Graça, em 30 de julho de 1997, registrou um BO em uma delegacia, em Goiânia, alegando que a filha de quatro anos foi sequestrada. Isso, dois meses antes do seu pai te registrar, alegando ter tido problemas em te registrar antes.

Minhas pernas falham e a passos pequenos vou em direção à cama e volto a me sentar, respirando fundo. Então a ruiva não estava mentindo... eu... Sinto o ar me faltar, minha boca amargar e corro para o banheiro, ouvindo Bruno me chamar. Me debruço sobre o vaso sanitário, vomitando.

Minha respiração é falha, minha cabeça volta a doer e minha garganta arde como o inferno. Ânسيا de vômito me toma e sinto alguém tirar minha mão do meu cabelo e segurá-los, apoiando outra mão em minhas costas, em um movimento de cima para baixo.

Agarro-me com as duas mãos na beirada do vaso e vomito, como se não tivesse amanhã, ao ponto de continuar tendo ânسيا, mas não ter mais nada no estômago para colocar para fora.

Levanto a cabeça, sentindo as pernas fracas, meu estômago doer, assim como minha cabeça, que chega a latejar. Bruno se afasta e eu me sento no chão do banheiro, me encostando na parede e fechando os olhos, passando a mão na boca, sentindo o gosto azedo tomar conta.

Minha cabeça está zonza, eu estou tonta. Ouço-o dar descarga e sua mão tocar a minha, me oferecendo uma toalha de rosto molhada, para me limpar. Estou confusa, sempre achei que faltava algo, sempre senti um vazio dentro de mim, sempre senti ser uma fraude... e, de alguma forma, eu sou.

Pego a toalha, sem nada a dizer, sem consegui falar, agora, tendo a visão clara do homem que era meu pai.

Talvez, após ver sua foto na identidade, a memória tenha dado um rosto a ele, de um homem fumando e bebendo, largado em uma poltrona velha. Se era para aquele inferno que ele me levaria, por que a mim? Ele simplesmente me sequestrou.

Então essa era a minha mãe, Maria da Graça, e essa é a minha real história?

Olho ao redor, me dando conta de que estou sozinha no banheiro, sequer o vi sair daqui. Trago os joelhos ao peito e os abraço, abaixando a cabeça, me sentindo... enganada. Foram vinte e dois anos, acreditando em uma história...

Ouço passos e levanto o rosto, Bruno volta a entrar no banheiro, trazendo consigo um copo cheio com água.

— Não disse nada à Célia, não é? — pergunto, apreensiva.

— Não, só peguei a água. Toma tudo, vai se sentir melhor.

Melhor...

Tomo toda a água, ganhando tempo, me livrando do gosto horrível em minha boca e usando a toalha molhada para limpar meu nariz. Sequer me importo em mostrar tamanha fragilidade na frente de Bruno, ambos já vimos a fragilidade um do outro, não faz sentido querer esconder agora.

— Não precisa cuidar de mim, eu me viro, obrigada.

— Sei que pode se cuidar sozinha, Sophie, tenho certeza disso, mas cuidou de mim ontem, quero ficar. A não ser que queira que eu saia.

Olho pra ele, com o copo ainda em mãos e apenas confirmo, vendo-o se sentar no chão do banheiro ao meu lado. Ficamos calados enquanto chego a uma conclusão: em momento algum eu fui abandonada, em momento algum eu tive uma chocadeira como mãe, a culpa toda foi do desgraçado do meu pai, que me tirou dela.

E ela tentou me achar, foi à polícia, ela tentou... a ruiva estava certa o tempo todo.

— Sophie... Alice, o noivo dela se chama Pedro...

Bruno é um homem esperto, claro que é, ele chegaria a essa conclusão sem precisar que eu dissesse uma palavra sequer.

— Eu sei.

— Ele é...

— Acho que sim. Eu não sei. Como alguém consegue outros documentos com tanta facilidade, além de conseguir registrar uma criança sozinho? Como é tão simples fugir com uma criança?

— Ficaria surpresa com a infinidade de casos parecidos. Antes, manter o controle de documento era mais difícil, tudo era uma pilha imensa de papel, então... bom, era fácil fraudar. — Ouço-o dizer e volto e encostar meu queixo em meus joelhos. — Nunca soube que tinha uma mãe?

— Não. Sempre achei que só tinha um pai... que morreu quando eu era uma criança, há muito tempo. Mas eu lembro que perguntava por minha mãe e ele dizia sempre: você não tem mãe, esqueça isso, ela não te quis. Eu acreditei nele.

— Foi assim que parou no orfanato...

— Foi.

— Por isso foi tão difícil de te achar, quando sua mãe fez a queixa. Ele mudou o próprio nome, mudou o seu nome, era quase impossível, na época.

— O tal cara deu mais alguma informação?

— Segundo ele, mais pessoas andaram atrás desses documentos, do seu nome e, também, no primeiro nome usado por seu pai.

— Eles me procuraram...

— Sim, muitas vezes.

Encosto minha cabeça no azulejo atrás de mim e fecho os olhos, sentindo apenas o vazio aqui dentro. Achei que sentiria mais raiva, mais ódio, perda..., mas sinto só... vazio e escuridão.

— Eu o conheço — Bruno fala e continuo de olhos fechados, engolindo a vontade de chorar que me toma. — Digo, Pedro... acho que já lhe falei isso, mas ele é o tipo de pessoa que se importa e ele é médico, dono de um sítio bem legal e gente fina e tem uma filha. Você tem uma sobrinha.

Fungo, meus olhos ardendo.

— Alice, a ruiva do outro dia, apesar de ter a língua solta, também é uma boa pessoa, uma das melhores.

— Ele tem uma filha, sozinho?

— É filha dos dois. A adotaram, acho...

Mantenho-me calada, olhos fechados, estômago doendo, com frio e a cabeça zonz. Nos últimos dias não me alimentei bem e acho que com a descoberta, minha pressão caiu, por isso estou nesse estado, me sentindo fraca. Sendo sincera, por mais semelhança que eu tivesse com a mulher da foto, no fundo, eu esperava que fosse tudo um mal-entendido. Que por pior que fosse minha história, ela não seria uma mentira...

Abro meus olhos a tempo de ver Bruno se levantar e penso que me deixará sozinha, mas ele me estende sua mão, e subo meu olhar para seu rosto, que tem um olhar afetuoso ao me encarar. Eu esperava ver pena, mas não é isso o que encontro.

— Vem, precisa se deitar.

Aceito sua mão, mas nego seu toque em minhas costas, tentando me

amparar ao sairmos do banheiro, e vou em direção à cama, me sentando, ainda olhando os papéis sobre ela.

— Pelo que *tu passou* na vida, Sophie? — Ouço a pergunta, mas sequer o olho.

— Eu agradeço, mas... não quero falar disso agora, por favor.

— Claro, eu entendo. Quer algo?

— Só ficar sozinha, minha cabeça dói.

— Não é *pra* menos. Eu vou sair e, Sophie... Pedro e Alice irão se casar dentro de alguns dias, recebi o convite ontem, caso queira saber e se precisar de algo, é só me chamar.

Fico olhando-o sair, com a sensação de que meu coração está querendo rasgar meu peito.



Capítulo 27

Sozinho em meio à multidão...

Bruno

— Encontrou Sophie, Bruno? — dona Célia me pergunta, assim que volto para a sala, com o copo de vidro vazio nas mãos, ainda confuso com toda essa história.

— Sim, sim..., mas ela estava dormindo. Resolvi não a acordar — invento uma desculpa qualquer e a observo rir com afeto.

— Que bom, ela não costuma dormir muito e ficou até tarde ontem com Luna.

— É, é sim. — Me sento no sofá, a certa distância dela, vendo Luna sentada no chão, brincando, em principal, com uma luva de boxe antiga, de Sophie. — Caso precise ir embora, a senhora pode ir, fico com Luna. Nos entenderemos bem.

— Verdade? Estou mesmo precisando ir para cama cedo.

— Claro, eu dou conta dessa aqui.

— Ótimo, filho. Hoje ela está mais calma, acho que começou a conhecer o lugar.

— Deve ser — respondo, mas não faço ideia do que se passa na cabeça de um bebê.

Fico assistindo-a arrumar suas coisas e se despedir de Luna. Olho ao redor, a tv ligada, o tapete felpudo no chão, um quadro qualquer na parede... Isso aqui está tomando mesmo cara de casa, me pergunto o que tudo isso significa para Sophie.

— Eu vou indo, filho, qualquer coisa, liga no celular.

— Pode deixar e obrigado, de novo, dona Célia.

— Imagina.

Escuto a porta bater e fico com os olhos em Luna, mas com o pensamento em Sophie, como é descobrir algo assim sobre si?

Lembro-me então de Pedro, de como é uma ótima pessoa, um homem que parece ter sido bem-criado por sua mãe. Sophie... ou melhor, Sofia, poderia ter tido tudo isso e não teve o mesmo privilégio, pois foi tirada de sua mãe de forma vil e suja. Mas o que me deixa com a cabeça zonga é: por quê?

Que era ela, eu não tenho dúvidas, era o seu pai, o mesmo homem, a mesma criança, ambos com nomes diferentes, apenas isso.

Não consigo imaginar a confusão pela qual Sophie deve estar passando e pensar que ela, sequer, pode encontrar a mãe, pois ela já morreu.

O que ela fará agora?

Vejo Luna bocejar, olhando para os lados, e a pego, trazendo para meu colo.

— Não me diga que deu sono? Será que estou com sorte, hã? — Ela apenas me olha, com olhos idênticos aos do seu pai. Como aquele infeliz me faz falta.

Levanto-me e pego sua mamadeira sobre a mesinha de centro, mudando o canal da tv, que, por sinal, pega muito bem. Procuro um canal de

esporte, enquanto ela toma seu leite, depois nos deitamos no sofá e ela faz cara de choro e, claro, eu mudo para um canal de animação. Quando Cathe era pequena, ela gostava da tal Peppa Pig, mas lembro que Cristine me disse uma vez que Masha e o Urso é ótimo para entreter, então esse é meu canal escolhido hoje.

Bom, ao menos para ela funcionou. Coloco-a de bruços sobre minha barriga, seu rosto virado para a tv, enquanto não só ela é entretida pela menina com uma pequena franjinha, um tanto sapeca, mas eu também.

Sorrio. Quanta diferença. Em um dia comum, eu estaria no clube, hoje estou eu cuidando de um bebê. Quem diria...



Pisco os olhos, trazendo a mão ao rosto com a luz branca em minha cara, a tv ainda ligada e sinto certo peso sobre meu estômago, peso esse que eu seguro firme com uma de minhas mãos. Olho para baixo e vejo Luna, também dormindo, e agradeço por ela dormir sem fazer disso um evento. Acho que está cansada. O fato de ir dormir às três da manhã ontem, somado a não dormir hoje à tarde, talvez tenha ajudado.

Com cuidado, me sento, deitando-a em meus braços, a vendo chupar o lábio inferior e ressonar. Imagino o quanto sente falta do leite de sua mãe. Me levanto e, com cuidado, sigo pelo corredor, após desligar a tv. Paro em frente à porta do quarto de Luna, mas olho para o lado, para a porta do quarto de Sophie, esperando ouvir algo, precisando saber como ela está, como se sente.

A luz está acesa, dá para ver pela fresta da porta embaixo e ouço-a fungar... será que está chorando? Nego, só a vi desabar uma vez e, ainda assim, ela não chorou. Abro a porta do quarto de Luna, a colocando no berço e esperando para ver se ela irá acordar. Mas ela segue dormindo, a embrulho e volto a sair do quarto e, mais uma vez, paro em frente à porta fechada.

Hoje eu não a vi se alimentar, pela manhã tomou café preto, apenas, no almoço, ela não estava aqui, estava na academia e agora à noite...

Volto para a cozinha, vendo a panela de sopa sobre a mesa, que dona Célia preparou, e a esquento. Olho nos armários de baixo até encontrar uma

bandeja, simples, mas que vai servir. Sirvo dois pratos, afinal, eu também não jantei. Pego colheres, copo e a jarra de suco que ficou pronto na geladeira e coloco tudo sobre a bandeja. Eu corro o risco de que ela jogue isso em minha cara, mas assumo o perigo.

Volto ao corredor, a bandeja nas mãos e paro em frente à sua porta. Se eu chamar, ela pode me mandar embora, o que não queremos... bato com o pé três vezes na porta e com o cotovelo abro a maçaneta e, desta vez, quando a porta se abre, eu não a encontro nua.

Ela está deitada, de lado, mas se senta ao me ver. Olhos vermelhos, mas não parece ser de chorar.

— Não dormiu? — pergunto.

— Não deu. — Dá de ombros e olha a bandeja em minhas mãos. — O que é isso?

— Sua mãe fez sopa e me incumbiu de te fazer comer. — Não foi bem isso, mas foda-se, uma mentira para o bem.

Ela nega, se ajeitando na cama, se encostando à cabeceira. Coloco a bandeja na mesinha ao lado de sua cama e ela apenas observa, calada, com aquele olhar vazio.

— Eu vou comer dois pratos de sopa?

— Não, um é meu. Que gulosa você! — acuso e a sombra de um sorriso ameaça aparecer, enquanto pega o prato que lhe dou.

Sento-me aos pés da cama, que também tem cabeceira, só que menor, e trago o meu prato, me dou conta de que estou com muita fome.

— Não precisa me fazer companhia, nem se preocupar.

— Não gosto de comer sozinho. Minha companhia já dormiu.

— Sem escândalos?

— Por incrível que pareça.

Ela nega e eu invejo sua fortaleza ou a máscara que ela usa ao esconder seus sentimentos. Alguém normal estaria chorando, berrando, surtando, ou já teria ido atrás do tal provável irmão, mas ela não. Apesar de ter passado mal mais cedo, ela está apenas... calma.

— Como se sente?

— Bem. — Monossilábica, entre uma colher e outra da sopa. Ao menos está comendo, dona Célia é uma cozinheira de mão cheia, sua comida está uma delícia.

— É comum desabar de vez em quando, é humano.

Ela me olha, mas não diz nada, só continua comendo, o silêncio reina no lugar, até ela voltar a falar:

— Eu não sou boa em conversar, se espera que eu...

— De você? Eu não espero nada, Sophie. — Me recosto ainda mais à cama. — Sabe, te acho interessante. Algumas mulheres são fáceis de desvendar, outras nem tanto, já você... nada, você não demonstra nada, o que é intrigante. A única impressão que tenho é de que você sequer é humana, mas uma coisa eu sei... ninguém consegue carregar o mundo sozinha nas costas.

Ela apenas me olha, astuta, esperta, tomando seu tempo.

— Não? E você, Bruno, com quem divide o seu mundo? — pergunta, é um bom contragolpe.

— Com Alex, eu dividia com Alex... aquele cara, ele sim me conhecia bem. Tínhamos os mesmos princípios, uma amizade de anos e confiança. Eu confiava minha vida a ele, não havia nada que ele não soubesse sobre mim, eu dividia o peso do meu mundo com ele. — Meu tom sai um tanto amargo, perdi aquele que era capaz de dividir a carga, por mais pesada que fosse, comigo. — Sei que tem uma boa relação com Benjamin, mas... ele realmente te conhece?

— Quer me fazer falar...

— Quero, quero sim — afirmo, não há por que mentir. — *Tu tem* os olhos vermelhos, Sophie, mas não de chorar. Tem bolsas pretas embaixo dos olhos, o que indica que não dorme muito e creio que seja desde a morte de Fernanda, e tem esse olhar aí... vazio, que me preocupa. Nunca sei o que pode estar passando por tua cabeça.

Ela me observa, os olhos negros como a noite tem as pupilas dilatadas, por breves segundos, até ela voltar a comer. Faço o mesmo e, calados, vamos

limpando nossos pratos. Ela não diz mais nada, eu também não vou impor que diga, eu só queria poder ajudar, pois alguém que descobriu o que ela descobriu hoje, não pode estar bem.

— Eu me lembro pouco dele, do meu pai — ela começa. — Lembro-me do cheiro de cigarro, álcool, poucas frases, uma voz rouca... só isso. Lembro-me da casa pegando fogo, de alguém me tirando de lá. Lembro que fiquei parada do lado de fora, segurando um urso velho, vendo as chamas queimarem... achei bonito até... ele morreu naquele dia, em meio a essas chamas e eu não me lembro de sentir sua falta.

— *Tu era* muito pequena.

— Não sentimos falta do que não temos, Bruno. Acho que ele nunca foi um pai... não sei o que quis ao me tirar de minha mãe, mas tenho certeza, não era por amor. Então, depois de sua morte, eu fui para um orfanato. — Ela para, olhando para frente, mas não para mim. — Havia crianças, muitas, de várias idades... e, isso não importa. Disse que vê o vazio em meus olhos, é porque é assim que me sinto, Bruno. Vazia, oca... Não entenda mal, não é vitimismo, sou grata por ter Célia, Benjamin, por ter tido Fernanda, mas... sempre faltou algo. Não sei explicar, era só que o vazio nunca não ia embora, não importava quantas pessoas tinham à minha volta, era sempre como estar sozinha. Estranho, não é? Sozinho em meio à multidão... essa frase, eu sei o significado exato disso.

Sinto algo aqui dentro apertar, sequer imagino o que sente, sempre tive pessoas, sempre tive a quem amar como família.

— Talvez se sinta sozinha por nunca conseguir realmente confiar em alguém. — Tento, não sabendo bem como entendê-la.

— Talvez. Hoje só está pior, mas não me verá desabar como espera, pois, por pior que pareça — ela sorri —, eu já superei coisas piores e aprendi algo com isso, tudo passa.

— Até o vazio?

— Não, não... ele é meu companheiro de uma vida. Sou uma pessoa de sorte, sei que sou. Fui adotada por uma mulher que cuidou de mim, que lutou por mim como ninguém nunca fez antes e, por isso, sei que tive sorte. Mas sempre, sempre faltou algo... sempre, mas isso não diminui minha sorte, só

me mostra que o tempo todo, esse vazio tinha um dono, minha verdadeira família.

— Agora *tu sabe* o que faltava. Você poderia não se lembrar, mas seu subconsciente sabia, *tu tem* uma mãe que te procurou, um irmão e os dois te amavam, eu sei disso.

— Essa é a pior parte. Fico dividida entre sentimentos, estou aqui me sentindo como se eu fosse uma fraude, como se tudo que eu tivesse vivido até hoje, fosse mentira. Como uma falha na matrix. Não posso sentir dor pela morte de uma mulher que me deu a vida, pois eu nem me lembro dela. Não posso vê-la, pois ela já morreu e... — Eu posso sentir sua dor, por mais que tente não a mostrar.

— E?

— Não sei se quero o homem que é meu irmão de volta em minha vida.

— Como assim?

— Vê-lo... tornará isso tudo aqui — ela toca o peito — realidade. Não sei se quero esse peso.

— Pedro é...

— Eu sei... eu pesquisei.

— Pesquisou?

— Tem muito dele na internet. Cara boa-pinta, médico figurão tão jovem... Pedro Ribeiro é filantropo, ainda por cima. Ajuda inúmeros orfanatos, já fez eventos em sua propriedade para arrecadar fundos para alguns deles, sabia? — Nega e funga, mas sem resquício de lágrimas. — Ele é alguém bom, está escrito em seus olhos.

— Então por que não ir atrás dele?

Ela dá de ombros, suspirando e colocando o prato vazio na bandeja.

— Eu ainda não sei.

Confirmo, a vendo beber o suco, esperando que termine a bebida. Eu a entendo, ou tento entender sua confusão. Como é viver imaginando como poderia ter sido sua vida? Sua verdadeira vida. Me levanto em silêncio, tomando o copo de sua mão, pego a bandeja e então vejo uma tv na parede,

de frente para sua cama, já instalada. Vou em direção à porta.

— *Tu quer* que eu apague a luz ao sair?

— Não — ela responde rápido, sai até um tanto alto. Olho-a e, por breves minutos, eu juro ter visto medo em seus olhos. — Deixe acesa.

— Pode parecer estranho o que vou perguntar, mas, tem medo do escuro?

Imagino que ela irá rir, mandar eu me foder, mas ela apenas se deita, virando de lado, de costas para mim.

— Só não gosto do escuro, prefiro a luz.

Fico a olhando e, segundos depois, saio do quarto com um pensamento em minha cabeça: Sophie não é uma fortaleza, ela só aprendeu a não demonstrar suas fraquezas, a nunca abaixar suas barreiras, apenas isso e acho que encontrei algo do qual ela tem medo... do escuro.

Deixo a bandeja sobre a mesa e volto para o corredor, entrando em seu quarto novamente, sem pedir permissão, e ligo sua tv.

— O quê...

— Vamos assistir à tv, você não vai dormir, que eu sei, eu não estou com sono. Vamos fazer companhia um ao outro.

— Eu não quero companhia.

— Mas eu, sim, e essa sua tv é imensa. O que quer ver? Filmes, esportes, séries?

Ela me olha, apática, um tanto sem ação quando me vê apagar a luz e pegar o controle, indo em direção à cama.

— Vai, não seja espaçosa, me dê um lugar.

— Você é muito enxerido, sabia?

— Já disseram isso. Agora vai *pro* canto.

Ela se afasta para o lado, emburrada e eu me sento e não deixo de rir da sua carranca. Não vou deixá-la sozinha e, talvez, no escuro, apenas com a luz da tv acesa, ela durma. Desconfio de que Sophie não durma bem desde a morte de Fernanda e isso começa a me preocupar.

— E então? — pergunto, me referindo ao que assistir.

— Escolhe você, senhor penetra.

— Tá, vamos de... Homem invisível. Já assistiu?

— Não.

— É ótimo, vai adorar.

— Uhum... Eu devo estar muito lesada *pra* não te colocar *pra* fora a pontapés.

— Não, *tu só está* vendo o quanto perdeu seu tempo me odiando. — Ela não responde e procuro o filme, enquanto ela se aconchega ao travesseiro, puxando o lençol para si. — E fica linda com roupa de dormir — brinco, tentado distrai-la.

— Você é mesmo um idiota!

Sorrio.

Às vezes, devemos obrigar algumas pessoas a aceitar ajuda, pois, algumas delas, sequer se dão conta do quanto precisam de um pequeno empurrão.



Capítulo 28

*Não é fácil pedir ajuda, aceitar que
necessita de cuidados, mas é
necessário, se abra, se permita.*

Sophie

Acordo ao sentir algo quente em meu rosto, abro meus olhos aos poucos, incomodada com o raio de sol que entra pela janela, banhando a cama. Deixei a cortina aberta ontem e a luz do sol clareia todo o quarto... espera, que horas são? E o mais importante, eu dormir à noite inteira?

Olho ao redor, a última coisa que me lembro era de estar assistindo a um filme de ação, junto com Bruno, aquecida e me sentindo acolhida por não estar sozinha. Acho que acabei apagando. Olho a tv, ainda ligada, em tela preta, a luz do quarto apagada.

Sorrio, quando entendo o que ele fez. Eu disse que não gostava do

escuro, ele apagou a luz, mas deixou a tv ligada, para ter pouca luz no quarto, o mínimo para não incomodar enquanto dormia. Talvez isso tenha mesmo ajudado e acho que preciso de um abajur.

Após quase uma semana, essa é a primeira vez que realmente durmo bem à noite. Olho para o lado, para a pasta que Bruno me trouxe ontem, e a pego, olhando para ela por tempo demais, ainda fechada, antes de guardá-la na gaveta, junto aos porta-retratos que não tive coragem de jogar fora.

Levanto-me, arrumo a cama e vou para o banheiro. Após o banho, volto ao quarto, mas desta vez, me certifico de que a porta esteja mesmo fechada antes de começar a me secar para vestir minha roupa. Tudo que não preciso é Bruno, mais uma vez, me pegando nua, com aquele olhar... em cima do meu corpo.

Nego o pensamento, a lembrança de como me olhou, do que senti ao ser observada... me recuso a pensar nisso. Hoje vou para a academia, vamos abri-la.

Preciso também voltar a treinar, a data da próxima luta já está marcada e preciso me preparar, sem falar que, com os últimos acontecimentos, eu perdi peso. Amarro o cabelo em um rabo de cavalo e saio do quarto, apesar do sol já quente batendo em meu rosto ter me acordado, ainda é cedo, olho pela fresta da porta do quarto de Luna, que ainda dorme, e vou para a cozinha.

Pego algumas batatas doces e começo a cortá-las. Não demora muito para ouvir passos vindo do corredor. O bundão... uma coisa não posso negar, eu estou grata a ele, Bruno ontem foi... quem eu precisava. Ele se importou, e eu sou grata a isso. Mostrei um pouco de mim a ele ontem e falei mais do que deveria e, apesar de achar que me arrependeria disso, eu estou bem com tudo... bom, nem tudo.

Sinto estar sendo observada e olho por cima do ombro, para o grandalhão encostado na porta, me olhando.

— Bom dia, dona encrenca. Você ronca, sabia? — Nego, ainda de costas para ele.

— Sério? Ninguém nunca reclamou.

— Hum, muitos já puderam vê-la dormir?

Deixo a faca sobre a bancada, me virando para ele.

— Quem sabe, não é? — Sinto meu rosto esquentar com a brincadeira.

Ele se senta na mesa e volto a cortar as batatas em rodelas.

— Luna não acordou à noite?

— Uma vez... mamou e dormiu.

Dormiu a noite inteira? Me viro, o olhando, com a faca na mão. Revoltada com a pestinha.

— Aquela menina me odeia, hein, escreve isso. Aquela criança não me suporta — falo, me policiando a falar baixo.

— Ela não te odeia.

— Não? Ontem à noite ela chorou? Não, não chorou. Dormiu, sem dar um pio, bem confortável em seu colo... acha que não vi? A vi dormindo em seu peito, quando vim à cozinha pegar água, agora comigo? É só berreiro e chantagem. — Volto a me virar e ele se levanta, cínico, tentando não rir de minha revolta e se aproxima.

Como pode? A menina quando ficou comigo chorou por horas, ficou acordada até às três da manhã e ainda acordou cedo no dia seguinte. Mas com ele não, ela dorme tranquila, sem chantagem, e ainda acorda ao meio-dia. Pestinha mal-agra-decida.

— Que chantagem? Ela só tem nove meses, Sophie. Na verdade, dez, daqui a alguns dias.

— Foda-se. Ela me odeia e já sabe como fazer chantagem. Ontem — falo, com ênfase, me virando de lado e apontando a faca para ele, enquanto gesticulo minha revolta. — Eu dei tudo que eu podia, até o meu celular, mas ela parou de chorar? Não, claro que não... ela só calou a boca quando eu dei uma de minhas luvas *pra* ela. *Chantagistazinha* de uma figa.

Cuspo, não é justo. Ok, eu não levo jeito com crianças. Ok, que eu nunca me esforcei para fazê-la gostar de mim. Ok para tudo isso aí, mas custava ela fazer uma birrinha com ele? Para não me fazer vergonha? Ela me odeia, sim!

Bruno não aguenta e acaba gargalhando, vitorioso, enquanto bufo e volto a descascar minhas batatas.

— Você tem uma coleção de luvas, dar uma a ela não faz mal.

— Não importa... e não é pela luva... é que... bom, uma hora ela terá que se acostumar comigo... e eu a ela.

— Então é ciúme?

Isso é ciúme?

— Não, claro que não.

— Tá, então digamos... que eu apenas levo mais jeito com crianças, só isso.

Fico calada, enquanto termino o que estava fazendo. Ele apenas observa e o vejo suspirar, como se sentisse o cheiro de algo.

— Passou perfume?

Olho-o, estranhando sua pergunta.

— Que pergunta é essa?

— Está cheirosa, só isso...

— Não uso perfume, me dão alergia. Uso creme de pele, mas deve estar sentindo o cheiro do meu xampu.

— Hum... cheiroso, suave, cítrico.

Que pessoa olfativa.

— Não fuja do assunto, não defenda a pestinha chantagista.

Ele sorri. E me lembro de algo, algo que ele falou há pouco. Daqui a alguns dias ela faz dez meses, seu *mesversário*, sua mãe sempre fazia algo para comemorar.

— Sinto falta dela... — Vejo-me falando ao me lembrar disso e seu riso morre quando o olho. — De Alex também, mas... Fernanda era... minha luz, eu acho. Era ela que eu buscava quando algo aqui dentro estava escuro, ou melhor, ela me buscava, por mais que eu quisesse estar no escuro, ela sempre me resgatava... sinto falta dela — deixo escapar e solto um suspiro profundo.

— É, eu também sinto falta dos dois... — fala, enquanto me observa levar as batatas ao fogo alto. — Mas posso ser sua luz, se quiser... pode me usar, posso ser um raio de sol! — brinca e eu o olho, não conseguindo

segurar o pequeno riso em meu rosto.

— Você? Luz?

Ele dá de ombros, cruzando os braços frente ao peito coberto por uma regata branca, se encostando na bancada de mármore.

— Posso ser luz quando quero. Nunca fui luz com você, porque você é insuportável. — O deixo na bancada e vou até a geladeira, pegando o frango desfiado que preparei ontem, mais alguns tomates cereja e temperos. Sem contestar o que diz. — Não vai se defender?

— Não. Reconheço o que sou, Bruno. As pessoas não me atingem me chamando ou falando coisas que realmente sou. Sou insuportável? Às vezes, quase sempre, com você sempre. Nunca fui com a tua fuça mesmo. — Dou de ombros.

— É sincera também. E qual o problema da minha fuça? E eu também quero o que quer que *tu esteja* fazendo aí para o café da manhã.

— Eu já estava contando com isso e não sei, não sou sociável, e você tem esse jeito — falo e o olho, por breves segundos.

— Que jeito?

— *Tá* vendo? Esse risinho filho da puta de: eu sou foda.

— É o meu risinho que te incomoda? — pergunta, enquanto corto os tomates. — Ninguém nunca reclamou do meu risinho.

Abaixo-me para procurar uma panela.

— Claro, porque todas querem ir *pra* sua cama.

— Menos você — fala e volto a me levantar, confirmando.

— E é esse o ponto, menos eu. Viu, já estamos nos entendendo.

Ele se aproxima, perto demais e paraliso, com a panela nas mãos. Ele não me toca, também não se afasta, ficando às minhas costas, sua respiração batendo em minha nuca e, ao contrário de mim, ele sim usa perfume, algo amadeirado que exala masculinidade. Sequer movo um músculo ao sentir sua boca se aproximar do meu ouvido, meu estômago esfriando.

— Isso porque ainda não provou — sussurra e tem a ousadia de morder a ponta da minha orelha, arrastando os dentes pela minha pele, o fato de não

usar brincos facilitando seu movimento e ao chegar na pontinha, seus dentes se afundam em minha pele.

— Ei, isso dói... *caceeeeete* — falo arrastado, levada por um pequeno tremelique que não sei de onde saiu.

Afasto meu rosto, acalmando meu estômago e o tremor que sobe por minhas pernas. Que inferno.

— O que foi, Sophie? Não sabia? Dor e prazer andam juntos...

Sinto os pelos da minha nuca se arrepiarem ao ouvi-lo falar, tão perto, causando reações que eu ainda não tinha experimentado. Olho-o por cima do ombro, ele parecendo sedutor, sorrio, esnobe, tentando acalmar o que quer que seja isso.

— Isso era *pra* ser sedutor? — pergunto e ele, presunçoso, confirma. — Não funcionou, e se não se afastar, eu vou te dar um soco, repetir o mesmo que fiz uma vez, na escola — ameaço, ainda tentando controlar o arrepio em minha coluna. O que diabos ele desencadeou em mim, ao morder minha orelha?

— Achei que era mais resistente à dor, Sophie.

— Dor? Sou resistente quando preciso ser, mas prazer, prazer... eu sinto em bater, não em apanhar.

— Hum... ou talvez, ninguém tenha feito do jeito certo, ainda...

Ele dá um passo para trás, dando de ombros, levantando as mãos e se afastando enquanto levo o frango ao fogo para rechear, a última frase se repetindo em minha mente. Por minutos, seu jeito, sua brincadeira, tirou completamente o meu foco dos papéis que tenho, guardados no fundo da gaveta, papéis aos quais ainda não sei o que farei.

— O que quer dizer?

Ele volta a se sentar à mesa e apenas observa de longe e, por mais que eu tente, meu corpo ainda não voltou ao normal.

— Nada, quer ajuda?

— Não, só estou um pouco perdida aqui.

— Você dormiu?

— Sim, a noite inteira... foi uma boa noite.

— Isso é bom, parece descansada.

— E estou e você?

— Dormi como uma pedra. — Olho-o e ele parece ler os pensamentos em minha cabeça. — Não, não dormi com você, fui para o meu quarto logo que o filme acabou. Acredite, eu não durmo com mulheres.

— Como é? Não dorme?

— Não, se fosse passar a noite com você, tudo que não faríamos seria dormir.

Fico sem ação por segundos, entendendo o que quer dizer, mudando meu olhar de direção, sentindo o arrepio, de minutos atrás, voltar a subir por minha coluna e meu rosto esquentar.

Permaneço muda, usando o que faço como desculpa para não o olhar, ao imaginar ele e eu... não importa.

O silêncio se segue enquanto faço o recheio do frango, as batatas já quase cozidas, não gosto delas muito moles. Olho para Bruno e o encontro com olhos em mim, sorrindo.

— Por que *tá* rindo?

— Moramos juntos.

— Sim... e?

— Moramos juntos, eu levanto e aí está você, preparando o café, nunca imaginei te ver frente a um fogão.

— Idiota. E eu nunca imaginei que dormiria ao teu lado em uma cama, assistindo. Qual é pior?

— Quem diria...

— Nem me fala.

Amasso minhas batatas, voltando ao fogão e colocando azeite em uma frigideira, fazendo a primeira camada de batatas amassadas, colocando uma camada generosa de frango em seguida e outra camada de batatas por cima.

— E amanhã o café da manhã é seu.

— Como quiser.

Ele tem razão, isso é estranho, mas estranho ainda é a relação que começamos a ter. Confiança... ontem ele me perguntou se eu realmente confio em alguém e a resposta era não. Eu nunca confiei em ninguém, como ele falou que confiaria sua vida a Alex, nunca senti isso com ninguém e nunca imaginei que o deixaria chegar tão perto, mesmo morando debaixo do mesmo teto.

Quando falo em confiar, falo além... confiar tanto ao ponto de mostrar quem eu realmente sou, contar todos os meus segredos.

Achava Bruno até mesmo alguém egoísta, mas ele não é. Acho que, de alguma forma, perder Alex e Fernanda nos aproximou, temos algo em comum, perdemos alguém que amávamos. Tudo mudou ainda naquele hospital, quando ele me abraçou, quando não senti repulsa com seu toque, quando não quis me afastar, pois precisava tanto daquele abraço quanto ele.

E não nego, isso me assusta.

Bruno coloca a mesa e eu apago o fogo, levando a frigideira para a mesa e me sentando, o cheiro ao menos está bom. Ao olhar para ele, Bruno me olha de forma profunda, os olhos um pouco mais escuros que o normal, a mandíbula cerrada.

— Batata recheada. Não me olha assim, não vou dizer: espero que goste — falo e o vejo sorrir.

— Parece mesmo bom.

Sirvo-me e ele faz o mesmo em seguida, e começo a comer. Eu não o agradeci por ontem, meu maior remorso ao perder Fernanda, é não poder ter dito a ela o quanto era importante em minha vida, foi não retribuir como deveria todo o seu carinho e não vou repetir mais isso, com ninguém. Sua morte me trouxe uma lição, que guardar palavras apenas no coração, não é suficiente. Olho para ele, que come com gosto e começo:

— Você é alguém bom, Bruno. — Ele me olha, parecendo ter visto uma assombração. — Eu sempre soube que era alguém bom, mas nunca precisei lidar com você, nunca quis uma amizade contigo, já tinha gente demais em minha vida. Nunca quis confraternizar, também nunca cheguei a odiá-lo, você era só alguém do mesmo ciclo de amigos que eu, que adorava

encher o meu saco, a pedra no meu sapato.

— E isso mudou?

— Bom... eu tenho que me acostumar com a sua cara, querendo ou não e ontem... você ficou comigo, me ajudou, se importou. Sabe quantas pessoas em minha vida já se importaram? — Engulo em seco. — Não sou sociável, mas Célia me ensinou algo, a não ser mal-agradecida e eu tento não ser, desde então. Estou agrapecida a você... é só isso, obrigada.

— Essa é sua maneira de me pedir *pra* ser seu amigo?

Ele não tem jeito.

— Vai se foder, Bruno.

Ele gargalha alto, me fazendo rir também. Idiota.

— Essa é minha garota.

— Não sou sua garota e temos que falar do *mesversário* de Luna.

— *Mesversário*, sério?

Dou de ombros, é bem sério.



Suor escorre por todo o meu corpo, por minha testa, pescoço e costas e sigo os comandos de Benjamin, batendo no apoio que ele segura, focada, ou tentando estar focada. Mas não o suficiente, a verdade é que estou aérea e quase levo uma porrada na cara por não estar realmente aqui.

— Porra, Sophie.

Paro, levando as mãos aos joelhos, ofegante.

— Desculpa, é só... estou com a cabeça longe. — Sento-me na lona, recebendo a toalha que ele me joga e me deito, enxugando o suor do meu rosto.

— Não quer mesmo adiar a luta?

— Claro que não. Hoje eu estou aérea, mas amanhã vou estar focada, vou sim. Vamos continuar, vamos seguir o ritmo de sempre.

— Tem certeza?

— Tenho — falo e ele se deita ao meu lado. Estamos só nós dois, é próximo ao fim da tarde e daqui a pouco tenho que voltar para casa... para um bebê.

— Precisa recuperar os três quilos que perdeu.

— Vou recuperar. — Tento recuperar também meu fôlego e fecho meus olhos.

— Já sabe o que fazer? — pergunta e viro meu rosto para o lado, o olhando. — Com relação ao que descobriu.

Eu contei a ele tudo o que descobri sobre o meu passado, minha infância, meu pai, passei o dia todo pensando sobre isso.

— Já.

— E o que é?

— Quero conhecer *ele*. O cara, Pedro, é a única coisa que sobrou da mulher que me pôs no mundo, eu quero... saber o que realmente aconteceu. Não sei se o quero em minha vida, mas agora que comecei, quero saber de tudo.

Perdi pessoas e ganhei a chance de ter alguém de volta em minha vida, alguém do passado, o único que restou. Se vamos ser amigos, irmãos, eu não sei, mas preciso saber o que realmente aconteceu no passado. Não estou pronta ainda, mas assim que me sentir segura, irei procurá-lo. Benjamin segue calado, até demais, e cutuco suas costelas.

— Ai...

— Nada vai mudar, entre nós, você vai continuar sendo o meu irmão.

— O melhor de todos... ah, mamãe quer fazer um almoço na sua casa amanhã, *tá* sabendo?

— Não, mas é a cara dela. Você vai?

— Claro, vou levar Mônica comigo.

Apenas confirmo... serão mais pessoas para segurar a pequena humana, entretê-la. Mais gente para me salvar de seu mau humor e sua chantagem. Ela deveria ser um raio de sol, como sua mãe, mas Luna parece ter puxado ao

pai.

Só de lembrar que hoje à noite, quem a fará dormir serei eu, sinto vontade de ir para o meu quartinho e me esconder embaixo da cama.



Capítulo 29

A parte boa, é que dizem que o ser humano é capaz de se acostumar com qualquer situação, por pior que possa parecer, e às vezes até gostar dela.

Bruno

— Não é assim, Sophie.

— Claro que é. Olha aí... tá ficando limpo.

— Tu já olhou seus dedos?

Ela olha a mão, ainda segurando o lenço umedecido e faz cara feia, torcendo o nariz e olhando para Luna.

— Você é péssima, sabia? Não pode cagar mais durinho, não? — Essa é sua tentativa de repreensão.

Eu sorrio, ela é um horror com crianças. Enquanto fala, quase leva a mão ao rosto, para tirar uma mecha de cabelo da cara e sou eu a segurar sua mão.

— Vai melar a cara também? — pergunto e ela olha para cima, assoprando o cabelo.

Nego sua péssima desenvoltura e pego a mecha que lhe cai na testa, sentindo a textura macia dos fios entre os dedos, um gesto rápido, mas os segundos parecem passar mais lentamente enquanto prendo o cabelo atrás de sua orelha e ela me olha, segurando as pernas da menina que não para quieta, enquanto ela tenta limpá-la. São poucos segundos e é ela a quebrar o contato.

Já é tarde e hoje não demos a mesma sorte que ontem, Luna não dormiu cedo e não parece pretender fazer isso. Pela tarde, ela estava um pouco mais molinha que o comum, chegou a dar febre, dona Célia lhe deu um remedinho e ela melhorou, mas continua enjoadinha.

— Me dá, eu termino — peço, mas ela nega.

— Não, eu vou ter que aprender a fazer isso. Essa pequena encenqueira não vai ganhar de mim.

— Não é uma competição!

— Não? Olha a cara dela. Ela está me provocando, pensando: você não vai conseguir.

Eu não aguento e gargalho alto, é divertido vê-la tentando e não nego, ela é determinada. É interessante também, como após todos os acontecimentos, em principal o de ontem, ela ainda está aqui, de pé e ainda consegue rir. Não sei se ela realmente não se afeta ou se finge não se importar, seguindo sua rotina, parecendo... normal.

Ela termina, vestindo Luna e olhando para a menina, com cara de vitoriosa.

— Viu só, pequena terrorista, eu consegui — fala e aproxima a mão do rosto, as afastando novamente. — Nossa mãe, o que você anda comendo, pestinha? Toma, Bruno, vou lavar minhas mãos.

Fico rindo enquanto ela sai, vestindo um baby doll, desses de algodão, com um shortinho curto. Nada de mais, é uma peça simples, mas nela... faz

qualquer um pensar besteira, ainda mais após vê-la totalmente nua, como eu vi ontem. Confesso que a imagem do seu corpo nu não vai sair da minha cabeça e, com isso, eu voltei, como quando era jovem, a vê-la como mulher.

O que hoje, para mim, é absurdo. Mas não nego que o pensamento me acompanhou por todo o dia, em principal quando ela me afronta, com essa crista alta. E, sim, depois de tanto tempo achando que ela seria a última mulher que eu iria querer em minha cama, me peguei com tesão pela infeliz, imaginando como ela ficaria presa em meu domínio, algemada à cabeceira da minha cama no quarto ao lado, nua, enquanto brinco com seu corpo.

Em como seria ver esse queixo sempre tão orgulhoso, abaixado para mim na cama, domada, minha... totalmente entregue. A imagem em minha cabeça é tão perfeita, que chego a sentir tesão, novamente, controlando meu corpo quando ela volta a entrar no quarto de Luna.

— O que foi?

— Nada, por quê?

— *Tá* com uma cara estranha...

— Impressão tua. — Impressão é meu cacete. Mas como falar para ela que estou a olhando estranho porque quero fodê-la?

— Ela já comeu, já está trocada, agora é só dormir...

— *Tava* pensando... e se comprarmos uma chupeta *pra* ela? — Dou de ombros. — Como ela sente falta do peito da mãe à noite, pode ajudar... sei lá, só uma ideia para ajudar *ela* a dormir.

— É... não deixa de ser uma ideia.

Luna parece entender o que a palavra dormir quer dizer e começa a chorar, um choro baixo, arrastado e sinto, novamente, seu corpo quente.

— *Tô* achando a temperatura dela alta.

— Sério? Vou pegar o termômetro, *tá* aqui no guarda-roupa. Mas... por que febre?

— Não sei... será um dente nascendo?

— Dente? Mas... isso dá febre? — Eu a olho e ela entende a besteira que disse. — *Tá*, mas não tem nada nascendo aí não, tem só esses dois dentes

de coelho na frente. Será alguma coisa que demos a ela?

— Não, ela só tomou leite, comeu frutas e sopa... não teve nada que pudesse fazer mal.

Ela traz o termômetro e medimos a temperatura de Luna, que está com a cabeça encostada em meu ombro, suspirando pesado, como se a qualquer momento fosse chorar. Meu coração aperta, sei que sente falta da mãe e olho o termômetro. Sua temperatura está, sim, mais alta que o comum.

— Porra, e agora?

— Olha a boca — peço e ela me olha feio.

— Mas... *tá*, olha a boca. Entendi. Vou ligar *pra* Célia... ligo ou levamos *ela* a um hospital? Talvez... não sei, o que faremos? — Pela primeira vez, vejo Sophie nervosa, sem saber o que fazer, e seguro seu ombro.

— Ei, calma e não vamos acordar sua mãe, também não vamos a um hospital. Temos o que precisamos, é só dar o remédio de febre a ela. Caso não passe, amanhã podemos levá-la ao médico.

— *Tá... tá...* parece uma boa ideia. E... se for saudade?

— Como assim?

— Ela mamava, Bruno, tinha a mãe e o pai e, de repente... nunca mais os viu. E se for saudade?

— A gente dá um jeito. Toma, vou procurar o que dar e volto logo. — Dou Luna a ela, que chora, mas se acalma quando Sophie conversa próximo ao seu ouvido e passa a dar apenas pequenos soluços. Os olhos cheios de lágrimas.

Sinceramente, minha ficha ainda não caiu. Sinto falta de Alex e tento não pensar tanto, não alimentar, por ora, a raiva em meu peito. Não ignorar a razão e agir por impulso e acabar com a minha própria vida ou pior, colocar a de Luna e Sophie em risco. Eu não me perdoaria jamais.

Acho o medicamento infantil e volto ao quarto, encontrando Sophie ainda falando com ela, contando como foi seu dia. Conto as gostas em uma colher miúda, tal qual já vi Cristine fazer com Cathe e me aproximo delas, colocando a colher, com cuidado, entre os lábios de Luna.

Hoje em dia as coisas estão melhores, os remédios já não são tão ruins,

esse, por exemplo, tem gosto de tutti-frutti.

— E como eu ia dizendo, seu tio me derrubou, mas foi sem querer, eu não estava ligada no treino, sabe, pequena humana. Mas ele brigou comigo, acredita?

— Sério? — pergunto e assisto-a se sentar ao chão, as costas coladas ao berço de Luna, enganchando-a em sua cintura.

— É, nada de mais, eu estava distraída.

— É compreensível.

— Ah, já aproveitando, Célia arrumou um almoço familiar aqui, amanhã. Ela gosta desses eventos, gosta de barulho e acho que quer manter um olho em mim, caso eu surte.

— Sobre o almoço, eu já sabia, tivemos a ideia juntos. Vai ser bom, gente *pra* brincar com Luna, distraí-la.

— Ah, a ideia não foi só dela?

— Não, eu e a baixinha aqui participamos.

— Um complô...

— Quase isso — falo e me sento ao seu lado. — Acho que precisamos disso, precisamos das pessoas que amamos, próximas. — Vejo-a confirmar e mudar o olhar, Luna choraminga e eu a pego. — Você precisa dormir, sabia?

— *Mamamama...*

— É, eu sei, eu sei... — concordo e olho Sophie, com expressão triste, que desvia os olhos ao notar que a observo. — Você pode cantar *pra* ela — falo, meio de supetão, o que a faz me olhar, com certo espanto.

— Eu? Eu não sei cantar.

— Bobagem, já vi você cantar *pra* ela, no dia que cheguei, aquela noite. Pode funcionar e ela pode dormir.

— Eu não vou cantar.

— Está com vergonha?

— Não, é só que...

Ela suspira e solta o ar, um tanto sem jeito, olhando para a menina que

choringando em meus braços. Vejo-a fechar os olhos e encostar a cabeça na proteção do berço, parecendo criar coragem e então sua voz soa, um pouco falhada:

“Brilha, brilha estrelinha
Lá no céu pequenininha
Solitária se conduz
Pelo céu com tua luz
Brilha, brilha, estrelinha
Lá no céu pequenininha
Brilha, brilha, estrelinha
Lá no céu pequenininha”

Na segunda estrofe tenho Luna com a cabeça encostada em meu ombro, quietinha, olhos presos em sua madrinha, que segue entoando a canção de olhos fechados. Ela volta a repetir a canção mais duas vezes, provavelmente é a única que ela sabe. Sorrio, dando palmadinhas nas costas de Luna, que acho que já está de olhos fechados em meu ombro.

A canção cessa e Sophie nos olha.

— Dormiu — fala e devagar me levanto, colocando a menina no berço, que geme, mas não volta a acordar.

— Vamos sair?

— Não, vou ficar aqui mais um pouco, garantir que ela dormiu mesmo.

— Tem a babá eletrônica — completo, mas ela não se levanta.

— Eu sei, é só que... pode ir dormir, vou ficar só mais um pouco.

Eu me sento ao seu lado, não tenho sono de qualquer forma, não me custa ficar. O silêncio se segue e a observo abraçar os joelhos, sem nada a dizer e uma dúvida me assalta.

— Decidiu o que fazer?

— Com o quê?

— Pedro... os documentos.

— Sobre isso? Sim, resolvi. Eu não posso mudar mais nada do que aconteceu, mas... quero saber como aconteceu, quero detalhes, entender por que alguém tira uma criança dos braços da mãe, se no fim... não pode cuidar nem mesmo de si.

Fico calado, apenas confirmo.

— Sophie... a canção, quem cantava *pra* você?

— Eu não sei... até duas noites atrás, eu nunca tinha me lembrado dela, não até estar sozinha com Luna e em desespero com ela chorando. Ela pode não gostar de mim, mas gosta da minha voz, sendo assim... cantei o que me veio à mente.

— Hum... pode ser o que sua mãe cantava *pra* você.

— É, pode ser. Isso é coisa de mãe amorosa, não é?

— Cantar?

— Isso.

— Claro, é sim... sei que não pode conhecer sua mãe, ela já se foi, mas pode saber mais dela quando conhecer Pedro.

—Não sei se o quero em minha vida, ou se...

— Bobagem, você quer, no fundo quer, ou não iria em frente em tudo isso. Pense que é uma segunda chance, você perdeu pessoas e ganhou a chance de ter outras.

Ela me olha, sem nada a dizer, com aquele mesmo olhar, um olhar tristonho. A mecha de cabelo que antes eu tinha colocado atrás de orelha voltou para o seu rosto e por impulso, pego-a novamente, desta vez me demorando mais no movimento.

Neste momento pareço sentir apenas ela, seu cheiro, seus olhos, sua presença e levado por algo que desconheço, a mão que antes estava em uma mecha de cabelo seu, agora está deslizando por seu rosto, enquanto estou preso em seu olhar. Me aproximo, aos poucos, minha mão indo de encontro à sua nuca e a puxo para mim.

Impulsivo, colando seus lábios aos meus. Sinto cada detalhe seu, em

principal os lábios macios, minha vontade sendo de devorá-los, mas em um primeiro momento, apenas experimento-a, percorrendo seus lábios com a língua, cada detalhe. Sinto sua respiração e quando sua boca se abre, eu tenho a permissão que eu tanto quero.



Capítulo 30

*Sentir... a magia de um beijo, se
permitir ser levado à outra dimensão
sem, sequer, sair do lugar. Há
sensação melhor?*

Sophie

Ainda de olhos abertos e estática, sinto sua língua pedir passagem, massagear meus lábios como se estivesse experimentando. Assustada, vejo seus olhos fechados e algo faz com que eu confie, ele faz com que eu confie e me entregue. Aos poucos, fecho meus olhos e quando sua língua pede passagem, eu abro meus lábios e deixo que encontre a minha.

Sinto seu gosto, seu hálito fresco, seu cheiro e seu corpo quando pouso minha mão em seu ombro. O mundo parece parar de girar, é como se eu pudesse apenas... sentir a mim e Bruno, seu corpo, sua respiração, seu toque. A sensação, faz, com que, por segundos, eu esqueça tudo. Que meu passado

seja uma mentira, que eu tenha perdido pessoas demais e que agora, eu precise aprender a como cuidar de um bebê, por poucos segundos, tudo, simplesmente some.

Mas a realidade parece voltar, rápido demais, e algo parece errado, eu pareço estar errada, mas isso não é o suficiente, ainda, para que eu consiga me afastar. Bruno suga minha língua e eu amoleço, praticamente viro gelatina enquanto sua mão me mantém presa a ele.

Sinto-o morder meu lábio inferior, me puxar para mais perto e eu sequer o paro, sequer sei se quero pará-lo. Sua mão se embrenha entre meus cabelos, me mantendo firme, próximo a ele e... um muxoxo infantil faz com que eu pareça acordar de um sonho e o afaste, ambas as mãos em seu peito.

Olhamos juntos para Luna, deitada do berço, que ainda dorme, apesar de soltar pequenos gemidos. O que eu fiz? O que fizemos?

— Sophie...

Levanto-me, ainda ofegante e confusa, ele faz o mesmo e tenta me tocar, eu me afasto, é instintivo, é novo e assustador.

— Vou tentar dormir, eu...

Saio do quarto e ainda o escuto me chamar, baixo, mas não o atendo, sequer olho para trás. Meu coração está acelerado, meu corpo está desorientado, pedindo por algo que não sei o que é, mas que ele faz questão de afirmar que é algo que irei encontrar em Bruno. Entro no quarto e tranco a porta, indo até a cama e me sentando.

Por poucos segundos consigo ficar sentada, tentando acalmar minha respiração e logo estou de pé, andando de um lado para o outro no meio do quarto. Por que ele me beijou?

Está bem, eu não fugi, eu não o parei quando ele se aproximou, mas por quê? Eu o beijei, Bruno, eu o beijei...

Santo Deus!

Toco meus lábios, sentindo-os um pouco inchados, jurando ainda poder sentir seu gosto, seu hálito, sua respiração. Qual a última vez que permiti que alguém chegasse tão perto?

A imagem de Igor aparece em minha mente e eu volto a me sentar na

cama. Sim... foi ele. Igor foi o único que eu permiti que chegasse tão perto, que fosse além do que qualquer um jamais foi, eu confiei... Eu confiei e ele... se foi. Todos se vão.

Estou em uma casa que não é minha e pareço, por dias, estar vivendo em uma vida que não é minha, que não escolhi e agora... algo aqui dentro quer deixar alguém entrar, quer confiar novamente, eu sinto... inferno.

Era para ser rápido, simples, e só... droga.

Ouçoo passos no corredor e olho para a porta, os passos param e posso ver sua sombra pela fresta da porta, embaixo, penso que irá bater, mas se bater, eu irei abrir? Estou confusa, um misto de desespero e medo aqui dentro, algo que não posso controlar, algo que não sinto há muito tempo.

Levanto-me e me aproximo da porta, sequer sei o que pretendo fazer, apenas fico parada com a mão na maçaneta e encosto minha testa na madeira fria. Bruno é alguém confiável, disso eu sei, mas apenas isso, não há brechas para nada além.

A handwritten signature in black ink, reading "Bruno". The letter 'B' is large and stylized, with a long vertical stroke that curves at the bottom. The rest of the name is written in a cursive, flowing style.

Fiquei parado em sua porta ontem, criando coragem para bater, na verdade, procurando o que lhe dizer. Fui impulsivo, reconheço, deixei me levar e simplesmente fiz aquilo que eu queria fazer. Um homem sendo levado pela cabeça de baixo, sejamos sinceros, afinal, desde que a vi nua, Sophie não saiu da minha cabeça e porra... de quantas formas isso é errado?

É certo que ver seu corpo me causou desejos, desejos que um dia eu já senti por ela, mas que deixei de lado após conhecer... não importa, o que importa é que todos os anos em que convivi com Sophie, ela nunca se mostrou realmente para mim, nunca me mostrou nenhuma versão diferente

do que a megera insensível que parecia ser.

Algumas vezes, eu me perguntava como Fernanda, alguém tão doce, poderia ser tão amiga de Sophie, alguém tão azeda. Ou como Benjamin criou grande afeto por ela, enquanto para mim, ela era apenas intragável, alguém para irritar, apesar de bonita. Mas agora, tem alguém por trás da máscara que ela tenta usar, alguém que ela esconde e o pior, agora eu sei disso.

Por trás daquele muro tem alguém que se importa, por mais que ela finja, ali tem um coração. A prova disso é ela ter ficado, ter assumido a missão de cuidar de uma criança e comigo.

Serei sincero, eu não acreditei que ela ficaria, imaginei que após a morte de Fernanda e Alex, ela... achei que Sophie se afastaria, que se negaria ao se deparar com a realidade de se ver responsável por um bebê.

Mas foi aí que me dei conta do quanto ela está lutando consigo mesma contra isso, em ficar, em se importar. Foram minutos parado do lado de fora do seu quarto, até que voltei ao meu, após alguns segundos pensando em pedir para abrir a porta, falar com ela, pedir desculpas..., mas pelo o quê? Se o que quero é fazer isso novamente e mais, ir além.

O pior é que quando penso em ir além com ela, não é só com jogos, não é só escape, não é só uma fuga do passado, não é só por um dia, eu apenas a quero e não sei por quanto tempo...

Que diabos é isso agora?

Não consegui dormir bem e quando o fiz, sonhei com ela, amarrada em minha cama, submissa, molhada, clamando por mim. Sorrio ao lembrar, Sophie definitivamente não é alguém submissa e eu tampouco sei se quero alimentar esse desejo. Agora estou na sala, sentado assistindo a... desenhos.

Liguei a tv e sequer mudei o canal que abriu. Luna acordou durante à noite, mas ela não tinha febre, momentos depois de mamar, voltou a dormir sem trabalho algum. Incrivelmente hoje, ela não acordou logo cedo como nos dias anteriores. Sophie também ainda não saiu do quarto e eu sigo aqui, com um copo de café na mão, pensando no que aconteceu ontem.

Ouçó passos e aprumo o corpo, esperando-a surgir no corredor, não demora para isso acontecer e quando ela aparece é com Luna em seus braços, mas sequer olha para a sala, segue direto para a cozinha. Me levanto e

marcho em sua direção, a tempo de vê-la colocar Luna na cadeirinha, fazendo um carinho em sua cabeça e seguindo até a cafeteira. Sua cafeteira, já que ela gosta de café amargo.

Fico parado, a meia distância e sei o exato momento que ela sente minha presença. Seus ombros se levantam, ereta e ela para por segundos o que está fazendo.

— Bom dia, Sophie. — A vejo quase deixar o pote de café cair.

— Bom dia, achei que ainda estava dormindo. — Ela sequer me olha e me aproximo, me sentando com Luna. — Acordou cedo.

— Claro.

Fico a observando, enquanto Luna está envolvida com um botão em sua cadeira. Vejo-a colocar café em uma xícara e quando não pode mais fugir, ela se vira, e seus olhos encontram os meus. Penso em falar sobre ontem, mas ela se apressa em dizer:

— Sobre ontem...

Endireito-me na cadeira, querendo ouvi-la.

— Sobre ontem?

— Olha, eu sei que você deve estar sob pressão com tudo que está acontecendo e deve estar carente também, seu lado pagador falando mais alto, então vamos só fingir que nada aconteceu.

— Nada aconteceu?

— Sim, nada. Vamos manter a boa relação que estávamos tendo até aqui, para o bem de Luna e só isso.

Confirmo, sem muito a dizer. Carência... ela acha que estou carente. Me passa a ideia de ser um cachorro no cio, sem conseguir controlar meus instintos, a rebaixando a alguém para aplacar qualquer desejo, apenas mais uma. É o que ela acha...

— Como quiser, nada aconteceu.

— Isso, nada aconteceu.

— Mas você beija bem! — provoco e a vejo corar, sorrio, enquanto seus olhos se ampliam. — Calma, é brincadeira.

Levanto-me e me aproximo de onde ela está, devagar, vendo-a dar passos para trás, até bater na bancada atrás de si.

— Mas — toco uma mecha do seu cabelo na lateral da bochecha —, não era carência e pode não ser hoje, mas *tu ainda vai* implorar por mim — falo, convencido, agora disposto a tê-la, a todo custo.

Fingir que nada aconteceu? Ao diabo, ela vai ser minha, pois isso soa quase como um desafio a mim.

— O que disse? O que está fazendo?

— Nada, só quero pegar a mamadeira — falo, mostrando o objeto que estava na bancada atrás dela.

Afasto-me e volto para Luna, a pegando e saindo da cozinha, dando a ela a mamadeira que eu já tinha deixado pronta e constatando: ela não é imune a mim.



Capítulo 31

*Fugir adianta? Quando, na verdade,
o sentimento está dentro do seu
coração?*

Sophie

Há quase uma semana eu venho fugindo de Bruno, não nego. Não fugindo, exatamente, moramos juntos, afinal, e criamos uma criança juntos, não teria como fugir dele, mas tento não estar sempre juntos, separando as tarefas, tentando não me lembrar dele, do seu beijo, do seu olhar, seu toque.

Implorar por ser tocada.

Mas isso nunca!

— Ouviu só, bebê? Isso nunca — sussurro para a criança em meu colo, que me olha, pouco convencida. — Até você?

Já me basta ter trocado meu pequeno e confortável quartinho por um

imenso apartamento, um apartamento que me remete a voltar para casa, ao mesmo tempo que me remete a... abandono. Aí também tem um bebê, esse bebê, que está de maiô, no meu colo, enquanto vamos para a aula de natação. E com tudo isso, só me faltava rolar no chão com Bruno.

Ah, e não é só isso. Esses dias, Duda me entregou um convite, direcionado a mim, achei que era só mais uma correspondência, mas não, era um convite de casamento, o casamento de Pedro e Alice Ribeiro. Claro que não deve ter sido ele a enviar e, sim, a ruiva saltitante, sério que ela achou que seria uma boa ideia? Eu acho que não.

Mas notar o nome Ribeiro em seu convite de casamento, fez com que eu me perguntasse por que Ribeiro... será que ele não era filho do mesmo... pai que eu? Claro, se essa história for mesmo verdade. Mas antes, ao ver os documentos, seu sobrenome era idêntico ao da mulher, o que me leva a imaginar que ele deve ser filho só dela..., mas como ele conseguiu o Ribeiro depois?

Eu não faço ideia, são dúvidas demais. Devo me concentrar no momento, em Luna, em sua rotina, uma coisa de cada vez.

As coisas mudaram, mas não precisam enlouquecer de vez. Sorrio, olhando o cabelo de Luna, que hoje fui eu que arrumei e não está lá grande coisa. Assim... está com alguns fios bagunçados, me falta experiência com cabelo cacheado, mas também, não está tão ruim. Preciso testar mais em como fazer penteados, o de hoje está só um pouco... torto. Fiz duas marias-chiquinhas, uma no alto, outra mais perto da orelha e eu não tinha mais tempo de tentar consertar, tivemos que vir assim mesmo.

— Vamos nos acostumar, prometo, pequena humana. — Cheiro sua testa e a vejo sorrir, mostrando seus dentinhos de coelho. Ao menos não está chorando.

Sigo com Luna, envolvida com uma mecha do meu cabelo, chegando próximo à piscina e vendo algumas mães por aqui e... olha, um pai. Lembro que Fernanda falava que poderia ser Alex a trazer Luna para a aula de natação de vez em quando, mas que ela não o deixava vir sozinho, nunca. Eu dizia que era ciúme, ela dizia que era cuidado, agora estou vendo o motivo. As mães olham para o papai, o único homem aqui, com verdadeira adoração.

Como se ele estar aqui fosse a coisa mais perfeita e adorável do mundo, como se não fosse o seu dever, tanto quanto o de qualquer outra mãe. Enfim, o patriarcado.

Sobre a febre de Luna, ela se perdurou por dois dias e, claro, não íamos esperar para a causa de sua febre cair do céu ou simplesmente passar, então Célia a levou ao pediatra com Bruno. O resultado foi o que imaginávamos... ela sente saudade. A mudança repentina, o fato de perder o leite materno, a mudança de lugar... essa foi sua forma de nos mostrar o que sentia, já que não sabe falar.

Estamos com mais cuidado ainda com ela, com um olho em cada reação sua ao novo, por isso tratei logo de trazê-la para a natação, fazer algo que seja familiar para ela, voltar parcialmente à rotina.

Confesso que hoje é um daqueles dias em que eu me arrependo de nunca ter aceitado um dos muitos convites de Fernanda, assim, eu saberia como isso funciona. Sou péssima em mudar de rotina, mudança de planos, mas começo a me adequar à nova rotina imposta, a qual inclui Luna e não pude manter o horário anterior de sua aula de natação, que era pela manhã, acabamos por vir à tarde.

A manhã é mais corrida para mim, por conta dos treinos. Mas para estar mais ou menos familiarizada, acabei visitando o lugar ontem, brevemente para remarcar os horários de Luna. E hoje é o meu dia de trazê-la, já que Bruno não poderia vir por conta do seu retorno ao médico, para ver o ferimento no braço e... por cautela.

— Ah, olha só quem retornou, já estávamos sentindo sua falta. — E a loira sorridente em um maiô preto, vindo em nossa direção, extremamente simpática e acolhedora, é a professora, qual era o nome mesmo? Sou péssima com nomes.

Fany, isso. A conheci ontem e gostei dela, alta, boa forma e aparentemente adora crianças.

— Sim, estamos aqui, como prometi que faríamos.

— De novo, eu sinto muito pelo que aconteceu com Fernanda... eu...

— Tudo bem — corto, não querendo sentir aquele aperto no estômago outra vez. — Como funciona mesmo? — Ela parece perceber minha tentativa

de mudar de assunto.

— Bom, hoje faremos um exercício de reconhecimento, o qual Luna fará sua primeira aula com você e formará um vínculo de afeto e confiança.

— Precisa mesmo? — pergunto, achei que era só pular na piscina.

— Nesse caso, sim. Com a mãe, por exemplo, o bebê já vê nela o seu ponto de apoio, como você é...

— A madrinha...

— Isso, vamos ver como nos saímos na primeira aula. É fácil.

Até ontem, eu achei que era só trazê-la, entregar para a professora e me sentar logo ali e esperar terminar, mas não. Eu também entro na piscina, com ela, faremos as duas, aula de natação... Ah, e não posso me esquecer do balé futuramente, pois o sonho de Fernanda era que Luna completasse a idade para poder começar as aulas de balé.

Eu, se tivesse uma filha, ia logo enfiá-la no jiu jitsu, aprender a se defender desde muito cedo e encher os moleques da escola, que mexerem com ela, de pancada. Se bem que... acho que é uma opção, não é, pequena humana?

— Você dá conta de natação, ballet e jiu jitsu, não é? — falo baixinho ao seu ouvido, sentindo-a um pouco mais animada ao estar aqui. — Vou deixar sua semana bem cheia, só tem que crescer.

Murcho... essa é a parte ruim, ainda vai demorar um pouco.

— Como eu ia dizendo. Você só precisa passar na recepção, precisa dar seu nome e fazer a leitura biométrica. Chegou uns minutinhos mais cedo, dá tempo antes de começar a aula, é logo ali.

— Obrigada.

Ajeito Luna e minha bolsa, na verdade, sua bolsa e me aproximo da recepção. O clube de natação parece ótimo, mas a recepção precisa de uma pequena reforma, está parecendo uma cantina de escola. Tem uma mulher sendo atendida pela recepcionista e...

— Olha, eu já mudei o meu horário uma vez, por causa daquela menina, minha filha estava acostumada com a natação pela manhã, mas aquela *negrinha* veio e... eu não quero que aquela menina *de cor*, faça aula

junto com minha filha, entendeu? Não é preconceito, é só minha opinião, meu direito. Eu não me sinto à vontade, minha filha não se sente à vontade. Quando vim para cá, eu esperava um público mais seletivo, com classe, não... esse tipo de gente. E, de novo, não é preconceito, afinal, isso de preconceito virou moda, não é? Tudo é preconceito, mas, no meu caso, é só o meu direito de expressão e eu não acho que aquela criança *criola* pode ser boa companhia para minha filha. — Ela sorri, cheia de si. — Não quero minha filha com esse tipo de gente.

— Senhora, eu entendo, mas eu não posso proibir a... — A recepcionista me vê parada, atrás da mulher, e a dondoca segue seu olhar, me encontrando ao se virar.

Eu estou fervendo, fervendo desde o momento em que me dei conta de que essa mulher fala de uma única criança, da minha criança. Repulsa, nojo, ardem em mim e essa sua risada... eu queria arrancar na porrada.

— Escuta, seu ser humano de merda...

— Olha, você. — Ela ainda tenta, com o dedo em riste e eu me aproximo.

— Cala a porra da boca, sua preconceituosa do caralho. A cor dela te incomoda, é isso? É por causa de pessoas como você que o mundo está nessa bagunça. Onde você está com a porra da cabeça? Ela é uma criança.

— O quê? É errado que eu queira que minha filha tenha contato com crianças como ela?

Eu me aproximo e sinto alguém me segurar pelo braço e ligo o foda-se, segurando o dedo que ela aponta na minha cara, torcendo-o e vendo-a sentir dor, ao ponto de se contorcer.

— Como ela? Você tem sorte, sua vaca, perua colorida, seu grande pedaço de estrume... porque se eu não estivesse com Luna em meus braços, eu te daria uma lição e não é uma ameaça, eu encheria essa tua cara cheia de plástica de porrada e te daria um motivo real para precisar de um novo rosto. Eu te ensinaria uma lição que os seus pais deveriam ter feito. Em que século estamos? — grito, alto o suficiente para que todos ouçam, a soltando e dando um passo para trás, ao ver Luna assustada.

— Você...

— E você — falo com a recepcionista, não a deixando falar, uma pessoa como ela não merece direito de fala. — Não se dê ao trabalho de fazer um cadastro novo *pra* mim, este lugar, esse tipo de gente... — Olho de volta para a mulher. — Sou eu quem não quero que minha... afilhada se envolva com pessoas assim. Preconceito é crime, senhora, e era na cadeia que você deveria estar.

Volto por cima do rastro, pisando alto, vendo que chamei bastante atenção e querendo mandar todo mundo tomar na porra do cu!

Bruno

— Ué, o que estão fazendo aqui? — pergunto, assim que entro no apartamento e me deparo com as duas ainda aqui. — Não deveriam estar na aula de natação?

— Era, era sim. Mas aquelas pessoas, aquelas pessoas são tóxicas, preconceituosas, ridículas e... — ela gagueja, o rosto vermelho como uma pimenta, o celular na mão e irritação estampada em sua face. O que diabos aconteceu?

O aparelho em sua mão toca e eu me aproximo de Luna, vendo-a atender, esperando-a terminar de falar para me dizer o que aconteceu. Luna está sentada no tapete, com sua luva de estimulação na boca, usando o maiô azul e rosa, cheio de conchas, a coisa mais linda. Vou até ela e me agacho à sua frente.

— Ei, o que aconteceu lá, hein? — Ela me olha, balançando os braços, como se quisesse bater voo. Sorrio.

— Sim, eu quero... — Ouço Sophie gritar e a olho, de costas para onde estamos. — Contrata alguém para dar aula de natação, alguém bom. Não,

não, alguém bom, não, eu quero a professora deles, daquela porra de clube de natação. O nome dela é Fany alguma coisa — pede, seu tom de voz subindo uma nota. — Porque eu quero, porque Luna já a conhece, gosta dela. Não me importa quanto tenha que oferecer *pra* ela, se é o dobro ou o triplo do que ela ganha naquela porcaria, só faça o que peço. Depois vemos o valor suficiente para cobrar dos alunos, um valor que pague o salário dela. Me ouça, pesquise o mercado, quanto pedem e planeje, já temos uma ótima piscina e uma professora à vista. O que quero é só agregar mais um serviço. — Fico ligado na conversa, ela está nervosa ao extremo. — Porque eu quero! — volta a rugir. — Porque eu... eu odeio pessoas, pessoas são ruins, pessoas são tóxicas e idiotas e eu pouco me importo, não mesmo. Elas querem ser escrotas, que sejam, comigo, comigo. Mas com um bebê? Um bebê... um bebê que... — Para, olhando para trás, para Luna. — Eu não quero me acalmar, não me peça calma.

Começo a ficar preocupado com o que aconteceu na tal aula de natação.

— Isso, isso... eu só preciso saber o que preciso para que crianças de 0 a 2 anos façam aulas de natação na academia. Veja questões de gastos, tudo, e venha falar comigo na academia, amanhã. — Ela pausa, andando de um lado para o outro e revira os olhos. — Tenho, eu tenho certeza e eu não preciso falar com Benjamin para isso, só faz o que *tô* pedindo, é algo simples, ou vou precisar fazer isso sozinha? — Ela pega pesado. — Eu te espero amanhã de manhã. — Desliga e volta a se aproximar.

— O que aconteceu? — pergunto e pego Luna, me levantando junto a ela.

— Ela nunca mais vai voltar *naquele* clube, nunca mais, ouviu?

— Mas... o quê...

— Eles foram preconceituosos, muito preconceituosos, foram mesquinhos.

— A escola?

— Não, uma das mães, mas... a escola não a defendeu. A recepcionista disse, eu entendo, senhora, mas... Ah, vai tomar no... — Para, olhando para Luna, olhos arregalados, fora de si. — Enfim, não importa, eu não quero *ela* lá. Acham o quê?

— Sophie, você não...

— Agredir alguém? Não, não agredi..., mas eu quis, eu quis tanto bater... naquela dondoca de merda. — Seu rosto está vermelho sangue, corada e chega a fechar as mãos em punho ao falar. — Ela reclamou, disse que não queria a filha com crianças *de cor... de cor...* ela disse *criola, criola...* meu Deus, em que século estamos?

— Ela usou essas palavras?

— Não, ela foi pior, bem pior...

— O quê...

— Estou furiosa, furiosa demais. Já me ligaram inúmeras vezes, pediram desculpas, aquele blá-blá-blá de gente educada. Mas também não a defenderam, não... A mulher, a filha da... disse que já tinha trocado de horário uma vez, justo por causa de Luna e Fernanda e que não faria isso de novo, como se eles tivessem que fazer uma escolha. Quem faz isso com um bebê?

Eu a entendo, entendo sim, pois sinto tanta raiva agora quanto senti certa vez ao ver Alex passar por isso, ao ver o revistarem por achar que ele tinha roubado algo, enquanto a mim, sequer perguntaram meu nome. Era só pela cor de sua pele.

— Vai abrir uma turma de natação na academia?

— Vou, vou sim... ela não vai passar por isso, ela não vai enfrentar esse tipo de gente tão cedo, não. Vamos preparar *ela* para o mundo, *pra* isso, em especial, mas não agora. Agora vamos deixar *ela* ser apenas um bebê, *tá* legal? Vamos só deixar *ela* acreditar na magia. — Ela anda de um lado para o outro, nervosa, gesticulando com as mãos. — Pois quando crianças não acreditam em magia... elas perdem algo, elas... — Vejo seu queixo tremer, não sei se quer chorar ou só é de raiva. — Elas perdem o melhor de si e Luna não vai perder isso, eu não vou deixar.

— Tudo bem, tudo bem, isso não vai acontecer. — Me aproximo dela, tocando seu ombro, a fazendo parar. Ela está em um estado exaltado de puro ódio e não é para menos. Toco seu rosto e assisto-a fechar os olhos e respirar fundo, se acalmando minimamente. Seus olhos se abrem novamente e ficamos presos por instantes, até que ela quebra o contato e se afasta.

— *Me dê ela aqui.*

— *Pra* onde vão?

— Para aula de natação. Luna fará aula de natação ou não me chamo Sophie. Estou indo *pra* academia, vamos usar a piscina de lá.

— Aqui não tem uma piscina?

— Tem, mas já estou atrasada *pra* um monte de coisa, vamos *pra* piscina e depois vou *pro* escritório e à noite retornamos.

Concordo e entrego a menina a ela, mas tenho uma ideia.

— Vou com vocês.

— *Tá*, então vamos.

Lá ela não tem como fugir de mim, ao menos. Pego as chaves e saímos juntos e me dou conta de que Sophie se tornou uma leoa em função de Luna, pronta para protegê-la do mundo, se for preciso. No fim, Fernanda estava certa, ela fez uma boa escolha, Sophie é a pessoa certa, mesmo contra todas as expectativas.



Capítulo 32

*Quando não sobrar esperança, se
agarre ao novo, a qualquer resquício
de luz e apenas... volte à superfície.*

Sophie

Coloco o último balão e me afasto dois passos, conferindo como ficou. Viro a cabeça de um lado para o outro, talvez algo esteja torto. Sinto alguém se aproximar às minhas costas e olho por cima do ombro, é ele, já pronto, saindo do corredor.

— Não ficou tão ruim, ficou? — pergunto e Bruno olha meio de lado para a decoração que fizemos juntos, trabalhamos nisso desde ontem.

— Não... bom, é nossa primeira tentativa de um *mesversário*, acho que nos darão um desconto e aquele coelho está sem a orelha.

Procuro o tal coelho colado na parede e o encontro, coelho safado e

deformado e procuro onde foi parar sua orelha.

Sim, fizemos um *mesversário* para Luna, em comemoração aos seus dez meses de vida. Sua mãe fazia todos os meses, decidimos que era justo seguir a tradição, era justo por Luna e por Fernanda... Ela sempre escolhia um tema para o mês, algo a ver com o mês em questão e como este é o mês da Páscoa, aqui está cheio de coelhos.

Aluguei até mesmo uma cascata de chocolate... imaginem só.

Nesta semana temos criado vínculos e hábitos, seguindo o que o pediatra nos indicou. Por exemplo, Luna dorme todos os dias após uma história contada por mim ou uma canção. O detalhe é que quando não estou aqui, à noite, Bruno me liga e tenho que contar uma história à distância, ou uma música... com isso, aprendi que ela não era uma bebê chorona, o problema era que eu não sabia seus hábitos.

A parte estranha segue sendo o fato de ela gostar da minha voz, mas não de mim. Eu sou sua última opção... sempre e eu deveria gostar disso, já que não sou adepta a crianças, mas isso começa a me deixar... me sinto deixada de lado.

O que é loucura, ela é um bebê e a culpa, claro, é minha por não ter me esforçado. Mas farei isso agora, vou me esforçar mais, é como a professora de natação disse naquele dia, é uma questão de vínculo e confiança. Estamos construindo o nosso.

Falando em natação, não é tão difícil criar uma turma, pelo contrário, e ainda é rentável. Benjamin não entendeu bem o meu propósito e eu não fingi interesse econômico, era apenas por Luna, para Luna e só isso. Ele também não questionou, desde que não nos dê prejuízo, está tudo certo.

Enquanto isso, uma nova rotina ainda virá, pois, na segunda, Bruno já volta a trabalhar e me pergunto como faremos funcionar.

Daremos um jeito, minha mãe tem sido nossa âncora, a minha em principal e tem nos ajudado muito. Contaremos com ela na semana seguinte, vai dar certo. Além de tudo, após aquela noite em que vi Bruno no quarto, sangrando, eu tinha medo de que ele voltasse a tentar algo... nada me tira da cabeça que ele tentará, porém, ele parece mais cuidadoso, vem se comportando e se mantendo em casa o máximo possível.

A aniversariante está um pouco atrasada, mas, os convidados não chegaram ainda, sendo assim, tudo bem. Estou nervosa, admito, isso tudo aqui, é novo e assustador.

Chamamos poucas pessoas para a comemoração, minha mãe, claro, Benjamin, Mônica, e Bruno quis chamar sua amiga, Cristine, a que nos deu apoio e chegou a levar Luna para a sua casa, quando estávamos no hospital. Sei que ela tem três filhos e creio que virão, será o suficiente, algo íntimo e pequeno.

Pensamos em algo melhor e maior no próximo mês ou em seu verdadeiro aniversário, daqui a dois meses. Ainda bem que isso acaba após o bebê completar um ano. Eu pesquisei.

Pego a orelha do coelho que caiu no chão e volto a colar em sua cabeça com a ajuda de fita durex, olhando como ficou.

— Está torto — o perito acusa atrás de mim.

— Ficaré assim. Ninguém vai notar.

Ele sorri, negando. Colocamos a decoração na sala de jantar, já que aqui tem apenas a mesa e cadeiras. Tiramos as cadeiras e usamos apenas mesa, de apoio para o bolo, a cascata e alguns enfeites, entre eles brigadeiros e salgados.

— Já está na hora.

— Só falta Cristine, ela disse que estava subindo.

Confirmo. Benjamin já chegou, está no quarto com minha mãe e Mônica. Minha mãe queria ser responsável por vestir Luna, eu dei a ela de bandeja a tarefa e Mônica, que adora crianças, a acompanhou, levando Benjamin a tira colo.

Sinto um bolo na garganta ao olhar a mesa arrumada, ao lembrar que no mês passado, nesta mesma data, estávamos com Fernanda e Alex, na área de sua casa, comemorando nove meses de sua filha e agora... ela completa dez meses, mas sem os pais que tanto a amavam.

No mês passado, eu sequer queria ir, tinha treino, mas cancelei e lá estava eu, fingindo interesse. Fernanda fazia tudo parecer perfeito, por mais simples que fosse. Olho o coelho com a orelha torta e sorrio, ao tempo que

sinto meus olhos arderem. Ela jamais deixaria o coelho com as orelhas tortas. Sinto a mão de Bruno tocar meu ombro, cúmplice, como se pudesse saber o que estou pensando e não fujo do seu toque.

Talvez ele possa mesmo saber o que se passa em minha cabeça, talvez esteja pensando o mesmo e coloco minha mão sobre a sua. Poucas pessoas me tocam sem que eu sinta rejeição, Bruno faz parte desse círculo pequeno, tudo mudou naquela noite, no hospital.

— Fez o seu melhor — ele fala.

— Fizemos. — A campainha toca, e é como se saíssemos de um transe.

— Não vai se vestir? — pergunta e olho para mim mesma, qual o problema com minha roupa? Acabei de tomar banho e coloquei uma blusa, uma calça e um chinelo, o que está bom demais...

— Estou vestida.

— Claro que está, mas... talvez uma blusa colorida? Menos... preta.

— Já basta a orelha de coelho que vou usar, Bruno, não vou trocar de roupa também — falo, colocando o adereço na cabeça e entregando o seu. Pois se eu vou usar, ele também vai usar a tiara com orelhas de coelho.

— Combina com você!

— Palhaço.

Ele segue para a sala e eu vou logo atrás dele, ajeitando as orelhas em minha cabeça, um tanto deslocada. Nunca ofereci nada, nenhuma festa ou reunião, nunca organizei nada, nunca gostei disso e esta é minha primeira vez.

Bruno abre a porta e Cristine logo aparece e não está sozinha, ela trouxe o marido, o médico loiro de olhos azuis com cara de viking. Fico atrás de Bruno, focando na menina loira que segura a mão de Cristine e que parece sua cópia. A menininha quando o vê, abandona a mãe e se joga para ele, que a pega, beijando seu rosto.

— Framboesa, que saudade de você. — Se ele continuar apertando a menina assim, ela vai sufocar.

— Podem entrar — falo, tentando um sorriso gentil.

— Sim, entrem, vamos.

Para minha surpresa, os gêmeos também vieram, é o doutor que se encarrega de empurrar o carrinho com duas criaturas rechonchudas dormindo, que se parecem, mas não são idênticas, um menino e uma menina. Meu Pai amado.

— Desculpem o atraso — Cristine se explica, de forma gentil, vindo em minha direção e sem que eu espere, deixa um beijo em minha bochecha, me entregando um embrulho. — Trouxe um presente.

— Ah, não precisava.

— Precisava, aniversários têm que ter presente. — A menina ainda nos braços de Bruno concorda e eu só consigo imaginar que se ela é adepta a *mesversários*, eu terei que, em breve, comprar dois presentes para seus filhos e levar Luna a suas festinhas.

Eu tô fodida!

— Obrigada. Fiquem à vontade, Luna logo estará aqui — digo, tentando também me imaginar indo a um *mesversário* em sua casa e tenho a impressão que ao invés de dar um sorriso gentil, faço uma careta.

— Sim, vamos, sentem-se e, framboesa, tem doces na mesa logo ali, tudo que você mais ama. — A menina se ilumina e corre para a sala.

— Você sempre colocando a menina a perder, Bruno. Ela mal chegou — Cristine acusa.

— Eu não...

— Tio, o coelho está com a orelha torta.

— Catherine — sua mãe ralha e Bruno gargalha ao meu lado, me olhando.

— Eu disse, dá *pra* notar.

— A orelha do coelho caiu e eu tentei uma cirurgia, não deu muito certo — me explico, para uma Cristine que segura o riso.

— Bom, cirurgia é a minha área, posso tentar arrumar a orelha do pobre coelho, tenho certeza de que Cathe vai adorar me ajudar.

— Por favor — peço, quase imploro. Afinal, minha mãe disse que fará

muitas fotos e se uma menina de sete anos viu o coelho torto, outros também vão ver. — A tesoura e o durex estão logo ali. — Aponto e o vejo passar por mim.

— O apartamento é espaçoso, uma bela casa — Cristine volta a falar.

— É, sim — confirmo, mas meus olhos estão presos nos bebês no carrinho. — Como você consegue? — A pergunta sai sem querer e chego a arregalar meus olhos, me dando conta do quanto fui invasiva, buscando em Bruno apoio.

O apoio não vem, na verdade, ele segura uma gargalhada, ficando vermelho e Cristine sorri, olhando seus bebês ao lado.

— É uma árdua tarefa, mas vale a pena. Com pouco tempo, você passa a conhecê-los melhor que você mesmo. Por exemplo, Aquiles tem quatro tipos de choros, cada um *pra* algo diferente, já Cecília tem cinco, depois de um tempo fica fácil. — Ela pisca, descontraída.

— Meu Deus... — Eu sequer sei quando Luna chora de fome.

Vozes altas vêm do corredor e nós nos viramos, vendo minha mãe aparecer acompanhada de Benjamin e Mônica, esta última com Luna em seus braços. Não é possível que a menina já gosta mais de Mônica do que de mim. Não julgo.

Mônica é uma mulher linda e exala pura simpatia e educação. De pele negra, alta e de cabelos cacheados longos, ela tem um charme próprio, além de um sorriso lindo. Acho que foi esse sorriso que conseguiu fisgar o coração de Benjamin, que a olha com perfeita adoração. É engraçado pensar aonde chegaram, já que no início... a relação foi um tanto engraçada.

Uma sucessão de apresentações se segue e, claro, minha mãe já tem sua câmara nas mãos e pede por fotos.

— Primeiro, vocês três.

— Não, mãe, melhor não.

— Anda, Sophie, vamos. As fotos devem ser tiradas com o bolo inteiro — Cristine confirma e eu sigo com Bruno, que segura Luna em seus braços e nos posicionamos atrás da mesa, próximo do bolo. — Mais perto, estão longe demais.

Engulo em seco ao sentir a mão de Bruno em minha cintura e tento sorrir, ou no mínimo, não sair estranha na foto. Logo Benjamin e Mônica se juntam a nós e assim segue a sessão de fotos, seguida de mais e mais flashes. Chega a ser divertido, isso quando é você quem está tirando as fotos, como faço agora, para liberar Célia para tirar fotos também.

Eu admito, é legal. Tenho que dar o braço a torcer e sinto falta de Fernanda, meu Deus, como ela me faz falta. Chego a imaginar ela logo ali, atrás do bolo, sorrindo ao lado de Luna.

Sinto olhos em mim e procuro por eles, vem do médico encostado na parede, ele me olha de forma estranha e se aproxima quando a sessão de fotos acaba.

— Desde que entrei pela porta, estava tentando me lembrar com quem você se parece.

— Ah, isso? E se lembrou?

— Sim, e é um alívio. É aquela coisa de esquecer uma palavra, ter a impressão de que ela está na ponta da língua, mas não conseguir dizer — explica, de forma simpática.

— E com quem me pareço?

— Com minha tia, Graça era o nome dela.

Meu riso vai morrendo aos poucos.

— Sua tia... — pergunto baixo e ele confirma.

— Sim, ela se casou com meu tio, irmão do meu pai. Já éramos grandinhos na época, eu e meus irmãos, e ela era uma pessoa tão afetuosa e amorosa, que logo ganhou a mim e a eles também, vivíamos no haras e tratamos logo de fazer amizade com seu filho, viramos uma grande família, no final. Resumindo é isso... se parece muito com ela, tanto que me trouxe essa lembrança.

De repente, a imagem de uma mulher sentada no gramado, junto a um garoto me vem à cabeça, passei a semana pensando nisso, no que fazer, em como fazer e agora estou perto de alguém que realmente a conheceu, conviveu com ela. Tento camuflar qualquer emoção, mas Augusto procura Bruno entre as pessoas.

— Bruno, vai amanhã ao casamento?

— Qual casamento? — pergunto, por instinto.

— Esse meu primo, Pedro, se casará amanhã, com a minha irmã. — Ele sorri, parecendo orgulhoso, enquanto por segundos, pareço sair de mim.



As horas se arrastaram do fim da tarde até a noite, faz pouco tempo que todos se foram e uma pequena bagunça ficou por aqui. Mas uma coisa é certa, Luna se divertiu e adorou a cascata de chocolate, as fotos dela toda lambuzada de chocolate foram as melhores.

Já eu, passei o tempo todo um tanto flutuando, sim, essa é a palavra. Augusto e a ruiva não têm muito um do outro, mas são irmãos e ele se mostrou alguém muito próximo de Pedro, ele fez com que eu sentisse inveja hoje. Sim, inveja. A última vez que deixei tal sentimento entrar, eu era uma criança, observando mães e seus filhos passando de mãos dadas na rua, ou quando alguma criança era adotada no orfanato. Mas hoje eu senti novamente, inveja de Augusto.

Inveja por parecer conhecer Pedro tão bem, praticamente irmãos.

Nego, eu tenho que tirar essa história a limpo, eu preciso me livrar desse peso. Solto o cabelo, que estava preso porque eu estava no banho e saio do quarto, indo procurar algo para comer. Luna já dormiu, cedo demais até, acho que estava cansada por ter se divertido tanto. Tinha chocolate até em seus cabelos.

Já eu pareço estar com a cabeça pilhada, mil e um pensamentos passando por ela. Entro na cozinha e dou de cara com Bruno. Ele está em todo lugar, não é possível, ele disse que ia dormir e aqui está ele, de short, apenas, cortando algo na tábua de frios.

Puxo meu short mais para baixo, tentando aumentar seu comprimento, inutilmente, claro. Geralmente visto a peça apenas para dormir e eu ia dormir, mas antes queria comer algo e achei que Bruno já estivesse dormindo. Ele me olha por cima do ombro e sinto um arrepio subir por minha espinha quando

lentamente seu olhar percorre meu corpo. Finjo não notar, indo até a geladeira.

— Estou cortando frutas, vou fazer salada de frutas, quer?

— Quero. — Volto a fechá-la, indo até próximo à mesa e me sento, a fim de esconder logo minhas pernas que estão de fora.

Não demora para ele vir com duas vasilhas em minha direção, me entregando uma. Ele caprichou, tem até calda de maracujá.

— Na minha tem leite condensado, a sua não, mas se quiser, está em cima da bancada.

— Não, não precisa. Obrigada. — Levo uma porção de frutas à boca, tentando não olhar para ele com o peito nu, para as tatuagens que se estendem por seus braços.

— Que cara é essa?

Respiro fundo, deixando a colher de lado ao ouvi-lo.

— Por que não me contou? Por que não disse que Augusto era irmão de Alice? Que ele e Pedro... você sabe.

— Tem importância?

— Ao menos, não teria me deixado tão... surpresa ao saber da ligação.

— Sei... bom, foi por causa de Augusto que conheci Pedro, não achei relevante contar, não achei que ele tocaria no assunto. *Pra* falar a verdade, acredito que naquele dia, em seu escritório, eu cheguei a falar sobre isso. — Puxo na memória e acho que sim, em algum momento ele chegou a dizer, mas eu estava tão nervosa, que isso nem me passou pela cabeça depois. — Não é minha história, Sophie, quem tem que contar *ela* a você é Pedro.

Reviro os olhos, sem querer admitir que ele está certo. O problema é que eu nunca achei que tinha algo errado, além do óbvio. Tenho hoje 27 anos e então, tudo o que vivi poderia ter sido evitado, isso se não tivesse sido vítima de um homem egoísta, o pior é nunca saber seus motivos, o porquê de me tirar da minha mãe.

— Algo mais sobre ele que eu deveria saber?

— Não, somente o parentesco em comum e que amanhã ele se casará,

mas isso você já sabe.

— Você vai? — Como mais uma porção de frutas.

— Vou.

Fico em silêncio, ambos ficamos, mas até mesmo a fome se foi. Algo passa a me incomodar verdadeiramente, uma voz lá no fundo me dizendo que eu devo ir atrás dele, de Pedro, e logo. Em alguns momentos hoje vi Augusto falar dele, e senti uma vontade insana de conhecê-lo. Antes eu disse a mim mesma que precisava de tempo, que iria atrás da minha história sim, mas precisava pensar em como agir.

Hoje não sei o que fazer, mas a vontade de procurar por ele está gigante e está mexendo comigo.

— Sophie... — Levanto o olhar e vejo Bruno em pé ao meu lado. — Está tudo bem? — Ele se abaixa, uma de suas mãos toca minha perna e eu realmente o olho.

Algo pulsa em mim, como se uma necessidade nova estivesse vindo à tona, querendo explodir, ele está tão perto, tão solícito e eu estou tão bagunçada que, por um momento, quero apenas tirar tudo da mente, sentir apenas seus lábios e a sensação que ele me trouxe naquele dia, a sensação que por mais que eu tente, eu não consigo esquecer. É incompreensível, sequer me reconheço e minha atenção para em sua boca, o ar parece rarefeito, seu cheiro parece mais forte e é como um ímã que me puxa para ele.

Eu quero sentir novamente, eu quero... algo simples, algo fácil, algo bom e sou eu a tomar a iniciativa, a tocar seu rosto, ao me aproximar, a tomar sua boca. Fecho meus olhos e deixo que ele dite o ritmo. Não demora para isso acontecer, para, como da outra vez, sua mão se embrenhar em meus cabelos, me prendendo a ele.

Dou-lhe passagem, querendo sentir seu gosto, sua língua, algo que não seja a confusão dentro de mim. Eu posso me arrepender, eu sei, mas agora, eu só quero sentir.



Capítulo 33

*Uma primeira vez deve ser...
mágica...*

Bruno

Eu não esperava por isso, Sophie fugiu de mim como o capeta da cruz nos últimos dias, ela tentava disfarçar, mas bastava eu me aproximar e ela logo dava um jeito de sair. Por poucos segundos ficávamos juntos à noite, quando Luna ia dormir, mas ela mal dava abertura e já ia se esconder em seu próprio quarto e tudo por causa de um beijo.

Parecia que ela tinha se fechado novamente e eu cheguei a imaginar que tivesse estragado o que começava a parecer uma boa relação.

Que se foda a boa relação, já que tudo o que senti nos últimos dias foram desejos, desejo por uma única mulher. A pior parte era estar perto, sem poder tocá-la, beijá-la o que de certa forma se tornou um tipo de tortura.

Talvez o proibido estivesse me parecendo mais doce, mais apetitoso, mas não era isso, eu a tive por alguns segundos, eu a senti e queria isso novamente, só que dessa vez, por inteiro. Minha vontade por ela foi tanta, que cogitei em ir ao clube, tentar algo que não fosse ficar aqui imaginando Sophie nua embaixo de mim, mas além de ser uma irresponsabilidade para o momento, no fim, eu não encontraria lá o que eu estava procurando, pois, ao imaginar fodendo uma boceta, era em Sophie que eu pensava, gemendo embaixo de mim.

Agarro sua nuca com certa força, a mantendo perto, meu peito se inflamando e com a outra mão agarro sua cintura, me levantando com ela e a sentando em cima da mesa. Não quero que ela se afaste desta vez, eu a quero!

Meu pau toma forma dentro do short, indo de encontro à sua pélvis coberta e me esfrego nela, que leva as mãos aos meus cabelos, buscando apoio. Sugo sua língua, sinto seu gosto misturado ao gosto de maracujá e me afasto por breves segundos. Colando minha testa na sua, olhando seu rosto. Ela está ofegante, e a vejo abrir os olhos devagar, lentamente, focando em mim.

Ela está séria, seu olhar não me entrega nada, as bochechas estão rosadas, mas ela não foge, nem se afasta como da outra vez. Volto a beijar sua bochecha, seu maxilar, tendo a vontade de fodê-la aqui, em cima da porra da mesa da cozinha. Ouço-a gemer, à medida que minha boca deixa um rastro de fogo em sua pele. Ela vira a cabeça para o lado, me dando passe livre para seu pescoço e chupo-o, passando a língua em seguida, como um carinho sobre a pele marcada. Sua mão puxa meu cabelo, e a pego, prendendo seu pulso atrás de si, apoiando na mesa.

A alça de sua blusa desce, brevemente, me dando livre acesso, olho com desejo e prazer o início de seus seios, seu cheiro sendo inconfundível, cheiro de... mulher. Solto seu pulso e desço mais a alça de sua blusa, me mostrando o seio pequeno, empinado, com o bico durinho, rosado, perfeito igual ao que guardei em minha lembrança desde que a vi nua. Faço um breve carinho com a mão, passando o dedo no bico, o beliscando em seguida, fazendo-a gemer, para em seguida chupá-lo.

Sugo-o e prendo o bico entre os dentes, olhando seu rosto, seu prazer, a cabeça jogada para trás, ela parece sentir meu olhar e seus olhos vêm até

mim, tão negros quanto a noite. Perfeita.

Busco o copo ao qual resta calda e leite condensado, melando meu dedo e trazendo até seu seio, o melando, chupando em seguida, degustando, sem tirar os olhos dos seus.

— Com certeza, comer aqui em cima é melhor.

— Hum... — ela geme.

Sophie arfa quando volto a chupar seu seio e levo minha mão ao seu pescoço, a segurando e a empurrando sobre a mesa. Meu tesão aumenta eu vou fodê-la aqui mesmo, sem me importar com mais nada. Vejo-a entregue e meu pau baba com a imagem, minha mão desce por seu pescoço, puxando sua blusa e deixando o outro seio à mostra, dois montes lindos, que me deixam ainda mais louco por ela.

— Você se lembra do que eu disse? Sobre implorar para que eu a toque — provoco e ela geme.

— Bruno... — fala, arfante e paro minha mão no cóis do seu short, antes de chegar ao lugar que tanto quero. — Eu... — começa, mas para, gemendo ao sentir meus dedos brincarem com sua boceta, ainda por cima do short de algodão.

— O que quer, Sophie?

— Sentir..., mas...

— Mas o quê? — pergunto, enfiando a mão dentro do seu short e olho seu rosto ao tocar sua boceta, me segurando ao sentir sua umidade, sua quentura, seus lábios.

Chego a franzir a testa com sua expressão, com o que vejo em seu rosto, é algo como prazer, mas também... indecisão, vergonha e eu paro, tirando minha mão de sua boceta molhada e excitada ao notar algo errado.

Levanto-a e a trago para perto de mim novamente, ainda sentada sobre a mesa. Algo passa por minha mente, mas não, é impossível, não... ela não é. É?

Levanto seu rosto com o polegar, para que me encare. Sophie tem as bochechas tomadas pelo tom vermelho.

— O que foi, Sophie, quer que eu pare?

— Não, não isso. Mas, pode parecer estranho o que vou dizer, mas eu... ainda sou virgem... — fala de uma vez e isso acerta um ponto dentro de mim, algo que beira à possessividade, algo que jamais senti por uma mulher.

— Por que escondeu de mim por tanto tempo?

A handwritten signature in black ink that reads "Sophie". The script is fluid and cursive, with a large, looping 'S' at the beginning and a long, thin tail on the 'e'.

Não entendo sua pergunta e tudo parece novo ao mesmo tempo que muito bom. Quero me agarrar às sensações, também quero fugir dele na mesma proporção. Nunca senti vontade de me entregar a alguém, teve Igor, mas eu era jovem demais, nós dois éramos... e com o tempo, eu esqueci como era sentir isso por alguém, desejo, carinho, prazer.

Agora tem Bruno, que não vou mentir, estou enxergando como uma forma de escape desde o dia em que nos beijamos, desde o dia em que ao sentir seus lábios, eu esqueci todo o mundo externo por poucos segundos.

Comprovei há pouco que enquanto estou com ele, não há espaço para o passado, incertezas, saudade, nada disso, só há desejos, é como estar queimando em fogo puro ao tempo que a brisa leve traz prazer. Eu desejo isso... sexo, apenas sexo, um escape, uma fuga.

Puxo-o novamente para mim, negando a vergonha que sinto em dizer a ele que sou virgem, ao ver sua surpresa. Nunca disse isso a ninguém, apenas Fernanda sabia e não foi porque eu quis dividir isso com ela, mas sim porque, em algum momento, ela desconfiou e eu não neguei quando me perguntou. Cheguei a achar que eu fazia parte da população assexuada, mas a julgar pela excitação que estou sentindo agora, creio que eu apenas nunca senti isso e sequer saberia explicar tal prazer, desejo, loucura.

Nunca gostei de ser tocada, me remetia a... ao passado, nunca quis

namorar, isso ficou lá atrás, com as falsas promessas de Igor, nunca quis amar de forma romântica, o amor machuca, assim nunca me importei em ter relacionamentos, seria difícil, a começar por deixar alguém chegar realmente perto.

Bruno quebrou algumas barreiras, deixar que me toque é como... compartilhar algo, não me remete a nada, senão ele perto de mim.

Ele se afasta e seus olhos não deixam os meus, escurecidos, bonitos, mais escuros e amarelados. Quero qualquer coisa que me dê, qualquer coisa que me tire da confusão em que me encontro desde que ouvi de Augusto que a mulher que me deu a vida, era sua tia e ele sequer percebeu o que me causou.

— Quer isso? Quer que seja comigo?

Fico presa em seus olhos, em sua dúvida, sua proteção, e algo pulsa em minha pélvis, querendo que ele volte a pôr a mão onde estava antes.

— Eu quero... quero sentir algo que não seja dúvidas e incertezas, disso eu tenho certeza.

— Não vai poder voltar atrás depois...

— Eu não quero voltar!

Diferente do que ele fez antes, desta vez ele não volta a me deitar sobre a mesa, Bruno volta a me beijar, me pegando em seus braços e andando comigo. Mantenho meus olhos fechados, entregue ao que sinto, em especial no monte ereto colado em meu sexo, sua língua buscando a minha, em um movimento quase pecaminoso.

Sempre ouvi coisas sobre perder a tal virgindade, sobre o sonho de que seja perfeito. Não me importa em ser perfeito, basta ser bom. Algo me diz que Bruno pode fazer isso muito bem.

Sinto o colchão às minhas costas e ele se afasta, abro meus olhos, para vê-lo parado, me observando, um risinho de canto em sua boca.

Bruno se dobra sobre mim, suas mãos fazendo um carinho que vem até minha jugular, percorrendo o meio dos meus peitos e descendo pela minha barriga, parando no cóis de elástico do meu short. Ele me olha, antes de vagarosamente arrastá-lo por minhas pernas, seus olhos sem deixar o meu

rosto.

— Eu vou cuidar bem de você... — Aquele risinho sacana está de volta e suspiro com a promessa.

Nunca fui insegura com meu corpo, mas nunca estive nua com alguém, nunca imaginei como seria estar prestes a me entregar a qualquer homem que fosse. A peça em sua mão ganha um lugar no chão e ele se ajoelha, segurando ambos os meus joelhos e me puxando para a beirada da cama. Chego a querer me levantar, me sentindo exposta ao estar totalmente aberta para ele.

Bruno me para, a mão espalmada em meu tórax, olhos severos em mim enquanto escoro meu corpo com meus cotovelos, olhando-o.

— Deita, hoje você é minha, vou descobrir cada parte do seu corpo, Sophie. Deite-se — manda e engulo em seco, obedecendo ao que me pede.

Fecho meus olhos quando sinto seus dedos em mim, de início algo suave, como se quisesse realmente descobrir algo. Suas mãos voltam a segurar meus joelhos, para que eu coloque meus pés na cama, me abrindo ainda mais para ele. Permaneço parada, ofegante, olhos fechados, envergonhada e excitada na mesma proporção.

Seus dedos passam pela extensão do meu sexo, abrindo minhas dobras, eu gemo em resposta.

— Que bocetinha pequena, Sophie.

Ofego ao senti-lo soprar próximo à minha vagina e agarro os lençóis de sua cama. Sinto vergonha, tento por impulso fechar minhas pernas, mas suas mãos espalmam em meus joelhos e impedem que eu o faça.

Abro meus olhos ao senti-lo se aproximar e o encontro me olhando, um sorrisinho filho da puta em seus lábios. Penso em dizer algo, mas perco qualquer pensamento quando ele coloca a língua para fora, e me toca com ela, molhando desde o meu ânus até meu clitóris, me causando arrepios que eu nem imaginava ser capaz de sentir.

Gemo, alto, quase grito quando ele praticamente coloca minha boceta toda em sua boca, acariciando cada centímetro com a língua, se movimentando como se estivesse me beijando, sugando minha língua.

Estou ofegante, minhas mãos procuram apoio e sinto suas mãos

segurarem minha bunda, me abrindo mais, como se fosse possível. Não sou idiota, tenho 27 anos e sei como sexo funciona, já ouvi a respeito e já vi pornô, mas isso aqui... é surreal. As sensações são... mágicas.

Meu corpo esquenta e minhas mãos vão de encontro aos seus cabelos curtos e negros, os puxando, sem conseguir deixar meu quadril parado, impulsionando para frente, me oferecendo para ele. Nunca fui adepta a me tocar, procurar por esse tipo de prazer e, agora, ao sentir isso, me arrependo de não conhecer meu próprio corpo.

Suas mãos tiram as minhas do seu cabelo, as prendendo uma de cada lado e eu agarro seus pulsos, gemendo alto, querendo gritar e me controlando para não acordar Luna.

Meu corpo quer explodir e eu me entrego ao que sinto, a ele, e não consigo controlar o grito preso em minha garganta ao chamar seu nome, quando algo, que jamais senti, me arrebatava com força. É como estar voando, flutuando e caindo ao mesmo tempo. Sinto meu corpo todo tremer, entrar em ebulição, enquanto praticamente convulsiono em sua boca, não deixando de oferecer ainda mais meu quadril a ele.

Bruno não para, não enquanto não vê meu corpo se acalmar, ainda assim, quando abro meus olhos, ainda o encontro entre minhas pernas, lambendo com a ponta da língua meu clitóris, me olhando, a boca molhada. Não nego, a imagem me excita.

— Uma delícia, como imaginei... doce e salgada, como gosto — delibera e ofego em resposta.

Estou quase sem fôlego, perdida no que acabei de sentir, suada, e ainda com minha blusa. Não por muito tempo, Bruno abandona meu sexo e sobe na cama, entre minhas pernas, e se livra da minha última peça, me deixando totalmente exposta.

Seu corpo vem sobre o meu, mas não deixa todo o seu peso sobre mim e me beija. O gosto salgado invade minha boca e me dou conta de que é o meu sabor. Abraço seus ombros, me colando a ele, ainda excitada, querendo algo que não sei explicar, mas sei que ele pode me dar.

Ele cessa o beijo, sem nada a dizer e sem que eu espere, ele me vira na cama, me deixando de bruços. Ofego, soltando um gemido e ele segura meu

quadril, o levantando, deixando meu tronco dobrado sobre a cama. Sua mão passa por minha bunda, a abrindo e a acariciando e eu fecho meus olhos, sentindo a aspereza de suas mãos.

Ele beija minha bunda, a morde, fazendo com que eu pule no lugar, sentindo minhas pernas bambas e ao mesmo tempo, me lembrando das cicatrizes, sabendo que mesmo escondida na escuridão, ele pode vê-las. Engulo em seco quando ouço sua voz.

— Quieta — pede, não, exige e me excita com uma simples palavra.

— Não consigo... — sussurro, em um sopro, sentindo sua boca percorrer por minha coluna, as mãos grandes acariciando meu corpo, seu sorriso arrepiando minha pele.

— Seu cheiro é o melhor...

Eu sequer tenho resposta para isso quando ele alcança meu pescoço com a boca, parecendo não notar o relevo por baixo da minha tatuagem, jogando meu cabelo para o lado e o deixando livre.

Bruno beija, suga e chupa minha pele e eu estou entregue a qualquer coisa que ele queira fazer, apertando o lençol entre meus dedos, querendo apoio. Sinto sua mão se enrolar em uma mecha grande do meu cabelo, puxando minha cabeça para o lado, dando livre acesso à minha boca.

Ele volta a me beijar, lentamente e sinto todo o seu volume roçar minha bunda e ele geme em minha boca. Sua mão volta ao meu sexo, seus dedos massageando onde antes ele chupava e me pergunto se ele irá me penetrar agora, o que faz com que eu me pergunte em como é ser preenchida, se sentirei prazer...

Ele abandona minha boca, descendo carícias e chupões por minha coluna, voltando à minha bunda.

Sinto seu dedo passar por minha vulva, indo de encontro à minha vagina, enfiando um dedo em mim, me preenchendo parcialmente, suspiro, aproveitando a sensação, o novo. A outra mão está espalmada em minha coluna, me mantendo no lugar. Estou molhada e seu dedo entra e sai com desenvoltura de mim, enquanto apenas gemo.

— Bruno...

— Oi, fala o que sente, fala.

— É bom... — Obedeço em um gemido mal contido e o ouço rir.

— É, é uma delícia... você é uma delícia, apertada e molhada. — Seu dedo volta a entrar e sair e fecho meus olhos, ondulando em prazer. — Quero você excitada, molhadinha, pronta *pra* receber meu pau aqui, não quero que se machuque em sua primeira vez, quero que sinta prazer.

Nem mesmo a menção de me machucar tira qualquer atenção que tenho em todas as sensações que ele me dá, seu dedo indo e vindo, me deixando ainda mais ensandecida, querendo mais.

— Ao contrário do que dizem, é possível sentir prazer na primeira vez que se faz sexo, Sophie...

— Hum...

Seus dedos me deixam e olho para trás, por sobre o ombro, e o vejo em pé, olhando para mim.

— Vire-se. — Esse seu ar de comando faz minha rebeldia aflorar, ao tempo que me excita e faço o que pede e então assisto-o levar os dois dedos à boca e chupá-los, como se fosse mel, os dedos que antes estavam em mim. — Abra as pernas, Sophie, me deixa ver tua boceta molhada e vermelha.

Demoro a processar o que fala, o tom de sua voz não dando espaço para uma negativa, algo nisso me incomoda, seu tom mandão, mas deixo o pensamento de lado e abro minhas pernas para ele, mesmo sentindo vergonha no ato.

Vejo-o percorrer os lábios com a língua, algo que se assemelha quando vemos algo muito saboroso em nossa frente. Não tiro meus olhos dele, curiosa, apressada por saber o que fará a seguir. Quero sentir novamente aquele mesmo prazer que senti há pouco.

Bruno leva os dedos ao short e o tira, ficando totalmente nu, minha boca se abre minimamente, minha atenção vai toda para o seu membro, enquanto percorro o corpo musculoso. Seu corpo não é uma surpresa para mim, Sempre soube que Bruno tem um ótimo porte físico, já o vi sem camisa, já o vi de sunga, mas isso é... minha mente fica em branco quando olho seu pau, apontado para mim, grande e grosso.

Combina com ele, isso eu não posso negar, mas me assusta um pouco. Eu não esperava algo tão volumoso. Ele não é apenas grande em tamanho, é grosso, veias grossas o circundam e apesar da cabeça vermelha, o comprimento se divide entre uma cor mais clara de rosa e um tom mais roxo na base, como sua boca.

Seu... pau, sua virilha tem pelos aparados e vejo sua mão se fechar em torno do seu membro, indo e vindo, se masturbando e uma gota transparente brilha na ponta, na pequena fenda. Me pergunto que gosto tem, como seria colocá-lo na boca, apesar de duvidar que caiba.

— Eu disse que era grande.

— Convencido.

— Se toque, Sophie, se toque *pra* mim.

Engulo em seco.

— Como... como assim?

— É tão capaz de se dar prazer quanto qualquer um, se descubra enquanto eu a olho. Se toque, abra suas pernas e toque sua boceta *pra* mim...

Timidamente, levo minha mão ao meu sexo, sentindo a pele úmida, tocando o exato ponto em que antes senti mais prazer quando sua língua o lambeu

— Lambe os dedos, os deixe molhados e depois, massageei seu clitóris.

— Talvez... — Tento articular algo, envergonhada.

— Não, faça o que digo, não vai se arrepender. Vamos... — Ele se masturba enquanto me olha e a imagem... ele é um homem bonito e ao pensar que ele sente prazer ao me ver aqui, ao me ter, faz com que líquidos escuram por minha vagina e a vergonha se torne menor.

Lambo meus dedos e volto ao meu sexo, passando por minha vagina, totalmente molhada e me concentrando em meu clitóris. Sim, é prazeroso, é gostoso, é novo.

— Isso, está sentindo prazer, Sophie?

Contorço-me, fechando meus olhos.

— Sim... estou.

— Isso, se toque, massageie e faça círculos sobre seu clitóris.

Obedeço a cada comando e gemo, sentindo prazer.

— Olhe para mim, Sophie.

Ele sorri, pegando algo na mesinha e vindo sobre mim, tirando minha mão do meu sexo e substituindo pela sua. Ele se ajoelha em meio às minhas pernas, colocando o preservativo e voltando a se concentrar em mim.

Bruno pega uma de minhas pernas, a levantando e beijando meu pé, a começar pelo dedão, isso me causa tesão, que diabos é isso? O homem beija o meu pé e sinto mais líquidos escorrer por minha vagina e piora quando seus beijos se arrastam por minha panturrilha, coxas, chegando ao meu sexo novamente.

Ele assopra a parte sensível, fazendo com que eu me contorça e em seguida, deixa beijos em minha pélvis, molhando antes minha entrada com a língua. Engulo em seco quando sua boca suga meu seio, colocando-o todo dentro da boca, chupando e o apertando, enquanto com uma das mãos, belisca o bico do outro.

Sinto prazer, algo que parece querer sair de mim e sinto também a ponta do seu pau roçar minha entrada.

— Só relaxa e se quiser que eu pare, em qualquer momento, se sentir dor, me fale...

— Mas dizem que dói — sibilo e sinto o dorso de sua mão percorrer minha bochecha.

— Apenas no início, relaxa e confie em mim.

— Eu confio.

Estou presa em seu olhar, sua mão na lateral do meu rosto e sinto quando ele começa a me preencher. De início, a cabeça de seu membro escorrega fácil dentro de mim, indo e vindo, e não me causa dor, pelo contrário, é algo que se assemelha aos seus dedos dentro de mim há pouco. Quero fechar meus olhos, me prender a essa sensação, mas também quero estar presa em seu olhar.

Aos poucos, ele introduz mais dele em mim e uma sensação de ardência toma conta, mas não chega a doer e não deixo de sentir prazer. Ele

para, algo parece pará-lo, a tal virgindade...

— Como se sente?

— Curiosa e excitada.

Ele sorri, me olhando como se quisesse permissão para ir além, confirmo com um aceno e sinto-o ir e vir mais duas vezes para, em seguida, se enterrar em mim, por completo. Travo a mandíbula e fecho os olhos com o que sinto. Não chega a ser uma dor insuportável, mas incomoda *pra caralho* e arde, porra...

Sinto sua boca na minha, lambendo meus lábios e deixo sua língua passar, acariciar a minha, meus lábios, enquanto suas mãos acariciam meu corpo, parecendo estar em todos os lugares. Meus dedos estão prendendo o lençol e, aos poucos, vou soltando-o, a dor vai me deixando, ficando apenas a ardência enquanto ele continua parado e imóvel dentro de mim, apenas me beijando.

Vou relaxando à medida que suas carícias me deixam mole novamente, minhas mãos ganhando vontade própria e acariciando suas costas largas, sentindo seus músculos, sua boca me fazendo lembrar quando estava sugando minha vulva. Gemo, me perdendo nele.

Sinto-o se movimentar dentro de mim, aos poucos e penso que sentirei mais dor, mas não, apenas arde, porém, também sinto prazer. Sinto seu pau completamente molhado, entrando e saindo e essa sensação é deliciosa.

Bruno deixa minha boca, indo para o meu seio, o sugando, um, depois o outro, mordendo o bico e me deixando louca. Me perguntei como era a sensação de ser preenchida, se lembram? E é maravilhosa.

Ele levanta seu tronco, se ajoelha entre minhas pernas e levanta uma delas, colocando-a em seu ombro. Seus movimentos são ritmados e levada pelo que me causa, busco por mais atrito, mais prazer, movimentando meu quadril ao seu encontro.

Seus olhos estão em minha boceta, em seu pau entrando e saindo, e minhas mãos querem se agarrar a algo. Aos poucos seus movimentos ficam mais rápidos e ele também geme, o que me excita ainda mais, porém, minha perdição é quando vejo-o lambe seu polegar e levar ao meu clitóris, massageando-o em círculos.

Fecho meus olhos, prazer inundando tudo em mim, minhas pernas sentindo pequenos choques. Agarro o lençol novamente, ao meu alcance e gemo alto.

— Bruno, eu quero mais... — peço e tenho isso dele, sem deixar de sentir que ele controla toda a situação.

Bruno toma um ritmo rápido e ardente, me levando com ele, abandonando a massagem e me beijando, seu corpo sobre o meu, sua pélvis massageando meu clitóris e explodo novamente, desta vez como se eu estivesse me estilhaçando em milhões de pedacinhos, voando alto. Tenho vontade de fechar meus olhos, um impulso, mas seu olhar, a forma como me... venera, faz com que eu fique presa nele, no momento, em seu rosto.

Meu corpo treme inteiro, minha vagina pulsa e sinto Bruno se reter, sua boca prender minha pele em uma mordida, para em seguida me beijar, seus gemidos morrendo em minha boca.

É excitante vê-lo também sentindo prazer, é excitante ser desejada.

Meu corpo começa a se acalmar, Bruno deixa seu peso cair sobre mim parcialmente, sua boca deixando a minha, sua testa suada colada na minha, seu pau ainda dentro de mim.

Estou de olhos fechados, tentando recuperar o ar, tentando acalmar meu coração. Ou talvez... só criando coragem para encará-lo.

Meus braços estão ao redor de seu pescoço, ele ainda dentro de mim e sinto seu olhar. Abro meus olhos devagar, enxergando algo semelhante a um fim de tarde.

Sua mão sobe ao meu rosto, um leve carinho.

Devagar, ele sai de mim e não nego que isso deixa um vazio, logo ele está ao meu lado, cansado, suado e ofegante.

Respiro fundo e me lembro dos filmes que já vi. Aqui não tem aquela coisa das novelas, uma conversa, tampouco ele me leva para seu peito, ou procura minha mão. Mas eu esperava algo do tipo?

Eu queria sentir e consegui, senti algo que me tirou do chão e foi bom, relaxante e cansativo ao mesmo tempo. Me levanto, me sentando na beirada da cama, sentindo minhas partes íntimas arderem. Olho para o meio de

minhas pernas e me assusto um pouco, estou melada de sangue, assim como seu lençol.

— Aonde vai? — pergunta, assim que me levanto e o olho por cima do ombro.

Como agir após o sexo?

— *Pro* meu quarto, preciso de um banho.

Vou ao canto do seu quarto e pego uma toalha que vejo, me enrolando e catando minhas roupas no chão em seguida e indo em direção à porta.

— Sophie — chama e eu o olho, vejo algo como dúvida em seus olhos e me pergunto se pode estar arrependido, mas a virgem aqui era eu, certo? — Eu te machuquei?

É isso? Ele está em dúvida se me machucou? Um brutamontes cuidadoso. Sorrio e vejo sua expressão se suavizar.

— Não. Doeu, claro, mas acho que é normal. Mas não me machucou, me deu prazer, foi bom, bem bom. Boa noite, Bruno. — Vejo-o franzir as sobrancelhas, abrir a boca para falar algo e parecer pensar no que dizer.

— Boa noite, Sophie.



Capítulo 34

*Como preencher o vazio do seu
coração quando, você não sabe o
motivo pelo qual ele está ali?*

Bruno

Olho para o lado da cama vazio, e trago a mão ao cabelo, puxando os fios. O sol lá fora parece alto, mas o domingo me dá a sensação de preguiça, além de trazer hoje um casamento.

— Ei, pequena humana, acordou? — Ouço a voz macia, com o tom rouco, de Sophie pela babá eletrônica e sorrio, ela foi rápida hoje. — O seu tio bundão está dormindo, sabia? É, ele é um preguiçoso e sobrou *pra* quem? *Pra* madrinha aqui, não é? *Pra* sua sorte, eu já sei trocar sua fralda. — Sorrio, ela sabe que estou ouvindo.

Sua imagem volta à minha mente, ou melhor, sua imagem não sai da

minha cabeça desde ontem, quando deixou meu quarto. O sexo foi... diferente, de uma forma deliciosa. Descobrir seu corpo, seus pontos de prazer junto a ela, foi o que fez do sexo diferente. Seu olhar inexperiente, suas sensações nada maquiadas, seu prazer estampado em seu rosto, seus gemidos... Tudo gerou uma mistura fácil demais de ser viciante, seu corpo, seu cheiro, seu sabor!

Não precisei dominá-la, eu não quis, não ontem, não do jeito que gosto. Eu só queria que fosse bom, uma experiência que a deixasse com uma boa impressão sobre o que seria sexo, sobre sua primeira vez. Mas foi ela quem me surpreendeu, sua entrega, seu fogo, claro, além do fato de ser virgem. Onde, em sã consciência, eu imaginaria isso dela?

Acho que não acabou sendo novo somente para ela e a experiência em ser o primeiro foi ótima, além de trazer à tona em mim, um desejo quase primitivo sobre ela, o desejo de posse.

Constatei que Sophie é mesmo uma mulher diferente, surpreendente até. Após o sexo, ela apenas... foi para seu quarto e deixou a desejar à vontade em mim de confortá-la, mas não soube bem por onde começar, também não tive tempo de pensar, logo ela estava se levantando, longe do meu alcance, a velha Sophie tomando o controle novamente.

Depois disso, eu demorei a dormir após tomar banho e trocar os lençóis da cama, sujos de sangue, seu sangue... Demorei a acalmar meu corpo, minha mente e o desejo de possuí-la uma e outra vez, porra, ela era virgem. Ontem à noite não foi o bastante, o desejo não acabou, eu quero mais de Sophie, a quero submissa a mim.

Levanto-me e vou ao banheiro, de pau duro só por imaginar tê-la mais uma vez. O banho vem com água fria, talvez esfrie minha cabeça, as duas, de preferência. Volto ao quarto, me visto e saio, dando uma olhada no quarto de Luna, que não está mais ali. Encontro-as na sala, Sophie sentada no tapete, com Luna entre suas pernas, cheia de brinquedos à sua frente, uma mamadeira vazia ao lado.

— Bom dia, moças — saúdo e ela me olha, as bochechas ficam vermelhas, mas seu olhar não foge do meu.

— Bom dia, titio bundão — responde, como se fosse Luna, uma

imitação barata.

— Se essa menina aprender a me chamar de bundão, Sophie, *tu me paga*.

Ela sorri e descubro que não é difícil fazê-la rir, descubro também que ela apenas esconde o riso, esse espontâneo, que a deixa leve e bonita como uma manhã ensolarada.

— Bobagem, ela nem fala, sequer anda. Por falar nisso, ela já não deveria andar?

Sento-me no sofá, notando seu cabelo preso em um rabo de cavalo, o pescoço à mostra, deixando às vistas um chupão. É idiota, eu sei, mas é gostoso saber que lhe deixei marcada.

— São só dez meses, só isso, tem crianças que andam depois de um ano. Ela já começa a se arrastar, isso é bom. Agradeça, quando ela começar a andar, ninguém segura. Já notou esse teu hematoma no pescoço? — me vejo perguntando, inalando seu cheiro, o cheiro que está se tornando um dos meus favoritos.

— Hematoma? Como assim, hematoma? — Sus voz sobe um tom e sorrio. — Eu não acredito, seu filho da...

— Olha a boca...

— Me deixou um chupão, sério?

— Basta *tu soltar* o cabelo, que esconde — sussurro, encostando meus lábios em sua orelha, ela não se afasta e gosto disso. — *Tu não pode* dizer que não valeu a pena o chupão, pode? — Noto sua pele arrepiada e assopro seu ouvido.

— Você, você... é péssimo.

— Mas sou bom de cama, admita.

Sophie me olha, tentando ficar séria e dá de ombros.

— Deu *pro gasto*.

— Dei é? Só isso?

— Só isso...

— Se *tu diz*, e você... acordou cedo?

— Acordei, fui para a piscina do condomínio, precisava acordar meu corpo.

— Hum... não conseguiu dormir?

— Consegui, dormir bem até — não sei por que, mas não acredito nela —, mas sempre acordo cedo. Sinto falta da piscina da academia e fui usar a do prédio, é uma boa piscina.

Fico calado, vendo-a dar um brinquedo e depois outro para Luna, que nega todos.

— E como *tu amanheceu*? — pergunto e ela para o movimento, olhando para algum ponto que não seja meu rosto. — Sentiu alguma dor?

— Não... ardência talvez, dor não — responde, sem jeito.

— Hum...

— Para, Bruno! — fala e me surpreende,

— Com o quê?

— Essa estranheza, dando voltas *pra* no fim perguntar se minha vagina dói.

— Não tô dando voltas..., mas dói?

Ela sorri e me olha por cima do ombro.

— Não, já disse que não. Não me machucou, se é com isso que está preocupado.

— Bom saber...

— Por quê?

— Por nada... — Porque quero comê-la novamente hoje, mas isso eu não preciso dizer a ela, não ainda ou agora... — *Tu poderia* ir ao casamento comigo, será à tarde.

Ela se levanta, indo até o canto da sala, onde tem uma caixa de plástico cheia de brinquedos e pega sua luva, a que ela desistiu de tentar salvar das garras infantis de Luna.

— Não, claro que não, *tá* louco? Vou chegar ao casamento dele e dizer o quê?

— O óbvio...

— Não, em outro momento talvez, hoje não, melhor não. — Apesar de sua negativa, não vejo tanta firmeza quanto ela gostaria de passar, enquanto entrega sua luva para Luna.

— Então terei de ir sozinho, uma pena.

— E eu terei que ficar sozinha com a *chantagistazinha* aqui.

— Se já tivesse dado a luva que ela tanto gosta de brincar há mais tempo, ela já teria parado de negar todos os brinquedos que *tu ofereceu*.

— Se eu der minha luva sempre que ela quiser, ficarei sem nenhuma.

Nego, algumas mulheres têm coleções de sapatos, Sophie coleciona luvas de boxe... o que para mim a deixa ainda mais sexy e interessante.

A handwritten signature in black ink, reading 'Sophie' in a cursive, elegant script.

Estou andando de um lado para o outro na sala, enquanto assisto Luna comer minha luva. Não, ela não arranca pedaços, até porque, neste caso, eu já teria tomado a luva dela, mas ela morde, deixando duas marquinhos nas, seus únicos dentes na boca, fofa, mas destruidora. Bruno saiu há mais de uma hora para o tal casamento e eu fiquei aqui, mordendo o canto da unha, com o estômago esfriando de dúvida.

Pensando bem, eu poderia ter aceitado o convite de Bruno e aparecido com ele, de penetra, ao menos eu falaria logo com Pedro e pronto, as coisas ficariam mais simples.

Desisti de dizer a mim mesma que devo esperar o momento certo e pedi para minha mãe vir até aqui, estou a esperando chegar, com o endereço de Pedro em minha mão. Um haras... foi o que Bruno disse. O cara é médico e

mora em um haras?

— Cheguei, qual o problema, filha? — Célia entra no apartamento e vou em direção ao painel da tv, sem perder tempo, pegando a chave da moto.

— Pode ficar com ela? Não vou demorar.

— Aonde vai?

— A um casamento... ver o cara que acho ser meu irmão.

Célia fica me olhando, estática, em seguida confirma e eu saio pela porta, pegando a jaqueta no braço do sofá e saindo corredor afora, meu coração parece a ponto de sair pela boca.



Sinto-me deslocada e sequer cheguei a parar a moto ainda, respiro fundo, pensando se não estou fazendo algo impensado, infundado, se não era melhor ter ligado, dito: oi, acho que sou sua irmã perdida, vamos conversar?

Ele é o cara que apareceu na academia outro dia, o mesmo cara que eu achei ver na minha luta, semanas atrás, que tirou minha atenção e quase me fez perder e, ainda assim, nunca chegou a falar comigo, talvez queira distância. Mas a ruiva falou que não, que ele apenas não quer virar minha vida de cabeça para baixo ou algo do tipo.

Bom... eu não posso mais esperar, minha vida já foi revirada.

Sinto meu coração bater acelerado quando paro minha moto ao lado de alguns carros, a certa distância de onde se encontra um tipo de tenda enfeitada, com pessoas andando pelo gramado, conversando, olho ao redor. O casamento parece ter acabado e constato o óbvio, esta é uma propriedade linda e bem-cuidada, perfeita eu diria, está explicado o motivo de um médico, morar aqui, eu também moraria, se pudesse.

Observo o terreno e, ao longe, no alto mais elevado, tem uma casa de madeira, grande, perfeita, bem planejada, parece até coisa de filme.

Tiro o capacete, olhando ao redor, procurando pela ruiva ou por Bruno, alguém conhecido que seja, para pedir ajuda para encontrar quem quero.

Deixo o capacete descansar sobre a moto, abrindo o zíper da jaqueta. Continuo a passar meus olhos pelo local e chego a soltar o ar quando o encontro, ao lado da ruiva, perfeitamente bem-vestida.

Assim como ele, que não está de terno, porém, muito bem-alinhado, com uma camisa branca. Seus olhos estão em mim e sinto um arrepio subir por meu corpo, um calafrio, sinto como se... eu já o conhecesse há décadas, conhecesse esses olhos.

Fico aqui, parada, sem reação, talvez esperando que ele dê o primeiro passo. Eu já o vi, agora não resta nenhuma dúvida. Vejo a ruiva dizer algo a ele, que a olha com espanto, falando algo. Mas ela o cala e o responde com algo que me parece um discurso, olho para baixo, para o meu coturno, talvez seja um erro estar aqui, não pelo casamento, mas... no fim eu não poderei mudar o passado. Porra, inferno, mas é minha história, ao menos tudo indica que sim e se ele é ou não meu irmão, eu preciso saber o que aconteceu, eu tenho esse direito.

Vejo Alice tocar seu rosto, um carinho e ele volta a me olhar, me analisar, continuo parada, o olhando, esperando. Pedro se vira novamente para ela, segurando seu rosto entre as mãos, a beijando e então, ele vem em minha direção.

Ele é alto, forte, pele clara e cabelos igualmente negros como os meus, lisos, porém, com ondas. Tem o maxilar quadrado, o queixo com um furinho que lhe deixa belo, mas o que me chama atenção são seus olhos à medida que se aproxima, esses olhos estiveram sempre em meus sonhos, sempre comigo. É ele, como posso me lembrar de seus olhos, mas não dele, seu rosto ou dela, minha mãe?

Estamos frente a frente, olhos nos olhos, em silêncio, nenhum de nós diz nada por segundos. Sinto meu coração bater tão forte que tenho a impressão de que ele pode ouvir.

— Olá... — É ele a cortar o silêncio, enquanto nós nos olhamos.

Quase vinte e quatro anos se passaram... ele me procurou mesmo? Se sim, por que nada disse?

— Oi... Pedro, não é? — pergunto, olhos fixos em cada movimento seu, podendo notar até uma manchinha castanha que tem em um de seus

olhos. Olhos tão azuis quanto os que sondam meus sonhos.

— Sim, sou eu — confirma e eu rio, procurando algo para ocupar minhas mãos, enfiando-as no bolso da jaqueta.

— Sua mulher é uma ruiva bem... intrometida e decidida — falo, sem jeito, deslocada. — Semanas atrás, quando a conheci, a achei meio louca, principalmente quando recebi, há duas semanas, um convite para um casamento de duas pessoas que nunca vi, quer dizer, que vi uma vez. Você, em um dia comum em minha academia, em que ficou lá, *paradão*, me olhando, e ela no dia em que entrou em minha sala, contando uma história maluca sobre mim.

— Olha... — ele fala, sério, mas o corto.

— E eu não tenho ideia de quem sejam, não mesmo. Só ouvi uma história que não é a minha, que não parece ser, pois ainda acredito na história que ouvi desde criança — falo, apesar de papéis estarem no fundo da minha gaveta, provando o contrário.

— Então por que está aqui? — pergunta e posso ver uma sombra passar por seu olhar, talvez dúvida, medo... não sei ao certo. Deixo que a emoção me leve a falar:

— Porque me lembro desses olhos, os seus olhos. Seus olhos moraram em meus sonhos por tantas noites... exatamente assim, como está me olhando agora. Parecendo querer me proteger, orgulhoso do que vê. O dia em que você apareceu lá na academia, vi de relance seus olhos e me chamaram a atenção no mesmo momento — revelo, guardando para mim que o vi na luta. — Dias depois, a ruiva com cara de *Barbie* apareceu com essa história e, bem, foram seus olhos. Não me lembro bem do meu pai, não me lembro nada da minha mãe, mas me lembro desses olhos, não sei em que rosto, mas agora sei que, de alguma forma, eram os seus.

Não sou uma pessoa emocional, nunca fui, mas ver seus olhos azuis se encherem de lágrimas, causa algo aqui dentro, que aperta meu coração. Talvez Bruno tenha razão, a vida está me dando pessoas boas, mesmo que tenha me tirado duas delas.

— Precisamos conversar — fala rápido e concordo, mas hoje é seu casamento e me dou conta do quanto eu queria ter vindo antes, talvez para

fazer parte desse momento em sua vida. Bom, de alguma forma, estou fazendo.

— É, precisamos, mas não hoje, só queria que soubesse que estou pronta *pra* te ouvir, só isso, mas não hoje. Hoje é o seu dia e meus parabéns, não o conheço, mas sei que se casou com a mulher certa, a maluca te ama. — O vejo sorrir, bobo, com a menção da mulher.

— É, ela é o meu mundo. Um mundo que agora me parece ainda mais completo. Bem, venha, junte-se a nós, estamos com um *buffet* e uma pequena comemoração — convida, mas eu nego.

— Ah, não. Não me sentiria à vontade, pessoas, interação social não é o meu forte, de jeito nenhum. Eu só tive que vir hoje, pois algo me incomodou o dia inteiro. Só queria que soubesse que, quando quiser conversar, estou pronta. Adeus e fique bem, Pedro — falo e me viro, deixando parado às minhas costas, colocando o capacete e subindo em minha moto. Posso não ter escolhido o melhor momento, mas fiz o certo.



Capítulo 35

*Na saúde e na doença, até que a
morte os separe...*

*Essa é uma bela promessa, mas, por
vezes, ditas de forma vazia e nada
virtuosa...*

Bruno

— Que cara é essa? — Cristine se aproxima de mim, enquanto estou sentado em uma das cadeiras, onde antes serviram para assistirmos à cerimônia de casamento de Pedro e Alice. Estava há pouco apenas olhando o movimento que resta aqui. Foi uma bonita cerimônia.

— Nada de mais... só pensando.

— Em quê? — Curiosa, ela se senta ao meu lado.

— Sinceramente? — pergunto e ela confirma.

— Ah, Crisy... pensando em minha vida, sendo sincero.

— Em Heitor?

Sorrio, ela sempre acha minhas feridas, mas hoje não, não era em Heitor que eu estava pensando, mas em Sophie, em Luna, em como seguir adiante. Amanhã é dia de voltar ao batalhão, mas como fazer isso sabendo que... Alex não estará lá comigo?

— Não, quer dizer... também. Enquanto ele estava longe, era mais fácil fingir que não existia, mas agora... É complicado, mas eu estava pensando mesmo em Alex, volto ao trabalho amanhã.

A sobrancelha loira se eleva, um pouco de preocupação passando por sua face. Cristine sempre se preocupou comigo, minha segurança, desde o início quando entrei para polícia. E pensar que ela me ajudou a estudar... e sempre que eu saía a serviço, ela ficava com o coração na mão. Uma grande e verdadeira amiga. Acompanhamos de perto um a vida do outro. Sinto sua falta... falta de ser seu vizinho.

— Não será fácil, amigo. Mas vai se sair bem, sabia? Você é forte.

— Eu espero que sim, mas dói, em principal por saber que até agora, eu nada pude fazer *pra* vingar sua morte.

— Bruno... não fala isso e nem tente algo assim, precisa pensar em sua segurança, na segurança de Luna.

— Eu sei... eu sei...

— E, também... perdeu um irmão e precisa pensar se, no momento, não está na hora de se aproximar daquele que te sobrou.

Olho seu rosto, confiável, amigo... perdoar, o gesto que todos idolatram, mas que poucos realmente aderem. É difícil perdoar, pois é difícil esquecer.

— Prometo pensar com carinho. — A vejo rir em resposta.

— *Me conta*, Luna e Sophie... como está a convivência.

Mudo meu olhar, se ela soubesse.

— Bem, estamos nos acostumando. — Nos acostumando bem demais, eu diria.

— Gostei do que vi naquele dia, vocês pareciam entrosados, amigos até. Gostei de ver.

Sorrio, é... muito entrosados.

— Onde *tá* Cathe? Estou indo, queria dar um beijo nela — mudo de assunto, chega de falar de Sophie.

— Estava aqui há pouco, mas acho que já foi arrumar o que brincar com Camille e o menino, Felipe.

— Ele conseguiu se soltar com elas?

— Um pouco, as meninas estão tentando.

Felipe está este final de semana com Pedro e Alice, apesar de sua cara fechada, ao me ver hoje aqui, ele parecia mais aberto a conversar, se enturmar. Por falar nele, tenho que visitar sua mãe, contar a ela os últimos acontecimentos e que talvez, eu demore mais a ir vê-la do que gostaria.

— Então missão cumprida, mais um casamento e continuo intacto. Boa noite, loira, eu vou indo. — Beijo seus cabelos e me levanto. — Se despeça de Cathe e de Augusto por mim.

— Pode deixar e amanhã, quando pensar em Alex... lembra que de onde ele estiver, está olhando por você.

— Lembrarei. Boa noite.



Abro a porta e encontro tudo às escuras e adentro a sala, deixando as luzes apagadas como estão. Vou em direção ao corredor, escutando a voz de Sophie saindo do quarto de Luna, hoje contando uma história. Olho pela fresta e a vejo sentada no chão, com um livrinho nas mãos, enquanto Luna está no berço, deitada de bruços.

“Então a princesa decidiu, corajosamente cortar seu cabelo e com ele, teceu uma grossa e enorme trança, que lhe serviria de corda, conseguindo assim, deixá-la grande o suficiente para que ela conseguisse escapar daquela terrível torre.

Ao chegar ao chão, Rapunzel se sentiu perdida por alguns momentos, aflita até, pois tudo o que conhecia era aquela torre, ela não sabia nada do mundo, nada sobre a vida e talvez, nada sobre si. Mas ela era forte, corajosa e então, marchou em direção ao norte, onde de sua janela, era a direção em que podia ver uma grande aldeia.

Ela só precisava de coragem, e com isso, ela salvou a si mesma daquela prisão, de uma bruxa, um castigo e encontrou sozinha, sua família.”

Ela termina sua história, enquanto estou aqui, parado do lado de fora do quarto. Sorrio, a história não é bem essa, mas cá para nós, é uma história melhor. Em que a mocinha é corajosa o suficiente, para sozinha, romper as barreiras que a prendiam a uma vida miserável. A parte triste? Bom... a princesa não conhecerá o amor?

Convenhamos, o amor que muitos fantasiam só existe em páginas de livros, cheios de corações e flores, mas aparentemente, Sophie pensa como eu, já que em sua história, a princesa salva a si própria.

Não espero para perguntar a ela e vou direto para o quarto, me livrando do que sobrou do terno que estava vestido mais cedo. O casamento foi interessante, breve, íntimo e bonito até. Fazendo uma retrospectiva, nunca fui a tantos casamentos como no último ano, Cristine, agora Alice... tomara que sejam felizes.

Não que eu acredite no felizes para sempre, isso não existe, ainda mais quando você vem de um lar desconstruído, como o meu. O amor eterno não existe, claro, o furor do início, a paixão, te faz acreditar nisso, mas passar uma vida inteira com uma única mulher?

Não, isso não!

Por isso admirava tanto Alex, ele sim estava disposto a isso e era feliz, disso eu não tinha dúvidas. Estava com Fernanda desde adolescência e apesar das diferenças, das brigas, das loucuras, ele ficou, ambos ficaram, se casaram e foram felizes enquanto o tempo lhes permitiu.

Por falar nele, não tivemos mais notícia do Paizão, mas duvido que tenha desistido de me encontrar. Tive certeza disso após Salvador, o porteiro do meu prédio, dizer que alguém foi lá à minha procura. Ele não conhecia o tal cara, mas disse que não tinha uma cara muito boa e o infeliz não quis

deixar recado, o que quer dizer uma coisa: preciso ficar ligado até acabar de vez com o filho da puta.

E claro, isso eu farei, mais cedo ou mais tarde.

De qualquer forma, amanhã volto à ativa e começo a trabalhar, voltarei ao batalhão e vou cavar informações além das que tenho recebido. Preciso encontrar o responsável pelo atentado, preciso fazê-lo pagar, depois disso estarei em paz.

Vou para o banheiro, ou deveria, mas paro no corredor, a porta de Luna está entreaberta, apenas a luz fraca do abajur ligada e o silêncio vindo de seu quarto, junto a fresta aberta do quarto de Sophie me faz antever que ela já foi para lá.

Eu deveria ir para o banho e depois para a cama, eu sei, mas a vontade de vê-la vai além e marcho em direção ao seu quarto, dando uma leve batida antes de escancarar a porta entreaberta. Não preciso entrar para me dar conta de que ela não está em lugar algum por aqui, e ouço o chuveiro ligado.

Engulo em seco, eu deveria dar meia-volta e ir tomar banho em meu banheiro e dormir, mas não é o que eu quero, convenhamos. Entro e vou em direção à porta do seu banheiro, batendo.

— Bruno? — chama lá de dentro.

— Sou eu.

— O que foi, Luna acordou? Eu não ouvi nada na babá eletrônica.

— Não, ela está dormindo, eu só...

— Entra — fala e me surpreende.

Giro a maçaneta, abrindo a porta, a pegando de calcinha, ainda tirando a roupa. A peça íntima é a mais simples possível, de algodão, azul-claro, mas basta isso para me deixar com um tesão do caralho apenas por ser o corpo de Sophie.

Ela está de costas, olhando para mim por sobre o ombro e termino de entrar, fecho a porta e me aproximo vagarosamente de suas costas, inspirando seu cheiro, aproximando meu nariz do seu pescoço ao segurar seu quadril.

— Quer companhia?

— Quero.

É suficiente, beijo sua bochecha, ela tenta se virar, mas não deixo, beijando sua nuca, puxando sua cabeça para trás ao segurar seu cabelo, deixando sua boca livre para a minha.

Desde que acordei quero esse beijo, mas não me prolongo, quero-a nua e logo. Me agacho, ficando na altura de sua bunda redonda, dura, e desço sua calcinha, jogando-a no cesto próximo à pia, me livrando da minha toalha também.

E aí sim, a viro para mim, olhando sua boceta coberta por poucos pelos, assoprando a pele sensível e vendo-a se arrepiar. Me levanto e volto a tomar sua boca, a encostando no boxe do banheiro, sentindo seus braços se agarrarem ao meu pescoço. Mordo seus lábios e a ouço gemer gostoso, fazendo meu pau babar de tesão em resposta. Deixo sua boca e seus olhos vagam por mim, olhando meu pau ereto roçar sua barriga.

— O que foi, Sophie? Quer experimentar? — pergunto, tendo a certeza de uma negativa, mas ela apenas me olha, olhos negros arregalados, que suavizam após alguns segundos.

No mesmo instante, imagino a cena, e agora é tarde para uma negativa, enquanto seguro meu cacete ereto, inchado por tê-la.

— Ajoelha, Sophie. Ajoelha e chupa — mando.

Seu queixo levanta, como em um desafio, pronta para me dizer não e ela volta a olhar meu pau, sei que quer experimentar, saber como é chupar um cacete, todas querem saber como é. Ainda assim, penso que ela irá negar, mas a filha da puta realmente se ajoelha, um joelho após o outro, ficando de cara para o meu pau e a imagem é uma perdição, gostosa *pra caralho*.

As mãos grandes, mas finas, seguram a base do meu pau e eu a guio.

— Sou grosso, não espero que enfie tudo nessa boquinha gostosa, fique à vontade *pra* provar como quiser, se familiarizar com o ato. Deve chupá-lo como um pirulito, usando a língua e os lábios, jamais os dentes — falo e sua mão começa a se mover, descendo e subindo, mas sua boca não começa a trabalhar, não ainda.

Fico em expectativa, esperando que prove e ela não me decepçiona, de início apenas provando, passando a língua vermelha na cabeça grossa,

testando o sabor. Estremeço ao senti-la, minha mão indo ao seu cabelo, sua mão se movimentando na base do meu pau, quase em perfeita sintonia com a punheta macia que bate e logo a tenho chupando-o com mais vontade, como eu disse que poderia fazer.

É inexperiente, nem por isso menos gostoso, a boca quente, molhada, abraça meu pau e me traz uma sensação deliciosa junto a sua mão que não para de trabalhar. Seguro sua cabeça, empurrando minimamente meu quadril, querendo saber o seu limite e ela me olha, olhos cheios de luxúria, meu pau entrando e saindo de seus lábios, ela tentando ao máximo me engolir, mesmo seus olhos lacrimejando com o esforço.

Puta que pariu!

Não aguento mais e saio do seu toque, a puxando para mim, beijando sua boca com brusquidão, sem nenhum controle ou delicadeza, entrando com ela no boxe e a empurrando com certa força contra a parede, colando meu corpo ao seu. Beijo seu pescoço, mordo seu seio e levanto uma de suas pernas, me encaixando em sua entrada, começando a sentir sua boceta abraçar meu pau, enquanto beijo sua boca.

Sinto-a travar, apertar meus ombros e paro, olhando seu rosto.

— O que foi?

— Arde... minimamente — fala, ofegante.

— Quer que eu pare?

— Não. — A resposta vem rápida e ela chega a corar. — Mas pega a camisinha, tem dentro da gaveta.

Porra, o caralho da camisinha, onde eu estava com a porra da cabeça? Mas algo mais chama minha atenção além do meu descuido. Movo minha cabeça para o lado, afinal, se ela era virgem e eu sei que era, como diabos Sophie tem camisinhas na gaveta do seu banheiro? Para que, afinal? Ela parece entender minha pergunta imaginária e sorri até, parecendo gozar da minha cara.

— Comprei hoje. — Dá de ombros — Tem lubrificante também.

Desgraçada perspicaz...

Solto seu corpo e encontro as camisinhas na gaveta embaixo da pia,

muitas delas, ela acertou até mesmo o tamanho. Pego uma, também o lubrificante e visto meu pau, melando mais a camisinha e voltando para ela.

Volto a beijá-la, me encaixando entre suas pernas, levantando ambas para que abracem meu quadril e me afundando, de uma única vez, até o talo, em seu calor. Ela se segura a mim e seus gemidos morrem em minha boca.

Fico parado dentro dela de início, a alargando, a beijando, a excitando até que sinto-a tentando mover seu quadril, pronta para mim. Volto a sair e a entrar em sua boceta e deixo sua boca, querendo ver seu rosto. Sua respiração está ofegante, olhos luxuriosos, quente, os seios subindo e descendo à medida que meu cacete entra e sai dela, uma tentação deliciosa. A imagem da sua boceta me engolindo é perfeita.

E no pior momento, uma imagem vem à minha mente, a de que Sophie poderia usar a porra desse arsenal de camisinhas com outro cara. Minha mão busca seus cabelos, deixando o pescoço livre para beijá-lo, estocando com força e rapidez, a ouvindo gemer e morder os lábios.

— Bruno...

— Com quem mais *tu pretendia* usar essas camisinhas, Sophie? — pergunto e não dá para negar a acusação em minha voz.

Estoco mais firme, mais forte, vendo-a revirar os olhos, se segurando em meus ombros.

— Com você...

— Só comigo?

— Hum... não para, isso...

E eu paro, travando o movimento, meu pau dentro dela, a boceta pulsando enquanto me seguro, mostrando a ela quem está no comando. É bom ela aprender que aqui, quando eu estiver degustando seu corpo, sou eu quem manda. Seguro o cabelo molhado, puxando sua cabeça para trás, para ver seu rosto.

— Responda à pergunta, Sophie.

— Isso, só com você... com você, ain...

— Isso, comigo e sabe por quê? — pergunto, possessivo, louco de desejo, tesão e raiva ao imaginá-la com outro.

— Não... hum... mais forte, vai...

— Shiu, você não dita o ritmo, ouviu? Porque essa boceta é minha, Sophie. Eu fui o primeiro e vou ser o único, ouviu?

— Ouvi... ouvi...

Ela está perdida no próprio prazer e seguro sua bunda, chupo seu seio e volto a estocar, saindo e entrando, sentindo-a segurar meus ombros com força, começando a chamar meu nome mais alto, pedindo por mais do meu cacete. Gulosa do caralho.

O barulho das minhas bolas batendo em sua bunda e do meu pau entrando em sua boceta, ecoa pelo banheiro, junto aos nossos gemidos e cheiro de sexo, sexo bom.

Sinto meu pau pulsar, sua boceta começar a apertá-lo, contraindo, e quando sinto Sophie convulsionar em meus braços, me permito gozar, porra jorrando com força na camisinha, o prazer me consumindo, enquanto seus gemidos e gritos me excitam ainda mais.

Perco-me em seu corpo, em seu cheiro, em sua boca e só paro quando a sinto amolecer em meus braços, sentindo seu corpo ainda tremer. Distribuo beijos por seu rosto, boca e pescoço, deixando que apoie a cabeça em meu ombro, rendida a mim. Fico com ela empalada em meu cacete, gostando da sensação que isso me traz.

Beijo sua orelha, vendo a marca do chupão ainda em sua pele, agora pronto para tomar banho, mas com ela.

Sophie se desprende aos poucos de mim, se amparando ao descer do meu colo, as pernas trêmulas, dou-lhe um beijo nos lábios antes de realmente soltá-la.

— Se tá esperando que eu saia, isso não vai acontecer. Vou tomar banho junto com você.

— Está falando sério?

— Já estou aqui, ambos nus... claro que falo sério. — Abro o chuveiro, deixando a água cair sobre ela.

Ela solta um gritinho surpreso e chega a ser divertido sua carranca.

— Você não vale nada.

— Isso não é segredo — A puxo para mim, seus seios batendo em meu tórax e beijo sua boca, não me canso de sua boca. — Agora vira, me deixa lavar seu cabelo, gosto do cheiro do seu xampu. — Não me perguntem de onde saiu isso, eu não saberia responder.

Sophie me olha e aperta os olhos com certa estranheza.

— Tem que parar com esse tom mandão, sabia?

— Anda, só quero ajudar no banho, só isso. — Se ela soubesse...

Ela se vira, se enfiando embaixo da água, dando-me as costas tatuadas, a água a molhar seu cabelo e seu corpo. Observo-a esticar o braço e pegar o xampu, me entregando, e coloco um pouco em minha mão.

Passo o produto em seu cabelo, massageando seu couro cabeludo e a vendo relaxar, chegando a suspirar. Eu queria ter feito isso ontem, mas tudo aconteceu de forma... inesperada, não tive tempo para cuidar dela após o sexo. O xampu espuma em seu cabelo e eu desço a espuma por suas costas, massageando-a. Sinto minha palma passar por cima de alguns relevos em sua pele, algo que parece com uma cicatriz, não, cicatrizes. Olho com cuidado, são quase imperceptíveis.

Vejo seu corpo se retesar, tensão tomar seus músculos com o meu toque.

— O que são essas cicatrizes, Sophie? — pergunto, mas ela não responde, nem me olha. — Sophie?

Posso ver com clareza o que ontem não vi, mascaradas pela tatuagem, um trabalho muito bem-feito. São cicatrizes compridas, que me lembram cicatrizes que vi uma vez, cicatrizes de quem apanhou de corda.

— Você já apanhou de alguém?



Capítulo 36

*Voltar para casa... nem sempre se
refere ao estar e, sim, em sentir.*

Sophie

Eu estou de costas para ele, sentindo a espuma e gotas de água escorrerem por minha pele, passando pelas cicatrizes que trago há mais de 14 anos. Foi a mistura de uma garota rebelde, sem perspectivas e esperanças, somado a perder a única pessoa no mundo que parecia lhe entender naquele orfanato, tudo isso, acabou em uma fuga mal planejada.

Sem ele, aquele lugar era... o inferno! Eu só não imaginava que iria parar em um inferno pior e daquela noite restou apenas marcas e o gosto amargo da escuridão.

— Sophie? — chama novamente e balanço a cabeça, saindo de um transe.

— Já faz tempo, foi... foi minha culpa — falo, disposta a não falar mais nada sobre isso.

Não deixa de ser uma verdade, de certa forma. Eu teria ficado em segurança se tivesse ficado no orfanato naquela noite, como todas as outras crianças, sair foi uma escolha minha, me perder foi uma consequência minha, acordar no completo escuro... é, foram apenas consequências de escolhas ruins. Ser vítima de um monstro foi só mais uma delas.

A verdade que ninguém sabe é que a tatuagem em minhas costas é para esconder cicatrizes, quatro delas, cicatrizes feitas por uma corda. Se eu parar, se eu fechar os olhos agora, no escuro, em silêncio... ainda posso escutar sua respiração, sentir seu toque, o cheiro podre daquele lugar.

— Sua culpa?

— Sim, foram consequências de escolhas ruins, já terminou? — pergunto, com a urgência em fugir desse assunto.

Sinto seu toque, seu polegar percorrer uma das cicatrizes, sua respiração acelerada, seu cheiro e meu sexo ainda pulsando, ardendo pelo que fizemos há pouco. Acho que eu deveria ter esperado um pouco mais do que 24hr para voltar a transar.

— Sophie...

— Eu tenho segredos, Bruno — o corto, não estou disposta a deixá-lo entrar mais em mim do que fizemos há pouco, não preciso de pena e não preciso compartilhar o que quero esquecer. — Segredos que guardo comigo, que nunca contei a ninguém e que irão continuar exatamente assim, guardados, sendo segredos só meus. Não quero falar, só quero... voltar a relaxar, como estava há pouco. Pode ser?

Seu peito se cola às minhas costas, suas mãos escorregam por meus ombros, como uma carícia, descendo em direção aos meus seios, sua boca se aproximando da minha orelha, me causando arrepios.

— Por ora, tudo bem, mas *tu ainda vai* me contar o que aconteceu!

Engulo em seco, intimamente negando o que diz, nunca vou falar sobre isso, com ninguém.

— Uma ameaça? Uma aposta?

— Não, só uma promessa, uma promessa de confiança, sou alguém em que pode confiar, Sophie — fala, beijando um de meus ombros.

Sim, alguém confiável e, com ele, estou cheia de primeiras vezes. O sexo, o banho, compartilhar uma cama. Mas confiar ao ponto de falar sobre tudo, isso é algo que não consigo.

Viro-me para ele, ficando a centímetros de seu rosto, sentindo a espuma cobrir meu cabelo. Olho em seus olhos e algo, no fundo das íris verdes me fazem acreditar que não são palavras vazias, ele fala sério, o que transparece em seu rosto é algo parecido com proteção, raiva até..., mas raiva de quem?

— Está com raiva?

Seu maxilar está travado e suas mãos seguram meus quadris, os apertando, diminuindo a distância.

— Estou, por dois motivos... o primeiro por querer matar quem te tocou dessa forma, o segundo, por você achar que de alguma forma teve culpa. Eu mataria quem fez isso a você.

Posso ouvir seus dentes rangerem, os olhos escuros. Não é bem culpa... é só, foram consequências. Sorrio, era para ser um banho descontraído.

— Não sou a princesa que precisa de um príncipe para salvá-la, Bruno, posso salvar a mim mesma, não se preocupe.

Essa frase é suficiente para trazer aquele sorriso ao seu rosto, um misto de escárnio e sarcasmo. Pela primeira vez, me dou conta de que gosto desse seu sorrisinho sem-vergonha.

— Deixou isso bem claro com a história que contou para Luna, tenho certeza de que pode cuidar sozinha de si, mas às vezes é bom dividir o peso daquilo que dói. Agora, me deixe terminar meu trabalho.

Sorrio e faço o que pede, sentindo suas mãos voltarem aos meus cabelos, o chuveiro voltando a ser ligado, chego a suspirar com a sensação que sinto.

— Podemos usar essa banheira, qualquer dia — sugere, a boca próxima ao meu ouvido.

— Quem sabe...

Ficamos calados, enquanto o cheiro do condicionador que ele pega

preenche o ambiente.

— *Tu foi ao casamento hoje, eu a vi, mas não ficou muito. Como foi?*

Apesar do clima bom entre nós, algo em Bruno me incomoda muito, ele faz perguntas demais. Não gosto de falar, nunca gostei, mas ele tem algo, o olhar, o jeito como conduz uma conversa, que de alguma forma, te faz confiar e quando vê, está falando:

— Eu não consegui ficar em casa, fiquei incomodada e cansei de esperar.

— E?

— Eu tenho um sonho, eu tenho vários sonhos, são diferentes, mas se repetem. Porém alguns deles têm algo em comum. Em muitos, esses sonhos eu vejo olhos azuis, límpidos como o oceano, protetores, bonitos, preocupados e amorosos. Eram os olhos dele, não sei como, mas eram...

— Talvez o que você acha que são sonhos, são lembranças.

— É, talvez. Ele disse que queria conversar e eu disse que estava pronta. Pedro é um homem bonito, tem olhos amorosos, como em meus sonhos, isso me desmontou um pouco.

— Eu acho, te conhecendo como conheço... que no início será estranho, *pra* vocês dois, será como foi contigo e Benjamin, até se aceitarem como irmãos.

— Não sei o que esperar, se irá ser uma relação de irmãos, amigos... o que eu quero e quero muito é entender o passado.

— Posso apostar que não irá demorar muito a descobrir, Pedro não vai demorar a vim te ver.

— Ele está em lua de mel — falo e sinto sua mão percorrer meu corpo, me lavando junto da água, um estímulo e estou colada ao seu peito, a cabeça deitada em seu ombro.

— Eles não irão viajar.

Não? Por que será? Não pergunto. Sinto uma de suas mãos segurar o bico do meu seio e beliscar, me fazendo sentir uma mistura de dor e prazer, mais prazer, para ser sincera. Fecho os olhos ao sentir a outra mão descer por minha barriga, enquanto sua língua procura a ponta da minha orelha,

sugando-a. Sua mão alcança meu sexo e é impossível não sentir a ardência, por mais que eu queira voltar a sentir prazer como há pouco, a gozar...

— Está dolorida, não está? Vou deixar sua boceta descansar, ao menos por hoje.

Sorrio, ele é muito convencido.

— Por hoje? Quem garante que terá uma próxima vez? — pergunto e sou virada de supetão por ele, que me joga contra a parede, prendendo meu corpo com o seu, pegando ambas as minhas mãos e elevando acima da minha cabeça, me deixando totalmente presa.

— Tem um mel viciante nessa boceta, Sophie, e não pode negar que sente tanto tesão por mim quanto eu sinto por você. Além do mais, não fiz metade do que quero fazer com seu corpo, nem estou perto disso.

— Não espera uma relação, espera? — provoco e ele sorri.

— Não, nossa relação não vai além de sexo, a nossa química é explosiva e eu quero mais de você, assim como você de mim. Ainda tenho muito o que te ensinar, mas é apenas isso! — fala, olhos fixos nos meus e sinto um arrepio subir por minha espinha com sua promessa.

Bruno me solta e aproxima sua boca da minha, tão próximo ao ponto de segurar meus lábios entre os dentes, mordendo-os levemente. Me dando as costas e saindo, em seguida do boxe, enrolando a toalha na cintura e deixando de vez banheiro, sem olhar para trás.

Presunçoso de uma figa. Ele é gostoso na cama, isso eu não posso negar, mas não provei nada diferente para saber se pode ser ainda melhor com outro, ele acha mesmo que por ter tirado minha virgindade, me fará cair de joelhos por causa de um pau?

Vai sonhando, bundão!



Cheguei hoje cedo à academia, tínhamos combinado que voltaríamos à nossa rotina comum. Como saio geralmente mais cedo, Bruno cuidaria de Luna pela manhã. Hoje ele voltou para o batalhão, logo após deixar Luna na

casa de minha mãe. Será essa nossa rotina a partir de agora, ao menos por um tempo, já que virei bem mais cedo para academia, preciso me preparar para a próxima luta.

Enquanto isso, Célia está sendo perfeita em nos ajudar. Não quero mudar totalmente sua rotina, tendo que se deslocar de um bairro a outro por nós, assim, combinamos que deixaríamos Luna em sua casa antes de irmos para o trabalho. Em dias que Bruno dobrar o turno, meus treinos ficarão para a noite, eu cuido dela pela manhã. No dia que ele pegar dozes horas, ele cuida dela e a deixa com Célia, antes de ir trabalhar. Nos dias que ele ficar de folga, ele fica com ela, caso precise sair, recorreremos à Célia. Inicialmente é esse o cronograma.

A pior parte é que o primeiro dia de Bruno será um turno dobrado, o que me rende uma noite sozinha com Luna e uma manhã antes de vir para a academia também.

Bom... ao menos ela não chora mais ao me ver, vejo isso como um progresso, apesar de ter a plena certeza de que ela prefere o colo de Bruno ao meu. Hoje seremos só nós duas, teremos que nos entender.

Olho para o porta-retratos sobre a mesa, onde estou eu, Luna e Fernanda em uma foto... a foto foi tirada no dia do seu batizado. Fernanda tinha me dado uma cópia e eu havia guardado em uma das gavetas do armário, em meu quatinho aqui em cima, comprei um porta-retratos digno da foto e a coloquei aqui mais cedo, para olhar para ela e me sentir... mais perto. Deveria ter feito isso desde o início.

Toco a foto, sobre o rosto sorridente e orgulhoso de Fernanda. Ela amava viver, amava a família, amava a mim.

“Eu tenho a vida perfeita, Sophie. Tenho vocês.”

Ela vivia repetindo isso, mas, a vida perfeita não existe.

A porta do escritório é aberta e minha mãe, junto a uma Luna curiosa, passa pela porta, como um furacão. Me levanto ao vê-las, o coração na boca.

— Aconteceu alguma coisa? Ela está bem?

— Não, claro que não aconteceu nada. Eu é que me esqueci, filha, que hoje é o meu retorno com o psiquiatra e esqueci completamente. Preciso renovar a receita, como sabe, e vim trazê-la. Não vou demorar, cerca de uma

hora e vinte minutos e só, então passo aqui para pegá-la — fala, me entregando a menina e uma bolsa grande. — A mamadeira dela está pronta e daqui a uns vinte minutos ela deve querer mamar e dormir. Trouxe o bercinho improvisado, aquele que esqueço o nome, cabe perfeitamente ali em cima da mesinha de cetro.

Ela tem jeito para tudo e respiro, após ela falar tudo rápido demais.

— Claro, pode ir. Vamos ficar bem.

— Que bom, já treinou hoje? Está pronta *pra* luta?

— Já, treinei logo cedo. Estamos pegando pesado novamente.

— Isso é ótimo, seguindo em frente, sem parar — apoia, ou tenta. — Odeio que lute e você sabe, mas ver você voltando à sua rotina é... me deixa feliz, filha. Sei o quanto a perda de Fernanda te abalou, assim como sei que o fato de Luna estar em sua vida também foi um choque. Me orgulho por estar levando isso adiante, tão bem.

— Obrigada, eu acho, mãe. Agora vai logo ou irá se atrasar.

— Oh, verdade. Já, já a vovó volta, bebê — fala, beijando Luna e em seguida a mim, saindo logo depois.

Luna me olha e ambas suspiramos.

— Sozinhas novamente, mas agora, estamos mais familiarizadas, não é?

Ela sorri e me sinto minimamente feliz, convenhamos, ela nunca sorriu para mim e me sinto... uma idiota por me sentir feliz por isso, por ela me mostrar esses dentinhos de coelho, algo tão pequeno, mas que faz meu coração saltar no peito, de alguma forma. Eu tinha medo de que não ficássemos bem, tinha sim, mas agora... talvez possa dar certo, tem que dar.

— *Mamamamama...*

— Não, eu sou a *titititia...* ou *mamamadrinha*. Não, madrinha não, tia é melhor. Ou pode só me chamar de Sophie, o que acha, minha pequena humana? Sim, agora você é minha pequena humana, sabia? — Me vejo como aquelas pessoas idiotas, que mudam a voz para falar com um bebê. Por que fazemos isso?

A menina me olha como se pudesse entender e, no mesmo instante, a

alegria por receber seu sorriso vai morrendo ao notar algo além da voz ridícula que fiz há pouco. Pois, se eu não for sua mãe, a pessoa a quem ela chamará de mamãe, quem será?

A ficha parece realmente cair e eu sei o gosto doce que a palavra mãe tem, lembro como foi chamar Ester pela primeira vez de mãe, me lembro com perfeição, foi tão surreal, foi como estar protegida para o resto da vida, é essa a sensação. Luna não tem mais a mãe, mas tem a mim e se ela quiser me chamar de mãe, eu estarei aqui para ela, acho que é isso.

Sinto algo estranho, talvez aceitação e o telefone toca sobre a mesa, assustando a Luna e eu praguejo ao ver seu bico.

— Oi, Eduarda.

— Sophie, tem um senhor aqui, ele quer falar com você. Sua mãe saiu há pouco, eu presumi que não quer receber ninguém por estar com Luna...

— Não quero mesmo, tenho que cuidar de Luna por umas duas horas. Mas quem é, Duda?

— Pedro... ele se chama Pedro. — Sinto meus olhos se ampliarem, meu coração retumbar em meu peito. — Eu posso dizer que está ocupada, pedir *pra* ele voltar em outra ho...

— Não — a corto. — Traga *ele* até aqui. Vou receber. — A linha fica muda e penso que ela desligou. — Duda?

— Sim, estou subindo com ele.

Desligo e me levanto, ouvindo Luna reclamar. Ele veio, tão cedo? Eu imaginei que ele demoraria, dias, meses, não sei, afinal, ele se casou ontem. Mas ele está aqui, agora...

— Xiu, pequena humana. Foi só um telefone, com um barulho muito chato, mas já passou e vamos receber visita. Só não se assusta, não, *tá*? — Estou nervosa, sentindo minhas mãos e pés suarem em resposta.

Duas batidas são o suficiente para que Duda abra a porta e dê passagem para quem está atrás dela, o homem alto, com olhos perfeitos.

— Pode ir, Duda, e obrigada — agradeço e vejo-a descer as escadas e o homem ficar parado ainda do lado de fora, no último degrau da escada, olhando primeiro para mim, depois para o bebê em meus braços. — Pode

entrar, fica à vontade — consigo dizer, apesar de sentir meu coração vir à boca.

— Boa tarde, tudo bem? — A voz grossa reverbera no escritório e ele entra na sala, fechando a porta atrás de si.

— Pode se sentar e eu estou bem, obrigada. — Vejo-o sem jeito, dar dois passos à frente e puxar a cadeira, se sentando, ainda com olhos em Luna. — E você?

— Sua filha? — pergunta, sequer notando que quis saber sobre seu bem-estar.

— Essa é Luna e não, não é minha filha... quer dizer... Sou a madrinha dela, há pouco tempo a mãe dela e o pai foram vítimas de um atentado e morreram. Então eu sou a guardiã legal agora.

— Eu acho que vi uma história parecida, alguém falou sobre isso... foi Bruno. Ele era o padrinho de um bebê e os pais... espera. — Ele para de falar, olhando para mim. — É ela? Vocês dois são os padrinhos?

— É, somos, imagine só que loucura, não é?

Pedro fica meio parado, aéreo, me olhando. Segundos de silêncio se passam, enquanto Luna acha um lápis sobre a mesa e tenta levar à boca, impeço antes que faça um estrago e minha rapidez no movimento leva Pedro a falar:

— Você esteve o tempo todo tão perto, perto demais.

Luna parece incomodada com algo e balanço minhas pernas, tentando impedir que comece a chorar.

— É estranho, não é? Pensei nisso também, na mesma cidade, conhecendo pessoas em comum, perto demais e ao mesmo tempo... desconhecidos.

— Qual a sua história, Sophie?

— Minha? A que eu acreditei ser real por toda uma vida? — pergunto e ele apenas acena. — Cresci em um orfanato após a morte do meu pai, fui adotada uma vez, com quase sete anos, mas não tive sorte e acabei voltando ao orfanato. Depois disso, a chance em ser adotada, pela minha idade, diminuíram drasticamente, cada vez mais a cada ano e então, vieram lares de

apoio. Uns ruins, outros nem tanto e quando tudo parecia perdido, Célia apareceu, a mulher que hoje chamo de mãe. Basicamente é apenas isso. Mas eu posso ter uma história diferente, não é? Antes disso, de tudo o que me lembro?

— Sim, você tem, nós temos... Pode ter dúvidas, pode não se lembrar, eu sei, mas eu me lembro, temos uma história, temos um vínculo, sei que é você.

Sua certeza, de alguma forma, me incomoda e ao mesmo tempo... me dá um tipo de esperança débil.

— Após sua mulher aparecer aqui, eu me senti perdida, pois se aquilo fosse verdade, queria dizer que o meu passado foi uma mentira e isso era assustador. Eu neguei que poderia ser verdade, mas... algo não se encaixava. Eu investiguei meu pai, quer dizer, pedi que o investigassem. Ele não era alguém bom, não é?

— Não, não era... Nosso pai... — Ele para e sorri, sem vontade. — É, nosso pai, eu não tenho dúvidas que é você, apesar de entender seus receios e temores, mas não, ele não era uma boa pessoa.

Confirmo e olho para o lado, para a parede de tijolos. Não deveria fazer diferença, eu sequer me lembro dele, mas do que mais eu não me lembro? O que aquele homem queria fazer comigo? O que ele fez comigo?

— Nosso? Então, é filho dele também, de Antônio?

— É, eu sou, mas ele não me registrou, não tenho seu sobrenome.

— Ribeiro — falo, baixo, mas ele escuta.

— Sim, esse é o nome que herdei do meu padrasto, após ele se casar com nossa mãe.

Aceno, tentando articular algo, são tantas perguntas e ao mesmo tempo, tudo some da minha mente, tudo fica em branco.

— Você me procurou? Vocês me procuraram? Eu sei que sim, achei documentos, documentos que dizem que meu pai possuía dois nomes diferentes, que eu tenho dois registros diferentes. Quando sua mulher veio aqui e contou uma história maluca, eu não quis acreditar, aquela não era a minha história, mas ao receber os documentos... fazia sentido, ainda que eu

quisesse negar.

Sinto pesar em sua expressão, os olhos azuis tristes, como naquela foto em que ele era um garoto, junto à... minha mãe.

— Você estava comigo quando te levaram.

Eu o olho, espantada, e Luna se move, inquieta, então me lembro do que minha mãe disse e puxo a bolsa ao lado, pegando a mamadeira e dando a ela, voltando a olhá-lo com interesse. O sonho, o menino, a borboleta... a padaria, o cheiro de pão... tudo se encaixa.

— Nossa mãe... trabalhava fora para nos sustentar, dava duro. Nosso pai deu no pé cedo demais, a enganando, dizendo que ia viajar à procura de trabalho. Passamos por maus bocados, mas ela sempre trabalhou, sempre fez de tudo por nós e ao menos tínhamos uma casa, comida e amor. A casa alugada era simples, de madeira, poucos móveis, mas o suficiente. Eu tinha onze anos, você quatro. — Ele para de falar, me olhando enquanto estou ávida por saber mais. — Desculpe-me se ao falar “você” com tanta certeza pareça estranho, é que, de novo, eu não tenho dúvidas de que você é a minha Sofia.

— Sofia... — repito o nome e, ao fundo, uma voz infantil, de um garoto grita: *Sosô*.

Ele sorri, bonito, covinhas aparecendo em suas bochechas, algo... leve.

— Continue — peço.

— Minha mãe deixava sempre café da manhã para nós, antes de sair, ou me mandava comprar antes que ela precisasse sair. Mas naquele dia, ela se atrasou, nem lembro o motivo e eu tinha que comprar algo para comermos. Ela deixou um real embaixo da garrafa de café e era eu que cuidava de você até ela voltar e nos levar para a escola, meio-dia, para em seguida, voltar ao trabalho. Você acordou mais cedo naquela manhã, você era uma criança perfeita... não dava trabalho, nos dávamos bem, éramos... enfim, você acordou e fomos juntos até a padaria. Eu te deixei no canto enquanto comprava seu bolo e quando olhei...

— Eu estava brincando com uma borboleta — falo e vejo reconhecimento em seus olhos.

— Mas na segunda vez em que te procurei, você não estava mais lá...

— Ele me levou, nosso pai.

Pedro sorri, algo amargo, os olhos cheios de lágrimas, um semblante culpado e eu sinto meu peito doer, minha mente relembrando cada momento dos inúmeros sonhos em que já tive. O mesmo sonho...

— Você não tem culpa, era só uma criança.

— Era o que nossa mãe dizia também, nós nunca soubemos quem te levou, até pouco tempo atrás. Tentamos de tudo para te achar, mas não tínhamos pistas sobre você, parecia que tinha sido abduzida, só desapareceu, ninguém viu nada, ninguém sabia de nada. Nossa mãe entrou em desespero, fez o que pôde, quase perdeu minha guarda também, afinal, ela tinha deixado duas crianças pequenas sozinhas. Mas o que ela poderia fazer?

— Ela precisava nos alimentar.

— Sim e tinha dado certo, até então, sempre tinha dado certo, até aquele dia.

— E depois?

— Nossa mãe conheceu Olavo, ainda em Goiás, e se casaram não muito tempo depois. Ele era um homem bom, era sim e a amava, mas ela se casou apenas porque ele prometeu que a ajudaria encontrar você, ele tinha recursos para isso e ela apenas aceitou. Na época, eu não entendia, achei que ela também o amava... Olavo cumpriu a promessa que fez a ela, ele tentou, mas não foi suficiente, não te encontramos até... Faz alguns meses que recebi notícias do detetive particular ao qual eu tinha contratado, ele tinha te encontrado e eu não pensei duas vezes ao vir aqui, te procurar.

— Eu te vi.

— Viu, sim, mas naquele momento eu vi que você tinha se tornado alguém de bem, de sucesso... tive pena de estragar isso, me convenci de que você estava melhor sem mim, tinha uma família nova, mas Alice discordava disso. — Ele sorri ao falar dela e deixa uma lágrima escorrer, limpando em seguida. — Eu te encontrei, mas dói, Sofia, Sophie... dói porque nossa mãe não está aqui para te ver, ver a mulher que você se tornou.

Emociono-me, sentindo pena dele, de mim também, mas... não o suficiente para chorar por isso. Se ao menos eu me lembrasse dela... Luna faz um muxoxo, ameaça chorar e o vejo se levantar.

— Posso? — pergunta, esticando os braços em direção à Luna.

— Claro, ela está com sono, fica enjoadinha até dormir.

Entrego-a ele e abaixo a cabeça, tentando não me entregar ao vazio aqui dentro. Nunca foi um sonho, eram lembranças. Ele estava lá, o garoto de olhos doces... e me levaram dele, dela, eles me queriam, ela me amava e jamais me verá. A vida é cruel... o destino é cruel.

“Brilha, brilha estrelinha
Lá no céu pequeninha
Solitária se conduz
Pelo céu com tua luz

Brilha, brilha, estrelinha
Lá no céu pequeninha
Brilha, brilha, estrelinha
Lá no céu pequeninha”

Fico estática ao ouvi-lo cantar, sem conseguir desgrudar meus olhos de suas costas, sem conseguir acreditar no que ouço. Essa canção... ele cantava para mim? Me mantenho em silêncio, me dando conta de que ele é o único laço verdadeiro que tenho com o meu passado. Ele se sente culpado, eu sei disso... sei disso pelo seu olhar.

Pedro se vira e me pega o olhando, seguindo cantarolando a canção, enquanto Luna se entrega ao sono.

— A canção, de onde a conhece? — pergunto e me levanto, pegando o berço portátil, abrindo-o em cima da minha mesa, enquanto ele a coloca deitada. Contemplo-a chupar o lábio inferior, fechando a pequena proteção de tecido.

— Essa? Nossa mãe cantava *pra* você, você só dormia se cantássemos essa canção, você sempre queria a mesma coisa, todas as noites. Nunca esqueci essas estrofes, canto *pra* minha filha antes de ela dormir, às vezes.

Meu estômago esfria, um bolo sobe até minha garganta e meus olhos se enchem de lágrimas, lágrimas que não consigo conter ao inundarem meus olhos. Vou até a grande janela de vidro, ficando de costas para ele, olhando o

mundo lá fora. Sinto sua presença ao meu lado, mas nada dizemos, só contemplamos a rua.

— Tem todo o direito de ter dúvidas, Sophie, incertezas... e para não restar dúvidas, proponho um exame de DNA, se você quiser, para se sentir mais segura. Caso queira, só preciso de um fio de cabelo seu.

Um fio de cabelo... só isso e seria real!

— Tudo bem... um fio de cabelo... vamos fazer! — confirmo e ele sorri.

— Ela te amava, nós te amávamos, eu te amo. Amo tanto, que estou me segurando agora para não te espremer em um abraço. Sempre imaginei este momento, sempre imaginei como você seria e eu estava certo, você é igual a ela.

Olho para cima, para o teto, sem deixar que as lágrimas escorram e me viro para ele.

— Podemos tentar, digo, o abraço...

Um sorriso perfeito está em seus lábios, fazendo covinhas se afundarem em suas bochechas e então, ele me puxa para seus braços, me apertando entre eles. Não é algo comum, mas é algo bom com ele, é algo... é como voltar para casa. Uma casa que eu nem sabia que existia, uma casa que, de alguma forma, eu nunca me esqueci.



Capítulo 37

*Adrenalina, ação, senso de justiça...
em algumas pessoas, esses valores
estão arraigados.*

Bruno

Voltei ao trabalho hoje e já estou com vontade de encontrar Luna. Sinto suor escorrer por minhas têmporas e olho minha equipe à frente. Voltar ao batalhão foi bom, é a minha casa, minha segunda família, mas lá também está um vazio. Um vazio deixado por Alex e durante todo o dia eu revivi o momento em que o perdi.

Olho meu celular mais uma vez, mas não há nada, sequer uma mensagem. Não poderia ser diferente, é Sophie.

Minha mão passou parte do dia coçando por ligar para ela, eu mentia para mim mesmo que seria para saber de Luna, mesmo tendo certeza de que

Sophie não passaria o dia com ela, mas sim, sua mãe. Então, se eu quisesse saber de Luna, que não seria uma mentira, já que é o primeiro dia que não passo em casa com ela após a morte de seus pais, não teria por que ligar para Sophie. Sendo assim, perco meu motivo pelo qual ligar.

Fernanda e Alex nos escolheram como padrinhos, no início eu achei que era loucura, Sophie como madrinha de um bebê era um desastre, mas as coisas mudam quando a realidade de fato cai sobre nós, foi assim com ela. Estarmos na mesma casa, nos aproximou e, com isso, o desejo de adolescência voltou com força elevada quase ao infinito.

Nada me surpreendeu mais que saber que ela era virgem, nada me deu mais prazer que tirar sua virgindade, de fazê-la minha, de ser o seu primeiro e de ter sua entrega. Mas apesar de entrar em seu corpo, foi apenas isso, ela não abriu nenhuma outra parte para mim, a prova disso foi nosso banho juntos, as marcas que vi e sobre as quais ela não quis falar nada a respeito.

É apenas sexo, claro, o que não quer dizer que não me preocupe, afinal, moramos juntos, será por pouco tempo, mas ainda assim, moramos juntos. Por qual inferno Sophie passou até chegar aonde chegou?

— Isso aqui *tá* quieto demais, capitão — Adônis fala, me retirando de meus devaneios e o encaro, sentindo o peso do fuzil em minha mão.

Estamos em uma operação. Segundo o coronel, as investigações seguem seu curso com relação à morte de Alex e Fernanda, e tudo indica que Heitor estava certo, algo grande está vindo aí, só não sabemos o que é, ainda.

Ao que tudo indica, entrará hoje uma grande quantidade de drogas e armas, vindo de Santos para o Rio de Janeiro e, por isso, estamos aqui, no limite da cidade, esperando quem irá trazer a carga. Claro que não somos idiotas, um carro do BOPE parado em uma blitz qualquer ia dar manchete, então é uma patrulha comum, ao menos para quem passa pela via.

Um carro preto, uma Land Rover para, sem que precisemos pedir, e eu observo a janela do passageiro se abrir e uma cabeleira loira conhecida colocar a cara para fora, sorrindo ao me reconhecer. Vou até ele.

— O que faz aqui, juiz? — pergunto ao me aproximar e ele sorri, batendo uma continência.

— Estou indo para casa. Vou trabalhar no Rio a partir de agora, mais

perto da família. Hoje estou vindo de vez, por isso, vim de carro.

— Vejam só, parabéns pela mudança.

— E você? Guarda de trânsito? Não é desperdício de uma equipe tão treinada?

Sorriso, esse é Arthur, irmão gêmeo de Augusto, idênticos. A diferença é o estilo entre eles. Um carrega o corte de cabelo mais curto, social, barba bem-aparada, esse é Arthur. Augusto mantém o cabelo maior, barba espessa, um estilo mais... como chamam? Despojado, mas a cara é a mesma.

— Não, uma operação.

— Sigilo?

— É por aí...

— Eu soube do que aconteceu, sinto muito por sua perda — diz, agora com expressão séria.

Meu riso morre e aperto os olhos quando o sol brilha no céu, dando reflexo no capô do seu carro.

— É, era um bom amigo, um guerreiro para o batalhão.

— Sinto muito mesmo, é um trabalho honroso e, ainda assim, vocês não são devidamente valorizados pela sociedade. — Um pesado silêncio caiu sobre nós somente quebrado pelo som do trânsito. — Bom, tô indo, mas vamos marcar alguma coisa. Talvez um chope? — pergunta, tentando quebrar o clima tenso.

— Basta ligar — sorriso —, e vai pela sombra, Excelência.

— Até a próxima, capitão — cumprimenta, saindo em seguida.

Não éramos tão próximos até... ano passado, meses atrás, pode-se dizer, quando algo nos tornou cúmplices, de certa forma. Tudo por uma boa causa, o bem-estar de Alice, sua irmã. A verdade é que os fins justificam os meios, em especial nesse caso.

— Capitão — me chamam, olho para Adônis, que aponta para um caminhão vindo à frente. Parece um caminhão de frios.

— Acha que é esse? — pergunto, ao me aproximar.

— Havia um sedan cinza vindo logo atrás, ele deu a volta e foi embora

quando nos viu aqui, o caminhão diminuiu a velocidade, mas não tinha como dar a volta, como o carro menor.

— Mandem encostar e fica de olho nos próximos, pequenos ou grandes.

— Sim, senhor.

Aproximo-me de Leandro, que como eu, espera o caminhão estacionar. Tenho minha atenção voltada para o rosto do motorista, que olha para o lado e volta a olhar para nós. Meu faro diz que ele esconde algo.

— Bom dia, policial.

— Bom dia, o senhor pode descer e me mostrar seus documentos, por gentileza? — peço, trocando o peso do corpo de uma perna para a outra.

— Precisa mesmo, policial? Estou com pressa, minha carga está atrasada, meu pneu furou lá atrás, eu deveria ter chegado ontem.

— O carro que vinha logo atrás e deu a volta, o senhor conhecia?

— Não, não, eu nem vi um carro atrás de mim. Não conhecia, estou vindo sozinho e como disse, estou atrasado.

Ele mente, está estampado em sua cara, em seu olhar assustado, no suor que começa a escorrer pelo rosto, os dedos batendo de leve no volante, só resta saber o que ele esconde.

— Dez minutos a mais não fará diferença. Agora desça do veículo, ou terei que tirá-lo daí.

— Não, senhor. Não precisa, vou só pegar os documentos.

Seguro o cabo da pistola no coldre em minha perna, algo me diz que esse homem tem o que procuramos. Vejo-o pegar algo, a carteira e abrir a porta do caminhão, mas antes, se demora olhando para algo lá dentro. Pego os documentos e passo para Gabriel, que olha tudo com certa paciência.

— Capitão — chama, me mostrando as informações.

— É novo na empresa? — pergunto e noto o homem, que beira a casa dos trinta e cinco, ficar mais nervoso.

— Sim, senhor. Esta é minha segunda carga nessa empresa. Posso ir agora?

— Não. Revista *ele*, 03 e 07, revista a cabine do caminhão — comando.

— Isso é mesmo necessário? Sabe como é, eu estou mesmo atrasado.
— Posso ver seu rosto ficar pálido, chego a sorrir.

— Não precisa ficar nervoso, a menos, que tenha algo a esconder. O senhor tem algo a esconder? — Me aproximo mais do homem, que nega em silêncio. — O resto vem comigo, *bora* olhar a carga.

— Ô, capitão, tem uma surpresinha aqui *pro* senhor — Leandro chama, trazendo consigo um homem mais baixo, magro e careca. — Estava lá atrás do banco do carona, usando o colchão como esconderijo.

— Verifica o documento e traz o cão. Bota *ele* para rastrear.

— Tem nada *pra* rastrear aí, não, senhor.

— Isso nós vamos ver, o melhor é você ficar de bico calado e deixar que a gente faça nosso serviço.

Dou a volta, sentindo o ar frio refrigerado que serve para manter a carne conservada, banhar meu rosto quente do sol pela porta aberta. Algumas peças de carne, inteiras, estão penduradas por ganchos, o que me chama atenção é que não há variedades, a preferência aqui é pela perna do boi, inteira e pendurada.

Dois homens estão lá dentro, olhando tudo, mas não há muito o que ser revirado, há apenas a carne. Peças enormes de carne. Espera... só peças enormes de carne.

Puta que pariu!

Esses filhos da puta não têm mais o que inventar. Subo no caminhão.

— Nada, capitão.

— *Me* dá uma faca, 09.

Ele me olha de lado, mas me entrega o que peço. Me aproximo da primeira peça, o cheiro de carne e sangue é forte, então enterro o punhal no lado superior próximo ao osso, rasgando a carne conforme vou descendo o punhal. Não preciso sequer abrir o rasgo, o punhal já vem sujo de pó. Ainda assim, abro a peça e pacotes de pó caem aos meus pés. Heroína.

— Os vagabundos sempre dão um jeito!

— Achamos, capitão.

— Quero saber em nome de quem está essa empresa, isso aqui tinha dono certo? É o Paizão e ele não *tá* sozinho, aqui cheira a peixe grande, tubarão.

— É coisa grande, capitão.

— Grande demais!

Volto para a frente do caminhão, onde tanto o motorista quanto o carona estão lado a lado, olhando o chão. Tenho um pacote nas mãos e mostro a eles.

— *Pra* quem era a carga?

Os dois se entreolham, mas não parecem dispostos a falar. Me aproximo.

— *Aí, mermão*, é melhor tu abrir o bico e cantar igual canário, quem é o patrão dessa merda? — Puxo o motorista pelo cangote, arrastando-o até o fundo do caminhão e quase o faço esfregar a cara na heroína espalhada no chão do caminhão.

— Sei não, chefe, somente fui contratado — geme.

— Somente foi contratado? — Ele confirma. — 06, traz o magrelo aí — peço e logo tenho o cara à minha frente. — E você, filho da puta? — pergunto para o rapaz que estava escondido na boleia do caminhão.

— Sei nada não, só peguei carona. — Me encara, com a fisionomia fechada.

— Carona, *né*, sei... — Encaro os dois, é muita droga, parceiro. — Certo e eu sou a chapeuzinho vermelho... Vamos tocar para a delegacia, 07.

O motorista dá um passo à frente e começa a ficar um tanto desesperado, instável.

— Escuta, chefe, se me deixar dar um telefonema, posso conseguir em no máximo uma hora uma bolada que vai permitir todos vocês guardarem um bom dinheiro para a aposentadoria — sugere o magrelo, que vinha com o motorista na boleia.

Aposentadoria... ela ainda vai demorar chegar, mas quando chegar, vai ser com dinheiro honesto, mas o magrelo não precisa saber, ainda.

— É mesmo? — Sorrio — Liga aí *pro* teu patrão, então, 07, devolve o celular *pro* bacana aqui, ele vai ajudar na nossa aposentadoria.

Leandro faz o que peço, entregando o celular que apreendeu minutos antes, o magrelo liga para um número e o ouço dizendo que a casa caiu e que pode ter acerto com a polícia. Percebo que ele sua profundamente e tomo o celular da mão dele.

— Escuta aqui, Paizão, ou seja lá quem for, quer sua carga? Vai *na* delegacia tentar pegar, seu filho da puta, a casa caiu, *mermão*, caiu e já faz tempo, aqui ninguém se vende, seu traficante de merda! — A ligação é encerrada e devolvo o celular para o 07 e encaro os dois presos. — Agora, além de tráfico de drogas, vocês estão presos por tentativa de suborno. Subornar um capitão do BOPE, irmão? Que mancada, parceiro... Agora *bora pra* delegacia, que agora é cana, parceiro. Aí lá, *tu faz* outra ligação e pede um advogado, seu merda!

Confesso, senti falta disso aqui.



Assim que volto para casa, mais cedo, a encontro vazia, silenciosa e com uma desconhecida andando pela sala. Tem uma mulher aqui, uma faxineira, que está acabando de colocar alguns tapetes pelo lugar já arrumado, o cheiro de limpeza sendo espalhado pelo apartamento. Sophie me falou que chamaria alguém para ajudar na limpeza, faxina duas vezes na semana. Em um primeiro momento fiquei de crista alta. Receio pela segurança, nossa segurança.

Mas checo na portaria e a mulher tem boas referências, então, me convenço que é paranoia minha, apesar de não ter gostado de como a mulher me olhou quando cheguei do trabalho. Sinto falta então de Luna, ao passar por seu quarto e vou além, sinto falta de Sophie.

Apesar dessa falta ao chegar em casa e da falta que senti de Alex, hoje foi um bom dia, pois tivemos êxito.

Após a operação, levamos o flagrante para a delegacia da área, após eu explicar para o delegado minhas suspeitas, ele entrou em contato com a delegacia onde a suposta transportadora mantinha sua sede, não foi surpresa, uma hora depois, quando nos avisaram que a transportadora não existia, ela era mais falsa que nota de três reais e o cara que acompanhava o motorista, não era nada mais nada menos do que um dos homens de confiança do Paizão, fazendo a segurança de sua carga.

Não deu muito certo, como podem ver, e a coisa piorou, quando nos ofereceram propina.

Depois que o delegado pegou suas impressões digitais e pesquisou, descobrimos o nome verdadeiro do motorista, sua capivara, ou folha de antecedentes, era enorme e ainda estava com um mandado de prisão em aberto.

E no fim de um turno dobrado, tivemos um dia produtivo, apreendemos vinte quilos de drogas, cinco fuzis e dez pistolas, todas com numeração raspada, todas para o tráfico. E para onde isso ia? Para os seus filhos, seus netos... seus irmãos e parentes. É assim que funciona, a droga vem para comunidade, mas não fica presa ali, ela vai além, destrói famílias e sonhos. É isso o que acontece.

Hoje impedimos vinte quilos de drogas de ir para a rua, e dormi parte do dia, após chegar em casa e muito bem, obrigado. Agora estou preparando o jantar, não só o meu como o de Sophie e Luna. Isso, se a dona encrenca gostar de canja. Essa é minha única especialidade culinária, que aprendi com minha mãe.

— Olha só você, ué... o que é isso? — Por falar nela, ouço sua voz e vou até a sala, a encontrando ainda próximo da porta, segurando uma mochila, olhando para Luna dentro do que chamam de chiqueirinho.

O nome é ruim, mas válido. Desde que a busquei com dona Célia, essa tarde, passamos em uma loja, comprei isso, mais alguns brinquedos e viemos para casa. Bom, ela gostou, está aí dentro brincando, desde então, me deixando fazer o jantar sem maiores reclamações.

— *Tu tinha* comentado, comprei hoje. Estava certa, isso ajuda, comprei também a tal chupeta, mas ela não gostou muito. Talvez use *pra* dormir.

— Podemos tentar. Ela parece ter gostado do chiqueirinho, ao menos.

— Gostou. Vai tomar banho, estou preparando o jantar — falo, ela me olha e se aproxima de mim.

— Sério, jantar?

— Tenho muitos dotes, ainda não lhe mostrei todos. — Observo, com certo apreço, ela morder o lábio e corar. — Canja, gosta?

— Ah, era disso que estava falando.

— Era, comida de verdade, que mente poluída, dona Sophie.

Ela se aproxima mais, a poucos centímetros de mim, seu cheiro aguçando meus sentidos.

— Só a sopa?

— Primeiro vou te alimentar, e depois... não temos hora *pra* dormir hoje, já te deixei descansar demais.

— Convencido.

Aproximo minha boca da sua, selando nossos lábios e vou até seu ouvido.

— E no fundo você gosta!

Ela se afasta, segurando o riso que ameaça aparecer e vai em direção ao corredor.

— Já volto.



Capítulo 38

O novo surpreende... e excita...

Sophie

— O que fizeram hoje para ela estar tão cansada e já ter dormido? — pergunto, estamos na cozinha.

Quando voltei do banho, Luna estava terminando de comer sua sopinha bem amassada e agora está dormindo nos braços de Bruno.

— É apenas o meu charme — ele brinca e eu nego. — Fomos para a piscina hoje e ela não dormiu à tarde. Fui buscá-la e disse à sua mãe que a colocaria para dormir, mas... acabamos na piscina.

— Como um passe de mágica.

— Sim...

— Não pode cortar o horário do sono da tarde dela, já imaginou se ela

se acostuma a não dormir?

— Eu sei, foi apenas hoje, senti falta dela enquanto estava trabalhando, só isso.

Concordo, sentindo algo dar pontadas em meu peito, algo como inveja. Inveja? Sim, inveja de não estar aqui para ir com eles para a piscina. Isso em pensamento já parece ridículo o suficiente por uma vida e sequer penso em responder qualquer coisa. Ele se levanta e eu recolho os pratos para levar até a pia.

— Vai lavar? — pergunta e confirmo, mas ele nega.

— E por que não?

— Eu vou colocar Luna na cama e tenho algo em meu quarto, dentro de uma caixa quadrada, sobre a cama. Me espere lá e ponha o que deixei *pra* você.

— Como assim?

— Só faça o que peço e, ao menos uma vez, sem perguntar o motivo.

— Hum... tão mandão.

Ele sai da cozinha e fico olhando por onde acaba de sair.

“Só faça o que eu peço.”

Imito sua voz, me voltando para a louça. Por que ele é tão irritante, quando parece querer fazer uma gentileza? Mandão, uma coisa que não suporto. Mas tem algo que me deixa mais incomodada do que seu tom mandão, a curiosidade em saber o que deixou para mim em cima da sua cama. Olho a louça dentro da pia e desisto de lavá-la agora, entrando no corredor e passando direto por minha porta, entrando em seu quarto.

Tem mesmo algo em cima da cama, uma caixa branca, de tamanho médio, quadrada. Me aproximo e abro-a. Tenho dois impactos ao ver o que tem dentro, primeiro eu rio e em seguida sinto meu baixo ventre esfriar. Toco a renda branca, transparente, macia.

Pego a primeira peça que está por cima, a calcinha minúscula, que mal esconderia meu sexo. Engulo em seco e pego o sutiã. Uma peça delicada, bonita e transparente. Ele quer que eu ponha isso?

Tem algo mais dentro da caixa, meia-calça. Olho para os quatro cantos do quarto, rindo sozinha.

“Ponha e me espere.”

Ele disse, em tom de comando. Odeio comando, isso sabemos, mas... a excitação que sinto ao imaginar seu olhar sobre mim vestindo isso, é maior que minha rebeldia em não obedecer. Tiro minha roupa, sem esforço algum, tendo alguma dificuldade em pôr as tais meias, essas ligas são um horror para segurar na renda. Sério que gostam de usar isso?

Sempre ouvi Fernanda reclamar de que Alex mal olhava sua lingerie na hora H. Ela gastava uma pequena fortuna comprando sempre as mais bonitas e ele mal olhava, tirando tudo com certa afobação, segundo ela.

Já Bruno parece o total oposto, já eu... bom, nunca me liguei em usar lingerie antes, nem mesmo a coisa de combinar as peças, por mais simples que fossem, sequer uso sutiã, mas antes não tinha... Bruno.

Olho para o meu próprio corpo, me sentindo um tanto desconfortável e estranha, com esse fio dental atolado em minha bunda. Claro, nunca me vi em algo do tipo, nunca cogitei colocar algo assim apenas... para agradar um homem ou... a porta se abre e Bruno entra no quarto, sem camisa, usando apenas a bermuda que usava antes.

Como eu ia dizendo... ou para vê-lo me olhar assim!

Seu olhar me excita, me deixa molhada, mandando embora qualquer desconforto que eu sentia antes. O mesmo olhar que percorre todo o meu corpo, voltando ao meu rosto. Ele não se move, fica parado próximo à porta, me observando.

— Já cogitou obedecer, Sophie? — pergunta, vindo até mim com passos pequenos. — Já cogitou me esperar sempre assim, pronta, mas ajoelhada aqui?

— O que, como... o quê? — Acho que perco, parcialmente, a noção básica de como pensar.

— Eu quero domá-la, Sophie. É isso. Acho que sempre quis e agora, não consigo mais controlar esse desejo.

— Eu não sou uma égua, Bruno — consigo dizer, imóvel ao lado da

sua cama, vendo-o rir e sem entender porra nenhuma do que diz.

Domar? Que vá domar a puta que o pariu, ora essa.

— Não, não é... é uma mulher rebelde, que, até dias atrás, era virgem — fala, se aproximando, ficando às minhas costas, arrastando meu cabelo para o lado, as pontas dos dedos tocando minha pele. — Esse queixo empinado, sempre fez com que eu me perguntasse como você seria entre quatro paredes, como você ficaria sendo uma submissa, minha submissa. — Minha barriga esfria, eu engulo em seco, meu cérebro parecendo congelar ao ouvir o que diz, sem conseguir pensar direito. — Esse queixo enfim abaixado, rendido, entregue, pronta para obedecer. Sabe o que é BDSM, Sophie?

Sinto os pelos do meu corpo arrepiarem. Eu era virgem, mas não morava no mundo da lua ou em um convento no meio do mato, eu sei o que é. Claro que nunca cogitei ser uma... submissa, tampouco uma dominadora. Mas o que ele quer dizer com isso?

— Bruno, eu acho que...

— O que sabe, ou acha que sabe? — pergunta, mas nada falo, congelada. — Não é só dominar, Sophie, no ato há a entrega, a confiança, a obediência... dor e prazer andando lado a lado, uma união perfeitamente prazerosa, para ambas as partes e exige disciplina. Você confia em mim, Sophie?

— Con... confio. Mas...

— Não tem “mas”. Só me deixa te mostrar um pouco do que pode ser esse mundo. É só dizer sim.

— E se eu... eu não nasci *pra* ser submissa, Bruno, isso é meio... surreal e eu não faço esse tipo. — Não mesmo, me dominar?

— Eu sei, por isso você me excita tanto, mas vou ensiná-la, se você deixar. Não quero que seja submissa a mim fora dessas paredes, isso não faz o seu tipo, mas aqui, tem de aceitar que sou eu que mando.

Sorrio, de nervoso e sarcasmo.

— Só pode estar brincando — falo, mas não me movo e sua mão desliza por minhas costas, alcançando minha bunda, alisando-a, para em

seguida, um tapa estalar sobre ela, o barulho me faz pular no lugar e me virar para ele, querendo bater em sua cara.

— Eu não brinco, não com isso. Vai negar que está molhada? — fala e enfia a mão dentro da calcinha de renda, massageando meu sexo e eu chego a segurar um gemido. — Que está excitada com a possibilidade de algo novo?

— Estou, mas...

— Basta confiar, vamos explorar nossos limites, em principal os seus. Escolha uma palavra, Sophie. Algo fácil de lembrar e se eu fizer algo que não goste, que seja insuportável ou desconfortável para você, basta dizer a palavra e eu paro, imediatamente. Veja como uma experiência. É como um código. — Ao dizer código, Bruno belisca meu ponto de prazer, me fazendo pular no lugar, sentindo dor para, em seguida, prazer quando seu dedo entra em mim. Amoleço. Abro mais minhas pernas ainda aqui, em pé, me apoiando em seu tórax e me esquecendo de pensar. — Viu, não é tão difícil assim.

Ele permanece no movimento de vai e vem aqui embaixo, a palma da mão em meu clitóris, fazendo com que sem nenhum esforço, um orgasmo regado a prazer ameaça a me tomar. Abro mais minhas pernas, como se fosse possível, minhas mãos segurando em seu quadril, buscando apoio, seu sorriso em meu pescoço e ele para, logo quando estou prestes a... gozar.

Solto o ar, meu peito subindo e descendo.

— Diga sim, Sophie... é só dizer sim.

— Sim... — falo, meu cérebro e meu corpo parecendo ter virado gelatina.

— Escolha a palavra.

Eu estou impossibilitada de qualquer coisa, até de pensar e demoro a entender sobre o que fala. Ah, sim, a palavra, falo a primeira coisa quem vem em minha mente.

— Branco. — Talvez pela cor da lingerie.

Bruno se afasta e eu quero gemer em desgosto.

— Venha, deite-se — fala, seu tom nada afável, é um comando. — Obedeça, o jogo começou — continua.

Eu disse que experimentaria, não disse? Mas confesso que na primeira

ordem, tenho vontade de rir e negar qualquer obediência. Vou até a cama, me sentando na borda, me sentindo patética ao me deitar, mas ele me para antes que eu consiga fazer isso.

— Fique assim, sentada, e abra as pernas.

É erótico além da conta, não nego.

Sou inexperiente e talvez isso pareça tão doce a meu ver, tão... gostoso. Meus olhos não deixam os seus quando ele se agacha à minha frente, segurando ambos os meus joelhos, os afastando mais e abaixando o rosto até meu sexo. Ele inspira meu cheiro e coloca a língua para fora, lambendo toda a minha boceta por cima da renda da calcinha, chupando. Fecho meus olhos, gemo em êxtase, vendo-o prender a renda da calcinha entre os dentes e puxá-la, me olhando.

— Seu gosto é delicioso, Sophie... agora sim, deite-se.

Engulo em seco, tendo mais uma vez um orgasmo negado, o que não me deixa menos excitada, apenas, frustrada. Ele se vira para o lado, pegando algo metálico. Arregalo meus olhos ao ver algemas em suas mãos.

— Alguma restrição?

Abro minha boca para falar algo, mas falar o quê? Isso, isso, isso é surreal... apenas nego com a cabeça, é meu primeiro um impulso.

Deitada e um tanto exposta, vejo-o me prendendo à cama, um pulso, depois o outro.

— Quanto mais se mexer, mais ela aperta seus pulsos, entendeu? Tente ficar quieta.

— Está de brincadeira, não é?

— Qual a palavra de segurança?

— Branco.

— Isso. Agora *tu tá presa*...

Bruno se afasta, olhos em mim o tempo todo, como se me ver presa aqui, fosse o que sempre quis. E como eu me sinto? Estranha, rendida, presa, submissa e excitada. Uma mistura que parece explosiva aqui dentro. Aperto uma perna na outra, sentindo-me molhada, excitada sobre o seu olhar.

Bruno nunca foi fácil, sempre me pareceu autoritário, algumas vezes arrogante, dono do mundo e talvez por isso nunca fomos próximos. Esse seu jeito mandão me irritava, me irrita, ainda assim, aqui estou eu... aceitando me render. Agora eu entendo, nada de mulheres, namoradas, relacionamentos, nunca o vi com ninguém... este é o motivo?

É o que quer de mim? Mas a pergunta é... e o que eu quero dele?

Mas pelo que sei, o pouco que sei, o gosto sexual de um dominador não anula relacionamentos, a menos que ele não queira. O que me deixa surpresa e com o cérebro feito gelatina é que eu estou aqui, presa por algemas, totalmente entregue, à sua mercê, confiando nele como nunca confiei em alguém. E isso me dá medo.

— Sei que tem resistência à dor, Sophie, sei disso porque, bem... já subimos em um ringue. Mas aqui, como se comportaria se eu te... — Para, empurrando minhas pernas para o lado, deixando a lateral da minha bunda livre, e estalando um tapa nela, mais um. — Te batesse assim?

Movo-me, no impulso de me levantar.

— Seu... — Sinto as algemas me prenderem mais, assistindo-o rir, para, em seguida, passar a mão no lugar que bateu, beijando, passando a língua na pele que arde, me tirando do prumo. É como se após um castigo, ele me desse uma gratificação.

— Gosta da dor, Sophie?

Meu peito sobe e desce, enquanto seu corpo paira sobre o meu, sua boca indo de encontro ao meu seio, segurando o bico entre os dentes, mordendo-o, chegando ao limite da dor, para, em seguida, passar a língua em uma carícia. Isso responde direto em meu sexo e aperto mais uma perna na outra.

— Isso, o que está sentindo... é o limite entre dor e prazer, mais prazer do que dor. É no que consiste o que quero, o que gosto, o que sou. Dar prazer, um prazer que poucas pessoas se permitem, um prazer sem limites. Até onde estaria disposta a ir para sentir prazer?

Eu devo estar perplexa, pois ele já fez umas três perguntas que eu não respondi.

— Eu não sei... eu... — Estou ofegante e ele mal tocou em mim. —

Vamos testar.

— Quando estivermos aqui, Sophie, falar também é proibido, a não ser que eu pergunte algo, que eu exija uma resposta, ou que fale para dizer a palavra de segurança que combinamos. — Ele sorri, sarcástico, aquele sorriso que antes eu não suportava, mas que agora, me parece sexy... filho da puta.

— Agora, além de querer me domar como uma égua, quer eu use arreios na boca? — falo, inconformada para o que acaba de dizer, tudo tem limite.

Bruno se levanta e passa os dedos por meu pé, vindo de encontro ao meu joelho, coxas e sexo, massageando-o. É impossível ficar quieta, é impossível não sentir o aperto das algemas em meus pulsos.

— Viu o que eu disse, é essa crista, essa língua afiada que eu pretendo, não, que eu vou domar — fala, com seriedade, enquanto tenho os olhos fechados, sentindo meu clitóris pulsar com as pontas dos seus dedos. — Abra os olhos, Sophie.

Obedeço, nem tinha notado que eles estavam fechados, bêbada de prazer e excitação. Bruno pega algo em seu bolso, algo metálico, pequeno, que me lembra um bico de pato de cabelo, porém, menor e sem tantos dentes. Um a um ele os coloca no bico do meu seio, acertando a pressão, seus olhos sem deixar os meus, querendo saber o que sinto. Dor... dor e prazer, como ele disse, e movo minhas pernas no colchão, buscando atrito.

— Hã... — gemo, vendo-o se colocar de joelhos entre minhas pernas, e admirar a peça rendada, para no segundo seguinte, rasgá-la e me deixar nua. — O quê...

— Quieta.

Bruno levanta meus pés, os apoiando na cama, abrindo minha boceta para ele e então pega algo na lateral na cama, que eu ainda não tinha visto. É uma espécie de... chicote?

— O que vai fazer?

— Nada que não vá te dar prazer. Confie, hoje pode falar, perguntar, na próxima vez, não.

Engulo em seco, vendo-o passar o adereço de couro, pequeno, em mim,

desde o meio dos meus seios até minha boceta, encharcada. Bruno me olha, sorri e então bate em mim, no meu sexo e faz com que eu me contorça. Um misto toma conta de mim, rebeldia, dor, prazer, excitação. Ele me olha, como se esperasse que o mandasse parar, mas o prazer ganha de qualquer outra sensação. Abro-me mais para ele e o sinto bater novamente. Não é algo forte, que machuque, mas o mínimo para causar sensações de dor, irradiando tremores de prazer.

Apanho quatro vezes em meu sexo, vendo o prazer banhar sua face, o short ganhar volume na parte da frente, seu membro ereto. Lambo meus lábios, lembrando-me do seu gosto e inusitadamente tenho vontade de chupá-lo.

Bruno deixa o adereço cair, abaixando seu rosto entre minhas pernas e me chupando, de início delicadamente e depois, como se quisesse me engolir. Gemo, me contorço, grito de prazer, ao tempo que sinto meu pulso doer e tento me manter imóvel, sentindo seu dedo acariciar meu ânus. Ele sabe o que faz, onde tocar e me leva a atingir o orgasmo quando sua língua entra em mim, longa, áspera, molhada, potente.

Meu corpo entra em combustão, um dos melhores que já tive, enquanto seu dedo trabalha junto a sua língua, enquanto espasmos tomam meu corpo, minha alma... a entrega que ele tem de mim é completa e quando meu corpo consegue parar, sinto minhas pernas sem forças. O que ele faz comigo?

Sua língua ainda brinca com minha boceta e só então me dou conta, seu dedo não estava em minha boceta, mas lá atrás e eu sequer senti, até ele tirá-lo da minha bunda.

— Onde esse dedo estava? — pergunto, um tanto surpresa.

Ele me beija, o peso do seu corpo sobre o meu, sua língua uma carícia bem-vinda, seu cheiro me deixando excitada, assim como a gota de suor que desce do seu tórax, caindo em meu peito. Seus beijos descem por minha bochecha, indo ao meu seio e com a boca, ele puxa de uma vez a presilha, me fazendo sentir como se algum bicho tivesse picado, voltando a passar a língua no local, uma carícia. Em seguida faz o mesmo com o outro e eu gemo, voltando a me mexer quando sua língua acaricia o outro seio. É como estar caindo em um abismo.

Bruno se levanta, pega algo em seu bolso enquanto apenas o observo. Com a chave nas mãos, ele vem até mim e me solta, uma mão depois a outra, fazendo um carinho com o polegar em meus pulsos. Em seguida fica de pé, tirando sua roupa, ficando totalmente nu.

Nunca pensei que diria algo assim, mas ele é perfeito... até mesmo seu pau, ereto, grosso, imponente e eu o quero.

— De quatro! — comanda, levanto o queixo e vejo seu maxilar travar. Eu disse que experimentaria.

Aos poucos, sentindo minhas pernas ainda bambas, fico de quatro e o ouço rasgar o papel da camisinha e, sem aviso algum, estapear minha bunda. Olho-o por cima do ombro, vendo sua expressão severa.

— Quando eu te der uma ordem, aqui, não levante o queixo *pra* mim, apenas obedeça.

Quero mandá-lo à puta que o pariu, mas o desgraçado tem o pau apontando para mim, dando uma ordem enquanto o masturba. Rendida, abaixo meu rosto, implorando intimamente para que me penetre e ele o faz, de forma bruta, sem aviso, me fazendo gemer e voltando a estapear minha bunda. Jamais imaginei que gostaria de algo assim, mas sejamos sinceros, é bom, muito bom.

Sua mão vem ao meu cabelo, o segurando com força, sem puxá-lo e seu membro me preenche por completo, sinto tudo ao mesmo tempo, até mesmo minha perna falhar e ele me manter no lugar.

Sinto seus beijos em meu pescoço e ele busca minha boca, entrando e saindo de mim. Eu não sei se é comum, normal, tanto prazer assim. É algo maior do que já senti, beira à insanidade e busco mais atrito enquanto o beijo, busco que vá mais fundo, mais bruto, mais rápido.

Ele parece me entender.

— No fundo, é assim que gosta, não é? Gosta de mandar lá fora, mas aqui... gosta disso, não é, cachorra?

Sinceramente, essa frase, neste momento, deveria minar qualquer excitação que sinto, mas seu pau e sua mão massageando meu clitóris impedem qualquer pensamento e eu apenas me entrego ao que sinto, ao sexo, ao desejo, ao cheiro, ao prazer. Estou à beira do abismo e agora só me deixo

cair, em queda livre, até não conseguir me manter de quatro, meu corpo rendido, indo de encontro ao colchão.

Sinto o peso do seu corpo sobre o meu, sua respiração em meu pescoço, suas mãos em meu corpo.

— Isso foi... — começo a dizer.

— Insano.

— Isso... insano e surpreendente.

Sinto-o sair de mim, se deitando ao meu lado, de barriga para cima, me olhando.

— Você foi perfeita.

Sorrio, eu não sei o que fui, sequer sinto minhas pernas.

— Venha. — Ele se levanta e estou pronta para negar, pois se ele quer outra rodada, eu não estou apta. — Me deixa cuidar de você.

Sua frase me paralisa, como cuidar de mim? Me viro, meu corpo mole, minhas pernas sendo nada mais que gelatina e ele parece perceber. Bruno sorri e se abaixa, apenas para me pegar em seus braços.

— Vamos inaugurar a banheira... mais uma inauguração para você e eu aviso, não vá pensando que será sempre fácil assim.



Capítulo 39

*O passado... eu já disse que ele
sempre volta?*

Bruno

Pego a esponja de banho, a afundando na água e depois a espremendo sobre os seios de Sophie, que está deitada na banheira, à minha frente, sua cabeça encostada na curva do meu pescoço, suas costas em meu tórax. Inspiro o cheiro do seu cabelo, amarrado em um monte alto, para não os molhar.

— Como se sente? — pergunto e ela sequer abre os olhos ao falar:

— Relaxada.

— E como se sentiu com relação ao que fizemos há pouco?

Os olhos negros de abrem e ela me olha, séria, em seguida a sombra de um sorriso ameaça aparecer em sua boca.

— Foi diferente... e sobre isso, sexo com você, é sempre assim? As outras duas vezes, foi uma exceção *pra* você? Pergunto, porque disse que aquilo, dominação, fazia parte de você.

Beijo o topo da sua cabeça, abraçando sua cintura.

— Não. Não é sempre assim, mas sempre estou no controle. Transo como qualquer outra pessoa, como consideram normal... como o que fizemos. Mas mesmo no sexo comum, posso ser dominante, ainda que minha parceira não se dê conta disso. Mas tenho essa necessidade, faz parte de mim, estar no controle, ter minha submissa ao meu bel prazer.

— Sua submissa.

— Isso.

— Então tem uma?

— Como assim? Ciúme? — brinco e ela em olha com uma cara nada boa.

— Não fode — fala, com mau humor e eu abaixo meus lábios, alcançando sua orelha.

— Posso foder, se pedir... e não, não tenho uma submissa. Já tive, mas no momento não tenho.

— Por quê?

— Porque deu certo até o momento que ela ultrapassou limites. Limites com relação a sentimentos.

Vejo-a levantar as sobrancelhas e deixar o ar sair de seus pulmões, olhando o azulejo branco à frente.

— Ah... não pode haver sentimentos?

— Bom... há quem se case com uma submissa, namore, enfim..., mas há quem prefira manter apenas a relação sexual, um Dom e uma sub, apenas.

— Seu caso.

— Meu caso — confirmo, fazendo um carinho por seu braço.

— Interessante. É como ter alguém sem ter... alguém apenas para aplacar seus desejos.

— Na forma crua de explicar, sim, basicamente é isso. E você, gostou do que sentiu?

— Foi controverso, tive vontade de socar sua cara, na mesma medida que queria me sentar nela. Foi estranho.

Eu rio, na verdade, gargalho. Essa Sophie eu ainda não conhecia, não essa que se permite falar, curiosa e que me faz rir.

— Vou te levar a um lugar — íntimo e ela me olha de canto.

— Não podemos sair.

— Não é sair para comer, ou nada do tipo, não é um encontro. É um lugar discreto, quero te mostrar algo, te apresentar por completo ao mundo de dominação, submissão, sexo...

Quero testar seus limites, ir além, passar do básico, que foi o que fizemos hoje. Peguei leve, quis apresentar algo novo a ela, sem deixá-la surpresa ou apavorada, acho que deu certo. Com uma mulher experiente seria diferente, mas até poucos dias atrás Sophie era virgem, então irei com calma.

— Vai me levar a um puteiro? — Sorri, bonita, leve até.

— Que boca suja... não, não isso. Mas em um clube BDSM.

— Hum... é lá que acha suas presas...

— Se quer chamar assim — falo, vendo-a levantar o pé e apoiar na beira da banheira. — Você está diferente, aconteceu alguma coisa hoje que não me contou?

— Diferente como?

— Está parecendo mais leve.

Ela se afasta, se virando de frente para mim, indo para o lado oposto da banheira, seus pés sobre minhas pernas.

— Ele foi me ver, Pedro...

Surpreendo-me e tento ver em sua expressão o que isso lhe causou.

— Mas já? Por que não disse nada antes? — pergunto, incomodado por ela esperar uma eternidade para me contar algo assim, ela apenas levanta a sobrancelha, um recado mudo.

Sophie não é mesmo como outras mulheres, seu principal diferencial é que ela não fala. Se quiser saber algo, pergunte, nunca pensei que isso me irritaria em uma mulher.

— Foi como... era como se eu o conhecesse. Era como se eu tivesse perdido uma peça de um quebra-cabeça e enfim... resgatá-la. Sabe quando você sai e passa dias fora de casa e quando você volta, um sentimento delicioso toma conta de si, apenas por estar em casa?

— Sei.

— Foi assim. Nunca gostei de ser tocada, Bruno. Ser tocada por desconhecidos ou conhecidos... me levavam para o passado, para algo que quero esquecer, não sei explicar porque a repulsa, é só que... com ele não. Deixei que ele me abraçasse e me senti... bem, em casa.

Repulsa em ser tocada? A cada dia, a cada minuto, Sophie revela algo novo sobre si, é como se eu, no fundo, não conhecesse metade do que ela realmente é. É estranho constatar isso, ao mesmo tempo curioso o sentimento de querer entrar, em descobrir mais e mais sobre ela.

— Sophie, quando deixou de sentir repulsa por meu toque? — pergunto e ela me olha, mudando o olhar em seguida, olhando as mãos.

— No hospital, na noite em que... perdemos Fernanda e Alex, foi quando me abraçou... eu não quis fugir.

— E com Pedro hoje aconteceu o mesmo?

— Sim e conversamos, ele é realmente alguém bom e me procurou, no passado, e minha mãe também... ela veio para o Rio por isso, porque se casou de novo e para me encontrar. Acredita? Pedro disse que a última coisa que ela disse ao morrer, foi meu nome.

— O que sentiu com isso?

— Não sei bem, senti muito por ela, ela sim se lembrava bem de mim... senti também por mim, nunca saberei como ela me amava, como ela realmente era, mas estar com Pedro, estar ali vendo seus olhos foi... foi bom. Ele passou algum tempo comigo, na academia e me contou muita coisa. Ele é o que chamam de perfeito. E me convidou para almoçar em sua casa, no sábado, conhecer sua filha.

— Sua sobrinha — falo o óbvio e ela me olha e depois sorri.

— É... é estranho, não é?

— Não, não é. É incrível.

— Também é. Achei que ao ver *ele*, eu me sentiria triste, confusa, não sei explicar, mas ele transmite uma paz, cuidado... calma... que eu nunca senti em ninguém e eu só consegui sentir gratidão por conhecê-lo.

Pego um de seus pés, massageando-os, sorrindo ao notar seus olhos brilhando ao falar de Pedro.

— Isso é bom... não, isso é ótimo.

— Sim. Tem um irmão, não tem? Ben uma vez me contou... acho que mora fora? — pergunta, sugestiva. O que mais Benjamin contou?

— Morava, agora está aqui, no Rio.

— Sério?! Vocês são próximo?

— Não muito... — Dou de ombros e vejo a curiosidade brilhar em seus olhos.

— Por quê?

— No passado, ele fez algo que eu considerei imperdoável... ainda penso assim.

Ela fica séria, me analisando apenas enquanto continuo a massagear seu pé, fingindo não me importar com seu interesse, em falar e Heitor.

— Eu não sei dar conselhos, acho que não sou boa nisso, convenhamos, sou uma bagunça, mas eu entendo, o passado... nem sempre é passado, não é? — Eu a olho, ela entende.

— Sim, é. Quer que eu vá com você? No almoço? — pergunto, mudando de assunto e ela sorri.

— Quer ir comigo?

— Você é péssima, era só dizer se queria. Mas quero, não imagino você em um almoço em família, em meio a pessoas que no fundo, ainda são estranhas *pra* você.

— Às vezes me irrita saber que me conhece bem. — Provocadora, seu

pé chega ao meu pau, subindo e descendo, trazendo-o à vida.

— Não deveria brincar se não pode continuar a brincadeira, Sophie.

— Quem disse que não posso?

Puxo sua mão, a trazendo para mim, a montando em meu colo, meu pau raspando sua pélvis, endurecido de tesão por ela, mais uma vez. Geralmente após o sexo que fizemos, eu iria para o meu quarto, mas Sophie está me saindo uma tentação dos infernos.

Beijo sua boca enquanto ouvimos pingos de chuva cair lá fora.



Um trovão corta o céu, iluminando o quarto, enquanto tenho uma toalha enrolada em meu quadril e Sophie em outra, estando no canto do quarto, passando creme em si e percebo que não é só do cheiro do seu xampu que gosto. Estou na porta do banheiro, encostado na lateral, olhando-a se arrumar, preso em sua imagem.

Antes, no passado, caso eu tivesse continuado a tentar chamar sua atenção, teria dado certo? Fernanda e Alex namoravam desde aquela época e ali, eu ainda não conhecia Paula, era ingênuo e galanteador além da conta. Me pergunto se, caso o seu irmão não tivesse entortado o meu nariz e me proibido de chegar perto dela, se algo teria sido diferente.

Se em algum momento, teríamos nos aproximado. Eu deixei de tentar, ela nunca quis chegar perto, éramos conhecidos pelas circunstâncias. Ela, a melhor amiga de Fernanda, eu de Alex. Aos poucos fomos endurecendo, ela sempre foi assim, já eu, a vida me moldou. Batemos de frente, opiniões diferentes, personalidades parecidas e eu deixei de vê-la como uma mulher atraente. Cheguei a cogitar que ela sequer se interessava por sexo, romance ou algo do tipo.

Mas a verdade é que Sophie nunca tinha se entregado a alguém, fui seu primeiro homem, o que me traz um sentimento de posse patético, estilo homem das cavernas, que me incomoda. Bom, imaginá-la com outro está fora de cogitação, quero-a, como minha submissa, moldá-la para mim. O plano é

levá-la ao clube, testar seus limites, saber o que gosta e o que não gosta e propor um acordo.

Nego.

Foda-se o acordo. Aquele em que eu vejo minha submissa apenas no clube ou em meu quarto. Não, o acordo é fodê-la no clube quando quisermos e aqui também ou em qualquer lugar.

— O que foi?

— Nada, estava admirando o móvel — respondo e ela olha a penteadeira à sua frente.

— Você pode... — Acho que ela ia me mandar embora, mas para, fechando os olhos e segurando na madeira da penteadeira com força, quando um trovão alto corta o céu.

Fico a observando e, mesmo depois do barulho, ela não abre os olhos, mantendo-os fechados com certa força. Me aproximo e toco seu ombro, só então ela abre os olhos e enxergo medo neles, pavor...

— Posso ficar, se quiser.

Na vida, pouco dormi com mulheres. Paula, Cristine... dormi, apenas com elas, as outras eu não dormia, passava a noite as fodendo. Mas claramente, ao ver o corpo de Sophie tremer, sei que algo relacionado ao temporal que cai lá fora a afeta.

— Quero, eu quero... só até a chuva passar, caso depois queira voltar *pro* seu quarto.

— Eu fico — confirmo e me sento na cama, vendo-a respirar fundo e procurar uma roupa no armário. Um baby doll, de cor vermelha.

— Novo?

— Eu não uso roupa *pra* dormir, mas quando viemos *pra* cá, achei que precisaria. Comprei alguns conjuntos.

— Sério, sem roupa, nadinha?

— Você não cansa de ser pervertido? — Ela vem em direção à cama.

— A luz, não vai apagar a luz? — pergunto e ela dá de ombros.

— Melhor não... não por enquanto.

Afasto o lençol, a recebendo ao meu lado. Um trovão volta a rasgar o silêncio e sinto seu corpo se assustar, as unhas de Sophie cravarem em meu braço e a puxo para o meu peito, a abraçando. Ela não nega o afago, passo a mão por seus cabelos, deslizando os fios, aos poucos sentindo-a relaxar após o silêncio ser restaurado.

— Qual tua história, Sophie? — Ela me olha, brevemente e volta a encostar seu rosto em meu peito, a mão descansando em minha barriga.

Não espero que fale, acho que continuará em silêncio e quando fecho meus olhos, ela começa:

— Passei por lares adotivos... alguns eram... bem, um foi legal, Elza realmente se importava com as crianças em sua proteção. Outro era bem ruim, mas dois deles eram... cruéis.

— Em que sentindo?

— No sentindo de trancarem uma criança no armário, em meio a um temporal, à noite, junto com baratas e ratos, apenas porque ela derramou leite no chão. O medo foi tanto... que a criança chegou a fazer xixi na roupa e, no dia seguinte, ela apanhou novamente, por fazer xixi ali dentro.

Toco seu rosto, levantando meu tronco e olhando para ela. Seus olhos não encontram os meus.

— Quem era essa criança? — pergunto, já que ela falou em terceira pessoa.

— Não faça disso um evento, já passou.

— Como *tu pode* dizer isso? Como passou?

— Eu sobrevivi, me tornei mais forte, venci... ficou no passado. Só isso. Nunca falo disso, exatamente por receber essa expressão das pessoas, pena... odeio que sintam pena de mim, não sou uma coitadinha, Bruno, não mais.

— Você se libertou, foi a heroína da sua própria história — confirmo e entendo de onde vem o final mirabolante de sua releitura de Rapunzel.

— É... era isso. Ninguém me salvou da torre, ninguém me tirou do armário, mas ainda assim, eu estou aqui. Então, sim, é passado.

Eu entendo, de alguma forma, eu entendo. Falar traz lembranças,

lembranças trazem dores adormecidas, mesmo assim, eu não consigo não perguntar:

— As marcas em suas costas...

— Não foi lá.

— E aonde foi?

Ela respira fundo, soltando o ar em seguida.

— Hoje não, não quero falar disso, não quero estragar o dia.

— Vai me contar algum dia?

— Talvez sim... outro dia.

— Eu vou cobrar — falo, voltando a me deitar e a aconchegá-la em meus braços, sendo incapaz de imaginar a cena, a apertando em meu abraço. Não é pena o que sinto, é raiva, um instinto de proteção tomando cada célula do meu corpo, querendo colocá-la em uma redoma de vidro em que nada, nem ninguém possa machucá-la.

A chuva aumenta e permanecemos em silêncio, mas algo a incomoda, Sophie não relaxa.

— Podemos trazer Luna *pra* dormir aqui, o que acha?

— Hoje?

— É, a chuva... ela pode se assustar, não é?

Percebo seu sentimento, sua proteção pela menina, o medo de deixá-la sozinha em meio a um temporal, assim como a deixaram no armário, mesmo que Luna esteja muito bem agasalhada, confortável, logo ali ao lado. Sorrio e beijo seus lábios, me levantando.

— Vou vestir um short e buscá-la, a gente encaixa aquele berço ou sei lá como chamam, ao lado da cama. Sempre que chover, ela dormirá conosco, não a deixaremos sozinha. Tudo bem?

— Perfeito!



Capítulo 40

*Como reconhecer o amor? Como
saber se é verdadeiro? Não há como
saber, apenas se doe e acredite no
sentimento que pulsa em seu coração.*

Sophie

— Mamamamama.

Ouçó algo ao longe, bem longe... e pisco os olhos, a luz do quarto passando a incomodar meus olhos, minha mente me dizendo que o dia já chegou. Não só isso, me dizendo que já é tarde. Sinto um toque suave e pequeno em meu braço e olho para o lado, vendo Luna sentada na cama, batendo em meu braço, com Bruno deitado atrás dela, nos olhando e sorrindo.

— Bom dia, estávamos esperando você acordar!

Estou perdida, tentando entender como... Bruno e Luna estão aqui. Ah,

a chuva, o aconchego, a proteção. Ele ficou, ele dormiu comigo, ambos dormiram.

— Que horas são? — pergunto, coçando o meu rosto.

— Passam das sete da manhã.

Meu coração salta no peito, meu cérebro trabalha com rapidez e me sento na cama de imediato, fazendo Luna sorrir.

— Meu Deus, combinei com Benjamin às 5h30. Por que não me chamou? — pergunto, me levantando apressada, procurando a toalha, vendo-o despreocupado se sentar na cama e trazer Luna para o seu colo.

— Você dormiu tão bem, até roncou, eu não queria te acordar, mas Luna não concordou.

— Droga... como eu dormi tanto? Eu nunca durmo até às 7h30. Infer...

— Olha a boca.

— Ah, merda! — conserto e não sei o que é pior, essa menina vai acabar falando um palavrão como sua primeira palavra.

— Vai tomar banho, eu cuido dela.

— Claro que é você, eu, eu, eu...

— Tá atrasada e desnorteada.

— Isso.

— Só vai, Sophie!

Concordo, entrando no banheiro e fechando a porta atrás de mim. Por que diabos eu dormi tanto?



— Você está estranha.

— Impressão sua. — Estou sentada na beira da piscina, acabamos um treino pesado há pouco e claro, levei uma puta bronca ao chegar, atrasada.

— Não é impressão minha, em cerca de um mês você descobriu que tem um irmão, que mentiram *pra* você sua vida inteira, perdeu sua melhor

amiga, a única amiga, e ganhou um bebê para ser seu. Não pode estar bem, seria humanamente impossível. Fala, o que está acontecendo?

Ele não deixa de ter razão. Internamente eu estou uma bagunça, cheia de dúvidas e medos... medos que eu não sentia há muito tempo. Agora que a poeira baixou, que a realidade caiu sobre mim, eu venho me perguntando se eu posso mesmo cuidar de Luna. E tenho medo de não conseguir, de não ser suficiente. Convenhamos, Bruno tem mais jeito com ela do que eu jamais vou ter.

Sinto medo quando estou sozinha com ela, medo que se machuque, medo que ela chore, medo que... ela não me ame. Eu nunca tive medo de que alguém não me amasse, eu nunca quis amor, mas quero, muito, que Luna veja em mim um porto seguro. Mesmo que no fundo, eu não tenha certeza de que sou capaz disso.

Ainda tem Bruno, sim, o brutamontes que parece ter duas faces. Como dizer isso a Benjamin?

Eu poderia dizer: você esqueceu algo nessa sua lista, sabe o quê? Estou transando loucamente, com Bruno, o cara que até um mês atrás, eu achava um pé no saco e também, seu melhor amigo. E estou gostando, gostando muito. Só pensar nele e minha vagina começa a latejar, como se meu coração estivesse batendo em meu clitóris.

Sim, eu poderia, se eu fizesse o tipo do qual conversasse, ainda mais, esse tipo de coisa. Sinto falta de Fernanda, com ela seria fácil... seria fácil, inclusive pedir ajuda, conselho ou sei lá o quê.

Estou estranha e agora. Conseguir dormi uma noite inteira. Eu nunca durmo bem, geralmente acordo duas ou três vezes na noite, sonhos estranhos, sustos no meio da noite, ou só insônia. Mas essa noite, eu simplesmente apaguei, em meio a uma tempestade. E a sensação ao acordar e vê-lo ali, com Luna pela manhã, foi de estar protegida. Isso claro, antes de surtar com a hora.

Mas o que está me deixando louca, é que, porra... desde quando precisei de um homem para me proteger? Me sentir segura?

— Pedro veio aqui. — Opto por começar a falar algo seguro, eu não conseguiria me abrir com Benjamin, não sobre Bruno.

— Pedro? O cara que...

— É meu irmão... de sangue.

Benjamin sorri, ao tempo que parece pensativo. Ele se aproxima e se senta ao meu lado.

— Foi o cara que saiu ontem do seu escritório?

— Isso. Era ele.

— Tem pinta de gente grande. Médico, não é?

— É, é sim.

— Como foi?

— Foi... como achar a peça perdida de um quebra-cabeça. Uma peça-chave, uma peça boa, uma peça... ele parece alguém bom!

— Fico feliz — fala, olhando a água parada à nossa frente.

Estive pensando em como seguir com isso daqui em diante. Pedro, sua família, Benjamin, Célia... como conciliar. Em um dia, eu não tinha ninguém e em seguida fui acolhida por uma família pronta e soube, pela primeira vez, o que era sentir amor. Agora, tem Pedro, um homem que já parece me amar, um irmão. Como Célia e Benjamin se sentem com isso?

Bato meu ombro no seu.

— Você é o meu irmão, sabe disso, não é?

— Sei e não importa quantos irmãos apareçam, eu sempre serei o seu favorito.

— Isso, isso... sempre o meu favorito. Você é o meu irmão por opção, Benjamin. E eu te amo!

É engraçado a cara com que ele me olha, arregalando os olhos e em seguida rindo.

— Onde está a Sophie que conheço? Aquela rabugenta que nunca diz eu te amo?

O ar divertido vai caindo, meu sorriso vai morrendo, e respiro fundo, olhando a água à frente.

— Eu nunca gostei de falar muito, sou assim. Não gosto de me abrir,

não consigo, mas a morte de Fernanda me deixou uma lição. Hoje pode ser nosso último dia juntos, por algum motivo qualquer e eu não me perdoaria se eu não tivesse dito a você que te amo. Você é o fio invisível que me mantém na linha, Ben.

Seus olhos estão em mim, afáveis, carinhosos. Ele me entende, Benjamin também perdeu um amigo, Alex.

— Eu também te amo! — Ele abraça meus ombros, me trazendo para mais perto de si.

Perder Fernanda foi um choque de realidade. Eu jamais poderia prever o que aconteceu, jamais. Só que ela se foi... se foi sem que soubesse como era importante para mim, como era luz. E tudo isso se deve ao fato de que eu não consigo falar, me expressar, dizer o que sinto, pelo medo de amar. No fundo, a culpa está aqui. Culpa por fugir do seu abraço, do seu amor, dos jantares.

Culpa de não a atender, em demorar a responder uma mensagem simples. Hoje só me resta um pedacinho dela e de Alex, que agora... é minha!

— Ei, *tá* tudo bem?

— Sim, está sim.

— Sophie, tem certeza de que não quer adiar a luta?

Olho-o, pela primeira vez, a poucos dias de subir em um ringue, em uma luta importante, eu não estou realmente focada na luta em si, em vencer. Mas isso não quer dizer nada, eu preciso voltar a ter foco, disciplina, preciso ganhar essa luta. Ela é decisiva! Preciso ser eu novamente.

— Tenho... é só mais um obstáculo, eu vou conseguir!

— Ótimo, preciso que esteja bem, caso contrário, podemos adiar.

— Estou bem, estou sim.

— Perfeito. As aulas de natação... as inscrições serão abertas semana que vem?

— Isso. Legal, não é?

Descobrimos que aulas de natação podem ser rentáveis. Precisamos

mexer alguns detalhes, fazer uma abertura na lateral do muro da academia, para que as crianças não precisem passar por dentro da academia para chegar até a piscina.

Alguns detalhes ajustáveis. Daqui a duas semanas começaremos as aulas e a professora que eu queria, eu consegui.

— É sim e sabe o que é mais legal?

— O quê?

— O quanto se importa com Luna. Ela mudou você, Sophie, e não de uma forma ruim, nada disso. Você está se tornando alguém melhor, se é que é possível.

Nada digo. Alguém melhor. Estou mesmo? Posso ser alguém melhor, ainda posso mudar?

— Vamos voltar ao treino?

— Como quiser, campeã.



— Você está estranha!

Levanto o rosto, tendo a impressão de já ter ouvido isso hoje, vezes demais até. Ah, claro, mais cedo, com Benjamin. Não estou estranha, estou pensativa. Pensando em Pedro, em mim, em Luna, em quem perdi, em tudo... e na luta.

— Estou bem. É só ansiedade com a luta.

— Hum... está próxima, não é?

— Por aí. Muita coisa aconteceu, acho que ando mais preocupada. Com dúvidas, não sei. Não sei nem por que estou falando isso com você, como eu disse, é só a ansiedade.

— Como não sabe porque *tá* falando? Sou sua luz agora, se lembra? O seu sol brilhante.

Sorrio, ele é patético.

— Você é ridículo.

— Mas te fiz rir.

— Palhaço.

— Sabe... o que gosta de fazer, para animar?

— Eu? Nada. Não sou animada.

— Isso sabemos, eu digo para sair da maré de ansiedade, o que costuma fazer?

— Nada — falo e dou de ombros. Bruno me olha como se eu fosse um ET.

— Levanta. — Mal me olha, pegando o celular.

— Não estou a fim e não vamos fazer sexo na frente da menina, pode parar de querer mandar em mim.

Ele paralisa, deixando de olhar a tela do celular, parecendo ofendido.

— Acha que sou uma máquina de sexo? Ei, eu tenho limites.

Sorrio, seu rosto parecendo indignado, até... aquele sorriso sacana aparecendo em seu rosto. Por que não vi isso nele antes?

É simples, porque eu não queria deixá-lo entrar, não queria mais um amigo, não queria ninguém.

— Levanta! — manda novamente, deixando o celular sobre a mesa, que começa uma música animada. Ele está de sacanagem. — Vem, vamos dançar.

— Eu não danço, de onde tirou isso?

— Precisa relaxar, dançar ajuda. — Tenta me convencer e eu continuo estática. — Anda, eu também não danço, vem.

— Oi?

— A música... vem.

Levanto-me, rindo e incrédula do que estou fazendo. A mão grande pega a minha e ele começa a se mover, desconexo com a música, ele realmente não dança. E me olha, uma crítica muda, por eu estar parada aqui, o olhando, apenas. Movo a cabeça, conforme a batida da música vai ecoando,

uma música da “Sia”.

Minhas pernas ganham um compasso, movimentando meu corpo, minimamente.

— Você é patético.

— E você é desengonçada. Nunca foi a uma balada?

— Não, nunca. E você não é nenhum pé de valsa para me julgar — falo e ele pega minha mão, me rodando e me puxando para si.

— Chega a ser ofensiva. — Sua boca está próxima, o hálito quente toca minha face e eu sinto seu cheiro mais forte. Outra música começa, uma batida mais sensual e ele se aproxima, minimamente. Roçando seus lábios nos meus, sua barba me fazendo cócegas.

Mordo seu lábio inferior, por um instinto, e sinto sua mão tocar minha nuca, segurar meu cabelo com firmeza, me fazendo parar, gemo e sua língua encontra a minha, me fazendo um carinho.

Não dura muito e ele se afasta, me dando um selinho e me olhando no fundo dos olhos, sério, um olhar quente. Seu nariz roça o meu, seus olhos me prendendo e sinto meu coração acelerar, algo diferente do que apenas sentir meu sexo pedir por mais.

Um muxoxo se sobressai à música e nos separamos.

— Olha quem quer atenção — fala, indo pegar Luna.

Engulo em seco, puxando a respiração, tentando entender o mais novo sentimento que está fazendo meu coração bater mais apressado. Não é só... tesão, não é vontade de fazer sexo, é... eu não sei o que é.

Olho para os dois e agora ele dança com a menina em seus braços. Sorrio com a cena, que Luna parece amar. Sorrio... não me reconhecendo, me aproximando dos dois, tentando alguns passos e fazendo Luna e Bruno gargalharem.

Isso é bom... o que sinto, ele estava certo, a ansiedade se foi.



Capítulo 41

*O ato de cuidar daqueles que
amamos, é a maior demonstração de
afeto que um ser humano pode dar
ao outro.*

Bruno

O dia hoje foi tranquilo por aqui, tranquilo demais eu diria. Mas recebi um aviso, o comandante me pediu para dobrar o cuidado com minha segurança. Ele acha que a coisa não esfriou, que não vão desistir de me ver morto, ainda mais após apreendermos uma grande quantidade de drogas que iam para o Paizão e acabar com seu esquema de camuflagem. Aproveitei para contar ao comandante que andaram pedindo informações sobre mim na portaria do meu prédio, sendo assim, ele tem razão, é bom ficar ainda mais ligado.

Ao menos, até eu enfiar uma bala no meio da testa daquele filho da

puta e lavar minha alma, além de salvar minha bunda.

Estou no alojamento, sentado em uma das camas e já é noite, olho o celular ao lado e um raio corta o céu, abrindo espaço para que uma chuva grossa comece a cair.

— Chuva, capitão, das pesadas... — Leandro fala, vindo seu celular. — Espero que não apareça ocorrência embaixo desse temporal que *tá* vindo aí.

— Aparecendo ou não, iremos atender, é nosso trabalho.

Olho a foto de Luna dormindo, que uso como descanso de tela e destravo o celular, preocupado em como Sophie está, se a chuva já alcançou nosso bairro. Mordo a bochecha, passando a mão pela barba e decido ligar, checar se está tudo bem. Desisto em seguida, deixando o celular de lado, é quando um trovão lá fora faz a vidraça das janelas tremerem. Me apresso em procurar seu número no aplicativo de mensagem e então faço, enfim, a ligação.

A primeira tentativa vai direto para a caixa postal e praguejo baixo, mas na segunda ela atende, a voz saindo abafada.

— Sophie... *tá* chovendo aí? — pergunto, sem rodeios.

— *Começou agora, ouviu esse trovão?*

— Sim, por isso te liguei. O que está fazendo? — Ela não responde de imediato, ouço apenas sua respiração pesada. — Sophie?

— *Oi, estou aqui... acabei de ir pegar Luna, a trouxe pra cá quando a chuva começou.*

— Ela já dormiu?

— *Já, há algum tempo.*

— Imaginei... e você, está com medo? — pergunto, pensando que ela irá negar.

— *Deve me achar uma idiota por isso, não é?* — Tem certo sarcasmo camuflando a vergonha nessa frase

— Não, não acho. Acho que *tu tem* motivos para ter medo.

Ela realmente tem, agora tenho certeza. Sempre soube que o sistema era cruel, nunca funcionava, em especial com quem realmente precisa dele.

Sophie foi vítima do sistema, pior, foi vítima de pessoas cruéis.

— É... odeio temporais, odeio muito. — E eu entendo o motivo.

— Me conta, o que fazia antes quando chovia, morando sozinha? — pergunto, tentando tirar seu foco do temporal lá fora.

— *Para dormir?*

— Sim.

— Quando começava a formar alguma chuva, à noite, eu ia para o apartamento de Benjamin e dormia com ele.

— Ele sabe, então, da sua fobia?

— *Sabe, claro... — Sua voz deixa de sair abafada e se posso chutar, ela estava com a cabeça coberta pelo lençol. — Ben me deixava dormir no quarto dele, quando éramos mais jovens. Eu tinha pesadelos recorrentes e medo de temporais, ele me ajudava sempre.*

— Isso é legal... ele é um bom irmão.

— *É sim, o melhor. Infelizmente agora tenho que cuidar disso sozinha, já que como ele tem Mônica e eu não tenho pretensão de dormir entre os dois em meio a um temporal, tenho que me acostumar a estar sozinha. Se bem que hoje tenho Luna.*

— Tem sim e tem... a mim, e a gente pode conversar enquanto a chuva não passa.

— *Não está trabalhando?*

— De plantão, nenhuma ocorrência e não vou dormir, então, podemos fazer uma chamada de vídeo, se quiser, o que acha? — Pego o fone de ouvido e apesar do seu silêncio em resposta, quando um trovão corta o ar, Sophie volta a falar com rapidez:

— *Atende, mudei a chamada.*

Sorrio, a atendendo e logo seu rosto aparece para mim, amassado por ela estar com a cabeça no travesseiro. Sorrio, de início ela parece sem jeito, dá de ombros e então me mostra Luna, dormindo ao seu lado, agasalhada e chupando a tal chupeta. Sinto saudade dela, das duas, sendo sincero.

— Olha... a chupeta.

— *Sim, parece ter gostado, era isso ou o dedo. Mas ela dormiu rápido hoje, não deu trabalho algum.*

— Assim eu vou começar a ter ciúme, onde fica o encantamento dela pelo meu charme?

— *Não é seu charme, eu só não tinha conquistado ela ainda.* — Ao falar, ela olha apaixonada para a menina.

— Sei... e o treino, como foi?

— *Foi legal, Benjamin está pegando pesado, como sempre. E seu dia?*

— Cansativo, treinamos, corremos, um dia comum.

— *Você está fardado?*

— Não, só com a camisa preta, por quê? Tem tesão em homem de farda, Sophie? — pergunto e a vejo morder o canto da unha, e olho ao redor, para ver se ninguém me ouve.

— *Talvez... pode ser interessante...*

— Quer que eu te prenda? Posso providenciar.

— *Tenho certeza que sim.* — Sorri e a vejo bocejar.

— Encosta o celular no travesseiro, assim, se você dormir, ainda consigo te ver — peço e me deito no beliche.

— *Como assim?*

— Vou ficar contigo, até dormir, não vou te deixar sozinha.

Ela fica me olhando, olhos negros bonitos, cheio de palavras não ditas.

— *Obrigada.*

— Agradeça amanhã, sentando no meu cacete, de preferência. — A faço sorrir, deixando-a vermelha, adoro quando ela cora.

— *Está sozinho aí, não é?*

— Tô, claro. Não quero ninguém imaginando minha... — engasgo. — *Tu sentando no meu cacete.*

— *Bundão.*

— Dorme, dona encrenca, dorme que mesmo à distância, prometo tomar conta de vocês.

— Tá... pior que eu acredito... quem é mais iludido? — brinca e no momento, acho que nós dois estamos nos iludindo. — Boa noite e cuidado...

— Pode deixar, durma bem, eu vou ficar aqui e, se quiser, pode sonhar comigo.

E vou mesmo continuar aqui, velando seu sono, com um instinto protetor tomando conta de mim, é como querer... fazê-la realmente minha, para que nada, nem ninguém a machuque novamente.

“Ela sabe cuidar de si.”

Lembro a mim mesmo, olhando seus olhos a me olharem, sonolentos, enquanto a chuva cai lá fora.



Pego a mochila e coloco nas costas, me despedindo de algumas pessoas ao ir em direção à saída do batalhão. O lugar para mim ainda parece vazio, mesmo que esteja cheio de homens prontos para servir o cidadão de bem. Ainda assim, tem um vazio, falta um guerreiro, aquele que cobria minhas costas, que estava sempre pronto, um amigo, um irmão. Não sei realmente se este lugar ainda voltará a ser o mesmo para mim sem ele.

Meu celular vibra e olho a mensagem, sorrindo ao ler o texto.

“Me senti como se estivesse dormindo ao seu lado, mas sem acordar com a bta ardendo. Ah, e bom dia, Luna está com minha mãe.”***

Abro o aplicativo de mensagem, parando ao lado da porta do meu carro, sorrindo ao me dar conta de que ela vive falando palavrão e mandando eu me foder, mas sequer consegue escrever o nome boceta se referindo a si mesma em uma mensagem, e respondo:

“Que bom, não poderá dizer isso amanhã. Posso te deixar sem se sentar por uma semana.”

Ela logo visualiza e está digitando. Me vejo ansioso por receber sua resposta.

“Hum... seu pervertido, mas não posso dizer que isso não me excita. Até à noite.”

Meu cacete está duro só de imaginar como será nossa noite, filha da puta gostosa. Não acredito que a infeliz vai me fazer bater uma punheta no banho, enquanto a espero. Desgraçada.

Abro a porta traseira do carro, ainda com um sorriso idiota no rosto, jogando dentro a mochila com minha farda, de qualquer jeito, imaginando o que responder, algo que a deixe excitada, da mesma forma que fez comigo.

Fecho a porta, mas paro, ainda com a mão na maçaneta da porta da frente, sentindo um cheiro conhecido, uma fragrância que não sentia há muito tempo, meu sorriso vai morrendo aos poucos. Puxo o ar, me certificando de que não é coisa da minha mente. Me viro e dou de cara uma mulher, alta, corpo... o mesmo corpo, curvilíneo, exatamente como eu me lembrava, anos atrás. Os cabelos morenos compridos caem pelos ombros, os olhos castanhos estão em mim, como antes, sensualidade exala dela, do seu corpo, sem que precise dizer uma palavra.

É como um déjà-vu, como se o tempo não tivesse passado para ela. Já são quase dez anos.

— Paula.

— Oi, Bruno. Precisamos, eu gostaria de conversar com você!

— Tu... — Olho de um lado para o outro, tentando entender de onde ela saiu. — O que faz aqui?

— Preciso falar com você. Já faz tanto tempo e eu... eu voltei para a cidade, estou morando aqui outra vez e...

— E o que eu tenho a ver com isso? — a corto, fazendo com que pare e me olhe minunciosamente.

— Achei que... eu fui ao seu prédio, disseram que estava viajando, o porteiro não quis me dar detalhes então, pensei em vir até aqui, só não esperava te encontrar saindo.

— Imagine só... eu não esperava te encontrar de jeito nenhum. — Espero sentir raiva ou repulsa, qualquer coisa, mas só sinto... inquietação. Abro a porta do carro.

— Não precisa me tratar assim, não, Bruno, podemos sair daqui?

— Não, não podemos. Eu não posso te tratar de outra forma, você colhe o que planta e eu não tenho nada *pra* falar com você, Paula. Volte para o buraco de onde saiu e só esqueça que um dia eu existi em sua vida — sou incisivo e, quando vou entrar no carro, paro, ao sentir sua mão tocar meu braço.

— Eu sei o que sente, eu tentei me desculpar, anos atrás, eu me arrependi da escolha que fiz, mas já era tarde. Já faz tanto tempo e, de alguma forma, eu paguei pelo que fiz. Me perdoe...

— O que espera com isso, o que diabos *tu quer* aqui?

— Eu nunca superei, Bruno. Nunca encontrei outro como você.

— Do que diabos está falando?

— De nós dois juntos, como amantes, de como pegávamos fogo com a mínima faísca possível, de me sentir dominada como... como só você conseguia me fazer sentir. Eu quero aquilo, quero me sentir... viva novamente, como você me fazia sentir — fala, ainda segurando meu braço.

— Não é possível que seja indiferente a mim, à nossa química, fala para mim, aqui, agora, se não quer me castigar... se não quer me fazer pagar pelo que sente, pelo que fiz no passado, se não quer me punir...

Os olhos castanhos brilham com sua intensidade. Ela sempre foi assim, intensa, sempre quis ir ao limite e nós fomos, muitas vezes, mas houve um limite que ela ultrapassou sozinha, há tempos. Seguro seu pulso e tiro seu toque do meu.

— Eu quero... quero que saia da minha frente!

Desta vez, eu entro no carro e me dou conta de que, dias atrás, quando imaginei tê-la visto saindo de um shopping, eu não só imaginei, eu a vi.

— Eu o deixei, anos atrás, mas sequer suportei seis meses... a realidade de quem eu era, o que ele me oferecia. Eu voltei para você, se lembra? Eu voltei, anos atrás, e entendi o quanto tinha fodido tudo e me afastei, como você queria, mas agora, eu voltei e... não podemos deixar o que tínhamos morrer, Bruno.

— Paula, eu não sei o que quer, mas acredite, não posso te ajudar com isso, o que sentimos já morreu há muito tempo e eu já enterrei o que quer que fosse.

— Quero voltar ao clube, voltei *pra* cidade, preciso que... quero ter acesso ao clube e quero você.

Sorrio. Esse é o mal de quem nasce com dinheiro. Acha que tudo é simples, que pode ter o que quiser, quem quiser.

— Não desta vez...

— Se pôde perdoar Heitor, por que não a mim?

— Eu não perdoei!

Deixo-a e manobro o carro, saindo em seguida, lembranças do passado voltando à minha mente. Desgraçada filha da puta. Bato no volante, sentindo a raiva inflar meu peito.



Entro na academia, ouvindo a batida da música em som ambiente, o lugar lotado pelo horário. Geralmente não malho à noite, é cheio demais, assim como pela manhã, o melhor horário é das 9h às 11h, menos gente, mas nesse horário da noite, o lugar está sempre lotado. Pouco me importa, não vim malhar, vim atrás de Benjamin, preciso socar algo.

Ao chegar em casa essa manhã, passei o dia com uma sensação ruim presa em meu peito, inquieto, raiva crua. Não de Paula, mas de sua ridícula tentativa de ir atrás de mim. Não nego, ver Paula estragou o meu dia, me deixou inquieto, trouxe lembranças, algumas delas sendo boas, não nego, mas

o resto... A infeliz sumiu, achei que tinha deixado claro que queria distância, mas aparentemente não fui claro o bastante. Ela ir ao batalhão foi a gota d'água.

Pensei realmente em ir ao clube esta noite, extravasar essa raiva, esse sentimento guardado há tanto tempo. Não senti nada ao vê-la, nada relacionado ao sentimento que um dia tive por ela, apenas indiferença. A inquietação se manteve, mas pensar em ir ao clube não me pareceu tão bom quanto antes. Não hoje e eu não sei o motivo.

A coincidência é que logo após a vinda de Heitor para a cidade, Paula aparece, dias depois. Não é obra do destino, isso eu sei e, de certa forma, ela me tirou do prumo. Ainda mais quando para ela, o tempo não passou. Castigá-la. Não nego, eu quis... eu quis muito isso, no passado.

Olho ao redor do lugar, procurando por Benjamin, mas sem sucesso em encontrá-lo. Em contrapartida, encontro outra pessoa, que está entretida, conversando com alguém. É Sophie, que parecendo bem sociável, por sinal. Mudo de ideia com relação à extravasar minha raiva com Benjamin, no momento que vejo uma mão masculina tocar seu braço. Não um toque comum, inocente, sei como isso funciona. O cara toca seu ombro e desce uma carícia por sua pele, chegando ao seu cotovelo. De forma delicada.

Ela se afasta, claro, movendo o pescoço para o lado, um gesto que faz sempre ao estar desconfortável. Mas continua parada ao lado dele, lhe dando conversa. Me aproximo, já o vi por aqui, várias vezes. O cara boa-pinta, do tipo galinha, cheio dos encantos e galanteios, louco por uma presa. Se posso chutar, não é a primeira vez que ele tenta contato com ela. Poderia apostar meu braço esquerdo nisso.

— Eu estava lá e não perderei a próxima luta.

— Ótimo, será bom ter uma torcida. — Ouço-a responder a ele, conforme me aproximo de onde estão.

— Pode deixar, vou estar na primeira fila, será uma honra te prestigiar.

Filho da puta. Uma boa jogada, comece a conversa por um assunto que a mulher tenha total interesse e interaja, de preferência, algo que ela domine.

— Boa noite! — chamo a atenção dos dois, me colocando ao lado dela, medindo o cara de cima a baixo, em uma postura um tanto possessiva

relacionada à Sophie.

— Bruno, o que faz aqui?

— Sei que combinamos que te esperaria em casa. — Dou ênfase no *casa*, olhando o infeliz. — Mas pensei em vim te buscar e irmos juntos pegar Luna.

— Sêrio? — Ela franze as sobrancelhas, talvez estranhando minha presença. — *Tá*, e esse é David.

— Como vai? — Tenta ser educado, me ignorando em seguida, voltando à sua total atenção para Sophie, sem esperar uma resposta minha. — E como eu ia dizendo, o que acha de sairmos? Não sei, pegar um cinema, um barzinho, você escolhe. — Joga a isca, que filho da puta. — Amanhã à noite? — Espert...

— Ela tem compromisso, amigo. Comigo! — Marco território.

Recebo do galinho de briga um olhar sem graça e dela uma reprimenda, chegando a comprimir os lábios em uma linha reta ao me olhar.

— É verdade, amanhã tenho um compromisso — ela confirma e seguro o riso. — Mas, quem sabe outro dia? Nos falamos na semana que vem!

— Claro, esperarei ansioso.

— Agora, se nos dar licença — volto a falar, cortando mais uma vez a conversa dos dois, me dirigindo diretamente a ela, agora bem puto. — Preciso falar com você!

Sophie me olha, apertando os olhos.

— Vamos ao escritório. Boa noite, David.

— Boa noite, linda.

Linda? Linda?

Minha paciência está curta hoje, a começar pela manhã. Fecho a mão em punho enquanto sigo logo atrás de Sophie, seguindo em direção à escada, toco seu cotovelo, mas recebo em troca um solavanco, quando ela se livra do meu toque.

Calados, terminamos os dois lances e entramos no escritório dela.

— O que foi aquilo? Talvez se tivesse se aproximado, tirado o pinto

pra fora e mijado em mim, teria sido mais sutil.

— Acha mesmo? Sequer gosta de ser tocada por estranhos e *tava* dando conversa fiada para aquele galo de briga? Está querendo experimentar algo novo, Sophie, cogitou aceitar o convite daquele paspalho?

Vejo-a bufar e levar a mão ao rosto, o coçando.

— Isso não é da sua conta, Bruno. Se eu quisesse aceitar, sim, aceitaria, sem nenhum problema. Não preciso de um macho alfa mijando em mim, tentando marcar território, não, isso é tudo o que eu não preciso. Deixa de ser ridículo.

— Não? Então ia aceitar?

— Talvez... por que não?

Porque você é minha, porra!

Mas esse pensamento eu não expresso, não em palavras e fecho a porta atrás de mim, com a chave, e me aproximo de onde ela está, sério, e a vejo dar um passo atrás. Esperta.

— Por que fechou a porta, se vamos sair? — pergunta e eu continuo a me aproximar. — Não ouse! — rosna.

— Ouse o quê?

— Vai se foder, Bruno. — Ela dá mais dois passos atrás, assim como eu dou três passos à frente, me aproximando, a encurralando.

— Não ia sair com aquele paspalho e, sabe o motivo?

Ela engole em seco, levantando o queixo. Passo o polegar pela pele macia do seu maxilar, chegando ao seu queixo e arranhando sua pele, a desmontando.

— Porque eu não ia deixar.

Seguro sua cintura, a impedindo de se afastar ao raciocinar o que acabei e falar, não dou tempo para que pense, a empurrando até estar presa contra a janela de vidro, que toma quase toda a parede atrás de sua mesa. Tomo sua boca em um beijo seco, bruto, castigando seus lábios e resvalando minha ereção em sua virilha. Sim, não nego, eu estava marcando território.

Ela tenta se soltar, rebelde, mas seguro suas mãos, levando-as para o

alto de sua cabeça, sentindo seu corpo se render, meu beijo dominando o seu, ela se rendendo na mesma intensidade. Essa mulher ainda vai me levar à loucura!

— Não vai sair com ninguém, Sophie — volto a falar e olho em seus olhos, pupilas dilatadas, respiração alterada e me agacho à sua frente, tirando sua roupa com rapidez calculada, ela mal se dá conta, até me ter tirando seus tênis e sua calcinha, junto a calça em seguida. — Não vai sair com ninguém porque essa boceta é minha... só minha e ninguém toma o que é meu.

Seu rosto muda de tom, ofendida, e meus dedos alcançam a boceta melada, agora lisa, de lábios inchados. Gostosa *pra caralho*.

— Depilou minha boceta, Sophie? — pergunto, ao ver que ela tirou os poucos pelos que tinha aqui e gosto de como ficou. — Ficou ainda mais gostosa.

— Eu não sou um objeto, Bruno.

— Não, não é, mas é minha. — A viro de costas, deixando-a grudada ao vidro e tiro sua blusa, a deixando completamente nua. — Repete, que essa boceta é minha!

— Não!

Sorrio, mordendo sua orelha. Sophie será uma perfeita submissa, ela só não sabe disso, ainda. Acaricio sua bunda e estalo um tapa seco, calculado, a fazendo pular e arranhar o vidro, tentando se afastar.

— Vamos, diga o que quero ouvir. — Bato novamente e observo seu rosto no reflexo do vidro, lábios entreabertos, respiração falhada, raiva e excitação duelando em sua mente. Ela quer me mandar à puta que me pariu, me sentar o cacete, mas também, quer meu cacete enterrado até o talo em sua boceta, nós dois sabemos disso. Dou outro tapa, na outra banda, deixando-a vermelha. — É só dizer... — falo, deslizando minha mão entre sua bunda, alcançando sua boceta, melando meus dedos e a vendo gemer, fechando os olhos.

Mordo sua pele, até ouvi-la gritar, se contorcendo e batendo contra meu peito, a seguro no lugar, passando a língua no local, introduzindo meus dedos em sua boceta.

— Não vai dizer?

— Não.

Sorrio, segurando seu maxilar, virando para o lado e o apertando ao beijá-la, sem nenhuma delicadeza ou pudor algum. Solto-a, pegando a camisinha em meu bolso, abro a embalagem e visto a camisinha em meu pau, massageando sua boceta, a escutando gemer, enquanto empino sua bunda e pincelo meu pau em sua entrada, deixando-a ainda mais excitada.

— Quer meu pau nessa boceta, Sophie?

— Hum...

— Vai ter que pedir...

— Filho da mãe... aí... — grita, quando belisco seu seio, sentindo seu corpo arrepiar, minha boca próxima à sua orelha, mordendo a pontinha rosada.

— É só pedir. — Volto a pincelar meu pau em sua boceta, o melando.

— Hum... eu quero seu pau na minha boceta.

— Não... não é assim, Sophie. Implora, implora vai...

Belisco seu clitóris e suas pernas falham, a seguro, deixando-a a ponto de não pensar.

— Por favor... eu preciso, eu quero muito...

— O que, Sophie, o que você quer?

— Seu pau, por favor... — Sophie pinga de desejo, seu corpo adorando tudo o que faço com ele, sua mente tentando ser rebelde e perdendo a batalha.

Sorrio, satisfeito, a penetrando de uma vez, fundo, com força.

— Olha como encaixa perfeitamente, Sophie.

— Hum...

Olho a rua lá fora, tirando meu pau de sua boceta devagarinho e voltando a meter todo dentro dela, enquanto vejo pessoas passando para lá e para cá.

— Abra os olhos, Sophie, olhe a rua lá fora e me diga, fica excitada? Em saber que alguém pode te ver aqui?

— Não?

— Não? Quer que pare, então?

— Não, eu quero assim!

Seguro seu cabelo com firmeza, socando meu pau com mais força em sua boceta, sentindo sua quentura. Imaginando o quão gostoso seria comer essa boceta sem camisinha.

— Bruno... Bruno... que... quero... — pede, sem fôlego, as mãos espalmadas no vidro.

Viro-a para mim e a trago comigo, a sentando sobre a mesa.

— Não é sobre o que você quer, Sophie, é sobre o que eu quero dar. Consegue entender? — Seus olhos se arregalam e volto a me enfiar dentro dela.

Estoco com mais força e prendo suas pernas em meu quadril, estando todo dentro dela, minhas bolas batendo em sua bunda. Os seios descendo e subindo, suculentos, um banquete à minha frente, pronta, gemendo ensandecida. Abocanho um seio, depois o outro, os chupando, ouvindo-a gemer mais.

Ela está perto, sinto sua boceta se contrair, suas pernas apertando minha bunda, me impulsionando a mais e sorrio, parando de me mover quando sinto seu clímax se aproximar. Espero uma reação sua e seus olhos se abrem, flamejando.

— Me fala, Sophie, por que não vai sair com mais ninguém?

— Está... está... brincando?

— Quer gozar, não quer? — pergunto, sugando o bico do seu seio, o tempo todo a olhando, a sentindo. — Fala, por que não vai sair com mais ninguém?

Seu rosto está corado, dividida entre me afastar e pedir clemência.

— Porque eu sou sua, só sua. Lá embaixo, eu estava só sendo amigável.

Puxo seu cabelo, levantando mais seu rosto e a beijando, voltando a comê-la com força e rapidez. Saio dela, apenas para virá-la de costas e deitar seu dorso sobre a mesa, deixando a bunda e seu cuzinho empinado para mim. Volto a estocar, indo mais fundo, nossos gemidos e suor se misturando.

Meu pau pulsa e Sophie busca apoio, segurando na beirada da mesa. Afasto mais suas pernas e então, ela se entrega. Gemendo e chamando meu nome. Fico preso em seu rosto, preso em seus gemidos, em sua boceta moendo meu cacete.

Deixo o prazer me levar junto com ela, sentindo minha porra jorrar na camisinha, meu pau pulsar e meu corpo retesar à medida que gozo gostoso com ela. O gozo é intenso, gostoso, diferente... tudo com essa infeliz parece ser diferente. Deixo meu corpo cair sobre o seu, minha cabeça descansando em suas costas.

Minha respiração também está acelerada, assim como a sua. Arranho sua pele com os dentes e me ponho de pé, a trazendo comigo, a virando para mim. Levanto seu queixo com o polegar e volto a beijá-la, desta vez mais lento, carinhoso, sentindo seu gosto com calma, minha língua buscando a sua, chupando-a e a ouvindo gemer.

Deixo um selinho em sua boca e ela suspira de forma preguiçosa, sorrio.

— O que foi? — pergunto, quando ela me olha por tempo demais, sem nada a dizer, sua expressão mudando.

— Estava me punindo, usando meu desejo para me castigar e conseguir o que queria.

— Estava.

— Eu não gostei — fala, direta.

— Não parecia se importar, há pouco.

— Não, eu gostei do sexo, até... das palmadas..., mas o final... trocar prazer por... submissão é...

— É o que eu faço, Sophie. É como funciona, caso minha submissa não obedeça a uma ordem minha. Uma punição, é como é. Castigos são necessários, às vezes.

— Não sou uma propriedade, isso... — Para de falar, respirando fundo.

— Fala, Sophie.

— *Me incomoda. Me sinto... um objeto.*

— Você não é um objeto, não é como te vejo. Domingo vamos ao clube, pode conhecer o lugar, podemos testar algo novo e, depois, voltamos a conversar e impor limites. O que você aceita ou não e, então, chegamos a um acordo. Mas eu vou repetir, sua boceta é minha.

— Parece um homem das cavernas. — Seu bom humor parece estar voltando e beijo seu queixo.

— Eu sei e não me orgulho, mas fui o primeiro e quero continuar assim por um bom tempo.

— Quer um contrato de exclusividade, Bruno, ou isso é ciúme?

Sorrio e me afasto. Pego sua roupa no chão e entrego a ela. Ciúme? Não, claro que não. A quero como minha submissa, a quero à minha disposição, só não quero um urubu voando ao seu redor, isso não!

— Depois de domingo à noite voltamos a falar disso, mas não, não é ciúme.

Vejo-a negar e me aproximo, vendo-a arrumar sua blusa, suada pelo que fizemos há pouco.

— *Tá pronta?*

— Estou, vamos.

Seguimos em direção à saída e a imagem de Paula me vem à cabeça, ela é uma submissa perfeita, disposta a tudo, experiente. Hoje ela me pedia por punição, já Sophie... se sentiu um objeto ao simples ato de lhe negar prazer. Mas não posso comparar, Sophie sequer começou a flertar com o BDSM. E é melhor banir Paula novamente da minha cabeça, de uma vez por todas.



Capítulo 42

*A doce sensação de se sentir parte de
algo...*

Sophie

— Pegou a mamadeira?

— Peguei.

— Fralda?

— Peguei.

— Lenço...

— Peguei, eu peguei tudo e, se por um acaso ela se cagar toda, se melar e der cambalhota na merda de cavalo, a gente enfia *ela* na água e pronto, banho tomado. Agora, só dirige.

Seu sorriso é minha resposta e reviro meus olhos, voltando o olhar para

a janela ao meu lado, onde já saímos do asfalto e entramos em uma estreita estrada de chão, que dá acesso ao haras de Pedro. Respiro fundo e, por segundos, fecho meus olhos, tentando acalmar algo dentro de mim. O Polo Sul parece fazer moradia em meu estômago, esfriando tudo por dentro.

— *Tu tá nervosa* — constata o óbvio e volto a abrir meus olhos.

— Não... eu não... estou nervosa, droga, estou sim e estou ansiosa também. Inferno, estou muito nervosa.

— Olha a boca — recrimina e olho para trás, para onde Luna continua dormindo tranquila.

— Ela está dormindo, como sempre faz quando entra no carro.

— Desta vez passa..., mas se essa menina, falar inferno, como a primeira palavra dela... — Sorrio, tentando me segurar e ele me olha, bravo. — É sério, Sophie.

— Eu sei, eu sei. Juro me controlar mais, ainda estou me acostumando. — Tento e sinto sua mão tocar minha perna, por cima da calça, ora apertando, ora fazendo apenas um carinho.

É um gesto tão pequeno, mas ao mesmo tempo, denota tanta intimidade.

— Terça temos que ir ao advogado, *tá* lembrada? Ver às últimas questões práticas e... o testamento. Alex e Fernanda deixaram a casa e uma pequena quantidade de dinheiro no banco, para Luna, nos dando liberdade para fazer o que quisermos com os bens, que seja para manter o bebê ou escolher deixar tudo como está, até sua maioridade. Temos que decidir o que fazer.

Sinto um aperto no coração ao ouvi-lo. Querendo poder postergar mais esse momento.

— Sim, nossa pequena humana já tem seu pé de meia. Quando tiver idade suficiente, pode usar o dinheiro para estudar, sair do país, investir em algo. Ela vai decidir quando chegar o momento, assim como decidir o que fará com a casa.

— Sim... isso, enquanto isso, pensei também que podemos alugar para alguém.

— Alugar a casa?

— Sim, podemos alugar e abrir uma conta em juízo e todo o mês fazer o depósito em uma conta no nome de Luna, uma poupança.

Sorriso, gostando muito da ideia. Sim, uma poupança, algo que vai lhe gerar independência financeira quando precisar, quando chegar o momento de bater suas asas e voar.

— Perfeito, isso parece perfeito *pra* mim — confirmo, voltando a olhar para a estrada ao lado, pensando que tudo o que faremos daqui em diante será para garantir o bem-estar de Luna, isso eu prometo.

— Hoje ela tentou ficar em pé — fala e olho-o, surpresa.

— Sério? Que horas? Por que não me chamou para ver? — Fico realmente indignada.

— Foi quando te deixei no quarto, para trocar *ela*. Depois daquele momento em que eu estava com meu pau enfiado até as bolas em você e ela começou a chorar... lembra? — Como eu poderia esquecer? — Então, quando ela ficou de pé, *tu tava* no banho.

Sinto meu rosto esquentar com a menção e aperto uma perna na outra, só de me lembrar daquilo que não terminamos.

Ontem foi algo... intenso, novo, diferente, totalmente diferente. Quando Bruno esteve comigo em meu escritório, ele fez algo que me incomodou, na mesma medida que me excitou e isso me deixou confusa.

Ao voltar para casa, após pegar Luna em minha mãe, nós pedimos uma pizza, conversamos e tomamos banho juntos e dessa vez... não havia chuva, mas ele ficou, ficamos trocando carícias na cama, conversando e ele foi carinhoso, parecia querer compensar o comportamento anterior ou simplesmente... é o seu jeito. Não sei dizer, mas acabamos dormindo juntos novamente, seu peito me servindo de travesseiro e foi... bom.

Hoje pela manhã, quando o despertador tocou ainda na madrugada, para que eu não perdesse a hora do treino, senti minha pele arrepiar e era Bruno, em meio a minhas pernas, me tocando com a língua. Ele me fez gozar de uma forma que não vou me esquecer tão cedo e acho que acabei fazendo muito barulho, fato é que quando estávamos transando, como ele disse, com o pau atolado em mim até as bolas e ambos quase chegando lá, seu corpo suado

grudado ao meu e por mais que estivesse no controle da situação... eu me senti parte daquilo, ganhando autonomia e quando ele me colocou em cima dele e mandou que o cavalgasse sobre ele, me dando a completa visão do seu rosto ao sentir prazer, enquanto eu lhe dava prazer... foi a melhor das sensações que já senti. Estava quase lá, eu pela segunda vez... foi quando Luna acordou.

E abriu o berreiro. Eu queria muito fingir demência e gozar mais uma vez, estávamos tão perto, tão gostoso, porém, são ossos do ofício. Eu já estava quase atrasada, então Bruno foi cuidar dela e eu... fui esfriar meu fogo embaixo do chuveiro.

— Ah, é compreensível e eu... vamos terminar quando voltarmos — falo e sinto sua mão apertar minha perna.

Por falar em ontem e hoje cedo, tem algo errado comigo, com meu corpo e meu sono. Hoje, novamente, eu dormi como uma pedra, após trocar carícias com Bruno e se não fosse o despertador e sua língua, hoje pela manhã, eu teria perdido o horário, de novo.

Meu sono nunca foi regular, nunca foi realmente tranquilo e calmo, me pergunto o que mudou. Talvez o fato de tirar o passado a limpo, zerar um capítulo, saber de quem eram os olhos que assombravam meus sonhos tenha ajudado. Talvez seja isso.

— Haras Graça. Chegamos.

Olho para frente, para a placa de madeira que marca a entrada do lugar e meu coração acelera no peito. No primeiro dia em que vim aqui, no dia do casamento, eu sequer notei o seu nome, os detalhes, estava apreensiva demais para isso.

Ele deu o nome dela, em sua homenagem. Condiz com o que ele parece sentir pela mãe, ele fala dela com afeto óbvio e este lugar parece realmente um santuário. Foi uma bonita homenagem.

O gramado verde abriga várias áreas à mostra. Mas o que chama atenção é o terreno elevado, ao lado leste, onde abriga uma casa de madeira, não uma qualquer, mas uma bem-planejada, com madeira envernizada. Bruno pega a estrada lateral, que nos leva até próximo da casa, parando ao lado de uma caminhonete azul.

Sinto meus pés suados dentro do coturno, meu coração bate acelerado e aperto minhas mãos, sentindo as unhas cravarem em minha carne. Que eu me saia bem nisso.

Sinto a mão de Bruno apertar a minha, em uma necessidade de me confortar, tomo coragem e abro a porta do passageiro.

Uma área em madeira rústica segue pela lateral da casa e mal desço do carro e vejo Pedro vir dos fundos. Calça jeans, camisa xadrez e chinelo nos pés, em seu rosto um sorriso afetuoso, em seus olhos... gratidão. Tão simples, tão diferente do que eu imaginava.

— Que bom que chegaram! — saúda, vindo em minha direção.

É confuso, nos atrapalhamos no cumprimento, sem saber se me dá a mão, ou se beija meu rosto ou se me abraça. Acabamos rindo, encabulados, sem jeito e em meu peito, meu coração parece querer explodir e ficamos apenas no aperto de mão.

— Bruno, que bom que veio.

— Feliz em vir e trouxemos mais alguém — Ele abre a porta traseira do carro, tirando de lá uma Luna sonolenta, fazendo bico.

Pedro abre um sorriso imenso ao vê-la e vem em sua direção, a tomando de Bruno.

— Ah, Camille vai adorar conhecê-la, ela não está se aguentando de curiosidade em te ver, Sofia. — Engulo em seco e ele arranha a garganta. — Digo, Sophie, me desculpa. Mas venham, vamos entrar. Venham por aqui, Alice nos espera na área externa.

Nós o seguimos e aos fundos ele tem uma bela área de lazer. Com churrasqueira e uma cozinha completa montada na tal área externa, além de uma mesa de madeira gigante. A ruiva, Alice, está em pé próximo da mesa, com uma menina à sua frente. A menina me lembra... a mim, quando criança. Chego a ficar parada no lugar, a olhando. A diferença é a cor dos nossos olhos, sua boca um pouco mais fina..., mas os cabelos, o nariz, a pele. Sinto um arrepio subir por minha coluna, uma sensação estranha, mas não sei.

— Está tudo bem? — Essa pergunta vem de Bruno, enquanto eu e a menina trocamos olhares, isso, até ela ver Luna nos braços de Pedro.

— Sim, está.

Volto a andar, entrando na área e uma dúvida me pega. Será que ela morou aqui? Minha mãe...

— Alice, você já conhece, só falta conhecer Camille, sua sobrinha.

Eu tenho uma sobrinha. Não que isso seja algo tão... a quem quero enganar, meu coração parece estar na garganta, ao ponto de sair e pular nas mãos da menina, ao vê-la. Eu não gosto de crianças, nunca tive afinidade, mas ganhei Luna em minha vida e agora, ganhei Camille. Ela é linda... ela sorri, soltando a mão da mãe.

Ela me lembra uma princesa, vestida em um vestido branco, desses rodados, com estampa de flores azuis, uma franja grossa caindo em sua testa.

— Oi — falo, me aproximando dela. Eu me esqueci que aqui tinha uma menina, não nego, deveria ter comprado algo para ela... não é? — Tudo bem?

— Você é tão bonita, parece a vovó — ao dizer, a menina não se contém e sorri, vindo até mim e me abraçando, me pegando de surpresa.

Olho para Pedro, de imediato, não entendo a comparação. Ela viu minha... mãe? Ele parece entender a pergunta, sem que eu precise dizer nada.

— Ela viu fotos, temos muitas.

Concordo e olho para Camille, me agachando e, espontaneamente, dando um beijo em sua testa.

— Você lembra a mim, quando era pequena.

— Verdade? Quer dizer que eu vou me parecer com você quando crescer?

— Não, claro que não, com esses olhos você será muito mais bonita. — Ela sorri, encabulada, e me levanto, me voltando para Alice.

— Oi, Alice. Como vai?

— Bem. E esse bebê, que coisa mais fofa.

— Ah, essa é Luna — apresento e ela se aproxima de Pedro, para ver Luna.

— Ela é linda, Pedro. Olha, Camille, vem conhecer sua priminha, aí, que coisa mais gostosa — ela chama e eu me sinto obrigada a falar:

— Ela não é... — Paro a negativa, pensando no que ia dizer. — Sim, sua prima — confirmo, está na hora de aceitar os fatos.

— Eu ganhei mais uma prima, papai, isso é muito legal. Ela parece um bebê Reborn.

Rimos e olho ao redor... curiosa.

A atmosfera aqui é diferente, algo calmo, mas é como se... que bobagem, é como se pudesse senti-la, sentir um pouco de quem foi a Graça, minha mãe. Eu nunca a tive, não me lembro nada dela... lembro que eu poderia ter crescido aqui, com amor, afeto e um irmão. A vida não é mesmo justa.



—Pode vir comigo? — Pedro me chama baixo e confirmo.

— Claro, claro.

Levanto-me da mesa onde estávamos almoçando há pouco e olho para Alice, que tem um sorriso encorajador no rosto e busco Bruno, sentado ao chão, brincando com as meninas. Tenho vontade de sorrir com a cena. Ele passou toda a manhã se rendendo às vontades de Camille, que parece tê-lo conquistado. E, também, conquistou Mag... a mulher que trabalha para Pedro aqui, que cuida da casa e deles, pelo que entendi.

Uma senhora simpática ao extremo, que chorou ao me ver. Ela conhecia minha mãe e ela me deu muitas informações sobre quem ela era, encheu meu coração saber que a mulher que me deu a vida era alguém tão especial, ao mesmo tempo, me deixou saudosa.

Sigo com Pedro, calados, e vamos para além da casa, subindo mais pelo terreno que se eleva, cada vez mais íngreme, até chegarmos ao alto. Daqui, parece estarmos em uma daquelas colinas, perfeitas, que vemos nos filmes, dando uma ampla visão de tudo. Pedro está ao meu lado, olhando à frente, podemos ver praticamente todo o haras, o lugar é perfeito.

Nunca gostei do meu nome, devo confessar, ainda mais por ser composto. Sophie é americanizado demais e nunca entendi por que me deram

ele, mas agora... quem sabe o que se passava na cabeça doente do homem que era meu pai?

As pessoas viviam errando meu nome, Sofia, era como chamavam e esse nome sempre fez um arrepio subir por minha espinha, sem explicação. Também nunca gostei de ser chamada, em principal, pelo nome composto completo. Maria Sophie, talvez no fundo eu sentisse esse nome ligado a alguém, Maria. Ou só não gostava e estou paranoica, já que eu era uma criança e não deveria me lembrar do nome dela, da minha mãe.

— Viemos para cá, após minha mãe conhecer Olavo, meu padrasto, seu segundo marido — fala e eu o olho. — Este paraíso era a coisa mais preciosa para ele, isso, antes de conhecer nossa mãe, ele a amava e se tornou algo precioso *pra* mim também.

— Por isso, mora aqui...

— Isso — confirma, o sorriso em seu rosto. — Com o tempo, minha mãe se apaixonou por estas terras e eu também, assim como aprendemos a amar Olavo, assim como ele nos amava.

Amor... nada mais justo. Ela merecia amor, após ter sido casada com um homem como o meu pai. Graça parece ter sido mais uma das tantas mulheres que se enganam por homens ruins, acreditando naquilo que ele possa ser um dia e não o que realmente é... mas ela foi amada, Pedro acabou de dizer isso. Sinto meu coração apertar no peito e me sento na grama verde, puxando o ar e vendo-o se sentar ao meu lado.

— Ela foi feliz?

— De certa forma, sim, ela amou e foi amada. Ela conseguiu ser o mais feliz possível que uma mãe consegue, após perder uma filha.

Engulo em seco, mudando meu olhar, vendo ao fundo um cercado com alguns cavalos pastando. O ar puro, o lugar, a paz... é, consigo sentir a paz que este lugar emana.

— Como alguém como ela, conseguia suportar alguém como ele? — pergunto, mesmo sabendo a resposta.

— Ela engravidou de mim, naquela época isso era... foram as circunstâncias. Logo ele estava lá, fingiu se importar, nos amar. E ela ficou, deixou que ele ficasse. A verdade é que nossa mãe tinha amor suficiente,

nunca precisamos realmente dele. No fim das contas, ele nunca foi realmente um pai.

— Pedro, você imagina o motivo pelo qual nosso... aquele homem me sequestrou? — pergunto e ele me olha.

— Vindo dele, nada poderia ser bom, era apenas um alcoólatra. Você se lembra dele?

Minha mente viaja, e não. Lembro-me de um homem magro, do cheiro, de algumas partes de uma casa velha, mas não do seu rosto. Até mesmo em meus sonhos, ele não passa de um borrão.

— Muito pouco, me lembro do cheiro, dele dizer que eu era uma boa menina, às vezes, mas apenas isso, nada mais. Quando ele morreu, fui para um orfanato, sempre achei que isso foi algo ruim, sua morte, mas talvez... foi um livramento.

Sinto sua mão pegar a minha e levá-la até seus lábios, beijando-a e mantendo nossos dedos entrelaçados.

— O que importa é que isso passou e você está aqui.

— Sim, é... — Este lugar me fez bem, mas trouxe a realidade de que jamais a verei. — Mas, ainda assim, eu queria descobrir seus motivos, tentar entender...

— Por quê?

— Não sou alguém que se contenta com pouco, com... metades. Eu posso ter te encontrado, saber mais da mulher que... me deu à luz. Mas ainda falta uma parte. Por que ele me levou, por que me tirou dela, se não poderia me dar amor, se não me amava? Eu preciso saber.

— Será difícil, já que ele se foi, mas podemos tentar. Podemos, sim. Talvez começar por onde ele morava, a casa que pegou fogo, o que acha?

Sorriso, apertando sua mão.

— Seria ótimo, preciso entender. Preciso saber o motivo de tamanha crueldade em me dizer que eu fui abandonada por minha mãe, que só ele me amava... e me fazer acreditar nisso. Eu cresci e acreditei que desde pequenina, ninguém nunca me amou. — Paro de falar, vendo que estou sendo levada por sentimentos e melancolia.

— Mas te amamos, ainda que longe, nós te amamos. Te procuramos, tentamos tanto...

— Eu sei, agora eu sei. Quero poder desvendar de vez o passado e seguir em frente. — Lembro-me de algo e o olho. — Tem uma mulher, uma vizinha, da época em que a casa pegou fogo. Talvez esteja viva, possa nos ajudar...

— Sim, podemos começar por aí, talvez tenhamos sorte.

— Sim, sim... sabe, eu tive sorte, digo, no passado. Encontrei Célia, Benjamin, pessoas que me mostraram que uma pequena parte da humanidade ainda pode ser boa, encontrei neles salvação, pude entender o que era família. — Vejo um sorriso grato no rosto bonito, ele também se parece com ela. — Quero que os conheça, Célia em principal, ela nunca desistiu de mim. Talvez tenhamos sorte novamente.

— Não conheço sua mãe, Célia, mas serei eternamente grato a ela por isso, todo esse tempo eu sonhei com você, às vezes cenários bons, outros terríveis e sempre me perguntei onde você estava, nunca acreditei realmente no que a polícia falou certa vez, que minha mãe deveria aceitar que talvez, você tinha...

— Morrido — completo. Na minha história, nessa história, não foi apenas eu que sofri.

— Nunca acreditamos nisso.

Eu queria estar me sentindo completa agora, mas... falta ela, e ela... eu nunca poderei tê-la.

— Ah... — fala e vejo-o pegar um envelope e me entregar. — O exame de DNA, a prova concreta de que somos irmãos.

O envelope está lacrado e se, no fim, eu abrir e ver que nos enganamos? Que isso não é real? Fico estática, olhando o envelope branco, com o selo do hospital, em dúvida se quero mesmo abri-lo.

— Deu positivo — ele confirma e solto o ar, sequer percebi que o prendia. — Somos família.

Levanto meu rosto e sorrio, amassando o envelope em minhas mãos, ainda se não fôssemos, com Pedro... ele, eu escolheria amar por opção.

— Acho que o universo está tentando me devolver o que me foi roubado.

— O mundo não é um lugar bonito ou perfeito, não podemos ter tudo, mas algumas vezes... bem, ele conspira a nosso favor.

Enfio minhas mãos nos bolsos da calça, olhando ao longe. Um mês e alguns dias, apenas um mês foi suficiente para minha vida mudar de cabeça para baixo.

— Você e Bruno... estão juntos?

Olho-o, tentando entender e achar uma resposta para essa pergunta

— Não, não, não. É temporário. Somos apenas guardiões legais de Luna e isso não vai mudar, então, estamos juntos por enquanto, pela adaptação dela, por ele também estar em um momento delicado no trabalho, a ameaça..., mas logo que tudo se ajeitar cada um segue sua vida e veremos como iremos adaptar à nova rotina de Luna — falo e é como se eu estivesse contando uma mentira, mas não estou, estou?

— Se conhecem há muito tempo?

— Sim, um bom tempo, mas não nos dávamos muito bem. Tivemos que nos adaptar à nova realidade.

— Sinto muito por seus amigos.

— É, eu também sinto.

Sinto muito por tanta coisa. Encaixei a peça do quebra-cabeça que faltava em minha vida e, ainda assim, ela veio com a pintura ralada, faltando alguém. Respiro fundo e o olho, tentando um sorriso.

— Camille, ela é sua filha com a ruiva, mas se casaram há poucos dias, não é?

Ele sorri e, então, me conta sua história. Uma história mirabolante e, por pouco, a história da minha vida não se repetiu com ela.



Capítulo

43

Dominar... ou ser dominado, eis a questão...

Bruno

- Tira o pé do painel — repreendo e ela me olha feio. — Falo sério.
- Homens...
- Gostaria que eu andasse com os pés no banco da sua moto?
- Palhaço — reclama, voltando a colocar os pés no tapete do carro. — Me deixa na academia, por favor.
- Por quê? Não treinou mais cedo?
- Pois é, treinei, mas Benjamin me ligou e pediu *pra* eu vir — fala,

olhando para a janela ao seu lado.

— Você está bem? — Sei que ela mente, Benjamin não está na cidade, viajou após o meio-dia.

— Estou, estou ótima.

Ela tenta, mas não parece muito convincente. Não deve ser fácil, eu, por exemplo, cresci com meu irmão e caminhos nos separaram, o que torna nossa relação... intragável. Imagino então, Sophie, como é ter passado a vida em um orfanato e depois descobrir que nunca precisou estar ali? Que foi roubada da sua vida.

— Tem certeza?

— Sim, eu estou bem, só me deixe aqui.

Não posso obrigá-la a dizer a verdade, se ela não quer falar... bom, só me resta aceitar. Paro em frente à academia e ela logo desce, sem demora.

— Quer que eu lhe busque?

— Não, pode ir, eu me viro.

Vejo-a entrar pela lateral da academia, em uma porta pequena, e fico um tempo aqui, olhando por onde ela acabou de passar. Sei que Benjamin não está aí, sei que ela mente, o que me leva a ter certeza de que Sophie não quer companhia, quer ficar sozinha, ou... extravasar sua raiva, de alguma forma. Fico preocupado, não nego, dividido entre ir embora ou entrar e verificar mais uma vez se ela está mesmo bem.

Ao voltar do haras, dona Célia ligou e pediu para que levássemos Luna para vê-la, estava com saudade. Fizemos isso e deixamos Luna com ela essa tarde, quando anoitecer volto para pegá-la, o que quer dizer que o que me resta é voltar para casa e ficar sozinho.

Ainda parado aqui, penso em esperar Sophie, entrar lá, tentar conversar, mas desisto da ideia, se ela realmente quisesse alguém com ela, Sophie não teria me pedido para trazê-la para cá. Volto a engatar a marcha do carro, olhando antes pelos retrovisores se não há alguém, e saio em seguida. Ela quer ficar sozinha, vou respeitar.

Só não sei o que fazer o resto da tarde, sozinho em casa. Me arrependo de ter ido pela manhã visitar Morena, poderia ir agora, enquanto Sophie

precisa de espaço. Ao diabo com o espaço. Não chego a andar cem metros e na primeira chance de retorno, o faço, voltando exatamente para o mesmo lugar, a academia.

Puxo o freio de mão e saio do carro, vou em direção ao mesmo lugar que minutos antes ela entrou. Nego, irritado ao notar que ela deixou o portão lateral aberto, basta empurrar e entrar, ao mesmo tempo, gosto do fato disso facilitar minha entrada. Passo o trinco no portão e saio nos fundos da academia. Imagino que ela possa estar no quartinho que ocupava, talvez sinta falta da privacidade de antes, mas tiro essa ideia da cabeça ao notar a porta dos fundos da academia aberta.

Preocupa-me essa necessidade dela em dizer que está tudo bem, quando, claramente, não está.

Entro, em silêncio, a procurando. Ouço apenas ruídos, som de uma respiração pesada, ofegante, e a encontro no tatame. Socando um saco de areia, movimentando seus pés, seu corpo parecendo flutuar na lona. Me sento a certa distância, apenas a observando, tentando entender o que possa estar passando por sua mente agora.

Antes eu achava que a conhecia, mas não, eu não fazia ideia de quem realmente era Sophie. Do que gosta, dos seus medos, seus segredos... pelo que mais essa mulher passou? As marcas em suas costas, o que são? Uma infância fodida, uma mulher com uma carreira de sucesso, uma vida estabilizada, mas e sua alma?

Ela se mantém incansável, um soco após outro e, aos poucos, os sons começam a se transformar em ruídos, até ela cair ao chão, de joelhos, na lona.

— *Ahhhhhhhhhhhg!* — solta um grito alto, doloroso, magoado. Me levanto e devagar me aproximo dela.

— Falar pode ajudar. — A assusto e ela me olha com sangue nos olhos, seu corpo suado, trêmulo e tenso ao me ver.

— O que, como entrou?

— Deixou o portão aberto. E, por favor, não faça mais isso, qualquer um poderia ter entrado.

— É, qualquer um — provoca e enfio minhas mãos nos bolsos do short.

Ela se senta e entro no ringue, ficando em pé, a olhando. Me agacho à sua frente e limpo uma gota de suor que escorre de sua testa.

— Mudou de roupa.

— Tenho roupas aqui em cima ainda. E você disse que ia embora...

— E *tu mentiu* — acuso, sem julgamentos, só preocupação.

— Porque eu queria evitar exatamente isso, você aqui, eu queria ficar sozinha. Deveria ter ido embora.

— Eu ia, mas achei que *tu poderia* precisar conversar. E como não é adepta a pedir por ajuda, estou insistindo, fale comigo. Não veio aqui rasgar o saco de areia à toa.

Ela olha o chão, séria, calada, parecendo... vazia.

— Eu sei que não posso voltar ao passado, sei que..., mas eu não consigo parar de imaginar como teria sido minha vida se não tivessem me tirado dela, da minha mãe. Não consigo...

— Então, não tente.

— Mas... ela sequer está aqui. Como a vida pode ser tão injusta assim? Me tiraram dela e depois... mesmo após ela me procurar toda a vida, ela se foi e sequer pode saber que o filho me encontrou. É muito injusto.

— Ei, você foi vítima de um acaso, de um homem sem caráter, a vida não é justa, não com todos.

— Eu sempre disse que não se pode sentir falta do que nunca se teve, mas... eu sinto uma falta gigante aqui. Sempre tive um buraco a ser preenchido, achei que com Pedro, com minha história enfim se esclarecendo, isso acabaria, mas não... o buraco ainda está aqui.

— Acho que é comum. — Me sento à sua frente e toco sua mão. — Acaba de descobrir algo novo sobre si, acaba de encontrar um homem feito que é seu irmão, uma sobrinha, uma cunhada. Claro que estaria confusa, ainda não sabe qual o seu lugar nisso tudo, mas vai encontrar, logo, logo. Eu prometo.

Ela sorri, me olhando diferente, se movendo e engatinhando em minha direção. Sophie se aproxima de mim até estar a centímetros do meu rosto, seu nariz tocando o meu.

— Não faça promessas que não pode cumprir.

— Eu posso, sei que sim.

Seus braços circulam meu pescoço e seu cheiro é como droga para mim.

— *Me* faça esquecer, agora, por minutos que sejam... que seja só eu e você aqui.

Ela me beija e a trago para meu colo, a encaixando em mim. Sinto seus braços em meu pescoço e minha mão vai para sua nuca, enquanto a beijo, domino sua língua. Sophie é doce, quente e perfeita, nosso encaixe é perfeito. Me movo, a deitando na lona e olhando seu rosto, acariciando-o, seu corpo pedindo pelo meu, seus olhos em mim, puro fogo.

Devagar, tiro seu short, levanto junto sua calcinha, olhando o sexo que, de alguma forma, me enfeitiçou. Passo meu dedo por sua boceta, vendo-a fechar os olhos e gemer, seu corpo se movendo e, pela primeira vez, em muito tempo, eu só quero me afundar nela, senti-la... sem a necessidade de dominá-la. Apenas dois corpos em busca de prazer.

— O que você está fazendo comigo, Sophie?

— Só me faça sua, só preencha o vazio.



Chegamos ao clube há pouco, a trouxe pela primeira vez aqui e estou em expectativa. Quero apresentar este lugar a ela, ver como se comporta, apresentar a ela o mundo da submissão e dominação, por completo. Temos um leque de possibilidades e irei mostrar isso a ela, tudo que podemos fazer, testar sua entrega, seus limites. Quando entramos pude ver seu olhar aguçado, assustado e curioso varrer o lugar.

Enquanto adentrávamos, ela nada disse, apenas olhava pelos cantos, movendo a boca para o lado em alguns momentos, quando via algo inusitado, para dizer o mínimo. Entramos no corredor, iluminado por pouca luz, trazendo um cenário sensual e nos deparamos com um homem vindo em nossa direção, com uma mulher na coleira, andando de quatro, conforme ele a

guia.

Observo Sophie, que olha horrorizada a cena, para em seguida, me olha em completo horror.

— Se tentar fazer isso comigo, eu corto suas bolas e isso não é uma ameaça vazia.

Sorrio, concordando ao acenar.

— Tudo bem. Coleira é um limite rígido, então.

— A não ser que queira perder o pau!

Continuo rindo, a guiando, passando pelos quartos de vidro. Sim, além da sala comum e ampla na entrada, tem quartos particulares, este corredor nos dar acesso a eles, mas antes, passamos pelos famosos quartos de vidro, para aqueles que gostam de serem observados e para quem gosta de observar. A parte gostosa de usar esse quarto, é que você nunca sabe quem te observa, lá de dentro, o vidro é escuro, você só vê o seu próprio reflexo, já quem está aqui fora... tem acesso a todos os ângulos.

No primeiro quarto de vidro em que passamos há um trisal e algumas pessoas assistem à prática, mas passamos direto por eles. Dois dos próximos quartos estão vazios, ainda é cedo, e em outro, uma mulher domina seu submisso, que está sentado em uma cadeira, amarrado. Sophie para e observa por alguns instantes, e logo segue adiante.

— Um puteiro de dominação?

— Quase isso, um clube. Quer ver mais ou podemos ir para o quarto que reservei?

— Acho que já muito por hoje e, desde que não seja um desses quartos de vidro, podemos...

— Ótimo.

Não tinha pensado, sequer cogitado, em dominá-la em um dos quartos de vidro. Pensar nessa hipótese traz à tona um sentimento de posse que vai além da dominação e submissão, beira o... não, isso não. Ciúme, não.

Abro um dos quartos particulares e deixo que ela entre primeiro, para que eu possa ver cada reação sua. O quarto tem a decoração em vermelho e prata, dando o efeito de intimidade, sensualidade e é completo. Do lado

direito tem apetrechos a serem usados, chicotes, cordas, algemas, máscaras, coleiras, mordanças de vários os tipos, além de gavetas embutidas na parede, que guarda pequenos objetos para o uso do prazer, vibradores, plugues, presilhas de pressão, vendas, mordanças... e mais alguns itens. No meio do quarto tem uma cama, com suportes para amarrar mãos e pés em suas quatro extremidades.

O quarto conta também com uma cruz de santo André no canto, além de uma grade ao lado, onde há suporte para amarrar alguém, e no canto inferior, há correntes, além de uma cadeira de madeira, caso quisesse minha submissa sentada nela.

Deixo Sophie à vontade para olhar cada detalhe, ela toca alguns, outros, ela passa direto até parar em frente à cama, a olhando.

— Tire a roupa, Sophie!

Ela me olha por cima do ombro, queixo erguido, mas não nega. Ela se vira de frente para mim e começa a se despir.

— Devagar, e olhe para baixo. — Vejo-a sorrir com a ordem, a rebeldia querendo tomar posse, se negar a fazer o que eu ordenei. No fundo, transformar Sophie em uma perfeita submissa soa como um desafio para mim, a querer como a parceira perfeita, algo que eu sempre tive e nunca foi me negado em todo o tempo que me descobri dominador.

A satisfação aumenta quando ela obedece ao comando, olhando para o chão e tirando sua roupa até que fique apenas com uma peça íntima transparente, preta, uma que lhe entreguei mais cedo, antes de sairmos.

Tiro a camisa e os sapatos, deixando sobre um móvel e indo em direção à mesa que me dá variadas opções do que usar. Pego braceletes, quatro deles, que servirão como algemas, tanto para as mãos, quanto para os pés. E vou ao outro extremo do quarto, próximo à grade.

— Venha e fique de costas para mim. Se lembra da palavra de segurança?

— Branco.

— Quer escolher outra?

— Não.

— Hoje vamos testar seus limites, Sophie, a qualquer momento, que se sentir desconfortável, diga a palavra e eu paro.

Vejo-a morder o lábio inferior e prendo um braço de cada vez, em seguida seus pés, a deixando completamente presa, aberta e exposta. Volto à mesa e pego uma venda, além de um plug anal e grampos para seus seios.

Dou a volta em seu corpo, sentindo sua respiração pesada quando me aproximo dela novamente, ficando à sua frente e beijo sua boca. Em seguida, prendo um seio após o outro, ouvindo-a gemer em resposta.

— Já usou um vibrador, Sophie?

— Não... — fala e ofega.

Gosto das sensações que vejo nela, é tudo novo demais, uma descoberta e passo a apreciar ainda mais esse jogo, com ela. Conversamos antes de vir até aqui, curiosa, ela me fez algumas perguntas e eu respondi todas.

Coloco-me atrás de suas costas, passando a mão por sua nuca, descendo por sua coluna, até chegar à sua bunda. Dou um tapa de mão cheia e a vejo se assustar, a pele clara ficando vermelha, seus pelos se arrepiando, mas ela nada diz. Sorrio e então vendo seus olhos, prendendo bem a venda atrás de cabeça. Mal termino e sinto que algo mudou em seu corpo, sua linguagem corporal é outra, parece tensa.

— Sophie?



Capítulo

44

Em alguns momentos, por vontade própria, mandamos embora a luz.

Sophie

“Abri os olhos e senti minha cabeça latejar e pisquei várias e várias vezes, tentando ver a luz, mas não podia. Eu estava no escuro, algo vendava meus olhos, braços e pernas amarradas e pensava no porquê, logo naquele dia, eu tinha fugido do orfanato. Aquela era a primeira vez que eu fazia isso e... bastou a primeira vez.

Eu estava nua, sozinha e presa. Puxei meus braços e senti dor em meus pulsos, meus tornozelos também estavam amarrados, separadas e eu sentia frio. Em um primeiro momento, achei que estava em um pesadelo e tentei acordar, mas não demorou para a realidade me tomar, e nessa realidade eu estava acordada, presa e amordaçada, uma venda impedia meus olhos de enxergar qualquer coisa. O medo me tomou, minha respiração acelerou e eu

comecei a gritar, ou tentar pedir por socorro, balbuciar algo... minhas tentativas morrendo na mordada.

A adrenalina tomou conta de mim, da minha mente e quanto mais eu tentava me mover, mais eu me machucava, mais minha cabeça latejava, mais eu pedia para morrer.

Ouvi passos e senti uma presença atrás de mim, me encolhi, paralisei no lugar, ofegante, aquela presença era assustadora, por mais que eu não conseguisse vê-lo, mas era ele... conseguia me lembrar do seu rosto, da sua pele fria quando toquei sua mão, a mesma mão que deixou dedos correrem por minha nuca agora.

Logo senti-o encostar seu corpo às minhas costas, mãos tocarem meus braços e me senti um animal enjaulado, preso, impotente e não adiantava gritar, ninguém poderia me ouvir... ninguém, eu estava sozinha, mais uma vez, com mais um monstro.

Ele não falava, o que era pior, apenas... me cheirava e eu sentia sua respiração, seu toque e a náusea subia à minha garganta, calafrios tomaram meu corpo e eu pensei que desmaiaria novamente. O cheiro do lugar se assemelhava a algo podre, esgoto, não sei e o cheiro dele... ele fedia a tabaco e suor e eu temi, temi o que ele faria comigo. Quem era aquele homem?

Gemi quando senti sua mão tocar meu seio pequeno, inocente, virgem de qualquer toque, me encolhi, mas era inútil, eu mal conseguia me mexer. Ele se afastou, eu gemi por socorro e procurei pelo som de seus passos, incerta do que aconteceria comigo e em seguida... senti dor. Quis gritar, minha garganta doeu, minha pele se rasgou e correntes se arrastaram conforme eu tentava me livrar daquilo... dele.

Ele me batia com um tipo de corda, eu sentia o corpo rasgar minha pele, senti o sangue escorrer do ferimento e ouvia sua respiração acelerada e até mesmo... seu sorriso em alguns momentos. Eu queria clamar por misericórdia, pedir por socorro, qualquer coisa.

Mas havia só dor, uma dor insuportável conforme seu chicote açoitava minha pele, eu tentei aguentar, mas a escuridão me tomou de vez.”

— Não! Não, para! — grito, o escuro me cegando, a excitação que senti ao entrar aqui indo embora, o medo pairando sobre mim, o ar me

faltando. Busco respirar, busco a luz, mas a venda me impede. — Para, para!

— Sophie! — Ouço sua voz, mas não consigo estar realmente aqui.

— Branco, branco, branco, branco — lembro-me da palavra de segurança, a digo com firmeza, com desespero.

É como se eu ainda estivesse lá... é como se eu ainda ouvisse seu chicote bater em minha pele, levando sangue junto a ele. Bruno tira a venda que me impede de ver e pisco meus olhos, vendo sua expressão aflita à minha frente, suas mãos tentando segurar meu rosto.

— Me solta, solta minhas mãos, solta, me solta, por favor...

— Sophie...

— Por favor, me solta, eu imploro...

Bruno parece ver meu desespero e, com pressa, solta meus pés e pulsos, me libertando, tentando me apoiar, mas caio de joelhos, mãos espalmadas no chão, buscando controle, tentando fazer meu corpo parar de tremer, esquecer que um dia eu visitei o inferno.

— Eu não estou lá, eu não estou lá, eu não estou mais lá... — balbucio, em meio ao meu descontrole, sentindo a adrenalina me deixar aos poucos.

— O que disse, Sophie?

Sua mão tenta me alcançar e eu nego, me afastando de costas, me afastando dele, desse lugar, do que acabou de acontecer, perdida. Procuro minhas roupas e com tamanha pressa as coloco, querendo recobrar minha segurança, me sentir dona de mim novamente.

— Eu achei que conseguiria, até gostei... no início, mas não posso, isso eu não posso, não sou essa pessoa, não sou — falo e sequer consigo olhar em seu rosto.

— Do que está falando?

— De mim, não é... você, ou... eu... são as marcas. Eu não consigo esquecer.

Saio do quarto, ainda abotoando minha calça, levando meus coturnos nas mãos, sentindo meu corpo suar frio. Ele me chama e eu apresso meus passos, saindo deste lugar quase correndo e, por fim, respirando o ar da noite

quando me sinto, realmente, livre. Uma mulher morena, de pele clara, desce de um táxi e eu me enfio dentro dele antes mesmo de ela realmente sair.

— Ei, vai com calma... — ela pede, sequer peço desculpa e apenas fecho a porta, me permitindo respirar.

— Para onde, senhorita? — o taxista pergunta e meu desespero fala mais alto.

— Para qualquer lugar, só me tire daqui.

O homem magro, careca, acelera e eu olho pela janela, vendo Bruno sair portão afora, correndo e quase batendo de frente com a mulher, que estava neste mesmo táxi há pouco, o cheiro forte do seu perfume ainda predominando o estofado. Mudo meu olhar e sinto meus olhos arderem.

— Não sou eu, não sou eu... não sou. Não estou mais lá, não estou...

Acalmo meu coração aos poucos, trazendo minha sanidade de volta, mas sem consegui afastar as lembranças. Por que eu saí naquela tarde, por que eu não fiquei... não adianta e, desta vez, enquanto olho a rua lá fora, minha mente viaja para o momento que tudo começou.

“Naquela tarde, após saber da morte de Igor, eu só queria... ter a certeza de que era mesmo ele, queria chegar até seu corpo, sabia o nome do necrotério ao qual ele estava e faria de tudo para vê-lo uma última vez. No fundo, bem no fundo... eu não acreditava que ele tinha morrido, que ele tinha me deixado, eu precisava ver.

Nunca tinha saído daquele lugar, mal conhecia as ruas e acabei me perdendo, anoiteceu, enquanto eu permaneci sozinha, totalmente perdida, até que...

— Oi, o que está fazendo aqui, criança? — Uma pequena garoa começava a cair e eu estava agachada próximo a um muro, ao lado de uma lixeira enorme e azul. Subi meus olhos por ele, um senhor, na base de quarenta anos... parecia... bom.

Meu queixo tremia e eu sentia frio.

— Eu, eu... me perdi. Pode me dizer como faço para chegar ao orfanato São Tomaz? — perguntei, incomodada por alguns instantes, com a forma que ele olhava.

— Ah, não está muito longe. Venha, eu a acompanho. Sabe como é perigoso andar por essas bandas sozinha? Uma mocinha como você?

Uma mocinha como eu.

— Não precisa me acompanhar, basta apontar a direção.

— De forma alguma, está tarde, nem deveria estar aqui sozinha. Se levante, eu a ajudo. — Ele me estendeu a mão e eu fiquei a olhando, mãos limpas, mas com unhas sujas.

Segurei a mão que me estendia, estava fria e, então, senti algo, um arrepio macabro me tomar em meio àquele beco escuro, puxei minha mão do seu toque e cruzei meus braços, me encolhendo, mas seguindo com ele. Tudo que eu queria era sair daquele beco, daquele lugar onde fui parar e, pela primeira vez, eu quis muito estar na segurança do orfanato.

Eu não tinha ideia em que direção seguir, mas algo estava estranho, minha intuição me dizia isso, me dizia para correr... fugir daquele homem. Foi quando vi que o beco, onde estávamos, não tinha saída. Parei de imediato, olhando para os lados, para trás, em busca de alguém e antes que eu pudesse correr, fui segurada pela cintura, firme. Meu corpo gelou, minha mente me levando à realidade do que estava acontecendo e eu tentei gritar, mas logo, algo com cheiro forte em um pano foi levado ao meu nariz e a escuridão me tomou, e quando acordei...”

Quando acordei eu estava presa, à mercê de um monstro, um homem que me marcou... não só meu corpo, mas minha mente e minha alma.

Não, ele não chegou a me estuprar, mas iria... pelo que disseram, após eu ter desmaiado de dor, eu fui encontrada por policiais. Alguém denunciou um homem estranho, com uma garota desacordada e me encontraram, eu fui aquele raro caso, em que os policiais conseguem vitória... acho que foi isso.

Mas as marcas que ele me deixou foram profundas, fui parar em um hospital e passei semanas sentindo dor, semanas sem dormir, pois ao fechar os olhos... eu era levada de volta para aquele mesmo lugar, a pensar em Igor e em sentir mais raiva dele. Raiva por mentir, por me deixar, por morrer.

Ainda consigo sentir aquele mesmo cheiro, seu toque, ver seu rosto.

O escuro nunca me foi confortável e quando Bruno me vendou... eu perdi a noção de onde estava e fui direto para o passado, o momento que eu

sempre quis esquecer, que eu luto para superar.

O pavor que eu senti hoje... se aquilo é... o que ele quer de mim, eu não posso dar. Antes, no apartamento, quando ele me algemou à cama, aquilo não foi um problema, eu senti apenas... prazer, mas ao me vendar e prender meus pés eu... surtei.

O escuro é um limite e eu não consigo dar a isso a ele, se é o que quer!

Foi pouco depois de ser vítima daquele psicopata, que Célia me encontrou, foi por me encontrar tão quebrada, que ela decidiu colar meus cacos. Eu passei anos tentando lidar com o trauma que aquela noite me trouxe, a raiva, o desespero ao ir dormir, o desespero em aceitar aquelas marcas em meu corpo sempre que eu me olhava no espelho.

A tatuagem foi uma forma de esconder aquele horror, esconder de mim, dos outros, mas as lembranças... não importa para onde eu vá, com quem eu me envolva, para onde eu fuja, as lembranças sempre estarão aqui.

Limites rígidos... sou alguém limitada de certa forma, com traumas. Eu nunca quis aceitar isso, nunca..., mas é a verdade.

Desço do táxi em frente à casa de Célia e quando ela me vê entrar pela porta, fica surpresa. Falei que íamos a uma festa, que ia demorar... uma hora depois, aqui estou eu, claro que ela ia ficar surpresa.

— Já? Vieram buscar Luna? Ela está dormindo, filha.

— Onde?

— No meu quarto.

— Eu posso, posso ficar aqui com ela, esta noite?

— E Bruno?

— Ele ficou... a senhora sabe, não sou muito boa com interações sociais e logo quis vir embora — minto, me sentindo mal por fazer isso com ela, mas como posso dizer a verdade?

— Claro que pode ficar.

Confirmo, indo até o seu quarto e pegando Luna, que dorme tranquila. A levo para o meu antigo refúgio e me deito com ela, sentindo como se meu coração quisesse afundar em meu peito.

— Eu não estou mais sozinha... eu não estou, sempre terei você, não é, pequena humana? E eu prometo, que ninguém, nunca... nunca te fará mal algum, eu juro.



Entro no apartamento pela manhã, trazendo Luna comigo e encontro Bruno sentado no sofá, braços apoiados nos joelhos, com mãos apoiando a cabeça baixa. Tenho vontade de voltar para trás, pois imaginei que ele teria ido trabalhar hoje, imaginei que não precisasse encará-lo.

Assim que entro, chamo sua atenção e ele me olha, cara fechada, bolsas escuras estão embaixo dos seus olhos, e os olhos vermelhos cansados me dizem que ele passou a noite acordado. Ele me esperou... inferno!

Passo por ele, colocando Luna em seu chiqueirinho cheio de brinquedos e respiro fundo, indo em direção à cozinha, se vamos ter uma conversa, que não seja aqui, na frente de Luna. Como imaginei, ele me segue.

— Por que *tu não veio* para cá ontem?

— Não ia trabalhar?

— Sophie — chama e se aproxima, mas me afasto, dando um passo atrás. — Como acha que ia conseguir trabalhar? Hã? Porra, Sophie... eu estava preocupado, vi quantas vezes te liguei? Porra...

— Não usa esse tom comigo, abaixa a porra da sua voz *pra* falar comigo, entendeu? Luna está na sala e eu não quero que ela se assuste, então, abaixa a porra do seu tom — falo baixo, quase rosnando pra ele.

Ele pisca algumas vezes, concordando.

— Eu pedi que me substituíssem, troquei de turno.

— E me esperou... — constato, indo até a geladeira e enchendo um copo com água.

— Esperava algo diferente, depois do que aconteceu ontem?

— Olha... eu achei que não precisava conversar sobre isso agora cedo, achei que ao chegar aqui você nem estaria e... me daria mais tempo.

— Tempo *pra* quê?

Coço minha cabeça, tentando articular o que falar, estralando o pescoço e ganhando tempo, o que posso falar? Passei a noite em claro, me sentindo... me sinto impotente, sei o que devo dizer, fazer, eu sei..., mas no fundo, bem no fundo... eu não quero.

— Me fala, Sophie, me conta o que aconteceu ontem, por favor — pede, dando um passo à frente e parando, retrocedendo ao ver eu me afastar.

Olho o copo de água em minha mão, eu queria poder ser tão transparente quanto essa água, poder colocar para fora tudo preso aqui dentro e me sentir liberta, mas o problema não é falar, porque ao falar... as lembranças não irão embora com as palavras.

— Eu tenho limites, Bruno, sempre tive e achei que poderia tentar, que poderia fingir ser normal, fingir ter esquecido... ser alguém sem marcas, mas, na verdade, não posso. Não sou a pessoa que você quer. Não posso mais fazer aquilo. — Posso ver a decepção em seu rosto, a surpresa com minhas palavras, enquanto tenta entender o que falo e gesticula algo.

— Espera, não é assim, não pode só...

Eu sorrio, amarga.

— Não posso? Não posso? O quê? Não está no seu acordo? Ah, lembrei, não tem acordo.

— Não, eu não disse isso, não é isso, Sophie. Não pode se afastar assim, se fechar apenas com um: não posso. Conversa comigo, fala comigo — pede, mas isso é algo que eu não vou conseguir. — Por que saiu daquela forma? Por que não me esperou, estávamos testando limites, se lembra e se eu ultrapassei algum...

— E esse é o meu, cheguei ao meu limite. Aquela venda... não dá.

— O problema foi a venda? — pergunta e fecho meus olhos, por segundos, deixando o ar sair. — Fala comigo, por favor...

— Foi tudo, tudo... e agora, sempre que eu tiver uma algema em minhas mãos ou pés, eu vou me lembrar de ontem, vou me lembrar do passado... eu não quero me lembrar do passado. Estamos em um momento difícil, perdemos pessoas, ganhamos Luna, saímos do prumo, dos trilhos...

esse envolvimento que tivemos... não era *pra* ter acontecido, ambos sabemos disso, foi uma loucura da nossa parte. Foi isso. Vamos só esquecer. — Ao falar isso é como se eu estivesse alimentando o vazio dentro de mim, a escuridão... é como se eu estivesse, por vontade própria, mandando embora a luz.

— O que quer dizer?

— Eu não sei. Não posso terminar o que não temos, posso? Pelo bem de Luna vamos manter uma boa relação, mas sem intimidades, sem sexo, sem... submissão, porque essa, esse alguém que você quer, que você precisa, não sou eu.

— Sophie, dominar e ser submissa não é apenas ter uma venda nos olhos. Se esse é o seu limite, não faremos mais ou, simplesmente, vamos esquecer ontem, continuar...

Sorrio, desta vez alto, de forma descontrolada, pois ele não tem ideia do que carrego comigo.

— *Me* disse que esse era quem você é... é o que você gosta, que aquele mundo faz parte de você. Não sou a pessoa certa *pra* isso, não sou, vamos ser realistas, isso nunca daria certo.

— *Me* diz o que aconteceu, me diz do que se lembrou. Por minutos, você parecia não estar naquele quarto, parecia ter se perdido de mim...

— E eu me perdi, Bruno... e para onde eu fui, eu não quero voltar nunca mais, só não dá. E é melhor acabarmos com isso logo, testamos limites e achamos o meu, não posso ser quem você quer. — Deixo o copo sobre o móvel, sentindo seu olhar sobre mim. — Preciso tomar banho e ir para academia, fica com ela — falo, ao ir em direção à saída.

— Sophie... — Ele ainda tenta, mas simplesmente não dá!

— Não sou a mulher que você quer... só basta aceitarmos isso.



Capítulo 45

*O sentimento é verdadeiro quando
você for capaz de abrir mão daquela
pessoa, por achar que não fará bem a
ela...*

Bruno

Um dia você está com tesão, no controle da situação e, no segundo seguinte, você está sozinho, com o pau duro doendo entre as pernas e com medo de ter machucado alguém, alguém ao qual descobri que me importo. Alguém com quem divido o mesmo teto, a mesma rotina, o mesmo... não, não mais o mesmo desejo.

O que vi, o que presenciei foi uma mulher machucada, enjaulada, perdida... o que diabos aconteceu com ela e por que inferno ela não fala, porra?

Antes eu sabia pouco, ela era a irmã de Benjamin, que a mãe adotou quando já era adolescente, sabia que carregava rebeldia decorrente do que passou no orfanato, mas era só, sem mais detalhes. Logo, descobri mais, uma infância fodida e achei que parava por aí, mas tem mais, tem muito mais.

Eu achei que ela estava me deixando entrar, mas, na verdade... ela nunca realmente se abriu. Dominei seu corpo, mas nunca cheguei perto de sua alma, da sua essência, de entender quem realmente ela era.

Foi um erro... foi o que ela disse. Talvez tenha sido mesmo, ainda assim, eu não consigo me afastar, não consigo deixar como está, porque eu sei... lá no fundo, ela não está bem, eu sinto e, de alguma forma, eu a machuquei mais. Pensar que ser como eu sou, gostar do que eu gosto a machuca, me tira do eixo e faz quatro dias...

No início da semana, ela fugiu de mim, após àquela manhã, nossa rotina ajudou, o trabalho, os desencontros. Hoje ainda não nos vimos, peguei o turno da noite para trabalhar e, quando cheguei de manhã, ela já não estava. O único dia em que realmente nos vimos, foi na terça, quando nos encontramos no escritório do advogado, mas eu não fui capaz de tocar no assunto nos poucos minutos que tive oportunidade, cuidamos apenas do que era prático e necessário, quando a reunião acabou, ela se mandou mais depressa que o papa-léguas.

E estou acabando meu dia na companhia de Benjamin, é, o irmão da dona encrenca.

Ele me convidou para ver o jogo em seu apartamento, jogar conversa fora e tomar cerveja, em um primeiro momento eu pensei em negar, queria esperar Sophie chegar, tentar conversar mais uma vez, tentar fazer com que as coisas voltem a ser leves. Mas se quero descobrir mais dela... então, seu irmão é minha melhor arma.

Sinto falta da infeliz, parece que voltamos a ser completos estranhos. Precisava muito de Alex agora, para conversar, ele teria um conselho. Mas se o filho da mãe não tivesse morrido, eu sequer estaria enfiado nessa merda, com Sophie.

— A luta está perto, não é? — puxo o assunto, começando a comer pelas beiradas.

— Sim, está. Achei que era melhor adiar, mas Sophie não permitiu.

— Adiar? — Me inclino, deixando de olhar a tv e prestando total atenção nele.

— Depois do que aconteceu com Fernanda e Alex... Luna, a mudança de rotina e de casa, vocês dois juntos.

— Nós não estamos juntos...

— Não moram juntos? — pergunta, me olhando, levantando uma sobrancelha.

— Ah, isso? — Pigarreio, tomando um gole de cerveja.

— E o que mais seria? — Benjamin me olha, confuso.

— Entendi errado. Mas você acha que ela não está bem?

— Ela sempre está bem, ao menos por fora, o problema é atravessar aquela casca e ver como ela está por dentro. Ela amava Fernanda, do jeito dela, mas amava. A conheço, Bruno, e algo... está faltando algo. Ainda tem a história com o irmão, que apareceu do nada, o passado, enfim... não é o momento *pra* uma luta, eu sinto... e estou com medo do que uma suposta derrota pode fazer com ela nesse momento.

— Você não tem como interferir, se acha que não é o momento?

— É de Sophie que estamos falando, acha que posso interferir? — Ele está chateado. — Se eu fosse apenas a porra do seu treinador, eu daria uma ordem e só, mas... é minha irmã, é Sophie, caramba... não dá. Ela quer lutar, então ela vai lutar e o dia está chegando.

— Sim, é verdade. Acredita que ela usa a luta como escape?

— Como assim?

— Você mesmo já falou que Sophie não passou por situações fáceis na vida, eu só achei que...

— Claro, ela encontrou no tatame uma forma de defesa para o que sente, porque ela é a porra de uma concha fechada, que não se abre, nem mesmo *pra* mim. Recolho migalhas de informações, Bruno, foi sempre assim, colho o que ela deixa escapar. Eu queria que ela esquecesse de vez o passado, seguisse em frente. Ela não fala como foi sua infância no orfanato,

ela não fala realmente o que passou e nunca sei o que se passa em sua cabeça, não importa o quanto eu queira ajudar.

— Uma concha...

— É, uma concha... eu queria que ela encontrasse alguém com quem ela fosse capaz de falar, de se abrir, alguém que a ensinasse a amar, alguém que chegasse fundo em sua alma. Homem ou mulher, pouco me importa, desde que ela fosse feliz, desde que amasse e pudesse se abrir, se entregar a alguém. Achei que essa pessoa era Fernanda, ela conseguia ir a fundo em Sophie..., mas agora. Porra, e agora, irmão?

Ainda estou preso no que disse lá atrás, relacionado a amor. O amor não existe, existe a ilusão, no fundo o sentimento se resume ao que você espera daquela pessoa.

— Acha que um amor pode ajudar sua irmã?

— Todos têm a metade da sua laranja, Bruno, até mesmo Sophie... eu achei que essa merda não existia e olhe *pra* mim!

Levanto a garrafa de cerveja, em um brinde, e volto o meu olhar para a tv. Todos merecem amar. Sophie não se abre para ninguém, foi assim que ela aprendeu a sobreviver. Alguém poderia tocar tão fundo sua alma? Talvez, mas esse alguém com certeza não sou eu. Eu não quero amar, me apaixonar, tocar ninguém, não. Ajudá-la? Sim, queria muito, mas amor, isso eu não poderia dar a ela, por mais falta que ela me faça.

Deixei sentimentos há muito tempo para trás, pois esse tipo de amor machuca, são duas partes e uma delas sempre se perde e carrega feridas. Tenho um estilo de vida que gosto, que levo há bastante tempo e que me deixa satisfeito. Ela não se encaixa nele, isso é fato, eu só preciso aceitar. Sinto algo apertar meu estômago com o pensamento, finjo não sentir. Talvez por saber que Benjamin esteja certo.

Ela precisa de alguém que chegue fundo em sua alma e esse alguém não sou eu. Chegamos a um limite, um limite dela e é melhor que continue assim. Foi bom, mas acabou, logo cada um segue sua vida e a única coisa que irá nos restar em comum é Luna. Sophie está certa, é melhor aceitar que chegamos a um limite, um limite para nós dois.

Meu celular toca e fico surpreso ao ver seu nome na tela, atendo em

seguida.

— Sophie.

— *Bruno... eu, eu, eu... estou no hospital. Luna caiu, caiu do sofá e eu... ela não chora, ela só... ai, meu Deus. Eu vim pro hospital, eu não sabia o que fazer. Meu Deus, e se...*

— Calma, Sophie, respira. Estou indo, me passa o endereço!

A handwritten signature in black ink that reads "Sophie". The script is fluid and cursive, with a large, looping 'S' at the beginning and a long, sweeping tail on the 'e'.

Estou andando de um lado para o outro, tentando entender como isso aconteceu. Em um minuto, eu estava com ela, segura, no outro... ela estava no chão. Seu corpo parecia mole, apesar de seus olhos abertos e ela... ela não chorou. Ela não chorou, em nenhum momento. Como ela pode não chorar?

Eu tirei os olhos dela por um segundo, um segundo, apenas para montar a boneca que ela mordeu e separou a cabeça do corpo e, no segundo seguinte... eu só escutei o barulho, me assustando ainda mais ao vê-la no chão e ela não chorou. Meu Deus, e se... não, não, não, isso não.

Mas e se...

Eu sabia, eu sabia, eu sabia. Eu não deveria ter aceitado isso, eu não deveria ter ficado com ela. Eu não levo jeito com crianças, eu sou... eu sou incapaz de cuidar bem dela.

— Sophie! — Ouço a voz de Bruno e sinto alívio ao me virar e vê-lo vindo em minha direção.

— O que aconteceu?

— Eu não sei, levaram *ela* e pediram *pra* eu ficar, pediram *pra* que eu fizesse uma ficha, uma ficha... como podem? Eu tinha que estar com ela, eles

não podiam levar *ela* sozinha... — Meu corpo está tremendo em apreensão e cruzo meus braços, tentando me manter sã.

— Tem muito tempo?

— Não, não. Meu Deus. Não foi por mal, Bruno, juro que não. Eu não fiz por mal... Ela estava no sofá, comigo, assistindo. Foi um minuto, só um segundo enquanto eu montava a boneca e ela... estava no chão, foi um barulho tão alto e Luna não chorou, Bruno, não chorou... e se ela machucou a cabeça? E se eu...

— Ei, para! — Ele me segura pelos ombros, fazendo com que eu o encare. — Fica calma, só respira, *tá*? Só respira e vamos esperar, a culpa não foi tua.

— Claro que foi, a culpa foi minha. Eu deveria ter o olho nela, ela é um bebê. — Eu estou em desespero, total desespero, e ele me puxa para si, me enterrando entre seus braços, me acalutando.

Respiro fundo, como se eu precisasse estar perto, sentir seu perfume, o mesmo perfume que me fez tanta falta. Encosto minha cabeça em seu peito, esquecendo qualquer coisa que tenhamos passado, precisando me acalmar e voltar a mim, percebo então... ele me acalma... quando dei esse poder a ele?

— Sophie, *tá* com peso demais nas costas, só respira. Eu tô aqui...

— Se algo acontecer, eu não vou me perdoar...

Ele se afasta, segurando meu rosto entre as mãos.

— Ei, não vai acontecer nada, *tá* bom? *Tu* fez o certo, a trouxe rápido pra cá, *tá* tudo bem. Vai ficar tudo bem.

— Eu senti tanto medo, medo de... Meu Deus...

— Você não *tá* sozinha, não mais, eu tô aqui... estou aqui, Sophie.

Ficamos nos olhando, estáticos, presos um no outro, penso em falar algo, mas passos se aproximando chamam nossa atenção e quebra o nosso contato. Uma enfermeira vem nos chamar e Bruno segura minha mão, enquanto seguimos juntos para o consultório que a mulher nos guia.

Nem entramos na sala e já ouço um choro alto, um choro que eu reconheceria em qualquer lugar, o choro de Luna. Meu coração dispara e solto a mão de Bruno, sendo a primeira a entrar no consultório, vendo o

médico terminar de vestir nela o macacãozinho rosa que eu a trouxe vestida.

— Olha, olha sua mamãe aí.

Luna me olha e os olhos cheios de lágrimas fazem meus olhos transbordarem também e meu peito apertar. Mas não é por ela estar chorando, é por... ela me reconhecer, é por Luna, pela primeira vez, me olhar e parar de chorar, estendendo seus bracinhos em minha direção, pedindo por mim. Me aproximo, a pegando no colo e a abraçando, apertado, inspirando seu cheiro, sentindo quando encosta a cabecinha em meu ombro, em alento, restando apenas suspiros de seu choro.

Fechando meus olhos ao senti-la em meus braços, ao sentir seu cheiro.

— Como ela *tá*? — pergunto, a balançando em meus braços, vendo-a ainda soluçar.

— Ela está ótima, mamãe.

— Como ótima? Ela caiu do sofá e não chorou, isso é normal?

— Isso aconteceu porque ela não se machucou, mamãe. Luna é um bebê completamente saudável, a queda... acredito que ela tentou descer do sofá, ela não caiu. Ela está na idade de começar a dar seus primeiros passos, se segurar em pé e descer de coisas. Talvez tenha escutado o barulho, mas não foi bem uma queda, apenas uma travessura para sua idade e ela não chorou porque não tem nada de errado com ela.

— Você tem certeza? Porque você me parece novo demais. Você é mesmo pediatra? — Quando vejo, já falei e sei que ofendo o homem. — Me desculpa, eu só... — Sinto a mão de Bruno tocar meu ombro e sua boca beijar o topo da minha cabeça e não nego a segurança que sinto ao tê-lo ao meu lado.

Vejo o médico rir e me polício, lendo que, sim, que em seu jaleco está escrito pediatra.

— Eu sou, sim, pediatra e sua filha é a imagem da saúde, se acalme, ela está bem, confie em mim. Você é o pai? — ele pergunta, estendendo a mão para Bruno.

— Não, não somos os...

— É, somos, somos os pais — me antecipo em dizer. — Então é só

isso? Podemos ir, não é melhor ela passar a noite aqui? — pergunto e mais uma vez o faço rir.

— Podem, podem ir e fique tranquila, Luna é um bebê saudável e está bem.

Olho para ela e sorrio, beijando seu rosto e agradecendo internamente por ela estar bem. Nunca pensei que sentiria alívio por ver Luna chorar.

— Obrigada, doutor... eu acho.

— De nada e disponha.

— Vem, Sophie, vamos e obrigado, doutor. — Estamos quase chagando à porta quando Bruno para e olha para a enfermeira ao lado. — Qual o propósito de separarem a mãe do bebê no atendimento? Por que pediram para ela ficar lá fora, enquanto Luna estava aqui dentro? — Ouço-o perguntar e sinto raiva emanar de sua voz, enquanto a enfermeira nos olha, conciliadora, até.

— Oh, não, ela estava muito nervosa, precisava se acalmar. Sua esposa estava extremamente aflita, deixá-la na sala poderia atrapalhar o atendimento.

— E não acha que ela ficaria mais calma, se estivesse o tempo todo com Luna? — A veia do seu pescoço chega a saltar e seguro seu braço.

— Está tudo bem, só vamos sair logo daqui...

Ele me olha, o rosto fechado, chateado e confirma com um aceno. Saímos em seguida, juntos, do hospital, calados, sua mão espalmada em minhas costas ao me guiar para o estacionamento, enquanto levo Luna em meus braços, agora calma. Noto, ao chegar ao estacionamento que seu carro já não é o mesmo da semana passada. Coloco Luna na cadeirinha, no banco atrás e me sento ao seu lado, sem querer estar longe, ainda sentindo frio em minha barriga.

— *Tu veio de quê?*

— Uber... — explico e vejo-o acenar, arrumando o retrovisor interno, saindo em seguida.

Calados, seguimos o percurso até em casa, que é bem perto. Há pouco parecíamos íntimos, mas agora, o clima mudou e é como se fôssemos completos estranhos e enquanto vou fazendo carinho na cabecinha de Luna,

sentada na cadeirinha, ela vai aos poucos, caindo no sono.

Pego-a com cuidado quando Bruno estaciona e, assim como estávamos antes, estramos em casa, em completo silêncio. Vou direto para o quarto de Luna, seguida por ele e deixo-a no berço, ficando aqui, em silêncio, a observando junto a ele. À medida que ela ressona baixinho, meu coração vai se acalmando junto.

— Não vamos mais falar aquilo.

— Falar o quê?

— Que não somos os pais dela... — Olho para ele, o vinco em suas sobrancelhas se desmanchando ao entender o que falo. — Quando perguntarem... diremos que sim, afinal, é o que somos, foi o que nos tornamos, pois se nós não formos seus pais... então, quem será? Sempre manteremos viva a memória de Fernanda e Alex para ela, mas está na hora de aceitar que deixamos de ser apenas os padrinhos dela e que agora... somos pais de um bebê, independente de nossas diferenças.

O medo que senti hoje... meu Deus, nunca pensei que poderia sentir algo sequer parecido e me dei conta de que sou capaz de tudo por Luna.

— Tudo bem, você tem razão. Vamos, vamos deixar *ela* dormir.

Respiro fundo, querendo ficar aqui, me certificar de que está tudo bem, embrulho Luna e saio do quarto, só paro ao estar no corredor e procuro por Bruno.

— Está mais calma?

— Eu... desculpa por ligar assim, mas eu senti... pavor. O barulho foi tão alto e quando a olhei, ela estava deitada no chão, de barriga para cima, eu achei que ela poderia ter batido a cabeça ou sei lá. Ela não chorou e parecia molinha... eu me apavorei.

— Acontece, não é nada de mais. Ao menos o médico disse que ela está bem, isso vai te deixar mais calma, não vai?

— É, acho que sim...

— Ótimo, isso é bom e você pode me ligar sempre que precisar.

Isso me leva para dias atrás, quando cai no sono em meio à chuva, enquanto estávamos em uma chamada de vídeo. Eu posso dizer que não sou

quem ele quer e precisa, mas não posso negar que ele me faz falta, que não ter... o que estávamos construindo antes, me deixa inquieta e sem dormir.

— Obrigada.

— E já que estou em casa, vou dormir. — Ele segue em direção ao seu quarto e minha língua coça por falar, meu corpo pede por estar perto.

Que inferno de confusão.

— Bruno, sobre domingo, eu queria...

— Não, não precisa. Você estava certa.

— Estava? — pergunto, ainda mais confusa.

— Tentamos, não deu muito certo. Boa noite, Sophie.

Fico olhando-o sumir ao entrar em seu quarto, engolindo o que ouvi, balbuciando um:

— Boa noite.

Ainda passo um tempo parada no corredor, saindo do transe e indo em direção ao meu quarto, entrando um tanto aérea e me sentando na cama. Nos últimos quatro dias me dediquei aos treinos o máximo que consegui, mas não fui capaz de esquecer aquela noite. O que senti ao chegar àquele lugar, com ele, como estava bom a descoberta até... ele me deixar no escuro.

Não fui capaz de controlar meu corpo, meus desejos e temores e acabei... entrando em um buraco escuro.

Em todos esses dias eu pesquisei, busquei saber mais do assunto, ir a fundo. Achei vídeos, inclusive, alguns bizarros, outros... me deram tesão. E eu queria ser capaz de contar a ele o que aconteceu naquela noite, o motivo de me senti tão... perturbada. Mas essa não sou eu, desisti também... não sou eu e não nego, eu pensei em voltar àquele lugar, tentar entender e era isso o que eu ia dizer a ele... desde que nada envolvesse vendas.

Mas acho que o que ele estava fazendo há pouco era me dando razão ao querer distância, não era?

Não tenho experiência no assunto, mas... sim, é exatamente isso. Mas foi o que eu pedi, não foi? Sinto meu peito apertar, meu sangue correr lento, meu estômago esfriar beirando... dor.

Droga... droga!

Jogo-me na cama, olhando o teto branco, mas nem mesmo ele consegue acalmar os batimentos do meu coração, olho para o lado da cama, vazio... falta algo aqui... alguém.



Capítulo 46

*Momentos de beleza passam, tudo
passa... como uma roseira um dia
fora tão florida e colorida e, no outro,
não passa de rosa secas..., porém, as
lembranças, essas continuam vivas
em nossos corações.*

Sophie

Mantenho-me sentada, olhando o que deveria ser um jardim, com algumas roseiras secas, mostrando que seu momento de beleza passou. Respiro fundo, uma, duas vezes, todo o momento de beleza passa, não é?

Minha luta está chegando e eu nunca, nunca me senti tão confusa como me sinto agora. Eu achava que não, mas antes tudo era mais simples e eu não sabia.

Antes eu me preparava, dia após dia, para ser a melhor, para vencer, deixar de lado meus pesadelos, as lembranças, meus traumas, porque eu tinha apenas uma certeza no mundo, de que quando eu subisse no ringue, eu deixaria a fera sair, a libertaria e chegaria ao pódio, alcançaria a vitória. Mas hoje, isso parece distante.

E incrivelmente, me preparar para vencer já não é mais a única certeza que tenho, já não consigo deixar de lado a vida externa e apenas... me concentrar em lutar. O vazio em meu peito parece crescer a cada novo momento, a cada segundo que me dou conta da distância de quilômetros que está crescendo mais e mais entre mim e Bruno. Mal nos falamos.

Eu deveria ter uma única coisa em mente, a luta de amanhã, mas ao contrário, eu tenho Bruno e tudo o que aconteceu entre nós nos últimos meses. Essa confusão está causando um furacão silencioso aqui dentro, que só cresce a cada minuto, a cada pensamento. Eu pedi distância em um momento que eu estava certa do que queria, mas quando a calma veio... bom, essa certeza foi esfriando à medida que eu sentia sua falta, que eu sinto sua falta.

Junto a tudo... tem Pedro. Ele me ligou hoje, quis saber como estou, quer me ver e disse que iria para minha luta. Ele agrega peso à confusão que sinto, não nego.

— Não deveria estar se preparando para uma luta? — Ouço a voz grossa, rouca e olho em direção a ela, vendo uma mulher empurrar a cadeira de rodas em que Francisco está sentado, deixando-o próximo de mim.

— Caso precisar, me chame — ela pede e ele apenas confirma e parece estar bem.

— Deveria, mas senti sua falta. — Tento, mas ele solta um bufo em desdém.

— Você mente bem... muito bem, mas não o suficiente, o que foi?

Fico calada, voltando a olhar a roseira seca. Não tenho vindo muito aqui, mas tenho falado sempre com ele por telefone e ele sabe dos últimos acontecimentos, da mudança de rotina, de vida e me pareceu certo vir aqui, ele sempre tem bons conselhos.

— Há um momento, um momento pequeno em que eu me permito

ceder, me entregar à minha confusão, é o meu momento de fraqueza, sabe? — começo, mas sequer o olho ou espero uma resposta. — Eu me permito abrir a caixa, e então, em seguida, eu me levanto, fecho a caixa novamente, guardo todo o sofrimento e visto, mais uma vez, a minha casca, essa casca e tudo volta a dar certo, ao menos, deu certo até agora.

— Hum... e parou de dar?

— É... parou — afirmo, desde que Bruno entrou em mim, na minha alma, minha tática deixou de dar certo.

— E você não sabe o motivo?

Olho para ele, deixando o ar sair.

— Talvez eu saiba, mas não sei se quero fazer nada a respeito, não sei se consigo. Talvez seja melhor deixar o tempo passar, fechar a caixa, não é?

— O que seria melhor era você abrir de vez essa caixa, entender o que tem dentro dela, guardado, se entender e depois, ao invés de guardar a caixa, você deveria jogá-la fora e esquecer que um dia a teve como forma de escape. Está na hora de crescer, evoluir, deixar de vez o passado, Sophie. Para se livrar dele não basta fugir, fugir não resolve nada pois chega um momento em que você acaba exatamente aqui, sem saída. Precisa superar, a menina que um dia você foi, a que sofreu, ficou lá atrás, não está nessa caixa, ela está no passado. Precisa seguir em frente, não fingir esquecer. Funcionou bem até hoje, mas parece que a caixa ficou pequena, não foi?

— É tão difícil, França... tenho medo de abrir a caixa e sucumbir ao que está aqui dentro, esse tempo todo — me permito falar, mas não olhar em seus olhos.

— É o dilema de todos nós, menina, de todos nós. Como se sente com relação à luta de amanhã?

— Eu tenho que ganhar, não tenho? — Sorrio, mas aqui dentro sinto tristeza.

— É, você deve, mas se tem tanta confusão aí dentro, menina, por que não aceitou adiar a luta, como seu irmão pediu?

— E como sabe que ele pediu, falou com ele?

— Acha que é só você que me visita? — Velho convencido. — Fui eu

que disse a ele que era melhor adiar.

Olho-o surpresa e baixo o olhar, observando minhas mãos.

— Achei que não precisava, a fera está aqui, está pronta para sair, apesar de me sentir tão confusa como jamais estive antes.

— Mente sã, corpo energizado... não o contrário. O corpo é uma máquina e é o cérebro que o opera, se você não está bem por algum motivo, seu corpo não estará bem, Sophie, é matemática simples.

— Eu estou bem, eu vou ficar bem.

— Acredita mesmo nisso? Ou está aqui *pra* que eu te convença disso? Abra a caixa, Sophie, se conheça, se permita e seja feliz, minha campeã.

Me permitir, ser feliz, confiar para me abrir... eu sou capaz disso?



A iluminação é baixa e hoje já consigo olhar melhor o lugar, suas paredes, as pessoas, ver os detalhes. De cara não tem nada de mais, apenas uma sala ampla, com um tapete vermelho, paredes com detalhes em prata e decoração que me parece um tanto antiga, onde parece uma sala de estar..., mas não tem muito aqui, além de um quadro, desses antigos, de uma mulher romana nua... ou sei lá de onde ela é e um jarro com flores no canto da parede.

Ao passar por um corredor com iluminação baixa, com uma luz azul, saio em uma enorme sala, esta... Esta sim tem cara de puteiro, mas um puteiro sofisticado. Meu Pai!!!

Clube, lembro o que Bruno disse e sorrio, para mim continua sendo um puteiro de perversões sexuais, algumas um tanto... engulo em seco, o pensamento chega a dar volta com o que vejo à frente. Sabe aquelas jaulas, de zoológico mesmo, então... tem duas ao fundo e uma dela está ocupada, por uma mulher, que usa um tipo de máscara.

Ela não olha para lugar algum a não ser para o chão e à frente, tem um homem sentado em uma poltrona, com um... homem entre suas pernas, chupando seu pau, sendo dominado por ele, com as mãos amarradas para trás,

enquanto o Dom olha fixamente para a mulher na jaula, parecendo... satisfeito, não com o boquete, mas com o que vê na mulher.

“Castigos são necessários às vezes...”

Será isso, a mulher na jaula é submissa do homem que tem outro homem com as suas bolas na boca? Nego... tentando me colocar no lugar daquela mulher, isso nunca, assim como a coleira, esse sim é outro limite rígido para mim.

Mudo meu olhar, negando com a cabeça a cena. Não vou esquecer isso tão cedo.

Não tem tantas pessoas quanto havia no domingo, ainda assim, as poucas que estão aqui, conseguem me chocar com facilidade. O que posso fazer? Até pouco tempo eu era uma virgem, sequer tinha pegado em um pau... espera, sequer tinha visto um pau de perto.

Deparo-me com sexo, explícito. Homens fazendo mulheres de cachorrinho, outros apenas submissas, também... mulheres com seus submissos. Dominatrix, que chamam, uma delas arrasta o seu, em uma coleira. Estudei sobre o assunto, me inteirei e tanto homens como mulheres, podem ser predispostos a dominarem. Não é regra uma mulher ser submissa, bem longe disso.

Se um dia me falassem da prática e eu chegasse a cogitar me entender dentro dela, com certeza, submissa não seria minha opção, eu claramente não me imaginaria submissa, mas olhando tudo, não sinto tesão ao ver alguém dominando seu sub, mas sim, em ser dominada.

Não, não, não em ser dominada. Na verdade, sinto prazer em ser dominada por uma única pessoa, por Bruno, ainda que não tenhamos testado quase nada, é só pelo infeliz que me excito.

E, sim, eu voltei ao clube, o intuito? Bom, me abrir, lembram? Preciso tentar, preciso me entender.

Vim aqui a fim de entrar nesse universo e entendê-lo, me entender dentro dele, conhecer mais, ter a extensa noção do que é ser um dominador e ser uma submissa. Li muito sobre o assunto desde o domingo, mas nada como realmente ver, certo? E aqui estou, tentado passar por cima do que eu mesma disse, dias atrás, apenas por... sentir falta do que tínhamos.

O seu olhar preocupado com que me encarou naquela segunda pela manhã, quando voltei para casa, tem me acompanhado, mesmo que eu tenha tentado fugir dele nos últimos dias. Mal nos vimos, a não ser na reunião e ontem, quando me vi desesperada ao ligar para ele e pedir ajuda. Foi naquele momento, que notei o quanto ele se tornou importante para mim.

Sempre que algo está difícil, é para ele o meu primeiro pensamento. Quero tentar de novo, quero voltar a conversar com ele sobre isso, mas tendo a certeza de que realmente posso tentar e por isso vim até aqui. A verdade é que sinto falta de Bruno, do sexo, de... ser dele.

Nunca imaginei que um dia poderia admitir isso, mas é a verdade. Eu deveria estar em casa, descansando para a minha luta, mas após Bruno ter ligado e dito que ia sair, dizendo que precisava ir ao batalhão, que o chamaram de última hora, não consegui ir para casa ao deixar Francisco. Estava inquieta, ansiosa, me sentindo... fora dos trilhos e tive que vir, aproveitando que minha mãe está com Luna.

Entro no mesmo corredor que dias atrás entrei com Bruno e passo primeiro pelos quartos de vidro. Vou parando em cada um, observando, tentando entender, me entender. Sentir cada reação do meu corpo ao ver cada sessão de dominação à frente. Saber se sou capaz de ir adiante. Mas como posso, num primeiro momento, repudiar uma mulher abaixar a cabeça para um homem e, no segundo seguinte, sentir prazer ao vê-lo lhe dar prazer ao dominá-la?

Chego a apertar minha perna uma na outra, excitada com a cena. A mulher amarrada na cama, completamente aberta e exposta enquanto dois homens lhe dão prazer. Um sugando seu sexo e o outro, seus seios, enquanto ela se contorce como pode, fora de si. Engulo em seco e sigo pelo corredor adiante. Alguns quartos estão vazios, mas tem outro ocupado, o último quarto de vidro.

Ele está à meia-luz e de início vejo apenas uma mulher, presa a um tipo de cruz em formato de X, a famosa cruz de santo André. Ela veste uma peça de couro, um colete e uma calcinha minúscula, um tanto sexy. A imagem me assusta um pouco, a forma como ela está, não muito diferente de mim naquela noite.

Seus pulsos e tornozelos estão amarrados à cruz, ela tem uma venda

nos olhos, mas também está com uma mordaca na boca. Não uma mordaca comum, mas uma que tem uma bola de borracha no meio, que se encaixa perfeitamente em sua boca.

Sinto certa angústia com os adereços utilizados, repulsa até, mas permaneço aqui, observando. Seu peito sobe e desce, parecendo apreensiva, excitada e ela me lembra alguém. Tento ver mais de seu rosto, entender por que acho que a conheço, mas minha atenção muda quando uma sombra grande aparece do lado esquerdo do quarto, um homem alto, moreno com um chicote nas mãos, que entra em sua frente, ficando de costas para mim.

Desço meus olhos pelo corpo masculino e então... estaco no lugar, o tempo parece parar.

Meus olhos saltam para fora, chego a levar a mão à boca e tapar um grunhido surpreso, meu coração parando de bater no peito. O ar parece rarefeito, insuficiente, pareço ter perdido, parcialmente, a noção de como respirar. Dou um passo atrás, negando e bato em alguém e sequer olho para pedir desculpas, meus olhos estão presos lá dentro, olhando para ele, que segura um chicote nas mãos e parece, tenso...

Bruno?

Minha mente trabalha, mesmo que algo aqui dentro tenta dizer que não, que não é ele, até... que ele caminha, indo para atrás da mulher e se vira de frente para mim. Sinto meu coração voltar a bater, acelerado, a decepção doendo minha alma ao constatar o que minha mente tentava negar, é ele.

Vejo seus lábios se movendo ao falar algo e me dou conta:

Uma mentira... ele mentiu para mim. Vejo-o levantar o rosto, olhando em minha direção e é como se ele me visse aqui e me assusto com a intensidade do seu olhar. Mas usando a segurança de saber que não posso ser vista por quem está lá dentro, dou meia-volta e saio corredor afora. Batendo em algumas pessoas no percurso, sentindo...

Eu não tenho o direito de sentir nada, droga. Eu não... eu não tenho nada com ele, eu não deveria sentir tanto... eu não... eu... eu não sou suficiente.



Capítulo 47

*Ao castigar... o que realmente seu
corpo espera disso?*

Bruno

— Quer ser castigada, Paula? — falo, ao dar a volta na mulher que prendi há pouco, ficando a suas costas, após tê-la imobilizado completamente e não espero uma resposta, já que ela está amordaçada.

Olho o chicote em minha mão, algo aqui parecendo perder o sentido. Tenho a impressão de ser observado, o que não deveria me incomodar, já que hoje, escolhi um dos quartos abertos e olho para o vidro espelhado, que reflete apenas a mim e a Paula, pronto para... fazê-la minha.

Minha.

Volto a olhar para Paula, seu corpo um tanto tenso, ao mesmo tempo que pinga de desejo e apreensão pelo o que virá. Enquanto espera qualquer

movimento meu... Passo a ponta do chicote em sua clavícula, descendo por seus seios, indo de encontro à sua boceta, escondida por uma minúscula calcinha de couro, uma perdição... ela se move, sentindo cada toque em sua pele.

Eu deveria estar sentindo prazer, excitado, com tesão, de pau duro ao ver essa bela cena, mas ao invés disso...

Sinto-me deslocado, confuso, sem nenhuma explicação, que vem fazendo o meu peito se expandir, parecendo querer explodir. Desde cedo, eu... não consegui segurar a porra da onda. Precisava de um escape, precisava sair daquele apartamento que tinha o cheiro dela, a lembrança dela, que o tempo todo esfregava na minha cara os bons momentos que tivemos, que não se resumiram apenas a cama. Porra, o que diabos eu estou fazendo? Se eu for adiante... hoje, como eu vou olhar para Sophie, depois?

Essa não deveria ser uma preocupação, não... não deveria, porra. Eu não deveria me importar, eu tenho gostos, um estilo de vida em que ela não se encaixa. Eu sei disso, já tentamos, não deu certo. Ao mesmo tempo, algo aqui dentro parece gritar o óbvio: e se ela não precisar se encaixar em porra nenhuma e, sim, eu a ela? E se, de alguma forma, aquela pessoa a qual ela precisa, para que deixe entrar em sua alma, seja eu?

Putá que pariu, como eu quero ser a porra desse filho da puta sortudo, pois imaginar que outro alguém seria capaz de merecê-la... dói.

Olho a mulher a qual me marcou no passado, a qual me fez acreditar que o amor... era a porra de uma ilusão. Não é ela que eu quero, porra, não é Paula que eu quero. Há dias ela vem cercando, desde o dia em que foi ao batalhão, chegou a me ligar duas vezes e em outra, a encontrei aqui, naquela noite em que eu estava com Sophie, ao sair do clube. Fui claro quando lhe dei a ordem de se manter longe, ainda assim, ela insistiu e eu não cederia se...

Deixo o chicote cair no chão, sentindo pela primeira vez, estar deslocado em um lugar que, antes, me dava a sensação de casa, de um ambiente natural a mim, um lugar seguro, conhecido. Nada é mais como antes, me custa admitir, mas é exatamente isso. Não sei ainda o que quer dizer, não exatamente, mas... sei que tem a ver com uma única pessoa: Sophie.

Aproximo-me de Paula, liberando seus pulsos, tirando sua venda e a mordaca e sinto seu olhar em mim, incrédulo.

— Já vamos para outra posição, senhor?

— Eu achei que conseguiria, mas não dá, Paula. Isso, eu sequer sinto mágoa por você, ou desejo que seja para dominá-la, castigá-la, isso... não faz mais sentido.

A mulher me olha como se estivesse vendo outra pessoa à sua frente e tenta me tocar, me afasto.

— O que... o que está dizendo? Claro que este é você, é quem você é.

— Talvez seja..., mas não é só isso. Não faz mais sentido, não se for com você. Eu tenho que ir, preciso encontrar uma pessoa.

Pego a camisa pendurada em um gancho, vestindo-a com pressa.

— Você, nós... isso pode dar certo, tão certo quanto deu uma vez. Bruno, senhor... eu.

— Não deu certo da última vez, não se faça de idiota e eu me dei conta de que não quero tentar mais com você ou com qualquer outra. Não dá.

— Bruno!

— Quer permissão para voltar ao clube livremente? Você tem... está perdoadada.

— Vai atrás dela, a mulher de cabelos pretos, que saiu correndo de você naquela noite? — Paraliso, a olhando. — Vai, Bruno, e quando perceber que não vai encontrar nela o que quer, assim como não encontrei em seu irmão, estarei te esperando.

— Não será desta vez e desista de ficar me rondando, esqueça meu número e que um dia... nós existimos.

Saio do quarto, sentindo um cheiro diferente ao estar no corredor, cheiro de... Sophie, devo estar mesmo muito louco pela infeliz ao conseguir sentir seu cheiro em qualquer lugar, sendo levado a olhar para os lados, por impulso, a procurando. Seu cheiro é tão único... tão... dela que chega a me confundir. Porra, eu vou enlouquecer.

Na noite em que cheguei em casa e ela tentou falar sobre aquele dia, eu

não deixei, pois, as palavras de Benjamin estavam na minha cabeça e ele está certo. Ela precisa de alguém a quem confiar, alguém que a ame, que a faça feliz. E eu achei que esse não poderia ser eu, porém, eu não sou mais quem eu era há dois meses, não sou mais o homem que eu era antes de Sophie.

Ela não fala do passado, Benjamin fez questão de deixar claro, mas em alguns momentos, comigo, ela falou. Não é justo dizer que ela não me deixou entrar, ela deixou, por breves minutos. Chegou a me ver como... um protetor em meio à tempestade. Eu deveria ter tentado entendê-la mais, tentado conversar ou, ao menos, deixado o meu orgulho de lado e a colocado em primeiro lugar. Ter me esforçado e tentado... algo novo.

Passei minhas últimas noites rolando na cama, podia sentir seu cheiro em meu lençol, no travesseiro, em mim. Eu a queria, mas como podia continuar quando vi dor em seus olhos ao estar aqui, comigo? Eu não poderia, não sem ter certeza do que eu queria... e agora eu sei, eu a quero. Nada que vem depois de Sophie parece ter sentido, se não for com ela.

Cheguei ao clube mais cedo, fiquei no bar e me senti, pela primeira vez em anos, fora do lugar, foi quando Paula apareceu, sensual, pronta, submissa... e naquele momento, me pareceu uma boa ideia uma sessão de prazer, domá-la e tirar Sophie do meu sistema, foi um erro imaginar que ao tê-la a meu dispor, eu me sentiria no lugar novamente. Paula implorou para que a punisse pelo passado, para que aceitasse sua submissão, para que a fizesse minha mais uma vez. Eu cedi.

O passado é passado, eu poderia me enfiar nela sem nenhum pudor, ou receio, isso, se Sophie deixasse a minha mente. E se estão se perguntando se Paula é uma ex, sim, a resposta é um grande sim.

Eu era jovem e idiota quando a conheci e me apaixonei, era fácil se encantar por ela, Paula tem uma teia de sedução que poucas mulheres dominam e foi ela que me apresentou ao mundo BDSM.

Éramos de dois opostos extremos, ela classe média alta, eu... bom, trabalhava para o seu pai, no hotel da família e foi assim que nos conhecemos. Um dia ela se insinuou para mim, no vestiário do hotel, e eu a comi ali mesmo e, depois disso, os encontros eram recorrentes. Ela sempre foi linda, cheia de si, sexy... só um louco não se renderia a ela e eu me rendi.

Um dia Paula me chamou para viajar, não para muito longe e, por algum motivo, naquele dia, ela foi na frente.

Ao chegar ao quarto que ficaríamos, a encontrei amarrada na cama do chalé, amordaçada, molhada, à minha espera. Foi um choque, achei que ela estava sendo assaltada... que loucura. Mas não, ela queria me contar sobre seus gostos sexuais, os mais secretos e mais, ela queria saber até onde eu estava disposto a ir.

Não sei por que, mas de algum modo, nos encaixamos ali e eu descobri um mundo novo, um mundo que eu gostei, um mundo sem limite algum relacionado ao prazer, ainda mais com Paula. Ela sempre desconheceu a palavra limites, em tudo em sua vida e eu me aproveitei muito disso. Parecia que éramos opostos em tudo, menos... na cama.

Eu aprendi a dominá-la e me encontrei na prática, com ela. Me tornei bruto, dominador, entendi o que o BDSM e trouxe tal disciplina para minha vida e Paula era a submissa perfeita.

Logo que estávamos envolvidos, minha mãe descobriu a doença, e, tudo o que fazíamos, Paula e eu, passou a ser meu escape. Pouco fazíamos sexo convencional, gostávamos do perigo, gostávamos de passar dos limites. Passei a gostar cada vez mais disso, de precisar dela, passei a me tornar um dominador de corpo e alma.

Nossa química beirava à perfeição, eu mandava, ela obedecia. Mas junto tinha algo perigoso, o sentimento. Não éramos apenas um Dom e uma submissa, namorávamos e eu... descobri tempos depois, que eu ia além, eu a amava.

Então um dia, Heitor tinha um trabalho a fazer, da faculdade, e ia trazer alguém para casa, uma colega. Adivinhem só, era ela. Por algum motivo, Paula foi pagar uma matéria na sala de Heitor e eles se tornaram próximos. Apesar de namorarmos, nunca tinha a levado em minha casa, ainda mais após minha mãe adoecer, nosso relacionamento se restringia a mim e a ela.

Mas naquele dia ela foi à minha casa e não comigo. Nós três ficamos surpresos ao nos ver ali, em meio à sala, ela, Heitor e eu e acabei a apresentando como minha namorada, até mesmo para a minha mãe. Mas tudo ali parecia estranho, desde a surpresa no rosto de Heitor, até Paula,

visivelmente desconfortável.

Apesar de certo constrangimento, imaginei que era por estar em minha casa e ser pega de surpresa. Mas não era só isso, tinha mais e eu não percebi, talvez por confiar demais em Heitor. Um dia, ao chegar do trabalho mais cedo, ouvi vozes vindo da cozinha, cochichos... os peguei ali, Heitor a afastava, enquanto ela o beijava.

Não sei dizer o que senti. Eu sempre fui explosivo, mas ali, eu coloquei a razão em primeiro lugar, minha mãe estava no quarto ao lado, doente, eu não podia explodir. Fiquei lá, estático, sem ação e foi quando eles me viram.

Dei meia-volta e fui para o quarto, sem saber o que eu realmente sentia a respeito. Heitor tentou conversar, Paula tentou, mas eu... Eu ainda tentava entender por que doía tanto o gosto da traição. Talvez... foi por vir daquele que eu menos esperava.

A desgraçada me traiu e com meu irmão, ambos me traíram.

Neguei a Heitor qualquer chance de conversa, eu estava machucado. Paula também tentou, disse que se apaixonou por Heitor, sem saber que ele era meu irmão. Mas que me amava. Que não estava se entendendo, que amava a doçura e delicadeza de Heitor e de mim... amava a forma como eu a dominava, o sexo bruto.

Mal quis escutá-la, aquilo doía meus ouvidos. Foi então que minha relação com Heitor começou a rachar. Depois disso, mal estávamos nos falando dentro de casa, apenas o essencial. Nossa mãe piorou e, uma semana depois, Heitor anunciou que iria embora, eu sequer tentei impedir, me sentia traído, duplamente traído, após ele nos deixar, deixar nossa mãe... eu nunca aceitei sua ida.

Semanas depois, Paula parou de me ligar e descobri que ela tinha ido atrás dele, de Heitor, que estavam juntos, um casal.

Achei que sentiria doer mais, porém, não, apenas... não tinha mais sentimento, não tinha mais por que me decepcionar, eu não esperava mais nada dos dois. Estava ocupado demais dando atenção à única pessoa que realmente a merecia, nossa mãe.

Agora, ambos estão de volta à cidade. Toda a dor que eu vinha sentindo ao ver o sofrimento da minha mãe já era suficiente, eu não precisava

alimentar mais nada.

Uma coisa devo à Paula, o leque que ela abriu à minha frente, um leque que eu abracei como forma de vida, mas desta vez, deixando sentimentos de fora.

Meses atrás, eu seria capaz de estar com aquela mulher sem me importar com nada, sequer com o passado, pois ela não significa mais nada para mim, não mais. Mas hoje, o tempo todo, eu me senti traindo alguém, senti como se estivesse rasgando a confiança de Sophie, jogando fora o pouco que tínhamos avançado.

É uma puta de uma merda. Entro no carro, preciso ir para casa, preciso encontrar Sophie, preciso dela. Desde que Alex se foi, o meu antigo eu deixou de existir, Sophie e Luna se embrenharam em mim e não existe mais um Bruno sem elas.



Entro no apartamento, afoito, como se estivesse a ponto de tirar a mãe da força, disposto a fazê-la me ouvir. Mas em resposta tenho o escuro, apenas. Vou para o corredor, abrindo o quarto de Luna e vendo tudo apagado, o berço vazio. Vou para o seu quarto, abrindo a porta.

— Sophie!

Não tenho nenhuma reposta se não o silêncio. Para onde ela foi? Pego o celular e tento falar com ela, mas sequer chama e me preocupo, ligando para sua mãe em seguida, mesmo que já seja tarde. Dois toques, depois ela atende.

— Oi, dona Célia. Sophie está aí?

— *Oi, filho. Ela... não, não, quer dizer, está sim...*

Estranho, ouvindo sussurros ao fundo.

— Posso falar com ela?

— *Não, filho... ela já está dormindo com Luna. Sabe como é, a luta amanhã, ela precisa descansar.*

— Sei... tudo bem. Boa noite, dona Célia, diga a ela que liguei.

— *Claro, falo sim. Boa noite, filho.*

Fico olhando o aparelho em minha mão, achando um tanto estranha a conversa. O pior é que amanhã estarei em serviço e só poderei falar com ela à noite, depois da luta. Porra!



Capítulo 48

*A traição... quando os olhos veem, o
coração não esquece e a mente... não
perdoa.*

Sophie

Uma fuga... é como estar fugindo, em uma estrada a qual você não sabe onde vai dar, onde ou se irá chegar em algum lugar. Eu tinha um caminho, uma linha de chegada, era apenas correr, derrubar todos os obstáculos e alcançar a vitória, o céu era o limite. A linha parece estar perto, muito perto, mas por que não me sinto assim?

O amor machuca.

— Mexa os pés, use o dedão como apoio. Hoje sua adversária é maior, mais rápida e tem o cinturão, você o quer, então pegue! Movimente os pés, seja rápida e use sua esquerda. Não esqueça, ela joga baixo, então, de

maneira alguma, baixe a guarda.

Volto a mim quando Benjamin fala, enquanto estou no octódromo, esperando minha adversária entrar. Confirmando, chegou o dia da luta, inspiro fundo ao lembrar que mais cedo não teve falatório no vestiário, Benjamin não teve que expulsar Fernanda e que não vou ouvi-la gritar meu nome quando eu acertar minha adversária, nem a ver comemorar junto comigo.

Fernanda não perdia uma luta minha sequer, mesmo odiando o esporte, ela vinha por mim e ficava comigo, tagarelando, me fazendo rir até que... eu estivesse aqui, no octódromo.

Meu raio de sol...

“Eu posso ser a sua luz...”

Lembrar-me dessa frase me causa ainda mais raiva, uma raiva que sequer entendo o motivo de senti-la. Não tínhamos um compromisso, então, por que aquela cena me dói tanto? Me deixou acordada à noite? Me fez buscar refúgio na madrugada, em minha moto, indo parar no alto do Santa Marta, olhando a cidade calada, enquanto meu coração retumbava no peito?

Ouçõ gritos de quem está aqui para assistir a luta, a adrenalina faz meu coração acelerar, enquanto movo meus pés, dividindo o peso do meu corpo, aquecendo-o. Este é um dos meus lugares favoritos, o ringue... a dor, tudo isso me tira do mundo lá fora. Aqui só há lugar para ganhar ou perder.

Minha adversária entra, sendo ovacionada pelo público, claro, ela é a grande aposta da noite. Já a vi em muitas lutas, em que eu abriria o evento ao qual ela seria a atração principal. Olha aonde chegamos. Ela sorri ao me olhar, é famosa por seu sorriso, pois a maluca mandou serrar seus dentes, dando a eles uma aparência de caninos.

Sorrio com deboche em resposta, vendo-a do lado oposto, ela parece um tanto assustadora, claro, se eu fosse alguém que me assustasse fácil. Mais cedo, na pesagem, ela tentou me intimidar, chegou a simular que me daria um soco... bom, não deu muito certo. Sequer pisco em momentos como esses, manipulação, ofensas, pressão psicológica, esse tipo de coisa em que ela é expert em fazer, não funciona comigo.

Começo a me movimentar, enquanto somos apresentadas ao público, a adrenalina corre por meu corpo, certa animação por pisar novamente em

octódromo, em uma luta tão importante para a minha carreira, tomando conta de mim, ainda que algo aqui dentro, esteja fora do lugar e meu coração pese em meu peito.

Se eu fosse alguém coerente, eu não lutaria hoje, teria dado ouvido a Benjamin, dias atrás, teria adiado a luta, seria o certo a se fazer.

Mas sou orgulhosa demais para admitir que eventos externos interfiram em minha vida profissional. Afinal, eu nunca deixei o “pessoal” entrar no ringue, até hoje, pois ainda que eu tente não lembrar, não pensar, existe algo que faz o meu coração pesar no peito.

Ouçó a apresentação da Felina, apelido que deram a ela, talvez por seus dentes, ou ela serrou os dentes pelo apelido. Não me importa. Mas sei que ela é boa, invicta, desde o ano de 2014, que ela não perde uma luta. Derrotá-la me daria um cinturão, seu cinturão, além de me colocar em evidência para o mundo.

É a minha chance de fazer história e eu não posso desperdiçá-la.

— Sua torcida chegou — Benjamin fala, me dando água. Sigo seu olhar e vejo Mônica e André, um amigo dela e, segundo ele, meu fã, acenarem com entusiasmo. — Lembre-se, aqui dentro, você é sua única adversária.

— Eu sou minha única oponente.

— Isso, só você.

Olho novamente para a plateia e vejo Pedro, que parece com um semblante preocupado, ainda assim, quando percebe que o olho, ele sorri, sibilando algo que parece um: vai, garota.

Aceno, movendo a boca, sentindo o protetor e me viro. O juiz nos chama, dita regras e, por fim, é hora de começar. Nos separamos, meu sangue corre mais lento, meus olhos estão focados na mulher à minha frente e espero que ela seja a primeira a atacar. Respiro fundo, tentando abstrair qualquer sentido, qualquer lembrança, o mundo lá fora...

Vejo-a se mover, vir em minha direção e tentar me acertar um gancho de direita. Desvio, desferindo um contragolpe e tomando distância novamente. Um rosto na plateia me chama atenção, faz meu estômago esfriar, o tempo parar. É Bruno, sentado na primeira fila, da plateia lotada.

Ele sorri para mim, encorajador, e a distração é suficiente para que eu me assuste ao sentir um soco acertar meu rosto, um soco que me custa o equilíbrio, me faz dar passos para trás, tentando não cair, assistindo como em câmera lenta, a mulher vir para cima de mim, desferindo mais golpes.

Só tenho tempo para me proteger e a agarro, a impedindo de continuar. Tento fugir de deixá-la me jogar ao chão, ela é ótima na lona, ainda assim, sinto minhas costas irem de encontro à lona, seu corpo prendendo o meu em uma manobra perfeita.

Porra, porra, porra!

Prendo o ar, liberando no momento certo, sem deixar que ela encaixe o braço em meu pescoço, tentando jogar meu corpo para cima, me livrar do seu peso. Seu cotovelo vem de encontro ao meu rosto e sinto sangue vir à minha boca quando puxo o ar.

Consigo me virar, ficar de costas, proteger o meu rosto, sentindo o gosto doce e metálico do sangue na boca. Filha da puta. Não dou a ela o sabor de me derrotar aqui.

Ela sorri, mostrando com orgulho os dentes, fazendo como se fosse me abocanhar, rosnando, a cena é patética. Desgraçada.

O gongo soa, e nos separamos, ela orgulhosa por ter um round todo seu, eu... com raiva do mundo, de mim, e sangrando, logo hoje, eu não consegui deixar a vida externa do lado de fora do ringue. Não estou segurando a onda, porra.

Aproximo-me da lateral da grade, sendo amparada por Benjamin e a equipe, que cuidam de limpar e cuidar do meu rosto. Meu supercílio está cortado e cuspo o protetor de boca, pedindo água e lavando o sangue.

— O que foi isso? — Benjamin pergunta, preocupado.

— Ela é boa.

— Ela é boa? É o que tem a dizer? — indaga, trazendo algo gelado ao meu olho, estancando o sangue.

— O próximo round será meu, não se preocupe.

— Merda, vai *pra* cima, segura a defesa, defesa alta, é onde ela vai tentar te pegar e não deixa, de forma alguma, ela te levar de novo para o

chão. Como *tá* a visão do olho esquerdo?

— *Tá* boa, foi só o supercílio.

— Mova os pés, está se esquecendo de mover os pés, divida o peso do corpo, flutue... use sua defesa a seu favor, como combinamos, Sophie.

— *Tá*, pode deixar...

Não volto a olhar em direção a Bruno, não consigo e não quero. Olho para o lado enquanto ele limpa meu rosto e noto uma cadeira vazia na primeira fila, a cadeira que seria de Fernanda. Compramos o lugar para ela há três meses e o lugar continua vazio, como se a esperasse. Ela deveria estar ali, me assistindo, torcendo por mim.

O gongo soa, me trazendo de volta.

— Usa a porra da esquerda e fecha essa guarda, caralho.

— Beleza.

Levanto-me, me movimentando, vendo a mulher me chamar, em pura provocação. Ela vem, com tudo e desta vez meu soco quase a leva à lona, fazendo com que cuspa sangue e é a minha chance, vou para cima dela, tentando não lhe dar chance de defesa, porém, minha guarda fica aberta. Sei que ela joga sujo, Benjamin dizia e é verdade, a prova disso é que Olívia me segura de forma proibida, acertando socos consecutivos em minha costela, onde já foi fraturada, travo a mandíbula, a empurrando e me livrando da infeliz. O juiz sequer se dá conta.

Tento não urrar de dor, segurando o lado da costela, enquanto a plateia grita pelo nome dela. Nem toda a dor do mundo me levaria para lona... não a física, porém, me deixo ser desestabilizada quando leio a palavra órfã em seus lábios.

Saio de mim e eu nunca, nunca, faço isso, nunca dou lugar à raiva, nunca perco o controle, não aqui. Nunca importa o que digam. Mas hoje é uma exceção, estou machucada, intimamente, ferida e me deixo levar, me perdendo.

E no momento que vou para cima dela, sem nenhum controle, dou a ela a vitória.

Mal lhe acerto um soco e esqueço de manter a guarda, como Benjamin

tanto pediu. Me dou conta da besteira tarde demais, movida pelo estímulo errado. Acerto um soco em sua face, de raspão, pois de alguma forma a infeliz foge de mim e seu contragolpe vem de um jeito que faz sangue voar na lona e me deixa tonta. Gritos soam, vozes, enquanto ela consegue, sem esforço, acertar meu ilíaco, uma e duas vezes, trazendo uma dor que me faz levar o joelho ao chão.

Ela sorri, vitoriosa, e sinto seu último soco. Vou à lona, tentando não apagar, levantar, olhando para aquela mesma cadeira vazia, antes de apagar de vez...



Capítulo 49

Subestimam o amor... e às vezes o banalizam, a verdade é que ele é e sempre será o sentimento mais puro existente no mundo.

Bruno

Nem vi quando foi que deixei a plateia e já estava junto a Benjamin, subindo no octódromo. Ela estava no chão, a vencedora já tinha sido determinada, foi por nocaute e ela comemorava sua vitória, enquanto Sophie estava na lona, inerte. Eu... sentia meu coração vir à garganta ao ver Sophie jogada, de bruços, sangue saindo de sua boca e molhando a lona.

Sophie também era invicta desde 2016, em sua categoria galo, fazia muito tempo que eu não assistia a uma luta que ela perdeu, mas nessa... sequer parecia mesmo Sophie. Seu olhar, sua aura, ela não tinha nada da lutadora enérgica, que já chegou a levar uma adversária à lona em 50

segundos.

— A culpa é minha, eu sabia que ela não estava bem e a deixei lutar...
— Ben fala, ao meu lado. — Mamãe disse que ela mal dormiu ontem à noite, que saiu no meio da madrugada, como fazia antes. Eu não deveria tê-la deixado lutar, não deveria ter cedido à sua vontade.

— Como assim, não dormiu? — pergunto, me desencostando da parede.

— Sim, parece que chegou tarde em casa, parecia chateada, demorou a dormir, ou nem dormiu, já que saiu de madrugada, de moto. Ela só sai assim quando algo dentro dela não está bem, está confuso... ela fazia muito isso antes, no meio da noite, quando tinha pesadelos. Às vezes acabava em meu apartamento, mas ela disse que estava melhor, eu acreditei, ainda mais depois de encontrar o tal irmão. Droga... ela sequer descansou *pra* essa luta.

Seguro seu ombro. Estamos no hospital, viemos para cá, após Pedro ter achado melhor trazê-la logo.

— Calma, cara. Não é sua culpa, não tem culpados nisso. Foi uma luta, um dia se ganha, outro se perde...

Ele nega, tendo Mônica ao seu lado, segurando sua mão. Foi uma luta difícil de se ver.

Até estar envolvido com ela, assistir sua luta nunca tinha me incomodado como hoje. Em alguns momentos, tive vontade de tirá-la de lá... em principal, quando ela me olhou, no ringue, algo naquele olhar estava errado. Assisto ao Pedro entrar pela porta interna da recepção, vindo em nossa direção, sua calça um pouco suja de sangue. Ao nos ver ele nem precisa que perguntemos nada, já se prontifica a dizer:

— Ela está bem... não chegou a fraturar nada, apesar de ter lesionado o rim, mas não é nada tão grave, com que devemos nos preocupar. Ela consegue se recuperar com repouso indicado e medicação. O nariz, ela quase o quebrou, ficará com hematomas por alguns dias, mas fora isso, ela está bem.

Observo a emoção que passa por seu rosto ao dizer isso, o incômodo, a forma que bagunça o cabelo por falta de algo que ocupe as mãos.

— Foi você que a atendeu? — Benjamin pergunta.

— Não, não. Já não atuo como médico, só me deixaram assistir ao atendimento por ser conhecido aqui, trabalhei neste hospital, por anos.

— Claro... eu vou avisar *pra* nossa mãe, ela *tá* em casa com Luna e deve estar preocupada e, olha, cara, obrigado pela força, sei que se não fosse você, o atendimento teria demorado bem mais — Benjamin o agradece, lhe estendendo a mão para um aperto, pegando o celular e saindo em seguida.

E ainda tem Luna, eu tinha certeza de que Sophie ganharia essa luta, tinha combinado com dona Célia que iria buscá-la assim que deixasse o estádio. Bom... nem tudo sai como queremos. Me volto para Pedro, após Benjamin nos deixar sozinhos.

— Quando ela vai acordar? — pergunto.

— A qualquer momento.

— Posso ir vê-la, então?

— Sim, claro, vai ser bom ter alguém do lado quando acordar. Venha, vou pedir que libere sua entrada, e depois eu vou ver Alice, dar notícias e logo volto.

Confirmo, seguindo-o até um dos quartos, receoso em entrar em um primeiro momento. Recebo um aperto no ombro, em despedida, enquanto fico parado na porta do quarto, percebendo que já vim muito a este lugar nos últimos meses. Tenho que parar com isso, temos, na verdade.

Entro, sentindo o costumeiro cheiro de hospital, sentindo como se estivessem arrancando minhas tripas e colocando no lugar pedras de gelo ao vê-la deitada no leito.

Sento-me em uma cadeira próximo a ela e permaneço ao seu lado, ouvindo sua respiração e olhando o rosto marcado, o supercílio com um curativo, manchas vermelhas embaixo de seus olhos e um corte pequeno na boca. Foi um estrago e tanto.

Toco sua mão, a escondendo entre as minhas e permaneço assim, como se com um toque, pudesse dizer a ela que estou aqui, por ela, que não importa o que eu queira ou possa me dar, desde que esteja ao meu lado.

É confuso o quanto complicamos as coisas, a vida. Tudo é simples, desde que você... deixe que seja, se permita. Eu não me permiti, não com ela,

nem com algumas pessoas, por exemplo, Heitor.

Tudo deveria ser mais simples.

Ouçõ um gemido e me levanto em expectativa, sem deixar sua mão, tocando também seus cabelos, vendo Sophie abrir os olhos com certa dificuldade, piscando algumas vezes.

— Água, quero água — fala, um sussurro rouco, acho que sequer me enxerga realmente.

Pego o copo que foi deixado em uma mesinha próxima e levo o canudo à sua boca, ela suga um gole pequeno, voltando a deitar a cabeça no travesseiro, passando a língua nos lábios.

— Ei, marrenta, estou aqui, contigo.

E então ela volta a abrir os olhos, piscando alguma vezes e foca a atenção em mim, um dos olhos inchados, com uma bola de sangue dentro, próximo à íris. Sua atenção está em meu rosto e noto sua expressão mudar, como se não me reconhecesse, tirando sua mão da minha com brusquidão, olhando ao redor e tentando se levantar, a impeço.

— Ei, tá tudo bem. — Tento, segurando seu ombro. — Fica deitada, está no hospital, Sophie, mas está tudo bem.

Assisto-a voltar a descansar a cabeça no travesseiro, fechando os olhos, apertando-os com força e quando ela volta a abri-los, encontro duas esferas recheadas de remorso, vergonha e mágoa, enquanto se livra do meu toque.

— Foi nocaute... — fala e eu apenas confirmo, vendo-a levar a mão ao rosto e tocar a face, sobre o machucado acima da sobrancelha.

— Ela pega pesado, mas ela também teve sorte, foi um golpe um tanto sujo e...

— Não — ela me corta, pigarreando, recuperando a voz. — Não existe isso em lutas, não existe sorte, eu perdi, foi isso. Não tem um motivo, eu lutei mal, paguei um preço por essa ação.

— Eu não acho que...

— Tudo bem — fala, olhando para o outro lado, para a parede. — Pode ir, eu quero ficar sozinha.

Noto a raiva em sua voz, seus olhos começando a lacrimejar. Quanta merda em tão pouco tempo e o quanto alguém pode suportar?

— Sophie... Isso acontece, eu estava lá, eu assisti à luta e... — Tento segurar sua mão novamente, mas ela a retira da minha com brusquidão e me olha com... algo que beira à raiva, não, pior, é mágoa.

— Quero ficar sozinha, só vai embora, Bruno, só saia daqui.

— Eu não vou te deixar sozinha, *tu precisa* que alguém esteja aqui, com você! — insisto e ela nega.

— Mas não você, posso precisar de alguém, sim, e pode ser qualquer pessoa, desde que não seja você, agora vai embora.

Não entendo, sei que não estávamos bem, mal estávamos nos falando, ainda assim...

— Olha, eu sei que talvez não seja o momento, não foi assim que eu ensaiei dizer isso, na minha cabeça estaríamos em casa ou comemorando..., mas isso não importa mais, não importa o lugar.

— Comemorar? Comemorar? — Suas sobrancelhas se juntam, sua expressão se fecha.

— Me deixe falar, pois me dei conta, de que, o que eu achei que precisava... eu não preciso mais, não se não for com você, Sophie! Construímos algo sem nem perceber, temos Luna, estávamos em um tipo de relação, querendo ou não e... eu acho que de alguma forma fizemos funcionar. Algo deu certo, podemos ter rachado em algum momento, talvez por imaturidade, por não entender um ao outro, o que sentia, mas podemos consertar. — Isso foi péssimo, eu sei e posso me arrepender de dizer isso agora, assim, mas o arrependimento seria maior, caso eu não falasse, eu precisava dizer tudo a ela, preciso dizer que...

Sophie volta a me olhar, olhos vermelhos, rosto fechado, machucado. Mas não é só seu rosto que está machucado, seu ego está ferido e tem algo mais escondido em seus olhos, ao me olhar com indiferença, para no minuto seguinte, solta uma gargalhada alta, sarcástica, falsa... seguida de uma careta de dor.

— Tragam-lhe um Oscar! Você deve achar que sou idiota... o fato de ser virgem, talvez tenha te passado a ideia errada sobre mim, Bruno, não sou

tão ingênua assim.

— Do que *tá* falando?

— Acha o quê? Que estamos presos um ao outro por causa de Luna? Que devemos fingir um relacionamento por ela, fazer funcionar? O que acha exatamente que funcionou? Rachar... rachar? Não, não rachamos nada, porque não chegamos a construir nada.

— Nós, o que tínhamos...

— Não tínhamos nada, Bruno, nada. Foi coisa de momento, coisa da nossa cabeça, não, não. Coisa da minha cabeça, pois o tempo todo você deixou tudo bem claro, sexo, dominação e só. Assumimos um lugar que não era nosso, uma filha que não é nossa, uma vida que não é nossa e fingimos brincar de casinha, mas isso já passou, o encanto, quebrou. Não precisa fingir mais. Falou em tentar... tentar o quê? Agora quer fingir amor? Voltar a fingir se importar e pelo quê? Por Luna? Ah, já deu. Mas você é bom, muito bom, eu devo admitir. — A segurança com que fala me abala, até aquela noite, quando voltamos com Luna do hospital, Sophie pareceu... querer conversar e agora...

— *Tá* me deixando confuso... no que exatamente eu sou bom?

— Espera o quê, Bruno? Que diga: eu não preciso mais do que acho que preciso... e que voltemos juntos para casa, fingindo ter um relacionamento amigável... criando juntos uma criança que não é nossa, fazendo sexo, fingindo uma família e aí, em algumas noites, quando você enjoar dessa vida pacata, você inventa uma desculpa qualquer e vai para o clube, ser quem realmente é, como fez ontem? É como quer continuar?

Isso me paralisa, meu coração perde o compasso enquanto vejo seu rosto tomar um tom vermelho, raiva a preenchendo. Como, como... ela sabe?

— Sophie... não é...

— Não é o que estou pensando? Ah, que convincente, me diga, como é mentir assim? Como é enganar? Como é estar aqui em minha frente e simplesmente não se importar? Não precisa disso, eu entendi o recado com o que vi ontem, eu estava lá, vi você com outra... uma submissa perfeita, alguém que eu nunca, nunca vou conseguir ser, porque sou quebrada demais *pra* isso ou apenas... o mundo é podre demais para mim, pois quando eu acho

que posso confiar em alguém, que essa pessoa merece o meu... — Para, negando. — Quer saber, faça um favor a nós dois e se manda daqui!

— Espera, o que acha que viu? Como, como... você voltou ao clube?

— Isso não importa, não mais. Foi um erro, tudo foi um erro, desde o início. Não sei como me deixei levar, não sei como pude abrir minha guarda, como acreditei que poderia entrar nisso e sair imune...

— Não é o que pensa, eu sei o que parece, eu sei, sei o que viu... — Tento me aproximar. — Quer dizer, acha que viu, mas não foi assim, pode confiar em mim, tudo que eu mais quero...

— Só sai, temos um vínculo, nisso, você está certo. Mas é só o que teremos em comum daqui em diante.

— Sophie, me deixa falar, explicar. — Estou praticamente implorando, tentando ter a dimensão da merda que isso virou.

— Perdeu esse direito quando mentiu *pra* mim... quando fecho os olhos, é como se eu ainda pudesse vê-lo ali, à vontade, como se pudesse se fundir àquele lugar. Eu tenho nojo de você na mesma medida que tenho raiva de mim mesma — fala e me paralisa quando tento tocá-la. — Sinto nojo do que vi. Fazia o quê? Cinco dias? Desde nossa tentativa? Então, depois que voltou do clube, achou por bem vir aqui hoje e tentar... o que realmente queria? Ah, não, não precisa explicar, já não faz sentindo.

Eu fecho meus olhos quando me dou conta do que está acontecendo. Eu menti, ela tem razão, menti quando disse a ela que precisava ir ao batalhão e acabei no clube, com Paula. Mas como ela estava lá?

— Você esteve mesmo lá?

— Fique tranquilo, foi a última vez e não fiquei para ver seu show até o fim.

— Sophie, se tivesse visto...

— Mais? Queria que eu visse mais? *Pra* que, *pra*...

— Eu não fui até o fim — a interrompo, fazendo com que mantenha a boca aberta, mas em silêncio. — Não é por Luna que eu tô aqui, é por você. Me disse que não poderia me dar o que eu queria e eu concordei, porque... eu também achei que no fundo, eu não serviria *pra* você, que éramos dois

opostos.

— Isso não importa mais, não entende?

— Importa, claro que importa. Fui *naquela* porcaria de clube com isso em mente, até perceber que quem eu era, já não faz sentindo, eu não faço sentido se não tiver você. O tempo todo era em você que eu pensava, era com você que eu queria estar, sem me importar o que me daria em troca, em como seria. Não é sobre o que pode ou não me dar, é sobre o que eu sinto, no que me tornei, no quanto me apaixonei por você... — No fim estou quase gritando.

Espero uma resposta sua, enquanto ela abre e fecha a boca, sem emitir nenhum som.

— Quer que eu acredite nisso? Espera mesmo que depois do que eu vi, depois de mentir *pra* mim, eu vou confiar em você?

— Não eu... — Paro, ao ouvir:

— Ah, você já acordou. — Sou interrompido por Benjamin e a decepção que vejo nos olhos de Sophie corta algo aqui dentro, percebo a diferença com que olha para o irmão, como se ele pudesse salvá-la de mim.

Ela já me olhou assim, em busca de proteção, já se escondeu em meus braços, quando fugia do que lhe dava medo. Me afasto, indo para o fundo do quarto, deixando Benjamin se aproximar dela, da forma que eu gostaria de poder. Minha mão coça por querer tocá-la, confortá-la e eu... eu estraguei essa merda.

— Pode ir, Bruno, eu fico com ela — Benjamin fala, tocando o rosto de Sophie, perguntando como ela se sente.

Fico aqui parado, eu não quero ir... não quero deixá-la, mesmo que ela diga que não me quer aqui. Não é justo, não é justo com ela. Ontem eu queria provar que não precisava dela, que eu poderia voltar a ser o mesmo de antes, que aquele lugar ainda era o meu refúgio. Sophie tem certeza de que eu fui até o fim, que eu consegui ir até o fim, quando, na verdade, ela não deixou, pois em nenhum momento eu consegui tirá-la da cabeça.

— Eu vou ficar aqui fora.

— Não precisa — ela me corta. — E não volte.

Benjamin estranha a forma como ela fala e olha de mim para ela, abrindo a boca e voltando a fechá-la, parecendo entender o que acontece, matando a charada.

— Boa noite! — falo, apenas, não posso prometer que não vou voltar.

Desisti, sem tentar, sem convencê-la do que realmente aconteceu. Não faz parte de mim, se bem que... não sei se fará diferença para ela saber se fui até o fim ou não, já que o que parece realmente tê-la ferido, foi minha mentira. Afinal, eu estava lá.

Deixo seu quarto, sentindo meu peito ferver, algo fora do lugar. Por isso sua mãe mentiu, ela pediu que o fizesse... seu perfume, o que senti ontem, não foi uma imaginação, ela estava mesmo lá. Ela sequer consegue me olhar nos olhos.

“Sophie tem dificuldades em confiar.”

É como ouvir seu irmão falar, ainda assim, ela confiou em mim, ela se entregou a mim pela primeira vez na vida e eu ferrei tudo. Após ela ver o que viu, o que eu esperava? Ela achou que estou tentando fingir algo... lhe contar mentiras. Claro, nós não tínhamos nada, não é como se fosse uma traição, ela se afastou primeiro, mas sim, eu menti e se ela voltou ao clube foi para...

Merda, merda, caralho!

Estou quase chegando ao meu carro quando alguém me chama, me viro e vejo Benjamin, vindo em minha direção como um trator, de punhos fechados, mal tenho tempo de processar o que fará. Ele acelera, sequer vejo o que me atinge, me jogando em cima do carro e seu soco me faz urrar pela dor, certo.

— *Tu ficou* maluco, caralho? — rujo, sem devolver seu soco e trago minha mão ao meu nariz, que sangra, melando minha camisa.

Porra, já não bastava ter entortado da primeira vez. Ao menos agora, não posso dizer que não mereci.

— Você não tinha o direito, não com ela. Como conseguiu?

— Eu... eu... eu... eu... — Paro, o que eu posso dizer? Porra, eu mereci esse soco. — Eu a amo, *tá* legal? A amo, é isso. *Tu quer* me bater, bate se vai te deixar melhor, eu estou mesmo merecendo, porra... E sim, é, Benjamin, eu

me apaixonei pela marrenta e me fodi, fodi a merda toda e agora ela me odeia. Mas eu vou deixar claro uma coisa, se pensa que com esse soco vai me afastar dela, está enganado, não vai ser como da primeira vez, eu vou continuar tentando, vou consertar o que fiz — grito, chamando a atenção de algumas pessoas que passam pelo local.

— Como... merda, Bruno... isso, isso...

Eu o desarmo, talvez por achar que eu a estava usando, mas ao ouvir a verdade, meu Deus, e eu amo. Porra... eu a amo.

Me dou conta, eu fodi a merda inteira.

— Porra, eu a amo, Benjamin.



Capítulo 50

“Não é sobre o que pode ou não me dar, é sobre o que eu sinto, no que me tornei, no quanto me apaixonei por você...”

Sophie

Fico olhando o teto, o gesso branco, tentando fazer com que as lágrimas que se empossam em meus olhos, não desçam, para que a dor, deixe de me machucar. É como se eu tivesse uma faca enfiada em meu peito e a todo momento que meu coração pulsa, ela entra mais um pouco em minha carne.

Fecho os olhos e uma lágrima teimosa me escapa, molhando o travesseiro. Sorrio, sozinha, munida de sarcasmo e seguro o choro ou tento. Há tanto tempo não deixo o rio romper e por conta de um idiota, babaca de uma figa... não consigo segurar as lágrimas.

“Não fui até o final...”

Foda-se. Paixão... paixão... que ele enfie sua paixão na porra da bunda e se foda.

Ouçoo passos e limpo meu rosto, virando o rosto para o lado, sentindo minhas costas reclamarem com o movimento, tentando fugir do olhar aguçado de Benjamin.

— Voltei — fala, ele saiu assim que Bruno também se foi, após derramar em cima de mim um turbilhão de palavras e me deixar... sem palavras. — Eu estava com Bruno.

— Aham.

— Só aham?

— Não — falo e limpo minha garganta, tentando disfarçar o bolo de choro preso aqui, querendo rasgá-la. — Luna, já falou com nossa mãe?

— Já, ela está bem... e está vindo com a menina, para te ver. — Confirmo e teimosamente mais uma lágrima me escapa e limpo, fingindo não notar, tentando não me entregar ao desespero que sinto aqui dentro. — Pelo horário, crianças não poderiam entrar, mas o seu irmão figurão disse que consegue driblar a recepção por alguns minutos. Já, já elas estarão aqui, sabe que mamãe só ficará bem após te ver, não é?

— Ela assistiu à luta?

— Sim, assistiu. — Assinto, imaginando como deve ter sofrido ao assistir àquele massacre.

— Você e Bruno, estavam brigando, quando eu cheguei?

— Não, não há pelo que brigar, não há nem mais o que falar.

— Sei... presumo então que esse choro, preso na sua garganta, a qual tenta segurar, é por ter perdido a luta? — pergunta, se sentando ao meu lado, na cama.

Não o olho, se eu olhar seu rosto... eu vou deixar a cachoeira romper.

— Isso, é por isso.

— Porque, caso não fosse, eu iria te dizer que, mesmo não sabendo o que aconteceu entre vocês, talvez sentar e conversar, poderia ajudar. Já que

os dois parecem ter sentimentos um pelo outro... seria o certo a se fazer, esclarecer tudo. Mas isso, caso estivesse chorando por algo que aconteceu entre vocês, mas como é pela luta, então, está tudo bem, não é?

— É, está tudo bem.

Eu queria que estivesse tudo bem, mas tem algo aqui, me cortando que eu ainda não sei o que é.

“Não é sobre o que pode ou não me dar, é sobre o que eu sinto, no que me tornei, no quanto me apaixonei por você...”

Droga, droga... por que inferno dói tanto?



Eu me lembro de cada detalhe, de cada segundo, venho me lembrando de tudo, desde que acordei nesta droga de hospital. Já estive aqui, bem mais machucada do que estou hoje, ao ponto de precisar que Benjamin limpasse minha bunda, mas ainda assim, eu tinha vencido aquela luta. Mas hoje... a sensação de perder é desoladora. Perdi a luta e perdi... algo mais, alguém e está doendo.

Há muito tempo estou acordada, desde às três da manhã, os pesadelos... achei que após ter uma parte da minha vida resolvida, eu teria paz. Os dias em que passei sem ter pesadelos me deram esperança, os dias que dormi bem... e com isso descobri algo, não estava dormindo bem porque tinha descoberto o meu passado, dormia bem porque estava com ele e me sentia... segura.

Mas tudo parece ter voltado, desde aquela noite. Porém pior, ontem foi o sonho com meu pai, com um incêndio e hoje, foi com aquela noite, a noite que resultou nas cicatrizes em minhas costas, a noite que tornou o escuro ainda pior.

Permaneço de olhos fechados, sei que tem alguém no quarto, mas tudo o que eu quero é estar sozinha, e por isso finjo dormir, preciso pensar, acalmar minha mente, cuidar do meu corpo.

— Estou vendo seus cílios piscando, vamos, abra os olhos.

Não consigo continuar fingindo ao ouvir essa voz e faço o que pediu, dando de cara com Francisco sentado onde, ontem, Bruno estava.

— Meu estado deve ser mesmo preocupante, dado que Benjamin te trouxe aqui.

— Ninguém me trouxe, eu vim porque quis, sua menina mal-agra-decida. Assisti à luta, ou melhor, assistir àquela humilhação pública.

Engulo em seco, me sentando, sentindo dor acima do meu ilíaco, sei que são os rins, sinto dor sempre que tento fazer xixi.

— Ao menos, você não está fingindo que foi uma luta, como Benjamin, e ele ainda se sente culpado...

— E ele foi, vocês dois foram. Aquilo não foi uma luta, sequer era você ali. Deveria tê-lo ouvido, adiado, mas seu ego cresceu tanto, que se tornou maior que a razão. E o problema, é exatamente esse, Benjamin, por começarem a passar pano no chão que você pisa, passar a mão na sua cabeça, como o seu irmão faz. Não é disso que uma campeã precisa e, sim, de disciplina. Eu já disse isso, qual foi sua primeira lição?

— Nunca acreditar na vitória antes de ter a certeza de que pode alcançá-la.

— Você não estava pronta e não é no sentido físico, não, é mental. Como seu irmão não viu isso?

— Ele viu, tentou adiar... eu não deixei.

— Dois idiotas e eu achando que passei bem meu legado, que lhes ensinei bem a lição. Espero que esteja arrependida.

— Acho que... talvez seja hora de parar — falo, sentindo o peso de perder uma luta, algo importante, que vinha desejando desde que comecei essa caminhada.

— Como é?

— Minha vida mudou, minhas prioridades mudaram... eu tenho Luna agora, tenho a academia, talvez seja o momento de dar um tempo.

— Ora, não me obrigue a levantar desta cadeira e tirar essa ideia à força da sua cabeça dura. Esse é o problema da sua geração, não sabem perder. Você nunca perdeu, sempre ganhou todas as lutas desde que te proibi de

voltar àquele ringue de luta clandestina, que mais parecia uma rinha de galo. Com isso você se acostumou a ganhar e não sabe perder.

— Engano seu... na minha vida, eu sempre perdi.

— Não por escolha! Sempre pelo destino e por isso jamais abaixou a cabeça, jamais desistiu. Está machucada, o ego está ferido, seu orgulho foi varrido e eu entendo, ninguém melhor que eu pode entender, porque... olhe para mim. Mas você me vê com pena de mim mesmo? Ganhar é uma dádiva, uma conquista, já perder... é o que fazemos todos os dias, é o que torna doce a vitória.

Olho-o, sua sabedoria é sempre bem-vinda.

— Você vai se cuidar, vai conquistar seu orgulho de volta, vai tomar essa luta como exemplo e vai recomeçar e eu, vou estar lá, com você, chega de ficar o dia todo jogando cartas. Vai voltar a treinar assim que for liberada, vai dar duro, vai se encaixar na sua nova realidade e vai pedir por revanche e quando trouxer aquele cinturão *pra* casa, vai ter gosto de vitória duas vezes. Entendeu?

Não é como se eu pudesse lhe dizer não e sinto então uma lágrima descer e desta vez, não tenho vontade de secá-la, não em sua frente, não hoje. Estou me sentindo tão ferida, que não consigo sequer segurar o choro. Parece que a hidroelétrica que estava fechada, é aberta, pois assim que deixo uma lágrima rolar, outra vem logo atrás, e mais outra.

Sinto a mão de Francisco na minha.

— Isso, coloque para fora, sei que tem muito guardado aí dentro. Ninguém passa ileso pelo que passou. Deixa o rio romper, menina. Chorar não é sinal de fraqueza, a fraqueza está em não secar as lágrimas para, em seguida, se levantar.

— Você e seus trocadilhos.

— Não, eu e minha sabedoria.

Seguro sua mão, me sentindo... compreendida. Limpo meu rosto ao ver Pedro aparecer na porta, anunciando uma boa visita:

— Ei... olha quem veio te ver! — fala e uma Camille, sorridente, aparece na porta.

A vida nos tiram pessoas e, também... nos trazem outras.

Bruno

Uma noite em claro, inquieto, no hospital. Depois de ganhar um belo soco de Benjamin, cheguei a entrar no carro para ir embora, mas não fui. Fiquei no hospital, na recepção, mesmo que ela tenha dito que eu não precisasse voltar. Ao receber a visita da mãe e de Luna, e depois Pedro e Alice, ela ficou sozinha e dormiu. Enquanto Benjamin precisou ir levar Mônica em casa, fiquei lá com ela, sem que ela ao menos soubesse, sem conseguir ir embora.

Já pela madrugada voltei para casa, troquei de roupa e levei algumas coisas de higiene pessoal e roupas para ela, que vai precisar quando for ter alta e agora estou aqui, esperando Morena, já que preciso conversar com alguém, também precisava visitá-la, na última visita eu não pude ficar muito.

Já faz muitos dias que vim vê-la, primeiro precisava pensar na logística, na minha segurança e então lhe fiz uma visita, rápida, dias atrás e agora espero, inquieto, que a tragam e me levanto ao vê-la entrar.

— Eu podia negar te receber... primeiro ficou quase um mês sem vir e quando veio, não ficou comigo nem cinco minutos, e ainda me deixa aflita, sem notícias. Achei que tinha morrido, seu idiota!

— Não foram só cinco minutos e vem aqui, me dê um abraço e me diga, como *tu está*?

— Estou bem, como sempre, mas você está péssimo, porra, *mermão*. O que foi isso no teu nariz?

— Me pegaram desprevenido. — O que não é mentira, mas depois do soco, veio um pedido de desculpas.

Não entrei em detalhes sobre como aconteceu e até onde chegamos,

também, ele não quis saber, deixei claro apenas que faria de tudo para conseguir perdão.

— Porra, espero que o maluco esteja pior que você.

— Não, era um amigo e eu mereci.

— Hum... — Ela me olha estranho, levantando uma sobrancelha. — Eu nem vou perguntar o motivo, também não vou perguntar pelo garoto, porque acho que não foi vê-lo, não é?

— Não, pessoalmente não. Mas tenho notícias, ele está bem. Estão cuidando bem dele.

— Verdade?

— Sim.

— Essa sim é uma boa notícia, é sim. Eu tenho boas notícias *pra tu* também, parece que vão aceitar meu pedido de liberdade e em um mês, talvez, eu saia daqui, já imaginou, cara?

Fico surpreso e estico o braço, bagunçando seu cabelo.

— Caramba... enfim uma boa notícia, algo bom. Talvez? Sem pessimismo, desta vez dará certo e você vai sair desta merda.

— Eu espero que sim, não é tão ruim quanto parece, a gente se acostuma, mas quero sair, tenho coisas a acertar. — Confirmo, sei do que fala, apesar de não concordar. — *Tá*, eu sei que eu disse que não ia perguntar, mas fala aí, qual o motivo dessa cara feia?

— Fiz merda, cagada mesmo. Ou não fiz, não exatamente. — Dou de ombros, cruzando os braços em cima da mesa.

— Fez ou não fez? — pergunta, impaciente.

— Fiz, quebrei a confiança de alguém, alguém quebrada demais pela vida, alguém que confiou em mim e eu decepcionei *ela*. Não sei como consertar.

— Está falando no sentindo romântico da coisa?

— É... a moça que assumiu junto comigo a filha do meu amigo, te contei a história. Nós nos aproximamos, começamos a...

— Fazer sexo — fala e sorri, pentelha.

— Sim. Não demos nomes, foi algo fácil... com algumas semanas passamos a dormir na mesma cama e eu não durmo com mulheres...

— Ah *tá*, vai dizer que nunca passou uma noite com uma mulher? *Pra* cima de mim?

— Não para dormir, Morena.

— Cachorro. E o que fez *pra* estragar tudo? A merda foi tão grande assim, que a mulher não pode perdoar?

— Ela me viu com outra, em uma situação... foi no clube. — Ela sabe do clube, dos meus gostos, não entende, mas compreende.

— Meu Deus.

— Eu disse, fiz merda.

— Uma das grandes, *mermão*. Porra, isso foi pior que a minha história de traição, cara. Bom, não que eu perdoaria o otário do passado, ou que ele quisesse perdão, já que se mandou, mas... Porra, Bruno. Não tenho o que dizer, cara, não tem defesa.

— Não foi traição, ou nem sei mais, sendo sincero. Sei que sinto falta dela, de encontrar com ela, de jantar com ela, tomar café da manhã, de dormir junto... Sinto falta dela com Luna, de apenas conversarmos, sinto falta... de me sentir parte de algo.

— Aí ferrou, *tá* apaixonado...

Olho Morena e não tenho coragem de negar, porque se não fosse mesmo a porra do amor, não doeria tanto me lembrar de como Sophie me olhava ontem.

— Cara, que mancada. Tentou falar com ela?

— Ela não quer ouvir. Nem sei se ao sair do hospital ela vai *pra* casa, ou se vai querer que eu saia, já que a casa é dela.

— Vem cá, veio aqui só para falar sobre isso, não foi?

— Só me sobrou você, quem poderia me ouvir é irmão dela, provavelmente terminaria de entortar meu nariz, o outro... Alex se foi e Cristine... está no trabalho.

— Em que situação *tu se enfiou*, caralho. Mas escuta, tenta falar,

mesmo que ela não queira ouvir, se faz tanta diferença assim, grite, se for preciso, sei lá. Não tenho muita experiência com essas coisas, nem me lembro mais como é namorar. Se fosse adepta à chupar bocetas, poderia ter arrumado algumas namoradas ao longo dos anos por aqui, mas não rola.

— Boca suja do caralho... às vezes me esqueço que *tu é* mulher, puta que pariu!

Ela sorri, gargalha, abrindo a sacola com lanches que trouxe *pra* ela e meu celular toca. Me levanto, atendendo ao ver que é Almero me ligando.

— Fala, comandante.

— *Soares, pediram nosso apoio em uma missão, em Niterói. Estamos te esperando no batalhão.*

— Niterói, comandante?

— *É, missão de quatro a seis dias. Precisam do nosso apoio.*

Putaquepariu... logo agora? Como vou encaixar isso?

— Sim, senhor, logo estarei aí.

— *Agilidade, Soares.*

Viro-me, desligando o celular e guardando no bolso, vendo Morena enfiar a metade de um pão com peito de peru e queijo inteiro na boca.

— Notícia ruim? — fala, de boca cheia.

— Trabalho, vou passar uns cinco dias fora.

— Cara, *tu tá* cagado de papagaio, hein?

Devo mesmo estar, devo sim.



Capítulo 51

*Quanto mais fugimos, mais as
lembranças machucam...*

Sophie

— Não, não, não. Esa luva não, pequena humana. Eu posso dar a que você já estragou, mas essa não. — Pego a luva em questão, a qual quero proteger, de cor viva. — Foi presente, ué, não me olha com esse bico. — Presente... um presente dele. — Quando chegar em casa, eu te dou a luva que tanto gosta, o que acha? Não me olha assim, é uma boa barganha — converso com Luna, vendo minha mãe rir, enquanto dirige.

Depois de cinco dias em sua casa, estou enfim voltando para o apartamento, chega de lhe dar trabalho vinte quatro horas, chega de preocupação excessiva. Por mim, eu já teria vindo para casa no segundo dia, mas para deixá-la mais calma, cedi ao que ela e Benjamin queriam.

Mas agora estou bem, fazer xixi já não dói tanto, os hematomas começam a ficar em tom azul-claro, já não manco e logo tiro os pontos do supercílio e estarei totalmente recuperada. Ao menos, a parte externa, já que aqui dentro... algo ainda está fora do lugar.

— Não me chantageie com esses olhos cheios de lágrimas, estou vacinada, já sei os seus truques, pequena humana — acuso, vendo-a fazer bico, querendo a luva que tento tirar de seu alcance. Ela tinha ficado no carro, mais cedo, quando peguei as coisas que estavam na casa de minha mãe e coloquei no carro, Luna as achou. Sorrio, esse biquinho é a coisa mais linda que eu já vi na vida.

Beijo sua cabeça, que cheira a xampu e lhe dou um coelho de pelúcia, um que ela não larga nunca. Ele só perde para a minha luva de boxe.

— Ma-mãe...

Surpreendo-me, olhando para ela.

— O que disse? Você ouviu? Ouviu, mãe?

— O que, filha?

— Fala de novo, fala, meu amor? O que você disse?

— Ma-mãe.

— Meu Deus, ela falou mamãe, mãe. Ela falou, eu ouvi, ela falou. — Surpresa, comemoro, batendo palmas, que ela replica com entusiasmo. — Foi a primeira palavra dela... o que a gente faz? Comemora?

Minha mãe se vira, nos olhando, rindo após estacionar o carro.

— Filha, você já está comemorando.

Sorrio, tirando o cinto dela e beijando sua bochecha gordinha.

— Você é uma menina muito, muito esperta, sabia? — Ela me olha e sorri, e eu volto a enchê-la de beijos.

— Filha, tem certeza de que não quer eu fique aqui hoje?

— Tenho, tenho sim. A senhora pode ir para casa e descansar, está merecendo, eu estou bem. Eu juro.

Saio do carro, pegando as sacolas do supermercado, duas apenas.

— Promete *pra* mamãe que, caso precise, você irá me ligar?

— Prometo e Luna também promete, não é, pequena humana?

— Então me dê ela aqui, me deixe enchê-la de beijos, vovó já está com saudade!

Deixo que pegue e se despeça de Luna, enquanto confiro se pequei tudo que comprei ainda há pouco. Mais cedo vim ao apartamento deixar minhas coisas, que levei para a casa de Célia e depois fomos comprar algumas coisas para suprir a geladeira para o resto da semana, a luva deve ter caído da bolsa.

— Bruno chega hoje, filha? — pergunta, ao me entregar Luna e engulo em seco.

— Não sei, acho que não... — Dou de ombros, fingindo indiferença e ela parece ver através da minha alma.

— Ele não ligou?

— Não, não ligou. Vou entrando, mãe, boa noite e bom descanso — corto a conversa, vendo-a sorri de forma condescendente, beijando a mim.

— Boa noite, Sophie, e qualquer coisa, me liga.

— Pode deixar.

Afasto, ouvindo-a estalar beijos no ar, os jogando para Luna, enquanto entro no condomínio, indo para o meu prédio e pegando o elevador. Estou com sacolas e dizem que, com sacolas de compras devemos subir pelo elevador de serviço. Eles que vão se foder, subirei pelo primeiro que encontrar, ora bolas.

— Não é, pequena humana? Podia falar de novo, *né*? Fala de novo, fala. — Tonto, mas ela parece inapta no momento, com a orelha do pobre coelho toda na boca.

Desisto, colocando as sacolas no chão para abrir porta do apartamento e o cheiro de limpeza nos brinda, ao abrir a porta, o lugar estando um brinco.

— Olha só, parece que ela lavou até mesmo seus brinquedos... uau. Já pensei em nossa programação, Luna. Banho comigo na banheira, bem gostoso e morninho, depois mamadeira e... cama. O que acha?

Ela me olha e entendo a necessidade das pessoas em falar com bebês,

mesmo que eles não possam responder, é algo meio incontrolável, não sei explicar. Ela não responde, claro, e deixo a sacola sobre a mesa da cozinha, seguindo para o meu quarto, indo ao banheiro e ligando a água para encher a banheira, alterando a temperatura.

Volto a sair, deixando Luna no chiqueirinho, sentindo a sensação de... eu ia dizer estar em casa, mas, parece faltar algo. O pior é que falta, falta alguém.

— Fica cinco minutinhos aqui, que eu já volto, vou só guardar as coisas que compramos.

Deixo-a junto dos seus inúmeros brinquedos e vou até a cozinha. Nunca tive faxineira, não para o meu cubículo de antes, não gostava da ideia de alguém limpando minhas coisas. Mas, antes era só um quartinho, eu era alguém sozinha e em meia hora eu deixava tudo limpo como eu gostava. Agora... bem, agora é um apartamento enorme e descobri como é bom chegar em casa e vê-lo limpo. No início, Bruno estava um tanto reticente em deixar alguém de fora aqui, por conta da nossa segurança, foi preciso uma boa checagem antes de concordarmos em ter uma faxineira. E agora, após uma faxina como essa, eu só preciso manter o apartamento limpo.

Guardo as poucas coisas que comprei e volto para a sala, pegando Luna e indo para o meu quarto. Tenho a impressão de em meio ao cheiro de produtos de limpeza, senti também o cheiro de algo alcoólico, não sei dizer. Talvez seja algum produto usado. Inspiro fundo, em frente à porta do meu quarto e nego, é bobagem.

Entro no quarto e tiro minha roupa, indo para o banheiro e fechando a porta assim que entro com Luna. Preparo o banho e trago seu patinho de borracha, junto com outros trechos. Colocando-a sentada, entrando em seguida e suspirando ao sentir a água quentinha nos banhar. O banho é mais para ela, afinal, isso aqui para ela é pura diversão, mas está uma delícia.

Eu me divirto só por ver seus sorrisos, notando tudo ao redor, tentando manter a atenção até mesmo em um pernilongo voando próximo ao boxe apenas... para não pensar em Bruno e em como já usamos todos os cômodos desta casa.

Não voltei a vê-lo desde aquele dia, ele ligou, eu não atendi, então ele

ligou para Célia e disse a ela que ficaria fora da cidade alguns dias, a trabalho. Falou em cinco ou seis dias, algo assim. Fingi indiferença ao saber disso, mas no fundo... meu coração parecia se afogar em meu peito, uma sensação que nunca, nunca senti.

Depois disso, ele não voltou a me ligar, não para mim, sei apenas que está em missão, o que faz meu peito ficar apertado, preocupada com ele.

Sinceramente eu não queria me preocupar, mas me preocupo, não quero uma ligação sua, mas talvez um sinal de vida seria bem-vindo. A quem quero enganar?

— Sentimos falta dele, não é? — Sorrio, enquanto ela morde a cabeça do pato. — Tem que parar com isso, sabia? Morder a cabeça das coisas. — Ela nem liga para o que digo e, sim, não sou só eu que sinto falta dele, ela também sente.

Seu comportamento esta semana mudou, ela ficou mais impaciente, mais chorona, acho que era por ele... ela o queria.

— Logo ele chega, eu acho. E... não sei bem como vai ser, mas farei questão de dizer a ele que sua primeira palavra foi mamãe e não bundão. — Sorrio, certa melancolia tomando meu peito.

Sinto um arrepio estranho, como se estivesse sendo observada e olho depressa ao redor, parando o olhar na porta, vejo-a com uma fresta aberta e o meu sorriso vai morrendo aos poucos. Eu tinha fechado a porta, não tinha trancado, mas tinha fechado. Tenho certeza.

— Bruno? Você chegou? — Meu coração bate apressado, não sei se por achar que estava sendo observada ou por achar que ele possa ter chegado. — Bruno?

Não tenho resposta e me levanto, saindo da banheira e trazendo Luna junto comigo após me enrolar na toalha. Saio do banheiro sentindo meu corpo se acalmar, ao mesmo tempo em que aquele cheiro parece estar mais forte em meu quarto, mas não tem ninguém aqui... ninguém.

Preocupo-me em vestir Luna primeiro e, em seguida, penso em colocar uma roupa para dormir, mas a sensação estranha continua e acabo optando por uma roupa comum, calça moletom e camiseta, fazendo tudo rápido, uma sensação estranha me deixando preocupada, algo que não sei definir ou

explicar esfriando meu estômago.

Com o passar dos minutos, meu corpo parece ir se acalmando após olhar pela casa e constatar que não há ninguém... talvez seja a minha vontade de que Bruno volte logo.

Acho que o passeio ao supermercado pode ter cansado Luna, pois após preparar a mamadeira e dar a ela, a menina está fechando os olhinhos ao sugar a última gota. Fico a olhando, cada pequeno detalhe, a mistura de traços de sua mãe e de seu pai e entendo o que Fernanda dizia, sobre amamentar.

Claro, tem uma diferença, é da mamadeira que ela suga, mas ainda assim... a forma como ela me olha transparece um amor inocente e perfeito. Tiro o bico da mamadeira de sua boca e coloco a chupeta, que ela suga com vontade.

Levo-a para seu quarto, enquanto canto a canção que tanto gosta, a agasalhando no berço e ligando a babá eletrônica. Ela ressona baixinho, a embrulho, beijando sua cabeça e fico um tempo, a observando dormir.

Saio do quarto minutos depois, deixando o abajur ligado e a porta entreaberta. Vou para a cozinha, mas ao sair do corredor, na sala de jantar, paraliso e quando me viro em direção à sala, sinto meu coração vir à boca.

— O... quem são vocês? — falo, dando um passo atrás e vendo o homem, que estava sentado de forma confortável em meu sofá, ficar de pé, olhando para o lado, para outro homem, esse mais forte, em pé em frente à minha porta.

— Hum... valeu mesmo a pena.

— O que... e como, como entrou aqui?

Um sorriso, vindo do homem que antes estava no sofá, me assusta. Dou mais um passo atrás, pensando no que posso fazer, para... não chegarem à Luna. O estudo e o rosto anguloso, grande e com bigodes, sua fisionomia me lembra a... alguém ruim.

— Sabe, quando a gente mexe com gente como você, tem que pesquisar, a senhorita pega a visão? — o homem pergunta e eu nego, a sensação de que ele me lembra alguém ruim não me abandona. — Que falta de educação a minha, me chamo... não, me chamam de Paizão, é um prazer

— fala, de forma teatral. Paizão... meu Deus. — Como eu ia falando, você luta bem, parabéns, assisti à sua última luta, apesar de *tu não ter* ganhado, uma desgraça, *né?*

— Como... como...

— Eu *tava* lá, bem no fundo... ficaria surpresa se descobrisse como é fácil saber o quanto alguém se importa com outra, apenas observando os dois juntos... a forma como ele correu *pra* você... quando caiu sangrando na lona igual uma porca... hum. Ele se importa.

— O que você quer?

— Eu? Ah, sou um velho amigo, amigo do seu... namorado? É isso o que são? — fala, dando um passo à frente e eu dou um passo atrás, negando sua pergunta. — A gente se conhece tem tempo, um caso de amor e ódio antigo, já trocamos... como posso dizer... tiros.

Engulo em seco, sentindo meu estômago revirar, não foi impressão, tinha mesmo alguém aqui e o cheiro estranho, vem dele. Dou mais um passo para trás à medida que ele dá um passo à frente, tentando raciocinar. Lembro-me então da faca, que estava usando há pouco para abrir algumas embalagens e que deixei sobre a mesa. Se eu for rápida...

— Ele tirou alguém de mim — fala, passando a mão no nariz, um gesto nervoso. — Aquela pessoa que a gente não tem outra *pra* substituir. Uma mulher se vai, você arruma outra, um amigo se vai... você arruma outros, mas quando um filho se vai... ninguém pode substituir, não importa se você tem dez filhos. Agora imagine eu, madame, que só tive um...

— E onde ele está?

— Morto... o cachorrão o matou, à queima-roupa. Ele e outro... dos homens de preto, mas esse, esse eu já mandei *pra* vala.

Alex.

Fernanda.

Minhas pernas falham.

— Bom, me falaram que ele não tem filhos, o que me dificulta uma vingança justa. Não me leve a mal, era *pra* ser coisa rápida, só ele, junto com o outro *milita*, mas ele sobreviveu e vem me dando muito trabalho. E só o

matar já não me satisfaz, tenho um nome a zelar, uma fama.

— O que quer de mim? — volto a perguntar, pausadamente, sentindo o medo correr por minhas veias, medo pela minha menina. — O que quer comigo?

— Não sei... me divertir, talvez brincar com o *seu polícia*, não decidi ainda, não sei quanta importância você tem *pra* ele.

— Por favor...

Seu celular toca e ele o pega, pedindo silêncio e esfriando todo o meu corpo de vez ao fazer isso com uma pistola na mão, levando-a em frente à boca, como se fosse seu dedo, enquanto atende ao celular. Olho dele para o homem na porta e essa pode ser minha chance, eu preciso tirar esse homem de longe de Luna.

— Caralho, Xuxa, se quer algo bem-feito, faça você mesmo — ele fala, me olhando e vindo em minha direção.

Corro, a faca, eu preciso pegar a faca...

Bruno

Já é tarde e a rua está parcialmente calma, olho o celular e nele tem uma chamada perdida de Heitor, que eu não tinha visto antes. Teria atendido se tivesse visto? Talvez sim, olho pelo retrovisor, vendo um carro me seguindo, e entro em uma rua, o veículo continua me seguindo. Isso não é bom... pego a arma, embaixo da perna e meu celular volta a tocar, é Heitor.

Cheguei à cidade não tem muito tempo, voltando de uma operação que durou seis dias e, por pouco, não durou mais. Passei toda a viagem de volta batendo o pé no assoalho do carro, impaciente por chegar, mal preenchi a papelada que tinha aqui no batalhão, a fim de ir para casa, para vê-las. Sei que ela foi hoje para casa, dona Célia me contou.

Olho as flores no banco do carona, rosas vermelhas... que pode ser que ela me faça engolir. Encomendei antes de sair de Niterói, pedi que deixassem no batalhão e foi difícil sair de lá sem receber a zombaria de meus parceiros ao me verem saindo com um buquê.

Olho o retrovisor mais uma vez e o carro prata continua me seguindo. Atendo Heitor.

— Fala. Mas fala rápido, tô no trânsito.

— *Eu sei, estou atrás de você. Segue reto.* — Olho pelo retrovisor, o carro prata ainda me seguindo.

— O carro prata?

— *Isso, estou eu e mais dois homens. Grampeamos o celular de um traficante ligado ao tráfico, estão te seguindo, vão tentar uma emboscada hoje.*

— Como?

— *Não sei, mas sabem onde você tá morando...*

— Porra... — sinto meu estômago revirar.

— *Pega a estrada contrária ao que você sempre usa pra ir para o apartamento, sai da tua rota e liga para a mulher, se ela estiver no apartamento, peça que saia imediatamente. O lugar foi comprometido.*

— Como, caralho?

— *Alguém de dentro mora na comunidade, usaram essa pessoa para entrar.*

— Filho da puta do caralho.

— *Segue, estamos logo atrás. Tá armado?*

— Porra, Heitor, não fode, caralho, claro que tô armado.

A adrenalina começa a correr por minhas veias, uma emboscada, que com certeza daria certo se não fosse Heitor. Preciso avisar Sophie, para que ela saia daquela merda, droga.

Mudo a rota, entrando em uma rua que geralmente não passo e que pouco conheço. Um carro aparece atrás de nós, na cola do carro de Heitor, seguro o cabo da pistola, mas o carro nos ultrapassa, seguindo reto, ou quase.

O filho da puta do motorista freia lá na frente de forma brusca e as portas são abertas e cinco caras saem de dentro. Armados.

— Fodeu, porra — falo ao telefone, puxando o freio de mão e fazendo o carro rodar no asfalto, ficando atravessado.

Abaixo-me, abrindo a porta e mal caio no chão e aço come em cima de mim, acertando o carro, chuva de fogo. Ouço os projéteis acertando a lataria e quebrando os vidros, um pneu explode.

O carro de Heitor para logo atrás, e ele e mais dois homens saem, atirando. Pego a pistola e me posiciono atrás do carro, que nos serve de proteção, usando o metal como escudo e é hora de passar o aço, irmão. O gosto doce da ação sobe à minha boca, e esvazio o pente, encaixando um novo que pego do bolso, me sentindo satisfeito ao ver que consegui acertar dois deles. Os homens de Heitor conseguem pegar outros dois e um deles foge, apressado, enquanto o observamos fugir. Não tenho tempo de ir atrás do filho da puta. Sophie, preciso ligar para Sophie.

Pego o celular dentro do carro, com a tela trincada e me levanto, fazendo uma ligação.

— Está tudo bem? Foi ferido? — Heitor pergunta e ouço a chamada ir direto para caixa postal.

Desligo e tento de novo.

— Tá, tá... eu tô bem, mas Sophie... porra, Heitor.

Mais uma vez vai para a caixa postal e sinto desespero tomar meu corpo ao olhar o buquê de rosas, destruído dentro do carro.

— Mandeí uma equipe *pra* lá também e já falei com seu comandante, enquanto vinha atrás de você, é melhor saímos daqui, não vamos dar mole.

— Beleza, vamos e obrigado... — falo, olhando ainda para as rosas. — Porra...

Meu celular toca e atendo, sem nem olhar quem era.

— Fala!

— Oi, cachorrão... há quanto tempo, *né*, não? — Ouço e meu sangue congela. — Adorei o apartamento de bacana, é bonito e sua mulher então... gostosa *pra* caralho.

— Se fizer alguma coisa com ela... se tocar nela...

— Ei, você não dá as ordens aqui... *shiu...* Te espero em casa, cachorrão, apareça e deixe os cachorros de preto no canil, não traga ninguém... e, quem sabe, eu deixo *ela* viver... ou não... Mas você não vai querer me testar, vai? Porque aí... eu posso voltar e pegar o bebê.

Tu... tu... tu... tu...



Empurro a porta do apartamento, com a arma em punho, os homens de Heitor atrás de mim, assim como ele, e meu coração esfria e passa a bater na garganta ao notar que a casa está revirada e uma faca, suja de sangue, está no chão da sala, além uma pequena poça de sangue próxima à porta da sala de jantar.

Um choro alto corta o silêncio e, por segundos, meu coração para de bater, imaginando o que posso encontrar quando entrar no quarto de Luna.

São segundos que parecem virar uma eternidade, até... que abro a porta e vejo a bebê, sentada no berço, chorando, mas não há ninguém aqui com ela. Respiro, aliviado, e ao mesmo tempo, apavorado. Ao ouvir Luna chorar, imaginei que Sophie poderia estar... morta, aqui, no quarto..., mas agora, *pra* onde diabos a levaram?

— Limpo. — Ouço alguém gritar, enquanto guardo a arma atrás da calça e me aproximo do berço, pegando Luna, tentando a acalmar.

— Limpo. — Mais alguém grita e meu coração acelera novamente, ela não está mesmo aqui.

Era para ser um bom dia... vim de Niterói, esperançoso, sim, esperançoso de encontrar Sophie depois de dias no inferno, uma pacificação. Queria chegar, encontrá-la, lhe dar flores, pedir desculpas novamente e jurar que jamais... mentiria para ela outra vez. Eu ia falar tudo que estava preso dentro de mim, passei dias tentando montar um discurso bonito, algo que tocaria aquele coração de gelo, eu faria de tudo, tudo para ter sua confiança de volta, para tê-la de volta.

E agora... tê-la ao meu lado parece algo pequeno, quando comparado a tê-la em segurança, sem me importar se me aceitará de volta ou não, apenas... sabendo que ela está bem.

Heitor entra no quarto, enquanto Luna começa a se acalmar e se aproxima, olhando a menina.

— Teve luta, na cozinha e na sala, mas o sangue, algo me diz que não é dela.

— Por quê? — Olho-o, tentando recuperar a sanidade.

— Tem pegadas de sangue, o que indica que o sangue escorria e acabava nas botas, botas masculinas.

— Mas... se a levaram...

— Calma, já pedi *pra* descerem, vão investigar.

— Investigar? Acha que isso é o que, Heitor? Um sequestro? Isso foi uma emboscada, queriam a nós dois, e agora, vão usá-la como moeda de troca, uma troca que sequer vai existir, vão usá-la de isca e no final... matarão a nós dois.

—Não, vamos resgatá-la, vamos agir com coerência e calma, Bruno.

— Sabe que horas são? Como acha que vai conseguir que um juiz autorize um mandado a uma hora de... — Paro de falar, me dando conta de algo.

— O que foi? Que cara é essa?

— Porra... temos Arthur!

Bônus



*Por que às vezes esquecemos como é
amar, sentir, nos entregar a algo que
faça sentido?*

Arthur

A melancolia do ambiente me leva a estar ao piano, a noite quente do Rio de Janeiro estando bonita, atrativa, mas nem toda a beleza que ela expõe tocaria algo aqui dentro, em mim. Algo frio.

Tento algumas notas ao piano, mas tudo o que sai parece triste demais, como meu estado de espírito, que deixam as coisas ainda mais... frias, impessoais, apesar do ar quente e consolador da noite. O apartamento, no décimo andar, me dá uma bela visão da cidade lá embaixo, que apesar do horário, continua em movimento intenso.

Olho ao redor, moro aqui há quanto tempo? Bastante tempo, é aqui que

eu passava meus finais de semana quando vinha de São Paulo, mas por que o lugar parece tão impessoal para mim? Acho a resposta na decoração, feita por Marina, não tendo nada a ver comigo.

Não sinto falta de São Paulo, não é isso, sendo sincero, trabalho tanto que a cidade em que estou, pouco importa, por isso voltei para o Rio, algo tinha que passar a importar para mim, eu deveria buscar mais calor humano, estar perto da família.

Desde muito cedo, eu sabia o que eu queria para a minha vida, lutei por isso, estudei, me formei e vivo para o trabalho, desde então, me orgulho do que construí. Mas também, trago alguns arrependimentos que fui acumulando durante minha vida, algumas escolhas ruins, coisas que me fizeram refletir sobre mim não faz muito tempo, fizeram com que eu me perguntasse quem me tornei... quando deixei de me importar, de sentir como antes.

Entreguei-me ao trabalho cedo, uma profissão que definitivamente me ganhou. Encontro em minha área, uma forma de fazer justiça, sem precisar usar minhas próprias mãos, fazendo a diferença estando com as mãos limpas... ou quase. Dado que meses atrás, me entreguei à raiva e acabei... nada, eu não fiz nada, aquilo sequer existiu, assim diz o boletim ocorrência daquela noite.

Porém, por mais que a cidade não faça diferença, decidi voltar para o Rio, achar o que perdi em algum momento da minha caminhada até aqui. Sorrio... ainda não encontrei. Não sinto falta de São Paulo, mas lá tinha algo que eu gostava muito, a solidão, a distância que ela me proporcionava de Marina... ora, nosso relacionamento já deveria ter levado um fim, convenhamos, mas que monstro eu seria, caso fizesse isso a ela.

Vivo em um relacionamento morno, ao qual me acostumei a ter alguém, a ter Marina e ela a mim. Eu vivia em São Paulo, ela no Rio, e nos víamos aos finais de semana e isso bastava. Até um ano atrás, a relação era conveniente, a nós dois, mas já faz algum tempo que as coisas não se encaixam mais como antes.

Parece que eu passei a enxergar melhor a mulher com quem eu estava, parecia que uma vez ou outra, sua máscara caía e uma parte feia de si aparecia. Ou, simplesmente, a distância me permitia ver somente aquilo que eu queria ver. Acho que a segunda opção é mais viável. Apoio os pés ao chão

e começo, realmente, a tocar algo, Beatles, uma melodia mais animada.

Talvez minha alma se anime e eu não precise tomar mais um gole de uísque para ir para a cama e conseguir, realmente, dormir.

Sinto uma presença às minhas costas e mãos macias, cheirosas tocam meus ombros e eu paro de tocar, pegando seu pulso e me virando, olhando o rosto bonito, limpo, sem maquiagem, algo que só vejo à noite, quando ela se prepara para dormir.

Marina é uma mulher bonita, segura se si. A pele de pêssego, rosto assimétrico, quadrado e uma boca desejável. Foi sua boca que me chamou atenção desde o primeiro momento. Os cabelos emolduram seu rosto de forma perfeita, fios grossos e pretos, que vão até os ombros. Antes eu poderia dizer que Marina era a imagem de alguém alto-astral, hoje, já não vejo isso nela.

— Quando vem para a cama e vai parar de fazer barulho com essa música horrorosa? — pergunta, revirando os olhos, sorrio.

Pergunto-me às vezes quando deixamos de nos encaixar, quando deixamos de gostar das mesmas coisas e nos tornamos tão diferente, ou... se apenas eu mudei e, talvez, não esteja lutando tanto pelo nosso relacionamento. Nosso relacionamento, também é um dos motivos por voltar de forma definitiva para o Rio, estar mais perto, lhe dar apoio, tentar recuperar o que perdemos... ela precisa de mim.

— Estava vendo alguns processos, terminei há pouco e tentava limpar a mente.

— Pode dar um tempo, amor, mal começou a trabalhar, pode parar um instante e dar um pouco de atenção para sua noiva, eu limpo sua mente... — Ela sorri, sedutora, mordendo o lábio inferior, bonita.

— Claro, claro que posso.

— Vem, vamos para a cama.

Levanto-me e deixo que ela me guie, vendo-a deixar uma das mangas do roupão cair, me mostrando que não veste nada. Esperta... meu celular toca e paro, mas ela chama minha atenção.

— Não, Arthur, agora não, vai...

— Pode ser trabalho, vai ser rápido, eu prometo. Te encontro no quarto. Ela me olha em reprimenda, respira fundo e, por fim, concorda.

— *Tá...*, mas não demora.

— Prometo — confirmo e Marina fica nas pontas dos pés e beija meus lábios, saindo em seguida.

Volto para o piano e vejo o nome de Bruno acender a tela, o que me leva a pensar que a essa hora, não deve querer me chamar para tomar um chope.

— Boa noite, capitão — falo, ao atender.

— Arthur, preciso de ajuda!

Assusto-me com o tom de sua voz e esse cara, pode pedir o que quiser, depois do que fez por mim e minha família.

— Pode falar, seja lá o que precisa, daremos um jeito de conseguir.



Capítulo 52

Acreditar no impossível, acreditar no amor, ter coragem... e se doar deveria ser mandamentos para a vida...

Bruno

Tudo foi mobilizado e preparado para um resgate. Se eu fosse alguém esperançoso, um cara que não estivesse metido até o pescoço nessa merda fodida, eu poderia acreditar que isso daria certo e que Sophie estaria bem, que prenderíamos o Paizão, a resgataríamos e isso acabaria de uma vez.

Mas sou realista e sei bem como funciona. Eles me querem e hoje, eles me esperam, esperam o BOPE, esperam a polícia em peso e, claro, quando virem qualquer movimento de um caveira, ela vai morrer e a forma como ele fará isso, porra... eu não quero sequer pensar.

Vai dar merda, parceiro!

Deixei Luna com dona Célia, que está em casa esperando notícias, abalada, se aparando em Benjamin e vim para o batalhão, a mobilização é intensa, conseguimos o mandado, com a ajuda e intervenção de Arthur e vamos subir. Mas antes, eu irei de isca, porém, apenas eu e Heitor sabemos disso.

— Bruno, eu ainda acho...

— Nada, Heitor. Aquela mulher, que *tá* lá em cima é a porra da mulher que eu amo, que está enfiada nessa merda por minha culpa, eles me querem, eles me terão.

— Eles vão te pegar assim que você pisar lá, vão te matar.

— E com isso, ganho tempo para que vocês façam o trabalho, que invadam e a tirem de lá.

— Você não está pensando.

— Não, porra, eu não estou. Como poderia? Entraram na minha casa, mexeram com a minha família e por quê? Porque eu fiz o meu trabalho, porque fiz o que fui treinado *pra* fazer e isso me tirou muito, não vai me tirar mais nada. Eu não permito. Não vão tirar *ela* de mim, não vão me tirar Luna. Eu estaria disposto a ir ao inferno para garantir isso.

— Teu comandante...

— Ele vai saber o que fazer, se eu falar agora, ele não vai aceitar, vai impedir e pode até me prender para não subir a comunidade hoje. E por isso, eu vou indo.

— Bruno... — ele chama e olho-o, vejo seu constrangimento, seu olhar vazio. — O passado, nossa mãe... Paula...

— Passou, Heitor. Eu te perdoo, por nossa mãe, por... Paula, por tudo. Odiar o passado já não faz sentido, eu segui em frente e foi logo por causa dela, de Sophie... Se eu sair vivo hoje, não garanto que seremos melhores amigos, como antes, mas eu vou tentar, mas *pra* isso, vocês têm que me tirar vivo daquela porra.

— Está disposto a ir ao inferno para ter sua mulher de volta, eu estou disposto a segui-lo, para ter meu irmão de volta...

Pela primeira vez, desde que ele se foi, me lembro realmente de como

éramos e, sim, o desgraçado me fez falta. Me aproximo e o abraço, rápido, saindo em seguida.

— Eu espero por vocês. — Aceno, respirando fundo.

Não me importa o que vai acontecer comigo hoje, se vou sair vivo de lá ou não, desde que... ela fique bem, ela precisa ficar bem.

A handwritten signature in black ink that reads "Sophie". The script is fluid and cursive, with a large, looping 'S' at the beginning and a long, sweeping tail on the 'e'.

Fungo e o gosto de sangue entra pela minha garganta, meu nariz ainda sangrando pelo soco que levei após enfiar a faca de cozinha na perna daquele infeliz. Eu queria ter enfiado em seu peito, me vingar de tudo, mas... não consegui. Fiz um estrago maravilhoso em sua perna com aquela faca, mas nada fatal e para manter Luna em segurança, concordei com seus termos, em sair com ele, sem alardes, desde que ele a deixasse em paz.

Me querem como uma moeda de troca, foi o que disseram. Mas não vai funcionar, é Bruno, ele não vai aceitar isso, essa chantagem, ele não pode fazer isso, porque se ele vier, ele vai morrer e ele não pode morrer, não pode. Se um de nós dois tiver que sobreviver hoje por Luna, que seja ele.

Uma luz forte, alta e amarela é acesa e pisco, várias vezes, a luz mais parecendo um refletor machucando meus olhos. Estou sentada em uma cadeira de madeira velha, amarrada a ela e amordaçada, tentando, desde que me prenderam aqui, a arrancar a porra de um prego embaixo do braço da cadeira em que estou presa. Consigo manter os olhos abertos, me acostumando com a luz mais forte, sentindo dor, rasgando minha própria carne ao tentar arrancar o prego, ainda assim, eu não desisto.

— Quer alguma coisa, princesa? — o infeliz, que estava na minha casa, fala, entrando pela porta e vindo em minha direção, deixando o rosto próximo ao meu, o cheiro de álcool chegando ao meu nariz.

Os olhos vermelhos, as pupilas dilatadas me dão a ideia de que ele usou drogas.

Eu cuspiria em sua cara, se não fosse o pano imundo com o qual taparam minha boca. Desgraçados, covardes filhos da puta. Nego sua pergunta e ele sorri, sua mão se aproximando do meu rosto, passando pela lateral da minha face.

— Já pedi *pro* chefe *pra* me deixar brincar contigo, mas ele pediu *pra* esperar.

Sinto nojo, sei o que quer dizer e tenho vontade de cortar sua garganta, caso eu pudesse. Passos vêm em nossa direção e ele solta meu rosto, me possibilitando olhar quem entra no quarto, mancando. Paizão.

— Olha, não é *pra* te assustar, não, lutadora, mas se o cachorrão demorar muito, não vai dar para os meus homens lá fora se segurarem... eles estão loucos para entrar aqui e brincar com você. Mas eu preciso de você, ainda. Não é, Cupim? — fala e o homem que antes falava comigo, confirma.

— Vou brincar muito com ela, chefe.

Rosno, o som sendo abafado pela mordaca que uso, vendo-os rir, enquanto mais um cara, um magrelo, com o rosto tatuado, entra pela porta da sala que estamos, um lugar fechado, sem janelas, de chão batido de barro. O recém-chegado entra meio afobado, trazendo na mão uma arma, do tipo que Bruno usa no dia a dia, uma pistola.

— Ele subiu, Paizão, o cachorrão subiu — comemora.

Meu coração salta no peito, meu sangue parece correr mais lento e me debato, feito louca, como se isso fizesse alguma diferença, como se eu fosse conseguir me soltar. Porra, porra. Não, o que... não era para ele estar aqui, não era. Merda, merda!

— Que maravilha — O tal Paizão ri, me embrulhando o estômago. — Então vamos lá dar uma recepção calorosa *pra* ele.

Eles não esperam, enquanto tento gritar, chamar a atenção deles, enquanto apenas riem ao saírem, me deixando sozinha com meu desespero.

Não demora muito para voltarem e empurrarem o corpo de um homem pela porta, meu homem, fazendo-o cair próximo aos meus pés, gemendo ao

tentar se levantar. Penso que já passei pelo pior, mas vê-lo aqui, assim, é... aterrador. É como ser soterrada por uma grande quantidade de pedras, me perdendo em medos e calafrios. Ele geme novamente enquanto se levanta e então, ele me olha.

Sinto uma lágrima escorrer, meu queixo tremer e meu peito se partir, meu coração afundando em lava. Seu rosto está banhado em sangue, pelo corte em sua testa e pela forma que segura o estômago, alguém o acertou. O cara que há pouco entrou aqui correndo vai até ele e o chuta, chego a fechar os olhos, pular na cadeira, meus gritos morrendo na mordada, meu desespero me consumindo.

Abro os olhos, vendo Bruno rolar no chão e em seguida, tentar se levantar mais uma vez, e desta vez, o ajudam e o cara que chamam de Paizão, se aproxima dele, mas a atenção de Bruno está em mim, me avaliando. Eu queria dizer que sinto muito, queria dizer que ele não deveria ter vindo, que ele não deveria ceder.

— Cachorrão! — saúda, com ironia. — Olha o homem de preto aí... não parece um capitão agora, parece, Xuxa?

— Não, a casa caiu *pra* ele, patrão.

Os homens riem alto e Bruno trava o maxilar, sem dizer uma palavra.

— Ah, deixa eu recepcionar o nosso convidado direito, senta *ele* ali, Xuxa, e pode sair, fazer a guarda lá fora.

O tal Xuxa e o outro, que estava aqui antes, arrastam Bruno, o sentando bruscamente na cadeira à minha frente. E seguindo as ordens do filho da mãe que quer nos matar, o cara com rosto tatuado sai, mas o outro fica, atrás de Bruno, com a arma apontada para sua cabeça. Eu não consigo deixar de olhar seu rosto.

— Eu *tô* aqui, não *tô*? Agora solta *ela*! — ele fala e eu me debato, chamando sua atenção, fazendo o tal Paizão rir ao olhar de um para o outro.

— Hum... não. Não posso... Tirou algo de mim, cachorrão, vou tirar algo de você, é a lei da selva. Achei seu ponto fraco e aí... eu agora, vou te matar.

— Como conseguiram, como entraram na minha casa?

— A faxineira... a vadia estava me devendo um favor, o filho dela, o garoto que você deixou vivo na operação em que matou meu filho, precisou de tratamento, eu paguei tudo... imagine só como ela ficou grata?

Arregalo meus olhos ao me dar conta de que aquela mulher levou esse homem para dentro do meu apartamento, me sentindo culpada, afinal... Bruno não a queria ali. Meu Deus.

— Ela passou o fio?

— Isso aí, espertão. Ela te viu e te reconheceu e bateu os dentes *pra* mim. Foi fichinha começar a te seguir, desde então, e seguir a sua bela namorada.

— E agora *tu acha* que vai ter tempo *pra* isso, antes que a polícia cerque isso tudo? *Tu tem* noção que mexeu com o BOPE, seu filho da puta? — ele rosna e leva uma pancada em resposta, o cara atrás dele o acerta com o cabo da arma, fazendo-o gemer, levando a mão à nuca e eu só quero que ele cale a boca, antes que tire a paciência desse lunático e que acabem por atirar nele.

— Acho — o Paizão aprova, confiante, e se aproxima dele, socando seu rosto, e fazendo com que cuspa sangue.

Bruno sequer geme, limpando a boca e sorrindo, os dentes sujos de sangue.

— Quer que eu diga o quê? Nada me deu mais prazer do que matar teu filho e quebrar o teu negócio — sussurra e paga por isso, apanhando e volto a fechar meus olhos para não assistir à cena, sentindo dor e desespero ao ouvir baterem nele, chorando em silêncio, pedindo a Deus que nos ajude, que o ajude.

Me dói ver, *me* dói imaginar o que vai acontecer. Abro os olhos, vendo o rosto do homem que... amo, machucado, ensanguentando e entendo o que ele quer fazer. Ele tenta fazer com que foquem toda atenção apenas nele e não em mim. Ele se sacrifica, ele está se sacrificando por mim.

— *Tu vem* me dando muito trabalho, porra. Mas isso acaba hoje. — O homem me olha e parece perceber o que Bruno tenta fazer.

Ele vem até mim. Uso o outro dedo, menos machucado, para tentar arrancar a porra do prego. Me odiando por não ter a unha grande agora,

conseguindo, com muito esforço, arrancar metade do prego, soltando-o da madeira e o puxando devagar, segurando em minha mão, quase perdendo o ar ao quase deixá-lo cair.

O Paizão fica andando ao meu redor, olhando para mim.

— Nós vamos sair daqui, Sophie — Bruno garante, fazendo os dois idiotas rirem.

Foco minha atenção nele, que tenta se levantar, vir até mim, mas o sentam e encostam a arma em sua cabeça. Sinto a mão nojentada do homem, que antes cortei a perna, tocar meu rosto, levantando meu queixo para que o olhe.

— Aqui, um rosto bonito, não é? Quer saber o que vou fazer, caveira? Quer mesmo saber? — pergunta, com sarcasmo e movo meu rosto, tentando me livrar de seu toque, o que só faz com que segure meu queixo com mais força. — Vou brincar com a tua vagabunda primeiro, cachorrão, na sua frente. Depois, vou deixar que meus homens brinquem com ela e, então, após fazer você assistir a tudo, eu vou matá-la, bem devagar... e depois, mato você, depois que eu assistir em seus olhos, a mesma dor que eu senti. Mas fica tranquilo, não vai ser aqui... Vamos sair da comunidade, afinal, sei que logo vão tentar te buscar, mas já vamos estar longe daqui. Como deve ter descoberto, meus tentáculos se espalham longe.

— Você não vai conseguir — ele rosna e seguro o prego em minha mão, olhos grudados nele, na arma em sua cabeça.

Um tiro é ouvido, assustando a todos nós na sala e logo, mais tiros soam e outro traficante entra na sala.

— *Fudeu, chefe, fudeu.* Já tão subindo, já tão vindo, o BOPE subiu.

O homem solta meu rosto e travo meus dentes, ouvindo Bruno rir alto.

— Eu avisei... mexeu com o BOPE, parceiro, mexeu com toda uma família.

Mas apesar disso, o Paizão parece confiante demais.

— Vieram rápido, caralho..., mas isso não quer dizer nada, eu poderia simplesmente enfiar uma bala na tua cabeça de cada um e sair calmamente, mas não, eu tenho planos para vocês dois, ah, vocês vão preferir ter tido uma

morte rápida quando eu terminar com vocês. — Ri de forma, debochada. — Chama o furgão, *bora* sair com esses dois, antes que cheguem aqui. *Bora* descer por baixo — ordena, se voltando para o tatuado.

O jovem volta a sair, e o tal Cupim, que estava com o Paizão em minha casa, agora está frente a Bruno, de costas para mim, a arma em sua cabeça.

— Levanta *ele* — o Paizão pede e o cara o faz, enquanto ele vem à minha frente, desamarrando minha mão. Agradeço por ser logo a que seguro o prego e com toda a força que tenho, cravo o metal pontiagudo em seu rosto, em seu olho, desta vez não errando. — Aí! Sua vadia, desgraçada! — Ele urra de dor e o contragolpe vem forte, me fazendo cair no chão, junto com a cadeira.

Balanço a cabeça, tentando me recuperar da dor, me manter acordada, vendo-o vir para cima de mim. Mas o queixo dolorido não é nada comparado com o prazer de assistir ao Bruno tomar a arma do traficante, que se distraiu com o grito de dor do Paizão e proporcionou a chance de Bruno o desarmar e usar a própria arma do infeliz para estourar sua cabeça com um tiro certeiro, que reverberou alto no minúsculo aposento. E antes mesmo de o infeliz cair no solo, Bruno já apontava a arma para o Paizão, o surpreendendo antes que ele pudesse sacar a própria arma.

Ainda assim, ele tenta, mas Bruno o acerta primeiro, no peito, levando-o ao chão, onde se debate e urra de dor. Desta vez, quem sangra igual a um porco é ele. Bruno é rápido ao se aproximar do infeliz, chutando a arma que o Paizão deixou cair para longe de nós.

Uso minha mão livre para me desamarrar e vejo Bruno sair de si quando se aproxima do homem no chão, que ainda está consciente, e pisa em seu rosto, enfiando mais o prego em seu olho, o fazendo gritar e gritar muito, para em seguida, socá-lo a ponto de quase deixá-lo desacordado.

Tudo é rápido demais e eu me desespero, ainda no chão, tiro ecoando lá fora e eu morrendo de medo de que alguém entre aqui e atire nele, e em mim. Me livro da mordaça e grito seu nome:

— Bruno, Bruno!... Para, para! — Bruno me olha, parecendo transtornado, fora de si e então, segura o homem quase inconsciente, puxando-o para cima, chegando bem próximo do seu rosto.

— Olha *pra* mim, olha *pra* mim, seu filho da puta, vai ser o meu rosto que *tu vai* ver antes de morrer, porra... É pelo meu irmão, a mulher dele, minha família e pela minha mulher, seu bosta. — Ele empunha a arma, mirando na cabeça do traficante, mandando seu recado.

Fecho meus olhos ao ouvir o tiro e então, ele vem para mim, terminando de desamarrar meus pés, me tocando, olhando meu rosto, conferindo se estou bem.

— Eu estou bem.

— *Tá* mesmo, consegue andar? — pergunta, preocupado.

— Consigo, consigo, só vamos sair daqui, por favor, só vamos sair daqui — o tranquilizo.

Ele sorri e ainda que, todo machucado, parece perfeito e me acalma de alguma forma por estar comigo, sem estar com uma arma na cabeça.

— Vem, vamos sair — fala e ajuda a me levantar.

— Nunca mais faça isso, nunca mais — peço e ele confirma e logo sua atenção vai para algo atrás de mim, apontando a arma e atirando.

Meu corpo tremula junto ao disparo e olho para trás, vendo mais um homem morto, abatido por ele, que viera pela porta, provavelmente atraído pelos gritos e tiros aqui de dentro.

— Pelos tiros, já estão perto, muito perto, já vão chegar aqui e quando chegarem, devemos estar na parte da frente, *pra* conseguirmos sair, Entendeu?

— *Tá, tá* bom.

— Eu vou tirar a gente daqui, *tá* ouvindo? A gente vai sair dessa.

— Eu sei, eu confio em você. — Ele sorri, minimamente, e seus lábios tocam os meus, é breve, rápido e logo ele toma o controle novamente, olhando para os lados e agindo. Bruno me coloca atrás de suas costas. — Segure minha camisa e não solte.

— *Tá*, só vamos logo.

Ele confere o pente da arma em sua mão, pegando outra que estava no chão ao lado do corpo do Paizão, também a que estava com o traficante que

ele acabou de matar, me entregando esta última.

— É só mirar, já está destravada e engatilhada, é só apertar o gatilho e não feche os olhos ao fazer isso, não perca seu alvo, entendeu?

— Sim — confirmo, segurando a arma com uma segurança que não sinto e saímos pela porta, dando de cara com dois homens vindo correndo, da direção oposta.

Eles não esperavam nos encontrar saindo e Bruno acerta ambos, deixando os dois caídos no chão com o sangue se espalhando. Ele joga a arma sem munição no chão, pegando outra que colocou nas costas, mas antes que consiga a apontar para frente, como vinha fazendo enquanto caminhava, um homem sai pela lateral do lugar, com uma arma em punho, mirando em mim.

Meu sangue gela, o tempo para e tudo se passa em câmera lenta. Bruno se dá conta da presença do outro homem, arregalando os olhos, levantando a arma e gritando meu nome, mas é tarde... O tempo para e sinto aceitação, aceitação em ser o alvo e não ele, até... ver, com horror, Bruno entrar em minha frente, seu rosto de frente para o meu. Mal tenho tempo para raciocinar. O estopim, o tiro e vejo seu rosto mudar, a dor o abalar e ele levar a mão abaixo do peito, sentindo o impacto. Me olhando, antes de seu corpo ir ao chão.

Lembro-me da arma em minha mão e por puro impulso, reflexo, vingança, não sei, empunho, miro e como ele disse, puxo o gatilho, sentindo o tranco em minha mão quando a arma expelle a bala para se acomodar no corpo à minha frente, tatuado e franzino, que cai, tombando com ainda com a arma na mão. Trêmula, nervosa e sem ação, assisto ao homem ainda levantar a arma em minha direção, mesmo ferido.

Ambos apontamos a arma um para o outro, mas eu sequer preciso atirar, um homem de camisa social e colete aparece pela mesma porta lateral que antes o traficante entrou, atirando nele, terminando o serviço que eu comecei.

Deixo a arma cair, a minha própria, olhando Bruno no chão, sangue molhando sua camisa, a colando em seu corpo.

Ofego, caindo de joelhos ao seu lado, procurando seu rosto, procurando

o ferimento.

— Não, não, não, não. Bruno, Bruno, acorda... anda, acorda, por favor, acorda.

Ouçõ seu gemido, seus olhos abertos, mas sem conseguir focar em nada, inerte, se engasgando no próprio sangue. Segundos... momentos... medo... dúvidas...

— Eu... — fala e cospe sangue. — Te amo... — sussurra, antes que seus olhos percam o brilho.

— Não, não, não... volta, acorda, acorda. Eu ainda não disse, eu não disse, acorda, acorda... — me desespero, saindo de mim.

Tiros soam perto, muito perto e então vejo policiais, homens de preto entrarem no galpão, nos encontrando, reconhecendo o local, seus fuzis apontados para frente. O homem que antes entrou pela lateral se aproximar, me tirando de cima de Bruno, abrindo espaço para que os policiais o ajudem, que o traga de volta para mim.

Ele não pode morrer, eu não posso perdê-lo, Luna não pode perdê-lo, por favor.



Capítulo

53

*Por motivos pequenos deixamos de
dizer a alguém o quanto o amamos,
só não contamos, que aquela
pessoa... talvez nunca mais volte!*

Sophie

O céu está escuro, assim como me sinto por dentro, escura, vazia. Acho que vai chover... é, acho que sim. Sinto alguém apertar minha mão, um conforto, é Benjamin, que está ao meu lado. A marcha soa, tiros em sua homenagem e eu sequer me movo, o cansaço está sobre meu corpo.

Tudo parece ter perdido a cor, tudo parece sombrio... a qualquer momento que eu fechar meus olhos, ainda consigo ver o exato momento no qual tudo aconteceu, quando Bruno entrou em minha frente, seu sangue lavou o chão, seus olhos perderam o brilho e a polícia chegou, seu irmão tentando me tirar de cima dele, policiais e colegas de seu batalhão prestando os

primeiros-socorros enquanto eu, apenas existia, como faço agora.

Fecho meus olhos, sentindo uma lágrima escorrer por minha pele, morrendo em meus lábios, quente e salgada, me sinto um mar vazio, sem vida, um barco à deriva. Preciso ser forte, por Luna, ela precisa de mim. Vejo o comandante, se aproximar do caixão, dobrando a bandeira preta, do BOPE, que antes estava sobre o caixão. A cerimônia, sendo exatamente igual a de Alex, uma bela cerimônia.

— Sophie, vamos, *tá* na hora de ir... — Benjamin chama minha atenção e eu nego, vendo Heitor, irmão de Bruno do outro lado do caixão, com a fisionomia fechada.

— Quero ficar até o final, quero ver o caixão descer.

— Sophie, por favor...

— *Me* deixa ficar, Benjamin, por ele... me deixa ficar.

— *Tá*, por ele.

— Obrigada.

Venho existindo há três dias, tentando não passar tudo que eu sinto para Luna, para a minha menina, sentindo a dor e remorso me corroer. Poderia ter sido eu, era para ser eu, aquela bala que acertou suas costas, tinha que ser minha.

E agora, tudo, tudo... parece tão pequeno, tão insignificante agora que ele não está aqui. Tudo parece... ele não me traiu, ele mentiu, partiu minha confiança, mas foi capaz de se jogar na frente de uma bala por mim, de trocar de lugar comigo, quando sabia que ia morrer.

Como eu vou superar isso? Como?

Assisto ao caixão descer e pessoas chorarem, a dor tem um gosto amargo. Sei como é, sei como isso parece, sei o quanto nos marcam. Fui vítima disso quando Fernanda e Alex se foram e agora, tudo vai se repetir, tudo está se repetindo. Aquela pressão sobre mim, em saberem como estou, o que farei, como vou me comportar, se vou surtar.

Eu posso surtar? Isso não seria um luxo, a essa altura? Limpo mais uma lágrima e quando começam a jogar flores sobre o caixão, não consigo mais me manter aqui, pois as memórias são vivas, o medo, o terror, a escuridão.

Não precisam mais apagar a luz para que eu esteja totalmente no escuro, o escuro está aqui no fundo, aqui dentro de mim.

Minha luz se foi e então... deixo que Benjamin me guie para fora do cemitério, deixando algumas pessoas ainda para trás. Abraço o meu próprio corpo, me sentindo fria, sentindo pingos de chuva caírem em minha pele. Em meu rosto.

Benjamin se apressa em abrir a porta do carro para mim e eu entro, me arrumando na cadeira, esperando-o fazer o mesmo ao entrar no carro. Mas quando o faz, ele não liga o carro de imediato, me olha de esguelha e busca minha mão.

— Eu estou aqui, sempre vou estar, para o que precisar, sabe disso, não é?

— Obrigada... — falo, vendo-o suspirar, esperar alguns segundos e, por fim, ligar o carro e sair, enquanto vejo o cemitério, as pessoas, ficando para trás.

O amor machuca... amar sempre será um desafio, enquanto a vida me tirar pessoas.



Após o enterro, que aconteceu horas atrás, fui para casa, tomei um banho, dei um beijo em Luna e garanti a ela que tudo ficaria bem, que superaríamos tudo, todas as perdas, juntas. Que eu jamais a abandonaria... fiquei um pouco com ela, até minha mãe levá-la de mim e me obrigar a comer, segundo ela, não venho me alimentando muito bem.

Pi... Pi... Pi... Pi...

Ouço, sentada ao seu lado, vendo seu peito subir e descer, ainda respirando, resistindo, permaneço ao seu lado, desde que voltei do funeral. Não, na verdade, desde a noite em que vim com ele na ambulância, enquanto tentavam reanimá-lo, após uma parada cardíaca. O dano foi sério, a bala quase acertou seu coração e estilhaços acertaram seu fígado.

Foram horas de operação, dois dias de coma induzido e há um dia,

tiraram sua medicação, para ver como ele iria reagir, mas até agora Bruno ainda não acordou. Passei a manhã toda com ele, saí apenas para ir ao funeral, ele gostaria que eu fosse, afinal, foi um de seus colegas de trabalho, do batalhão, que foi baleado naquela noite, em que tentavam incansavelmente nos resgatar e apesar de ser operado às pressas, ele não sobreviveu, infelizmente.

Como ele não pôde ir, fui em seu nome... pois aquele homem deu a vida para nos salvar, fazendo o seu trabalho. Enquanto estava lá... não conseguia não pensar que ali, poderia ser Bruno.

— Ele vai acordar, eu sei disso. — Ouço Pedro dizer e coloco minha mão sobre a sua, que descansa em meu ombro e confirmo com um aceno o que ele diz. — Ele tem atividade cerebral, Sophie, os órgãos estão se recuperando bem e essa demora é normal, é seu corpo dizendo que ele precisa de mais tempo para voltar para nós, mas logo ele acordará. Confie nisso, ele vai acordar!

— Eu sei, ele precisa voltar *pra* mim, ele precisa.

— E ele sabe disso. Logo estará conosco.

— Ele tem que voltar, Pedro... porque eu não disse a ele...

— Como é?

— Eu não disse a ele que eu o amo... ele disse, mas eu não. Eu preciso dizer, preciso que ele saiba — falo e sinto-o apertar minha mão.

— Ele saberá, tenho certeza que sim. Eu preciso ir, mas qualquer coisa que precisar, me ligue. Não demoro a voltar.

Sorrio, agradecida, sentindo um beijo no topo da minha cabeça.

— Vou apenas pegar Camille, mas já volto.

— Obrigada, de novo.

— Fica bem, quer que eu traga algo?

— Não, tudo bem...

Ele se vai e eu fico aqui, sozinha... Pedro está sendo... uma rocha para mim. Assim como eu, ele fica no hospital, cuidando de tudo por mim, cuidando de mim. Dividindo com Benjamin a carga de manter um olho sobre

minha sanidade.

Seguro a mão de Bruno, estando próximo a ele, sentindo o cheiro de hospital, que me causa enjoo, mas que pouco me importa agora. Tenho algo mais para me preocupar, o homem idiota, que foi burro o bastante para se jogar na frente de uma bala por mim.

— Quem é idiota a esse ponto? Quem? Me fala? — pergunto, pois no mesmo instante que sinto amor, sinto raiva... raiva por se sacrificar por mim. — Ninguém faz isso, Bruno, ninguém dá a vida pelo outro, porque se você me deixar, o que eu vou fazer? Luna precisa de você, *tá* ouvindo? Ela precisa de você, porque sozinha, eu não consigo, não dá, eu preciso de você. E eu... eu preciso acreditar que algo pode dar certo, preciso encontrar alguém me faça confiar, alguém que eu sei, que se jogaria na frente de uma bala por mim. Por favor... acorda, porque se você morrer, eu te mato... eu juro que mato — falo e me entrego ao choro, encostando minha testa em sua mão, sem conseguir segurar as lágrimas. — Sabe quanto tempo demorei para amar? Por favor... volta *pra* mim, volta *pra* nossa família.

Eu tentei ser forte, tentei segurar a barra, não chorar, mas isso, não é um conto de fadas, a vida não é bonita e coisas ruins acontecem. A todo o momento eu espero que alguém diga que ele se foi, porque sou acostumada com o pior, mas não sei se consigo me recuperar se ele não estiver mais aqui, não sei se consigo acreditar...

— No final da história... — Ouço a voz rouca, falhada, baixa e levanto meu rosto, sentindo meu coração parar. — A princesa salva a si mesma e ao príncipe também.

Eu fico estática, olhando para ele, sem acreditar... sem... e me levanto, um turbilhão de sentimentos tomando conta de mim, fazendo meu corpo tremer ao ver seus olhos abertos, ao ver... seu sorriso.

— Seu idiota, filho da mãe. O que queria? O que pensou quando se jogou na frente daquela bala, o que... Seu idiota. — Deixo sair tudo o que está preso e vejo-o rir, daquele jeito que tanto me irrita, o jeito em que aprendi a amar.

— Senti sua falta, marrenta, senti muita falta disso.

Choro, ao tempo que rio, sentindo meu coração voltar a bater, me

aproximando e o abraçando, com cuidado, ouvindo-o gemer em resposta. Limpo meu rosto, tentando me recuperar, saindo de cima dele, podendo tocar seu rosto.

— Eu te amo, *tá...* eu te amo e amo, e amo. Também me apaixonei por você — falo, de uma vez, fazendo seu sorriso se ampliar.

— Eu estou tão ruim assim, que tem que me falar desse jeito, por que talvez eu morra?

Encosto minha testa na sua, inspirando fundo.

— Não, estou falando isso porque percebi que o mundo sem você perde a cor, porque tudo... não passou de mal-entendidos, falta de comunicação. Eu não sou boa em falar e prometi que se acordasse, eu te beijaria assim. — Beijo seus lábios, de forma calma, carinhosa e tudo parece um sonho. — E depois, eu diria que me conquistou, de forma simples, que fez com que eu me apaixonasse por você e eu estou disposta a me abrir, te amar e deixar que me ame. Ter paciência e tentar falar, e acima de tudo, confiar. — Aquele sorriso está pregado em seu rosto, de forma gentil, perfeita. — Não porque ache que vá morrer, porque se fizer isso, eu juro que te mato.

— Eu também te amo, marrenta. Te amo assim, do jeito que você é e, juntos, vamos colar as partes que faltam um no outro. Me perdoa por tudo... por não entender que o tempo todo, era amor.

— Sério, um poeta agora? — Sorrio. — Não há o que perdoar... vamos escrever uma nova história em uma folha em branco, a partir de agora...

— Certo... só me lembre de esconder as armas quando brigarmos, sua pontaria é muito boa.

Sorrimos, juntos, e sinto a luz voltar a brilhar em mim, mandando embora qualquer escuridão que ameace me tomar. Ele voltou, voltou para mim.



Capítulo 54

*O amor pode machucar, é verdade,
porém, ele pode nos curar na mesma
proporção.*

Bruno

Dias depois...

— E então ela me olhou e disse ma-mãe... assim, e duas vezes. — Sorrio, vendo-a falar, contente, derramando algumas novidades que se passou enquanto estive fora, coisa que ela deixou passar e se esqueceu de me contar. — Ah, ela ficou em pé e quase, quase andou.

— Não... — Finjo surpresa.

— Sim... sim, sim. Foi tão fofo. — A voz contente reverbera as paredes do banheiro, seu corpo quente colado às minhas costas. Ela parece ainda mais

bonita, mesmo que esteja com o rosto parecendo cansado. — Por que *tá* me olhando assim?

Volto a respirar, vendo que viajei por alguns instantes.

— Admirando você, voltei dos mortos, posso fazer isso. — Me arrependo do que falo assim que fecho a boca e a vejo ficar séria.

— Não fala assim... não diz isso. — Me viro na banheira, tocando seu rosto.

— Ei... é brincadeira, não foi por mal e se está pedindo, eu não falo, agora vem cá e me beija. Já que não posso fazer amor com você, quero ao menos que me beije — peço e a faço sorrir, minimamente.

— Sêrio? Nem se recuperando você não para de ser pervertido?

— Não sou... é você.

Ela se aproxima, seu cheiro gostoso me alcançando, sua boca cobrindo a minha. Levo a mão ao seu cabelo, a segurando próximo a mim, aprofundando o beijo, sugando sua língua e sentindo tesão, um tesão que está me matando, minhas bolas estão ficando roxas de tanto celibato. Quando a solto, Sophie está vermelha, excitada.

— Não pode me beijar assim... repouso, se lembra?

— Hum... te beijar assim te dá tesão?

— Perverso.

— Porque, se sim, minha língua está ótima... basta sentar na minha cara e te faço gozar bem gostoso.

Ela engasga e me divirto. Sophie é perfeita, uma ótima mentirosa, disso sabemos, mas quando se trata de esconder as emoções, essas que são novas para ela, como prazer, tesão, excitação, ela é inocente e não consegue mascarar nenhuma delas.

Tenho passado meu tempo à sua custa, brincando com ela enquanto estou de repouso. É a única coisa que tenho feito nas últimas semanas, desde que me deram alta do hospital, me divirto com ela, com Luna e com as visitas, que tem sido muitas, ultimamente. Cristine, Augusto e Cathe, às vezes os gêmeos... Silvy também apareceu, Alice, Pedro e a menininha de franja bonita e trouxeram Felipe com eles, o menino queria se certificar de

que eu estava bem.

Deixe-me ver quem mais... Leandro, Adônis, os meninos do batalhão e Heitor, esse vem sempre por aqui, conferindo se precisamos de algo. A relação não é... como antes, mas estou tentando, de verdade, afinal, ele apareceu bem a tempo e salvou minha garota.

Benjamin e sua morena também vieram, enfim... é muita gente para lembrar. Ainda assim, com todas as visitas, está ficando entediante estar trancado em casa, já que Sophie mal me deixa levantar da cama ou do sofá. Ela daria uma ótima general.

Estou bem, uma leve dor no peito, preciso de ajuda para levantar raramente, mas estou me recuperando bem. Só sinto muito por aquele que perdeu a vida naquela noite, Emilio. Não era da minha equipe, mas era um ótimo guerreiro, fiquei sabendo do que aconteceu, ainda não pude visitar seu túmulo no cemitério, mas o farei assim que puder.

Ela volta a passar a esponja ensaboada em meu tronco, cuidadosa, e depois passa a mão macia, levemente, sobre cicatriz que a cirurgia deixou. Uma marca daquela noite. Lembro-me de cada minuto, do medo que senti, medo de perdê-la.

Meses atrás, quando vi Pedro, seu irmão, se colocar em perigo por sua mulher, eu o chamei de louco. Mas agora, entendo o que fez e faria tudo de novo, se preciso fosse.

— E não é por nada, não — fala, um sorrisinho cheio de si no rosto. — Mas ela falou primeiro mamãe.

Sorrio, olhando seu rosto, cheio de graça.

— Isso porque eu não estava aqui...

Aproximo meu rosto do seu, beijando seus lábios, sentindo tesão pela infeliz que vem se negando a mim, por ordens médicas. Como da outra vez, ela não me deixa aprofundar o beijo e se afasta, encostando a testa na minha, a boca entreaberta, puxando o ar, os olhos fechados.

— Obrigado.

— Pelo quê? — fala, me olhando, com dúvida no olhar.

— Por tudo, por me deixar entrar, por me amar.

— Eu não deixei...

— Não?

— Não, você com esse jeito de rato sorrateiro, que foi entrando, devagar e quando eu vi... já estava em mim, não deu *pra* fugir.

— Então o mérito é todo meu? — A vejo rir, adoro seu sorriso, esse encabulado, de quando recebe um elogio ou um agradecimento.

— Isso... culpa sua e desse seu... — Para, olhando meu pau semiereto dentro da água. — E... enfim, mérito seu.

— Acha que não falar do meu pau vai te deixar menos molhada e excitada? Porque eu sei que *tá* excitada.

— Assim você não ajuda, pervertido.

— Sei... vem, me deixa te dar banho agora, se vira.

Ela demora, mas cede ao que peço, a abraço a trazendo para mim, deixando que se recoste em meu peito, gostando do que sinto. Não consigo imaginar perdê-la e não há um dia sequer, que eu não agradeça por ela estar bem e ao lado. Sugo sua orelha, mordendo a pontinha, vendo seus pelos se arrepiarem... gosto de como a deixo.

— Eu estive pensando... — fala, pegando a esponja e brincando com a espuma, como criança.

— O quê? — Beijo seus cabelos, inspirando seu cheiro.

— O quarto que você usa... que não vai usar mais... poderíamos...

— Poderíamos?

— Redecorar.

— Como assim? — pergunto, não entendo o que quer fazer. O quarto está ótimo, já que ninguém vai usar, por que mexer?

— Deixá-lo com um aspecto... de... sabe, *pra* fazermos...

Busco seu rosto, vendo-a corar ao falar, aos poucos, uma ideia do que quer vem se formando em minha mente. Quando foi buscar mais roupas minhas no meu apartamento, Sophie chegou com algumas dúvidas sobre a cruz que viu em meu quarto, respondi todas, mas não esperava que ela tocaria no assunto, ainda mais, querendo redecorar o quarto com o que acho que

quer.

— Espera, tá falando em transformar o quarto que eu usava em um quarto *pra* transarmos, quer que o montemos *pra*...

— Isso, para nossas práticas, como posso dizer...

— Não — respondo, de imediato, sem nem cogitar algo do tipo.

— Por que não? — Ela se vira, me olhando, esperando uma resposta.

— Porque a última vez que tentamos, você... a gente...

— Não vai mais acontecer.

— Por que não? Sophie, aquela noite... não, não quero se sinta nada comparado àquilo, não por mim.

— Bruno... aquela noite... a venda, me trouxe lembranças ruins e sabendo disso, já é algo que não faremos — fala, sem jeito. — O que pensei é de irmos com calma, tentarmos... algumas coisas e ir agregando o que gostamos, juntos, em um espaço só nosso, aqui em casa, sem precisar de clubes ou nada do tipo. Um quarto que só nós dois usaremos.

— Sophie, não acho que...

— Espera, me deixe falar. Não quero que deixe uma parte de si por mim, não é isso o que eu quero, porque depois, no futuro, isso pode nos custar muito. Não precisamos mudar pelo outro, mas nos adaptarmos um ao outro, nos fundir. Há coisas que são limites rígidos para mim, mas outras... das que fizemos, eu posso ter gostado.

Entendo aonde quer chegar e sorrio.

— Quer voltar a tentar porque gostou?

— Sem vendas ou escuro... sim, algumas coisas eu posso ter gostado.

— Sem vendas ou escuro... — repito e ela anui, sorrindo de lado. — Vai me contar um dia, sobre o escuro, a lembrança daquela noite? — pergunto, quero muito saber, entendê-la por completo.

— Vou, um dia... eu prometo.

Já é alguma coisa. A trago para mim, derramando água da banheira, fazendo-a montar em meu colo, chega dessa porra de repouso. Beijo seu pescoço, subindo para seu queixo, sentindo saudade de estar dentro dela, de

poder senti-la por inteiro.

— Bruno...

— Hum... — respondo, apenas, de pau duro, minha boca chegando próximo à sua orelha e a beijando.

— Estive pensando também... — ela continua. — Em algo que Francisco falou e acho que pode mesmo me ajudar.

— O que foi? — pergunto, correndo o nariz por seu pescoço, sua pele.

— Ir a um psicólogo.

Afasto-me, buscando olhar seu rosto. Eu já tinha pensado em algo do tipo, só não tinha falado sobre isso ainda, com ela, pois quando toquei no assunto com Benjamin, dias atrás, ele me contou que quando jovem, ela não aceitou bem quando sua mãe lhe propôs levá-la a um psicólogo, sendo assim, eu não sabia como abordar o assunto.

— Você quer ir?

— Bom... não é como se eu soubesse se vai funcionar, eu não sou boa em falar.

— Não, não é, mas isso pode ajudar.

— É, pode, eu gostaria de tentar.

— Eu darei total apoio, acho que pode ajudar, sim — falo, me sentindo orgulhoso.

Ela me beija e quando me solta, sorri. É simples ser feliz... volto o foco ao que estava fazendo antes, mas ela parece disposta a não me dar o que eu quero, solto o ar, exasperado.

— Precisamos conversar sobre o aniversário de um ano de Luna.

— Precisamos falar agora?

— Ué, quer tanto que eu fale, vamos falar, então. — Dá de ombros, me pegando em minha própria armadilha. — Faremos algo grande ou pequeno?

— Grande, bem grande. — Entro no seu jogo.

— Então vamos contratar alguém, porque eu não tenho noção de como fazer isso. Quanto ao presente, o que dar a ela?

— O que acha em darmos um cachorro? Eles podem crescer juntos. — Eu acho uma boa ideia, mas a julgar pela cara com que Sophie me olha, ela não concorda.

— *Tá* maluco? Nem pensar.

— Não precisa ser grande.

— Não, sem cachorros, nem grande nem pequeno. — Nada falo, porém, ela vai ter um cachorro. Um cachorro vai trazer energia para esta casa e somos dois votos a um. Acho que posso convencer a dona encrenca até o dia do aniversário de Luna, em lhe dar um cachorro.

— E por falar em grande... — volta a dizer. — Ela está crescendo rápido, não está?

— Esta, mas quanto a isso, já tenho uma solução.

— Que seria?

— Fazermos outro bebê.

Sophie me olha, arregalando os olhos e rindo de nervoso, esperando que eu faça o mesmo e diga que estou brincando. Mas não estou, já temos Luna e eu não tenho dúvidas que quero essa mulher em minha vida, definitivamente.

— *Tá* de brincadeira, *né?* *Tá...* *tá* mesmo falando de a gente ter um bebê?

— Claro que *tô*, não agora, mas ainda vamos ter muitos filhos, Maria Sophie!

— Não vamos, não, e para de me chamar assim.

— É o seu nome e claro que vamos, adoramos crianças — falo e ela bufa em resposta.

— Eu odeio crianças.

Olho para ela, em reprimenda, que não se envergonha ao dar de ombros.

— Não odeia, não, temos uma criança, que está na casa da sua mãe e que prova que você ama crianças e tem também sua sobrinha, você adora Camille.

— Definitivamente, não vamos ter filhos. Luna, eu aguento, mas outro bebê, um que vai crescer dentro de mim? Nem pensar, odeio crianças. — Ela parece nervosa ao voltar a afirmar que odeia crianças. Sorrio.

— Não seja ridícula e você não odeia crianças.

— *Tá*, eu não odeio, mas não vamos ter filhos!

— Okay, então, não vamos — concordo, me divertindo com seu semblante, a forma com que me olha.

— Para, não concorda comigo.

— Ué, quer que eu não concorde agora?

— Claro, se não, com quem vou brigar? — pergunta, passando os braços por meu pescoço. Ela não tem jeito.

— Sabe o que eu, definitivamente, não odeio?

— O quê?

— Você, porque você, eu amo!

— Ah, nisso podemos concordar! — Sorri, perfeita. — E eu também te amo. — Ela volta, me beijando e desta vez, não deixo que mude de assunto ou se afaste, grudando seu corpo ao meu, querendo estar dentro dela, me fundir à mulher que aprendi a amar.

Solto um gemido, rendido... eu sou completamente dela!

A handwritten signature in black ink that reads "Sophie". The script is fluid and cursive, with a large, looping 'S' at the beginning and a long, thin vertical stroke for the 'p'.

Desço as escadas após receber uma mensagem de Bruno, dizendo que está aqui embaixo me esperando, com Luna e que estou atrasada. Ele não está mentindo, estou mesmo, estávamos em uma reunião, eu, Benjamin e meu empresário para tratarmos de negócios.

Sim, eu me levantei e vou fazer exatamente o que Francisco me disse naquele dia, no hospital. Quero revanche, quero ganhar e eu vou ganhar, porque desta vez... eu vou estar preparada. Passo pela recepção, vendo que Duda atende a uma mulher.

— Bom dia — cumprimento, ouvindo a mulher me responder e paro, de imediato, reconhecendo essa voz. Me viro, dando de cara com a perua loira, racista filha do caralho aqui, na minha academia. — O que esse pedaço de merda faz aqui? — falo e ela me olha, me reconhecendo e Duda se assusta com minha reação, tentando consertar a situação.

— Senhora, desculpa, essa é a proprietária da academia, Sophie. Sophie, essa...

— Eu sei quem ela é. Quero saber o que ela faz aqui?

— Ela veio matricular a filha na aula de natação — Duda, gentilmente, explica, o rosto vermelho, envergonhada. Olho para Duda e sorrio, não, gargalho, voltando a olhar para a mulher, dos pés à cabeça.

— O mundo não gira, ele capota. Devolva o dinheiro da matrícula desse... pedaço infame de gente, Duda — falo e me aproximo da mulher, que ainda me olha assustada, sem palavras. — Porque aqui não aceitamos pessoas do seu tipo, pedaços de merda como você, racistas filhos da puta, não entram em minha academia e não chegam perto da minha filha. Passar bem, perua mal-amada.

Saio, sorrindo. Como é bom as voltas que o mundo dá.



Sentada, no banco de madeira, atrás da grande mesa da área de lazer de Pedro, observo as pessoas que estão aqui, conversando e rindo, se divertindo e, pela primeira vez, me sinto fazer parte de algo, alguém completa.

Vejo a mulher ruiva, mãe de Alice, tão bonita quanto ela, me olhar de canto, um tanto perplexa. Ela sempre me olha assim, com certo carinho e surpresa. Essa é a segunda vez que nos vemos e sua surpresa ainda não passou.

Hoje é um almoço em família, aqui no haras, e Pedro fez questão de convidar a todos, mas mesmo eu achando que estava atrasada, fomos quase os primeiros a chegar, perdendo apenas para os pais de Alice.

Pedro fez questão até mesmo de convidar minha mãe, Benjamin e Mônica, além claro, dos irmãos de Alice. Pedro é realmente alguém para levar para a vida, uma pessoa linda que fez questão de fazer parte da minha vida, conhecer minha mãe, Benjamin, não de forma superficial, mas conhecer a fundo, a ponto de criar uma bela amizade.

— Oi, como é bom ver você de novo, Sophie. — Dona Vera se aproxima, chamando minha atenção.

Tudo ainda é estranho, porque são pessoas que me olham como se já me conhecessem, que têm carinho por mim, quando eu só os vi poucas vezes.

— Obrigada, é bom vê-la também.

— Deve ser estranho, não é? Nós ficamos como idiotas embasbacados olhando *pra* você. É que se parece muito com ela, sua mãe. Me desculpe.

Sorrio, sim é estranho, mas bom ao mesmo tempo, pois para saber como ela era, só conhecendo pessoas que conviveram com ela, por isso criei grande carinho por Mag, a senhora que trabalha com Pedro e que o conhece tão bem como conheceu minha mãe. Ela me contou tanta coisa... tanta coisa boa.

— Tudo bem, eu também me senti... surpresa ao ver as fotos dela, como nos parecemos.

— Otávio, ele... ele adorava sua mãe. O irmão dele era o único da família ao qual ele mantinha contato e fomos... e somos uma grande família e ver Pedro te encontrar, meu Deus, é um milagre. Eu posso te dar um abraço? — a mulher tão ruiva quanto Alice, de olhos verdes e doces, pede, emocionada.

— Claro. — Ela me abraça e eu vejo Bruno me olhar de longe, parecendo orgulhoso, enquanto conversa com Pedro.

— Saiba que faz parte da família, somos agora uma grande família, um pouco intrometidos às vezes, mas... é coisa de família.

Sorrio.

— *Tá*, vou me lembrar que é coisa de família.

— Daqui a pouco Augusto e Arthur irão chegar e isso aqui vai ser tomado de crianças brincando, muito falatório, mas você se acostuma.

— Menos com Marina, mamãe. Ninguém se acostuma com Marina. — Alice aparece ao meu lado, tocando meu ombro e eu me perco na conversa.

— Quem é Marina?

— Ah, você não a conhece ainda. Marina é a noiva de Arthur.

Estranho o que diz, olhando dela para a mãe.

— Não gosta da noiva do seu irmão? Você gosta de todo mundo. — Tento entender e ela sorri.

Descobri que Alice se aparece um pouco com Fernanda, em

personalidade e passei a realmente gostar da ruiva, além do mais, ela é a responsável por me trazer para vida de Pedro, o que não tem preço.

— Alice deu uma surra nela, uma vez — a mãe dela explica e Alice tenta prender o riso ao ralar:

— Mamãe.

— Mas foi, não foi?

— Fez isso? Você? — Eu nunca imaginaria que Alice seria capaz de bater em uma mosca sequer, quanto mais em alguém.

— Às vezes, perco o controle e foi só uns tapas. Eu cuido do que é meu, isso inclui minha família, ela destratou alguém importante *pra* mim, eu não ia deixar barato. Fique logo sabendo, se alguém te destratar, é só me chamar.

— Gosto de você cada dia mais, sabia?

Alice sorri, agradecida, e Pedro se aproxima de mim, enquanto ainda rio e tento imaginar Alice batendo em alguém.

— Posso falar com você um instante?

— Claro. — Me levanto e ele me guia para dentro de sua casa, para um tipo de escritório.

— O que é? — pergunto, curiosa, assim que ele fecha a porta.

— Eu... tenho algo *pra* te contar. Lembra que falou comigo sobre uma mulher que era vizinha da casa que você morou, a que pegou fogo e que a mulher conhecia nosso pai? Que foi quem deu informações às autoridades sobre nosso pai, após ele morrer?

— Sei... — falo e sinto meu coração acelerar.

— O detetive a encontrou, falei com ela.

— Falou?

— Sim, e descobri o motivo pelo qual ele... te raptou.

— Para — peço, apressada. — Não quero saber.

Pedro me olha, intrigado, em dúvida.

— Ficou chateada? Eu fui atrás disso porque você falou que queria

saber do passado... e eu...

— Não, ei... não é isso. — Me aproximo e seguro suas mãos. — Não estou com raiva de você, nada disso, pelo contrário. Mas descobri há pouco tempo que o passado, é passado. A parte boa que eu poderia resgatar eu resgatei, você, essa família. — Sorrio, grata. — Não sei o que irá dizer, mas sei que não é nada bom, eu sinto e não quero saber, não importa mais. Eu tenho você, tenho uma filha, tenho alguém que amo, que me permite amá-lo. Tenho uma mãe amorosa, um irmão que me ama e tenho toda a família que ganhei junto a você. Não importa o monstro que foi nosso pai, não quero saber. É passado, vamos viver o futuro.

— Você está se libertando... — entende o óbvio.

— Estou e, quer saber? Estou muito feliz com isso.

Pois, agora, me sinto realmente... completa.



Epílogo 01

O gosto doce do amor e o “felizes para sempre”.

Bruno

Dois meses depois

Volto do trabalho, após uma noite acordado, a qual tivemos que subir o morro mais uma vez, para resgatar o filho da puta, do filho de um senador. O *playboy* foi para comunidade comprar droga, parceiro, achou que tinha ganhado comadres.

Esse é um dos muitos casos de filhinhos de papai que enriquecem o tráfico, só que dessa vez, ele ficou preso em meio a um tiroteio entre facções rivais e óbvio, deu merda. E claro que ele ia ligar para o papai, o papai ia ligar para o governador e BOPE ia subir o morro, parceiro. Não nego que foi

um dia de vitória. Tiro trocado, vagabundo indo para vala, droga e armas apreendidas junto a dinheiro do tráfico e o filhinho de papai a salvo, mas não sem ganhar umas biscoitas, minhas, é claro.

Se estão se perguntando se já pensei em sair do BOPE, após quase perder a vida, sim, muitas vezes. Não por mim, mas por Luna e Sophie. Sei que a cada dia que eu passo por essa porta, levo um pedaço dela comigo, sei que não dorme esperando notícias, mas... é minha vida. Servir e proteger é o que eu sei fazer. E venho tentando com isso, ter o máximo de cuidado possível.

Enfio a chave na fechadura, ouvindo o bichinho que trago dentro da caixa de papelão grunhir, e sorrio. Das duas uma, ou durmo no sofá hoje ou ela me coloca para fora de casa junto com o bichinho.

— Talvez nós dois iremos voltar *pro* canil, parceiro.

Abro a porta e vejo logo Luna, se arrastando pelo lado, segurando a luva de Sophie, que desistiu de fazê-la deixar de lado suas luvas. A menina parece que vai ser boxeadora, mas não sei se consigo segurar a barra de duas na família. Ela me vê e se senta, abrindo o sorriso mais lindo que já vi na vida. É esse que me faz querer voltar para casa mais rápido.

— Papa-pai — balbucia.

— Ei, princesinha, o papai chegou! — A pego, deixando a caixa no chão, enchendo sua bochecha de beijo.

— Cadê nossa malvada favorita?

— Vai colocar *ela* contra mim desse jeito, sabia, *né*? — A malvada aparece, sorrio, me levantando e enlaçando sua cintura quando ela se aproxima, seu cheiro me prendendo. — Olha que posso ensinar *ela* a te chamar daquela palavra que começa com B.

— Não ousaria.

— Você que não me tente. — Ela me beija, algo simples, do cotidiano, mas que vindo dela é como... respirar ar puro. A desgraçada filha da mãe me fisgou, parceiro, e eu caí de quatro. — O que é isso na caixa? — pergunta, ao ouvir o bicho grunhir. — Eu não acredito, Bruno. — Ela se afasta, levando as mãos à cintura ao me olhar feio.

Eu me agacho, abrindo a caixa branca de papelão, pegando o cachorrinho amarelo, filhote de poucos meses, meio peludinho e mostrando à Luna que, em um primeiro momento, parece não saber o que é, mas que logo, se anima ao ver o bichinho se mover.

— Olha o que eu trouxe *pra* você, princesinha — falo com Luna, soltando o bichinho que sai cheirando o chão, tentando conhecer o ambiente e então me volto para Sophie. — Olha, amor, eu posso explicar.

— Eu duvido — fala, mas seus olhos estão seguindo o bichinho, que cheira o pé de Luna, a fazendo rir.

— Mas eu posso. Encontramos uma caixa de papelão abandonada, próximo do esgoto quando voltávamos para o batalhão essa manhã, Adônis quem viu o movimento na caixa e paramos *pra* ver o que era, eram cinco filhotes, abandonados à própria sorte. Como eu ia deixar *eles* lá, amor? Olha a carinha dele.

— *Tá* aprendendo a fazer chantagem com ela? — Me aproximo, olhando seus lábios.

— Fazemos o bem, se lembra? Decidimos dividir os bichinhos, eles merecem um lar.

— Você não me engana...

— Acha que eu traria um cachorro *pra* casa, sendo que já conversamos e você não concordou em darmos um cão a ela no seu aniversário de um ano? — Sophie me olha, nada convencida.

Eu não consegui, como imaginei, convencer Sophie a darmos um cachorro para Luna em seu aniversário, que foi há dois meses e, sim, encontramos os filhotes abandonados, em uma caixa, algum filho da puta teve a coragem de deixar os filhotes à própria sorte, eu e a tropa resolvemos adotar.

— Ele até que é bonitinho — fala e, no mesmo instante, fecho os olhos, ao ver o cachorrinho mijar em seu tapete.

— Eu limpo — me apresso em dizer, antes que ela surte com o xixi. — E pensa, ele fará companhia *pra* Luna, vão crescer juntos.

— Sei, é bom limpar, mesmo. E tem que comprar as coisas dele

também. — Ela não quer dar o braço a torcer, mas gosta de animais e se agacha próximo ao cachorro, lhe fazendo um carinho na cabecinha peluda. — Prometemos cuidar bem de você e nunca mais te abandonar, nunca, ouviu, cachorrinho? — Abandonar, ela nunca abandonaria nada ou ninguém, isso eu sei.

Um movimento chama minha atenção e arregalo meus olhos, buscando o celular no bolso da calça, precisando registrar, mas... porra, está descarregado.

— Sophie... — chamo e ela me olha, em seguida, para Luna em pé.

Não nos movemos, apreensivos, em expectativa de seus primeiros passos, esperando e então, é quando ela dá seus primeiros passos em direção ao cachorrinho, que tenta se enfiar embaixo do sofá. Fico parado, curtindo o momento e olho Sophie, que abre um puta sorriso, batendo palmas e se levantando, pegando Luna nos braços e a rodopiando.

— Você andou, sua sapeca, andou sim, deu seus primeiros passos! — comemora. — Viu isso? Me diz que filmou...

Culpado, confesso.

— Não deu tempo. — Me aproximo das duas, agora não tem mais quem segure a sapeca. — Viu só, ela só precisa de estímulo para andar, o cachorrinho foi esse estímulo.

— Você não vale nada.

— Mas você me ama.

Ela me beija de novo, se apressando em dizer:

— Amo, mas agora tenho que ir, te encontro lá mais tarde?

Nos últimos dois meses, tenho me interessado muito por ajudar o projeto social que ela tem na academia, cuidar dos moleques, acompanhá-los. Sempre que posso estou lá e me divirto com eles.

— Claro que sim, estaremos lá eu e a pequena andarilha. — Ela sorri, me beijando. — Amor — chamo, antes que ela se despeça. — Está preparada? — pergunto, me referindo à sua luta, sua revanche é amanhã.

Seu sorriso é radiante, ela está animada com essa luta, vem se preparando há meses.

— Como nunca estive — responde, indo pegar as chaves e vindo em minha direção, me beijando e em seguida Luna. — Agora vou indo, te espero na academia e te amo. — Vê-la dizer que me ama com tanta facilidade é... bom demais.

— Hoje não tem, tem? — pergunto, apenas pra vê-la corar.

— Não, as pernas... se lembra? — explica, se referindo à luta de amanhã. Nada de sexo antes da luta.

— Hum... droga... também te amo e arreventa minha campeã...

Vejo-a sair e olho para Luna, a colocando sentada no chão, para brincar com o cachorro. Sequer demos um nome para ele ainda, ao menos, não vamos dormir no canil e isso já é um avanço.

Sento-me no sofá, notando que tem dois porta-retratos novos sobre a mesinha de centro da sala, pego-os. Um é uma foto minha, dela e de Luna, a primeira que tiramos juntos, no dia no *mesversário* de Luna de dez meses. Sorrio ao ver os detalhes e o coelho ainda continua torto.

O segundo é uma foto dela e de Pedro, juntos no haras, no mesmo lugar que a foto dele com a mãe foi tirada na infância.

Como minha garota cresceu, deixou enfim o passado. Sophie não sabe, não quis saber, mas o pai morrer e deixá-la foi a melhor coisa que poderia lhe acontecer. O homem a roubou para vendê-la, sim, era o que faria com ela, a venderia para um casal do exterior, mas algo deu errado e ele acabou ficando mais tempo com a menina do que imaginava e precisou lhe fazer um novo registro, por isso a demora entre o desaparecimento e o pedido para uma nova documentação, ele não a queria, ele teve que ficar com ela.

O pior é que após dar com os burros na água, ele ia usar a criança para prostituição. Minha Sophie. O cara era um pedaço de lixo, um filho da puta. Foi isso o que Pedro descobriu, foi o que a vizinha, lhe contou, a vizinha que, na verdade, era cúmplice do infeliz, tinham um caso. Desgraçada.

Agradeço todos os dias por minha garota não querer saber a verdade, sim, ela não precisa saber de algo assim, ela está seguindo em frente, se refazendo e estamos... felizes, além do que eu esperava, ela não precisa saber por qual grande merda quase passou. Sua vida não foi fácil, mas poderia ser pior.

— E então, princesinha? Como iremos chamá-lo, hã? — pergunto e trago Luna para meu colo.

— *Papapa-du.*

— Sério? Hum... é um bom nome. Bem-vindo à família *papapapa-du* — falo e sinto meu estômago esfriar ao pensar na surpresa que tenho reservado para Sophie amanhã, espero que ela goste.

A handwritten signature in black ink that reads "Sophie". The script is cursive and elegant, with a large, flowing 'S' at the beginning and a long, thin tail on the 'e'.

— Ah, não, claro que não. Vamos arrasar e comemorar ao sair daqui.
— Ouço Alice dizer, enquanto estamos no vestiário, esse estando bem cheio hoje, por sinal, bem diferente do que na última luta.

Pedro e Alice estão aqui, além de Bruno.

— Está na hora, pessoal, esperem a campeã lá fora. Precisamos aquecer
— Benjamin fala e Alice solta um muxoxo, me olhando.

— Boa sorte, Sophie, e enche ela de porrada.

— Eu vou tentar.

— Boa sorte, essa luta já é sua — Pedro confirma e beija minha testa, deixando-nos em seguida.

— Vamos, vamos aquecer — Benjamin me intima, com Francisco sentado em sua cadeira de rodas, ao fundo da sala, me olhando. Ele cumpriu com o que prometeu, ele vem nos ajudando nos treinos, desde que fui liberada pelo médico.

— Ei... — Bruno se aproxima, segurando minha cabeça entre as mãos, tocando as tranças em meu cabelo. — Este é o seu lugar, suba lá e conquiste o seu cinturão.

— Pode deixar — confirmo, sentindo sua testa encostar na minha, sua respiração batendo em meu rosto.

— Te amo.

— Eu também.

— Boa sorte, estarei na primeira fila!

Vejo-o sair, ficando a sós com Benjamin e Francisco, ele segurando o apoio ao qual devo socar para me aquecer. Começo, alguns socos, me movendo, mantendo meu corpo ativo, a adrenalina pré-luta e apreensão estando sobre mim. Francisco estava certo, cinco meses atrás eu não estava preparada, mas agora... estou pronta, me sinto pronta.

— Algumas pessoas acham — ele começa e se aproxima, paro de aquecer e volto toda minha atenção para ele. — Que são capazes de ser influenciadas pela luz ou a escuridão externa quando, na verdade, a luz e a escuridão duelam o tempo todo dentro de você, você só tem que decidir, quem irá ganhar. Meses atrás, subiu naquele mesmo ringue, achando que tinha conquistado o direito de estar ali, de ganhar, mas isso não é verdade. Era seu orgulho te cegando, você só conquista esse direito quando alcança a linha de chegada e é o que fará hoje, quando a fizer beijar a lona. Escolha, Sophie, o que será hoje? Escuridão ou luz?

— Luz.

— Então vá, e traga aquele cinturão para nós e lave sua alma.



É como estar em um déjà-vu. Estar aqui, frente a ela, no mesmo octódromo, a olhando sorrir com os dentes pontiagudos, me testando, tentando alcançar um ponto ao qual a permiti tocar na luta passada. Mas desta vez seus jogos não irão funcionar, não hoje, minha mente está sã e é com ela que irei ganhar esta luta.

O gongo soa e movimento meus pés, trocando o peso do meu corpo, dividindo-o, me aproximo, sem esperar que desta vez me ataque, socando seu rosto de jeito. Ela não o esperava, vejo em seus olhos como me olha. Ela

revida e eu me protejo, levantando a direita e lhe acertando com a esquerda, não perdendo tempo em cair para cima dela, trocando socos.

Um de seus socos me pega em cheio, chego a ir para trás, balançando o rosto, recuperando um, tanto tonta, mas voltando a mim.

— Vai, Sophie. — Posso ouvir alguém gritar, sei que é Alice, sorrio, mas mantenho meus olhos na infeliz à minha frente.

Ela tenta me derrubar, mas resisto, tentando firmar meus pés no chão e acertando suas costelas, levando as pessoas que nos assistem à loucura. Um passo em falso e infelizmente, ao mover meu corpo, ela me leva ao chão, me mantendo presa. Mantenho os pés e cotovelos firmes no tatame, sem me entregar ou deixar que acerte seu movimento, usando meu peso para me virar no momento exato que ela dá mole e sou eu a segurá-la ao chão, tentando pegar seu braço e dobrá-lo.

A multidão ovaciona, divididos em quem torcer, soco seu rosto, vendo seu nariz sangrar, me sentindo tão bem com isso, uma revanche digna. A Felina pode ser ela, mas quem vai rugir hoje é a fera presa dentro de mim.

O round acaba e nos separamos, ela me empurra e o juiz interfere, mandando cada uma ir para o seu canto do octódromo, e ela parece não aceitar tão bem ter pedido um round. Volto ao meu lado do tatame, onde Benjamin me espera com a equipe, enquanto Francisco se mantém sentado e me olha, acenando a cabeça em aprovação.

— Isso, isso. Continua assim, caralho, não para, vamos pegar *ela*.

Bebo água, recuperando o fôlego, sentindo meu lábio arder. Ela me acertou. Francisco chama minha atenção. Estou com a adrenalina correndo em minhas veias, me sentindo... bem, como sempre me senti ao subir em um ringue, é libertador.

— Ela virá com tudo, mantenha a guarda alta, use a direita e mantenha distância, deixe agora que ela perca o controle. Me entendeu?

— Isso — Benjamin chama minha atenção. — Continue movendo os pés, volte a flutuar no ringue, pega *ela*, campeã.

— Tá, pode deixar. — Coloco o protetor na boca e volto para o tatame.

Eles estavam certos, ela agora está com sangue nos olhos e ataca, mas

não está mais no controle. Desvio de alguns de seus socos, mas um deles me acerta e levo o joelho ao chão, lembrando-me do que Francisco me disse, tentando manter a luta em pé, sou mais alta que ela, então consigo deixar uma distância segura entre nós. Ela é esperta, quer me levar para o chão porque ali tem chance de me finalizar, espero o momento certo e em um vacilo eu consigo acertá-la em cheio no queixo.

Percebo que ela tonteia, indo para trás e parto para cima, desferindo mais dois socos, decidida a acabar com a luta de uma vez por todas e, desta vez, a acerto, ela cai e, sim, a levo à lona.

— AAAHHHH!!! — solto o grito preso em minha garganta, ouvindo o público gritar, ovacionando, olhando a mulher caída no chão, se movendo, tentando se levantar, mas a contagem acaba.

Levanto as mãos para cima, em comemoração, sem acreditar que realmente é real... que consegui, que venci e que o cinturão pena, é meu! Porra, porra. O cinturão está aqui e o orgulho que sinto, ao tê-lo preso em minha cintura, caralho, não tem como definir.

Sinto meu corpo ser levantado por Bruno e a sensação de vitória, não poderia ser mais doce.



Estou me vestindo, enquanto ouço passos, sabendo que é Bruno entrando no vestiário. Meu cabelo ainda está molhado, pelo banho recém-tomado e estou apenas de top e calcinha. Estou em frente ao espelho e vejo-o parado, atrás de mim, me olhando, sem nada a falar.

— O que foi?

— Eu tinha planejado algo *pra* esta noite, mas desisti em cima da hora.

— O que era? — pergunto e vejo, surpresa, ele levar um dos joelhos ao chão, abrindo sua mão e me mostrando duas alianças fina, dentro de uma caixinha preta.

Viro-me de frente para ele, surpresa, paralisada, sem saber o que fazer ou dizer.

— Eu ia fazer isso lá em cima, em meio a todas aquelas pessoas, mas... eu aprendi a te conhecer, Sophie, de verdade e você não gostaria disso, seria um gesto grandioso, mas sei que prefere o que é simples.

Sorrio, ao tempo que tento controlar meu coração e não acabar infartando bem aqui.

— Resolvi esperar um pouco mais, estarmos a sós e aqui estou eu. Meses atrás, decidimos tentar e foi a melhor aposta que eu já fiz na vida. Apostei no que eu sentia e olha aonde chegamos. Conquistamos muito, mas o melhor, foi a confiança que ganhamos um no outro.

— Bruno...

— Acho que Alex e Fernanda nos conheciam melhor que a nós mesmos, pois não poderiam ter escolhido uma mãe melhor para a filha deles, que você e eu, juntos, nós três, conseguimos formar uma aliança perfeita. Uma aliança de amor e confiança e é por isso que hoje estou aqui, de joelhos, *pra* te pedir algo. Maria Sophie, aceita se casar comigo?

Eu fico estática, olhando dele para as alianças, completamente paralisada. Meu cérebro tenta funcionar, eu nunca poderia prever algo assim... uma surpresa como essa eu... ele... ele está dizendo literalmente que quer uma vida comigo.

— Meu joelho está começando a doer e estou ficando com medo aqui...

Sorrio, sentindo como se meu coração fosse explodir.

— Sim... claro que eu... aceito, meu Deus.

Ele se levanta e me beija, de forma profunda, lenta, um carinho delicioso que faz com que eu solte um suspiro de pura... adoração. Conseguimos chegar a um lugar, um lugar só nosso, onde temos um ao outro como alicerce, uma família. Ainda estou tentando entender o que aconteceu, quando ele se afasta, colocando a fina aliança em meu dedo e, em seguida, pede para que eu coloque a outra aliança em seu dedo, na mão direita.

— Mas será algo simples... uma cerimônia simples, no cartório, nossa família e só — peço, pois ele tem razão, eu gosto de coisas simples.

— Prometo, eu prometo.

— Eu te amo e obrigada por não fazer isso na frente de todo mundo. —

Rio e sinto meu rosto corar. Bruno me abraça, me levando para trás, até me deixar colada à parede.

— Será que dá tempo de um sexo gostoso, sem atrasar muito quem nos espera lá fora?

— Seu pervertido tarado.

— E seu noivo.

— Sim... meu noivo.

Noiva... eu estou noiva, tendo meu corpo imprensado contra a parede, seu corpo grande e gostoso me deixando cativa, sua boca sobre a minha. Suas mãos elevaram meus pulsos acima da minha cabeça, os prendendo com uma das mãos e eu gemo em resposta, em sua boca, entregue.

Bruno me olha, abaixando com o dedo o top que uso, deixando o bico do meu seio esquerdo ao seu alcance e deleite. Lembro-me que isso é loucura, que nossa família e amigos estão lá fora, nos esperando. Mas a habilidade de pensar vai deixando meu corpo quando ele suga meu seio, procurando o outro com a mão e o apertando.

O que eleva meu tesão é o seu olhar, a forma predatória com que, em nenhum momento, ele deixa de me encarar, enquanto degusta meu corpo.

Sinto-o soltar minhas mãos, descendo a boca por minha barriga, um risinho sacana na boca carnuda, voltando a se ajoelhar no chão, mas desta vez com outro intuito, o de me enlouquecer.

— Bruno, tem gente nos esperando...

— Eles podem esperar, mas a sua boceta... — fala, arrastando o tecido da calcinha para o lado. — Ela me quer, agora.

Perco os sentidos quando a ponta da sua língua brinca com meu clítoris, lambendo-o e me deixando... mordo meu pulso, evitando gritar, evitando ser ouvida, apenas me permitindo.

— Alguém pode aparecer — sussurro, gemendo em seguida quando, ainda segurando minha calcinha para o lado, Bruno suga minha boceta, a colocando toda na boca, fazendo um movimento de sucção.

Chego a revirar meus olhos, à procura de algo para me segurar, me amparar.

— Diz que isso não te excita? Saber que a qualquer momento alguém pode entrar por aquela porta e nos pegar aqui, assim... — Cara de pau, ao terminar a frase ele faz questão de colocar a língua para fora, a passando devagarinho pela minha vulva.

Ele volta a me chupar, mais bruto, mais forte e abro mais minhas pernas, fechando meus olhos, incapaz de lhe responder, incapaz de pensar. Sem aviso prévio, Bruno prende os lábios da minha boceta com os dentes, puxando-o e me fazendo amolecer, minhas pernas perdendo a força, sua boca fazendo barulho ao soltar minha carne, fazendo com que dor e prazer briguem dentro de mim.

Não me acostumei com isso, com essa mistura deliciosa, dor e prazer, algo que se parece com dar... e tomar em seguida.

Bruno me solta, tirando minha calcinha e a segurando, a boca melada com minha lubrificação, a imagem da perdição, com a barba por fazer. Ele me beija, sua língua sugando a minha.

— Vou te comer aqui, não vou esperar chegar em casa, no nosso quarto. Mas está proibida de gritar. Entendeu?

— Uhum...

— Com palavras — ordena, estalando um tapa forte em minha bunda, fazendo minha pele arder, enquanto me seguro por não gritar, como ele pede.

— Entendi.

Mas só isso não é suficiente para ele.

— Abra a boca — ordena, amassando minha calcinha na mão e a colocando em minha boca, assim que o obedeco.

Seus olhos estão em mim, fogo puro, fazendo meu corpo queimar. Meses juntos, nos conhecendo, explorando limites e ainda não me acostumei a isso, a receber ordens, ser dominada às vezes é delicioso, mas a rebeldia dentro de mim por vezes ganha a batalha. Mas há algo inesperado na submissão, o sexo, aquele que fazemos no nosso quarto do prazer, como eu apelidei, nunca é o mesmo e nunca me canso dele, de Bruno.

Ele nunca é o mesmo... e o que faz toda a diferença é o fato de se importar, de mesmo estando no controle, aceitar e entender cada um dos

meus limites.

Bruno me vira contra a parede, me deixando colada a ela, abrindo minhas pernas com os pés, lembrando a um policial a revistar alguém. Meu sexo pulsa, e eu quero recebê-lo dentro de mim, quero muito, sem me importar com quem está lá fora, nos esperando.

Suas mãos estão em meu quadril, o empinando para ele e logo sinto seu pau em minha boceta, a cabeça grossa passeando por minha entrada, se melando com minha própria excitação. Ele me penetra, me alargando e me dando prazer, me expelindo a gritar, ao mesmo tempo que me proibiu de fazer isso. Travo meus dentes, sentindo o tecido que antes usava, agora em minha boca, louca por extravasar o prazer que ele está me dando agora, seu pau indo e vindo, sem delicadeza, apenas com possessão, rápido, gostoso... me perco, em cada movimento seu, me segurando à parede, empinando minha bunda, querendo que ele vá além.

A mão, que antes estava em meu quadril, vem para o meu queixo, o apertando e eu gemo, recebendo em resposta outro tapa. Sua mão se fecha em meu pescoço e sinto tesão, algo quase absurdo.

— Sophie. — Ouço me chamarem e nos assustamos de início, e olho para Bruno, por sobre o ombro e ele sorri, pervertido de uma figa. — Vai demorar? — É Benjamin, mas ele não chega a entrar.

— Não, já vamos sair, ela está se vestindo.

Sorrio, seu aperto em meu pescoço aumentando, assim como meu prazer.

— Vamos ter que ser mais rápidos, mas ao chegar em casa, quero você de joelhos, me esperando no quarto.

Confirmo e Bruno volta a me comer como se nossas vidas dependessem disso, sua boca a lambar minha nuca, chupar minha pele. Seu cheiro, o barulho, a adrenalina em ser pega aqui e sua mão apertando meu pescoço e me imobilizando, é o suficiente para que eu alcance o clímax, sentindo seu beijo em minha orelha, ambos gozando juntos, sem pudor algum, meus gemidos morrendo em minha calcinha.

Minha respiração é falha e busco por ar, enquanto ele tira o tecido de minha boca e me beija, de forma lenta, carinhosa, saindo de mim e me

virando para ele. Em seu rosto há uma mistura de carinho e perversão, enquanto segura meu rosto entre as mãos, me olhando, me fazendo raciocinar que agora sairei daqui sem calcinha.

— Eu te amo.

Sorrio, me sentindo... livre.

— Eu também te amo!



Epílogo 02

Ah... o amor.

Sophie

6 anos depois...

— AHHHHHHHHHHHHH — grito, de dor e agonia.

Quando alguém disser que te ama, que vai te fazer a mulher mais feliz do mundo e que irá te amar e respeitar para sempre, em uma capela bonitinha, simples como você pediu, NÃO ACEITEM, pois o que vem depois...

— Como pode ser tão doloroso parir uma criança, se muitas mulheres têm tantos filhos? — pergunto, cheia de ódio, quando mais uma contração me toma, parecendo que está me abrindo ao meio.

— Calma, não fica nervosa.

— Não manda *eu* me acalmar, Pedro, não manda — rosno, entredentes, sem me importar com a equipe médica no quarto.

Outro detalhe, das promessas vazias de um homem., quando você estiver morrendo de dor, parindo o primeiro filho dele, ele vai estar na puta que o pariu, em cima de uma comunidade, salvando a vida de alguém que não é a sua, enquanto você, vai estar apertando a mão do seu irmão na sala de parto de um hospital, com a sua cunhada no canto do quarto, te olhando, emocionada.

— Não me olha assim, Alice.

— É o milagre da vida, Sophie... é lindo. — Ela não sabe o que diz, meu Deus, como dói.

— E esse milagre precisava doer tanto? — pergunto e sinto mais dor, mais uma contração. — *AHHHHHHHHHHH*, não acaba nunca... esse menino tem que sair, tira *ele* de mim, Pedro, por favor... — peço, não, eu imploro e ele me olha, com esses olhos doces e lindos, que no momento não me acalmam em nada, enquanto tenta segurar o riso.

— Não dá, Sosô, você disse que não queria cesariana, dispensou a medicação e a essa altura, com oito centímetros dilatados, não dá mais *pra* medicar, eu sinto muito.

— O que adianta ter uma porcentagem do hospital, se não pode dar anestesia à sua irmã? — pergunto, indignada.

Estou com raiva, muita raiva. Uma raiva que venho sentindo desde que minha bolsa estourou mais cedo, quando eu estava com Alice e Luna no apartamento, arrumando o quartinho, que tivemos que adaptar no apartamento para ele, após uma reforma, para este mesmo bebê, este bebê que só deveria nascer na semana que vem.

Arrumamos a bolsa e viemos para o hospital, e passei a sentir muita, muita dor, já faz horas que isso começou. Eu disse que não íamos ter filhos... eu disse. Mas logo agora que Luna tem sete anos, e está totalmente independente, algo aconteceu, um deslize e aqui estou eu, parindo um menino, um menino de Bruno.

Não, não é que eu não estava feliz com minha gravidez, de início, foi

um susto, eu estou no auge da carreira, conseguindo o destaque que eu sempre sonhei, e me mantendo na crista da onda há três anos. Fomos a nível internacional, tenho mais cinturões do que poderia carregar, e então, Patrick veio, me enchendo de enjoos matinais, querendo expelir minhas tripas... foi assim que descobri a gravidez, os enjoos.

Foi um choque, mas logo após o susto inicial e o surto, bem... o menino nem nasceu e já tem a outra metade do meu coração, dividindo o espaço com Luna.

Papapa-du vai ganhar outro bebê para puxar suas orelhas. Droga, por que Patrick não esperou mais um tempinho para vir ao mundo? Seu pai estaria de férias e minha mãe estaria aqui, conosco, e não conhecendo o Caribe com Benjamin e Mônica.

— Meu Deus. *Tá* vindo outra. — Pedro me empresta sua mão e eu a aperto, sem me fazer de rogada, precisando me segurar, enquanto me mantenho de pé, próxima à maca. Disseram que ficar de pé, se mover, pode ajudar. — *AHHHHHHHHHHHHHHHHH*.

— Cheguei, cheguei, *tô* aqui. Oi, amor, eu... — Bruno entra na sala, afoito, parando na porta ao me ver gritar, estendo a mão, o parando, quando ele tenta se aproximar.

— Não toca em mim, Bruno, não me toca...

— Ué... — pergunta, me olhando para Pedro, como se pedisse ajuda.

— *Tá* pensando que depois de enfiar esse pau em mim e me encher de... com esse pequeno humano, agora vai aparecer aqui, no fim do meu momento de dor, e ficar me olhando com esse sorriso feliz? — grito, e vejo-o segurar o riso. — Você nunca mais enfia esse pau em mim, nunca mais.

— Mas, amor...

— Não tem amor... não volto correr o risco de ter outro menino na minha barriga, não mesmo.

— Amor, se acalma.

— Enfia a calma no seu... *AHHHHHHHHHHHHHHHHH* — grito e desta vez é sua mão que seguro, já que quando ele chegou, Pedro fugiu de mim e da minha ira, dando espaço para Bruno.

Sem falar que estou ridícula nesta camisola rosa, suada e... meu Deus, esse menino está me rasgando ao meio.

— Melhor deitar, Sophie, as contrações estão com intervalo maior. Vou chamar a... ah, aí está ela — Pedro fala e a médica volta para sala, com um sorriso no rosto, um sorriso ao qual tenho vontade de mandá-la enfiar na bunda.

— Ah, esse é o pai?

— No momento, eu acho que vou dizer que não, doutora, ou minha mulher pode querer me matar. — O olho, querendo mesmo.

Se não fosse esse seu pau gostoso do caralho, eu não estaria passando por isso.

Arrependo-me do pensamento em seguida, afinal, se não fosse assim, Patrick não estaria vindo ao mundo hoje. Volto para a cama, me ajeitando e fecho meus olhos ao sentir a médica fazer o tal toque, os abrindo em seguida e puxando Bruno, que ia olhar o que ela estava fazendo.

— Não ouse olhar minha vagina nesse estado — falo, olhando seu rosto assustado e acabamos rindo, enquanto ele segura minha mão e deixa que me beije. — Seu infeliz... vamos tomar mais cuidado da próxima vez.

— Muito bem, mamãe, agora é só empurrar, faça força, sua dilatação já está completa e seu neném já quer vir ao mundo. Vamos lá.

Sorrio e quando uma e outra contração vem, eu abro o berreiro, gritando como ninguém, colocando força ao tempo que espremo a mão grande de Bruno entre as minhas. Sinto dor, uma dor que pede força e a faço. Pressão, dor e, por fim, vem um... alívio... sim, essa é a palavra e em seguida... o choro estridente, alto o bastante para ser ouvido no próximo andar do hospital, começa, e procuro por ele, meu bebê, que é colocado sobre minha barriga e sorrio.

Meu Deus, toda a dor, a força... sei porque mães passam por isso, é por este momento, este momento é que faz todo o sofrimento valer a pena.

— Quer cortar, papai? — pergunta para Bruno, mas eu pouco entendo, estou mesmo com os olhos presos no meu pacotinho, sujo de sangue e massa. Meu Deus.

— Claro, claro... — Tão abobalhado quando eu, Bruno segura a tesoura e corta o cordão umbilical do nosso bebê e então, o enrolam em uma manta e me entregam e sinto como se... eu não tenho palavras que poderiam descrever este momento. É como se luz irradiasse de minha alma, enquanto vejo o rostinho dele, os olhos pequenos que ameaçam a querer abrir, se acostumando com a luz, movendo a boquinha dona de um choro potente.

— Ele tem seus lábios — Bruno fala, beijando meus cabelos, encostando a testa na minha.

— E o seus olhos — continuo.

— Ele é...

— Perfeito. Precisa trazer Luna, ela precisa conhecer o irmão... ele é...

— A combinação de nós, fruto de uma aliança perfeita.

— Isso, ele é... obrigada por me dar a família mais perfeita do mundo.

Sorrio, vendo a enfermeira se aproximar e me ajudar a dar de mamar, pela primeira vez para Patrick. Eu estou realmente um tanto desajeitada e em um primeiro momento ele demora a querer pegar o bico. Lembro-me de Fernanda, de quando lhe perguntei a sensação e, meu Deus, quando ele me olha... é a simplificação do amor mais puro ao sugar meu seio, e se alimentar de mim.

Busco Bruno com o olhar e ele me beija e só sinto amor, luz e felicidade, me sinto completa. Convenhamos, após toda a dor, ele cumpriu tudo o que prometeu.

E como eu costumo dizer, caro leitor... ah, caro leitor... ah, o amor!

Fim?

Não, não é o fim, afinal eles sempre estarão vivos em nossos corações.

Agradecimentos



Bom, se eu for listar, daria bem mais que um livro de agradecimentos, pois Deus foi e é generoso demasiadamente comigo ao colocar anjos em forma de pessoas em minha vida.

Agradeço primeiramente a Deus, por estar sempre comigo nessa caminhada, nada sou sem sua força.

Também à minha família e amigos, meu muito obrigada. Vocês são o meu suporte, meu amor maior, e mãezinha, aqui vai um agradecimento todo especial para a senhora, minha maior fã. Eu te amo, luz da minha vida. Amo muito e sou o ser mais grato por ter uma pessoa iluminada como a senhora em minha vida, por me dar todo o apoio do mundo. Se eu pudesse ter escolhido, não teria o feito tão bem, a senhora é o meu maior presente.

Aos meus leitores, o meu muito obrigada. Eu não tenho palavras para agradecer o carinho e o amor que me dão sempre, em doses homeopáticas. Amo vocês. Por embarcarem comigo em cada loucura, e me impulsionarem sempre a ir além. Vocês fazem toda a diferença... gratidão por terem esperado com paciência nosso capitão do BOPE e sua LUTADORA.

Seguindo... às minhas amigas autoras, meus anjos, obrigada. Durante a escrita, deste livro... santo Deus, eu tive imprevistos que me fizeram duvidar se conseguiria mesmo terminá-lo a tempo. Tivemos que adiar a data, quase surtei com os atrasos e imprevisto, ainda assim, lá estava Lucy Foster para me empurrar junto à Jack A. F, Erica Macedo e Day... vocês são demais, eu amo vocês. E o que seria de mim sem uma revisora para embarcar nesta

loucura de horários comigo? Barbara Pinheiro, você tem o meu amor e gratidão. Obrigada por me aguentar.

Agradeço também à equipe de assessoria, à Talita por aguentar meus surtos, e olha que não são poucos. Por último, quero agradecer a alguém muito especial, que me ajudou com todas as cenas de ação contida neste livro, agradeço ao A.G Clark. Ele é um grande fã do personagem Bruno, inclusive, nosso capitão do BOPE tem uma participação muito especial em um dos seus livros, Amor sem Fronteiras, livro que super recomendo a leitura. A.G, obrigada.

Sempre digo que a caminhada até aqui é árdua, porém, me sinto blindada com vocês, são meus anjos amados.

Obrigada a todos novamente, também a você, que chegou aqui agora e está conhecendo a Gisa pela primeira vez, tenha o meu muito obrigada. Esta sou eu, uma apaixonada muito louca pela escrita, pela vida e encantada com novos mundos. Obrigada por sua leitura e espero muito que gostem desta história.

Acho que é isso. Serei eternamente grata e até a próxima!

Próximo volume



Série Amores Reconstruídos

Prólogo

*A dor da perda te leva a fazer o
impensado.*

Morena

A adrenalina corre pelo meu corpo, enquanto tenho a impressão de que todos estão com olhos em mim, a impressão de que estou sendo seguida, tenho até medo de olhar para trás. Levo minhas mãos à cabeça, perdida, em frangalhos.

— O que eu fiz, o que eu fiz, o que eu fiz... — Lágrimas pesadas escorrem de meu rosto e não sei para onde ir.

Estou confusa, sem chão, pois ao fechar os olhos, posso ver seu corpo, jogado no chão, sangrando... Eu deveria ir à polícia..., mas ele ligou para a polícia.

— O que eu faço? Pensa, Morena, pensa.

Encontro-me em um beco escuro, mal sei onde estou, como vim parar aqui, eu só corri, corri de ver... não, não, não... ela não, eu não posso ter feito isso, não posso. Minha mãe... Deus, me ajuda, por favor.

Choro, em total desespero, sentindo o suor frio escorrer por minhas costas, sentindo a noite gelada me abraçar. Olho minhas mãos, ainda tem sangue, um sangue que não é meu, minhas roupas estão sujas com seu sangue. Sangue da minha mãe.

Eu preciso me livrar disso, desse sangue, dessas roupas, me acalmar e pensar no que fazer, procurar ajuda. Eu preciso de ajuda.

Saiu do beco escuro, olhando para os lados e um varal cheio de roupas me chama atenção. O bairro, claramente, não é bom, pode ser perigoso ficar aqui, merda.

Pouco me incomoda o perigo e, encolhida, sigo até o quintal lateral da casa sem muro, puxando um casaco preto e surrado que irá me cobrir. Ainda está úmido e aproveito isso para limpar minhas mãos. Olho para os lados das ruas, para onde ir? Quem procurar?

Posso tentar encontrar minha avó, pedir ajuda, ela vai me escutar, mas para isso, eu terei que contar que... mamãe. Mais lágrimas me escorrem, eu estou perdida, perdida.

Ao longe, avisto um posto e um orelhão e corro até lá. Faço uma ligação e rezo para que ele atenda, ele tem que atender.

Chama, chama, chama e nada acontece. Tento de novo e, no terceiro toque, a musiquinha toca, é uma chamada a cobrar e não demora para que ele desligue em minha cara. Tento mais uma vez.

Chama, chama... e a música volta a tocar e, por fim, sua voz rouca preenche a linha, meu primeiro impulso é chorar, o choro está preso em minha garganta, um bolo que não consigo controlar em meio à madrugada noturna.

— Alô... alô... vou desligar...

— Não, sou eu, Morena, não desliga, por favor. — A essa altura minha voz chorosa me condena e o deixa em alerta.

— Morena, amor, está chorando?

— Preciso de ajuda, por favor... eu preciso de ajuda. Eu, eu... minha mãe.

— Espera, Morena, eu não estou entendendo. O que tem sua mãe?

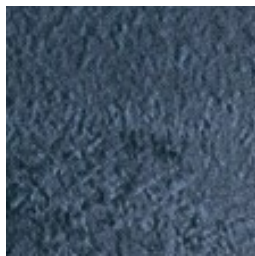
— Ela está morta... — O bolo que seguro irrompe e por mais que tente, os soluços não me deixam terminar de falar. — Me ajuda.

— Sua mãe o quê? Morena, fala comigo, respira, se acalma e só fala comigo.

— Minha mãe, eu... Maurício... ele... — Tento terminar, mas as sirenes soam ao longe, fazendo meu coração retumbar no peito. Ainda consigo ouvir sua voz ao telefone, me chamando, mas é tarde demais, tarde demais...

Outros livros da autora

Conheça também o primeiro livro da Série Amores Reconstruídos:



UMA ESCOLHA PERFEITA ([Adquira aqui](#))

Sinopse:

Desejos, segredos e mentiras...

Um médico orgulhoso que não acredita no amor. Deixando as marcas do passado entrarem em sua alma, Augusto se vê desistindo de amar, expurgando qualquer lembrança dolorosa deixada por ela.

Já Cristine, uma mãe solteira que esconde segredos perigosos, decide seguir em frente a todo custo, tentando sempre não olhar para trás, cuidar de sua filha e manter uma única regra em mente: não se envolver.

Os destinos dos dois se cruzam, bagunçando suas vidas. E nesse impasse, Cristine quer só uma noite de prazer, se sentir mulher uma única

vez, e Augusto é um meio delicioso para esse fim.

Ambos não contavam que o desejo iria evoluir e tomar conta deles, nem que uma menininha de olhos doces tocara o coração duro de um ogro buscando redenção.

Neste jogo de amor e mentiras, eles irão descobrir que o passado nunca se mantém onde deveria ficar, ele pode assombrar o futuro e apagar o presente, condenando o amor mais puro.

O segundo livro da Série Amores Reconstruídos



UMA CHANCE PERFEITA ([Adquira aqui](#))

Sinopse

Alice foi uma jovem doce, desinibida e de bem com a vida, que gradativamente se viu cair de amores pelo primo boa tinta. Ela o via como um herói, de forma romântica, apaixonada. Já ele a via apenas como a caçula da família Ribeiro, a prima maluquinha que ele vivia tirando de encrencas!

Um desentendimento!

Bastou isso para criar uma rachadura extensa no relacionamento e na amizade de ambos. Dois caminhos separados por desentendimentos e culpas. Anos depois, Alice está de volta, só que mais mulher, dona de si, trazendo também marcas profundas na alma e no corpo.

Pedro faz o tipo sensato, protetor, centrado em sua carreira e apaixonado pelo campo, aquele cara famoso por não deixar suas emoções tomarem conta de si. Ou assim ele imaginava, pois ao vê-la todo esse controle se vai. E Pedro queria que não tivesse tantos sentimentos guardados

por aquela mulher, indo do amor ao ódio, mas, ainda assim, querendo fazê-la sua. Há apenas um impedimento: a própria Alice.

Uma mentira foi contada, um falso noivado é montado e pode desencadear sentimentos há muito guardados, trazendo segredos que podem vir à tona e soterrar qualquer resquício de amor!

"Ela não está disposta a ceder, ele não está disposto a desistir..."



CAPITU ([Adquira aqui](#))

Sinopse

ROMANCE PARA MAIORES DE 18 ANOS. PODE CONTER GATILHOS, LEMBRANDO QUE ESTE NÃO É O INTUITO DO LIVRO!

Uma mente confusa, no corpo de uma jovem mulher de feições gentis e sorriso doce, que esconde em seu íntimo uma dor profunda. Romântica, Capitu procura um amor igual ao das páginas dos romances que devora, mas falha em sua busca.

Abandonada em um momento difícil e infeliz, ela não vê mais solução para sua vida e toma uma atitude drástica que mudará seu destino para sempre.

Tiberius é um homem de várias facetas, um leitor de romances inveterado, que tem a vida bem arquitetada e minuciosamente planejada. Médico dedicado, vai precisar pôr todo o seu conhecimento à prova para ajudar Capitu, a mulher que serpenteava seus sonhos, morava em seus pensamentos.

Dois caminhos diferentes, que se cruzam por acaso. Duas almas

quebradas, mas que juntas encontram um no outro a sua redenção...



LUZ DA MINHA VIDA - UM MILAGRE DE NATAL. ([Adquira aqui](#))

Série, família Dangelo. Livro 1

Sinopse:

Como aceitar que acabou e que você irá perder o amor da sua vida? Como lidar com a dor e a culpa que parecem corroer sua alma por dentro?

Dean ainda não aceitou e não sabe lidar com tantos sentimentos e com a impotência, ele não é capaz de aceitar.

O homem com a vida perfeita, toda planejada, se vê perdendo tudo que lhe é mais caro em uma fração de segundos preciosos, assistindo a seu mundo desmoronar, ruir à sua volta e apenas uma pequena criatura é capaz de lhe trazer paz. Sua Cecília, a menina de 4 anos que passou a ser a luz do seu mundo, mas nem mesmo a doce criança é capaz de aplacar todo aquele sentimento preso em seu peito, apesar de ser o motivo do homem continuar a lutar.

"A culpa é sua..."

Era? Ele acreditava que sim, se culpava dia após dia, só resta saber se há esperanças para um homem quebrado!



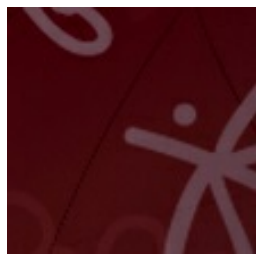
CONSEQUÊNCIAS DE UMA NOITE ([Adquira aqui](#))

Série, família Dangelo. Livro 2

Sinopse:

Uma noite de prazer, uma mulher mascarada e um homem apaixonado.

Nicolas, o caçula da família Dangelo, não está procurando um relacionamento, mas uma noite inesquecível de prazer acaba mudando isso. Uma mulher misteriosa desperta-lhe sentimentos incontroláveis e, como mágica, desaparece. Por meses, ele a procura, querendo ter mais um pouco daquilo que experimentaram juntos. O que ele não espera é que o amor esteja tão perto dele e que aquela noite trará consequências irreversíveis, das quais ele não pode fugir.



UM CEO DE PRESENTE ([Adquira aqui](#))

Sinopse:

Tendo seu coração destroçado às vésperas do dia dos namorados, Emily, uma bibliotecária e estudante de enfermagem de 21 anos, luta para juntar seus caquinhos. Ela só não esperava encontrar ajuda para isso tão rápido.

Uma ajuda deliciosa, diga-se de passagem!

Enrico Borges surge em seu caminho quase de forma planejada, rouba a cena e, talvez, seu coração com uma promessa nada velada: esquecer o passado. O CEO acredita ser capaz de fazê-la se desprender e trazê-la para um jogo de sedução sem amarras, porém nenhum deles imagina que uma paixão avassaladora pode surgir.

Venha conhecer o lobo mau e seu cordeirinho.



MEU VIZINHO DO 202 ([Adquira aqui](#))

Sinopse

Uma noite, um engano e um delicioso desastre...

A vida de Mônica Maria era perfeita ou, pelo menos, era isso o que pensava. Romântica de carteirinha, ela sonhava com o casamento dos sonhos, a casa perfeita e, claro, o marido dos contos de fadas.

Essas eram suas metas, até que o destino lhe prega uma peça e ela é obrigada a crescer e encarar sua realidade nem um pouco cor-de-rosa. Desde então, Mônica decide deixar as emoções de lado e focar em preocupações maiores.

Mas o destino apronta outra vez e ela encontra Benjamin, seu vizinho pervertido, que parece tentá-la vinte e quatro horas por dia, atraindo-a para o pecado e despertando sensações há muito adormecidas.

A bela morena só queria amizade, no máximo um passatempo divertido, uma ajuda mútua, mas uma noite muda tudo e agora os dois vão aprender que com fogo não se brinca!

Comédia romântica para maiores de dezoitos anos!



UMA VIRGEM EM APUROS ([adquira aqui](#))

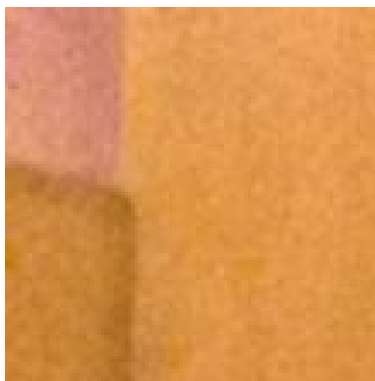
Sinopse

Lucy é uma romântica incurável, que por muito tempo acreditou que encontraria, mais cedo ou mais tarde, o seu príncipe. Mas o tal encantado não apareceu e, para ela, sua saída é ir à luta, deixar de lado essa bobagem de romance e casamento e, enfim, perder sua virgindade. Para isso, surge a ideia de contratar um garoto de programa, como presente de Natal. Uma ideia maluca ou não...

Maxwell é um advogado boa-pinta, focado no trabalho, sem tempo para bobagens de amor. A única pessoa capaz de tomar o seu tempo é Luciana, sua melhor amiga desde a faculdade. Quando ouve dela a ideia estapafúrdia de contratar um garoto de programa, afinal, príncipes encantados não existem, algo muda em seu coração e ele se dá conta de que talvez, só talvez, o que era apenas amizade não é mais suficiente para si.

Agora, ele quer fazer do Natal, algo diferente para ela, resta saber o que Lucy achará disso!

Sobre a autora



Biografia

Gisele Sousa Rocha, paraense, nascida na cidade de Rondon-PÁ em 30.07.1993, solteira, sem filhos. Com um grande amor por sua família, acredita que esse é o seu principal alicerce.

Seu pseudônimo nasceu do apelido pelo qual o avô a chama, sempre com muito carinho, e por quem tem imensa admiração e amor. Ele é o responsável por forjar parte do seu caráter e tem esse homem íntegro como seu maior exemplo.

Costuma dizer que a escrita a completa, a faz viajar por lugares inimagináveis e, com ela, pretende espalhar amor, paixão, fé e emoções a quem puder alcançar...

Contatos da autora



Facebook:

Perfil: Autora Gisa SR

<https://www.facebook.com/gisa.r.costa>

Página: Autora Gisa SR

<https://www.facebook.com/GisaRochaCosta/>

Grupo: Romances da Gisa

<https://www.facebook.com/groups/351169755509586/?ref=share>

Instagram: Autora Gisa SR

<https://instagram.com/autoragisar.costa>

Wattpad: @GisaSRocha

<https://my.w.tt/KxyNx9gut2>

Grupo de WhatsApp:

<https://chat.whatsapp.com/LULoXjc4S4iD9VKXcOdXpk>